


SALAMINA

JAVIER NEGRETE

 Planeta



SALAMINA

JAVIER NEGRETE

 Planeta

SALAMINA

JAVIER NEGRETE

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



Copyright © Javier Negrete, 2008
© Espasa Libros, S. L., 2008
Todos os direitos reservados
Título original: *Salamina*

PREPARAÇÃO Gabriela Ghetti
REVISÃO Maria Aiko Nishijima
DIAGRAMAÇÃO S4 Editorial
CAPA adaptada do original por S4 Editorial
CAPA ORIGINAL E MAPAS © Calderón Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N319s

Negrete, Javier, 1964-

Salamina/Javier Negrete; tradutor Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo:
Planeta, 2013.

624 p. : 23 cm.

Tradução de: Salamina

ISBN 978-85-422-0102-4

1. Salamis (Grécia), Batalha de, 480 a.C. - Ficção. 2. Ficção espanhola. I.
Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

13-
0785.

CDI

CD

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br





*À Marimar.
Minha incansável companheira de viagem.
Meu guia na descida ao Hades
e na subida ao Olimpo
que se deve empreender em cada romance.*

PRÓLOGO

ATENAS, 514 A.C.

No verão em que Temístocles completou nove anos, um casal de amantes assassinou o tirano Híparco. Esse crime foi o primeiro de uma série de fatos que revolucionaram a política de Atenas. Embora ainda não se pudesse suspeitar, o próprio Temístocles, filho de um comerciante, seria um dos protagonistas na longa cadeia de acontecimentos que arrebatariam o monopólio do poder dos nobres atenienses.

Mas, por mais que tenham se passado anos, para Temístocles a lembrança mais vívida daquele verão não foi do tiranicídio cometido ao pé da Acrópole, mas sim a da humilhação que ele próprio havia sofrido diante de seus companheiros.

Fênix, o gramatista, seu professor de letras, repetia todos os dias que a verdade era a pedra angular da virtude. Aquela manhã, às vésperas das festas

Panatenéias¹, não foi a exceção.

— Notai, é tão importante evitar a mentira que até mesmo os bárbaros persas só ensinam duas coisas a seus filhos: a usar o arco e a dizer a verdade.

O gramatista fez uma pausa e apertou seu joelho direito com a mão. Ele afirmava que lhe doía por causa de um ferimento que recebera em combate contra os tebanos, mas as crianças suspeitavam que se tratava de um achaque da idade. Se Fênix houvesse possuído patrimônio suficiente para bancar as caras armas de um hoplita e fazer parte das filas da falange, não precisaria ganhar a vida recebendo dinheiro de outros cidadãos em troca de ensinar a seus filhos os rudimentos da leitura. E todo mundo sabia que o rapaz que moía a tinta para Fênix, encerava sua cadeira de madeira e varria o pó e as folhas do chão da escola era seu próprio neto, porque com as aulas não ganhava o bastante para comprar um escravo.

— Caçar com o arco é uma arte nobre patrocinada por Ártemis² — prosseguiu Fênix. — Mas usá-lo na guerra é para covardes. Uma horda de arqueiros persas poderá derrotar uma falange grega, mas nunca poderá se comparar em elegância e coragem a nossos hoplitas.

Temístocles era, na época, um menino moreno e magrelo, com uns olhos grandes e escuros que absorviam tudo quase sem pestanejar. Ao escutar Fênix, inclinou-se para seu amigo Euforion, sentado no banquinho à sua direita, e sussurrou:

— De que servem tanta nobreza e tanta coragem se são derrotados?

Euforion torceu os dedos nervoso, sem saber o que responder. Mas às suas costas outra voz disse:

— Prefiro uma derrota com honra a uma vitória com vergonha.

Temístocles voltou o pescoço para olhar de soslaio. O garoto que havia falado era sua antítese. Era mais de um palmo mais alto, se bem que, na verdade, era

dois anos mais velho. Tinha a pele muito clara e avermelhada por causa do sol, os olhos azul safira e o cabelo tão loiro que sua cabeça se destacava dentre as demais como uma espiga de trigo solitária em um campo de restolhos queimados. As outras crianças o seguiam como ovelhas ao cão e o escolhiam para líder em suas brincadeiras, para juiz em seus tribunais, general nas batalhas contra as crianças de outras escolas e para corifeu nas danças e nos cantos dos festivais. Temístocles o detestava. Era Aristides, filho de Lisímaco. Um eupátrida, um nobre ateniense dos pés à cabeça que quando olhava para Temístocles sempre o fazia levantando o queixo e apertando os olhos.

Tudo porque o pai de Temístocles era um novo rico. Até seu nome, Néocles, “o da fama recente”, delatava-o. Em vez de possuir terras em que trabalhassem os arrendatários, como faziam os eupátridas desde tempos imemoriais, Néocles comeria o nefando pecado de fretar barcos que cruzavam o mar para fazer comércio com as ilhas do Egeu e as cidades da costa da Ásia Menor. Além disso, tinha várias minas de prata arrendadas no Láurion, na costa sudeste da Ática, e não se conformava com apenas receber suas rendas; administrava-as pessoalmente.

Não é que os nobres fossem reticentes em acumular dinheiro, mas lhes desagradava falar disso. Preferiam que a prata entrasse em suas arcas por si só, com a mesma magia alada com que os males do mundo haviam fugido voando da caixa de Pandora³.

— A sinceridade é a maior virtude de um homem — insistiu Fênix, indiferente aos cochichos de seus alunos. — Nem os deuses escapam da obrigação de dizer a verdade. Até eles devem respeitar a palavra dada quando juram pelas águas da lagoa Estígia⁴. O que acontece quando um imortal comete perjúrio?

Embora fosse uma pergunta retórica, Temístocles levantou a mão. Fênix fingiu não ver, mas o menino manteve o braço erguido feito o mastro de uma trirreme, e, no fim, o gramatista não teve mais remédio que lhe conceder a palavra apontando-lhe com seu báculo. Temístocles se levantou do banquinho, respirou fundo e recitou com sua vozinha ainda não formada:

— *Se um dos imortais que habitam os cumes do nevado Olimpo cometer perjúrio ao verter as águas da Estígia, haverá de fazer exânime durante um ano inteiro. Também não pode provar nem a ambrosia nem o néctar nem a comida; deve se deitar mudo e sem respiração sobre leitos preparados, envolvido por um impressionante torpor.*

Ao terminar, seu coração pulsava como um tímpano. Era a primeira vez que tomava a palavra diante de tantas pessoas, pois havia ali mais de vinte alunos. Mas sabia que havia recitado direito. Apesar de o dialeto ser muito diferente do grego ático que todos eles utilizavam, e de algumas palavras, de tão antigas, mal fazerem sentido para ele, havia dado todas as pausas no momento certo e não havia se equivocado ao escandir nem uma só sílaba.

No entanto, Fênix torceu o nariz.

— Isso não é de Homero.

Temístocles, que não esperava essa objeção, ficou de queixo caído.

— Eu sei, mestre. É de Hesíodo.

— Que estais aprendendo comigo? — perguntou Fênix dirigindo-se aos outros.

Xantipo, a quem os outros chamavam de Pepino porque tinha a cabeça em forma de ovo, apressou-se a responder:

— Os poemas de Homero, mestre. — E acrescentou com um tom venenoso, olhando para Temístocles: — Ainda não é hora de sabermos quem é Hesíodo.

Já desde então Xantipo gostava de ver os outros em apuros.

Fênix se voltou para Temístocles.

— Onde aprendeste Hesíodo, filho de Néocles? — nunca o chamava pelo nome. — Tão mau mestre te pareço que teu pai te paga outro mais caro à tarde?

Entre as outras crianças, houve cotoveladas e risinhos abafados. Temístocles sentiu o sangue lhe subir ao rosto. Por sorte, era tão moreno que não se notava seu rubor.

— Não, mestre — respondeu com aprumo. — Eu ouvi um rapsodo recitá-lo na ágora.

— Ah, é mesmo? Ouviste-o recitar?

— Sim — respondeu Temístocles. Logo se lembrou e acrescentou: — Mestre.

— Quantas vezes o ouviste para que entrasse nessa cabeça de vento?

— Uma, mestre.

— Que mentiroso — murmurou Xantipo.

O gramatista assentiu ao comentário.

— Mas que bobagem! Senta-te agora mesmo e não voltes a me interromper.

Fênix prosseguiu com a aula. Naqueles dias estavam decorando os versos que narravam como Polifemo ia devorando um por um os companheiros de Ulisses, até que este o embebedava com vinho puro e aproveitava que o ciclope dormia por causa da bebedeira para deixá-lo cego. Temístocles já sabia essa história, e de quebra havia memorizado as aventuras de Circe, Cila e Caribdis, as Sereias e as vacas do Sol⁵. Gostava muito mais das viagens e aventuras da *Odisseia* que dos combates da *Iliada*. Já desde menino sonhava em percorrer o vasto mar, chegar a países desconhecidos e escutar as mil e uma línguas que se falavam pelo mundo. E também admirava mais a astúcia de Ulisses que a ira cega e brutal de Aquiles.

Em um descanso da declamação, Fênix, sem se levantar de sua cadeira, apontou para Aristides com o bastão.

— Diz, Aristides, por que crês que Ulisses cega Polifemo?

— É... porque Ulisses lhe crava uma estaca no olho — hesitou Aristides.

De repente, pareceu se lembrar de um detalhe e acrescentou com um sorriso de aprumo:

— E como os ciclopes só têm um olho, fica cego.

— Muito boa conclusão, mas eu não me referia exatamente a isso. Quero dizer, tu acreditas que Polifemo merece o que lhe acontece?

Aristides tornou a hesitar.

— Sim.

— Por ter ignorado os preceitos da hospitalidade, por não respeitar as leis sagradas de Zeus Xênia⁶, por sua soberba e sua crueldade? Por sua *hybris*, em suma?

Aristides ficou um tempo pensativo, e, por fim, respondeu:

— Sim.

O mestre abriu os braços para se dirigir a todas as crianças da classe.

— Vedes? Eis como deveis aprender os versos do divino Homero. Não basta recitá-los de cor e sem alma, de forma automática — Fênix apontou para Temístocles com uma expressão eloquente —, mas deveis compreender os ensinamentos que encerram para insuflar-lhes nova vida cada vez que os recitardes. Vede o exemplo de vosso companheiro Aristides, que não se limita a memorizar apenas, mas que procura tirar proveito do que lê.

Temístocles mordeu o lábio, indignado por aquele favoritismo. Mas, um mês antes, pouco depois das festas Arreforias⁷, havia presenciado outro exemplo ainda mais flagrante da predileção do mestre por Aristides.

Nesse dia fazia muito calor, o céu estava tão baixo que esfumava os perfis das sombras e pairava no ar uma umidade pegajosa que pressagiava tempestade. As moscas zumbiam raivosas e picavam os garotos, tão inquietos quanto elas. Enquanto raspavam os traços das letras em seus dípticos de cera e tentavam espantar as moscas, Fênix lia em voz baixa os versos de um rolo de tecido que seus alunos iam memorizar depois. Ao fazer isso, acomodara-se de lado, com certeza para descansar seu joelho ruim. Embora Aristides fosse dos alunos mais disciplinados, a oportunidade de ver o mestre levantar uma nádega deve ter lhe parecido irresistível, de modo que levava o dorso da mão à boca e soltara uma sonora peidorrada falsa, tão perfeitamente sincronizada com o movimento de Fênix que parecia que ele havia posto o quadril de lado para aliviar os gases.

O próprio Temístocles havia rido com os outros, pois certamente a brincadeira de Aristides tivera sua graça. Mas não para o mestre, que se levantara de sua cadeira vermelho de ira e vergonha e batera forte no chão com a ponta metálica do bastão para impor silêncio.

— Quem de vós foi?

Sem hesitar, Aristides se levantou. Por sua expressão de estupor, era evidente que nem ele mesmo sabia que espírito ou demônio maligno o havia levado a cometer aquele delito.

— Fui eu, mestre — disse com voz firme.

Temístocles recordava perfeitamente que no rosto de Fênix haviam lutado a ira, o medo e outra sensação que ele ainda era jovem para interpretar. O mestre havia levantado o punho acima da cabeça de Aristides; mas quando parecia que ia surrá-lo, abriu os dedos, cravou-os entre seus cachos dourados e acariciou-lhe a cabeça.

Temístocles não tardaria muito a entender que o mestre estava apaixonado por Aristides. Apesar de seus parcos rendimentos, até lhe dava de vez em quando um galo com a vã esperança de obter seus favores. Mas, naquele momento, não sabia nada disso.

— Disseste a verdade — falou Fênix por fim, em tom suave. — Sim, disseste a verdade mesmo sabendo que poderias receber um castigo por tua travessura. E fizeste isso porque sabes que a sinceridade é a maior virtude, certo?

Aristides havia assentido sem levantar o olhar.

— Desta vez te perdoo. Que sirva de lição a todos vós — acrescentou Fênix, dirigindo-se aos outros e apontando para eles com o bastão. — Um homem de verdade, um cavalheiro, um *kalós kagathós*, deve reconhecer seus erros e manter sua palavra. A verdade só vos trará bens. Nenhum mal virá para vós se fordes sinceros.

Fora quando Fênix mencionara pela primeira vez o juramento da Estígia. Temístocles, que também queria ganhar o favor do mestre, pedira à sua mãe o meio óbolo para pagar o rapsodo da ágora para que lhe recitasse os versos de Hesíodo. Ouvi-los uma vez lhe bastara para aprendê-los de cor, mas não tivera oportunidade de repeti-los até esse dia. E agora, um mês depois, comprovava, para seu desespero, que havia desperdiçado seu tempo e seu dinheiro.

Pensara que, já que a *Teogonia* não lhe havia servido de nada, devia tomar medidas mais drásticas para conquistar a estima que merecia. O gramatista não gostava de homens que diziam a verdade? Pois ele ia lhe provar que nem Aristides nem nenhum eupátrida ganhava dele em sinceridade. E, de quebra, conquistaria os outros colegas com sua audácia.

As crianças almoçavam na própria escola e se alternavam entre si para levar comida de casa ao mestre. Aquele dia era a vez de Euforion, que havia levado um *enkhytos*, um substancioso bolinho frito de queijo e sêmola.

— Não o entregues ainda — disse Temístocles a seu amigo.

Enquanto os outros abriam seus alforjes para pegar a comida, Temístocles foi correndo para o pátio. Não tardou a localizar a salamandra que costumava ficar na parede norte e bateu-lhe com um galho, tendo o cuidado de acertá-la com as folhas, só para aturdi-la. Quando caiu ao chão, pegou-a com as duas mãos, sem apertar, e, rindo baixinho de sua própria ideia, entrou de novo na escola.

— Agora podes entregar-lhe a comida — disse a Euforion.

— Que vais fazer? Tem cuidado que podes levar uma boa.

— Queres apostar que não?

Euforion coçou a testa e balançou a cabeça para a esquerda duas vezes. Já então havia começado a sofrer os cacoetes que o atormentariam quando adulto e em virtude dos quais ganharia o apelido de Nervos.

— Não aposto nada — disse. — Mas se te pegarem, que conste que eu não sabia de nada.

Contrariado, Euforion foi até o gramatista para lhe levar seu alforje. Quando Fênix viu o *enkhytos*, lambeu os beiços e seus olhos brilharam; e mais ainda quando Euforion lhe deu uma vasilha com mel para que despejasse por cima do bolinho. Enquanto o mestre colocava seu almoço em cima do banquinho à guisa de mesa que seu neto lhe havia levado, Temístocles passou na ponta dos pés por trás dele. Em um tripé de cobre, junto à cadeira, Fênix tinha um pequeno cântaro de vinho aguardo do qual bebia diretamente. Sempre lhe punha uma tampa para evitar que as moscas entrassem, mas o menino agiu com rapidez; levantou-a e soltou a salamandra. Alguns o viram e trocaram cotoveladas, disfarçando os risos. Temístocles se sentiu, por um instante, um pequeno caudilho, e olhou para Aristides com uma expressão desafiadora.

Fênix demorou pouco para devorar o bolinho. Depois, lambeu o mel dos dedos, acabou de limpá-los na borda da túnica e se voltou para a direita a fim de pegar o cântaro. Um silêncio como esses que precedem a tempestade caiu sobre a classe.

A brincadeira saiu melhor que o previsto. O mel devia ter deixado a garganta de Fênix áspera; ele destampou o cântaro, empinou-o e deu um longo trago. De repente, seu pomo de adão se deteve no meio do caminho entre a subida e a descida e, com um grito de espanto, jogou no chão a ânfora, que se espraçou nas lajotas. Durante um instante, a cauda da salamandra assomou pela boca do gramatista sacudindo-se como um minúsculo chicote. Depois, Fênix cuspiu o réptil com um jorro de vinho e teve de levar as mãos ao estômago para conter o enjoo.

Enquanto os alunos rolavam de rir e o bichinho fugia para portos mais seguros, Fênix, com o rosto púrpura, perguntou:

— Quem foi?

Temístocles pigarreou e deu um passo à frente. Mas, no exato momento em que com tom orgulhoso respondia: “Eu, mestre”, uma luzinha se acendeu em sua mente e compreendeu de repente que sua recompensa não seria um discurso sobre o valor da verdade.

Para sua mortificação, Fênix utilizou como ajudantes do castigo seus piores inimigos: Aristides segurou suas mãos enquanto Xantipo, o Pepino levantava sua túnica. Estar ali com o traseiro de fora era mais humilhante que se o mestre lhe houvesse ordenado despir-se completamente. Fênix se desforrou com prazer com um galho de oliveira. Mas o que mais doeu em Temístocles, muito mais

ainda que os golpes, foram as gargalhadas de seus companheiros, inclusive do leal Euforion. Nem naquele momento, nem nunca lhe ocorreu pensar que, se estivesse no lugar dele, também teria rido da desgraça alheia. Apenas soube ver que eles, os eupátridas, estavam debochando dele, o filho de Néocles, o comerciante, e pensou que com seus risos lhe diziam: “Tu és um vulgar *demotes*. Nunca serás um dos nossos”.

Quando Temístocles chegou em casa, Euterpe, sua mãe, que sabia interpretar até o menor de seus silêncios, perguntou-lhe o que havia acontecido. O menino, que até então havia segurado as lágrimas, começou a chorar enquanto lhe contava. Sua mãe lhe deu um bofetão, e com a turquesa engastada no anel abriu-lhe uma ferida no lábio. Temístocles empalideceu e prendeu a respiração.

— Nunca mais tornes a chorar por uma desgraça — disse sua mãe com voz fria. — Podes chorar de emoção ao ouvir uma ode, ou de alegria pelo bem dos teus. Mas jamais chores porque algo ruim te aconteceu.

— Por que, mãe?

— Porque para isso tu és meu filho — replicou ela, levantando o queixo com ar principesco.

Euterpe, que tinha sangue cário, era prima-irmã de Ligdamis, o tirano de Halicarnasso, e não aceitava muito bem que sua ilustre prosápia não lhe servisse de nada em Atenas.

— Agora conta-me o que aconteceu. Sem chorar.

Temístocles pensou que, se a deusa Justiça existisse, evidentemente para ele era cega e até mesmo surda. Mas engoliu as lágrimas e explicou tudo à sua mãe. Euterpe ameaçou levantar a comissura da boca quando escutou sobre o rabo da salamandra, mas não chegou a sorrir, e no fim do relato deu a seu filho mais dois sopapos: um pela travessura e outro por ser tão estúpido a ponto de pensar que por confessar seu delito se salvaria das consequências.

Aquela noite, em sua pequena alcova, Temístocles ficou de olhos abertos mirando o teto, e entre as sombras de suas vigas tornou a ver as expressões de deboche de seus companheiros, os rostos deformados por gargalhadas quase demoníacas. Foi a primeira vez que sofreu a insônia que não mais o perdoaria pelo resto da vida. E nas longas horas daquela noite, jurou a si mesmo que mostraria aos filhos dos eupátridas quem era Temístocles, o filho do comerciante. Um dia, todos tornariam a lhe apontar o dedo, mas, dessa vez, seria com admiração.

Farei grandes coisas, prometeu a si mesmo. E sem saber por que, seus pensamentos voltaram aos persas e às palavras de Fênix. Quer dizer, então, que esses bárbaros só ensinavam seus filhos a dizer a verdade. Pois se assim era, ensinavam-lhes algo muito pouco útil. Ele já havia comprovado em seu traseiro e em seu rosto quais eram as consequências de dizer a verdade, e havia registrado

tudo muito bem, para o futuro.

Os persas, repetiu para si mesmo. *Os persas...* Quando por fim adormeceu, sonhou com vastas planícies e montanhas nevadas, e viu cidades de paredes jaspeadas e tetos dourados que se estendiam junto à morada do Sol.

E justamente naquele momento, enquanto Temístocles sonhava com eles, os persas cravavam seus olhos no Ocidente. Pela primeira vez, as tropas de Dario, o Rei dos Reis, cruzaram o mar e plantaram na Europa suas luxuosas tendas e os alados estandartes de Ahuramazda⁸ para lutar contra os bárbaros trácios. Sem que os gregos suspeitassem, a negra nuvem de uma guerra como jamais haviam concebido se cingia sobre eles.

- 1 Na Grécia antiga, festas em homenagem a Palas Atena celebradas em Atenas, cidade que a deusa tutelava. (N. da T.)
- 2 Irmã de Apolo, deusa da caça na mitologia grega. (N. da T.)
- 3 Referência ao mito grego de Pandora, primeira mulher, criada a mando de Zeus para castigar os homens pelo roubo do fogo. Por curiosidade, ela abriu a caixa que Epimeteu recebera dos deuses e que continha todos os males do mundo, libertando-os para afligir os homens para sempre. (N. da T.)
- 4 Segundo a mitologia grega, os mortos atravessam a lagoa Estígia, ou lagoa da morte, na barca de Caronte, barqueiro de Hades (deus do mundo dos mortos). (N. da T.)
- 5 Referências a personagens e passagens da *Odisseia*, de Homero. (N. da T.)
- 6 Zeus, deus supremo na mitologia grega, algumas vezes era chamado de Zeus Xênia por ser considerado também deus dos viajantes. Xênia significa “estrangeiro” ou “hospitalidade”. (N. da T.)
- 7 Na Grécia antiga, uma das celebrações de caráter agrícola daquele povo. (N. da T.)
- 8 Segundo a religião de Zoroastro, deus supremo do bem, contraposto a Angra Maiynu, deus representante do mal. (N. da T.)

PRIMEIRO ATO
MARATONA, 490 A.C.

ERÉTRIA, NOITE DE 29 DE AGOSTO

Apolônia abriu os olhos e viu junto à sua cama a deusa empunhando uma lança cuja ponta de bronze roçava as vigas de madeira do teto. Na alcova ardia apenas uma lamparina de óleo, mas a divindade resplandecia como uma jarra de vidro de Sídon iluminada por uma chama interior.

— Apolônia — disse ela —, toma tua filha e teus criados contigo. Foge desta cidade condenada se não quiseres acabar teus dias como escrava do persa em uma vila remota junto aos poços de betume. Pois meus filhos, a quem esperáveis, já não vos salvarão.

Apolônia quis se levantar, mas seu corpo estava paralisado sob a fina manta. Os enormes olhos amendoados da deusa olharam-na com tristeza.

— Muito antes de o galo cantar, traidores abrirão as portas de Erétria para o persa. Busca o barco de Temístocles, o ateniense, atravessa o estreito e acolhe-te à proteção de minha cidade. Agora, acorda, Apolônia.

A deusa levantou a lança e a seguir bateu no chão com força. A ponta metálica arrancou uma fâsca das tábuas enceradas, e a visão desapareceu.

Apolônia, libertada do marasmo do sono, sentou-se no leito com um calafrio. *Toma tua filha contigo.* Ao olhar para a esquerda e ver que o berço não estava ali, seu coração deu um salto. Mas logo recordou que ela mesma havia mandado a pequena Mnesiptólema ao aposento da aia, pois queria deitar-se com seu marido.

Durante uns instantes permaneceu assim, arfando, com o peito dolorido, na penumbra iluminada apenas pela minúscula chama de óleo. Depois, deu-se conta de que seus mamilos se haviam endurecido como bolas de gude e cobriu os seios com a manta. Era o último mês do verão e as noites começavam a ser mais longas e frescas. Ou talvez fosse o frio que emanava da deusa, uma gelidez que havia ericada a pele de Apolônia e penetrado seu ventre. A visão havia sido tão real que até deixara no ar o odor pungente que anuncia a tempestade.

Meus filhos não mais vos salvarão. A deusa virgem não tinha filhos. Só podia se referir ao exército ateniense que a cidade de Erétria aguardava havia seis dias; era a última esperança que os defensores conservavam para repelir o assédio dos persas.

Apolônia se voltou para a direita a fim de falar com seu marido, mas ele já não estava ali. A jovem se levantou da cama e então sentiu a semente de Jasão se remexendo dentro de si. A presença da deusa havia desvanecido do ar ou de sua lembrança. Em seu lugar, no pequeno aposento sem ventilação só restavam o odor untuoso do óleo queimado e o aroma almiscarado do sexo.

Época ruim para engendrar um filho, pensou, *se na mesma noite de sua concepção esse filho tem de se transformar em um apátrida por ordem da deusa.* Apolônia rezou para que aquela semente não frutificasse.

Era estranho que Jasão houvesse abandonado o leito. Quando dividia a alcova com sua mulher, quase sempre adormecia depois de copular e amanhecia na mesma posição em que houvesse caído. Mas, dessa vez, em vez de relaxar, ficara olhando para o teto com os olhos abertos. Essa foi a última visão que Apolônia teve dele antes de mergulhar, por sua vez, nas mornas águas do sono.

Seu esposo, que sempre havia roncado feito um porco, fazia tempo que não dormia bem. Desde que se soube que a grande expedição persa se mobilizava contra Erétria, Jasão andava inquieto, pulava na cadeira ao menor ruído, começara a perder peso e perdia o sono com facilidade. Apolônia tentava acalmá-lo, mas sabia que ele tinha razões para sentir angústia em relação ao futuro. Jasão pertencia ao grupo de oradores que tomavam a palavra na assembleia para defender o partido do povo contra os aristocratas e os oligarcas. Desde o princípio havia apoiado a rebelião das cidades jônicas contra o rei Dario, de modo que, se os invasores persas acabassem expugnando a cidade, sua vida seria das primeiras que correriam perigo.

Deverias ter pensado antes de votar com tanta alegria pela ajuda à revolta jônica, pensava Apolônia quando o via tão angustiado. Não pensara em fazer uma crítica direta a seu esposo, mas isso não a impedia de formar suas próprias opiniões. Embora como mulher não pudesse participar dos conselhos nem das assembleias, sabia observar e escutar, e desde menina conseguia se manter bem informada sobre o que acontecia dentro e fora da cidade. Por isso recordava bem de onde vinham todos aqueles males.

Sua origem remontava a oito anos, quando Apolônia tinha apenas catorze, e seu pai e Jasão haviam acabado de acordar os esponsais. Fora naquele verão que os súditos jônios de Dario se sublevaram contra ele ao longo de toda a costa da Ásia Menor e pediram ajuda a seus parentes gregos do outro lado do Egeu. Os espartanos, mais timoratos, ou, como se comprovou mais tarde, mais prudentes, haviam declinado de participar da guerra. Mas os atenienses e os erétrios haviam respondido sim aos jônios e haviam enviado soldados e barcos para uma expedição conjunta contra a satrapia de Lídia.

Quando se soube que a aliança grega havia tomado e incendiado nada menos que a capital do Grande Rei, nas ruas de Erétria espalhou-se o regozijo. Afinal de contas, pensaram, os persas não eram tão poderosos nem invencíveis como os pintavam. Apolônia não entendia a razão de tanto entusiasmo. O que haviam perdido para os erétrios além do mar? Quando ouvia seu pai falar com tanto entusiasmo da revolta contra os persas, tinha a impressão de que era ele quem se havia transformado em um adolescente e ela quem via as coisas com certa maturidade. Mas, embora tivesse certeza de que aquela aventura só podia lhes trazer problemas no futuro, haviam lhe incutido desde menina que aqueles não eram assuntos de mulher, de modo que mordida a língua e não dizia nada.

O alvoroço dos erétrios logo esfriou quando os mais informados e viajados da assembleia, como o próprio Jasão, explicaram aos outros que Sardes, a cidade queimada pelos aliados, era apenas uma capital de província. A verdadeira sede do poder de Dario se encontrava muito mais ao leste, nas cidades de Susa e Babilônia, a três meses de viagem terra adentro. Para Apolônia, aquela distância parecia inconcebível, e lhe despertava imagens de um país longínquo onde o Sol devia abrasar os palácios do Grande Rei quando se levantava sobre o horizonte.

Para irritar ainda mais o imperador persa, a participação dos erétrios não havia se reduzido à campanha de Sardes. Quase ao mesmo tempo em que os atenienses e os outros jônios realizavam sua incursão, uma poderosa frota erétria enfrentava por mar uma armada cipriota e fenícia dirigida por generais persas. A vitória foi para os erétrios, que fazia muitos anos ostentavam a talassocracia. Mas as perdas em barcos e homens foram tão grandes que desde então a cidade não havia recuperado o domínio do mar. E as piores consequências de sua intromissão nos assuntos do Grande Rei ainda estavam para chegar.

A vingança persa era como um rolo gigante, lenta, mas inexorável. A primeira coisa que fez o Grande Rei foi esmagar os rebeldes, arrasar a cidade de Mileto, que havia comandado a sublevação, e escravizar todos os seus habitantes. Só então, oito anos depois do estouro da revolta, quando já não tinha pontas soltas em seu império e os erétrios já confiavam que escapariam impunes da espetada que haviam dado na pele do paquiderme persa, Dario decidiu tornar a olhar para o outro lado do Egeu.

No início do mês de agosto, os navios mercantes que chegavam do leste trouxeram notícias preocupantes. Uma frota enorme havia zarpado das costas da Cilícia, ao sul da Ásia Menor, e percorria o Egeu subjogando ilhas, conquistando cidades e queimando templos. Somente o santuário de Apolo em Delos havia se salvado das chamas.

Não havia dúvidas sobre as intenções dos persas, visto que seu comandante, o medo Dátis, havia se encarregado de proclamá-las. Iam vingar a ajuda que Erétria e Atenas haviam prestado aos jônios, e, acima de tudo, fazê-los pagar pelo incêndio de Sardes. As ordens de Dario eram reduzir a cinzas e escombros as duas cidades.

Durante muitos dias, os erétrios imploraram aos deuses para que os persas decidissem atacar primeiro Atenas. Afinal de contas, os atenienses, embora não possuíssem uma grande frota, podiam dispor no campo de batalha do triplo de hoplitas que eles. Mas, apesar de suas preces e sacrifícios, os erétrios não tardaram a saber que haviam sido escolhidos como a primeira presa. Em meados de agosto, os persas desembarcaram no sul da ilha de Eubeia, e dali percorreram a costa ocidental saqueando tudo em seu caminho. Para impedir que chegassem à cidade, os restos da frota erétria, que entre trirremes e

penteconters não chegavam a trinta naves de guerra, zarparam a seu encontro.

Não se receberam mais notícias dessa frota.

Dois dias depois, aparecera na alongada praia de Egília uma nuvem de barcos, uma armada tão numerosa como os erétrios jamais poderiam conceber.

Quinhentos, seiscentos navios, talvez mil.

Apolônia os havia visto da torre de madeira contígua à fachada leste de sua casa. Essas atalaias eram mais típicas das casas de campo, construídas como pequenas fortalezas para protegê-las de ladrões e saqueadores. Mas Jasão havia insistido em levantar a torre, embora estivesse em plena cidade, porque gostava de observar as naves que chegavam ao porto para ir o quanto antes receber seus barcos. Naquele dia a atalaia serviu a ambos para contemplar essa imensa frota, que parecia cobrir todo o estreito, varando na praia. Pequenos e incontáveis como uma praga de insetos, os persas haviam desembarcado no leste da cidade, e em questão de poucas horas haviam levantado na planície um acampamento tão extenso que chegava até os insalubres pântanos de Ptecas.

— O que vai acontecer agora? — perguntara Apolônia a seu esposo. — Que vamos fazer?

— Não sei — reconhecera ele com o rosto cinza.

Quando os gregos não queriam travar batalha campal com um inimigo, por se verem em inferioridade numérica ou por qualquer outra razão, aplicavam o truque do ouriço de Arquiloco; trancavam-se atrás de suas muralhas e esperavam que a tempestade passasse. Quando os adversários eram outros gregos, ou iam embora, ou se postavam ao redor da muralha e esperavam que os sitiados se rendessem por fome — contingência que não costumava ocorrer —, ou que traidores do interior lhes abrissem as portas ao amparo da noite. E traidores nunca faltavam, pois basta que se juntem três gregos para que formem pelo menos duas facções e uma trame emboscadas para a outra.

No entanto, os persas agiam de forma mais metódica e implacável. No primeiro dia do assédio, cavaram um fosso para proteger seu acampamento. Depois, começaram a nivelar o terreno que ficava voltado para a muralha oriental de Erétria e ergueram rampas de terra batida. Os defensores lhes atiravam projéteis, mas seus arcos não tinham tanto alcance quanto os dos persas. Os erétrios atiravam à maneira grega, retesando a corda até o peito, ao passo que os asiáticos levavam a pena da seta até a orelha, e, entre sua perícia superior e a maior tensão de seus arcos compostos de madeira e chifre, ganhavam mais de trinta metros de distância. Além disso, atiravam em massa, protegidos por soldados que os flanqueavam portando escudos quase tão altos quanto um homem, e suas flechas caíam como uma chuva de granizo constante sobre a muralha.

Ao entardecer do terceiro dia de cerco, os erétrios tentaram uma saída para desbaratar as filas de arqueiros, que não paravam de fustigar os defensores do

adarve. Apolônia havia presenciado essa batalha com seus próprios olhos, visto que nesse dia havia subido ao pequeno santuário de Ártemis Olímpia, na

Acrópole, para preparar as Tesmoforias⁹ do mês seguinte.

Estava depositando sobre o altar os grossos pedaços de carne vermelha que seriam cozidos ao sol e enterrados durante um mês para depois serem oferecidos à deusa. Tentava se concentrar em seu trabalho para não ofender Ártemis, mas seus olhos se voltavam sem querer para o leste, onde se travava a batalha. A própria sacerdotisa que supervisionava seus atos também estava distraída, e não era para menos, pois a gritaria que provinha dali de baixo era como o mugido do mar em um vendaval. Mais de quinhentos cavaleiros erétrios, a cavalaria de que tanto se orgulhava a nobreza da cidade, haviam saído pela porta oriental para atacar os persas. De início, sua bizarra investida conseguiu espantar os arqueiros e os escudeiros, e os defensores da muralha os ovacionaram com gritos de alegria. Mas, ao se abrirem as filas inimigas, por trás delas apareceu uma multidão de cavaleiros persas, o dobro ou triplo dos gregos. Sua formação em dentes de serra investiu contra os erétrios e desbaratou sua ofensiva como quem espanta uma mosca.

Da Acrópole, tudo parecia uma maré confusa de homens e cavalos. O clangor do metal contra metal e os relinchos dos animais eram tão estridentes que abafavam até mesmo os gritos dos que morriam. Mais tarde, Apolônia soube que apenas duzentos homens haviam conseguido voltar ao amparo da muralha antes que os defensores fechassem as portas. Os outros haviam desaparecido, engolidos pelo ataque persa.

Ao entardecer, quatro desses cavaleiros voltaram à cidade, portadores de uma ordem de rendição de Dátis, o chefe persa. Traziam-na gravada a punção nas costas. Mas não foi aquela mensagem escrita com sangue o que mais impressionou os defensores. Os bárbaros haviam castrado os quatro homens e cortado nariz, orelhas, língua e lábios, de modo que tudo o que podiam emitir pela boca eram gorgolejos ininteligíveis e salpicados de sangue.

“Se não abrires as portas agora e entregardes as armas, todos os homens desta cidade sofrerão o mesmo destino”, diziam as letras jônicas.

Após ver o resultado do primeiro combate e o que havia acontecido com os prisioneiros, os erétrios não tornaram a tentar mais saídas. Diante de seu olhar impotente, os persas haviam prosseguido a construção das rampas, aproximando-se cada vez mais do muro. Os defensores observavam com o coração apertado, perguntando-se que veículos pretenderiam fazer passar por esses taludes.

— Os atenienses chegarão — insistia Jasão nos poucos períodos em que abandonava a muralha a fim de ir para casa descansar. — Não podem nos deixar sozinhos.

— Tens certeza? Por que vão se arriscar por nós? — perguntava Apolônia.

— Se não o fizerem, quando os persas acabarem com Erétria irão atrás deles.

Os atenienses sabem que é melhor unir nossas forças em vez de lutar separadamente.

A cerca de dez quilômetros ao noroeste da cidade, ocupando as terras que até pouco tempo haviam pertencido à cidade de Cálcis, eterna rival de Erétria, viviam mil clerucos, colonos de Atenas que haviam se estabelecido naqueles terrenos com suas famílias. Deveriam ter sido os primeiros a chegar como vanguarda dos outros atenienses; mas, por mais que os erétrios observassem o horizonte a oeste, não aparecia ninguém por ali.

Por fim, no sexto dia de cerco, véspera da visão de Apolônia, os persas haviam terminado os preparativos e haviam feito um assalto em massa contra a muralha. Primeiro, aproximaram do muro oito artefatos semelhantes a arietes. Mas aquelas máquinas eram muito mais refinadas que as que os gregos construíam. Em vez de ser arrematadas com bolas de bronze ou ferro, os construtores as haviam montado com lâminas de metal, como se fossem grandes espátulas, que aplicavam contra os silhares da muralha fazendo alavanca para arrancá-los. Dessa maneira, destruíam pouco a pouco a camada exterior de pedra e se aproximavam do coração de terra da muralha. Os arietes eram quase invulneráveis, pois chegavam sobre grandes estruturas com rodas e protegidos por grossas chapas de madeira e placas de couro fervedo, de maneira que os soldados que os empurravam ficavam protegidos dos projéteis que eram lançados do adarve. Carmo, o general que comandava as tropas erétrias, mandou aplicar estopa e breu nas flechas dos defensores para incendiar as máquinas; mas também foi em vão, pois em cada ariete havia servidores atrás da tábua frontal que apagavam as chamas vertendo água sobre elas com enormes conchas de cobre.

Enquanto os arietes golpeavam o muro com a tenacidade dos operadores do pisão, quatro torres de madeira se aproximaram bamboleando e chacoalhando sobre suas enormes rodas. A muralha de Erétria, com seus sete metros de altura, era um orgulho para seus habitantes; mas aquelas atalaias móveis mediam dez metros, e os arqueiros e fundeiros instalados nelas podiam atirar à vontade de suas janelas e seteiras contra os defensores.

Jasão havia combatido durante a tarde toda contra um desses monstros ciclópicos. Agachado atrás do parapeito, assomava-se quando podia e atirava apressadamente alguma flecha, pois se ficasse exposto por mais de um segundo, três ou quatro projéteis vinham contra ele, tanto das torres quanto das linhas de arqueiros que atiravam do chão em parábola. Depois de ver o que havia acontecido com o homem que combatia ao seu lado no adarve, Jasão tinha muito cuidado. Para um hoplita encouraçado, as flechas não eram muito perigosas se suas trajetórias fossem curvas ou os atingissem de lado; mas seu vizinho de posto tivera o azar de ser atingido de frente por uma seta persa. Com um seco estalo, a

ponta piramidal atravessara seu peitoral de camadas de linho e se cravara em seu coração. A armadura de Jasão, formada por duas peças de bronze que se encaixavam como um sino, era mais dura, mas depois daquele dia sua superfície polida ficou enfeada por uma imensidão de amassados e raspões.

Enquanto os aríetes e as bastidas atacavam a muralha, a infantaria persa posicionava escadas de madeira e realizava ataques simultâneos por mais de dez pontos. Dois grupos conseguiram pôr o pé no adarve à altura da porta de Caristo, mas os defensores, após encarniçados combates corpo a corpo, conseguiram repeli-los e derrubar as escadas.

Por fim, ao cair do Sol, as trompas persas bateram em retirada. Um suspiro de cansaço e dor percorreu a muralha. O general Carmo deu licença para a maior parte dos defensores voltar a suas casas e passar a noite, pois temia que, se não lhes desse descanso, não aguentariam os ataques do dia seguinte. Enquanto isso, equipes de escravos de ambos os sexos escoravam a muralha onde as cabeças dos aríetes haviam aberto frinchas. Mas só podiam reforçar a parte interna, pois do lado de fora tropas de arqueiros persas montavam guarda e atiravam contra tudo o que se movia.

Graças à licença concedida por Carmo, Jasão pôde jantar com sua esposa e lhe contar os horrores daquele dia reclinado no divã. Ela, sentada em um banquinho como exigia o recato, escutava-o e de vez em quando fazia um sinal à jovem escrava File para que servisse vinho em ambas as taças.

— São como a maré — repetiu Jasão. — Por mais que os afugentes, sempre vêm mais e mais de novo. E trazem umas máquinas diabólicas que ninguém nunca viu.

O olhar do comerciante estava perdido ao longe, como se em vez do rosto de sua esposa contemplasse ainda as filas intermináveis de persas que se abatiam em ondas sobre a muralha. Estava tão cansado que mal comia, mas já havia esvaziado quatro vezes a taça de vinho.

— Não acredito que possamos resistir mais um dia. Não podemos com eles. Nós somos cidadãos que vestem uma armadura de verão em verão para treinar uns dias, e de vez em quando lutamos contra outros hoplitas tão amadores quanto nós. Eles são soldados profissionais. Vão acabar conosco. Nossa única esperança é que os atenienses cheguem a tempo.

Após ouvir o relato de seu marido e ver suas olheiras pretas e suas faces flácidas, Apolônia tinha a impressão de que nenhuma cidade grega, nem sozinha nem em coalizão com outras, poderia derrotar aqueles demônios vindos da Ásia.

— Por que dizes isso? É porque os atenienses têm soldados profissionais ou porque são mais numerosos que os persas?

Jasão meneou a cabeça.

— Não, não são. Nem em sonho poderiam vencê-los em uma batalha campal. Mas caso se unissem a nós, poderíamos defender todo o perímetro da muralha e

aguentar por mais tempo. Talvez os persas fiquem sem provisões e decidam levantar o cerco.

Nem mesmo ele, que sempre havia falado maravilhas de Atenas, parecia convicto de suas palavras. Apolônia havia pensado pela primeira vez na possibilidade de fugir de Erétria, de abandonar sua casa. Mas aonde iriam? Não há nada mais triste neste mundo que ser uma desterrada e vagar longe dos túmulos de seus antepassados e dos heróis de sua cidade. Foi quando, para afastar aquele lúgubre pensamento, tirou a taça da mão de Jasão e lhe disse:

— Por que não dormes comigo? É noite. Estas horas pertencem a Afrodite¹⁰, não ao cruel Ares¹¹.

E ambos subiram para a alcova e fizeram amor. Depois, apareceu a deusa de olhos glaucos com sua advertência.

Apolônia pegou a túnica que havia deixado dobrada em cima do baú e vestiu-a. Normalmente, File a ajudava a se vestir, mas Apolônia não queria acordar ninguém antes de falar com Jasão, de modo que ela mesma fechou os botões de prata que seguravam a túnica sobre seus ombros. Sem perder tempo vestindo um manto ou prendendo o cabelo, visto que era noite ainda e seu esposo mal ia vê-la, saiu da alcova e percorreu o corredor descalça, caminhando na ponta dos pés para que os rangidos dos degraus não acordassem Mnesiptólema.

Quando desceu as escadas e chegou ao pátio, notou que Jasão estava falando com alguém. Seu primeiro impulso foi dar meia-volta e subir correndo para não ser vista por outro homem. Mas, depois, pensou que a mensagem da deusa era mais importante que qualquer norma de conduta ditada pelo decoro e se aproximou com passo cauteloso.

Os dois homens conversavam à luz de um candelabro, pois a noite era muito escura. Envolvidos em sua conversa, não repararam na presença de Apolônia, que permaneceu a alguns passos deles, oculta pelas sombras.

O visitante era Ésquines, amigo de seu marido, e, como ele, orador na assembleia. Apolônia o conhecia porque, quando seu pai morrera, ele havia ido ao funeral e lhe dado os pêsames na rua. Ésquines era um homem alto e elegante, mas algo nele causava repulsa em Apolônia.

— Não esperes que os atenienses venham — dizia. — Eles mesmos me confirmaram. Vão embora da ilha.

— Isso é impossível! — respondeu Jasão. — Prometeram nos ajudar. Temístocles pessoalmente me deu sua palavra.

Apolônia recordou o que a deusa lhe havia dito: “Busca o barco de Temístocles”. Embora não o conhecesse pessoalmente, já ouvira falar daquele homem. Era próximo de seu esposo, o que significava que, quando Jasão visitava Atenas, alojava-se na casa de Temístocles, e quando este vinha a Erétria —

circunstância que ainda não se havia dado desde o casamento de Apolônia —, hospedava-se com Jasão.

Ao que parecia, Temístocles, como o próprio Jasão, fazia comércio com cidades e ilhas de todo o Egeu e além, e seus navios haviam chegado até a Itália e a Sicília. Mas, pelos comentários de seu próprio marido, Apolônia suspeitava que o ateniense era muito mais ativo e ambicioso em política que ele.

— É Temístocles quem está cuidando da evacuação dos colonos ao continente — respondeu Ésquines. — Eu o vi com meus próprios olhos.

— Não pode ser! Ele me garantiu que viriam em nosso auxílio se os persas se levantassem primeiro contra nós.

— Esquece. Não há solução. Não podemos resistir sozinhos aos persas — disse Ésquines.

Embora Jasão houvesse dito a mesma coisa durante o jantar, balançou a cabeça, negando-se a se resignar.

— Pensa bem, Jasão — insistiu Ésquines. — Com essas máquinas, os persas acabarão tomando a muralha. E quando conseguirem, entrarão furiosos, em pleno ardor do combate, e passarão a assassinar os homens e a violentar as mulheres. Mas se um comitê de erétrios distintos pactuar com eles a entrega voluntária da cidade, é mais provável que nos perdoem.

— Sei. Depois de cortar nosso nariz e nossas orelhas.

Apolônia estremeceu nas sombras. Embora não houvesse visto os desafortunados que haviam trazido a mensagem persa, a imagem que tinha deles era tão crua e real que sonhara uma noite com os rostos mutilados. Alguém havia lhe contado que dois deles já haviam cortado os pulsos.

— Fazem isso para semear o medo e conseguir nossa rendição — argumentou Ésquines. — Os persas não são tão cruéis como acreditas. Por mais que se queixem, as cidades gregas da costa da Ásia Menor vivem muito bem sob o domínio de Dario.

— Não posso acreditar que tu me dizes isso! Como viverão bem sob essa tirania?

— O governo persa não é nenhuma tirania, Jasão. É verdade que essas cidades têm de pagar mais de quatrocentos talentos de tributo ao Grande Rei. Mas, em troca, a paz de Dario lhes permite prosperar e fazer comércio com mil lugares longínquos. De modo que os mesmos jônios que não param de reclamar do jugo persa enriquecem tanto que suas receitas compensam de sobra o que perdem em tributos.

— Já ouvi esses argumentos antes na assembleia — respondeu Jasão. — Mas nunca imaginei que sairiam de tua boca.

Ésquines deu de ombros.

— Temos de nos resignar, Jasão. Diante do gigante persa, não somos mais que um punhado de formigas. Precisamos mudar de atitude se não quisermos que nos

esmaque.

— E que atitude queres que tomemos? Já é tarde demais. Todo mundo sabe de que lado estamos.

— Não, não é tarde, em absoluto! Falei com algumas pessoas do partido oligárquico, e vão se reunir comigo em minha casa antes do amanhecer.

Propuseram-me um pacto.

— Que tipo de pacto? — perguntou Jasão.

— Sabem que tu és um homem moderado e que tens influência sobre os comerciantes e os artesãos. Se os apoiarmos na assembleia quando propuserem a rendição, eles nos garantirão imunidade perante os persas. — Ésquines pôs a mão no ombro de Jasão, quase uma cabeça mais baixo. — Vem comigo até minha casa e eles acabarão de te convencer.

— Não! — exclamou Apolônia, saindo para a luz.

Ambos se voltaram para ela. No rosto de Jasão havia surpresa. No de Ésquines, algo mais. De repente, Apolônia notou que, com o relento da noite, seus mamilos haviam se enrijecido de novo. Sob a fina túnica de linho, que sem dúvida ficava transparente à luz do candelabro, sentiu-se mais nua que se não estivesse usando roupa nenhuma. Para piorar, seu cabelo solto lhe caía sobre os ombros; sabia que suas negras melenas atraíam os homens tanto quanto seu corpo de junco, seus largos quadris e seus dentes brancos e retos. Ésquines, aproveitando que estava um passo atrás de Jasão e que este não podia saber onde punha a vista, devorou-a com os olhos, demorando-se em seus seios. Depois, olhou-a no rosto e sorriu com descaro.

Apolônia deveria ter voltado correndo ao gineceu. Mas não o fez. De repente, havia visto em um *flash* tudo o que aconteceria se não fizesse nada. Jasão acompanhando Ésquines até sua casa. Jasão assassinado pelos oligarcas. Os persas entrando na cidade a sangue e fogo. Ésquines ocupando o lugar de Jasão em seu leito, talvez como o esposo ou, simplesmente, como o dono e senhor de seu corpo.

Não, isso não aconteceria se estivesse em suas mãos evitar.

— Que estás fazendo fora da cama, Apolônia? — perguntou Jasão. — Nossa voz te acordou?

Ela negou com a cabeça. Não queria falar da visão diante de Ésquines.

— O que há, então? — insistiu seu marido com certa impaciência na voz.

— Não quero que saias de casa — respondeu Apolônia. A seguir, acrescentou, em tom mais meloso: — Esta noite não.

— Deixas que tua esposa te diga o que deves fazer? Não sabia que eras tão submisso — interveio Ésquines.

Jasão se voltou e o olhou de soslaio. *Cometeu um erro*, pensou Apolônia. O tom de Ésquines soara muito venenoso.

— Nesta casa, ela tem mais direito de me dizer qualquer coisa que tu —

respondeu Jasão, e Apolônia sentiu uma onda de gratidão que, em parte, aliviou o frio de suas entranhas. — Vai se reunir com esses homens se quiseres. Eu preciso pensar.

— Pois não penses muito. Não dispomos de muito tempo.

Ésquines dirigiu um último olhar a Apolônia, que cruzou os braços sobre os seios para cobri-los de sua vista. A seguir, saiu sem se despedir. Jasão se sentou em um banco de pedra do pátio, ou melhor, desabou sobre ele. *Como parece cansado*, pensou Apolônia com ternura, esquecendo por uns segundos a urgência do aviso da deusa.

Jasão, que havia se casado muito tarde, tinha quase o dobro da idade dela; mas agora, os vinte anos que tinha a mais que Apolônia pareciam ter se transformado em trinta. A jovem o amava, mas ao ir para a cama com ele nunca havia chegado a sentir esse calor líquido no ventre nem esse tremor nas panturrilhas de que falavam os epitalâmios. O comerciante era apenas um dedo mais alto que ela, tinha pernas finas e peludas, o queixo mole e fugidio e o alto da cabeça em barbeito. Por mais que se lavassem e perfumassem as axilas com menta, seu suor já cheirava a ranço quando brotava de sua pele. Mas era um bom pai e um marido gentil, e quando organizava banquetes em casa tinha a decência de não convidar flautistas nem prostitutas. O que fazia nos simpósios a que outros amigos o convidavam, Apolônia preferia não saber.

A jovem respirou fundo e disse:

— Tive uma visão.

Jasão levantou o olhar e semicerrou os olhos. Apolônia apressou-se a lhe contar o sonho e as palavras de Palas Atena¹² sem fazer pausa entre as frases para que ele não tivesse tempo de objetar.

— Acreditas que é um sonho veraz? — perguntou seu marido no final.

Ela assentiu. Ao acordar, as imagens dos sonhos tendem a se dissipar como a névoa matinal conforme se levanta o Sol. Mas a visão de Palas Atena e suas armas continuava tão vívida quanto a que agora tinha de seu esposo, ou até mais. Quando fechava os olhos, quase podia contar as pregas do fino drapeado de seu peplu.

— Creio que o sonho saiu pela porta de chifre¹³ — respondeu. — A própria deusa veio nos avisar. Devemos fugir daqui.

Jasão ficou por alguns segundos cabisbaixo. Apolônia quase pôde ler seus pensamentos. Fugir da cidade implicava desertar de seu posto na muralha. Mas ela havia lhe dado uma razão honrosa para abandonar: nada menos que uma mensagem dos deuses. E agora, sem a esperança dos reforços atenienses, já não lhes restava a menor possibilidade de vitória.

Jasão apoiou as mãos nas coxas e se levantou do banco com um grunhido de dor. Ao se endireitar, seus joelhos estalaram.

— Acorda os criados — disse a Apolônia. — Recolhe tudo o que temos de valor e que possamos carregar. Eu vou avisar algumas pessoas. Arges! Arges, acorda!

O escravo vesgo subiu do porão, onde havia adormecido depois de consertar a armadura e o escudo de seu senhor e substituir a haste de teixo da lança por outra nova. Jasão lhe ordenou que fosse à casa de seu amigo Amônio, e deu-lhe também os nomes de outras pessoas. Apolônia não sabia exatamente para que seu esposo queria Amônio, mas suspeitava: o bronzista vivia a poucos passos da muralha ocidental, e o oeste era a única direção possível para fugir.

Enquanto Jasão preparava sua panóplia e reunia provisões, Apolônia subiu ao andar de cima, acordou as escravas e ordenou que guardassem as melhores roupas no baú de cedro.

Tudo o que tenhamos de valor, pensou. Como se media isso? Que valor tinha o toско berço de Mnesiptólema, que Jasão havia fabricado com suas próprias mãos? E Nêndia, a boneca de argila pintada que o pai de Apolônia lhe havia dado, ou Pégaso, o cavalo de madeira articulado com que ela havia brincado quando menina e que agora servia à sua filha?

Tenho de ser prática, pensou. Ouro e prata, acima de tudo. Com eles poderia comprar para sua filha dezenas de bonecas e cavalinhos. Ela mesma colocou em si todas as joias que pôde e, além disso, guardou em um bauzinho montes de dracmas de prata de Corinto e de Erétria, além de balanças e até dáricos, moedas persas de ouro que haviam chegado às mãos de Jasão em seus negócios com o leste. Depois, ordenou às criadas que carregassem um terceiro baú, mais pesado que os outros dois, onde guardava a louça e os candelabros de prata e de âmbar. Era muito peso para fugir na noite, mas essa riqueza lhes garantiria começar uma nova vida em Atenas com um mínimo de dignidade.

As vozes, o ranger dos passos e o tilintar da prata acordaram Mnesiptólema, que começou a chamar a mãe.

— Eu cuido dela, *déspoina* — disse Hédia.

— Não, eu vou.

Apolônia entrou no aposento da aia e levantou a filha do berço. De repente, sentia a urgência de apertar esse corpinho que conservava o calor do sono, como um pãozinho recém-saído do forno, e enterrar o nariz em seus cachos loiros. Apolônia suspeitava que com o tempo o cabelo da menina se tornaria castanho como o do pai, mas, por ora, gostava de acariciar aqueles cachos de mel e aspirar seu aroma de manjerona.

— Que foi, mãe? — perguntou a menina com sua meia linguagem.

— Nada, Nesi. — Todos a chamavam assim, porque seu nome, escolhido em homenagem à sua falecida avó, era muito sonoro e ribombante para uma menina tão pequena. — Vamos fazer um passeio todos juntos. Vais ver como é divertido. Talvez até tomemos um barco.

— Estou com muito sono — choramingou Nesi.

— Então, dorme mais um pouco — disse Apolônia enquanto a passava para Hédia.

Com prazer teria ficado com a menina no colo, mas era ela quem sabia onde se guardavam todas as coisas e quem melhor podia organizar as criadas.

Quando estavam fechando o último baú, Apolônia julgou ouvir um grito distante e ordenou às escravas que fizessem silêncio. Segundos depois, chegou a tangida de um sino, e as quatro mulheres se olharam alarmadas.

A noite estava muito avançada, mas ainda não havia rompido a alvorada. “Muito antes de o galo cantar, uns traidores abrirão as portas de Erétria para o persa.” Ter-se-ia cumprido já a advertência da deusa?

Apolônia correu para a escada e subiu até a torre da qual havia presenciado o desembarque dos persas. Mesmo antes de chegar lá em cima, percebeu o cheiro de queimado e, uma vez assomada à pequena atalaia, observou que na parte noroeste da cidade, junto à porta de Caristo, havia chamas, que começavam a se propagar de telhado em telhado. Seu coração parou durante alguns segundos. O fogo estava a menos de mil metros de sua casa.

E a menos de mil metros de sua filha.

Desceu correndo para o pátio. Já estavam lá Hédia com a menina, File e Lampo, que haviam descido os baús com a ajuda do porteiro e do mordomo.

— Temos de ir agora! — exclamou Apolônia.

Jasão assentiu. Ele também devia ter ouvido o sino. Nesse momento Arges voltou, e ele e o próprio Jasão carregaram as armas de hoplita. Apolônia pegou Nesi no colo enquanto os outros escravos carregavam os cestos de provisões e os três baús. Iluminados pelas tochas que Arges, o porteiro, e Jasão levavam, saíram pela porta. Apolônia dirigiu um último olhar para trás. Embora não fosse o lar onde nascera, a jovem havia se apegado àquela casa que seu esposo deixara praticamente em suas mãos e que ela organizara a seu gosto.

Em menos de uma hora, seria pasto das chamas. Imaginou Pégaso ardendo em meio a uma pilha de móveis quebrados e se perguntou como poderia contar isso à sua filha quando lhe perguntasse por ele, como poderia lhe explicar que havia homens tão cruéis que queriam queimar seu cavalinho de madeira. De repente, essa lhe pareceu a maior das maldades, um crime muito pior que a destruição da cidade, talvez porque esta lhe parecia inconcebível. Seus olhos se encheram de lágrimas. *Tens de ser prática*, repetiu para si mesma, e secou-as para que Mnesiptólema não as visse. A única coisa importante agora era salvar sua pequena.

Cruzaram um estreito beco e chegaram à avenida dos caldeireiros. Nas portas, moradores começavam a aparecer e perguntar a Jasão o que estava acontecendo. Ele, sem parar de caminhar, dizia-lhes que os persas haviam entrado na cidade. Alguns gritaram que desse meia-volta, que havia de defender

as muralhas, mas Jasão lhes respondeu:

— Não sejais estúpidos! Fugi enquanto podeis. A cidade está condenada!

Logo chegaram à mansão de Amônio, que era maior que a sua. Apolônia conhecia a casa porque fora visitar a esposa do bronzista duas vezes, por ocasião do nascimento de seu último filho. O próprio Amônio foi recebê-los à porta e fez sinal para que entrassem.

— Por que entramos na casa dele? — perguntou Apolônia a Jasão. — Temos de sair da cidade.

— Fica tranquila, mulher — respondeu Jasão. Havia tensão em sua voz, como uma corda de lira prestes a estourar, mas continuava sendo gentil com ela. — Já havíamos preparado isto desde que soubemos que os persas estavam chegando. Sempre soubemos que podia haver traidores entre nós.

— Pois esses traidores já estão ocupando a ponte da porta oeste — interveio Amônio. — Mas não vão nos ver.

No pátio já se reunia uma pequena multidão, entre homens carregados com suas pesadas panóplias e mulheres, crianças e escravos que levavam nas costas as coisas que puderam reunir com tanta precipitação. Os sinos haviam parado de dobrar, mas o ar da noite trazia uma confusa maré de vozes e lamentos que cada vez soavam mais altos e próximos. Apolônia teve uma visão de vigias degolados e de guerreiros gigantescos aplicando archotes às casas, e meneou a cabeça para tentar afastar aquela imagem. Não havia tempo para pensar nisso.

O aroma da resina de pinho que ardia nas tochas mal disfarçava o fedor acre do medo. Os homens sussurravam com ar grave, as crianças menores choramingavam e algumas mulheres arrancavam os cabelos e arranhavam o rosto, lamentando tudo o que haviam deixado para trás em suas casas. Apolônia abraçou Mnesiptólema ainda mais forte e pensou que o que mais lhe importava estava com ela.

O cheiro de fumaça era cada vez mais intenso, e já havia cinzas pairando sobre o pátio. Amônio e Jasão trocaram umas breves palavras, e depois o bronzista ordenou a todos que o seguissem. Guiados por seus serviçais, os fugitivos desceram em fila dupla por uma escada que levava a uma adega. Ao fundo, em uma parede de rocha viva, havia uma porta aberta que dava passagem para um túnel. Ali, um escravo com uma tocha indicou a Jasão e à sua família que o seguissem.

— Esta passagem sai a mais de dois estádios da muralha — explicou Jasão a Apolônia. — Foi escavado há muito tempo, quando realizaram as obras para drenar a planície e canalizar o rio.

O túnel era tão estreito que tinham de caminhar em fila indiana, mas pelo menos não precisavam abaixar a cabeça, e as paredes estavam mais secas do que Apolônia esperava. Percorreram-no em espectral procissão, iluminados por tochas e lamparinas, como se estivessem indo celebrar um ritual secreto em

homenagem a Perséfone nas entranhas da Terra. Caminharam por um bom tempo entre o som surdo das pisadas sobre o chão compacto, o entrecocar metálico das armas, o frufu das longas túnicas das mulheres e os ofegos dos serviçais que carregavam arcas e fardos. De vez em quando, ouvia-se um soluço, um xingamento ou o retalho de uma conversa em sussurros.

Apolônia havia reconhecido muitas caras no pátio, e sabia que todas essas pessoas eram como ela e seu marido, membros da classe média de Erétria que habitava o bairro noroeste da cidade. Não havia ali os terratenentes que remontavam seus antepassados aos deuses e que se orgulhavam de competir com seus cavalos e seus carros nos jogos de Nemeia e de Olímpia¹⁴; os mesmos que, suspeitava Apolônia, haviam aberto as portas da cidade para o persa. Não, no túnel só havia artesãos e comerciantes, que, tecnicamente, pertenciam ao povo, mas que haviam prosperado o suficiente e podido adquirir as caras panóplias necessárias para servir como hoplitas e combater nas filas da infantaria pesada.

Apolônia se perguntou o que poderia estar acontecendo perto do porto, na parte sul da cidade, onde viviam os moradores mais humildes, assalariados, libertos e diaristas. Também deviam estar tentando fugir; mas por mar era impossível, pois a imensa frota persa havia bloqueado a boca do porto. Morte, mutilação, escravidão: esse era o destino que esperava aqueles infelizes.

— Onde estão os atenienses? — lamentou-se uma mulher, uns passos atrás de Apolônia. — Esses covardes nos abandonaram.

— Cala-te, mulher. Já me disseste isso mil vezes — disse seu marido.

Apolônia conhecia a ambos. Eram Terâmenes, um comerciante de perfumes que havia defendido o apoio à revolta jônica e o envio de barcos em aliança com Atenas, e sua esposa Zósima. Estavam casados havia trinta anos e não pararam de discutir nem um único dia.

— E mil vezes mais te direi!

Outra mulher perguntava se era verdade o que havia ouvido sobre a empalação, e um homem, seu marido ou talvez um escravo, estendeu-se em detalhes mórbidos. Ao que parecia, os persas despiam seus prisioneiros, levantavam-nos do chão e os colocavam sobre estacas longas e aguçadas, que por conta do próprio peso dos corpos iam se introduzindo pouco a pouco pelo ânus e rasgando as entranhas em uma agonia que podia durar mais de cinco dias. Apolônia estremeceu e tampou as orelhas de Mnesiptólema, apesar de a menina estar dormindo e ser duvidoso que entendesse o que os mais velhos falavam.

— Calai-vos de uma vez! — ordenou Amônio, o bronzista, com seu vozeirão de urso.

Durante alguns segundos, fez-se silêncio. Depois, File perguntou a Hédia se acreditava que os persas violentariam a todas, e a aia lhe disse que fechasse a boca. Apolônia estremeceu. Pouco antes de se casar, havia sonhado várias noites

seguidas que um homem muito bonito, talvez um deus, aparecia em sua alcova, rasgava sua túnica e a tomava à força. Quando isso acontecia, a jovem acordava com um estranho calor no ventre, e durante o resto do dia esperava, com uma mistura de medo e impaciência mórbida, que chegasse a noite, antecipando o contato daqueles dedos poderosos e o seco rasgar do tecido. Mas agora que essa turva fantasia podia se tornar realidade, já não sentia nenhum calor, mas sim um medo frio e escorregadio como a tripa de um sapo.

Se algum persa tentasse violentá-la, pensou, ela mesma se cravaria a faca que levava embaixo da túnica, e com a mão esquerda apalhou debaixo do esterno, calculando por onde entraria a fria lâmina de ferro. E então, outra voz interior lhe disse: *E o que vai acontecer com tua filha, então?*

Por fim, saíram do túnel. Reagruparam-se todos ali, sob as ordens de Amônio e Jasão. Enquanto se reuniam, Apolônia voltou os olhos para trás. O estreito gomo da lua crescente só saíria depois do amanhecer, e o céu continuava escuro e coalhado de estrelas. Ao norte recortava-se uma sombra ainda mais negra, o monte Olimpo, que dominava a cidade, irmão menor do outro Olimpo que se erguia no continente e de cujos cumes nevados seu esposo lhe havia falado. Apolônia respirou fundo. Pairava um odor untuoso no ar, talvez de algum moinho de azeite próximo; misturado com ele, embora o vento viesse da montanha, e não da cidade, captou o de fumaça e de madeira queimada.

— Em marcha! — ordenou Amônio. — Para o oeste!

— Por que não subimos o monte? — perguntou Terâmenes, o perfumista. — Ali a cavalaria persa não virá ao nosso encaço, e quando forem embora da ilha poderemos voltar à cidade.

— Não — respondeu Jasão. — Palas Atena me apareceu em sonhos e disse que devemos buscar o barco de Temístocles e cruzar o estreito.

— Quem garante que esse sonho é veraz?

— Foi esse sonho que nos avisou a tempo que os persas entrariam na cidade — replicou Amônio. — De modo que vos calai de uma vez e continuai andando.

Apolônia ficou sentida por seu marido se apropriar de sua visão, mas compreendeu com tristeza que os homens haveriam menosprezado a mensagem se soubessem que Palas Atena não havia se dirigido a ele, mas sim à sua esposa.

Seguiram caminho, agora em uma coluna irregular de três ou quatro pessoas. Apolônia, que ia perto da vanguarda, voltou-se e calculou que podia haver uns duzentos no grupo, mas não era fácil precisar à luz das tochas. Sobre as cabeças, na escura massa da Acrópole, haviam aparecido umas luzes que primeiro piscaram tímidas como vagalumes dançando no ar, e depois, uniram-se em inconfundíveis línguas de fogo.

Apolônia imaginou o templo de Ártemis Olímpia ardendo e pensou: *Jamais voltarei a Erétria*. Enquanto suas sandálias rangiam sobre os secos torrões do vinhedo que atravessavam, deu-se conta de que era a primeira vez que seus pés

pisavam terra fora da muralha. Seu pai possuía uma oficina onde fabricava talabartaria, couraças e elmos de couro, e nunca tivera interesse no campo. E quanto a Jasão, o mais longe que a havia levado fora até o porto para ver alguns de seus barcos zarpando.

Essa muralha que deixava para trás era a mesma que a partir desse momento a separava de sua vida anterior. A partir de agora, fosse sobreviver ou morrer nas próximas horas, nada voltaria a ser igual.

— Estou com frio, mamãe — queixou-se Nesi, meio sonolenta.

Apolônia aconchegou-a mais em uma dobra de seu manto e apertou-a com força.

Após atravessar mais vinhedos e um figueiral, chegaram a uns campos de cevada e trigo que esperavam a sementeira do mês seguinte. As fazendas estavam desertas, e não havia nos campos nem ovelhas, nem cabras, nem vacas, pois os erétrios haviam levado todo o gado para a cidade ou as montanhas, e só o cheiro do esterco revelava que uns dias antes seus rebanhos haviam pastado naquela planície.

O céu começou a ficar cinza, e contra seu fundo frio Apolônia pôde distinguir um trecho do Olimpo que descia para o oeste. Jasão lhe explicou que por ali, entre essa encosta e o mar, entrariam na planície Lelantina, a fértil terra que antes pertencia a Cálcis e que agora estava em poder dos colonos atenienses. Se tudo corresse bem e as palavras da deusa se cumprissem, encontrariam algum barco que os levaria ao outro lado do estreito.

— Lá, estaremos a salvo — disse Jasão.

Por um tempo, pensou Apolônia. *Os persas queimaram Erétria, mas ainda falta se vingarem de Atenas.* Mas o rosto de seu esposo estava tão abatido que não o quis desanimar mais ainda.

Um menino, ou uma menina, gritou com voz aguda na cauda da comitiva. Apolônia se voltou, como os outros. Sobre a cidade divisavam-se negras colunas de fumaça, dentre as quais se adivinhava alguma língua de fogo. Mas, à frente delas, pairando acima das árvores, erguia-se outra coluna mais clara, quase branca. Apolônia demorou alguns instantes para compreender que não era fumaça, mas sim pó. Arges se deitou e colou a orelha no chão. Não tardou a se levantar e dizer a Jasão com ar grave:

— Cavalaria.

Antes de ser feito prisioneiro de guerra e vendido como escravo, Arges havia servido como mercenário e explorador na Trácia, de modo que sabia do que estava falando. A notícia correu entre os fugitivos. Os homens urgiram as mulheres e as crianças a apertar o passo. Algumas, que não estavam acostumadas a sair de casa nem para ir à agora fazer compras, queixavam-se amargamente de seus pés doloridos. A própria Apolônia estava com uma bolha no pé direito, na sola do esquerdo sentia algo úmido e morno que devia ser

sangue, e seus braços estavam intumescidos de carregar o peso da menina; mas não disse nada e tratou de apertar o passo.

— Estão nos perseguindo? — perguntou alguém.

Amônio olhou para trás e tentou tranquilizá-los.

— Os persas não podem saber que estamos aqui. Deve ser uma tropa que está varrendo os arredores da cidade atrás de outros fugitivos.

Mas enquanto os perfis da montanha se tingiam de uma fria pátina arroxeadada, ficou evidente que a coluna de pó estava cada vez mais perto. Apolônia pensou em Ésquines; tinha cada vez mais certeza de que ele havia aberto a porta para os persas. Jasão teria cometido a imprudência de lhe falar do túnel que saía da casa de Amônio? Conhecendo seu marido, certamente a resposta era afirmativa.

Apolônia julgou escutar o agudo chamado de um pássaro, mas ao prestar mais atenção notou que eram relinchos. De repente, teve a visão de um persa arrancando-lhe a roupa, e até julgou ouvir o seco estalido do tecido rasgado por uns dedos manchados de sangue. Instintivamente, apertou Nesi, mais para cobrir seus seios que para proteger a própria menina.

— Eles vêm atrás de nós, Amônio! — exclamou Terâmenes.

— Temos de apertar o passo — incitou o bronzista fazendo gestos para que todos acelerassem a marcha.

Mas Jasão o segurou pelo ombro e disse:

— É inútil. Não podemos escapar da cavalaria. Mesmo que não estivéssemos com as crianças e as mulheres, ele nos alcançariam.

— E que faremos, então?

— Tu sabes o que temos de fazer — respondeu Jasão, e a seguir olhou de soslaio para Apolônia.

A jovem viu em seu olhar um poço negro e recordou as palavras da deusa. “Toma tua filha e teus criados contigo.”

Só então reparou que Palas Atena não lhe havia dito nada de seu esposo.

As mulheres e as crianças já haviam partido, juntamente com os escravos mais velhos. Só restavam os cidadãos e seus serviçais de confiança. Jasão protegeu as canelas com as grevas de bronze e depois levantou os braços para que Arges fixasse os fechos laterais da armadura campaniforme. Sempre tivera dificuldade para ajustá-la, pois seu pai, de quem a havia herdado, era mais magro que ele. Mas, nos últimos dias, Jasão havia perdido tanta barriga que agora o peitoral quase ficava folgado.

— Já podes ir, Arges — disse ao escravo enquanto ele mesmo colocava a touca de feltro até as orelhas.

— Não vou a lugar nenhum, Jasão. Fico contigo.

Arges, que nunca havia se destacado por ser muito respeitoso, raras vezes o chamava de *déspot* ou *kyrie*. Mas lhe havia sido fiel durante mais de dez anos, e

agora sabia disfarçar o medo melhor que o próprio Jasão.

— Não há nada a fazer. A única coisa que podemos conseguir é ganhar tempo. Vai — insistiu Jasão.

— Eu sei — respondeu Arges. — Por isso, quanto mais homens formos, mais tempo ganharemos.

Jasão pôs a mão no ombro de Arges e apertou com força.

— Escuta, Arges. Se realmente queres me servir, corre como se as Fúrias¹⁵ te perseguissem e alcança minha esposa e minha filha. Agora que não têm cidade, precisarão de alguém que as proteja. Não confio nos outros criados. Tu és o único que pode fazer isso.

Arges abaixou a cabeça e ficou pensando por alguns segundos. Quando levantou de novo o olhar, sua expressão era quase de alívio. Seu amo havia lhe oferecido uma desculpa honrosa para a retirada.

— Faz isso — insistiu Jasão.

Arges assentiu e deu meia-volta. Mas, antes de sair correndo, teve uma ideia.

— Se for só cavalaria, aguentai em formação — disse, girando o corpo levemente para Jasão. — Não vos deixeis levar por Fobos¹⁶, pois se o pânico vos possuir e romperdes as filas, estareis perdidos.

— Dá instruções a quem te a peça, escravo — respondeu Antíoco, um marmorista a quem coube ficar em formação à direita de Jasão. — Nós sabemos lutar como cidadãos livres.

Arges olhou-o com desprezo, mas não disse nada e se afastou trotando. Jasão compreendeu que havia ficado sozinho e que agora era o único bastião entre os persas e os membros de sua casa. *Salva os meus, portadora da égide*, suplicou a Palas Atena.

Jasão olhou em volta, estudando a posição. Estavam no ponto mais estreito que separava os terrenos de Erétria da planície de Lelanto. A uns trinta ou quarenta passos deles, à sua esquerda, começava uma ladeira pedregosa e semeada de pinheiros e urzes que subia pouco a pouco para o sopé do monte Olimpo. À direita estendia-se uma praia de areia grossa e escura. Para cobrir todo o espaço que se abria entre a água e o monte baixo, teriam necessitado dez vezes mais homens.

Amônio devia ter lido as dúvidas na mente de Jasão, pois lhe disse:

— Não te preocupes, Jasão. Os persas não passarão por nós para perseguir as mulheres. Nós e nossas armas somos uma presa mais honorável. Eles lutarão.

— Sim, lutarão — repetiu Jasão, engolindo em seco, e olhou para sua direita.

O Sol, que por fim havia saído do Olimpo, arrancava das ondas reflexos brancos, mas ainda não aquecia. O vento terral da noite havia se retirado para dar lugar à brisa do mar. Jasão respirou fundo; seu nariz se encheu de cheiro de sal, e seus olhos, de lágrimas. Como bom marinheiro e viajante, sempre havia

dito que queria morrer ao lado do mar, e não dentro de suas águas. Agora, pensou com amargura, seu desejo se realizaria.

Alguns escravos haviam ficado com seus senhores, mas agora se afastaram para as urzes, armados de dardos e pedras. Já sozinhos os cidadãos livres, Jasão pôde contar quantos eram. Quarenta hoplitas. Sem necessidade de deliberar quem deles seria o chefe, Amônio deu as ordens desde o início. Sendo tão poucos, formar com oito homens de profundidade como em uma falange convencional era ridículo. Para cobrir mais terreno, o bronzista os organizou em duas filas de vinte. Na primeira, colocou aqueles que tinham couraças campaniformes, como Jasão, ou pelo menos de linho reforçado com escamas de bronze; e, na segunda, alinharam-se os que tinham as couraças de linho mais finas ou simples peitorais de couro fervido.

Em uma batalha formal, o general teria feito um sacrifício aos deuses. Mas ali não tinham vítimas para degolar, de modo que Amônio se limitou a levantar as palmas das mãos ao céu e pronunciar uma prece pedindo ajuda a Zeus, a Ares e a Ártemis. Depois, voltou-se para os outros. Embora fosse um homem com influências, nunca se destacara na assembleia por sua oratória, e sua arenga foi breve.

— Esses filhos da mãe não vão tocar nem em nossos filhos nem em nossas mulheres. Vamos fodê-los bem!

Os perseguidores já estavam à vista, a menos de dois estádios. Vinham cavalgando pela praia em coluna, de modo que era difícil calcular quantos eram. Mas, ao ver os erétrios em posição, refrearam o passo de seus animais. Um dos cavaleiros, montado em um cavalo preto, seguido por um porta-estandarte, desfilou diante dos outros para distribuí-los ou talvez instruí-los antes do combate. Após alguns instantes, os persas se abriram em uma frente muito mais ampla que a exígua falange que os erétrios haviam organizado. A seguir, começaram a avançar. Jasão engoliu em seco. Agora que haviam se espalhado, era evidente que os inimigos eram muitos, talvez o dobro deles.

No centro do esquadrão, rodeando o chefe, vinham sete ou oito corcéis enormes que se adiantaram aos outros. Aqueles animais estavam protegidos com peitorais e testeiras de metal que brilhavam como âmbar sob o Sol nascente, e seus cavaleiros também cavalgavam blindados dos pés à cabeça. Ao ouvir os relinchos dos cavalos e o estalo metálico das escamas de ferro e bronze, na pequena falange grega escutaram-se gemidos de consternação mal disfarçados. Jasão sentiu um odor acre e compreendeu que alguém havia defecado nas calças. Ninguém fez comentário algum; todos haviam servido na muralha tempo suficiente para saber que essas reações não podiam ser controladas. O próprio Jasão conteve com dificuldade uma cólica terrível; era como se suas tripas estivessem povoadas de ratos de porão que quisessem fugir do iminente naufrágio.

— Não se acovardem! — gritou Amônio, desfilaro pela última vez diante de sua reduzida formação. — Os cavalos não atacam um muro de lanças! Recordai o ditado do ouriço e segurai bem os escudos!

Jasão recitou em voz baixa os versos de Arquiloco: *Muitas coisas sabe a raposa, mas o ouriço sabe uma grande*. Logo iam comprovar se o poeta de Paros tinha razão.

Amônio se posicionou no extremo direito, lugar de honra da falange, e também o mais perigoso, onde ninguém mais podia resguardar seu flanco indefeso que manejava a lança. A seu sinal, aqueles que ainda não haviam coberto a cabeça o fizeram. Ao colocar o elmo, Jasão tornou a sentir aquela sensação já conhecida, como se houvesse enfiado os ouvidos em conchas. Os ruídos do exterior ficavam amortecidos por trás de uma almofada de feltro e bronze, e as batidas de seu próprio coração soavam fortes e frenéticas como os tambores de uma procissão em homenagem a Dionísio¹⁷. Embora aquele fosse o palpitar do medo, tranquilizou-o um pouco, pois sob o elmo criava-se uma curiosa bolha, uma sensação de isolamento e invulnerabilidade que ele mesmo sabia enganosa.

Jasão levantou o escudo, acomodou o ombro esquerdo sob sua concavidade e depois agitou a lança sobre a borda do broquel. As articulações de seus braços protestaram, mas ele apertou os dentes e aguentou enquanto manobrava o escudo para encaixá-lo melhor com o de Antíoco, o hoplita que estava à sua direita, e o de Terâmenes, posicionado à sua esquerda.

Nesse momento, os cavaleiros encouraçados que iam à frente se detiveram a uns cem metros da falange, e o homem do corcel negro levantou a mão e ladrou uma ordem seca. De ambos os lados, os esquadrões de cavalaria que os flanqueavam saíram a trote e depois a galope, convergindo para os hoplitas. Jasão tinha seu campo de visão muito limitado pelo estreito visor de seu elmo coríntio, mas calculou que investiam contra eles não menos de sessenta inimigos. Seus cavalos não estavam blindados, e se os cavaleiros usavam armadura devia ser por baixo das calças e túnicas de cores vivas.

Amônio começou o peã, e os outros erétrios entoaram o canto guerreiro com ele para dar coragem. Mas o clamor dos asiáticos, o retumbar dos cascos e o relincho dos cavalos sufocaram suas vozes, e eles se calaram antes de chegar ao último verso.

— Aguentai! — rugiu Amônio, acostumado a se fazer ouvir no estrépito da ferraria. — Não abandoneis a formação! Já vos disse que os cavalos não atacam uma parede!

Jasão apertou os dentes e cravou os pés no solo. Já podia ver o rosto dos inimigos, e até distinguir as narinas dilatadas dos cavalos. Mas os persas, como previra Amônio, não atacaram de frente a formação grega. Quando estavam a menos de trinta passos, todos os cavalos giraram para a esquerda perfeitamente

coordenados enquanto seus cavaleiros torciam a cintura para continuar olhando para os erétrios. Jasão viu que os persas retesavam seus arcos e engoliu em seco, imaginando o lamento rangedor da madeira e do couro ao se retesar ao limite. Ali não havia um parapeito de pedra por trás do qual se abrigar; só seu escudo, três palmos de madeira de carvalho e chapa de bronze.

— Mantende a formação! — insistiu Amônio.

Enquanto os cavaleiros inimigos desfilavam velozes diante deles, longe do alcance de suas lanças, a primeira rodada de flechas atravessou o ar. Jasão, sem esperar para ver de onde vinham os projéteis, encolheu-se e baixou a cabeça sob o escudo, e os homens que tinha de ambos os lados o imitaram. Ouviu-se o diáfano repique de metal contra metal, acompanhado por palavras murmuradas. Na primeira rajada Jasão não sentiu nenhum impacto. Ao olhar para os dois lados de soslaio, pareceu-lhe que ninguém havia caído, apesar de que Antíoco e Terâmenes lhe impediam a visão.

— Notastes? — gritou Amônio. — Suas flechas não podem penetrar nossos escudos! Aguentai!

Após a primeira descarga conjunta, os inimigos passaram a atirar individualmente, sem parar de cavalgar. Aqueles demônios asiáticos manejavam os arcos com tal destreza que nunca havia menos de vinte flechas singrando o ar. Jasão sentiu um impacto no escudo, mas o dardo rebotou e caiu inofensivo diante dele, e durante um instante pensou que realmente tinham possibilidades de resistir, de ser tão impenetráveis quanto o ouriço de Arquíloco.

Mais, por infelicidade, todos juntos formavam um ouriço muito pequeno. No mesmo momento em que o último arqueiro da formação inimiga passava diante de Jasão, este ouviu um grito de alarme de Eudemo, o homem que estava atrás dele. Girou o pescoço e viu que os cavaleiros persas já estavam ali, atirando pela retaguarda. Havia passado sem problemas pelo flanco esquerdo de sua reduzida falange e agora cavalgavam em círculo ao redor deles sem parar de atirar. Assim como os outros hoplitas da primeira fila, Jasão tentou se virar para se proteger das flechas que agora vinham pelas costas; seu escudo ficou enganchado no de Antíoco e ambos quase caíram no chão.

— Não façais isso! — gritou Amônio. — Os da primeira fila, escudos para frente! Os da segunda, escudos na retaguarda! Confiai em vossos companheiros!

Mas pedir àqueles caldeireiros, comerciantes, oleiros, perfumistas e taberneiros que formassem uma falange de duas frentes era pedir demais. Alguns homens obedeciam às ordens de Amônio, uns se voltavam contra a nova ameaça e outros, como o próprio Jasão, tentavam manter um precário equilíbrio entre ambas as ações, girando nervosos de um lado para o outro. Os persas continuavam galopando em círculos tão perto deles que algumas de suas flechas atravessavam a chapa dos escudos e até as couraças mais frágeis. Entre os zunidos das setas, os insultos e palavras em grego, a tosse por conta do pó que os

cavalos levantavam e os rugidos de Amônio, já começavam a se ouvir gritos de dor e estertores de agonia. Os projéteis chegavam de todos os lados, e muitos hoplitas haviam se ajoelhado no chão para se acocorar atrás de seus escudos. Quando Terâmenes o perfumista fez o mesmo, Jasão olhou para sua esquerda e viu que a ordenada fila de vinte havia se transformado em um caos e que já havia vários homens caídos no chão.

Jasão ouviu um palavrão ao seu lado e algo quente salpicou seu pescoço. Ao olhar para a direita, viu que uma seta certa havia passado pelo visor de Antioco. O marmorista deixou cair ambos os braços e desabou de bruços como um pedaço de pano, partindo a haste da flecha com seu peso. Não mais poderia gravar as lápides dos outros.

Um cavaleiro persa se afastou do círculo de atacantes, aproximou-se a menos de dez metros dos hoplitas e apontou seu arco para Jasão. Este viu a flecha vindo para seu rosto e desviou a cabeça por reflexo. O projétil roçou seu elmo com um desagradável som metálico. “Filho da mãe!”, murmurou o comerciante, e para seu prazer viu o cavalo tropeçar e cair. Terâmenes, que continuava ajoelhado, levantou-se e correu para o persa brandindo a lança acima da cabeça. Vários homens o seguiram.

— Não! — gritou Amônio. — Não abandoneis a formação!

Mas sua ordem foi em vão. Era mais fácil combater o medo mexendo-se que resistindo no lugar, e o próprio Jasão comprovou que suas pernas o levavam por si mesmas para o inimigo caído. Quando parecia que os erétrios iam fazer sua primeira vítima, o cavalo se levantou de uma vez e o cavaleiro saltou sobre seu lombo. Após se esquivar da lança de Terâmenes por menos de dois palmos, o persa se afastou gargalhando. O perfumista ficou um momento xingando, e ao levantar o braço direito uma flecha se cravou debaixo de sua axila. Jasão, levado pela inércia da corrida, parou ao seu lado e tentou cobrir com seu escudo o companheiro ferido.

Nesse momento, um enorme vulto negro e dourado surgiu dentre a nuvem de pó. Jasão se voltou por instinto e interpôs o escudo quando os cascos dianteiros do cavalo se precipitaram sobre ele. As tábuas de carvalho resistiram, mas seu ombro se desconjuntou com um doloroso estalo, e Jasão caiu de costas.

Na fresta do visor apareceu a cabeça de seu atacante, recortando-se contra o céu, tão alto e inalcançável quanto Zeus em seu trono. Por um segundo, Jasão pensou que era uma estátua de metal dotada de vida, mas logo notou que o persa usava uma máscara de ouro com um enigmático sorriso entalhado. Por cima do elmo pontudo, ondulava um estandarte com um sol alado.

— *Mariya, dushmartiya!*

Uma sombra escura tampou seu visor, e Jasão compreendeu que, na realidade, as asas do estandarte pertenciam às Queres¹⁸. Os pássaros da morte haviam ido buscar sua alma.

Apolônia queria correr, mas nem seus pulmões nem seus pés lhe permitiam. Já estavam na planície de Lelanto, atravessando uns campos ceifados que esperariam em vão a sementeira outonal. À direita havia pomares de figueiras e vinhedos que haviam ficado sem colheita. Mnesiptólema choramingava dizendo que estava com fome e sede. Ao passar por uma cerca meio derrubada, Apolônia esticou o braço e arrancou uns cachos. Depois, como um pássaro alimentando sua cria, tirou as sementes das uvas com sua própria boca e deu a polpa a Nesi.

— Onde está papai? — perguntou a menina.

— Ficou para trás porque não consegue andar tão rápido como nós — respondeu Apolônia com um nó na garganta. — Viste como somos rápidas?

Mas não deviam ser tanto, porque nesse momento Arges as alcançou, arfante e suado. Ao ouvir que os persas estavam atrás deles, Apolônia se voltou para trás. Por ora não se viam os bárbaros; apenas a penosa coluna de marcha que os fugitivos formavam, com vãos cada vez mais amplos entre cada grupo. Contudo, por cima de sua cabeça continuava pairando a nuvem de pó, e agora entre os relinchos dos cavalos ouviam-se também gritos confusos.

— Vede! Barcos! — gritou Zósima, esposa do perfumista, apontando para frente.

Ali, à frente de um cabo que se projetava para o sudoeste, uma fileira de navios desfilava rumo ao continente.

— Devem ser os atenienses — disse Arges. — Temos de nos apressar antes que zarpem.

Embora todos estivessem exaustos, apertaram o passo. Logo desceram uma pequena ladeira, e diante deles se abriu uma baía de águas transparentes e areias brancas. Ainda havia fundeados cinco navios de transporte de cascos negros, redondos e bojudos, e dois navios de guerra com as popas varadas na praia. Um era um alongado *pentecoters* metálico e o outro uma trirreme pintada de azul, com dois olhos enormes na proa. Sobre as velas de ambos os barcos ondulavam galhardetes com a coruja de Palas Atena. Apolônia deu graças à deusa, pediu de novo sua proteção e, esquecendo as feridas e bolhas dos pés, correu diretamente para a trirreme.

Na frente de cada navio, havia grupos de gente em fila para subir a bordo. Diante da trirreme aguardavam umas quarenta pessoas entre homens, mulheres e crianças. Traziam consigo ovelhas e cabras, mulas e alguns bois. As carroças haviam ficado abandonadas junto à margem, e as posses que carregavam agora pendiam de grandes cestos dos ombros dos colonos, ou se equilibravam em aparatosos fardos na cabeça de suas mulheres.

— Aonde pensas que vais?

Apolônia, que quase havia chegado à escadinha da trirreme, voltou-se. Uma mulherona com ombros de estivador a olhava com as mãos na cintura.

Apolônia ficou um instante sem saber o que dizer. Alegrou-se tanto ao ver os navios que nem por um segundo lhe havia passado pela cabeça a possibilidade de que não houvesse lugar neles.

— Estamos fugindo dos persas. Temos de nos apressar, não tardarão a chegar.

— Temos? Quem és tu para nos dar ordens? — disse a mulher.

Seu marido, um homenzinho de aspecto tímido, aproximou-se dela e segurou seu braço murmurando alguma coisa, mas a mulher se livrou dele dizendo:

— Tu não te metas nisto.

— Sois atenienses? — perguntou Apolônia.

— E de onde mais seríamos?

— Então, tendes de nos ajudar. Vós nos prometestes!

— Eu não me lembro de ter te prometido nada, tesouro.

Apolônia apontou para as colunas de fumaça negra que se levantavam ao leste e que a brisa levava terra adentro, para a montanha.

— Essa era nossa cidade. Os persas a queimaram enquanto esperávamos vossa ajuda. Não podeis nos abandonar agora!

— Pois se não tens cidade — interveio outro colono —, que vens reclamar agora?

Apolônia olhou em volta, desesperada. Os outros fugitivos erétrios haviam se distribuído pelas diversas filas, e em todas elas encontravam o mesmo problema.

— Que diabos está acontecendo aqui?

Apolônia se voltou para a escadinha que subia junto ao cadaste. Por ela descia um homem jovem e alto, vestindo uma reluzente armadura cujo entalhe representava um leão. Era seguido por outro soldado e um marinheiro que fazia anotações com um punção em uma tabuleta de cera.

— Estamos fugindo dos persas — disse Apolônia. — Tendes de nos ajudar!

O ateniense parou diante dela com as mãos cruzadas às costas. Apolônia calculou que não devia ter muito mais de vinte anos, contudo exalava uma aura de segurança imprópria para alguém tão jovem. Talvez tivesse a ver com sua aparência atraente. Possuía traços perfeitos e um aspecto digno de Apolo¹⁹, de ombros largos e quadrados, cintura estreita e pernas longas e musculosas. Usava barba muito recortada, e seu cabelo caía em longas tranças negras sobre os ombros. Mas o olhar de seus olhos cinza era frio como o mar sob um céu fechado.

— Sois de Erétria? — perguntou.

— Sim — respondeu Apolônia. — Quem sabe se não somos os únicos sobreviventes de nossa cidade. Tirai-nos daqui, por favor!

— Lamento, mulher, mas não temos lugar.

— Por favor — disse Apolônia, estendendo a menina em gesto suplicante. —

Senhor, sejas quem fores, não permitas que caiamos nas mãos dos persas.

— Meu nome é Címon, filho de Milcíades — respondeu o jovem em tom orgulhoso, enquanto pegava a menina sem muito jeito e a examinava como se fosse um filhote de cachorro. — Lamento por tua cidade. Mas, como já te disse, não temos lugar nos barcos.

Apolônia se voltou apontando para os outros erétrios, que aguardavam expectantes o resultado daquela negociação.

— Olha para nós, filho de Milcíades. Se tanto, somos cem pessoas. Será que não podeis acomodar quinze ou vinte passageiros a mais por barco? Será por muito pouco tempo. Até a outra margem não há mais de vinte estádios — argumentou apontando para o continente, que parecia ao mesmo tempo próximo e tão inalcançável quanto a morada dos deuses.

Címon franziu o cenho, pensativo. Nesse momento, Mnesiptólema começou a chorar. Em vez de devolvê-la à mãe, o jovem a levantou acima de sua cabeça e começou a sacudi-la, acreditando, talvez, que assim a acalmaria; mas a menina não via graça na altura, e gritou mais forte. Enquanto isso, os outros fugitivos erétrios haviam se somado ao coro de súplicas e discutiam com os colonos. Naquela balbúrdia, gesticulavam tanto que as mãos de uns e outros já se tocavam, como se a qualquer momento fosse explodir uma briga, e Apolônia, por mais que pedisse ao jovem ateniense que lhe devolvesse sua filha, não conseguia se fazer ouvir.

O som estridente e prolongado de um trompete ecoou na coberta da trirreme. Todo mundo se calou e ficou olhando para o navio de guerra. Pela escadinha descia outro homem, coberto por uma armadura de linho branco com filetes vermelhos e reforçada com placas de metal. O oficial se aproximou de Címon e estendeu os braços.

— Deixa-me pegar esta criatura.

O jovem lhe passou Nesi. O recém-chegado tomou-a com desenvoltura e certa delicadeza. A menina devia ter visto nele algo que a fez confiar, porque se agarrou ao seu pescoço e parou de chorar.

— Como fizeste isso? — perguntou Címon.

— Fácil. Tendo quatro filhos.

O oficial passou ao lado do jovem, que se afastou um pouco. Antes de deixar a menina no colo da mãe, acariciou-lhe a ponta do nariz com o dedo e sorriu. Apolônia gostou do agrado. A maioria dos homens limitava seus afagos a beliscar com força as bochechas da criança, como se pensassem que aquilo agradava a ela ou à sua mãe.

Apolônia respirou fundo para controlar sua voz e disse:

— Obrigada, senhor. És tu quem está no comando destes barcos?

Ele assentiu.

— Sou taxiarca da tribo Leôntide. Vim evacuar os colonos de Atenas por

ordem do colégio de generais.

Aquele homem, que devia ter entre trinta e quarenta anos, não era tão alto quanto Cimon, e, embora fosse magro, também não tinha tão bom porte. Mas Apolônia gostou de seus traços. Tinha um nariz fino e um tanto aquilino, lábios carnudos e, acima de tudo, uns olhos grandes e escuros que entre uma piscada e outra pareciam absorver tudo.

— Tendes que nos tirar de Eubeia — disse Apolônia tentando manter baixo o tom de sua voz. Algo lhe dizia que com aquele homem valiam mais os argumentos que os gritos e o pranto. — Se nos deixares aqui, cairemos nas mãos dos bárbaros e nos matarão ou nos transformarão em escravas.

O taxiarca pestanejou por fim com certa languidez. A jovem intuiu que sob esse rosto e esses olhos convivia ao mesmo tempo um intelecto frio e uma apaixonada sensualidade. Estava tão perto dela que sentiu o odor de seu perfume, uma mistura sutil na qual se percebia uma pitada de mirra e também de açafraão. Sentiu seu umbigo se encolher e notou que, pela primeira vez em muitas horas, não era de medo.

Por Hera, que estou pensando?, censurou-se. Seu marido devia estar morto já; e ela, enquanto isso, atrevia-se a sustentar o olhar daquele homem.

— Não ficareis aqui. — O taxiarca se voltou para o marinheiro que portava a tabuleta e o punção. — Por favor, Grilo, tenta encontrar lugar para esta gente o quanto antes. Essa poeirada aí está cada vez mais perto.

— Como vamos colocar todos nos barcos? — queixou-se a mulher de ombros largos. — Tu mesmo nos disseste que o lugar estava cheio.

— Muito simples — replicou o taxiarca sem perder a calma. — Todos os animais ficam aqui.

— Como? — disse o marido em um queixume. — Se abandonar meus bois aqui, deixarei de ser um hoplita e voltarei a ser um mísero boia-fria da quarta classe!

Uma centelha de fúria brilhou nos olhos do taxiarca, mas ele logo a dominou e respondeu com voz calma.

— Assim funciona a vontade dos deuses, amigo.

Os outros colonos começaram a protestar e ameaçaram denunciar o oficial assim que chegassem a Atenas se os privasse de suas posses. Ele franziu o cenho; era evidente que se preocupava que o levassem a julgamento.

— Podemos pagar por esses bois — disse Apolônia. — Temos dinheiro!

— Não é boa ideia anunciar isso, senhora — sussurrou Arges.

— Ninguém vos roubará — disse o taxiarca, que devia ter um ouvido muito fino. — Escutastes? — perguntou dirigindo-se aos clerucos. — Recebereis pagamento por vossos animais. Quando chegardes a Atenas, podereis comprar outros, e vos restará a satisfação de não ter abandonado estas pessoas na adversidade.

A mulher, que liderava todo o grupo, pediu cinquenta dracmas por cada boi. O taxiarca lhe respondeu que teriam de se conformar com trinta e cinco, que era o preço que se estava pagando na Ática, e daí para baixo com os outros animais. A mulher praguejou e amaldiçoou, mas ele balançou a cabeça, imperturbável.

Apolônia ouviu cascos de cavalo às suas costas e se voltou alarmada. Mas não eram os bárbaros, mas sim dois exploradores gregos montados.

— Um esquadrão de cavaleiros persas se aproxima, Temístocles! — gritou um dos cavaleiros.

— Quantos são?

— Mais de cinquenta e menos de cem!

Temístocles! O coração de Apolônia se acelerou ainda mais ao dar-se conta de que aquele homem era o próximo de seu esposo, e de que Atena soubera guiar seus passos até ele.

Temístocles se voltou para o ecônomo de sua trirreme e lhe ordenou que acelerasse o embarque.

— Faça todo mundo subir agora mesmo, Grilo. As contas se acertarão depois.

— Temos homens suficientes para enfrentar os persas — protestou Címon.

— E pouco tempo para formá-los. É muito mais prático pôr o oceano entre nós. Vamos, meu jovem leão — disse o taxiarca apertando-lhe o braço. — Terás muitos dias para combater.

No sorteio, coube a Apolônia e seus criados embarcar na trirreme. A coberta, duas longas plataformas montadas sobre o turco onde vogava a última bancada de remadores, estava lotada. Os passageiros tinham de se sentar e se segurar como bem podiam, pois não havia bordas; os respingos de água haviam deixado a madeira escorregadia, e qualquer chacoalhão podia arremessar seus ossos ao mar. Os refugiados erétrios tiveram de descer para o porão, onde normalmente ficavam os bancos das duas filas inferiores de remadores; agora os haviam desmontado para fazer lugar. De baixo subia uma mistura de fedores: água parada, suor rançoso, urina, gordura de ovelha que usavam para lubrificar os remos e impermeabilizar as correias dos toletes. O estômago de Apolônia se revirou.

— Cheira mal, mamãe — queixou-se Mnesiptólema tampando o nariz.

Para retardar a descida ao porão, Apolônia aproveitou que o taxiarca passava ao seu lado e lhe perguntou:

— Tu és o Temístocles que eu penso, o filho de Néocles?

— Sim. Por quê?

— Eu sou esposa de Jasão, filho de Euforbo.

Temístocles arregalou os olhos um instante, surpreso. Mas logo reagiu.

— Onde está teu marido, Apolônia?

Ela se sentiu lisonjeada por Temístocles saber seu nome. Sem dúvida, Jasão lhe havia falado dela.

— Alinhou-se com os outros cidadãos para deter os persas e ganhar tempo.

Temístocles baixou a cabeça e mordeu os lábios; mas logo tornou a olhar nos olhos de Apolônia.

— Jasão foi valente. Não há nada mais honroso que entregar a vida pelos teus.

— Queres dizer que...

O ateniense, com uma expressão de tristeza, apontou terra adentro. A nuvem de pó já havia tomado forma, transformando-se em uma tropa a cavalo que cavalgava para a baía entre gritos e relinchos. Jasão, Amônio e os outros hoplitas haviam detido os persas pelo tempo exato para que suas famílias embarcassem.

Bendita Palas Atena, que sua morte tenha sido rápida, rogou Apolônia, tentando espantar as imagens de prisioneiros torturados que lhe vinham à cabeça.

A *pentecoters* metálica já se afastava da margem e os barcos de transporte haviam içado âncoras. Só restava a trirreme varada. Alguns marinheiros a empurraram com alavancas até desencalhar a popa, e depois subiram a bordo segurando-se em uns cabos com nós. O chefe dos remadores deu uma ordem, e estes cravaram as pás. O navio, que normalmente levava o triplo de tripulação, moveu-se entre rangidos preguiçosos, mas, pouco a pouco, afastou-se da margem.

Os olhos de Apolônia se embaçaram pensando em sua casa, em sua cidade queimada, nos túmulos de seus pais. Em Jasão, a quem nem sequer poderia enterrar. Tudo ficava para trás, perdido naquela ilha. Mas apertou com mais força sua filha e se preparou para descer ao porão com os outros.

— Não — disse Temístocles. — Fica aqui na cobertura. A partir de agora, tu e os teus estais sob minha proteção.

— Obrigada, senhor.

— Não me chames assim, eu te peço. Teu esposo era um bom amigo. Eu te prometo que não vos faltará nada, Apolônia, e quando chegar o momento, eu darei um dote a tua filha como teria feito seu pai.

Ao ver que Temístocles acariciava os cachos de Nesi, Apolônia se deixou levar por um impulso; tomou-lhe a mão e a beijou. Os dedos de Temístocles eram longos e finos e cheiravam a óleo de amêndoa. Ficou surpresa ao notar que tinha calos na palma da mão, pois não parecia homem que precisasse trabalhar para ganhar o pão.

— Vais gostar de Arquipa, minha esposa — acrescentou Temístocles um tanto abalado pelo gesto da jovem.

Aquelas palavras caíram coma água fria sobre Apolônia. De modo que tinha esposa. Claro, havia dito antes que tinha quatro filhos. *Como podes pensar nisso agora?*, censurou-se. Mas outra voz interior lhe disse que não era tão ruim. Acabava de ficar viúva. Fazia anos que era órfã e não tinha irmãos; e se os tivesse, certamente agora estariam mortos ou em poder dos persas. Quem podia recriminá-la por buscar um protetor legal para ela e sua filha?

Um protetor legal, sim. Um companheiro de cama, não, cantarolou uma terceira vozinha.

Arges, que havia ficado com ela na popa, perguntou ao taxiarca:

— Por que não fostes nos ajudar? Ficamos esperando reforços de Atenas até o último momento.

Apolônia temeu que Temístocles respondesse com rispidez ao escravo que se atrevia a se dirigir a ele com tanto descaro. Mas o taxiarca olhou no rosto de Arges e, sem pestanejar nem alterar o tom, respondeu:

— Já disse antes. Foi decisão do colégio dos generais, por sugestão de Milcíades, pai de Címon. — Temístocles apontou para o jovem bonito que estava na proa falando com outro soldado. Depois, voltou-se para Apolônia e acrescentou: — Sinto muito pelo que aconteceu com tua cidade. Mas, agora, tenho de lutar para que não ocorra o mesmo com a minha.

Os persas haviam chegado à praia, e a maioria freou seus animais na beira d'água. Mas, um deles, que montava um enorme corcel negro carregado de metal, fez que seu animal entrasse na água até as canelas, tirou uma flecha da aljava pendurada no flanco do cavalo e retesou o arco.

— Usa uma máscara — murmurou Temístocles.

Apolônia não chegava a ver tanto, mas havia notado um brilho estranho no rosto do cavaleiro, como se estivesse pintado de ouro. O persa soltou a corda e o projétil sibilou no ar. Apolônia e Arges se agacharam atrás da popa, enquanto os outros tripulantes, inclusive o piloto, se agachavam como podiam. O único que não se moveu foi Temístocles. Somente quando ouviu o surdo impacto da flecha na madeira, Apolônia deixou Nesi no colo de seu escravo e se atreveu a se assomar.

O ateniense continuava apoiado na borda do cadaste. Uma flecha estava cravada entre suas mãos. A pena preta de sua haste ainda vibrava.

— Tornaremos a nos ver, persa — disse Temístocles com a vista fixa na margem. — Não a tiro de arco, mas sim de lança.

De outra pessoa aquelas palavras teriam lhe parecido arrogância, mas Apolônia pensou que, se Temístocles o havia dito, sua ameaça se cumpriria. *Com este homem minha filha estará segura,* pensou.

A frase seguinte, não a pensou, mas sim a sentiu no ventre, e scandalizou-se por isso. Pois se seu ventre pudesse falar, teria dito algo como: *e os filhos que terás com ele também estarão seguros.*

ATENAS, 2 DE SETEMBRO

— Clístenes está morrendo.

A notícia que lhe trazia Mnesífilo representou um dilema para Temístocles. Já estava pronto para ir à assembleia. Embora ainda não houvesse amanhecido, gostava de ser um dos primeiros a chegar à colina Pnix para saber da ordem do

dia e também das fofocas que corriam entre os mais madrugadores. Sabia que quando o Sol se levantasse faria calor, mas havia vestido sobre a túnica um manto muito fino de lã de Alepo. Se tivesse de tomar a palavra para explicar ao povo ateniense o que havia visto em Eubeia, queria estar elegante, e nada realçava mais as palavras de um orador que um manto bem recolhido no braço esquerdo.

— Não passará de hoje — acrescentou seu amigo lendo suas dúvidas em seu semblante.

Temístocles avaliou suas opções. A assembleia desse dia seria, talvez, a de mais público da história de Atenas. Sem dúvida, Milcíades a lideraria, pois conhecia de sobra os persas e até o Grande Rei, e sua experiência era imprescindível para enfrentar a invasão. Mas também haveria oportunidades para que outros oradores, como Temístocles, ganhassem prestígio perante os cidadãos.

Por outro lado, não podia deixar que Clístenes morresse em seu retiro de Salamina sem ir vê-lo. O velho era avô materno de sua esposa, Arquipa, mas o vínculo que os unia era mais antigo e mais estreito que o matrimonial. Quando Temístocles era um efebo que ainda não havia empunhado as armas pela primeira vez, Clístenes começara a cultivar sua amizade, até tal ponto que muitos pensaram que eram amantes. No entanto, não fora a beleza de Temístocles que atraíra o grande estadista, pois na palestra havia garotos mais belos e que exibiam sem nenhum pudor seus corpos atléticos e brilhantes de óleo. O que lhe havia chamado a atenção fora sua inteligência, seus dotes de observação e seu talento para estudar as situações e prever o futuro. Ele mesmo havia confessado que via em Temístocles uma cópia de si mesmo quando era jovem. Por isso, decidira adestrá-lo na política, para se assegurar de que, quando ele próprio morresse, alguém daria continuidade a seu trabalho e não deixaria que Atenas tornasse a cair nas mãos de uma tirania ou se dessangrasse nas lutas fratricidas das facções aristocráticas.

— Irei vê-lo — decidiu Temístocles tirando o manto.

— Faltarás à assembleia?

— Com certeza Milcíades é capaz de convencer o povo a não se render aos persas.

Temístocles escolheu uma capa mais confortável e, a seguir, ordenou a um escravo:

— Por favor, acorda Sicino e diz a ele que venha o mais rápido possível.

— Para que queres o persa? — perguntou-lhe Mnesífilo. — Sei que Sicino é mais difícil de matar que Sísifo²⁰, mas não creio que possa contagiá-lo sua sorte a Clístenes. Garantiram-me que está nas últimas.

— Desta vez não me interessa sua sorte, mas sim seus punhos — respondeu Temístocles. — Receio que o Pireu não seja exatamente um lugar muito

tranquilo.

Fobos havia chegado à cidade quase junto com Temístocles. E o Medo, aquele filho do deus da guerra, sempre deixava distúrbios e violência em seu rastro.

Na véspera, quando se aproximavam de Atenas, fogueiras haviam começado a ser acesas nos cumes do monte Pentélico. Temístocles ainda estava decifrando a mensagem que transmitiam as almenaras quando um mensageiro a cavalo os ultrapassou com tanta pressa que tiveram de sair do caminho para que não os atropelasse. Ao lhe perguntar por sua missão, o mensageiro se voltou um instante no lombo do cavalo para dizer:

— Os persas desembarcaram em Maratona!

A seguir, conforme avançava a tarde, seu passo havia sido entorpecido pelas colunas de caminhantes que confluíam para a cidade de todos os demos da região: Afidnes, Deceleia, Hécale, Pedonas, Icária, e também da própria Maratona e Ramnunte, ocupadas pelos persas. Todos os cidadãos atenienses estavam convocados, desde os recantos mais afastados da Ática, para uma assembleia que seria celebrada ao amanhecer seguinte na colina da Pnix, dentro da cidade. Não era uma *ekklesia* normal para tratar de assuntos rotineiros, mas sim uma mobilização geral. Todos levavam suas armas, fosse às suas costas ou às de seus escravos, ou no lombo de suas mulas. Alguns vinham acompanhados pela família, ao passo que outros as haviam enviado às alturas do Parnaso ou do próprio Pentélico, mais confiantes na proteção que podiam oferecer as montanhas que nas vetustas e estreitas muralhas de Atenas.

O humor que reinava no caminho era lúgubre. Muitos andavam com os ombros caídos e o olhar perdido em algum ponto do negro futuro. As conversas eram sussurros, como se temessem que o vento as pudesse arrastar até Maratona, até os ouvidos dos persas. Quando as pessoas que iam à cidade souberam que a comitiva de mulheres, crianças, idosos e escravos que acompanhava Temístocles era de sobreviventes de Erétria, acossaram-nos com perguntas, e as respostas só contribuíram para apertar ainda mais o coração daquela gente.

Os ânimos se exaltaram um pouco quando apareceram no caminho os cidadãos de Acarnas. Em vez de deixar que cada um andasse por sua conta, seu chefe de demo os havia reunido para se dirigirem juntos a Atenas, e agora desfilavam marciais brandindo suas lanças e entoando cantos bélicos e obscenos nas mesmas proporções. Os acarnienses contribuíram com quinhentos hoplitas que tinham fama de ser os mais aguerridos da Ática, e também os mais fanfarrões. Temístocles havia pagado um bom dinheiro para recrutá-los para as filas de sua tribo. Mas eles tinham um bom chefe, Milcíades, general da tribo Eneia, que, embora não fosse acarniense, parecia-se com eles na fanfarrice.

Temístocles, que guardava um ábaco em sua cabeça, sabia que os atenienses,

sem recorrer aos recrutas novatos nem aos veteranos de mais de cinquenta anos, podiam mobilizar quase dez mil hoplitas. Para outras cidades gregas, tratava-se de um número impressionante. Nem mesmo os espartanos podiam igualá-lo, a não ser que se unissem a eles os periecos, aliados forçosos que moravam perto de sua cidade.

Mas, pelas notícias que havia recebido e os comentários dos refugiados, era inquestionável que os persas superavam em muito esse número. Alguns afirmavam que haviam chegado com duzentos mil homens. Temístocles sabia que esse número era impossível, pois nem o astuto Hermes²¹, senhor dos comerciantes, poderia ter solucionado os problemas de logística de um contingente tão numeroso. Mas muito se temia que os soldados persas fossem o dobro ou até mesmo o triplo dos hoplitas que Atenas podia lhes opor no campo de batalha.

Ao se aproximar de Atenas, haviam se juntado a eles os que vinham dos demos de Palene e de Colargo. Assim, quando o Sol caía por trás dos cumes do monte Parnaso e chegaram à cidade, faziam parte de uma longa corrente humana. Naquele momento, Temístocles havia analisado a expressão de Apolônia. A jovem viúva de Jasão parecia decepcionada.

— Esperavas que Atenas fosse maior? — perguntou-lhe.

Ela sorriu timidamente, mas não evitou seu olhar.

— Pensei que seria quatro ou cinco vezes maior que Erétria, na verdade. E... esperava que fosse mais limpa.

Certamente Apolônia havia imaginado uma capital mais impressionante, sem suspeitar que a maioria da população da Ática vivia dispersa em seus cento e quarenta demos. Temístocles podia entender sua decepção enquanto percorriam aquelas ruas tortuosas e empoeiradas. Em alguns pontos eram tão estreitas que os cidadãos tinham de avisar com uns golpes antes de sair de casa para não arrebentar a cabeça do próximo ao abrir a porta. E isso porque o tirano Pisístrato, em seu afã de embelezar a capital, havia ditado umas ordenanças que proibiam construir as portas para fora, fazer balcões acima das ruas ou canaletas que vertessem a água para o exterior em vez de para os pátios internos. Havia inclusive organizado uma brigada de escravos públicos para que recolhessem os corpos dos mendigos que morriam na rua e os enterrassem extramuros. Mas, nos tempos agitados que se seguiram à queda de seu filho Hípias, as pessoas pareciam ter se esquecido daquelas normas e a cidade voltara a crescer de forma anárquica.

— A única coisa que vale a pena que vejas no *asty* — disse Temístocles, usando o termo que os atenienses costumavam utilizar para a capital — é a Acrópole. Nem mesmo a ágora é grande coisa, afora o monumento aos Dez Heróis das tribos.

Ao ver que em vez de cruzar a porta de Acarnas desviavam para a direita a

fim de entrar no bairro de Melita, onde Temístocles tinha sua casa, a jovem havia lhe perguntado:

— Não vamos entrar na muralha?

Embora tentasse disfarçar, havia certo alarme em seus olhos. Acostumada como devia estar a viver sob a proteção das sólidas fortificações de Erétria, Temístocles não estranhou.

Ele mesmo pensava que se devia construir uma muralha que abarcasse todos os subúrbios que foram se fundindo ao núcleo da cidade. Além disso, tinha de ser uma muralha de boas condições, levantada com bons silhares de rocha lavrada, e não com terra e tijolos cozidos ao sol. A que tinham contornava apenas a ágora, a Acrópole, o areópago e as áreas aldeãs. Além do mais, alguns trechos estavam destruídos havia décadas e tinham sido reparados de forma desleixada, com paliçadas de troncos. Evidentemente, não resistiria aos embates das máquinas persas. Para não dizer que, por mais que as lotassem, era impossível refugiar ali sequer a quarta parte das cento e cinquenta mil pessoas que habitavam a Ática.

Mesmo assim, Temístocles havia olhado nos olhos de Apolônia para lhe assegurar:

— Fica tranquila. Não deixarei que os persas tornem a fazer mal aos teus.

No dia seguinte, enquanto descia pelo caminho que levava ao Pireu, Temístocles voltou a vista atrás e pensou de novo na muralha e na promessa que havia feito a Apolônia. A Acrópole, com seus penhascos de rocha calíça que se erguiam cinquenta metros acima da planície, parecia inexpugnável. Mas o resto da cidade lhe parecia tão vulnerável e frágil quanto os castelos de areia que construía quando menino na Praia de Falero.

— Sei o que estás pensando — disse Mnesífilo. — Mas, por mais sólida que seja uma muralha, sempre há um traidor disposto a abrir suas portas. Olha o que aconteceu com os erétrios.

— Não é necessário que me recordes — respondeu Temístocles. — Aqui em Atenas temos traidores de sobra. Quem sabe quanto ouro persa se esconderá nos depósitos e nos porões da cidade?

Desciam ao Pireu em dois cavalos do próprio Temístocles e uma mula que um vizinho lhes havia emprestado. Não era uma caminhada muito cansativa, pouco mais de uma hora a passo rápido. Temístocles era pouco amigo de montar a cavalo quando o povo o podia ver, pois não queria que o relacionassem com os nobres. Mas havia pegado os animais por medo de se atrasar e não chegar a Salamina a tempo de ver Clístenes vivo.

No caminho, cruzaram com grupos de cidadãos que subiam à cidade para participar da assembleia, e que os olhavam com expressão de estranheza. Temístocles era bastante conhecido e as pessoas se surpreendiam de vê-lo indo em direção contrária a eles, afastando-se do lugar onde estava em jogo o cerne

da política.

Mas havia mais alguém que seguia seus passos. Ao ouvir o som de pés às suas costas, Temístocles se voltou. Um mensageiro corria atrás deles. Embora os cavalos trotassem de modo ligeiro, não tardou a alcançá-los. Temístocles lhe perguntou:

— Aonde vais tão cedo, Fidípides?

Nunca havia falado com o hemeródromo, mas o conhecia de vista, havia perguntado por ele e recordava seu nome e alguns dados pessoais, do mesmo modo que de vários milhares de cidadãos. Havia comprovado que o nome era uma das posses mais importantes de cada pessoa, a tal ponto que pagavam uma boa soma aos lapidários para que o inscrevessem em suas lápides funerárias e o levavam, assim, além da morte. Para a memória quase perfeita de Temístocles, um enorme armazém mental organizado em ânforas e estantes com lacres de cera, não era um grande esforço gravar juntos nomes e rostos. Havia comprovado que isso lhe angariava muito apoio das pessoas. Acima de tudo dos membros do povo, que desejavam se sentir tão importantes quanto os nobres.

— Vou a Esparta! — respondeu o mensageiro, que já havia chegado à altura de Temístocles. Corria sem esforço aparente, levantando bem os joelhos e pousando os pés com tanta leveza que mal se ouviam seus passos. Era um homem muito magro, de pernas tão finas que ao vê-lo dava vontade de lhe oferecer uma esmola.

— E que mensagem levas aos espartanos, se é que te posso perguntar?

— Que venham nos ajudar, como nos prometeram em seu tratado.

— Pretendes seguir com esse passo tão rápido, amigo? — perguntou Mnesífilo.

— Não achas que te cansarás bastante antes de chegar a Mégara?

Como única resposta, o mensageiro bufou e acelerou a marcha, deixando-os para trás. Temístocles soltou uma gargalhada. Fidípides tinha fama de ser homem de poucos amigos, mas não havia outro corredor com tanta resistência quanto ele. Poderia ter sido campeão olímpico, não fosse porque a corrida mais longa nos jogos era de vinte estádios e curta demais para ele.

O Pireu era um ferredouro de rumores e de gente. Para piorar, as moscas que o infestavam pareciam contagiadas pela chegada de Fobos e estavam mais irritantes que nunca. Com bastante dificuldade, conseguiram abrir caminho entre as pessoas que abarrotavam os acessos ao porto de Cântaro e chegar até a mesa de Xenocles, o banqueiro. Xenocles, embora usasse esse nome grego, era, na realidade, um judeu que trabalhava como sócio de Temístocles em alguns negócios e como testa de ferro em outros. Pois para as ambições políticas de Temístocles não era em absoluto conveniente que fosse conhecido abertamente como banqueiro e fretador.

— É a loucura — disse Xenocles. — Todo mundo quer fugir da cidade. Só se

fala de empalações e orelhas cortadas. — Fez uma pausa para esmagar uma mosca em cima da mesa e sacudir as mãos. A seguir, acrescentou em aramaico, língua na qual ele mesmo havia instruído Temístocles: — Mas isso não pode ser verdade. Os persas não são tão bárbaros como vós dizeis.

Xenocles falava assim porque sentia uma admiração mal disfarçada pelos persas. Ciro, o fundador do império, havia libertado os judeus que havia cinquenta anos viviam deportados na Babilônia, o que lhe havia valido o agradecimento eterno de seu povo.

— Pode ser que normalmente não sejam tão cruéis — respondeu Temístocles —, mas agora estão muito irritados conosco.

— Devem ter suas razões. Não foi uma ideia muito brilhante matar seus embaixadores.

Os emissários de Dario haviam percorrido as cidades da Grécia pedindo a água e a terra rituais, símbolos de submissão ao Grande Rei. Os atenienses os haviam executado com o pretexto de que haviam profanado a língua grega ao utilizá-la para lhes exigir que renunciassem à sua liberdade. Os espartanos haviam perguntado aos embaixadores: “Então, quereis água?”, e os jogaram em um poço.

Ao que parecia, os persas não sabiam apreciar o humor negro dos lacedemônios.

— E tu, não pretendes partir? — perguntou Mnesifilo.

O judeu negou com a cabeça.

— Confio que vossos bravos soldados vão deter os invasores. E se não os detiverem — acrescentou com um sorriso velhaco —, os persas vão precisar de gente com quem fazer negócios.

Para o caso de as previsões mais pessimistas se cumprirem, Temístocles deu instruções ao banqueiro para que tirasse uma boa parte de seus fundos do Pireu e a levasse discretamente a Troezen. A seguir, dirigiu-se ao cais de Empório, o porto comercial.

Pouco mais de vinte metros separavam a mesa de Xenocles do embarcadouro, mas havia tanta gente empurrando para chegar ao cais que se tornaram tão longos quanto a procissão em homenagem a Palas Atena. Temístocles ordenou a Sicino que ficasse à frente, e ele e Mnesifilo aproveitaram o vão aberto pelos enormes ombros do persa, como um quebra-mar. Fazia tempo que Temístocles havia ordenado a seu escravo que ajeitasse a barba à moda grega e que trocasse as calças e a cafetã pela túnica sem mangas; se a multidão soubesse que Sicino era do mesmo povo que os invasores desembarcados em Maratona, teria-no despedaçado ali mesmo, a despeito de seus quase dois metros de altura e seus músculos.

Chegaram, por fim, à beira de um cais que pertencia a Temístocles. Um cordão de soldados continha a multidão que se aglomerava e pisoteava para

conseguir uma passagem em qualquer embarcação que abandonasse aquela cidade condenada. Sobre as tábuas via-se uma grande mancha de sangue ligada a um rastro escuro que levava até a beira d'água. Ao que parecia, alguém já não teria de temer a chegada dos persas.

Os soldados, que pertenciam à tribo Leôntide, abriram caminho para seu taxiarca. No cais havia dois navios de carga que já estavam lotados, e também uma pequena falua. O patrão desta devia a Temístocles vários favores, e também um pouco de dinheiro, de modo que, sem contemplações, expulsou uns macedônios que prometera levar a Egina e deixou que os dois atenienses e o escravo persa embarcassem.

Desatracaram em meio a insultos e praguejamentos em sírio, paflagônio, trácio, cário e outros vinte idiomas. Uma mulher de pele escura com aspecto de egípcia jogou-lhes uma pedra por cima do cordão de hoplitas com tanta pontaria que Mnesífilo teve de se agachar sob a borda para não ser acertado. Assomando a cabeça com cuidado, com medo de que tornasse a chover algum presente, comentou:

— Parece que os estrangeiros não apostam a nosso favor. Estão morrendo de medo.

— Eu também não apostaria em Atenas se estivesse na pele deles — replicou Temístocles, que continuava em pé, impassível diante dos insultos. — Mas se Fidípides for tão rápido quanto dizem e os espartanos chegarem a tempo, outro galo cantará.

— Quem te disse que os espartanos vão querer vir em nosso auxílio?

— Assinamos um tratado de defesa mútua com eles. Têm de honrá-lo.

— Surpreende-me que sejas tu, justamente tu, quem diz isso.

Temístocles se voltou para seu amigo. Seu sangue havia afluído às suas orelhas; por sorte, sabia que sua pele morena disfarçava o rubor.

— Por que dizes isso? — perguntou em voz baixa, olhando de soslaio para o patrão da falua e para os marinheiros que lidavam com o equipamento e os remos.

— Nós não ajudamos os erétrios — respondeu Mnesífilo dando de ombros. — Podemos esperar que outras cidades nos ajudem agora?

Temístocles sabia a que seu amigo se referia. Milcíades havia convencido os outros nove generais de que era perigoso ir em auxílio de Erétria, pois isso significava que as forças atenienses ficariam afastadas de sua cidade, do outro lado do estreito que separava a Ática de Eubeia. Nem sequer haviam atendido ao pedido dos erétrios, que solicitavam ao menos a ajuda dos colonos atenienses assentados na ilha. E assim, Atenas havia abandonado à sua sorte a aliada com quem uns anos antes havia compartilhado a aventura do assalto a Sardes.

Temístocles poderia jurar diante de quem fosse que o responsável por essa decisão havia sido Milcíades. Mas, a princípio, Milcíades não estava tão decidido

como aparentara na reunião. O próprio Temístocles lhe havia sugerido que deixassem os persas se desgastar tentando assaltar as sólidas muralhas de Erétria. Eles ganhariam tempo, e se Erétria caísse deixaria de ser uma potência competidora pelo domínio do mar. Pois Temístocles estava obcecado com a ideia de que Atenas é que devia ostentar a talassocracia, da qual apenas alguns anos antes os erétrios se orgulhavam.

— Disseram-me que acolhiste em tua casa uma mulher de Erétria e sua família. Ela sabe que foste tu quem...

— Não, e nunca deve saber — respondeu Temístocles em um murmúrio.

De repente, viu em sua mente a imagem das Fúrias com seus archotes, seus cabelos serpentinos e seus olhos em brasa dizendo: *Traíste teu próprio hóspede.*

As favas com as três Fúrias. Já tinha o suficiente pensando na ameaça dos persas.

— Pelo visto, é uma mulher bastante bonita — prosseguiu Mnesífilo. — O que Arquipa achou de tu tê-la levado para casa?

— Que haveria de achar? A casa é muito grande. Temos lugar de sobra — respondeu Temístocles. E era verdade, porque após nascer seu quarto filho havia comprado a casa vizinha à sua e derrubado parte do muro intermediário.

— Quem sabe se, como é tão grande, te perdes uma noite e acabas na alcova errada.

— Talvez Arquipa me agradeça — respondeu Temístocles com certo cinismo.

— Ela me disse que esta é sua última gravidez.

— Quatro filhos, e todos eles cabeçudos — comentou Mnesífilo. — Não te faltarão herdeiros, evidentemente, mas não gostarias que o quinto fosse uma menina?

Temístocles não respondeu, certo de que sua mulher daria à luz outro menino. Então, lembrou-se dos grandes olhos de Nesi, filha de Apolônia, de seus cachos dourados e de como havia abraçado seu pescoço com aqueles bracinhos mornos e tão gorduchinhos que tinham covinhas nos cotovelos, e de que sentira algo que era difícil de explicar.

Ou talvez a sensação tivesse mais a ver com as covinhas que se formavam na face da mãe quando sorria, mesmo que poucas vezes e com tristeza. Apolônia era uma mulher linda. Não tanto quanto Arquipa, mas havia algo mais quente nela. Por um momento, Temístocles fantasiou com a ideia de tomá-la como concubina. Havia esposas que aceitavam esse tipo de arranjo, pois as livravam de cumprir uma obrigação desagradável ou, passada certa idade e certo número de partos, muito arriscada.

Mas Arquipa, que por parte de mãe tinha sangue dos Alcmeônidas, não era dessas. Temístocles espantou a ideia, pois não era homem que perdesse tempo com pensamentos que não levavam a lugar nenhum, e ficou olhando o cais que abandonavam a bombordo.

Encontravam-se em Cântaro, um dos três portos naturais que, juntamente com Zea e Muníquia, formavam o Pireu. Os atenienses utilizavam, desde tempos imemoriais, a comprida praia de Falero como porto, mais ao leste. Mas, três anos atrás, Temístocles, que havia sido eleito magistrado epônimo, empenhou-se em convencer o povo a acondicionar e fortificar o Pireu, pois suas enseadas estavam mais resguardadas do vento e, se fechassem as entradas com quebra-mares e correntes, podiam torná-las inexpugnáveis.

A maioria dos arcontes epônimos se limitava a exercer o cargo às ordens do conselho e da assembleia; a única coisa que deixavam para a posteridade era o fato de emprestar seu nome ao ano. Mas Temístocles, que acabava de completar trinta anos, era muito inquieto e amante de novidades, o que os atenienses chamavam de *neochmós*, para se conformar com que se dissesse: “Isto aconteceu no ano do arcontado de Temístocles”. De modo que apresentou e defendeu pessoalmente perante o povo seu programa de reformas. Evidentemente, os nobres se opuseram a ele quase unanimemente, pois sua mentalidade de latifundiários detestava tudo o que tivesse a ver com o mar e o comércio naval.

Mas a fortuna sorriu para Temístocles por duas vezes. Em primeiro lugar, naquele ano o inverno foi muito seco, e depois a primavera chegou com uma série de geadas e chuva de granizo que acabaram com os campos de trigo e de cevada. A colheita resultou tão exígua que foi preciso importar o triplo de cereal que o habitual, o que reforçou Temístocles na defesa de uma política voltada para o mar. De quebra, deixou sem trabalho no campo um grande número de boias-frias. Estes, sem outra coisa para fazer, votaram a favor das obras do Pireu para participar delas e ter um salário para levar para casa.

O próprio Temístocles havia feito um bom negócio graças àquela carestia. A rebelião contra Dario representara um auge momentâneo do comércio com as cidades gregas da Ásia Menor, livres do jugo persa. Mas Temístocles, que após a morte de seu pai dirigia havia quase dez anos o negócio da família, intuiu que o vento não tardaria a mudar de direção e começou a tecer uma rede de contatos com a Itália e a Sicília, longe do Império Persa.

Assim, pois, no ano das geadas, quando os atenienses mais precisavam dos grãos que antes chegavam das vastas planícies ao norte do Ponto Euxino e das terras negras do Egito, encontraram-se privados deles. Os persas haviam voltado a controlar os estreitos que davam acesso a Ponto. O Egito estava proibido de enviar até mesmo um único saco de trigo a Atenas. A frota fenícia havia recebido ordem de atacar os navios mercantes gregos, a não ser que pertencessem a cidades que houvessem entregado água e terra ao Grande Rei.

Os navios que, graças a Temístocles, vinham carregados de cereais da Itália e da Sicília chegaram como uma bênção da deusa Deméter²² para Atenas. Temístocles se negou a especular com os grãos e inclusive denunciou os

monopolizadores que tentavam se coligar para arquitetar uma subida de preços. Não obstante, naquele verão ganhou uns bons talentos de prata.

O segundo golpe de sorte havia sido a aparição de Milcíades. O velho leão, que em outros tempos havia trabalhado para Dario, chegara a Atenas fugindo da ira de seu antigo senhor. Assim que chegou, Xantipo, o Pepino, acusou Milcíades perante o povo de ter agido como tirano nas terras que governava no estreito de Dardanelos. Temístocles se ofereceu como defensor conjunto para falar a favor de Milcíades, e, de quebra, subornou algumas pessoas-chave distribuídas pelo júri. Milcíades foi absolvido, e agora Temístocles tinha um valedor no clã dos Filaidas, um dos mais poderosos e antigos da nobreza ateniense.

Em troca, Xantipo havia renovado sua antiga inimizade com Temístocles, que já parecia esquecida. E como o Pepino era aparentado por matrimônio com os Alcmeônidas, também havia incitado a maioria do clã a se pôr contra ele, salvo Euforion o Nervos, seu velho amigo da escola de Fênix. O julgamento havia levado a discórdia ao próprio lar de Temístocles. Arquipa, que era prima e amiga íntima da mulher de Xantipo, enfureceu-se tanto com seu esposo por ajudar Milcíades que chegou ao extremo de trancar a porta de sua alcova para ele durante um ano.

O pior haviam sido as recriminações da própria mãe de Temístocles. Não por defender Milcíades, mas sim por não saber dominar Arquipa. “Como esperas governar uma cidade se não és capaz de fazer que tua própria esposa te obedeça?”, censurava-o. Coisa que tinha sua nota de ironia, pois jamais alguém havia governado Euterpe, incluindo seu falecido marido.

— Como se comportou o filhote do leão na viagem a Eubéia? — perguntou Mnesifilo, como se houvesse lido em sua mente que estava pensando em Milcíades e sua família.

— Címon? Bem. Para quem é de origem latifundiária, pelo menos sabe que não se deve cuspir a barlavento. Quando parar de se julgar a encarnação de Apolo, talvez se transforme em um bom militar.

— Na realidade, ele e o pai te desprezam. Sabes as coisas que andam dizendo de ti?

— Meu querido Mnesifilo, na Ática inteira não há nem uma gota de informação ou rumor que não chegue a meus ouvidos antes de sequer roçar os teus — replicou Temístocles. — Sei de sobra que Milcíades e seu filho creem que estão me usando em seu enfrentamento contra as demais casas eupátridas.

— E não é verdade? Eu diria que pai e filho estão tirando de ti o que querem.

— Digamos que nos usamos mutuamente.

— Mutuamente? Tu dás conselhos a Milcíades e ele leva todo o mérito.

Ou a culpa, disse Temístocles para si, pensando em como haviam abandonado os erétrios à sua sorte.

— Que Milcíades fique com a glória, se quiser — respondeu. — Para mim, o

importante é o poder. E o poder se exerce muito melhor nas sombras.

— A mim tu não convences, Temístocles, eu te conheço desde menino. Anseias a glória tanto ou mais que Milcíades.

Temístocles franziu o cenho. Mnesífilo tinha a virtude do cupim, que pouco a pouco perfura a casca do olmo até chegar a seu coração de madeira. Algumas vezes o teria mandado às favas, mas era amigo da família fazia muito tempo. Como pertencia à tribo Leôntide, tecnicamente estava sob suas ordens, visto que Temístocles havia sido designado taxiarca da tribo, segundo no comando abaixo do general. Mas Mnesífilo havia passado dos cinquenta, e a situação teria de ficar muito ruim para que empunhasse o escudo de hoplita.

Ruim?, corrigiu a si mesmo. *E pode ficar pior?*

Olhou de soslaio para seu amigo tentando imaginá-lo com a panóplia. Mnesífilo havia ganhado barriga, mais por flacidez dos músculos que por abuso de comida, e tinha os ombros caídos e as canelas finas e meio tortas. Para completar esse quadro tão pouco marcial, vestia seu velho manto cinza diretamente sobre o corpo e usava umas sandálias tão puídas que melhor seria que andasse descalço.

Embora suas terras lhe dessem uma renda de oitocentos dracmas anuais, mais que de sobra para um viúvo sem filhos, Mnesífilo desprezava todo luxo e ornamentação. Só se permitia a vaidade de recordar que era bisneto de Sólon, o grande legislador de Atenas e um dos sete sábios da Grécia. De fato, Mnesífilo era o único descendente vivo por linha masculina direta. De vez em quando surpreendia Temístocles contando-lhe algo novo sobre seu bisavô. A família havia conservado zelosamente os relatos de Sólon, um homem que viajara o mundo todo, conhecera as fabulosas riquezas do rei Cresos e subira o Nilo até a primeira catarata, e, além de tudo, escutara histórias sobre a glória e o poder dos antigos atlantes.

— A glória — repetiu Temístocles quase com ar de sonhador. — Sim, é verdade que a anseio. Mas não como esses eupátridas, que pretendem se embriagar com ela todos os dias, como se fosse vinho com água. Não, eu quero a glória só uma vez, no momento decisivo, por uma ação definitiva. Não desejo ganhar a fama como Aquiles, massacrando inimigos como um abatedor um dia após o outro sob as muralhas de Troia. Prefiro a de Ulisses, que com um único golpe de astúcia conseguiu tomar essas mesmas muralhas.

— Belo discurso. Mas recorda que Ulisses também pagou um preço. Dez anos vagando pelos mares, longe de sua pátria.

— Quando chegar o momento, saberei pagar o preço que me for cobrado.

Passavam agora diante dos arsenais situados na parte sul do porto. Ali, em longos galpões cobertos de telhas vermelhas, guardavam-se as trirremes fora da água, para que seus porosos cascos de madeira de pinheiro e de abeto escorressem a umidade. Mais além, no estaleiro, estavam sendo construídos três

navios de guerra; ou melhor, estiveram sendo construídos, pois agora os cidadãos livres que trabalhavam neles estavam reunidos na assembleia, e dos estrangeiros e escravos não se via nem rastro.

Temístocles se desesperava com a negligência com que os atenienses recebiam sua política marítima. Os eupátridas não faziam mais que boicotar suas propostas de construir mais navios. As obras do Pireu, que com tanto entusiasmo haviam sido empreendidas, agora andavam tão devagar quanto a mortalha que Penélope tecia para seu sogro.

Passaram junto a um cargueiro que ainda cheirava a peixe fresco. Recém-embreado, haviam-no lançado ao mar. De sua cobertura lotada, umas crianças os saudaram gargalhando. Agora que se julgavam a salvo do perigo, o rosto dos passageiros relaxava, muito diferente das máscaras de medo e ódio que se viam no cais.

— Se tivéssemos uma frota digna desse nome, isto não teria por que acontecer — disse Temístocles. — Não teríamos consentido que os persas profanassem nosso território. Nós os teríamos detido muito antes, quando se dedicavam a arrasar as Cíclades. Agora vamos ter de arriscar a sobrevivência em nosso próprio território contra um exército que nos supera em número.

— Quando chegarem os reforços de Esparta, a balança vai se equilibrar. Tu mesmo disseste isso.

Sim. Eu mesmo disse isso, pensou Temístocles. Mas se ele estivesse no lugar dos espartanos, teria pressa de resgatar a única cidade que podia disputar com eles a hegemonia da Grécia?

Após ultrapassar o cargueiro, passaram ao lado de um quebra-mar em construção. Ali, os escravos públicos continuavam trabalhando. Umhas grandes carretas levavam os blocos de pedra, de três metros de comprimento e duas toneladas e meia. Depois, desciam-nos até a água com uma grua instalada na ponta do quebra-mar e provida de um grande torno que rangia por causa do esforço, enquanto nos botes os pedreiros guiavam os blocos até seu lugar exato empurrando-os com varas.

Saíram por fim a águas abertas, e, pouco a pouco, os odores do porto — breu, peixe, madeira podre, multidão apinhada — ficaram para trás. Como Temístocles esperava, em razão da bruma e do tempo abafado do dia anterior ergueu-se um vento do sudeste que inflou a vela e os impulsionou para o estreito de Salamina. As águas se revoltaram um pouco, e Mnesífilo, que não era marinheiro de natureza, ficou pálido e levou a mão à boca. Temístocles sorriu com certa crueldade. Pelo menos seu amigo ficaria um tempo calado.

A bombordo deixaram Psitaleia, uma ilha nua e alongada, e se aproximaram do longo promontório de Cinosura, que saía de Salamina como um aguçado esporão de leste a oeste. A estibordo, a costa do continente ficava mais escarpada e se erguia nas alturas do Egáleo, um sopé do monte que fechava Atenas pelo

oeste. Por fim, quando viraram para a ilha e entraram na baía de Silênia, as águas se acalmaram sob a proteção do promontório. Temístocles deu uma palmada em Mnesifilo, que havia passado de pálido a cinzento.

— Ânimo! Como dizia teu bisavô, “Vamos a Salamina combater por essa amada ilha e nos livrar dessa lamentável vergonha”.

Efetivamente, seu antepassado Sólon era quem havia exortado os atenienses a reconquistar Salamina quase cem anos antes. De modo que como Atenas poderia consentir que essa ilha, que se via perfeitamente da Acrópole, ficasse em poder da vizinha cidade de Mégara?

Desembarcaram no fundo da baía, e Temístocles pediu ao patrão que os esperasse ali até que voltassem. No porto de Salamina reinava certa calma comparado com o Pireu, mas já começavam a correr rumores sobre a chegada dos persas. Uns conhecidos foram até Temístocles para pedir notícias. Sem parar de caminhar, explicou rapidamente como estava a situação e lhes pediu que contassem aos outros, pois ele estava com muita pressa. Cruzaram a pequena ágora, que ficava pouco além do porto, e tomaram a subida para as alturas de Cinosura.

Clístenes vivia retirado em uma casa cuja vista dominava a baía e alcançava até o Pireu e Atenas. Mas Temístocles não se distraiu, como outras vezes, desfrutando o panorama, e logo entrou.

A casa era humilde, mais ainda que o habitual entre os atenienses, mas estava limpa e não era muito ventilada. Ali esperava Euforion, o Nervos, sobrinho de Clístenes.

— Estou feliz por estares com ele — disse Temístocles dando um abraço em seu velho amigo.

— Merda! Como podes pensar que o deixaria sozinho? — respondeu Euforion, e sua cabeça começou a se retorcer para o lado esquerdo.

Para evitar uma convulsão, juntou os dedos da mão direita e bateu com eles primeiro na testa, depois nas duas clavículas e por fim no esterno. Desde menino era muito nervoso, mas com a idade seus cacoetes haviam se agravado, como se o possuísse um demônio travesso que também se apoderava de sua boca e o fazia cuspir termos escatológicos nos momentos mais inoportunos.

Salvo Euforion, os outros membros da linhagem dos Alcmeônidas haviam abandonado Clístenes quando adoecera. Na realidade, haviam aproveitado o momento de fraqueza daquele que até então havia sido a cabeça visível do clã para se vingar por suas reformas políticas. A princípio, todo mundo havia pensado que Clístenes propunha essas medidas a fim de atrair o povo para o bando dos Alcmeônidas e afastá-lo de outros clãs rivais. Mas o que ele havia feito ia muito além das lutas entre facções. A concessão de plenos poderes à assembleia dos cidadãos e a extensão a todos os atenienses da igualdade perante

a lei já não tinham volta, e os nobres se queixavam de que desde então a soberba do povo simples não tinha limites.

No entanto, a medida mais revolucionária de Clístenes era tão complicada que a princípio havia passado despercebida para todo mundo. Ele havia abolido as quatro tribos tradicionais de todas as cidades jônias e criara outras dez, cada uma nomeada de acordo com um herói tradicional. Mas essas tribos não possuíam uma base genealógica nem geográfica, pois em cada uma delas se misturavam pessoas de lugares dispersos da Ática. Essas tribos de origens e interesses tão variados constituíam o núcleo do governo de Atenas: delas se elegiam os júris, os membros do conselho e o colégio dos dez generais. Os velhos interesses comarcais e as disputas entre os habitantes da montanha, da costa e da planície já não tinham sentido, e o poder local que exerciam os clãs aristocráticos havia ficado diluído como uma gota de óleo em um grande cântaro de água. Agora, os nobres que quisessem se destacar na política tinham de convencer a todos os cidadãos, não só aos de uma pequena região. Aquela mistura organizada por Clístenes havia conseguido fazer que todos zelassem agora pelo bem de uma só entidade: Atenas.

Mas sua reforma lhe havia granjeado o ódio dos aristocratas que ainda se julgavam heróis da *Iliada*, que competiam com seus cavalos nos Jogos Olímpicos e que só buscavam a glória individual. Como o próprio Clístenes havia confessado a Temístocles em uma conversa, o regime que estava sendo instaurado em Atenas representava o verdadeiro *kratos tou demou*, o poder do povo. Ao ouvi-lo, Temístocles havia repetido aquelas palavras e brincara com elas até fundi-las em uma só.

Kratos tou demou. Demou kratos. Demokratía.

Democracia. Aquela nova palavra soava bem para ele. Principalmente ao pensar em quanto incomodaria alguém tão elitista quanto Aristides.

— Sssshhh! Não digas isso em voz alta — dissera-lhe Clístenes. — Se os nobres ouvirem, compreenderão de verdade o que está acontecendo e tomarão as armas. Não, não utilizes essa palavra enquanto toda a geração que conheceu o governo dos aristocratas e dos tiranos não houver morrido.

Por ora, pensou agora Temístocles, uma das testemunhas dessa época ia morrer.

Euforion levou Temístocles ao dormitório de seu tio, mas, antes de deixá-lo entrar, teve de tocar cinco vezes o lintel da porta com os nós dos dedos murmurando “merda” em cada uma delas. Sozinho então, após descarregar o lixo que o demônio punha em sua boca, entrou no cubículo.

— Olha quem veio te ver, tio — disse controlando a voz.

Apesar de não fazer frio, na alcova ardia um braseiro de cobre com madeira de cedro e galhos de alecrim e tomilho. Contudo, a fumaça não conseguia

disfarçar o odor da velhice e da doença. Clístenes estava havia muito tempo deitado na cama, e embora a escrava que o atendia cuidasse dele com dedicação, lavasse seu corpo e trocasse com frequência seus lençóis, era impossível evitar as chagas e as escaras.

Clístenes tinha cerca de setenta anos, mas parecia muito mais envelhecido. Na mesma primavera em que Temístocles se casara com sua neta, Arquipa, o estadista havia sofrido um ataque de apoplexia. Como seqüela, a parte esquerda de seu rosto ficara paralisada. Só podia mexer a mão daquele lado e mancava de um modo lastimável. Com o tempo, havia recuperado quase toda a lucidez da mente, mas, para alguém que até então havia se destacado entre os demais nobres por sua beleza, era humilhante ser visto assim, com um olho inexpressivo e babando pela comisura da boca ao falar. Desse modo, Clístenes havia decidido se afastar da política e comprar aquela casa em Salamina, longe de todo mundo. Ali havia se aguentado, recebendo as visitas de Temístocles e presenteando-o com seus conselhos. Mas, três anos antes, o mesmo do arcontado de seu pupilo, havia sofrido outro ataque, e desde então não mais se recuperou.

Temístocles se sentou em um banquinho ao lado de Clístenes e segurou sua mão. Sentia suas palmas finas e escorregadias como a pele de um pandeiro seco prestes a se rasgar. O velho respirava com um estridor que deixou Temístocles angustiado, como se fosse ele quem estivesse asfixiando. Uma mosca verde insistia em pousar na cabeça rala e coberta de máculas de Clístenes, e Temístocles a espantou com a mão.

Ao sentir o contato de Temístocles, o velho sorriu e olhou-o no rosto. Suas íris eram muito escuras, quase pretas, mas agora apresentavam um estranho filete azul em volta. Contudo, Temístocles notou que havia em seu olhar mais lucidez que em qualquer uma de suas últimas visitas, e pensou no que acontece antes de uma borrasca, quando o ar se torna tão diáfano que se podem ver com clareza os detalhes das ilhas e as montanhas mais afastadas.

— Aproxima-te mais — disse Clístenes.

Temístocles se levantou do banquinho e se sentou na cama. O ar que saía assoviando dos pulmões do velho tinha um odor penetrante e adocicado, mas Temístocles não se afastou. Clístenes se voltou para seu sobrinho e ordenou com um gesto que os deixasse sozinhos. A escrava saiu atrás de Euforion.

— Tenho algo importante a te dizer, filho. — A voz do ancião era frágil, mas soava clara.

— Escuto tuas palavras.

— Quero que sejas meu herdeiro, Temístocles — disse Clístenes apertando-o com as poucas forças que lhe restavam na mão direita.

Temístocles retrocedeu um pouco, confuso, e se soltou da frágil mão do velho. Mas logo se arrependeu e tornou a pegá-la.

— Sabes que tenho riquezas de sobra. Por que não deixas tuas...

— Sssh. Tu sabes a que me refiro. Nem minhas propriedades, nem meus rebanhos, nem meus cavalos me importam mais. Fui soltando tudo, e, de qualquer maneira, para Caronte²³ basta um mísero óbolo. Não, a herança que te deixo é outra.

Temístocles sentiu a importância desse momento e os pelos de sua nuca se eriçaram.

— Sei que os persas estão às portas, filho. Essas portas não são muito sólidas, e, além do mais, há quem as queira abrir por dentro. E falo de alguns de minha própria linhagem. Muito mais perto do que tu acreditas — acrescentou em tom misterioso.

“Sempre há um traidor disposto a abrir as portas”, dissera-lhe Mnesífilo. E, certamente, o melhor que se podia dizer da política dos Alcmeônidas em relação aos persas é que era ambígua.

De repente, Temístocles se arrependeu de não ter ido à assembleia. Perceberiam os cidadãos que não podiam se entrincheirar atrás das muralhas, que deviam sair atrás do inimigo se não quisessem ter o mesmo destino dos erétricos? Teria Milcíades visão suficiente para se dar conta disso e convencê-los?

— Os persas não são a única ameaça — continuou Clístenes. — Mesmo que saíamos desta crise, teremos de sofrer a inveja de nossos vizinhos e o medo que Esparta alberga secretamente ao ver como crescemos. Atenas só poderá sobreviver caso se torne grande.

— Tu a fizeste grande, Clístenes.

— Não totalmente, filho. O segredo da verdadeira grandeza descansa em dois alicerces: a união e o número. Eu criei as dez tribos para unir os habitantes de toda a Ática. E para aumentar o número fiz trapaça com as listas do censo e fiz que se inscrevessem nos demos todos os cidadãos possíveis, por mais duvidosa que fosse sua procedência.

Temístocles ergueu uma sobrancelha, mas não chegou a se escandalizar. O velho esboçou um sorriso maroto que quebrou seu rosto em mil rugas mais.

— Por isso — prosseguiu —, agora podemos mobilizar mais hoplitas que a própria Esparta. Que eles insistam em suas leis de pureza racial, se quiserem, e verás como cada vez haverá menos escudos com lambdas no campo de batalha.

Temístocles assentiu. Que poderia lhe dizer, ele que era filho de uma mulher cária, uma bárbara, afinal de contas?

— A raça e o sangue são uma sandice — prosseguiu Clístenes. — Eu te digo, e posso recitar meus antepassados até mais de vinte gerações. Quanta mentira! Meu avô Alcmeon, além de ser um ambicioso, tinha chifres maiores que os do

Touro de Minos²⁴, de modo que imagina de que sangue posso descender eu. Também levo em minhas veias o de algum escravo trácio.

Era a primeira vez que Temístocles ouvia essa confissão. Sentiu-se

constrangido, e, além de tudo, incomodado, porque se pelas veias do avô de sua esposa corria sangue ilegítimo, também devia correr pelas de seus quatro filhos. Para isso havia se casado com uma Alcmeônida, renunciando ao bom dote que poderia ter conseguido por outro lado?

Então, deu-se conta da estupidez que estava pensando, logo ele, que sempre havia desprezado os eupátridas, e soltou uma gargalhada. Clístenes tinha razão, evidentemente. O sangue que devia contar nas veias daquelas crianças era o seu, o de Temístocles, filho de suas obras. As obras que já havia realizado e as que ainda tinha de realizar.

— O sangue é enganoso — prosseguiu Clístenes. — Os atenienses não o devem ser por raça, mas sim por convicção. Devem ser atenienses por cultura, por amor aos santuários de sua terra e por devoção a nossa deusa.

— Isso já está começando a acontecer. E graças a ti.

— Mas tens de seguir adiante com minhas reformas, filho. Eu sentia medo de alterar totalmente as leis de Sólon, de modo que não tive coragem de conceder à quarta classe os privilégios das outras, e, por isso, os boias-frias não podem ser magistrados nem generais. Mas eles sozinhos são mais numerosos que as outras três primeiras classes juntas. Se Atenas quer ser grande de verdade, precisa de todos esses cidadãos, por mais humildes que sejam. Todas as mãos nos são necessárias! A pobreza não deve ser um obstáculo para ninguém que tenha algum benefício a oferecer à cidade.

Temístocles assentiu. Clístenes nunca se abrira tanto com ele. Se em sua época houvesse manifestado aquelas ideias revolucionárias diante dos outros nobres, teria sido expulso a pedradas da Ática. Quando os membros da quarta classe pudessem ter acesso a todos os cargos, essa democracia cujo nome ainda não se atreviam a pronunciar seria tão real e sólida quanto os cinzentos bastiões da Acrópole.

De repente, Temístocles teve uma visão. Trinta mil corações unidos em um mesmo empenho. Sessenta mil mãos. Uma força que na Grécia podia ser invencível, um poder capaz até de enfrentar o gigante persa. Mas essas sessenta mil mãos não empunhavam escudos de carvalho nem lanças de freixo.

Não. Eram remos o que agarravam com seus dedos.

Já havia passado do meio-dia quando voltaram ao Pireu. Temístocles não parava de olhar para os remadores da falua e de pensar em sua visão.

Duzentas trirremes novas, uma frota como a Grécia jamais havia visto, uma cidade flutuante protegida por paredes de madeira e armada com esporões de bronze. Mas, como convencer os atenienses das três primeiras classes a renunciar à lança e empunhar o remo? Olhou para suas mãos e tocou os calos de seus dedos e suas palmas. Ele não se importava, porque levava o mar no sangue e lhe parecia mais honroso remar de vez em quando para se manter em forma

que puxar um arado. Os outros membros da classe hoplítica não eram como ele, mas teria de saber persuadi-los.

Recordou as últimas palavras com sentido que Clístenes havia pronunciado antes de mergulhar em um torpor do qual não mais despertara.

— A maior posse de um homem é sua liberdade. Os homens devem ser livres. Devem tomar suas próprias decisões. Devem escolher por própria vontade tomar as armas para lutar pela cidade que eles mesmos governam, não concordas, Temístocles?

— Sim — assentira ele, não muito convicto.

— É como o pai que ao defender sua mulher e seus filhos se torna duas vezes mais forte do que seria combatendo por um amo. Torna livres todos os atenienses, Temístocles, e os tornarás invencíveis.

Livres, sim, pensou agora. Que tomem suas próprias decisões. Mas que essas decisões sejam as minhas.

Os cais do porto estavam quase vazios, e a única embarcação que entrava em vez de sair era a falua que os transportava. Quando puseram o pé no embarcadouro, um dos soldados lhe disse:

— Taxiarca, o general Melóbio ordena que te apresentes perante ele. Temístocles assentiu, interpretando o significado oculto naquelas palavras. “O general te roga que vás vê-lo.” Melóbio havia sido eleito estrategista da tribo Leôntide graças à intervenção e ao dinheiro de Temístocles, que, por ora, preferia se manter em segundo plano.

— Já terminou a assembleia? — perguntou Mnesífilo.

— Sim — respondeu o soldado.

— E que decisão se tomou?

— Ir ao encontro dos persas.

Muito bem para Milcíades, pensou Temístocles. Como taxiarca, era responsável pela confecção do catálogo de sua tribo, de modo que perguntou ao soldado.

— Quantas quintas vão se alistar?

— É uma mobilização geral — respondeu o soldado. — Todos os hoplitas com menos de cinquenta anos devem carregar provisões para três dias e ir para Maratona.

ESPARTA, 3 DE SETEMBRO

No meio da manhã Fidípides conseguiu ver ao longe os telhados de Esparta. Até mesmo para ele, hemeródromo profissional que havia dez anos transportava mensagens entre Atenas e outras cidades como Tebas, Corinto ou Delfos, era uma proeza. Havia partido ao amanhecer do dia anterior, e desde então não deixara de viajar nem nas horas mais escuras da noite, iluminadas apenas pelo quarto crescente do mês de Boedromion.

À sua direita erguiam-se os cumes escarpados e cobertos de bosque do Taigeto, onde se dizia que os espartanos abandonavam as crianças que nasciam com algum defeito. Do outro lado da primeira fileira de picos que se recortavam contra o céu, no centro da serra, havia uma paragem conhecida como o Vale das Sombras, porque as poucas aldeias dispersas na mata daquele lugar estavam cercadas por cumes quase verticais e só recebiam a luz do sol algumas horas por dia. Mais além desse vale, a oeste, erguia-se o teto do Taigeto, uma montanha em forma de pirâmide que, segundo os lugareiros, o próprio Zeus havia entalhado com seus raios quando lutara contra os Gigantes²⁵.

Fidípides conhecia aquela região, mas mesmo que lhe pagassem dez vezes mais não teria voltado a adentrá-la. Em sua primeira missão a Esparta, havia errado o caminho ao sul de Tegeia, e em vez de descer o curso do Eurotas, havia penetrado o coração do Taigeto. No sinistro Vale das Sombras encontrara matilhas de lobos e ursos selvagens tão grandes quanto um boi; mas não era essa a pior ameaça que espreitava em seus bosques. Ali fora interceptado pelos membros da Criptia, uma irmandade de jovens espartanos que cobriam a cabeça com capuzes e se iniciavam como adultos em caçadas humanas nas quais as presas eram os hilotas. A maioria dos encapuzados insistira em matá-lo por haver marcado com seus pés um lugar proibido. Mas um deles convencera os outros de que assassinar um heraldo protegido por Hermes era um sacrilégio pelo qual podiam pagar caro no futuro.

— Não voltes a pisar estas terras — advertira aquele jovem pondo-o de novo no caminho para Lacedemônia. — Não são para os estrangeiros, mesmo que portem o caduceu.

Desde então, Fidípides tivera o cuidado de não desviar do caminho marcado. Quando se lidava com espartanos, era preciso pisar com cuidado.

Fidípides não gostava dos espartanos; mas, a bem da justiça, seus compatriotas, os atenienses, também não lhe eram muito simpáticos. Na realidade, Fidípides não gostava de ninguém. Era um misantropo que só se relacionava com sua família e que aos trinta anos não havia se dado o trabalho de arranjar esposa nem tinha intenção de fazê-lo. Só se sentia moderadamente satisfeito quando estava sozinho; por isso, e porque havia nascido com umas pernas incansáveis e uns pulmões feito foles, escolhera aquela profissão de hemeródromo, que lhe havia valido o apelido. O verdadeiro nome com que seu pai o registrara quando menino na fratria não era Fidípides, mas sim Filípides, com lambda, algo assim como “aquele que ama os cavalos”.

Quando, uns anos atrás, havia sido selado o acordo de defesa mútuo entre Esparta e Atenas em caso de agressão persa, o conselho insistira em enviar um mensageiro montado a cavalo para que transportasse com a maior urgência possível os termos do tratado. Aquele que ainda era chamado Filípides garantira aos bouleutas que ele podia chegar antes, e os conselheiros, incrédulos,

desafiaram-no a provar. Ambos os mensageiros partiram ao mesmo tempo. O mensageiro montado ultrapassara Filípides assim que saíram da cidade, e antes mesmo de tomar o caminho de Eleusis seu cavalo era apenas uma mancha de pó na distância. As crianças do Keramikos, testemunhas daquele início tão pouco promissor, seguiram um pouco o mensageiro agredindo-o com epítetos como “tartaruga capada” e “caracol cornudo”; mas ele encarara aquilo com calma e prosseguira a seu ritmo, até que as crianças e seus deboches ficaram para trás.

Filípides, que só precisava de poucas horas de sono por dia e que à noite enxergava como uma coruja, continuara trotando com seu passo constante, e à altura da lagoa Estinfália ultrapassara seu rival aproveitando que estava dormindo. O cavalo chegara a Esparta meio dia depois que ele, os cascos em tão mau estado que o tiveram de sacrificar. Ninguém duvidava, desde então, que para levar mensagens pelas terras escabrosas do Peloponeso não havia outro como Filípides. Por ideia do poeta Frínico, que para um autor de tragédias era bastante debochado, começaram a chamá-lo de Fidípides, com delta, “aquele que poupa os cavalos”. Ele havia aceitado o mote como uma pequena homenagem, mas, em troca, exigira que lhe pagassem o mesmo preço que aos mensageiros montados.

— Se gasto os dois óbolos da cevada com outra coisa, isso é assunto meu — dissera aos bouleutas.

Fidípides se deteve um instante para se aproximar da margem do rio. Lavou o rosto para vencer o embotamento e bebeu em abundância. No farnel que levava às costas tinha um frasco de vinho forte, quase vinagre, para purificar a água das fontes e lagoas do caminho. Mas nesse momento não o utilizou, pois sabia que as águas do Eurotas eram puras e não lhe provocariam disenteria. Quando viajava, bebia sempre que surgia oportunidade, mesmo que achasse não ter sede, pois sabia que se não o fizesse acabaria sofrendo fortes câibras que não o deixariam prosseguir.

Levantou-se e alongou um pouco os músculos. Depois, tornou a amarrar a tira do chapéu; em vez do típico pétao de caminhante, cujas largas abas teriam oferecido excessiva resistência ao ar, usava um chapéu de estilo frígio. Levantou a túnica e apertou bem o calção que usava embaixo. Os corredores olímpicos podiam competir com as vergonhas expostas, se quisessem, mas ele tinha de cingi-las bem para evitar os atritos e outras inconveniências. A seguir, completou sua rotina amarrando de novo os cordões das botas, que eram da vitela mais fina e haviam sido cosidas com todo o esmero para que as costuras não fizessem bolhas em seus pés. Valiam vinte dracmas, assim como o par de reserva que levava no farnel. Um artesão especializado teria de trabalhar um mês para comprar botas como essas, mas as dele a cidade pagava.

Satisfeito com tudo, empunhou o caduceu. Aquela vara de freixo arrematada

por duas cabeças de serpente o apontava como heraldo sagrado, protegido por Hermes, o deus dos mensageiros. Nenhum grego em seu juízo perfeito teria se atrevido a atentar contra ele. Coisa diferente eram os animais selvagens. Mais de um cão faminto tivera de afugentar com a aguçada ponta metálica de cobre, e com animais maiores, como ursos, javalis ou algum bisão furioso, havia sido obrigado a fugir correndo ou a subir em alguma árvore providencial.

Continuou trotando, ao passo constante que mantinha a maior parte do tempo. A cada dez quilômetros, mais ou menos, parava a fim de respirar fundo um pouco e depois caminhava durante mais dois quilômetros antes de retomar a corrida. A experiência lhe havia ensinado que dessa maneira conservava melhor a energia e suas articulações sofriam menos. Também freava ao subir ladeiras íngremes, e até mesmo ao descê-las, pois havia comprovado que, às vezes, quando corria muito rapidamente ladeira abaixo, urinava sangue.

Já havia passado o Tórna x e o pequeno santuário de Apolo Pítio e já via os arrabaldes de Esparta. Pelo caminho iam e vinham camponeses com cestos, carroças cheias puxadas por bois e arreeiros com mulas bem carregadas de comida rumo à cidade da Lacedemônia. Esparta era um estômago e uma boca que absorviam tudo e não davam nada em troca, pois os lacedemônios não cultivavam os campos nem se dedicavam ao comércio nem ao artesanato; apenas a seu sinistro trabalho: a guerra e a morte.

— De onde vens, mensageiro? — perguntavam ao vê-lo passar.

— De Atenas! — respondia ele.

— Que notícias trazes de lá? — perguntava algum, já às suas costas, pois Fidípides não refreava seu passo por motivo algum.

— Os persas chegaram!

Quando comunicou a notícia em Megáride e Corinto, a resposta dos compatriotas consistiu em gritos de espanto e preces aos deuses. Nas montanhosas e atrasadas terras de Arcádia, mais de um pastor deu de ombros e lhe perguntou: “E quem são os persas?”, enquanto Fidípides seguia seu caminho. Mas ali nessas terras as pessoas se limitavam a assentir com expressão grave, pois até mesmo os periecos, habitantes das terras que cercavam a Lacedemônia, haviam sido contagiados pelo laconismo espartano.

Ao ver as primeiras casas da cidade, Fidípides apertou o passo quase sem perceber. Os espartanos olhavam por cima do ombro os demais gregos e se vangloriavam de ser os melhores atletas do mundo. *Quero ver se algum de vós aguenta correndo mais que este ateniense*, pensou ele.

Não havia fortificações ali, nem mesmo contornando a pequena Acrópole. Os espartanos afirmavam que a melhor muralha era a coragem de seus cidadãos; mas, por via das dúvidas, tinham guarnições posicionadas em todo o vale. Fidípides sabia que desde que havia posto os pés na Lacedemônia muitos olhos o observavam agachados entre as sombras. Se ninguém o havia detido para

interrogá-lo, era porque portava o caduceu.

As ruas de Esparta eram muito diferentes das de Atenas. Havia menos crianças correndo ou fazendo arte, pois eram levadas da cidade aos sete anos para interná-las em acampamentos militares. Também não se viam muitos cidadãos ociosos vagando pela ágora, como teria acontecido em Atenas. Os espartanos eram soldados e, quando não estavam em alguma campanha, preferiam se exercitar no dromo ou no parque das bananeiras. Evidentemente, nada de bárbaros sírios, fenícios, frígios ou egípcios como os que pululavam cada vez mais pelos subúrbios do Pireu: em Esparta não eram admitidos. Por outro lado, viam-se muitas mulheres, e não só escravas como livres. Usavam peplos dóricos que às vezes deixavam entrever suas coxas, caminhavam com a cabeça erguida e os cabelos descobertos e, além de tudo, costumavam ser mais bonitas e tinham melhores formas que as atenienses.

Fidípides reparou que dessa vez havia menos homens que o habitual. Pensou se estariam celebrando uma daquelas peculiares assembleias nas quais as decisões eram tomadas por aclamação e prevalecia a proposta que mais gritos de respaldo obtivesse. Ou talvez se encontrassem no meio de uma guerra contra os hilotas de Messênia, um desses conflitos intermináveis que tentavam manter em sigilo diante dos outros gregos.

Em uma ponta da ágora, erguia-se um pequeno edifício de paredes de tijolo cinza, tão anódino quanto todos os demais que havia naquela praça, onde se reuniam os cinco éforos, magistrados que dirigiam a política externa de Esparta. Um grupo de soldados montava guarda na porta.

— Trago uma mensagem do conselho de Atenas — disse a eles.

— Espera ali — respondeu um deles apontando com a ponta da lança para um pórtico próximo.

Fidípides sentou-se à sombra de uma bananeira e ele mesmo massageou suas coxas e panturrilhas. Pouco depois chegou um criado com uma jarra de água, queijo fresco de cabra e uma fatia de pão regada com mel. Enquanto Fidípides comia tudo, o escravo tirou-lhe as botas e lavou-lhe os pés em uma bacia de água morna perfumada com pétalas de rosas. O mensageiro lhe agradeceu, pois sentia seus dedos palpitar como se cada um tivesse um pequeno coração dentro.

Mal havia terminado sua refeição quando o mandaram entrar no edifício. Lá dentro estava mais frio e reinavam as sombras, pois as janelas eram muito estreitas. Dois incensórios queimavam perfume de lavanda, e a um canto a enorme estátua de um jovem nu observava Fidípides com um enigmático sorriso.

Os éforos não sorriam. Dos cinco, só três estavam presentes, o que causou estranheza em Fidípides, pois outras vezes havia visto todos reunidos. Os magistrados estavam sentados em um longo banco de pedra nua. Não portavam armas, pelo menos à vista, e vestiam o *tribon*, o típico manto lacedemônio. Os três tinham cabelos longos e trançados, uma moda que os jovens filoespartanos

imitavam em Atenas.

— Bem-vindo à nossa cidade, mensageiro — disse o mais velho deles, cujas tranças já eram madeixas brancas. — Sou Demétrio, filho de Eudamo. Que recado nos trazes?

Fidípides recitou sua mensagem.

— Há dois dias, um exército persa desembarcou em nossas costas, na praia de Maratona. Honrando o tratado que ambas as cidades firmaram, os atenienses vos pedem que lhes envieis ajuda e que não consentais que uma das cidades mais antigas da Grécia seja submetida ao jugo dos bárbaros. Erétria já ardeu em chamas e seus habitantes foram escravizados, e se vós não nos ajudardes, Atenas pode correr a mesma sorte.

Os éforos o escutaram em silêncio, com olhares graves.

— Quando partiste, mensageiro? — perguntou outro éforo, o mais jovem do trio.

— Ontem ao amanhecer, senhor.

— Chegaste hoje antes do meio-dia. Uma façanha impressionante que nenhum lacedemônio poderia igualar. O que me faz perguntar se, mais que impressionante, não é impossível.

— Para o grande Fidípides, o melhor corredor de toda a Grécia, não é impossível.

Ao ouvir aquela voz sonora e rouca como o rugido de um urso do Citéron, Fidípides se voltou. Acabava de entrar no recinto um homem de costas quadradas, baixo, de rosto curtido pelo sol. Ao redor de seus olhos e de sua boca, desenhavam-se as rugas de quem está acostumado a sorrir. Em sua barba e seu cabelo havia mais fios grisalhos que negros, mas ainda se movia com o brio de um jovem.

— Saudações, Leônidas — disse Demétrio.

Ao ouvir o nome, Fidípides compreendeu que estava diante de um dos dois reis de Esparta, e sentiu-se lisonjeado por aquele homem conhecer sua fama. Também se surpreendeu com o fato de os éforos não se dignarem a se levantar em sinal de respeito, mas já se sabia que os espartanos tinham costumes muito estranhos.

— Saudações, nobres magistrados — respondeu Leônidas com certa ironia. A seguir, aproximou-se dos três éforos, evitando, assim, que Fidípides tivesse de se voltar a todo momento para encarar aquele que falava. — Tendes já uma resposta para o pedido dos atenienses?

— Tu já sabes qual é nossa resposta — respondeu Demétrio. — A única possível. A que demandam a honra da palavra espartana e o respeito aos deuses.

Fidípides gostou do primeiro argumento, mas o segundo, por alguma razão, provocou-lhe receio. Não devia estar enganado, pois Leônidas também estalou a língua.

— Sei.

— A Lacedemônia honrará seu tratado — prosseguiu o éforo. — No dia seguinte à lua cheia, enviaremos um exército de esparciatas para ajudar nossos aliados atenienses.

Fidípides calculou rapidamente. Estavam a nove de Boedromion pelo calendário ateniense, o que significava que ainda restavam seis dias para o penilúnio. Ainda havia que somar mais três, no mínimo, para que os espartanos chegassem a Atenas a marcha forçada. Nove dias no total.

— Nesse tempo, os persas haverão reduzido Atenas a cinzas — disse olhando diretamente para Demétrio.

O éforo se remexeu na cadeira como se houvesse sido picado por uma vespa.

— É costume em tua pátria que os mensageiros expressem sua opinião?

— Parece mentira que não conheças aos atenienses, Demétrio — interveio o rei Leônidas. — Em Atenas eles não têm dois reis, como nós, mas sim trinta mil. Agora, éforos, disse a este mensageiro se essa é vossa resposta definitiva.

— Sabes que sim — respondeu Demétrio.

— Nesse caso, deixai que eu leve Fidípides e lhe explique nossas razões. Não quero que leve a Atenas a impressão de que os espartanos são uns brutos irracionais.

— A impressão que os atenienses possam ter de nós não me importa.

— Sim, meu querido Demétrio — disse Leônidas, curvando sua enorme boca em um sorriso irônico. — A ti pode não importar, porque quando entrar o novo ano abandonarás teu cargo. Mas eu planejo ser rei por mais algum tempo, e não quero provocar uma imagem ruim perante meus aliados. — O rei rodeou o ombro de Fidípides com o braço e o puxou. — Acompanha-me, meu amigo. Sempre gostei muito de correr, e quero que me contes algumas coisas.

Vendo a constituição de Leônidas, Fidípides não acreditava muito. Talvez ele pudesse correr um estádio ou até mesmo dois, mas para resistir por trechos mais longos um corpo tão musculoso como o do rei não servia. Contudo, Leônidas lhe fez perguntas muito pertinentes enquanto o tirava do edifício. Ali os esperavam dez soldados da guarda real, um deles com o penacho atravessado de orelha a orelha que caracterizava os oficiais espartanos.

Leônidas o levou para passear e lhe mostrou alguns edifícios da ágora, como o local de reunião do conselho dos idosos e o templo de Zeus e Gaia²⁶. Via-se mais madeira que pedra e mais estuque que mármore, e as esculturas pintadas dos frontões eram bastante toscas. Contemplando as construções de Esparta, ninguém acreditaria que aquela cidade era a primeira potência da Grécia. Mas talvez o fosse porque se concentrava em outras coisas mais prosaicas que os gozos estéticos.

Chegaram a um parque semeado de bananeiras altas e densas, rodeado por um roseiral perfeitamente podado e um canal com duas pontes. Sobre a primeira

erguia-se uma estátua de Hércules²⁷, a quem os espartanos veneravam como seu antepassado, e sobre a segunda uma de Licurgo, o legislador que havia instituído a duríssima disciplina espartana que transformava toda a cidade em um acampamento guerreiro. Fidípides, que já havia visto esse lugar antes, estranhou não ver os jovens treinando ali.

— Eu prometi que ia te explicar nossos motivos, e o farei — disse o rei, terminada a conversa de cortesia. — Encontramo-nos no mês de Carneios, e agora mesmo estamos celebrando as festas em homenagem a Apolo. Enquanto durarem, a cidade deve se manter pura. Não podemos participar de nenhuma guerra se não quisermos que um miasma caia sobre Esparta.

Fidípides olhou Leônidas nos olhos sem dizer nada. *Que absurdo*, pensou, *que uma cidade tão belicosa como Esparta se submetta a uma proibição assim justamente no verão, a melhor época para fazer a guerra.*

Curiosamente, foi o rei, e não ele, quem afastou o olhar. Como bom misantropo, Fidípides era pouco apto a interpretar as expressões dos outros. Mas soube que Leônidas estava mentindo e que não se sentia confortável com essa mentira.

— Assim que a lua completar seu círculo, eu mesmo levarei os espartanos à guerra — prosseguiu o rei, tornando a levantar o olhar. — Enquanto isso, diga ao conselho que adote uma posição defensiva e que aguarde nossa chegada. Dizem que os persas têm uma excelente cavalaria.

— Foi o que ouvi, senhor.

— Não os enfrenteis em campo aberto. Desdobrai-vos em um terreno elevado e semeado de pedras e raízes duras onde os cavalos quebrem os cascos e as patas. E, acima de tudo, não vos lanceis ao ataque contra os persas.

— Senhor, surpreende-me esse conselho vindo de um espartano, com vossa fama de valentes.

Leônidas soltou uma gargalhada.

— Vejo que não tens papas na língua, ateniense. Mas não te enganes. Existe uma coragem enganosa que faz que os hoplitas rompam suas filas e ataquem o inimigo. Mas, na realidade, não é coragem, mas sim a excitação do combate, produzida mais por Medo que por seu pai, Ares. A verdadeira coragem consiste em que cada um crave bem os calcanhares em sua posição e aperte os dentes até que chegue o momento em que seus generais lhe digam o contrário. Na guerra, é mais difícil ficar quieto que se mover.

— Entendo — disse Fidípides, e pensou: *Por que um rei se dá ao trabalho de contar tudo isso a um simples mensageiro?*

Sua suspeita de que Leônidas se sentia culpado aumentou. Saltava à vista que era um homem honrado, algo pouco habitual em alguém poderoso.

Recordou que Leônidas era rei havia apenas um ano. Aquele homem já cinqüentão não estava destinado ao trono, mas os espartanos haviam tido de

recorrer a ele quando seu meio-irmão Cleômenes morrera em obscuras circunstâncias. Contava-se em Atenas que o abuso do vinho puro o havia enlouquecido a tal ponto que haviam tido de trancafiá-lo e acorrentá-lo. No entanto, Cleômenes havia dado um jeito de arranjar uma faca com a qual ele mesmo se dedicou a se despedaçar metodicamente até a morte.

Talvez aquela história tão bárbara fosse verdadeira, pensou Fídipides, mas com os lacedemônios era impossível saber qualquer coisa com certeza. Esparta era como o enigma da Esfinge envolvido no véu brumoso de Afrodite e coberto pelo elmo de invisibilidade de Hades.

— Come e descansa até amanhã, Fídipides. Um longo caminho de volta te espera.

Fídipides levantou o queixo.

— Não é possível, senhor. As boas notícias devem ser levadas logo, mas as más devem chegar ainda antes.

Leônidas lhe estreitou a mão com força.

— Merecias ser espartano, filho de Hermes. Quando chegares a Atenas, dize a teus generais que devem ter paciência e nos aguardar. Dentro de nove dias vereis os lambdas de nossos escudos.

MARATONA, 5 DE SETEMBRO

TERRA DE NINGUÉM, ENTRE AS LINHAS GREGAS E PERSAS

Mitrane, a quem Temístocles havia imposto o nome cário de Sicino para disfarçar sua ascendência persa, colocou um punhado de folhas e cardos secos sobre o incensório que sempre levava na bolsa de couro que pendia de seu cinturão. A seguir, abaixou-se e aproximou do queimador um pequeno tesouro que seu senhor lhe havia dado para que pudesse cumprir suas obrigações em qualquer lugar: um *hyalon*, um cristal de rocha tão redondo, polido e transparente que parecia uma grossa gota d'água solidificada. No meio da manhã, embora o verão se aproximasse do fim, o Sol ainda oprimia com força. Seus raios atravessaram a pedra, juntaram-se em um feixe, obrigados pela magia encerrada no cristal, e se concentraram em um ponto muito brilhante e quente do qual logo brotou fumaça.

A mecha começou a arder. Embora pequeno, era um fogo, e para Sicino servia. Tirou uma bola de incenso, pulverizou apenas uma pitada entre o polegar e o indicador e o jogou sobre as chamas. Visto que seu senhor era tão generoso a ponto de lhe oferecer um perfume tão caro para que prestasse culto ao único deus da forma devida, Sicino procurava economizá-lo o máximo possível.

Após aspirar o aroma do incenso, Sicino levantou-se diante do queimador e desamarrou o *kusti*, o cordão que cingia sua túnica. Odiava usar essa túnica sem mangas e, acima de tudo, não poder cobrir as pernas com calças, como todo homem que se prezasse devia fazer. Mas seu senhor insistia que se vestisse o

mais parecido possível a um grego, pois não corriam bons tempos para os persas em Atenas. Pelo menos Sicino usava a túnica abaixo dos joelhos, e, evidentemente, vestia um calção de pano criteriosamente apertado. Muitos gregos não usavam nada sob a túnica, e a recolhiam tanto na cintura que quando se sentavam ou soprava uma rajada de vento mostravam com toda a naturalidade os genitais, como se fosse um lindo espetáculo que os outros tivessem a obrigação de apreciar.

Uma vez desamarrado o cordão, Sicino olhou as chamas e suplicou a Ahuramazda, o único deus, o senhor da sabedoria, que o ajudasse a se manter o mais puro possível e que o perdoasse se alguma vez cometesse algum descuido, pois não tinha mais remédio que viver entre os *yauna*, infíeis de sujos costumes, seguidores da mentira que constantemente profanavam a terra, a água e o fogo, os sagrados elementos. Depois, tornou a enrolar o cordão na cintura, tendo o cuidado de dar-lhe três voltas e fazer os nós rituais.

Nem sempre havia realizado o culto com tanto fervor. Em sua pátria distante, quando ainda o conheciam por Mitranes, seu pai, Bagabigna, o havia instruído nos ensinamentos do profeta Zaratustra. Mas ele era jovem e despreocupado, e levava essas coisas com mornidão, porque se interessava mais em desfrutar os prazeres da vida. Quando tinha dezoito anos...

A voz de seu senhor evitou que desenrolasse uma vez mais o fio de suas recordações.

— Vem aqui, Sicino! Quero que me expliques o que estamos vendo.

Após comprovar que seu gigantesco escravo se aproximava, Temístocles voltou de novo a vista para a planície. Levado por sua curiosidade habitual, havia deixado o acampamento ateniense, arriscara-se a sair a campo aberto e a seguir havia virado à esquerda e subido a encosta do monte Croton para gozar de melhor visão do inimigo. Agora estava sentado em uma grande pedra de onde dominava toda a baía. À sua frente, a uns dois quilômetros, o mar lambia mansamente a longa praia de Maratona.

À sua direita, na região de piemonte entre a planície e o monte Egáleo, que a fechava pela parte ocidental, o exército ateniense estava posicionado desde pouco depois do amanhecer, olhando para o leste e suportando o incômodo do sol nos olhos. Seu flanco mais próximo, o esquerdo, que estava a uns quinhentos metros de Temístocles, ficava protegido pelas faldas do próprio Croton. Adiante do *front*, na região de prados e plantação que se estendia diante de suas linhas, haviam improvisado uma paliçada. Para isso, os escravos e cidadãos pobres que acompanhavam os hoplitas haviam derrubado pinheiros jovens da encosta do monte, e a seguir os haviam distribuído pelo chão com as copas apontando para o *front*, formando uma derrubada. Se os cavaleiros persas tentassem atacar por ali, seus animais encontrariam uma densa barreira de galhos farpados de agulhas.

Mais longe, no final da linha formada pelos batalhões das dez tribos, a ala direita ateniense fazia limite com o bosque de Héacles, o olival sagrado onde haviam estabelecido a base, já bem perto do mar. Na opinião de Temístocles, era uma posição forte, desde que não saíssem dela. O acampamento grego fechava o caminho de Atenas, que passava entre a praia e o próprio bosque, virava quase em ângulo reto e se dirigia para o sul, sob o monte Egáleo. Por ali haviam vindo, a marcha forçada, os nove mil e quatrocentos hoplitas atenienses, acompanhados por um número um pouco menor de assistentes entre escravos e cidadãos da quarta classe. Toda a nata da Ática estava ali, a mais de quarenta quilômetros da capital, ao passo que os mais novatos e os veteranos haviam ficado para trás a fim de guarnecer a frágil muralha.

Evidentemente, aquele não era o único caminho para chegar a Atenas. Os persas também podiam chegar pelo caminho que passava entre os dois montes, o Egáleo e o Croton, não muito longe de onde agora se encontrava Temístocles. Mas era uma rota agreste, impraticável para a cavalaria e exposta a emboscadas.

Tentou se colocar na pele do general inimigo. Tinha certeza de que Dátis nem sequer tentaria forçar a rota alternativa. Sem dúvida, o que pretendia com aquele desembarque era atrair o exército ateniense para o terreno que julgava melhor para derrotá-lo em uma batalha decisiva. Pois entre as linhas gregas e as persas estendia-se a planície de Maratona, cujo solo aluvial era dos mais férteis da Ática. A maior parte era dedicada a prados para o gado, e, quanto aos plantios de trigo e cevada, estavam ceifados, mas não haviam recebido o arado nem o adubo. Tudo isso deixava aberto um vasto campo de manobra pelo qual a cavalaria persa poderia evoluir à vontade se os gregos cometessem a imprudência de sair a campo aberto. Os refugiados erétrios já haviam contado aos atenienses o que podiam esperar se caíssem no erro de enfrentar a combinação das saraivadas dos arqueiros e dos ataques das tropas montadas: ser aniquilados.

Os persas estavam à esquerda de Temístocles, além da terra de ninguém e a uns dois quilômetros das linhas gregas. Apesar do calor, também tinham a maioria de suas tropas em posição, formando uma ampla frente que ia praticamente até a praia e desenhava uma linha reta e paralela à do exército ateniense. Por trás deles estendia-se seu acampamento, que chegava até o grande pântano que fechava o extremo oriental da planície. Sua frota estava distribuída por toda a linha da costa, na alongada praia de Esquenía. Os persas haviam trazido tantos barcos que era impossível varar todos ao mesmo tempo na areia, e tiveram de fundear mais da metade na baía. Para desgraça dos gregos, os navios inimigos não corriam perigo, pois do outro lado da planície saía a península Cynosura, que fechava a grande bacia como um quebra-mar e protegia dos ventos suas águas já por si rasas.

— Escolheram o lugar perfeito para desembarcar — comentou Cinégiro, como se lhe houvesse lido o pensamento. — Parece mentira que tenham podido planejar tudo com tanta precisão na Pérsia.

Cinégiro, que era taxiarca da tribo Aiantis e irmão do poeta Ésquilo, havia decidido por sua conta e risco acompanhar seu amigo Temístocles naquela pequena exploração, e levava um escravo consigo. Também se juntara a eles Euforion, o Nervos, que, depois de alguns cacoetes, respondeu a Cinégiro:

— Não acredites nisso. Este é um lugar de merda. Para eles, teria sido melhor Falero. Agora já teríamos esses filhos da puta dentro de Atenas.

— Em Falero teríamos chegado antes que desembarcassem — respondeu Cinégiro. — Acredita no que digo, meu querido Euforion, para um monte de gente apinhada na coberta de um navio estreito não é tão fácil pôr o pé em uma praia quando um comitê de recepção o espera. Com metade dos homens que temos aí embaixo poderíamos tê-los impedido.

— Se escolheram tão bem o lugar, não foi por acaso — disse Temístocles. — Alguém os informou.

Enquanto Euforion, possuído pela coprolalia de seu demônio, recitava alguns sinônimos da palavra “merda”, Cinégiro pronunciou o nome em que estavam pensando:

— Hípias.

Temístocles assentiu. Corriam rumores de que os persas vinham acompanhados pelo tirano que os atenienses haviam expulsado de sua pátria vinte anos antes. Quando era muito mais jovem, Hípias havia desembarcado nessa mesma praia com Pisístrato, seu pai. Dali cavalgaram até Atenas recrutando tantos partidários pelo caminho que, no fim, conseguiram tomar a capital sem ser obrigados a combater.

— Talvez tenha aconselhado Dátis a escolher Maratona com a esperança de repetir o êxito de seu pai — disse Temístocles.

— Pois se pensou que pode chegar a Atenas sem lutar, está enganado — disse Cinégiro. — Os tempos mudaram. As pessoas se arrepiam só de ouvir a palavra “tirania”. Os persas não encontrarão entre nós partidários de Hípias.

Mas traidores que lhes abram as portas como em Erétria, sim, pensou Temístocles, e olhou de soslaio para o Nervos. Entre os parentes de Euforion, os mesmos Almeônidas que o desprezavam pela fraqueza que afligia seu espírito, havia vários que mantinham uma atitude bastante turva desde o início do conflito contra a Pérsia. Por sorte, a maioria desses almeônidas estava ali embaixo, misturada com o resto do exército, onde podia fazer muito menos mal que emboscada atrás da muralha de Atenas.

Os velhos que ficaram para trás podem não conseguir empunhar uma lança, advertiu-lhe outra vozinha, *mas ainda têm forças para levantar a tranca de uma porta e abri-la para os persas.*

Descartou esse pensamento. Não fazia sentido se preocupar com o que não estava em suas mãos solucionar. Agora, o que importava era evitar que os persas chegassem à capital.

— Por favor, Sicino — disse voltando-se para seu escravo —, dá-me o dioptro.

O persa, que se mantinha calado atrás deles, abriu o saco de couro que levava à cintura e tirou dela um curioso artefato que consistia em um longo bambu oco de sílfio com um cristal de quartzo entalhado embutido em cada ponta. O dioptro possuía a maravilhosa virtude de aproximar os objetos como se estivessem dez ou quinze vezes mais perto, mas, por outro lado, tinha outra característica mais irritante: ao olhar por ele, tudo aparecia de cabeça para baixo, como se o mundo houvesse se virado ao contrário. Temístocles havia observado que outras pessoas ficavam tontas ao olhar pelo tubo. Ele, com muita disciplina, havia se acostumado a inverter a imagem em sua mente para analisar o que via.

— De onde tiraste isso? — perguntou Cinégiro. — Alguma de tuas exóticas viagens ao leste?

O irmão de Ésquilo sentia uma peculiar fascinação por tudo o que era oriental, e mais ainda pelo persa. Era uma atitude frequente em muitos atenienses, que admiravam, temiam e desprezavam os persas, tudo ao mesmo tempo. Nos banquetes que celebrava em sua casa, o próprio Cinégiro muitas vezes se adornava ao estilo asiático, cacheava a barba e vestia uma túnica de cores vivas confeccionada com algodão trazido da longínqua Índia.

Mas já não corriam tempos propícios para essas modas, e a túnica que Cinégiro usava agora era de lã simples e sem estampas. Uma peça inequivocamente grega.

— Ao contrário — respondeu Temístocles. — Comprei-o de um capitão fenício durante uma viagem à Itália.

Cinégiro sorriu meio de lado.

— Um fenício te vendeu isso? Ora, como se os fenícios soltassem de bom grado essas coisas. Quanto dinheiro te tirou, posso saber?

— Eu lhe paguei quinhentas e cinquenta dracmas — respondeu Temístocles sem hesitar.

Pelo brilho divertido de seus olhos, notou que Cinégiro suspeitava. Mas, ainda que tivesse uma boa amizade com ele, preferia não lhe confessar a verdade. Quatro anos antes, ao leste da Sicília, havia topado com um barco que voltava às cidades fenícias do leste, provavelmente a Tiro. Estava com as velas rasgadas e parecia evidente que uma tempestade o havia afastado do resto de sua frota. Temístocles, porém, viajava em um pequeno comboio de três transportes e um navio de guerra, e com tal superioridade numérica a tentação de saquear o navio mercante fenício era muito atraente para resistir. Afinal de contas, os fenícios faziam o mesmo quando a situação era a contrária.

Nos porões do navio, encontraram mais de uma tonelada de lingotes de

estanho, que mais tarde venderam a bom preço, além de grossas peles de urso e castor, peças de âmbar bruto e um par de ânforas cheias de um óleo acinzentado, espesso e malcheiroso. Mas o que Temístocles realmente cobiçava deixara escapar. O capitão do navio mercante, ao ver que o abordavam, pôs fogo no cofre onde guardava seus documentos e se jogou na água com sua própria âncora amarrada nos pés. Temístocles tinha certeza de que esse baú escondia mapas e périplos das costas de além das Colunas de Hércules, talvez a rota das longínquas Cassitérides ou até mesmo da lendária Tule. Mas, pelo menos caíra em suas mãos aquele dioptro com que agora estudava o acampamento inimigo e pelo qual teria pagado até dez vezes o que acabara de dizer a Cinégiro.

— Tem cuidado e não apontes essa merda para o Sol — advertiu-lhe Euforion esticando os dedos para mexer na lente externa.

Temístocles, embora costumasse ser tolerante com os cacoetes de seu amigo, afastou o dioptro temendo que o quebrasse ou que sujasse o cristal. Euforion, frustrado em seu gesto, balançou duas vezes o pescoço para a esquerda, tornou a murmurar “merda” e acrescentou:

— Pode queimar teus olhos.

— Obrigado por teu conselho não solicitado, Euforion — respondeu Temístocles.

Aproximou o olho direito do tubo e o focou primeiro na praia. Como suspeitava, os barcos encalhados na areia, que no dioptro pareciam estar pendurados nela, eram as trirremes. Posto que a arma principal daqueles navios era a manobrabilidade, seus tripulantes, sempre que possível, os levavam até a margem para que a madeira de abeto ou, no caso dos barcos fenícios, de cedro secasse o máximo possível e pesasse menos. Temístocles calculou que devia haver na praia cerca de duzentas trirremes e o dobro de barcos de transporte ancorados na baía. Seiscentos navios no total. Não tantos quanto os mil que os aqueus haviam levado para invadir Troia.

A diferença era que Homero falava de feitos longínquos sobre os quais podia exagerar quanto quisesse, ao passo que aqueles seiscentos barcos estavam ali, diante de seus olhos. E Temístocles, que havia viajado mais que a maioria dos atenienses, tinha de reconhecer que nunca havia visto tantos navios juntos.

Voltou-se para Sicino. O gigante havia sido feito prisioneiro na expedição frustrada que o general Mardônio dirigira contra o norte da Grécia três anos antes. Temístocles não ignorava que seu escravo continuava sendo fiel ao Grande Rei. Mas também sabia que, convencido e orgulhoso da impressionante superioridade do exército de Dario, não sentia nenhuma dificuldade em revelar informação sobre ele.

— Onde trouxeram os cavalos, Sicino?

O jovem persa lhe respondeu em seu grego cheio de assovios.

— Quando viajei com Mardônio, o que fizemos foi adaptar trirremes

desmontando as duas filas inferiores de remos para fazer espaço.

— Quantos cavalos é possível carregar assim? — perguntou Cinégiro. —
Quinze, vinte?

— Trinta, senhor — respondeu Sicino.

O que eu havia imaginado, pensou Temístocles. Era difícil calcular de quanta cavalaria dispunha Dátis, pois suas unidades se moviam constantemente entre as de infantaria, e algumas se adiantavam cavalgando pela terra de ninguém para se aproximar das posições dos hoplitas gregos e provocá-los com seus gritos. Mas Temístocles estava havia duas horas acompanhando os diversos esquadrões e já os havia localizado. Pelo que Sicino lhe havia contado, os persas eram muito meticulosos e organizavam seu exército em múltiplos de dez, de cem e de mil. Apostava que agora haviam trazido dois *hazarabam* de cavalaria.

— Dois mil cavalos — traduziu em voz alta.

Uma força como essa ninguém na Grécia possuía, nem os tessálios, tão afamados por seus cavalos.

— Merdamerda, estamos fodidos — murmurou Euforion, e realizou três vezes seguidas o costumeiro ritual de bater nos dois ombros, no esterno e na testa.

Temístocles sabia que seu amigo não tinha medo. Para ser preciso, não mais medo que os outros. Se estivessem falando de mulheres, teria soltado os mesmos palavrões e sofrido os mesmos cacoetes. Ou piores, pois o pobre Euforion possuía mais razões para temer as mulheres que os guerreiros inimigos. Temístocles tentara casá-lo com sua irmã Nicômaca, mas ela lhe dissera algo como: “Por mais tutor legal meu que sejas, não vais me casar com esse lesado”. Nicômaca havia herdado metade do caráter da mãe, o que já era bastante, de modo que não houve mais nada a dizer.

— Bah, cavalos, cavalos — disse Cinégiro. — Que são dois mil burros grandes contra os melhores hoplitas da Grécia?

— Nunca fomos os melhores hoplitas da Grécia — disse Euforion apontando para a planície com a mão (não pôde evitar levá-la antes à orelha duas vezes), e acrescentou: — E te esqueces de sua infantaria com a merda de seus arcos. Estamos fodidos, embosteados, sodomizados.

Temístocles tornou a apontar o dioptra para a esquerda, mas dessa vez focou as filas a pé que se formavam no campo. Na ala mais próxima a eles, viam-se tropas mais heterogêneas: jônios, cários, panfilienses e outros súditos do Grande Rei. Mas o grosso do exército era formado por iranianos uniformizados com cores vivas. Na primeira fila havia soldados munidos de enormes escudos, quase tão altos quanto um homem, e que deviam ter apoios por trás, pois embora alguns dos persas os houvessem soltado, continuavam em pé. Atrás dessa muralha de escudos, formava-se uma grande massa de arqueiros vestidos de vermelho e distribuídos em dez ou doze filas de profundidade. Não portavam escudo nem lança, apenas seus arcos compostos e, pelo que parecia dali, espadas e facas

longas para o combate corpo a corpo.

Quando Temístocles descreveu a Sicino o armamento daqueles homens, seu escravo lhe explicou:

— Os que protegem os arqueiros são *sparabara*. — O jovem hesitou e se aventurou em grego — “*Porta-escudos*”? Escudeiros?

— Algo assim — respondeu Temístocles.

Continuou percorrendo as filas persas com o dioptro. As unidades estavam nitidamente separadas por grandes corredores que serviam aos esquadrões de cavalaria para se mover entre eles. Graças a esses vãos era fácil contá-las. Quando chegou ao centro, Temístocles verificou que ali havia cinco batalhões uniformizados de outro modo. Na primeira fila também se viam *sparabara* com seus grandes e vistosos escudos coloridos, mas por trás deles estavam lanceiros de túnicas e mitras azuis munidos de lanças e escudos mais leves.

Além das lanças, aqueles homens também portavam arcos e aljavas. Seu velho mestre Fênix não exagerava quando dizia que a primeira coisa que os persas aprendiam era a usar o arco. Temístocles imaginou todos aqueles guerreiros atirando ao mesmo tempo dezenas de milhares de flechas. O pensamento fez que seus pelos da nuca se eriçassem, e não exatamente de emoção.

— Quem são esses lanceiros?

— São os *arshtika* — respondeu Sicino, e acrescentou com orgulho — Eu era um *arshtika*.

Temístocles imaginou aquele gigante armado de lança e escudo, de mitra, e pensou que nem o colosso Ajax²⁸ sob as muralhas de Troia teria causado tanto pânico. Tal como estava agora, vestindo uma simples túnica e com as mãos nuas, Sicino já infundia medo. Seus traços eram corretos, e até se poderia dizer que era bonito. Mas o desabamento da mina lhe havia quebrado o nariz e a queda do raio deixara no lado direito de seu rosto uma sinistra marca roxa que o atravessava da têmpora ao queixo. Como se não bastasse, de seu outro acidente, o do mar, também conservava uma feia mordida em forma de meia-lua que adornava sua panturrilha esquerda.

— Éramos as segundas melhores tropas do Grande Rei — prosseguiu Sicino, contente por recordar sua época de soldado. — Depois dos *amushiya*.

— “*Amusha*”? Quem são esses sujeitos? — perguntou Cinégiro.

— A guarda pessoal do Grande Rei — respondeu Sicino. — Todos pertencem a boas famílias e são grandes guerreiros com a lança e o arco. — Ficou pensando e acrescentou: — E são dez mil.

Euforion assoviou baixinho e realizou seu ritual. Clavículas, esterno e testa. Depois, esticou o braço para tocar os nós do cinturão de Sicino, mas Temístocles lhe deu um tapa.

— Caralhocaralhocaralho — murmurou o demônio de Euforion. — Dario tem

mais soldados como guarda-costas que toda a merda de infantaria que trouxemos.

— Dez mil, disseste? Não quiseste dizer só mil? — perguntou Cinégiro.

— Dez mil, senhor, nem um a menos. Quando há uma baixa, preenchem-na com alguém que está esperando em uma lista, para que sempre sejam dez *hazarabam*. Eu estava nessa lista, e tinha o número dois mil quatrocentos e três quando saí da Babilônia.

Temístocles, que já fazia tempo que aprendia persa com seu escravo, repetiu para si o nome da guarda pessoal de Dario. Mas, sem perceber, em vez de chamá-los de “Companheiros reais”, ou *anushiya*, como havia dito Sicino, deixou-se levar pelo erro de pronúncia de Cinégiro e murmurou *anausha*, “imortais”. Gostou da metáfora: um grande regimento cujas partes individuais podiam morrer, mas que, como conjunto, era impercível.

— Será que há homens desse corpo aí embaixo, Sicino? — perguntou a seu escravo.

— Não, senhor. Eles só vão à guerra acompanhando o Grande Rei.

— Fico feliz de ouvir isso — disse Cinégiro.

Temístocles tornou a olhar pelo dioptro. Agora, na parte norte da planície, uma tropa de cavalaria de cerca de quarenta cavaleiros havia se destacado à frente da parede de escudos. Estudou-os com atenção e os descreveu a Sicino. Seu escravo lhe disse que deviam ser guerreiros sacas, um povo que morava ao norte dos persas, às margens do Cáspio. Falavam uma língua aparentada com o próprio persa e tinham costumes parecidos.

— Mas são uns bárbaros e não seguem os preceitos de Ahuramazda.

Por que será que sempre os vizinhos que temos mais perto nos parecem os mais bárbaros?, perguntou-se Temístocles, sem parar de olhar. Alguns desses cavaleiros portavam pequenos escudos; outros não, mas o sol arrancava cintilações metálicas de sua roupa, de modo que deviam estar protegidos por algum tipo de armadura.

Um dos cavaleiros apontou para ele com um dedo ameaçador e começou a dirigir-se a seus companheiros com amplos movimentos de mãos. Temístocles se sobressaltou e afastou o dioptro de lado. Como em um passe de mágica, os sacas voltaram a ficar de cabeça para cima e a uma distância mais tranquilizadora. Mas continuaram trotando para o Croton, afastando-se mais das linhas de sua infantaria. Temístocles pensou que talvez o sol houvesse refletido no cristal do dioptro e delatado sua presença.

— Talvez não nos tenham visto — desejou em voz alta.

— Eu os estou vendo — respondeu Cinégiro. — O que te faz pensar que eles não nos veem?

— A mãe de todas as merdas — murmurou Euforion. — Por que não voltamos agora mesmo?

— Acho que é uma grande ideia — disse Temístocles.

Desceram a ladeira tropeçando e escorregando nas pedras e no cascalho solto. Ainda estavam a uma boa distância daquele destacamento, e para chegar à derrubada de pinheiros não podiam faltar muito mais de quinhentos metros. Mas era evidente que os sacas os haviam descoberto, pois arrearam seus cavalos e se dirigiram para eles a galope, atravessando uma área de pasto.

— Correi! — gritou Cinégro.

Uma ordem desnecessária: os cinco homens já fugiam com toda a velocidade que podiam imprimir a suas pernas.

Às suas costas já se ouviam os gritos dos cavaleiros e o ruído dos cascos no chão. Temístocles pensou que bastavam quarenta animais a galope para produzir um retumbar de arrepiar os cabelos, e se perguntou o que aconteceria quando toda a cavalaria persa investisse contra eles. Seria como se Poseidon²⁹ cravasse seu tridente no chão e desatasse ao mesmo tempo um terremoto e a fúria de um tornado.

Algo assoviou junto a seu ouvido, e Temístocles sentiu como se uma vespa o houvesse picado. Durante um breve instante, pensou que era isso o que havia acontecido, mas logo viu uma flecha que rebotava no chão uns metros além. Levou a mão à têmpora e ao fazê-lo manchou-a de sangue; pelo menos a orelha continuava ali. Sem parar de correr, voltou-se para olhar. A menos de cinquenta metros, havia um pequeno grupo de cavaleiros, cinco ou seis, que haviam se destacado do resto.

— Merdamerdamerda — recitava Euforion, que, embora não se calasse, conseguia estar à frente do grupo sem perder o fôlego.

Os sacas sabiam cavalgar e atirar ao mesmo tempo com uma facilidade diabólica. As flechas passavam sobre sua cabeça zunindo como varejeiras gigantes. Temístocles tornou a olhar de soslaio e viu que um de seus perseguidores havia se adiantado tanto que já estava quase em cima deles.

— Cuidado! — gritou.

Uma flecha se cravou na coxa do assistente de Cinégro, que proferiu um grito de dor, deu mais dois ou três passos e caiu no chão. Ao ver que Cinégro retrocedia para auxiliar seu escravo, Temístocles ordenou a Sicino que o ajudasse. O persa se deteve um instante, levantou o ferido, jogou-o sobre o ombro e seguiu adiante como um pastor carregando um cordeiro desgarrado.

Corriam em zigue-zague para se esquivar das flechas. A derrubada já estava a menos de cem metros, mas os dentes de Temístocles rangiam, certo de que a qualquer momento ia sentir uma pontada gelada nas costas. Seus pulmões assoviavam e sua boca salivava sangue. Embora fosse um bom corredor, jamais em sua vida havia exigido tanto esforço de suas pernas; tinha certeza de que com a velocidade que mantinha teria superado a si mesmo na corrida de um estádio por mais de vinte metros.

À sua direita ouviu cascos de cavalo ainda mais próximos. Virou o pescoço e viu que o cavaleiro que havia se antecipado aos outros já se encontrava à sua altura. Seu cavalo era pequeno e tinha patas curtas, mas as movia a uma velocidade tão endiabrada que mal se viam. O cavaleiro se voltou sobre a gualdrapa, apertando os joelhos para refrear um pouco o passo de sua cavalgada, e apontou-lhe o arco meio deitado, com um sorriso divertido. Estava tão perto que Temístocles podia ver seus dentes. Era evidente que o saca estava brincando com ele, como se lhe dissesse: “Vês? Posso te matar a qualquer momento”.

Temístocles não podia parar de olhar para ele. *Quando vir a flecha vindo, eu me jogo no chão*, pensou, mesmo sabendo que a tão pouca distância não conseguiria reagir rápido o suficiente.

O saca gritou algo em seu idioma e retesou a corda do arco até levá-la à orelha. Quando parecia que a ia soltar, seu sorriso se congelou e uma seta apareceu no lugar errado, transpassando seu pescoço de lado a lado. Temístocles, desconcertado, durante um instante achou que se tratava de um disparo dado por seus próprios perseguidores, mas a pena da flecha apontava para o acampamento ateniense. Os braços do saca caíram moles e soltaram o arco. O cavaleiro deslizou sobre a sela e desabou pelo outro lado do cavalo com os pés para cima.

Temístocles, por fim, conseguiu afastar os olhos do bárbaro e olhar à frente. Os seus haviam ido ajudá-los, subindo nas árvores tombadas que formavam a derrubada. Havia mais de cem homens, entre peltastas de infantaria ligeira que jogavam pedras e dardos e alguns hoplitas que brandiam sobre a cabeça longas lanças de freixo para ameaçar os sacas com elas. Um homem alto e corpulento de barba de urso estava montado no tronco de um pinheiro, equilibrando-se para não cair, enquanto colocava outra flecha em seu arco e cuspiam insultos em persa. Era quem havia salvado a vida de Temístocles.

Milcíades.

Logo me cobrará o favor, pensou Temístocles, que conhecia bem o general.

Embora seu peito ardesse e sentisse na boca sabor de sangue, conseguiu arrancar de suas pernas uma última acelerada e chegou às árvores uns passos atrás de Euforion. Arranhou as pernas com as agulhas e a ramagem, mas não parou e pulou por entre os vãos até conseguir uma distância prudencial. Só então se voltou, e viu que Cinégiro estava atrás dele. Sicino, entorpecido pelo peso do outro escravo, ficara para trás. Mas os sacas já haviam se detido, e após dedicar alguns insultos aos defensores da derrubada, deram meia-volta e se retiraram.

Quando Sicino chegou ao resguardo da paliçada, comprovaram que o homem a quem havia ajudado estava morto. Com sua morte, sem querer, havia salvado a vida do persa. Sicino o havia carregado ao ombro de tal maneira que o corpo do escravo lhe cobria as costas e lhe servia de escudo humano. O desafortunado

tinha três setas cravadas no tronco e uma na cabeça.

Enquanto Cinégiro se agachava sobre o cadáver de seu assistente e lhe arrancava as flechas, Temístocles se curvou com as mãos apoiadas nos joelhos e tentou recuperar o fôlego. Seu flanco esquerdo doía como se houvesse levado uma surra e parecia que lhe haviam passado uma lixa na orelha. Mas estava vivo, e de repente sentiu uma estranha euforia invadi-lo, e começou a rir às gargalhadas. Cinégiro o olhou um instante com expressão grave. Mas logo deve ter compreendido, assim como Temístocles, que haviam escapado da morte por um fio, e se sentou no chão e rolou de rir com seu amigo. Euforion olhou para eles como se ambos houvessem ficado loucos e desatou seu nervosismo em um frenesi de cacoetes.

— Como caralho podeis rir assim? Isto é muito sério. Esses persas de merda quase nos mataram com suas flechas de merda.

— O que a morte tem de sério? — perguntou Cinégiro. — Nunca viste como todas as caveiras riem?

Apesar de suas próprias palavras, Cinégiro se acalmou e parou de rir. A seguir, pediu a outros escravos que cuidassem do corpo de seu assistente e lhes deu umas moedas para os ritos funerários.

Milcíades se aproximou deles. Ao vê-lo, Temístocles se endireitou.

— Obrigado, Milcíades. Não sabia que tinhas tanta pontaria com o arco.

— Passei muitos anos caçando com esses filhos da mãe em seus parques — respondeu o general. — É mais difícil acertar uma perdiz que um persa. — E acrescentou em tom rude: — Estava te procurando. Onde andavas? Fornicando com uma cabra atrás de uma oliveira?

Estava nessa montanha aí para contar soldados persas. Recorda que tenho mentalidade de contabilista, e não de pecuarista. Esse negócio de fornicar com as cabras e as ovelhas eu deixo aos nobres.

A réplica passou inteira pela mente de Temístocles, palavra por palavra, mas ele pensou que não ganhava nada com o sarcasmo e não chegou a pronunciá-la.

Sem esperar resposta, Milcíades já havia saído, caminhando a passos largos. Temístocles o seguiu como pôde enquanto enxugava o sangue com uma folha. Milcíades, que tingia a barba e o cabelo para aparentar menos idade, tinha já cerca de sessenta anos e uma barriga considerável que contrastava com suas pernas compridas e finas, mas isso não o impedia de andar rápido como um jovem.

Os homens que vigiavam a derrubada se afastavam quando ele passava como se fosse o esporão brônzeo de uma trirreme. Milcíades, que a vida toda estava acostumado a receber obediência cega de seus subordinados, tinha o hábito de passar por cima das pessoas e apavorá-las. Agora, nessa nova Atenas, era obrigado a adoçar seus modos para falar na assembleia. Fazia isso com tanta satisfação quanto quem se purga todas as manhãs com uma dose de rícino, pois

desprezava o povo, a quem em particular se referia sempre como ókhlos, “chusma”.

Embora o povo também não amasse Milcíades, escolhera-o estrategicamente dois anos seguidos. Não havia outro em Atenas que conhecesse tão bem os persas, pois não em vão havia sido súdito do Grande Rei.

Muitos anos antes, na primeira campanha dos persas na Europa, Dario havia construído uma grande ponte de barcas para atravessar o Danúbio com seu exército. A ponte havia ficado sob a custódia de seus súditos jônios, entre eles o próprio Milcíades. Quando se soube que Dario estava em dificuldades, Milcíades propôs aos outros chefes gregos que cortassem os grossos cabos de linho que mantinham os barcos juntos e deixassem os persas isolados em território inimigo. Assim, afirmava ele, livrariam os gregos de muitos problemas no futuro. Mas os outros se negaram a fazer isso, e Dario pôde voltar são e salvo.

Pelo menos essa era a história que o próprio Milcíades contava para se defender das imputações, pois, dentre outras coisas, era acusado de ser partidário dos persas, ou *medizante*, um termo que seu acusador, Xantipo, havia cunhado. Embora não houvesse ninguém para apoiar ou contradizer a história da ponte — seu filho Címon nem havia nascido quando ocorreu —, Milcíades a contou com tal veemência e tanta precisão nos detalhes que os juízes acreditaram.

— E então! — insistiu Milcíades. — Onde caralho estavas?

Temístocles seguiu a máxima que sua mãe lhe havia ensinado: “Nunca digas o que pensas antes de repeti-lo três vezes em tua própria cabeça”, e mordeu a língua pela segunda vez. Não tinha medo de discutir com Milcíades, mas sabia que era impossível convencê-lo de qualquer coisa e que se o contradissessem só conseguiria piorar seu humor. De modo que foi direto ao ponto.

— Os persas têm vinte e cinco mil homens de infantaria e dois mil de cavalaria. Milcíades por fim o olhou de frente, semicerrando os olhos.

— Tens certeza?

— Podes confiar nele — interveio Cinégiro, que não havia se afastado deles.
— É dos que sabem fazer contas.

— São o triplo de nós — acrescentou Temístocles.

— Na realidade, não. Temos cerca de oito mil homens auxiliares que nos...

— Temos chusma — completou Temístocles.

Não gostava de usar essa palavra, mas sabia que assim o elitista Milcíades lhe daria razão. O general bufou como um cavalo.

— É verdade.

A infantaria ligeira que havia ido a Maratona com eles não contava, e os dois sabiam disso. As escaramuças travadas durante o primeiro dia o haviam provado. Os arcos persas tinham muito mais alcance que os dardos ou as pedras dos gregos. Antes que os peltastas pudessem se aproximar deles o suficiente para pensar em atirar seus projéteis, os persas os crivaram com suas setas, abateram

muitos deles e puseram outros para correr.

Só as tropas blindadas podiam enfrentar essa chuva de flechas, e, ainda assim, quem sabe quantos hoplitas chegariam vivos ao choque contra a parede de escudos dos *sparabara*. Tendo isso em conta, o resumo era que havia três soldados inimigos para cada hoplita ateniense. O que era pior que ruim. Os gregos nunca haviam derrotado as tropas imperiais persas em campo aberto, e agora, para piorar, tinham de enfrentar uma superioridade numérica impressionante.

Cinégiro resumiu a situação com uns velhos versos de Arquíloco:

*Vieram mil damascenos
e nos quebraram a pau,
porque Zeus vai com os maus
quando os bons são menos.*

Já estavam chegando ao olival de Hércules quando Címon se juntou a eles. Ao vê-lo ao lado de Milcíades, com os mesmos olhos cinza, tão alto e com os ombros tão largos quanto ele, ninguém poderia negar que era seu filho. Mas os traços de Címon eram mais delicados, e suas pernas musculosas lhe davam proporções mais harmoniosas.

Ao ouvir o informe de Temístocles, Címon deu de ombros e disse:

— Não temas, pai. Quando os espartanos chegarem, as coisas se igualarão. O jovem era um ardoroso admirador de Esparta. Usava o cabelo comprido preso em tranças, a barba curta e afilada e o bigode raspado, tudo no estilo lacedemônio. Segundo constava a Temístocles, havia até comprado um cozinheiro da Lacedemônia para que lhe fizesse caldo negro, o repugnante cozido de sangue e vinagre que os espartanos costumavam comer.

— São os melhores soldados que já existiram — disse o jovem. — Quando vierem, seremos quase vinte mil homens, e então veremos a cara que os persas farão.

— Pois enquanto não chegam, temos uma reunião com o inimigo — disse Milcíades, e olhando para Temístocles, acrescentou: — Por isso te estava procurando. Quero que me acompanhes e que prestes bastante atenção em tudo o que vires.

— Enviaste heraldos?

Milcíades assentiu.

— Vamos nos encontrar com eles agora mesmo, em terreno neutro. O chefe deles vai nos oferecer as condições de nossa rendição.

— Então, não deveríamos nos reunir com eles, pai — disse Címon. — Isso pode ser interpretado como traição.

— Vamos nos reunir com eles e, se necessário, faremos que acreditem que estamos pensando — respondeu Milcíades em tom impaciente. — Tu mesmo

disseste. Estamos esperando os espartanos. Enquanto esses filhos da mãe de cabelo comprido não chegam — acrescentou puxando uma das tranças de seu filho —, ganharemos tempo, mesmo que seja negociando com os cães de Hécate³⁰.

Temístocles assentiu sem dizer nada. Se Dátis queria parlamentar era porque, apesar de sua superioridade, não devia ver muita graça na ideia de atacar a posição dos atenienses. Com um pouco de sorte, distrairiam-no hoje, e amanhã ou, mais tardar, depois de amanhã chegariam os espartanos. E então, a balança estaria mais nivelada.

Evidentemente, Temístocles não podia saber que Fidípides havia chegado nessa mesma manhã a Atenas, onde havia ficado apenas uma hora para informar os membros de guarda do conselho, nem que agora suas incansáveis pernas o levavam a Maratona para dar as más notícias.

Ainda faltavam quatro dias para a lua cheia. E só então os espartanos partiriam.

MARATONA, MESMO DIA ACAMPAMENTO PERSA

Artemísia não se importava tanto por estar casada com seu tio Sangodo, tirano de Halicarnasso, nem por ele ter o dobro de sua idade. O que a incomodava era que a primeira coisa que ele fazia ao se levantar de manhã era pedir a ela, ou a qualquer escravo que andasse por perto, a jarra de vinho e a taça de prata, e que já não parava de beber o dia inteiro até que, por fim, a bebida o derrotava e adormecia. O que doía em Artemísia era que Sangodo, que havia sido um homem muito mais inteligente que a maioria, havia tantos anos falasse com uma voz e um raciocínio cada vez mais pastosos.

Já havia se acostumado ao fato de seu tio e esposo ser impotente de todos os pontos de vista. Tendo em conta que seu hálito cheirava sempre a vinho rançoso e que por culpa da falta de exercício e da idade seus músculos haviam se transformado em pelancas flácidas, Artemísia agradecia por isso. Agora, ao contemplá-lo esparramado no sofá, enterrado em almofadas, com a túnica arregaçada acima dos joelhos e roncando feito um burro, Artemísia recordou que a última vez que fizeram amor havia sido três anos antes. Não era de se estranhar que não houvessem engendrado um herdeiro.

— Se vivêssemos nos velhos tempos — dizia sua avó Tique, lá em Halicarnasso —, não necessitarias nenhum herdeiro. Tu serias a soberana por direito próprio e teu tio não seria mais que um rei consorte.

Tique sempre tinha na boca os velhos tempos. Desde que Artemísia era muito menina, havia tratado de imbuir-lhe o espírito daquele passado distante. Por isso havia instruído sua neta no antigo idioma da ilha de Creta, onde havia nascido; uma língua arcana e mais antiga que o grego, que segundo a própria Tique só algumas mulheres falavam em segredo. Até lhe havia ensinado a ler seus enigmáticos sinais.

— Ninguém mais fala assim, vovó — protestava Artemísia, porque era pequena e preferia sair para brincar ao ar livre, correr e atirar com o arco para gastar sua incansável energia em vez de se sentar à luz de uma lamparina em um cubículo escuro debruçada sobre tabuletas de argila queimada que pareciam rabisçadas pelas patas de um pardal.

— Não podes esquecer, Artemísia — respondia ela —, tua mãe, coitada, morreu ao dar-te à luz. Eu não durarei muito — acrescentava, e seus olhos se enchiam de lágrimas, embora tivesse uma saúde de ferro. — Se não quiseres aprender o que te ensino, quando eu morrer, quem recordará a época de ouro das mulheres, antes que chegassem os gregos com suas armas de ferro e seus deuses celestiais? Quem se lembrará de que houve um tempo em que governava o mundo a Grande Deusa, a verdadeira Ártemis fecunda em honra à qual te dei o nome?

O fato de Ártemis ser virgem era uma fabulação dos homens, afirmava

Tique. Os homens inventavam deusas virgens porque temiam o sexo das mulheres e viam com nojo os ciclos de sua natureza, regidos pela lua da própria deusa. Debochavam dos genitais femininos chamando-os de “porquinho” e coisas do gênero, e tratavam de trancá-los e afastá-los de sua vista até o breve momento em que lhes apetecia usufruir deles.

Sim, a verdadeira Ártemis era selvagem e caçadora, e corria nua pelos bosques sob a luz da lua cheia, tal como contavam os mitos. Mas também era mãe, porque nenhuma mulher, nem mesmo uma deusa, renunciaria a esse privilégio da maternidade que os homens não podiam compartilhar nem compreender.

— Haverás de ter filhas e transmitir-lhes estas recordações, Artemísia — insistia Tique. — Um dia, a roda do grande tempo girará, e a deusa, quer se chame Gaia, Deméter, Ártemis ou como lhe agrade que a adoremos em cada momento, voltará a governar o mundo. Nesse dia só haverá sacerdotisas, pois os sacrifícios dos homens não são gratos à Grande Deusa, e os reis e os guerreiros as consultarão para suas decisões. Nesse dia — acrescentava em sussurros, olhando para os lados a fim de ver se seu genro, o tirano de Halicarnasso, poderia ouvi-la —, a herança será transmitida pelo sangue das mães, que é o único que se pode provar. Nesse dia, Artemísia, tu serás rainha.

Artemísia havia crescido ouvindo tudo isso de sua avó, mas às vezes duvidava que algum dia houvesse existido uma época como a que ela descrevia. Não era que os homens governassem pela força — que também, comparada com as demais mulheres, a atlética Artemísia era uma amazona invencível; contudo, entre os soldados que haviam ido a Maratona em seu navio havia vários guerreiros melhores que ela.

Mas essa não era a questão. Se existia uma verdade universal, ao menos pelo que Artemísia havia comprovado em seus vinte e quatro anos de idade, era esta: a ignorância governa o mundo. Heráclito, um sábio místico de Éfeso que às vezes visitava a corte de Halicarnasso e desconcertava a todos com suas obscuras palavras, afirmava que a guerra era o pai de tudo. Se com isso se referia a Ares, esse deus trácio estúpido e violento, Artemísia estava de acordo. E por isso, porque a ignorância dominava o mundo e porque a violência cega era o princípio de tudo, tinha certeza de que as mulheres jamais poderiam governar.

Por isso e porque, além de tudo, as mulheres passavam a maior parte da vida parindo filhos para os homens e cuidando deles. Para piorar, quando os homens ficavam tão velhos e inúteis que nem sua companhia nem sua amizade interessavam aos outros, eram as mulheres que se encarregavam de cuidar deles e de limpar suas babas e seu traseiro em seus últimos anos.

Mas que não contassem com Artemísia para isso. Quando tivesse um filho, outros cuidariam dele, outros se responsabilizariam por esse filho que não desejava em absoluto, mas que necessitava para continuar sendo soberana de

Halicarnasso quando seu esposo morresse – uma eventualidade para a qual, visto o ritmo em que Sangodo bebia, não podia faltar muito tempo.

— Dátis quer que te reúnas com ele — disse a ele.

Ao ver que não lhe dava ouvidos, tentou movê-lo com a ponta do pé. Sangodo, que havia ficado sem respiração por um momento, soltou um tremendo ronco. A tenda estava cheia de incensários que queimavam incenso e serpão e aqueciam óleo de rosas, pois o cheiro de lodo e de junco podre que emanava do pântano próximo do acampamento persa incomodava Artemísia. Ainda assim, seu fino nariz captou na eructação de seu esposo um bafo de vinho mal digerido que revirou seu estômago.

Era inútil, obviamente. Não ia acordar e, se acordasse, seria ainda pior. Mas alguém da casa de Halicarnasso tinha de ir; Dátis não era homem a quem se desobedecesse levemente.

Artemísia estalou os dedos. Zósimo, que aguardava em pé do outro lado das cortinas que separavam o reservado do resto da tenda, atendeu imediatamente. Artemísia havia levado consigo quatro escravas, duas para limpá-la e lavar sua roupa, uma para penteá-la e outra para maquiá-la e fazer suas unhas. Mas agora não pretendia se vestir para um banquete.

— Podes ver como está — disse ao escravo. — Irei eu no lugar dele.

Zósimo franziu o cenho um instante, mas já havia se resignado às excentricidades de sua ama e aos riscos que corria.

— Muito bem, senhora. Eu te ajudarei.

Artemísia soltou os fechos do vestido com toda a naturalidade. A túnica de seda deslizou por seu corpo com coceguinhas que acenderam sua pele, e a jovem ficou nua, salvo pelo calção que lhe cobria o sexo. Ao levantar os braços para que Zósimo lhe pusesse a túnica masculina, notou que os olhos do escravo se fixavam um instante em seus seios e logo se afastavam, nervosos.

Talvez eu logo torne a te fazer um presente, meu querido Zósimo, pensou Artemísia ao notar certo calor no ventre e perceber que seu corpo já estava havia muitos dias em jejum. O escravo jônio não só atendia pessoalmente a seu senhor Sangodo como também o substituíra no leito quando Artemísia assim lhe ordenava. Zósimo era bonito, tinha um corpo musculoso e uns dedos que sabiam ser suaves para acariciar e fortes para fazer massagem. Além disso, era calado e obediente. Que mais se podia pedir?

Algo diferente, respondeu a si mesma. Ou melhor, alguém diferente. Um homem que não corresse solícito porque ela estalava os dedos, que não obedecesse a todas as suas ordens e a beijasse e acariciasse exatamente onde e quando ela queria. Não, Artemísia desejava em seu leito algo inesperado, algo surpreendente.

E, talvez, não só em seu leito, mas também em sua vida.

Embora estivesse calor, Zósimo pôs sobre a túnica um grosso dólma sem

mangas. Sangodo era um homem magro — o contrário era quase impossível, posto que só bebia —, mas, ainda assim, sua armadura ficava folgada em Artemísia, de modo que necessitava aquele gibão de pele de cordeiro para recheá-la. Zósimo fechou as duas peças de bronze na lateral esquerda de sua ama com os passadores, e depois movimentou um pouco a armadura para ajustá-la melhor sobre seus ombros.

— Assim está bom — disse Artemísia.

O peitoral era de bronze entalhado em relevo, imitando os músculos do peito e do abdome, e o espaldar mostrava uma Vitória³¹ alada gravada com finos traços de buril. A peça pesava quase quinze quilos, mas Artemísia se sentia mais poderosa ao vesti-la, até mais leve, como se as deusas da guerra infundissem duplo vigor a suas pernas.

Não fazia muito sentido usar as incômodas grevas se ia apenas a uma reunião com os atenienses, e não a uma batalha. Mas as panturrilhas de Artemísia, finas e depiladas, teriam chamado muito a atenção, de modo que ela disse a Zósimo que as pusesse. A seguir, pegou a barba postiça que o escravo lhe oferecia e ajustou-a com um cordão por trás das orelhas. Olhou-se no espelho de cobre para ver se a havia posto direito e soltou uma gargalhada, como sempre que se via assim. Apesar da barba, ninguém poderia acreditar que aqueles pômulos tão altos e aquele nariz fino e arrebicado eram de um homem. A única coisa masculina em seu rosto era a pequena cicatriz rosada junto à comissura do olho esquerdo. Ganhara-a cinco anos antes graças a Fidon, capitão das tropas de Halicarnasso, enquanto ele lhe ensinava a manejar a espada. Artemísia tinha muito orgulho dela, como se fosse uma verdadeira ferida de guerra.

A jovem prendeu os cabelos em um coque apertado. Costumava atravessá-lo com um passador de bronze, um alfinete tão aguçado quanto um estilete, que lhe servia também de arma. Mas debaixo do elmo era muito incômodo, e, além do mais, ia levar espada, de modo que se limitou a amarrar o coque com uma fita. A seguir, por fim colocou o elmo coríntio com o alto penacho de plumas brancas e pretas e tornou a se olhar no espelho. Agora tudo era diferente. De seus olhos índigo só se apreciava o brilho selvagem, o nariz praticamente desaparecia entre as sombras, e por baixo do elmo despontavam os cachos negros da barba. Já podia passar por um homem.

Zósimo colocou sobre a armadura o boldrié do qual pendia a espada com empunhadura de marfim e fechou a clâmide púrpura sobre os ombros.

— Já estás pronta, senhora.

— Senhor — corrigiu ela. — Recorda bem.

Artemísia se reuniu com os demais oficiais persas junto à tenda de Dátis. Como cabia à sua autoridade e seu prestígio, o pavilhão do chefe persa era enorme, um

palácio móvel de grossas paredes de lona pintadas de azul e amarelo sobre o qual ondulava um estandarte com o símbolo alado de sua única divindade. Pois, ao que parecia, o Grande Rei havia insistido em que todos os persas seguissem as crenças de um antigo profeta, chamado Zoroastro ou algo parecido, que afirmava que aqueles que os homens consideravam deuses eram, na realidade, demônios, e que existia um único deus verdadeiro, o senhor da luz celeste.

E, como era de se esperar, esse deus era homem.

Como oficial grego, e, portanto, de uma raça inferior à elite persa, Artemísia procurou ficar na segunda fila, atrás dos comandos iranianos, enquanto escutava as instruções de Dátis. O general falava em persa a toda velocidade e mal abria a boca para articular as palavras, de modo que para a jovem era difícil entender o que dizia. Mas expressões como *avajantanaiy hamçiyam*, “matar o inimigo”, e *vimardatanaiy gasta yauna*, “aniquilar os malvados gregos” se repetiam constantemente.

Dátis era um homem magro e pequeno, meio palmo mais baixo que a própria Artemísia. Tinha as faces chupadas, os olhos muito juntos e profundos e os lábios finos feito tiras de metal. Ao que parecia, por suas veias corria um pouco de sangue medo. Os medos eram aparentados com os persas tanto quanto poderiam ser dórios e jônios, a ponto de muitos gregos confundirem os dois povos. Mas não Artemísia, que procurara se informar bem sobre a história e os costumes da raça à qual não tinha mais remédio que mostrar reverência. Por isso sabia que antes do grande Ciro, os medos haviam conquistado a Mesopotâmia, haviam aniquilado o poder dos assírios e arrasado Ninive, sua capital. Mas depois, por sua vez, Ciro os havia subjugado e os relegara ao segundo lugar de seu império, atrás dos persas de pura cepa.

Dátis tinha detratores, pois embora os persas costumassem ser mais discretos que os gregos, também entre eles faziam correr rumores e fofocas de acampamento. Na opinião de muitos oficiais, seria muito melhor que Mardônio comandasse a expedição; era um general mais jovem e mais capacitado que Dátis, e, além de tudo, persa por parte de seus quatro avós. Mas Mardônio havia fracassado três anos antes em sua campanha contra o norte da Grécia, quando as terríveis tempestades do monte Athos levaram a pique metade de sua frota. Ele mesmo havia voltado da expedição com um grave ferimento, e, pior de tudo, caíra em desgraça perante Dario, que resolvera conceder o comando supremo da parte ocidental de seu império a Dátis.

Ariabignes, o sátrapa da Jônia, advertira o esposo de Artemísia contra Dátis:

— Tem cuidado com ele. Nem pensa em lhe mostrar a mínima falta de respeito.

Ariabignes tinha boa relação com a família que governava Halicarnasso, à qual agradecia por não ter apoiado a revolta jônica. Por isso havia visitado Sangodo antes da campanha, para lhe oferecer alguns conselhos. Artemísia

estava presente naquela conversa, e recordava que de vez em quando o sátrapa olhava para ela como se dissesse: “Presta atenção no que digo, porque o bêbado de teu esposo vai esquecer”.

— É um homem extremamente cruel — acrescentara Ariabignes. — Como general é timorato e indeciso, mas na hora de aplicar castigos sua mão não treme. Eu acredito que tem um pouco de sangue assírio.

Artemísia havia comprovado isso pessoalmente. Ela mesma havia visto como os verdugos, por ordem de Dátis, amarravam no cepo uns prisioneiros erétrios para imobilizá-los e, assim, poder lhes cortar as orelhas, o nariz e os lábios, e como depois os haviam castrado estrangulando seus genitais com cordões. Outros, que não lhe interessavam vivos, haviam sido torturados por ele de formas mais variadas. O que mais havia impressionado Artemísia era ver que penduravam dois homens em uma árvore, de cabeça para baixo, e lhes arrancavam a pele em grandes tiras. Sangodo, que observava tudo com uma taça de vinho e um sorriso divertido, explicou-lhe:

— Dátis é um artista. Se os esfolasse com a cabeça para cima, perderiam a consciência.

Alguns oficiais persas haviam virado o rosto com expressão alterada, mas Dátis observava tudo com um brilho de prazer em seus olhinhos de fanático.

Agora, esses mesmos olhos se detiveram um segundo em Artemísia. Mas Dátis sentia um desprezo tão profundo pelos gregos que desviou o olhar logo e nem sequer se deu ao trabalho de cumprimentar os outros dois oficiais jônios que haviam comparecido à reunião. O único grego por quem demonstrava certo respeito era Hípias.

O antigo tirano de Atenas estava ali também. Era um homem muito velho e de movimentos rígidos, mas se mantinha ereto com grande dignidade. Artemísia havia falado com ele algumas vezes. Possuía uma vasta cultura e uma conversa muito amena, e apesar de seus dedos reumáticos, ainda sabia tocar lindas melodias na lira. Mas, quando se falava de Atenas, seus olhos quase leitosos se acendiam de paixão. Estava decidido a governar de novo a cidade, a qualquer preço. Um dia, na ilha de Naxos, enquanto Sangodo e Artemísia jantavam com Hípias após ver a devastação que a frota persa estava causando nas Cíclades, Artemísia lhe perguntou se não notava que Dátis havia jurado arrasar Atenas e que só o deixaria reinar sobre um monte de cinzas.

— Melhor — disse Hípias. — Assim, poderei reconstruí-la totalmente e levantar a cidade de mármore e ouro com que meu pai sonhava.

Nesse momento, Hípias estava muito calado. No dia em que desembarcaram em Maratona, assim que pisaram as praias de sua pátria, sofrera um ataque de tosse tão violento que um de seus incisivos superiores voara de sua boca. O dente havia caído na areia, e por mais que o houvesse procurado, não conseguira encontrá-lo. O antigo tirano havia tomado isso como um mau presságio. Além

disso, apesar de sua idade, era tão vaidoso que o mortificava imaginar alguém debochando de sua gengiva desdentada.

Dátis finalmente concluiu suas instruções. Os oficiais da comitiva, doze homens incluindo Artemísia e Hípias, montaram a cavalo, e acompanhados por outros tantos lacaios, dirigiram-se ao ponto onde deviam se reunir com os gregos.

As linhas de arqueiros e escudeiros se abriram para lhes dar passagem. Durante alguns minutos, percorreram a terra de ninguém, entre pradarias e campos ceifados. Levantara-se um pouco de vento que trazia cheiro de palha e tomilho. Mas, por baixo, Artemísia captou os eflúvios do grande pântano, a mistura do sal com o lodo, o odor pútrido e adocicado da lama e dos juncos em decomposição. Não era um lugar tão bom quanto havia dito Hípias. Sim, havia pasto e água para os cavalos, mas se continuassem muitos dias ali à margem daquele pântano, as doenças não tardariam a surgir.

Enquanto cavalgavam, Artemísia se retardou um pouco para olhar mais à vontade, mesmo que fosse pelo estreito visor do elmo. À sua frente ia Artafernes, jovem sátrapa da Lídia e sobrinho de Dario que comandava a cavalaria. Artafernes era um homem jovem, de traços agradáveis, mas por baixo da barba se assomava uma incipiente papada, e por trás se via que a gordura de sua cintura formava uma espécie de almofada sobre suas nádegas.

Mas a pessoa a quem Artemísia queria observar não era Artafernes, mas sim o homem que marchava atrás dele, pois a deixara fascinada. Chamava-se — ou o chamavam de — Patikara e cavalgava um enorme corcel negro. O tamanho de seu cavalo era correspondente à sua estatura, pois Patikara media quase um metro e noventa e tinha o porte de um atleta. A maioria dos persas vestia uma túnica por cima da armadura, mas ele exibia o peitoral de finas escamas douradas. Sobre seus ombros caía um longo manto azul provido de um capuz, com o qual cobria a cabeça. Embora agora estivesse de costas para ela, Artemísia sabia o que havia debaixo desse capuz: uma máscara de ouro lavrado que representava os traços de um homem com fina barba cacheada e um sorriso divertido. Por que usava essa máscara, ela ignorava. Pelas tropas gregas e cárias que estavam com a própria Artemísia, corriam teorias diversas. Alguns afirmavam que a usava para esconder a deformação produzida em seu rosto pela lepra, uma horrível doença desconhecida na Pérsia e que teria contraído na Índia. Outros contavam uma história assustadora segundo a qual o pai de Patikara, duvidando que fosse realmente filho seu, lhe havia queimado o rosto em um braseiro quando ainda era menino. Os mais debochados achavam que simplesmente era tão feio que seu rosto desmerecia seu corpo, e por isso preferia cobri-lo.

Patikara parecia subordinado a Artafernes, mas este o tratava com grande deferência, quase com medo. Artemísia não sabia muito bem que comando exercia e se perguntava se não seria um desses temidos funcionários

subordinados diretamente a Dario conhecidos como os Olhos do Rei. De qualquer maneira, o mascarado era homem com quem se devia ter cuidado. Como se sua estatura não fosse imponente o bastante, era um exímio arqueiro. Em pleno assédio de Erétria, Artemísia o vira derrubar dois soldados gregos com disparos a mais de cem metros da muralha. A seguir, após receber as felicitações dos cavaleiros que o seguiam, guardara de novo o arco na aljava e voltara à sua tenda como se a guerra não fosse com ele.

Era meio-dia e o sol queimava. O elmo de Artemísia parecia recolher todos os seus raios. Com prazer ela o teria tirado, pois já sentia seu cabelo se transformado em uma bola úmida e amassada debaixo da touca. Ela se perguntou se Patikara sentiria o mesmo calor debaixo de sua máscara.

Chegaram por fim ao ponto de reunião, uma oliveira centenária e solitária junto a uma choça de paredes de barro. Ali, ao lado de uma bandeira azul, os heraldos de ambos os bandos aguardavam à sombra. Também haviam chegado os oficiais gregos, sete homens no total. Os persas poderiam tê-los esmagado debaixo dos cascos de seus cavalos, mas seria um sacrilégio. Apesar de que essa consideração não havia impedido atenienses e espartanos de assassinar os embaixadores de Dario alguns anos antes.

Ao comparar as duas delegações, Artemísia não teve dúvidas acerca de quem venceria aquela guerra. Eles haviam chegado a cavalo, em maravilhosos corcéis de Niceia. Os atenienses, porém, vinham a pé.

— Eles não têm cavalos? — perguntou Zósimo, que andava ao seu lado como palafrenero.

Artemísia não respondeu para não se delatar com a voz, mas suspeitava por que os atenienses haviam ido a pé à reunião. Não porque não tivessem cavalos, mas sim para não passar ridículo, pois ao lado dos niceenses seus animais pareceriam pouco mais que asnos com as orelhas cortadas.

Os atenienses estavam armados, mas com os elmos debaixo do braço. Artemísia supôs que fossem os generais, mas não deviam estar todos presentes. Com a dificuldade que era encontrar um bom general entre milhares de homens, os atenienses conseguiam escolher nada menos que dez por ano.

Um deles deu dois passos à frente, levantou a mão direita e saudou os persas em grego. Embora Halicarnasso houvesse sido fundado por dórios, o dialeto que se usava na cidade era um jônio muito parecido ao de Atenas, de modo que Artemísia entendeu o general sem nenhuma dificuldade.

— Saudações, nobre Dátis — disse o homem. — Sou Calímaco, polemarco de Atenas.

Enquanto os outros generais se apresentavam, Artemísia os examinou, valorativa. Havia entre eles dois espécimes magníficos. O próprio Calímaco era um homem de proporções perfeitas, provavelmente um atleta que havia competido em Olímpia. Ao seu lado havia outro de cabelos dourados que se

apresentou como o Aristides, tão alto quanto Calímaco e quase tão perfeito. Ao vê-los, Artemísia sentiu um estranho orgulho. Alegrava-se pelos atenienses terem enviado aqueles dois homens tão galhardos, mesmo que fossem inimigos, para mostrar a Dátis a valia dos gregos.

Dátis apresentou logo suas condições. A primeira coisa que exigiu foi que os atenienses se retirassem da posição que ocupavam e voltassem à sua cidade, deixando o caminho livre para os persas.

— Uma vez ali — disse o intérprete, que tentava suavizar um pouco o tom e as palavras mais duras de Dátis —, tereis que entregar todos os líderes que apoiaram a rebelião dos súditos jônios de Dario para que sejam executados. Depois, abrirei as portas para a guarnição persa e aceitareis Hípias como vosso legítimo governante; ele atuará em nome do Rei dos Reis.

Os atenienses cochicharam entre si uns instantes. Depois, o polemarco respondeu:

— Infelizmente, haveria que vos entregar trinta mil cidadãos. Nós, atenienses, não temos líderes, reis nem tiranos. Isso responde também a vossa segunda exigência.

Enquanto o tradutor se esforçava para explicar a Dátis o próprio conceito de “cidadão”, tão estranho para os persas, o general corpulento de barba escura que havia se apresentado como Milcíades se mexeu para dizer algo ao polemarco. Ao fazer isso, Artemísia viu outro homem que o corpanzil de Milcíades lhe havia ocultado até esse momento; um oficial com um dragão alado pintado no escudo. E ao reconhecê-lo como Temístocles, filho de Euterpe, seu coração deu um salto e seu sangue subiu de súbito às suas faces.

Temístocles reparou que um dos enviados jônios que estavam atrás dos persas sentia um calafrio, mas não lhe ocorreu relacionar essa reação com sua própria pessoa. Estava ocupado demais estudando de perto as armaduras e vestimentas dos persas para reparar em mais um grego. Seu olho clínico de avaliador se dedicava a calcular quantas centenas ou milhares de dracmas cada um deles vestia. Além do valor de suas armas, todos se adornavam com ouro e âmbar em abundância: anéis, pingentes, grossos braceletes e correntes e colares que davam várias voltas no pescoço. Suas túnicas, longas e providas de mangas, eram de uma cor púrpura, salvo pelas faixas brancas ou azuis do centro. Temístocles conhecia bem aquele tom escuro e elegante, e sabia que não era a imitação barata de cochonilha ou de raiz de ruiva, mas sim púrpura verdadeira de múrex fenício, que podia durar cem anos sem perder a cor e custava mais de seu peso em prata.

Quando se moviam, ouvia-se um atrito metálico mais pesado que o tilintar das joias, o que fazia supor que debaixo das túnicas usavam couraças de escamas ou malhas. Temístocles pensou que era curioso que os persas, ao contrário dos

gregos, preferissem ostentar essas peças, por mais valiosas que fossem, e esconder suas armas embaixo. O único deles que usava a armadura à vista era o oficial da máscara de ouro. O mesmo que havia disparado uma flecha nele durante a evacuação de Erétria. Como se a máscara não houvesse bastado para reconhecê-lo, o soberbo cavalo negro que montava era inconfundível. Embora não fosse excessivamente supersticioso, Temístocles sentiu um calafrio que lhe percorria o corpo e por alguma razão imaginou que o persa sorria para ele debaixo da máscara, como se lhe dissesse: “Nossos destinos estão unidos”.

Dátis continuava desfiando exigências. Temístocles não entendia tudo o que aquele homenzinho de uma sobrancelha só e faces chupadas dizia, pois estava furioso e falava muito rápido. Mas era evidente que não queria acordo e que sua intenção era provocar os atenienses para que saíssem de uma vez para combatê-lo na planície onde se encontravam.

— Nosso senhor Dario, Rei dos Reis — traduzia o intérprete —, exige dois mil talentos de prata como indenização pelo incêndio de Sardes.

— Isso é cinco vezes mais do que pagam todas as cidades da Jônia juntas! — respondeu Milcíades, que já comandava a negociação. — Explica a teu amo o seguinte: a culpa do incêndio de Sardes não foi dos atenienses, sequer dos jônios, mas sim desses sodomitas lídios, por construir os tetos de suas casas com bambu seco, e não com telhas, como pessoas sensatas.

O intérprete traduziu as palavras de Milcíades prescindindo da alusão à suposta sodomia dos lídios, do mesmo modo que quando transmitia as frases de Dátis procurava evitar os termos mais ofensivos que Temístocles entendia, como “serpentes”, “lagartixas mentirosas” ou “repugnantes baratas”. O general, assim como Sicino, devia ser seguidor do deus Ahuramazda, pois seus fiéis detestavam todos os bichos e criaturas que rastejavam.

— Diz meu senhor — traduziu de novo o intérprete — que, dado que não aceitais seus justos e moderados termos, convoca-vos aqui mesmo amanhã depois do amanhecer, com todo vosso exército, para dirimir de uma vez por todas essa contenda como homens de verdade.

Calímaco segurou o braço de Milcíades para lhe dizer algo no ouvido, mas o velho leão já estava muito alterado e respondeu como se ele, e só ele, fosse o porta-voz da vontade de Atenas.

— Dize a teu amo que estamos muito confortáveis em nosso acampamento, à sombra, e que não gostamos de lutar ao sol. De modo que, se quiserdes, vinde nos visitar. Mas apressai-vos, porque amanhã mesmo esperamos outros hóspedes, e não sei se teremos lugar para todos. Quando chegarem os dez mil espartanos, vamos ficar muito apertados em nosso acampamento.

Enquanto o criado traduzia, Dátis apertou tanto os lábios que sua boca se transformou em uma ranhura. Mas quando escutou *datha hazarabam*, “dez milhares”, seus olhinhos se abriram por um instante. *Isso o surpreendeu*, pensou

Temístocles.

Dátis voltou a falar, mas dessa vez nem sequer se dirigiu aos atenienses; fez um gesto chamando um cavaleiro que até então havia permanecido encoberto atrás dos outros. Temístocles o havia visto algumas vezes quando era menino, e de longe, mas se recordava dele, apesar das rugas que lhe cruzavam o rosto e do cabelo e da barba brancos como a espuma do mar. Era Hípias.

— É inútil tratar com esses cães — disse Dátis em persa, falando devagar para que o ancião tirano o entendesse. — Vou matar todos e deixar que seus cadáveres apodreçam aqui mesmo, pois esta terra é impura. Depois, incendiarei Atenas e a arrasarei até os alicerces. Escolhe outra cidade da Grécia para governar, amigo, visto que desta não vai ficar pedra sobre pedra.

Hípias baixou o olhar e não disse nada, mas Temístocles viu, ou quis ver, que seus olhos se enchiam de lágrimas. Dátis voltou a falar com o intérprete, que se dirigiu aos atenienses.

— Meu senhor diz que esta absurda reunião acabou e que é impossível argumentar com bárbaros que não respeitam a verdade. Meu senhor diz também que é a última vez que oferece uma trégua sagrada e que a partir de agora nada será tratado com heraldos, mas sim a ponta de flecha e de lança.

Sem esperar que o intérprete terminasse de falar, Dátis puxou as rédeas de seu cavalo para fazê-lo se voltar e foi embora sem se despedir. Os outros o seguiram. Apenas um dos oficiais gregos, o único que não havia tirado o elmo coríntio apesar do calor, demorou-se um momento, como se quisesse dizer algo aos atenienses. Mas, por fim, deu meia-volta com os outros e se afastou rumo ao acampamento inimigo.

— O que o persa disse a Hípias? — perguntou Aristides a Milciades.

O general ficou pensando por alguns instantes, talvez para tentar traduzir em sua mente o que havia ouvido, ou para inventar algo. Por fim, não querendo confessar que não sabia, balançou a cabeça.

— Nada importante. Vamos embora daqui. Só um persa pode pensar em convocar uma reunião inútil quando o sol está a pino.

Temístocles poderia ter repetido a eles as palavras de Dátis, mas não disse nada. Não havia confessado a ninguém que sabia persa, nem pretendia fazê-lo. Desde muito jovem havia aprendido que a maioria das pessoas quer aparentar mais poder do que tem e mais conhecimento do que possui. Uma fórmula segura para o sucesso em curto prazo e o fracasso futuro. Era muito melhor o contrário, pois, como dizia um velho provérbio: Temos duas orelhas e uma boca só, justamente para escutar mais e falar menos.

Enquanto retornavam ao acampamento, Artemísia não fazia mais que pensar em Temístocles e na impressão que lhe havia causado de novo depois de tantos anos. Distraída, mal notou que haviam atravessado de novo as linhas dos escudeiros.

Pouco depois, passaram junto a um cercado onde uns pajens exercitavam os cavalos em meio a gritos, relinchos e gargalhadas. Nesse momento, o guerreiro da máscara se retardou um pouco até ficar à altura de Artemísia e lhe disse em um persa muito enfático e correto, quase poético:

— É duro manter o rosto debaixo do metal ardente quando os raios do sol caem das alturas.

Artemísia fez um sinal a Zósimo para que se afastasse deles. Depois, engoliu em seco e pigarreou. Visto que um nobre persa se dirigia a ela abertamente, não tinha mais remédio que falar. Sua voz era bastante grave para uma mulher, mas, ainda assim, baixou ainda mais o tom e fingiu rouquidão.

— É verdade, senhor.

— Eu tenho meus motivos para esconder o rosto dos outros. Sem dúvida, tu também.

— De fato, senhor.

— Mas teus motivos não podem ser os mesmos que os meus. Pois um rosto tão lindo como o teu é impossível que ofenda a alguém.

Artemísia se remexeu na sela, inquieta. Talvez houvesse ido longe demais com seu jogo. O mascarado aproximou a mão do antebraço dela, mas não chegou a tocá-la. A manga do cafetã subiu com o movimento, e a jovem pôde observar que Patikara tinha mãos muito brancas e cuidadas.

— Fica tranquila. Não serei eu a te criticar. Quando os homens se transformam em mulheres, as mulheres devem se transformar em homens.

— Não entendo tuas palavras, senhor. Falas em enigmas para mim.

O mascarado soltou uma gargalhada.

— Sabes que não é verdade. Dize, linda Artemísia, não gostarias de poder ir à guerra sem essa barba postiça e o rosto a descoberto, e mandar teus próprios homens para servir o Rei dos Reis?

Era inútil continuar negando sua identidade para aquele homem. Artemísia parou de fingir rouquidão e respondeu:

— Eu me sentiria muito honrada se assim fosse, senhor. Não encontrarás entre os gregos nenhum súdito mais leal ao Grande Rei que eu.

— Confias em mim, Artemísia?

É absurdo. Nem sequer conheço este homem, pensou Artemísia, mas respondeu:

— Confio em ti, senhor.

O persa aproximou seu cavalo tanto que as pernas de ambos se tocaram. O corcel negro era tão alto que o joelho de Artemísia chegava apenas ao meio da panturrilha do mascarado. Baixando a voz, Patikara disse:

— Quando chegar o momento, farás algo por mim. Correrás perigo, mas a recompensa será grande, Artemísia. Muito grande. Farás o que eu te pedir?

O ventre de Artemísia se encolheu, e pareceu-lhe escutar o hábito gelado das

Queres soprando em seu ouvido, pois tinha certeza de que Patikara tramava algo pelas costas de Dátis, e já havia visto como o general persa tratava seus inimigos. Mas, ao mesmo tempo, viu a si mesma como havia dito Patikara, sem barba, o rosto a descoberto, mandando seus soldados para a batalha sobre a ponte do *Calisto*, a nau capitânia de Halicarnasso. A visão fez seu sangue se aquecer.

— Farei, senhor.

— Muito bem, Artemísia — respondeu o mascarado. — Alguém irá te procurar e te dirá: “Chegou a hora de caminhar pela ponte de Chinvat”³². Esse homem te dará minhas instruções. Ele o fará de viva voz, pois não deve ficar prova alguma. Entendes?

— Entendo, senhor.

— Recorda. Não ficará prova alguma de que tu e eu tivemos contato.

Sem acrescentar mais nada, Patikara se afastou dela. Zósimo voltou ligeiro para junto de Artemísia e segurou a rédea de seu cavalo com ar preocupado, mas não disse nada. *Não creio que tenha ouvido*, pensou a jovem. Além disso, que ela soubesse, Zósimo não sabia persa.

Mas havia alguém que conhecia o persa, embora disfarçasse. Durante a reunião com os atenienses, Artemísia não havia tirado os olhos de Temístocles. Enquanto Dátis falava, os outros mantinham o olhar opaco que adquire alguém quando não compreende o que se diz. Mas o dele brilhava, e mantinha os ouvidos atentos. Era evidente que entendia o que estava escutando.

Ao se recordar de Temístocles, voltou a pensar no risco que corria por ter se envolvido com Patikara em uma trama cujo alcance desconhecia. E tomou uma decisão. Se a morte estava perto, antes que chegasse colheria em suas mãos os frutos da vida.

MARATONA, ENTARDECER DO MESMO DIA ACAMPAMENTO GREGO

Uma vez que Fidípides comunicou aos generais e taxiarcas reunidos na tenda a mensagem dos espartanos, o polemarco Calímaco lhe disse que podia se sentar e lhe indicou seu próprio assento, uma poltrona de madeira de cipreste com descanso de braços entalhados. Um escravo levou-lhe um banquinho para que descansasse os pés e ia lhe desamarrear as botas, mas Calímaco disse:

— Depois. Agora, deixa-nos sozinhos.

Após as palavras de Fidípides, fizera-se um silêncio tão denso que se ouviam claramente os ruídos do exterior: as vozes dos soldados, os rebuscos das mulas, os balidos das cabras e ovelhas levados para os sacrifícios. Os dez generais formavam um círculo ao redor do mensageiro, e atrás deles estavam seus subordinados, os taxiarcas. O único sentado era o próprio Fidípides. Sentia-se constrangido sendo o foco de todos os olhares, mas não tinha forças para se levantar. Havia percorrido duzentos e cinquenta quilômetros até Esparta e

duzentos e cinquenta mais de volta a Atenas, e ainda tivera de fazer um último esforço para chegar a Maratona e se reunir com o exército. Ainda que houvesse seguido pelo caminho curto, deixando o monte Pentélico à sua direita e descendo para a planície por entre o Egáleo e o Croton, aqueles trinta e cinco quilômetros lhe pareceram mais longos que todos os outros juntos. Quantos dias havia levado? Quatro, cinco? Mil? As noites e os dias haviam perdido todo significado para ele.

— Fizeste o caminho em três dias e meio. Uma proeza digna de Hermes.

Fidípides se sobressaltou ao ouvir a voz do taxiarca Temístocles, que havia se afastado do círculo para lhe oferecer uma taça de vinho com água. Estava meio adormecido, e sem perceber devia ter pensado em voz alta.

— Cavalheiros — disse um taxiarca cujo nome não recordava, mas que era irmão daquele jovem poeta, Ésquilo. — Penso que já exigimos muito de Fidípides. Devíamos deixar que vá descansar enquanto deliberamos.

O general da tribo Antiochis, Aristides, se opôs.

— Todos agradecemos e admiramos o esforço sobre-humano que fez Fidípides. Mas ninguém deve sair daqui enquanto não decidirmos o que se há de dizer aos demais cidadãos.

Se tanto me agradeceis e me admirais, deixai que me deite ou matai-me, murmurou Fidípides. Seu olhar ficou cravado no banquinho, em suas botas gastas e empoeiradas e em suas canelas e tornozelos, que estavam mais finos que nunca. A pouca carne que tinha, eles a haviam deixado no caminho.

E suspeitava que também sua sensatez. Fidípides sempre havia torcido a boca com ceticismo quando alguém lhe falava de aparições divinas, mas ele mesmo havia experimentado uma dessas teofanias. Havia sido durante a volta, quando atravessava a zona limítrofe entre Arcádia e a Argólide, na parte mais solitária e agreste de sua viagem. Já era noite. Parara junto a um freixo para liberar as poucas e densas gotas de urina que tinha na bexiga quando ouviu pronunciar seu nome:

— Fidiiípides! Fidiíípides!

Fidípides se voltara assustado. Então vira, sobre uma rocha, um bode preto de barba branca que parecia flutuar diante de seu rosto como uma luz fantasmagórica. O bode pulara no chão e se aproximara correndo de Fidípides. Quando estava a uns quatro ou cinco passos dele, levantara-se e de repente tinha braços em vez de patas e um rosto semi-humano. O mensageiro compreendera que se encontrava diante do deus Pan e caíra de joelhos.

— Fidiiípides — dissera o deus, meio com voz articulada e meio com balidos de cabra —, quero que leves um recado aos atenienses.

— Dize, senhor.

O cheiro de macho no cio era tão intenso que Fidípides sentira engulhos, mas baixara a cabeça e cobrira a boca.

— Pergunta por que não me honram se os ajudei tantas vezes, e diz a eles que

se o fizerem como mereço, tornarei a ajudá-los. Faze como te digo, Fidííípides.

Quando se atrevera a erguer de novo o olhar, o deus caprino havia desaparecido, e Fidípides se levantara do chão e se afastara o mais rápido que pudera daquele lugar.

Agora, sentado na tenda dos generais, o mensageiro se perguntava se devia dar a eles o recado de Pan, ou se havia sido tudo um delírio causado pela fadiga. Estava quase convencido do segundo, mas o cheiro... Ainda tinha cravado nas fossas nasais aquele fedor penetrante e almiscarado. Sabia que os olhos podiam se deixar enganar, principalmente à noite e na solidão da montanha, mas o nariz também?

Deixara-se embalar pela lembrança, mas as vozes alteradas e os generais tornaram a despertá-lo.

— Estamos no dia onze — dizia Xantipo, o general da Acamantis. Sua voz tinha um tom muito agudo e irritante que crispava os nervos. — Até o dia quinze não haverá lua cheia. Ainda faltam quatro dias, quatro dias — enfatizou — para que os espartanos saiam de sua cidade.

— Todos nós ouvimos isso, Xantipo — respondeu Aristides.

— O que quero dizer é que, por mais espartanos que sejam, não podem correr tão rápido quanto Fidípides. — *Isso é verdade*, pensou o mensageiro sem uma pitada de orgulho. Estava cansado demais para isso. — Mesmo que venham a marcha forçada, levarão pelo menos três dias. Isso significa esperar sete.

— Se não há mais remédio, esperaremos — respondeu Aristides.

— Como vamos resistir tanto tempo?! — interveio o general Mégacles, do clã Alcmeônida.

Bem em frente ao assento de Fidípides estava o general da tribo Leôntide, um tal de Melóbio, de aspecto e voz anódinos. Atrás dele se encontrava Temístocles, que sussurrou algo em seu ouvido. Melóbio assentiu e depois tomou a palavra.

— Podemos resistir o tempo que for enquanto o caminho a Atenas estiver sob nosso controle e desde que não haja problemas para receber mantimentos.

— Os cidadãos da quarta classe se queixam de que estão perdendo dias de trabalho e têm de alimentar suas famílias — respondeu Xantipo. — Como vamos mantê-los mais sete dias aqui?

— Quanto ganha um boia-fria ou um artesão por dia? — aquela voz impaciente soou atrás de seu assento, mas Fidípides não precisava se voltar para reconhecê-la. Era Milcíades, o mesmo que lhe havia ditado a mensagem para os éforos. — Três óbolos, quatro, uma dracma? Esses homens que Xantipo diz estão servindo de assistentes aos hoplitas, não? Pois, então, que os hoplitas lhes paguem. Ninguém vai à ruína por soltar sete dracmas.

— Ah! Então, há que se pagar além de arriscar a vida? — protestou Xantipo em um tom tão agudo que, mais que escandalizado, soou ridículo.

— Estás falando de tua cidade — respondeu Milcíades. — Vais regular umas

moedas de prata sendo que todos aqui estamos dispostos a derramar até a última gota de sangue?

— Muito bem, Milcíades! — exclamou o irmão de Ésquilo, e vários taxiarcas e generais o ovacionaram.

Temístocles tornou a sussurrar algo no ouvido de Melóbio. Este propôs:

— Podemos dispensar os cidadãos livres e ficar apenas com os escravos. Com um assistente para cada dois hoplitas é mais que suficiente. Se nos...

— Isso é uma indignidade! — protestou Mégacles. — Eu não divido meus escravos com ninguém! Eu me nego!

Melóbio, que ia acrescentar algo mais, fechou a boca, intimidado pelo almeônida. Mas Milcíades, que não se deixaria calar nem por um raio de Zeus, disse:

— Não fazes mais que pôr obstáculos a tudo, Mégacles. Que propões tu? Atender às exigências de Dátis? Por acaso te borraste nas calças depois de ouvir suas ameaças, ou acaso é verdade o que se comenta por aí de vós, os almeônidas?

As palavras de Milcíades provocaram uma balbúrdia. Todo mundo, até Fidípides, que desprezava os rumores da ágora, havia anos ouvia que os almeônidas recebiam ouro dos persas.

— Evidentemente, o que não podemos fazer é negociar usando como mediador um toско e boquirroto como tu! — gritou Xantipo, que era parente por afinidade de Mégacles. — Se vir que estamos dispostos a negociar com ele, Dátis diminuirá suas exigências. Eu sugiro que lhe enviemos outro embaixador, mas que não seja Milcíades!

Fidípides encolheu as pernas por instinto ao ver que Milcíades invadia o círculo central e passava diante de sua poltrona para se jogar sobre Xantipo. O polemarco se interpôs e o deteve pondo as mãos em seu peito, enquanto Aristides se aproximou por trás e segurou seus ombros para aplacá-lo. O general Melóbio gritou com toda a força de seus pulmões.

— Cavalheiros! Cavalheiros! Cavalheiros!

Por fim fez-se certo silêncio, e Milcíades retrocedeu, não sem antes apontar o dedo para Xantipo e fazer o gesto de lhe cortar o pescoço.

— Cavalheiros! — insistiu Melóbio, levantando a mão esquerda, da qual faltavam dois dedos. — Proponho que façamos um juramento!

Aquilo acabou de calar a todos. O tom solene de Melóbio havia interessado ao próprio Fidípides, que baixou os pés do banquinho e se inclinou para a frente a fim de escutar melhor.

— Ninguém fora desta tenda deve saber que os espartanos não partirão de sua cidade até a lua cheia — começou Melóbio. — Por isso, devíamos nos comprometer a não...

— Por favor, Temístocles! — interveio Aristides. — Queres parar de

cochichar no ouvido de Melóbio para ditar seu discurso? Se tens algo a dizer, podes fazê-lo tu mesmo.

O aludido olhou para Melóbio um instante e depois para Milcíades, que assentiu com o queixo. Temístocles deu dois passos à frente, entrou no círculo e se dirigiu a todos.

— Vós sabeis como são as fofocas de acampamento. Se qualquer um dos nossos oficiais ou soldados souber, se deixarmos escapar diante de um escravo apenas meia frase do que se falou aqui, logo todo o exército saberá. O moral dos homens decairá quando souberem que os reforços que esperamos tardarão a chegar. Mas, além de tudo, pode acontecer algo ainda mais grave, que é a informação vazar para os persas e Dátis decidir atacar antes de...

— Que bobagem! Como vai vaziar alguma coisa? — interrompeu-o Xantipo. — Estamos muito longe do acampamento deles.

— Meu querido Xantipo — respondeu Temístocles sem se alterar —, apenas vinte estádios nos separam dos persas. Isso pode ser uma distância impossível para uma flecha, mas não para um rumor. Na guerra sempre há desertores ou gente que negocia com o inimigo aproveitando as horas de escuridão. Por isso, se não quisermos que os persas saibam que os espartanos ainda tardarão a chegar, devemos evitar a qualquer preço que essa informação saia desta tenda.

— Um juramento! — rugiu Milcíades. — Temístocles tem razão! Que dizes tu, Calímaco?

Como polemarco, Calímaco não tinha poder para decidir sozinho em questões táticas. Mas no relativo a votos, sacrifícios e presságios possuía toda a autoridade.

— Eu digo que acho boa ideia — respondeu.

Calímaco se assomou à porta da tenda para pedir uma vítima e, enquanto a traziam, ele mesmo serviu vinho nas taças de todos. Não tardaram a chegar dois escravos com um cabrito preto cujos chifres mal haviam despontado. Calímaco ordenou aos criados que saíssem. A seguir, arrastou o animal para o centro do círculo, puxou seu queixo para cima e o degolou com a lâmina de sua espada. O sangue da vítima encharcou o chão. Enquanto o cabrito ainda agitava as patas traseiras, o polemarco declamou com voz solene:

— Por Zeus, Deméter e Poseidon, deuses do céu, da terra e do mar.

— Por Zeus, Deméter e Poseidon! — repetiram todos os presentes, gerais, taxiarcas e até Fidípides, que havia se levantado a duras penas.

— Nós, aqui presentes, juramos que ninguém revelará o que se disse nesta tenda. E se alguém não respeitar este juramento, que seus miolos se esparramem pelo chão como este vinho.

Todos levantaram suas taças no alto e verteram um pouco de vinho enquanto repetiam as palavras de Calímaco. A seguir, aproveitando que a solenidade do juramento havia serenado um pouco os ânimos, o próprio polemarco declarou dissolvida a reunião.

Fidípides se retirou da tenda arrastando os pés. Sabia que devia levantar os joelhos e flexionar as pernas para que não se transformassem em duas tábuas rígidas que não mais poderia mover, mas não se importava. Só queria se deitar, fechar os olhos e esquecer tudo durante um dia ou dois. Ou até que chegassem os espartanos, por que não?

— Espera um momento, Fidípides.

O mensageiro se voltou disposto a mandar às favas quem o chamava, por mais general ou taxiarca que fosse. Mas Temístocles, sem lhe dar tempo para falar, pôs um saquinho de couro na mão do mensageiro e fechou-lhe os dedos em volta dela.

— Por mais que a cidade te pague e te honre, é pouco para o que fizeste. Por isso, eu te rogo que aceites esta demonstração de minha gratidão pessoal.

Fidípides balançou o saquinho. Pelo peso e o tilintar, calculou que devia ter umas vinte dracmas. O suficiente para comprar umas botas novas. Não, recordou: essas quem pagava era a cidade. Em meio à neblina de sua mente ocorreu-lhe algo muito melhor. Com vinte dracmas podia ir cinco vezes à casa de banhos do Pireu e pedir à opulenta Fano que esfregasse suas costas, pernas e outras coisas.

Isso se pudesse voltar ao Pireu. Se os persas não matassem a todos na planície de Maratona.

— Obrigado, Temístocles.

Deu meia-volta para partir, mas o taxiarca o segurou pelo cotovelo.

— Permite que abuse um pouco mais de tua paciência, Fidípides. Quero te perguntar uma coisa. Quando contaste que os éforos te concederam audiência, talvez eu tenha perdido alguma coisa. Quantos eram?

— Eu não disse? — perguntou Fidípides, confuso.

Estava com tanto sono que sua cabeça começava a doer mais que seus pés.

— Não, creio que não.

— Eram três.

— Tens certeza?

— Sei contar até três — respondeu Fidípides de má vontade.

— Perdão, amigo. Só queria ter certeza. Notaste algo especial em Esparta?

— A que te referes? Estás me deixando tonto.

— Às ruas. Estão celebrando as festas em homenagem a Apolo Carneios³³. Creio que organizam uma corrida muito peculiar na qual perseguem um jovem vestido com faixas de lã. Viste procissões, guirlandas nas fachadas, jogos, gente nas ruas?

Apesar de seu cansaço, o interesse de Fidípides despertou.

— É curioso que me perguntes isso. Não vi muito bulício. E havia menos homens que outras vezes.

Temístocles lhe apertou o ombro.

— Obrigado, amigo. É tudo o que eu queria saber. Descansa o tempo que quiseres, que bem mereces. E se um dia necessitares algo de mim, não hesites em me procurar. Homens íntegros como tu, com os olhos abertos, a boca fechada e os pés ligeiros são sempre úteis à cidade.

Quem vai necessitar de quem?, perguntou-se Fidípides. Mas ao sacudir de novo o saquinho e ouvir o canto cristalino da prata pensou que se em algum momento tivesse de servir a um chefe, melhor que fosse um inteligente como Temístocles.

— Tu não és dos que dão ponto sem nó. Que te contou o mensageiro? — perguntou Milcíades.

O céu se havia tingido de índigo. Os homens que haviam voltado da linha de frente começavam a acender o fogo para jantar, enquanto os piquetes da tribo Aiantis, que estavam de guarda, patrulhavam os limites do acampamento e a derrubada de pinheiros. Ao ver passar Temístocles e Milcíades juntos, muitos se voltavam para eles com a curiosidade natural dos soldados, tentando captar algum rumor. Mas Milcíades segurava o taxiarca pelo cotovelo e ambos caminhavam muito juntos, as cabeças quase coladas e falando em sussurros.

— No verão do ano passado, visitei Esparta por três dias, convidado pelo próxeno que tenho ali, Pausânias — respondeu Temístocles.

— E daí? — Milcíades parecia desconcertado com a resposta.

— Lembra que em Atenas era o mês de Metageitnion. Estavam celebrando as festas carneias.

Milcíades franziu o cenho. Temístocles deixou que pensasse por sua conta uns instantes. Sabia que quase ninguém gostava que guiassem seus pensamentos; se havia algo em que quase todo mundo julgava haver se dado bem na distribuição de Zeus, era em inteligência. Por fim, os olhos do general se iluminaram.

— Entendo. Vem comigo à minha tenda. Fica logo ali.

Milcíades dispunha do pavilhão mais luxuoso do acampamento grego, embora no persa qualquer oficial de patente média tivesse uma tenda mais espaçosa. O general abriu os panos da porta e entrou, sem se dar ao trabalho de ceder a passagem a seu convidado. Címon estava ali dentro, sentado em uma cadeira dobrável afiando sua espada com uma pedra de amolar, enquanto um escravo agachado no chão limpava os relevos de suas grevas de bronze com óleo quente. Ambos se levantaram ao ver Milcíades entrar. O general despachou o escravo com um gesto, mas, quando ia dispensar também seu filho, Temístocles disse:

— Deixa-o. Címon será um dia um estrategista, como tu. É bom que aqueles que não são grandes aprendam a carregar responsabilidades desde jovens.

Milcíades pensou um segundo e assentiu, enquanto o semblante de Címon se iluminava. Temístocles se permitiu um sorriso interior e pensou que Mnesifilo talvez tivesse razão, que talvez fosse verdade que Milcíades e seu filho o estavam usando. Mas enquanto aqueles dois eupátridas fossem dominados pela vaidade,

continuariam funcionando em suas mãos como a mola de uma fechadura. Não fora o próprio Mnesifilo que lhe ensinara aquele princípio? “Não temas os insultos dos inimigos. Deves precaver-te muito mais da adulação dos amigos”.

— Senta-te, Temístocles — convidou Milcíades apontando o grosso tapete que cobria o chão, enquanto ele se acomodava na cadeira, que rangeu sob seu peso.

— Não, obrigado. Não ficarei muito tempo. Não nos convém que os outros pensem que estamos conspirando.

— Que está acontecendo, pai? — perguntou Címon pronto para guardar a espada em sua bainha.

— Continua amolando — respondeu Milcíades. — Quanto mais ruído houver na tenda, melhor. — E acrescentou, baixando a voz: — Ao que parece, ano passado teus amigos espartanos celebraram as carneias no mês de Metageitnion. Este ano as estão celebrando um mês mais tarde, em nosso Boedromion.

— Não entendo, pai.

— Por causa dessas carneias, não podem vir nos ajudar antes da lua cheia.

A expressão de Címon era de pasmo. Temístocles, por sua vez, baixou a olhar e ficou em silêncio. Milcíades havia acabado de violar o juramento revelando aquela informação a seu filho. Mas não seria ele quem o delataria. Pelo menos, por ora.

Dentro da tenda as sombras iam crescendo e se apoderavam de todos os cantos. Címon abandonou um instante a espada e usou o fogo de um pequeno braseiro que queimava ervas aromáticas para acender as lamparinas de óleo. Iluminado de baixo por aquelas tênues chamas, seu rosto parecia mais maduro e anguloso, forjado em linhas de bronze.

— Certamente têm uma boa razão para isso — disse enquanto acendia a última lamparina. Não podia permitir que seus idolatrados espartanos ficassem em situação comprometedoras. — Pode ser que o calendário deles esteja muito adiantado e tiveram de introduzir outro mês.

Aquilo não era tão estranho. Os atenienses faziam-no de vez em quando, porque era impossível manter o ano de doze meses lunares compassado por muito tempo com o ciclo do Sol e das estações. O próprio Temístocles, em seu ano de arcado, havia decretado um mês intercalar. No entanto...

— É uma coincidência muito oportuna — disse Milcíades, como se lhe houvesse lido a mente. — E eu não acredito em coincidências. Temos um tratado com eles — acrescentou dirigindo-se a Temístocles. — Por que acreditas que esses bastardos arrogantes se negam a vir?

— Fidípides me disse que só viu três éforos dos cinco, e um dos dois reis.

— Que significa isso?

— Pai... — interveio Címon.

— Fala.

— Quando os lacedemônios fazem a guerra, só um dos dois reis participa, ao

passo que o outro fica na cidade. E o rei que vai à guerra é acompanhado de dois éforos, para fiscalizar todos os seus atos.

— Isso quer dizer que...

— Que Esparta está em guerra neste momento.

Temístocles assentiu aprovador. O filhote de leão era perspicaz.

— Contra quem, pode-se saber? — perguntou Milcíades. — Outra rebelião dos hilotas? Por que não assumem abertamente e deixam de bobagens?

— Eles gostam de manter seus assuntos em segredo, pai. Têm muitos inimigos e não de...

— Mais inimigos terão se não cumprirem seus compromissos! — Milcíades apertou as duas mãos até que todos os nós de seus dedos se inflamaram. — Filhos da mãe! Agora sim que estamos bem arranjados. Que faremos?

— Vamos tentar ganhar tempo — respondeu Temístocles. — Se tivermos de esperar sete dias, esperamos sete dias. Xantipo e Mégacles querem parlamentar outra vez? Pois que parlamentem. Qualquer coisa desde que deixemos o tempo correr.

— Que diferença faz? Se os espartanos estão em guerra com os hilotas, não mostrarão a cara por aqui nem dentro de sete dias nem de sete meses.

Címon olhou para Temístocles com as sobrancelhas erguidas em uma expressão de súplica, como se pedisse: “Defende-os tu, por favor”.

— Não, isso não — disse Temístocles. — O rei Leônidas deu este recado a nosso mensageiro: “Dize a teus generais que dentro de nove dias verão as lambdas de nossos escudos”. E já não se passado dois desde então.

Milcíades esticou o braço para pegar uma luminária e uma jarra de vinho e bebeu diretamente dela.

— E daí! — grunhiu secando a barba com o dorso da mão e passando a jarra a Temístocles. Címon pigarreou diante da falta de modos de seu pai, mas não disse nada. — Eu já não confio nessa gente que altera o calendário a seu bel-prazer.

Temístocles apenas molhou os lábios com o vinho e passou a jarra a Címon.

— Conheço Leônidas. É tio de Pausânias e um homem de palavra. Virá.

O que não sei é quantos homens poderá trazer consigo. Antes que Temístocles decidisse se expressava seu pensamento em voz alta ou não, ouviu-se uma grande gritaria do lado de fora da tenda. Milcíades e seu filho se levantaram e lançaram mão de suas espadas, temendo um ataque surpresa. Mas logo compreenderam que os gritos eram de alegria, e ouviram os trompetes e os cânticos de um exército em marcha.

— Vês, pai? — o semblante de Címon se transfigurara. — São os espartanos! Estavam brincando conosco! Já estão aqui.

Milcíades saiu da tenda murmurando algo sobre “esses cabeludos filhos da mãe”, e Címon o seguiu. Temístocles saiu por último, meneando a cabeça. Por

mais que ele também desejasse, era impossível que os espartanos houvessem chegado a Maratona pisando os calcanhares do melhor corredor da Grécia.

Do lado de fora, todos estavam em pé e, entre gritos de júbilo, corriam para a parte norte do acampamento, de onde procedia o metálico som dos trompetes. Pelo caminho que passava entre o Egáleo e o Croton, via-se uma procissão de tochas, como um rio de vagalumes que descesse da montanha à planície. Temístocles seguiu Milcíades, que abria caminho por entre as pessoas como um ariete. Mas não tardou a perdê-lo. A seguir, sem saber como, encontrou Cinégiro, que lhe deu um abraço.

— Chegaram reforços!

— Quem? Não me digas que os espartanos...

— Não, homem, não. São nossos aliados de Plateia. Vieram praticamente todos, com nosso amigo Arimnesto.

— Quantos? — perguntou Temístocles.

— Seiscentos hoplitas.

Temístocles sorriu. Plateia era uma cidade pequena, mas demonstrava ser muito valente ao enviar o grosso de suas tropas para ajudar os atenienses.

— Com esses seiscentos, já somos dez mil — disse. — Isso é bom. Gosto de números redondos.

MARATONA, 9 DE SETEMBRO ACAMPAMENTO GREGO

Por fim chegara o plenilúnio.

Apesar do voto de guardar segredo, durante aqueles quatro dias haviam corrido rumores pelo acampamento. Alguns eram fantasias infundadas, mas outros se aproximavam mais do alvo. Era muito possível que algum escravo houvesse ouvido fragmentos da conversa na tenda, mas Temístocles suspeitava mais da indiscrição dos generais e taxiarcas que haviam escutado a mensagem de Fidípides. O caso era que, quando naquela noite a lua cheia se levantou sobre a península de Cynosura que fechava a baía e sua face avermelhada se refletiu no mar, correu pelo acampamento ateniense um sussurro que era quase um suspiro de alívio.

Mas os espartanos ainda levarão três dias para aparecer, pensou Temístocles deitado em sua esteira e contemplando a face da lua. Melóbio dormia em sua própria tenda, e até Euforion tinha uma, mas ele preferia compartilhar o chão com seus soldados. Uma decisão, como era habitual nele, não isenta de cálculo.

A maioria dos fogos havia se apagado e os homens dormiam, mas ainda se escutavam aqui e ali cochichos nervosos. Os dias de espera estavam acabando com os nervos de todo mundo. Os soldados desejavam e temiam a batalha, que não chegava nunca. Havia ocorrido algumas escaramuças à beira da derrubada, mas ficaram mais em troca de insultos entre destacamentos de

cavaleiros persas e patrulhas de defensores atenienses que em outra coisa.

Os hoplitas já haviam começado a criticar abertamente seus chefes, ou, como diziam no jargão militar, a “descer a lenha” neles. Em cada cidadão ateniense havia um general ou taxiarca em potencial. Alguns dos que agora serviam nas filas como simples soldados haviam desfrutado de comando em anos anteriores, e eram os que desferiam contra os chefes atuais as recriminações mais duras. Todo mundo parecia saber o que se devia fazer para sair do ponto morto em que gregos e persas haviam estancado. O problema era que ninguém concordava na solução: atacar de frente, dar uma volta pelos montes que fechavam o norte da planície e surpreender os persas no pântano — o que não explicavam era como pretendiam atravessá-lo sem afundar no lodo com trinta quilos de armas nas costas —, ou recuar para a cidade e se entrincheirar atrás da muralha. Também havia os derrotistas, que propunham selar um pacto com os persas pagando-lhes uma indenização e entregando-lhes os políticos e generais, se fosse preciso. Mas esses tomavam muito cuidado de não comentar isso em voz alta, porque Milcíades já havia se ocupado de chutar as costelas de todo aquele que sugerisse qualquer sinônimo de rendição.

O desconforto do acampamento não contribuía para melhorar os ânimos. Alguns homens tinham tendas de campanha e outros haviam se alojado próximo, nas casas do demo de Maratona. Mas a maioria estava havia várias noites dormindo ao ar livre, e se queixava do relento, e também das pedras e raízes que se cravavam em seus rins. Ali havia homens de cinquenta anos e alguns mais velhos, que quando se levantavam de manhã davam aos outros um recital de tosses, esputos, grunhidos e rangidos de articulações, e enquanto isso homenageavam todos os antepassados dos generais. Para piorar, duas noites antes havia caído um aguaceiro que encharcara a todos e à lenha para cozinhar, e durante um dia inteiro transformara o acampamento em um lodaçal.

Os únicos que continuavam mantendo o humor do primeiro dia eram os acarnienses. Cada vez que Temístocles se aproximava do batalhão da tribo Eneia para falar com Milcíades costumava se entreter um tempo no setor de Acarnas, e eles o convidavam a beber vinho e a comer salsichas assadas, das quais tinham uma provisão aparentemente inesgotável.

Naquela noite, ao nascer da Lua, os mais jovens deles haviam tomado seus escudos e suas lanças, colocado os elmos e dançando a dança pírrica em homenagem a Ártemis. Ao vê-los pular alanceando o ar, socando os escudos e proferindo seus gritos guturais de guerra, o moral de Temístocles subiu um pouco. Aqueles garotos não eram profissionais como os espartanos, mas sabiam manejar as armas e se divertiam com isso.

— Por que não atacamos os persas já? — perguntaram-lhe depois, terminada sua exibição.

— Atacaremos quando chegarem os espartanos — respondeu ele.

— Para quê? Para que levem toda a glória e os outros gregos pensem que somos uns frangotes que precisam da ajuda dos lacedemônios para libertar sua própria terra? — disse um deles, um rapaz loiro que durante a dança havia saltado mais alto que nenhum outro.

Temístocles ficou pensativo. No sonho da grande Atenas que havia herdado de Clístenes, não cabia compartilhar a glória com Esparta. Muito menos cedê-la toda a ela.

— Nisso tens razão, Mimnermo, mas não convém se apressar — respondeu.

Um dos companheiros do aludido deu-lhe um tapinha nas costas e sussurrou:

— Ele sabe teu nome!

— Se conseguirmos chegar ao corpo a corpo com eles, poderemos esmagá-los — insistiu Mimnermo, esmagando uma salsicha com os dedos para demonstrar.

— Tenho certeza disso. Mas tu bem disseste: se conseguirmos chegar. O problema são suas flechas. Para cada um de nós, há três persas. Todos, até os lanceiros, têm arcos, e sabem dispará-los a tal velocidade que antes que a primeira flecha chegue a seu alvo, a segunda já voa pelo ar e a terceira está pronta na corda.

— Dizem que são capazes de acertar uma maçã a um estádio de distância — comentou outro soldado.

Alguns vaiaram tamanho exagero. Mas Mimnermo disse muito sério:

— Então, teremos de correr durante um estádio. É simples assim: se corrermos duas vezes mais rápido, metade de flechas cairá sobre nós.

A expressão de Temístocles era cética. Quase duzentos metros carregando todas as armas?

— Todos nós treinamos a corrida do hoplitódromo — insistiu Mimnermo. — E são dois estádios, e não um.

— Certo, meu jovem amigo — respondeu Temístocles. — Mas o hoplitódromo se corre carregando só o escudo, o elmo e a lança. Soma a isso a armadura, as grevas e a espada. O dobro de peso, no mínimo.

Com outros soldados não teria se atrevido a expressar tantos obstáculos em voz alta, mas os acarnienses eram tão bravateiros que pintar a situação tão difícil só os excitava mais.

— Pois então está claro! — interveio outro soldado. — É o dobro de peso, mas a metade da distância, de modo que tudo se encaixa. Podemos fazê-lo.

— Levarei isso em conta, Palamedes — respondeu Temístocles acariciando o queixo e concebendo uma imagem louca. — Levarei em conta.

E enquanto se afastava de volta para seu batalhão, ouviu-os dizer às suas costas: “Será que esse sujeito conhece todos nós?”, e visto que ninguém o via, permitiu-se um breve sorriso de vaidade.

Naquele momento, deitado junto aos rescaldos da fogueira, não parava de ruminar a conversa. Quando chegassem os espartanos, quantos chegassem... Fariam questão de assumir o comando com sua prepotência habitual? Que diriam no resto da Grécia se conseguissem derrotar os persas com a ajuda deles? Que mérito outorgariam a Atenas após uma hipotética vitória? No caso dos ciumentos vizinhos de Tebas — Corinto, Mégara ou Egina —, certeza que nenhum.

Suponhamos que lutemos sozinhos. A valente ideia dos acarnienses o seduzia, mas que possibilidades tinham de derrotar os persas? Se corressesem debaixo daquela chuva de projéteis, os que sobrevivessem às flechas chegassem mutilados à linha de combate, e ainda teriam que enfrentar corpo a corpo vinte e cinco mil homens de infantaria. E enquanto isso, que faria a cavalaria persa? Como poderiam evitar que os homens montados os flanqueassem, que os atacassem pela retaguarda, que se movessem à vontade pelo campo de batalha para fustigá-los onde fosse mais conveniente a Dátis? No momento em que suas filas se desordenassem e deixassem de ser uma falange compacta, estariam perdidos.

— Para de pensar tanto — disse Mnesífilo, que estava deitado ao seu lado, enrolado no mesmo manto que lhe servia para vestir.

— Tanto assim se nota?

— Teu cérebro faz tanto ruído quanto as dobradiças de uma porta velha.

Quase não me deixas ouvir os grilos.

Temístocles soltou uma gargalhada. A Lua cheia, que havia saído quase ao mesmo tempo que o Sol se punha, já havia percorrido um quarto do firmamento e olhava para ele com sua face divertida. Órion e a brilhante Sirius se erguiam no meio do céu: era a época em que o poeta Hesíodo recomendava vindimar os cachos.

— Reparaste na face da Lua? — perguntou Temístocles a seu amigo.

— A face da Lua?

— Sim, essas manchas cinza que se veem nela.

Mnesífilo suspirou.

— Meus olhos pararam de distingui-las faz tempo. Para mim, a Lua é apenas um borrão branco.

— Há quem diga que a Lua é um espelho, e que as manchas cinza são o reflexo das ondas do mar nele.

— Por que não a olhas com teu dioptra para comprovar?

— Na realidade, já fiz isso — reconheceu Temístocles. — E te surpreenderia saber que impressão me deu.

— E que impressão te deu?

— Que essas manchas eram as sombras de montanhas e de vales, e que havia mares na Lua. Eu me pergunto se lá em cima não vive gente como nós, que está olhando para nós agora e matutando que serão essas manchas que se veem na

cara de Gaia.

— Se estivessem lá em cima olhando para nós de cabeça para baixo, não achas que cairiam em cima de nós?

— Suponho que sim — admitiu Temístocles. — Mas se fossem...

— Para com isso. É melhor não comentares essas coisas em voz alta. A não ser que queiras que te acusem perante um tribunal por impiedade. É melhor não tocar nas coisas de Ártemis. Por que não dormes de uma vez?

Temístocles suspirou e pôs as mãos atrás da nuca.

— Sempre tive dificuldade de adormecer e, quando consigo, durmo aos saltos e acordo várias vezes durante a noite.

— Pois, então, espera até ter minha idade. Eu dormia como uma pedra quando era jovem. Lembro que às vezes fechava os olhos e um instante depois escutava o canto do galo. Mas agora... Maldita velhice!

— Ainda te falta muito para ser velho. Como diria teu bisavô, estás em teu oitavo período de sete anos, quando a inteligência e a língua ainda se sobressaem.

— Ah, mas Sólon não disse nada sobre o lumbago ou os joelhos!

Mnesífilo não acrescentou nada mais. Passados alguns segundos, Temístocles notou a respiração do amigo, que havia fechado os olhos, e depois de um tempo ouviu roncar, somando-se ao coro dos outros soldados que haviam adormecido de barriga para cima ou abusado do vinho.

Ele nem sequer conseguia fechar as pálpebras. Tentava, mas tinha de fazer força para mantê-las coladas, e, assim que se descuidava, voltavam a se abrir sozinhas.

Pensou que era curioso que, dormindo tão pouco, sonhasse tanto. Não havia noite em que não tivesse três ou quatro sonhos, mas a maioria era tão absurda que os descartava no dia seguinte. Havia chegado a pensar que se tratava de um dom especial dos deuses, ou talvez uma maldição. Mais tarde, falando com mais gente, concluíra que simplesmente recordava os sonhos do meio da noite porque acordava várias vezes, ao passo que outras pessoas os esqueciam porque mergulhavam nas trevas de Morfeu³⁴ até o amanhecer.

Perto dele ouviu-se um galho quebrando. Não eram os rescaldos do fogo, mas sim o som de passos. Levantou-se. Uns soldados vinham caminhando entre os adormecidos, saltando seus corpos com cuidado para não os pisar e se agachando para examinar-lhes o rosto à luz da Lua.

— A quem buscais? — sussurrou.

— Ao taxiarca Temístocles — respondeu um dos soldados.

Temístocles se levantou, não sem antes recolher a espada do chão.

— Quem pergunta por ele?

— O general Aristides.

— Eu sou Temístocles.

Segundo o sorteio e a ordem que haviam estabelecido quando chegaram a

Maratona, nesse dia o comando era da tribo Antiochis, de modo que Aristides era o general de guarda. Temístocles amarrava a túnica e se calçou, perguntando-se para que seu velho rival o procurava. Olhou para Sicino, deitado do outro lado da fogueira, e pensou em acordá-lo. Mas o persa tinha um sono muito profundo. Ia demorar um bom tempo para despertá-lo, e tinha pressa de saber o que Aristides queria.

— Eu vos acompanho.

Os soldados o guiaram até o bosque de oliveiras, e dali à praia. Temístocles agradeceu por se afastar dos odores do exército. Estavam havia muitos dias ali, cercados de burros, cabras, ovelhas e um ou outro porco, e nem todos os soldados aproveitavam a proximidade do mar para se lavar, de modo que o acampamento inteiro fedia como as estrebarias de Áugias³⁵.

Aristides estava na praia, com os braços entrelaçados às costas, um gesto muito típico dele, olhando o mar enquanto deixava que a espuma lhe acariciasse os pés descalços. Temístocles fez estalar a areia sob seus pés de propósito, mas Aristides não se deu ao trabalho de se voltar. Quando chegou ao seu lado, imitou o gesto do eupátrida e contemplou o reflexo da Lua cheia sobre as águas escuras.

— Uma noite maravilhosa.

Por fim, Aristides se dignou a reparar em sua presença. Sob o clarão da lua, seu cabelo loiro parecia de prata. Continuava sendo mais alto que Temístocles, mas com a idade suas estaturas se haviam igualado um pouco e agora só o ultrapassava em meio palmo; não o suficiente para intimidá-lo.

Que bobagem, pensou Temístocles. Não havia se deixado intimidar por Aristides nem quando estavam na escola de Fênix e a diferença de altura entre eles era de uma cabeça. Ou era no que queria acreditar.

— Estás aqui.

— Evidente. Não sou nenhuma aparição. Para que me chamaste?

— Alguém veio procurar por ti.

— Teus homens. Isso é evidente.

— Alguém do acampamento persa.

A seu pesar, o interesse de Temístocles se avivou.

— Quem?

— Espero que tu me digas.

— Será difícil, posto que o ignoro.

— Que obscura espionagem estás tramando, Temístocles?

— Não sejas ridículo, Aristides. De que espionagem estás falando? Não posso dizer nada aos persas que já não saibam. Nossa organização é bem conhecida, e nossas táticas também. De fato, não temos mais que uma tática — acrescentou em tom mordaz. — Colocar todos em fila, abater as lanças, cantar o peã e investir de frente contra os inimigos. Temes que lhes revele isso?

Aristides estalou a língua. Orgulhava-se de ser imparcial, e Temístocles sabia

que ele mesmo havia se dado o apelido de Justo, pelo qual era conhecido. Mas não gostava de intrigas, porque não era hábil com elas. Quando via alguma manobra complicada, sempre suspeitava de traições e motivos inconfessáveis.

Eu te conheço como a palma de minha mão, pensou Temístocles ao ler as dúvidas no rosto de Aristides. Mas tinha um problema com ele. Ao discutir com outras pessoas, sabia morder a língua, fingir amabilidade, até mesmo assumir a culpa se isso lhe reportasse algum benefício. Porém, Aristides tinha algo, talvez sua arrogância quase olímpica, que o fazia perder seu controle habitual e abusar do sarcasmo.

— Sabes que há certa informação que juramos não revelar — disse Aristides olhando de soslaio para os soldados que aguardavam a alguns passos deles.

— E esse juramento continua em pé. Olha — mentiu Temístocles —, eu estava dormindo tranquilamente quando teus soldados me acordaram. Não estou tão impaciente quanto acreditas para me reunir com o inimigo, o que bem poderia ser uma armadilha. Mas pensa uma coisa: não achas que existe a possibilidade de que eu obtenha uma informação valiosa dos persas em vez de dar-lhes alguma?

Aristides hesitou. Temístocles compreendia a luta que travava em seu interior. Por um lado, ele, seu grande rival, havia dito: “Que eu obtenha...”. Por outro, o Justo não podia desperdiçar a possibilidade de conseguir alguma informação que pudesse favorecer a causa grega.

— Está bem. Vai. — Temístocles ia se afastar quando Aristides o tomou pelo braço. Seus dedos eram calorosos, quase gentis, e seu tom o surpreendeu. — Tem cuidado, Temístocles.

Temístocles caminhou pela praia adentrando a terra de ninguém que começava ao leste do olival de Hércules. A uns vinte metros o aguardava um homem. Em vez de ficar ali à espera de Temístocles, fez-lhe um sinal para que fosse atrás dele, deu meia-volta e começou a andar a bom passo.

O ateniense o seguiu a certa distância, escoltado pelos três guardas que Aristides lhe havia designado. Depois de um tempo, distinguiu uma sombra na margem, que não tardou a se transformar na silhueta de uma pequena embarcação. Conforme se aproximaram, Temístocles viu que se tratava de uma falua com a proa varada na areia e a vela recolhida sobre o mastro. Tinha oito remos, e os remadores ainda estavam a bordo. Na margem havia só um homem. O guia que havia levado Temístocles até ali se reuniu com ele e ambos conversaram por uns segundos. Depois, o homem que havia permanecido junto à barca avançou para Temístocles, levantou os braços e lhe apresentou as mãos abertas para mostrar que não portava armas.

— Ficai aqui — disse Temístocles aos guardas. — Não creio que haja perigo.

Temístocles também levantou as mãos, embora tivesse a espada pendurada

atrás, no cinturão, e aproximou-se com passo cauteloso. Fosse quem o havia convocado a esse estranho encontro usava uma longa capa e um elmo de hoplita sem penacho. Sem saber muito bem por que, Temístocles se sentiu decepcionado ao comprovar que não era um soldado persa, mas sim jônio.

Ao se aproximar dele, Temístocles captou um aroma agradável e muito intenso. Mas quando aspirou para tornar a cheirá-lo e decidir qual era, o perfume havia desaparecido, e pensou que seu olfato talvez o houvesse enganado.

— Já estou aqui. O quê...

O hoplita fez um sinal pedindo que fizesse silêncio e o acompanhasse. Afastaram-se da margem, atravessaram uns arbustos e subiram uma pequena ladeira de cascalho que levava a um pequeno arvoredo, não mais de dez pinheiros jovens isolados no campo. Temístocles não parava de observar as costas do outro homem. Seu jeito de andar parecia estranhamente felino e seus pés descalços mal faziam estalar a areia, nem os seixos do chão. Pela desenvoltura com que se movia não parecia usar armadura, mas, sem dúvida, escondia alguma arma embaixo da capa. Por via das dúvidas, Temístocles segurou a empunhadura de sua espada e calculou suas possibilidades em uma luta corpo a corpo. O outro era de sua mesma estatura e não parecia corpulento. Mas, de qualquer maneira, não suspeitava por que um grego do exército de Dátis iria querer tirá-lo de seu acampamento e levá-lo até aquele minúsculo pinhal para matá-lo.

Por fim, ao chegar ao arvoredo, o homem se deteve. A seguir, voltou-se para Temístocles, abriu o manto, mostrou-lhe de novo as palmas abertas e disse que se aproximasse. Ele o atendeu, intrigado, pensando que o outro devia querer cumprimentá-lo estreitando-lhe a mão. Mas o jônio se aproximou ainda mais e o pegou pela cintura. De repente, o odor de antes tornou a impregnar o ar.

— Olha, amigo — disse Temístocles, afastando-se um pouco. — Não sou desses.

Com uma gargalhada cristalina como o trinado de um rouxinol, o jônio retrocedeu um passo e tirou o elmo. Ao fazer isso, uma cascata de cabelos negros caiu sobre seus ombros. Era uma mulher. À luz da Lua, teve a impressão de que seus traços lhe eram familiares.

— *Tínon ouk eí, Themisioklé*³⁶? — perguntou, marcando a aspiração de seu nome com um leve ofego.

Uma luz quis se acender no cérebro de Temístocles. Mas a mulher pegou as mãos dele, colocou-as sobre seus próprios quadris, aproximou seu ventre primeiro e depois o rosto. Tinha uns lábios cheios e uns dentes que brilhavam sob a lua, e quando lhe ofereceu sua boca Temístocles não soube dizer não.

Quando terminaram, Temístocles se girou sobre suas costas e ficou olhando o

céu. Um pássaro, ou talvez um morcego, passou voando junto aos galhos do pinheiro sob o qual haviam copulado. Não havia sido confortável: haviam usado como leito a capa da mulher, que mal e porcamente amortecia os seios e as agulhas de pinheiro do chão. Mas Temístocles se deu conta de que necessitava aquilo, de que fazia tempo que necessitava. Arquipa estava já em seu sétimo mês, e desde que soubera que estava grávida não quisera tornar a se deitar com ele. Não se tratava apenas dos incômodos da gravidez, como das outras vezes, mas sim de uma frieza nova. Temístocles temia que a chama que no início de seu casamento a alimentava e a impulsionava a fazer amor constantemente já havia se apagado. Evidentemente, ele não havia se resignado a passar todos aqueles meses encalhado em dique seco. Mas, embora houvesse recorrido três ou quatro vezes à companhia de Criseida, a linda e distraída hetera de cachos de ouro, seus abraços não o preenchiam. Após visitar a casa dela, saía sentindo um estranho vazio, como se lhe houvessem permitido provar um delicado manjar para depois o tirar de sua boca.

Porém, aquela desconhecida o havia contagiado com sua paixão, uma luxúria úmida e morna, desenfreada, quase violenta. Não era estranho que usasse roupa de homem, pois tinha a força de um guerreiro. Cavalgara sobre Temístocles como uma amazona, e depois, quando se deixara possuir por cima, suas pernas apertaram tanto seus flancos que quase lhe cortaram a circulação.

Voltou-se para ela. Parecia jovem, não devia ter muito mais de vinte anos. Agora havia fechado os olhos e sorria com uma deliciosa expressão de paz, de modo que Temístocles pôde contemplá-la à vontade. Seu corpo possuía a suavidade da pele feminina, mas era mais atlético. Enquanto ela se movia em cima, ele havia percorrido suas costas com os dedos seguindo o curso de sua coluna, fascinado com o sulco que se acentuava no centro ao se aproximar dos rins e das nádegas. Perguntou se não seria de Esparta, pois as espartanas tinham fama de fazer ginástica nuas ao ar livre, como os homens.

Abriu a palma da mão e a passou por cima de seus seios, roçando-os apenas. Eram pequenos e um tanto separados, como se alguém houvesse preenchido de carne suave e morna os peitorais de um efebo. Debaixo de sua mão os mamilos se endureceram como agrãos.

— Tens calos nas palmas — disse ela sem abrir os olhos.

— Te incomodam?

— Nãããooo... — respondeu a mulher com um ronronar.

— É o remo. Sou homem do mar.

— Eu sei.

— Sabes?

Ela se voltou, apoiou-se sobre um cotovelo e olhou-o nos olhos.

— Sabes que quando menina eu era apaixonada por ti, primo?

Aquele aroma fugidio voltou ao seu nariz, e com ele a luzinha que queria se

acender. Temístocles afastou os cabelos do rosto dela, tomou-lhe o queixo e girou sua cabeça para cima a fim de vê-la de perfil.

Nunca esquecia um rosto ou um nome. Mas os rostos mudam com a idade, e isso o desorientara. Agora se lembrava dela. Era Artemísia, filha de Ligdamis, falecido tirano de Halicarnasso, e esposa de Sangodo, o governante atual. Ligdamis e Sangodo eram irmãos de sua mãe, Euterpe, de modo que ela dizia a verdade. Eram primos.

Temístocles estivera em Halicarnasso havia... quantos anos? Catorze? Fora a última viagem em que acompanhara seu pai, que já na época estava doente do mal que lhe roía o estômago e que o levava à morte. Embora já sofresse ânsias e vomitasse sangue, Néocles insistira em cruzar o Egeu e levar Temístocles consigo para que conhecesse Ligdamis, seu cunhado, e travasse relações pessoais que reforçassem bem as comerciais.

Na época Artemísia era uma menina magra, com as pernas longas e desajeitadas de um potro recém-nascido. Atento como estava às manobras políticas e comerciais que ocupavam seu pai, o tirano de Halicarnasso e os principais magnatas da cidade, Temístocles não reparara muito nela. Mas, agora que recordava, parecia que aquela menina era onipresente. Encontrava-a por todo lado, ao percorrer um corredor do palácio, ao atravessar um pátio ou ao subir às ameias do telhado. Ela sempre lhe sorria, baixava o olhar e se afastava correndo.

Mas em algo havia reparado, então. Ela tinha dentes grandes, mas brancos e muito bem alinhados, e uns olhos brilhantes e expressivos, de um azul-escuro como as profundas águas que açoítavam o monte Athos.

— Tentava cruzar teu caminho o tempo todo — confessou Artemísia —, mas depois sentia vergonha de falar contigo. Eu era muito menina.

Passado o ardor do sexo, começavam a sentir o frescor da noite. A jovem puxou uma ponta da capa, que teria valido para envolver até mesmo Sicino, e abrigou a ambos.

— Pois essa menina se transformou em uma mulher muito audaz — disse Temístocles.

— Que se disfarça de homem — respondeu ela com um risinho. — Recordas o cavaleiro jônio que estava ao lado do persa da máscara de ouro? Era eu. Não notaste como te olhava?

— Não — reconheceu Temístocles, e semicerrrou os olhos. — Mas... lembro que esse oficial usava barba. Usas uma barba postiça?

Ela tornou a rir, abraçou-se a ele e acariciou-lhe o nariz com a ponta do queixo.

— Só quando vou à guerra.

Falaram da guerra.

— Que fazes com os persas, em vez de ficar em teu palácio? — perguntou

Temístocles. — Não correrias nenhum perigo.

— Eu gosto do perigo — respondeu Artemísia.

Não queria ficar trancada, nem que fosse na grande fortaleza de Halicarnasso e pudesse ir até o mar. O que queria era cheirar a sal e a breu, sentir a espuma em seu rosto, o estalar do casco do barco e das cordas ao se retesar. E, acima de tudo, ansiava a emoção do combate, lançar-se contra as linhas inimigas empunhando uma lança e cantando o peã.

Temístocles pensou em lhe dizer que ela era muito jovem para saber o que era guerra. Por sua mente passaram todos os lugares-comuns que contavam os veteranos aos novatos sobre feridas purulentas, membros mutilados, intestinos esparramados pelo campo de batalha. Mas notou que Artemísia pensava como ele, e por um momento imaginou-a ao seu lado. Os dois juntos na proa do navio capitânia daquela frota com que havia sonhado depois de conversar com Clístenes.

Artemísia, pensou. Seria um bom nome para esse navio. Ágil, esbelta. De esporão certo como as flechas da deusa.

— Por que estás com os atenienses? — perguntou-lhe ela de repente.

Temístocles se afastou um pouco para ver melhor seu rosto. A jovem parecia falar sério.

— Que queres dizer? Eu sou ateniense.

— Só metade de teu sangue. A outra metade é cária e jônica, e os cários e os jônios estão com Dario. Tu também deverias servir o Grande Rei. Seria o melhor para ti.

— Por que eu haveria de estar com Dario?

— Porque é o rei mais poderoso da terra e vai arrasar tua cidade. Isso te parece uma boa razão?

— Vieste me comprar, Artemísia? — perguntou ele em tom cauteloso.

Em vez de responder, a jovem passou a brincar com os poucos pelos que cresciam no peito de Temístocles. Ele tentou se afastar um pouco mais, mas Artemísia enredou suas pernas nas dele, colou-se a seu ventre, e quando notou que seu membro respondia, soltou uma gargalhada.

Temístocles a abraçou e tornou a sentir seu cheiro. Seu aroma ia e vinha, e por fim compreendeu a razão. Artemísia usava fragrância de violeta, um odor intenso que depois de alguns segundos saturava o nariz e se deixava de perceber, voltando depois de um tempo insinuando-se de novo. Não havia perfume mais sedutor: fugidio e intangível como os raios da Lua cheia que agora os banhavam.

— Vim ao que vim, primo — respondeu ela quando Temístocles já quase se havia esquecido da pergunta. — E já consegui.

— Então, se conseguiste o que querias, por que continuas aqui? — respondeu Temístocles abrindo os braços como se soltasse um pássaro cativo.

— Já não sou apaixonada por ti — disse ela olhando-o fixamente nos olhos.

Se estivesse mentindo, pensou Temístocles, fazia-o tão bem quanto ele. Talvez ambos levassem isso no sangue.

— Então, por que te preocupas com o que teu Grande Rei possa me fazer?

— Sei que tu és inteligente. Sinto pena de que teu talento se desperdice em uma cidade governada pela chusma.

— Graças ao governo do que tu chamas de chusma, pessoas como eu, que não são da nobreza, podem usar sua inteligência e seu talento.

— Como tu, filho de Euterpe, não és da nobreza? E nós, soberanos de Halicarnasso, somos o que, então? — perguntou ela enfurecida.

— Para os atenienses, nada. Meus compatriotas creem que nasceram diretamente da terra, no início dos tempos, e que nunca saíram da Ática. Para eles, Atenas é o centro do universo, e todos os que habitam outros lugares são vulgares arrivistas.

— Atenas não é mais que um sujo povoadinho. Não chega nem à sola dos sapatos de Halicarnasso.

Temístocles não se deixou provocar.

— Nisso tens razão. Mas é meu povoadinho, e vou defendê-lo de qualquer invasor que o queira arrebatar de mim.

Ela tornou a acariciar-lhe o peito e sorriu.

— Volta a meu acampamento comigo, primo — disse Artemísia com o tom melindroso de uma menina. Temístocles se perguntou se seria verdade que já não estava mais apaixonada por ele. — Farei que te transformem em um grande chefe. Ao lado de Dario, podes ser rico e poderoso.

— Sou bastante rico, pelo menos para as necessidades de um ateniense. E quanto ao poder, prefiro conquistá-lo por meus próprios meios, e não subordinado a outro, por mais Grande Rei que seja.

— Preferes ser cabeça de rato em vez de rabo de leão? Tu me decepcionas. Um primo meu deveria ser um homem com ambições de verdade.

— Talvez o rato de Atenas não seja tão insignificante. Talvez possa dar uma boa lição ao rabo do leão.

Temístocles se arrependeu assim que disse isso. Incitado pelas palavras de Artemísia, respondera em tom defensivo e presunçoso ao mesmo tempo. Não valia a pena. Uma das normas que o guiavam era que o poder não se alardeia; o poder se exerce, e, se possível, em silêncio.

Afastou-se da jovem e se levantou, mas foi difícil, pois as coxas e panturrilhas dela eram quentes e suaves. Artemísia se sentou e se envolveu no manto.

Deixara o ombro direito de fora, de tal modo que se entrevia seu seio, com a ponta do mamilo se recortando exatamente na borda da sombra. Se Temístocles possuísse talento para a pintura, a teria retratado assim, sob aquela luz pálida.

Artemísia, filha de Ártemis, a deusa da Lua. Sim, sua luz fazia justiça à jovem.

— Agradeço teu interesse, prima — disse, e abaixou para recolher sua túnica.

— Mas te vais.

— Que outra coisa posso fazer? Não gostaria que me tirassem meus direitos de cidadão por desertar.

— Por que tanto interesse em ser cidadão? Dátis não entendia, e eu também não.

— Porque ser cidadão significa não se subordinar a nenhum outro homem. É verdade que os súditos de Dario têm de se prostrar perante ele?

— Claro. É uma demonstração de respeito perante o Grande Rei.

— Eu sou cidadão ateniense. Isso significa que sou livre e que jamais me ajoelharei diante de ninguém.

— Certas coisas jamais se podem assegurar.

Artemísia soltou o manto, pôs-se de joelhos, segurou os quadris de Temístocles e tomou na boca o que antes havia acariciado com a mão. Ele fez um esforço digno de um Titã e se afastou.

— Às vezes, quem está de joelhos tem mais poder que quem está em pé — disse Artemísia rindo.

— Achas que essa é uma forma de poder? Eu diria que é mais uma servidão — respondeu Temístocles enquanto vestia a túnica.

— Ficaste escandalizado, primo? Responde a isto: se uma pessoa pode dar a outra algo que esta quer, qual das duas tem mais poder e qual está mais submetida à servidão?

Temístocles compreendeu que ela tinha razão. Jamais havia falado assim com Arquipa; e, evidentemente, sua esposa nunca pensaria em utilizar sua boca como uma cortesã ou uma mulher de Lesbos. Notou que Artemísia o excitava cada vez mais, e por isso mesmo devia se afastar dela.

— Adeus, prima — disse enquanto terminava de amarrar o cordão e ajeitar a dobra da túnica. — Foi agradável reencontrar-te.

— Se insistires em que lutemos em bandos contrários, talvez da próxima vez não seja tão agradável.

— Realmente pretendes vestir-te de hoplita e ir para o campo de batalha?

— Se assim fosse, tu me matarias como fez Aquiles com Pentesileia³⁷?

Embora falasse ronronando e cobrindo o peito com o manto, Temístocles estremeceu. Pensou que se acontecesse a remota casualidade de que ambos se encontrassem em combate e ele vacilasse um instante, ela não hesitaria em transpassá-lo com sua lança.

— Não sou Aquiles, prima. Nunca o admirei — disse em tom sincero. E usando esse mesmo tom, acrescentou uma mentira: — Eu jamais te faria mal.

Por fim, deu meia-volta e se dirigiu à praia. Por um instante sentiu os olhos de Artemísia cravados em sua nuca. Sem saber por que, imaginou que esses olhos se transformavam em dardos, e sua pele se arrepiou.

SUSA, 10 DE SETEMBRO

Quando em Esparta e Atenas a aurora ainda não tingia de cinza o horizonte, em Susa, capital invernal do Império Persa, já era dia. A cidade, com mais de quatro mil anos de idade, era a mais antiga do mundo. Pelo menos é o que afirmavam seus habitantes, mas os de Jericó e Damasco teriam tido algo a declarar a esse respeito.

Os nativos de Susa falavam elamita, um estranho idioma que não se parecia com nenhum outro. Aquela língua possuía um estranho prestígio para os persas, um pouco complexados pela antiguidade e cultura do reino de Susa, que já era velho quando o lendário Gilgamesh³⁸ percorria o mundo procurando a planta da imortalidade. Talvez por esse motivo, os reis aquemênidas haviam transformado o elamita em uma das línguas oficiais da chancelaria persa.

A corte havia acabado de se transferir para Susa, e o palácio ainda era um caos. De Ecbátana continuavam chegando carroças, mulas e camelos carregados de baús e fardos reais. A maioria dos cortesãos achava muito cedo e protestava discretamente. Ainda não havia chegado o equinócio de outono, e, embora as noites já fossem mais longas e um pouco mais frescas, durante o dia o ar se acalmava na planície e o sol açoitava inclemente as ruas da cidade. Mas Dario estava prestes a completar setenta anos e tinha o corpo judiado em mil campanhas, primeiro como general de Cambises, depois para derrotar os usurpadores que pretendiam disputar com ele o império — como ele havia vencido, seu nome não constava das listas de rebeldes nem usurpadores —, e mais tarde para ampliar as fronteiras desse mesmo império. Quando o tempo mudava, sentia dores em suas cicatrizes, e suas articulações, cansadas de cavalgar, atirar com o arco e carregar o peso da armadura, sofriam muito com o frio do inverno. O mesmo calor de Susa, que tão sufocante lhe parecia quando jovem, agora era uma bênção para ele.

A cidade elamita gozava de mais privilégios. A água do rio Coaspes, que nascia nos montes Zagros e banhava Susa antes de se unir ao Tigre, era a única que o Grande Rei bebia. O aguateiro real a transportava para onde quer que Dario fosse, tanto em inspeção oficial como em campanha de guerra. Para que ninguém pudesse envenenar o Rei dos Reis, guardava-a em vasilhames de prata trancados com uma chave que carregava em seu próprio pescoço e defendia com a vida. Os viajantes que visitavam Susa ficavam surpresos ao saber que Dario só bebia dessa água, pois o Coaspes, após atravessar as montanhas nas quais escavava profundos cânions, descia turvo e pardo de lodo. Mas os filhos do aguateiro real subiam constantemente às fontes do rio, e era ali, nas alturas dos Zagros, que recolhiam a água que fluía transparente como cristal de rocha. E depois disso, entregavam-na a seu pai, que ainda a fervia para purificá-la de todo mal, e com isso perdia qualquer sabor especial que pudesse ter.

Fervida, pois, naquela manhã Dario bebeu a água servida por seu criado.

Depois, fez um sinal quase imperceptível para que mandassem entrar o mensageiro que aguardava do outro lado da porta. O Grande Rei ainda estava meio adormecido porque a estranjería fizera que passasse uma noite ruim, mas tinha o costume de se levantar ao raiar do dia e era um homem muito metódico. Justamente o fato de ser metódico o havia transformado em grande, e ele sabia.

Dario estava sentado na sala onde despachava os assuntos cotidianos, um aposento muito mais modesto que a enorme *apadana* de audiências. Ainda assim, o mensageiro ficou a cinco metros dele, prostrou-se no tapete vermelho estendido diante da maciça poltrona real e, sem levantar o olhar do chão, estendeu o braço para entregar a missiva ao eunuco Artasiras. Este arrancou a bula de barro com o selo aquemênida, desamarrou o cordão púrpura que fechava o papiro e o desenrolou. Como era correspondência pessoal, e não para os arquivos, o camarista não a ditou em voz alta para os escribas, mas se aproximou de Dario e a leu à meia-voz.

A carta vinha da Babilônia, assinada por seu governador Xerxes, filho de Dario e Atossa e herdeiro do trono. Nela se desculpava por não ter ido visitar seu pai, como tinha por norma e costume quando o Grande Rei voltava de seu palácio de verão. Segundo alegava Xerxes, estava doente de umas febres, contraídas por culpa dos ares impuros que emanavam dos pântanos que rodeavam a cidade. Por esse motivo, pedia perdão a seu pai e lhe afirmava que assim que se recuperasse de seu mal, viajaria a Susa para lhe render homenagem.

— Hummm — murmurou Dario após escutar a carta. — Meu filho é forte como um touro e nunca esteve doente na vida. Pergunto-me o que estará tramando.

Artasiras respondeu:

— Não ocorreram manobras incomuns na Babilônia, Grande Rei. A cidade está tranquila. A família Egibi continua acumulando fortuna em seus bancos, as prostitutas continuam dando prazer aos homens e os sacerdotes continuam fazendo sacrifícios a seus falsos deuses na torre de Etemenanki. Meus agentes me disseram que não há movimentos de tropas e que teu filho está doente o verão todo e trancado em seu palácio.

Dario sorriu com certa malícia; a malícia do velho que já não vê a morte muito longe. Xerxes era um homem jovem, na plenitude da idade, tão bem-apegoado quanto havia sido o próprio Dario em seus melhores tempos, e até um palmo mais alto que ele. E, contudo, pelo capricho de Ahuramazda talvez tivesse de cruzar a ponte de Chinvat e submeter-se ao juízo de Mitra ³⁹ antes que seu próprio pai.

— É possível que tenhamos de pensar em outro herdeiro — disse Dario.

— Queres falar disso hoje, Grande Rei?

— Não, não. Tempo haverá. Estou perfeitamente bem e ainda é possível que

meu filho se recupere.

Quando Dario acabou de redigir a carta na qual expressava o desejo de uma pronta cura a seu filho e, de quebra, lhe dava alguns conselhos para cuidar da saúde, avisaram da chegada de outro mensageiro. O camarista fez que entrasse. O novo emissário entrou na sala e se ajoelhou sobre o tapete, manchando-o de pó. Os mensageiros do serviço de correspondência do Caminho Real deviam se apresentar diretamente perante Dario sem se lavar nem trocar de roupas, e se orgulhavam de ostentar o aspecto mais judiado possível para demonstrar o trabalho que enfrentavam para levar as notícias ao Grande Rei à velocidade do vento. Pois o Caminho Real estava organizado de tal maneira que os mensageiros substituíam uns aos outros diariamente nas casas de posta distribuídas pela rota, e cada um deles cavalgava até seis cavalos diferentes no mesmo dia.

O camarista rasgou o selo da mensagem, que havia sido datada em Erétria onze dias antes. Dario balançou a cabeça em um gesto de aprovação. Havia dois mil e setecentos quilômetros entre Susa e Sardes, onde terminava o Caminho Real, isso sem contar os que separavam Sardes da costa e os que faziam a travessia do Egeu. Com duas coisas, acima de tudo, Dario estava satisfeito: a rapidez com que recebia as notícias dos rincões mais remotos de seu império e a pontualidade com que chegavam a suas arcas as remessas dos tributos anuais.

Como essa missiva era oficial, o camarista a leu em voz alta. Os funcionários sentados discretamente junto a uma das paredes, que exerciam ao mesmo tempo funções de intérpretes e escribas, traduziram o original persa para o aramaico e o elamita a fim de guardá-lo nos arquivos de palácio.

— *A Dario, o Grande Rei, Rei dos Reis, Rei das Terras, filho de Histaspes, o aquemênida, teu súdito Dátis, filho de Artabanes, general dos exércitos ao oeste do rio Halis tem a honra de comunicar-te que hoje tomou, saqueou e incendiou a cidade dos erétrios, culpados pela destruição de Sardes. Seus habitantes foram escravizados em teu nome e teu súdito pessoalmente os levará às terras de Susa para que nelas te sirvam, como tu mandaste. Teu súdito roga a Ahuramazda que lhe conceda que em sua próxima mensagem possa te comunicar a destruição da odiada cidade dos atenienses.*

O rei assentiu satisfeito e cruzou os dedos. Depois de pensar um pouco, ditou uma resposta. Ele, Dario, o Grande Rei, Rei dos Reis etc., felicitava Dátis por ter cumprido a primeira parte de sua missão e esperava que Ahuramazda lhe outorgasse seu favor para culminar a segunda. Após acrescentar mais alguns parabéns e elogios, não isentos de conselhos, ele mesmo revisou o texto e o selou.

— No próximo ano — disse em voz baixa a seu camarista —, quando se abrirem os mares para a navegação, viajaremos à Grécia, e sobre as ruínas de Atenas mandaremos construir um palácio para a capital de nossa nova satrapia.

— Meu senhor, a viagem é longa, e, pelo que dizem, na Grécia não há mais que olivais e criadores de cabras maltrapilhos.

— O mundo é grande — respondeu Dario. — A oeste da Grécia estendem-se

outros países mais povoados e ricos.

O camarista assentiu. E ao observar o sorriso quase imperceptível que se desenhava no rosto de Dario, compreendeu que, ao saber da doença de seu filho, o Grande Rei havia se sentido de súbito vinte anos mais jovem.

MARATONA, 10 DE SETEMBRO ACAMPAMENTO PERSA

Pela primeira vez, Artemisia se levantou naquela manhã depois de seu marido. Ao acordar, espreguiçou-se como um gato e notou que, sem saber por que, estava sorrindo. Logo recordou que umas horas antes havia feito amor com Temístocles sob a Lua cheia e tornou a se deitar no leito e a se aconchegar debaixo do lençol para recapitular as recordações da noite e tentar gravar em sua pele as sensações que havia experimentado.

Havia sido como esperava, e ao mesmo tempo diferente. Pleno e frustrante, como se houvesse tido ao alcance de seus dedos um êxtase mais perfeito que lhe houvesse escapado. Mas Artemisia supôs que sempre devia ser assim, até mesmo nos melhores momentos; que o sexo, de certo modo, era como o suplício que sofria Tântalo no Hades, condenado a ver o vento lhe arrebatara das mãos os frutos ansiados no momento em que já roçavam seus lábios.

Fechou os olhos, e enquanto acariciava com a ponta dos dedos seu próprio ventre e esfregava um tornozelo no outro, procurou recordar como era o tato do corpo de Temístocles. Não tinha os músculos de Zósimo, que fazia exercício diariamente para satisfazer seus amos — Artemisia sabia que Sangodo também usava seu escravo de vez em quando. Evidentemente, também não era flácido e pelancudo como o de seu esposo. Era suave e ao mesmo tempo de linhas austeras. Como dizer? Era um corpo abarcável para ela. Manejável.

Deixou escapar uma risadinha. Certamente manejável era o adjetivo que menos combinava com a personalidade de Temístocles. Mas agora preferia continuar evocando seu corpo. Sua beleza não era como a desses dois maravilhosos gregos que havia visto na reunião com Dátis, o polemárcio Calímaco e o general Aristides. Ambos poderiam ter sido usados como modelo por qualquer escultor, e com certeza no ginásio tinham muitos mais admiradores que Temístocles. Mas Artemisia tinha certeza, com seu instinto feminino, de que, embora a beleza de seu primo não seduzisse tanto os homens, agradava mais às mulheres. Porque seu rosto aparentemente frio ocultava mistérios, porque sob sua voz controlada adivinhava-se uma paixão contida que podia se incendiar a qualquer momento. E, acima de tudo, porque quando a olhava com aqueles olhos escuros a fazia se sentir mulher.

Artemisia se lavava diariamente, fosse banho de imersão ou passando uma esponja pelo corpo. Mas naquele dia decidiu não se banhar. Se colasse o nariz nos braços, descobria que ainda conservava neles o cheiro de Temístocles, uma mistura de açafraão e mirra pairando sobre um fundo salgado, como o mar que se

intui por trás de uma montanha. *Tu já não és uma menina*, censurou a si mesma. Não podia continuar apaixonada por ele.

Mais tarde, conforme passaram as horas e a luz do dia dissipou as fantasias brumosas da noite, Artemísia foi se irritando cada vez mais. Sim, havia conseguido fazer sexo na praia com Temístocles, e quando recordava isso seu ventre ainda estremecia. Mas ele não quisera mudar de bando, apesar de poder dizer que era tão halicarnassense quanto ateniense, e de que Halicarnasso havia muito tempo era leal súdita do Grande Rei.

Enquanto os remadores da falua vogavam em silêncio para levá-la a seu encontro furtivo, Artemísia havia fantasiado com a possibilidade de que seu primo voltasse com ela ao acampamento persa, e dali a Halicarnasso. Não só por capricho nem paixão, mas sim porque, infelizmente, necessitava um homem ao seu lado. Quando seu pai morresse, ela, filha única, devia ter se tornado herdeira do tirano. Mas não, os homens não podiam admitir que uma mulher os governasse — quanta razão tinha sua avó nisso —, e por isso tivera de se casar com seu próprio tio, com quem, por infelicidade, não havia forma de engendrar um filho. Se ao menos parisse um maldito filho, Sangodo já poderia beber até explodir de uma vez, que para ela daria na mesma. Com um filho homem, Artemísia poderia governar em seu nome até que ele fosse maior de idade.

Por isso havia sonhado em levar Temístocles de volta para casa. Era alguém que carregava seu sangue, o sangue de seu pai Ligdamis e de seu tio Sangodo, e que, portanto, poderia engravidá-la de um filho que se parecesse com a família sem levantar boatos.

E casar-se com ele depois, quando por fim enviuvasse? Não, melhor não, decidiu. Melhor tê-lo como amante. Caso se casasse com Temístocles, ele quereria ser o tirano de Halicarnasso, manejar a política da cidade e acorrentá-la no tear.

Mas que bobagens estava pensando, se ele havia voltado ao acampamento ateniense e estava fora de seu alcance? A não ser que por fim se travasse a batalha. Nem todos os homens de um exército derrotado morriam. Havia prisioneiros, e ela poderia reclamar Temístocles como parente seu. Ainda tinha suas opções.

Durante boa parte do dia, esteve tão distraída com as recordações da noite anterior e os pensamentos sobre seu futuro que mal ouviu a conversa de Sangodo. Somente no meio da tarde, quando os serviçais começaram a guardar coisas nos baús e a retirar as cortinas que separavam a tenda em compartimentos, perguntou a seu esposo:

— Vamos embora?

Ele sorriu, aproximou-se dela e acariciou-lhe o queixo. Já estava bêbado, evidentemente; bastava a primeira taça do dia para recuperar sua pastosa embriaguez habitual. Mas nunca deixava de ser delicado com ela.

— Foi isso que andei te dizendo o tempo todo.

— Mas... todos? Vamos levantar acampamento? Dátis sentiu tanto medo assim ao ouvir que os espartanos estão vindo?

Sangodo deu de ombros.

— Sei que nós, pelo menos, vamos embora. Ignoro que ordens os outros receberam.

— De volta para casa? Então, atravessamos o mar para não fazer nada? — murmurou Artemísia, frustrada.

Seus homens não haviam chegado a participar dos combates ao pé da muralha de Erétria.

— Para casa não, Artemísia. Antes de amanhecer, quando a Lua estiver baixa, zarparemos para Atenas.

— Atenas! Acaso vão nos abrir as portas da cidade?

Sangodo tornou a dar de ombros.

— Desde quando os persas nos contam por que tomam ou deixam de tomar suas decisões? Eu me limito a fazer o que me dizem.

Artemísia saiu da tenda. Estavam posicionados quase no extremo oeste do acampamento e dali se podiam ver as costas das tropas persas, em formação a pouco mais de trezentos metros, oferecendo batalha como todos os dias. Batalha que os atenienses, de forma sensata, sempre rejeitavam.

Mas, embora a frente estivesse em posição, percebia-se no acampamento uma atividade mais nervosa que nos outros dias. Havia mensageiros que corriam de um setor a outro; escravos carregando pacotes para os barcos; serviços varrendo as faldas das tendas, como se fazia sempre antes de recolhê-las. Artemísia falou com Diógenes, o piloto de seu navio capitânia, e com Fidon, chefe das tropas. Ambos eram homens de sua confiança, pois já fazia algum tempo que haviam compreendido que, se quisessem que as coisas fossem benfeitas e dessem certo, era melhor falar diretamente com ela que recorrer a seu esposo.

— Pelo que sei — disse Fidon —, mais jônios receberam a ordem de recolher. É possível que tenham dito o mesmo aos persas, mas não sei. Disseram-nos que agíssemos “com discrição”. Não podemos desmontar as tendas enquanto não anoitecer — Fidon olhou para os dois lados e baixou a voz. — Há algo mais, senhora.

— Conta-me.

— Eu não vi, mas dizem que esta manhã, não muito depois de nascer o Sol, divisaram-se luzes ali — disse apontando para o sudoeste, em direção à montanha que se erguia sobre o acampamento ateniense.

— Luzes? Pela manhã? Estás te referindo a reflexos?

— Sim, senhora. Ao que parece, alguém do inimigo utilizou um escudo de sinais para se comunicar conosco.

— E o que se supõe que nos comunicaram?

— Eu ignoro, senhora. Mas pode ser que tenha a ver com esta decisão tão precipitada.

Artemísia assentiu, pensativa. Pediu a Fidón uma pequena escolta, e com ela percorreu o acampamento. Em volta do pavilhão de Dátis, havia um círculo de lanceiros em formação que não deixavam ninguém passar, de modo que decidiu visitar Hípias.

O antigo tirano a recebeu com gentileza, como sempre. Ofereceu-lhe uma taça de vinho e uns docinhos de mel, e até tocou lira enquanto ela cantava uma ode convival de Anacreonte. Mas quando tentou lhe arrancar informação sobre o que estava acontecendo, a velha raposa sorriu, mostrando o buraco do dente que havia perdido na praia, e acariciou a coxa dela. Artemísia não se ofendeu. Ele fazia aquilo sem nenhuma luxúria, como um escultor que apalpa admirativo a obra de bronze de um colega.

— Não sei nada sobre nenhum sinal luminoso, minha linda Artemísia. Mas te digo isto: logo me acompanharás à Acrópole. Será a única coisa que não arderá na cidade, Dátis me prometeu. Depois, farei que a reconstruam mais bela que nunca, como teria desejado meu pai.

— Disseste logo. Tão logo como amanhã?

— Talvez.

Hípias deu de ombros. Artemísia suspeitava que ele sabia mais. Mas o ex-tirano não era homem a quem se pudesse manipular, de modo que desistiu, e após conversar mais uns minutos com ele, despediu-se.

Já noite, coberta com um fino manto verde e de braços cruzados, Artemísia observava os serviçais desmontando a tenda de campanha. Já haviam arrancado do chão os grandes cravos de bronze e os estavam guardando em sacolas juntamente com as cordas, enquanto outros enrolavam a lona e recolhiam os paus. Sangodo acordara para supervisionar o trabalho, mas depois de um tempo ficara de mau humor e pedira vinho para moderá-lo. Naquele momento, como era de se esperar, roncava sobre uma esteira de palma, coberto com uma manta, e era Artemísia quem dava as instruções para que levassem os baús e os fardos aos navios.

A Lua se levantara sobre o mar horas antes, mas sua luz ficava velada de tempos em tempos por nuvens altas que passavam à frente dela como retalhos de pano preto. Quando isso acontecia ouviam-se palavrões, porque estavam proibidos de acender fogo. Era evidente que Dátis não queria que os atenienses soubessem que estavam levantando o acampamento.

Se é que o estavam levantando de verdade, pensou Artemísia. Porque, se olhasse além, para o grande pântano, na parte que conseguia ver do setor saca e persa, não se advertiam sinais de atividade. Quais eram as intenções do general?

Mandar para longe seus súditos jônios com medo de que em algum momento lhes ocorresse passar para o bando dos atenienses ou simplesmente desertar? Mas não: Hípias lhe havia dito com toda a clareza que logo estariam juntos na Acrópole de Atenas.

Agora que reparava melhor, alguém vinha andando da parte onde os persas estavam acantonados, cruzando o descampado deixado pelas tendas já levantadas. Ninguém lhe prestou muita atenção. Tanto os soldados de Artemísia quanto os das outras cidades jônicas estavam muito atarefados. O homem se aproximava. Artemísia compreendeu que vinha buscá-los e se perguntou se valeria a pena acordar Sangodo.

O desconhecido falou com dois soldados e depois com Fídon, que após escutá-lo por um tempo o deixou a cargo de seus homens e foi até Artemísia.

— Senhora, esse sujeito diz que quer te dar um recado pessoalmente.

— Quem?

— Não o conheço. Diz chamar-se Córax.

Corvo, pensou ela. Que augúrio traria aquele pássaro? Seria bom ou ruim?

— Eu disse a ele que não te incomodasse, senhora, mas ele insistiu — prosseguiu Fídon. — Traz uma mensagem sobre não sei que ponte que devemos cruzar.

A ponte. A mensagem de Patikara. O estômago de Artemísia se encolheu, e ela pensou que o melhor que podia fazer era ordenar a Fídon que expulsasse dali esse tal de Córax e esquecer a furtiva conversa com o mascarado. Estava prestes a pisar um terreno mais escorregadio que o pântano que se estendia ao norte do acampamento.

Mas se a curiosidade vencera Pandora, com ela não seria diferente.

— Dize a ele que se aproxime.

— Senhora, não sei se...

— Fica tranquilo, Fídon. Sei me defender — disse ela tocando o coque com a mão direita.

Fídon assentiu. Artemísia se perguntou o que ele estaria pensando. O militar, um mercenário nascido de mãe espartana, era um homem hermético, como correspondia à sua ascendência lacedemônia. Na noite anterior havia acompanhado Artemísia na falua, e embora não houvesse dito nada quando ela voltara dentre os pinheiros tirando agulhas do cabelo, era evidente que suspeitava o que andara fazendo. Mas o veterano capitão a conhecia desde menina. Ele mesmo havia ensinado Artemísia a atirar com arco e a manejar a lança, e era inteligente o bastante para saber que não convinha julgá-la nem se opor à sua vontade.

Fídon foi buscar o tal de Córax e o levou a ela. Era um homem mais baixo que Artemísia e de traços finos. Não infundia muita confiança, talvez porque seu rosto recordava muito o de uma doninha.

— Chegou a hora de caminhar pela ponte de Chinvat — disse ele.

Por seu sotaque, notava-se que o persa não era sua língua materna. Mas não havia equívoco possível quanto à mensagem.

— Entendes minha língua? — perguntou Artemísia.

O homem respondeu que sim. Seu grego era fluente, mas com um toque semita, talvez babilônio. Artemísia indicou-lhe que a seguisse e se afastou das tendas, rumo à praia. Fidon ameaçou ir atrás deles, mas Artemísia lhe ordenou que ficasse ali. Não parecia que aquele homem tão pequeno pudesse representar uma ameaça, e não queria que ninguém, nem mesmo seus homens de confiança, captassem um único fragmento de sua conversa.

Deixaram para trás os barcos da pequena frota de Halicarnasso, cinco navios de guerra e dois de transporte, que eram os últimos da linha persa. Continuaram andando mais um trecho, até chegar a umas pequenas dunas semeadas de matas. Artemísia se deteve ali, e ao se voltar viu que, apesar de suas instruções, Fidon e dois homens a haviam seguido de longe, e agora haviam parado a uns cem metros deles.

Dali é impossível que ouçam qualquer coisa, pensou. O vento soprava para o mar, arrastando os turvos odores do pântano.

— Fala agora.

— Creio que disseste a alguém que farias algo por ele, senhora — disse Córax, afetando mistério. — Agora chegou o momento.

— Eu suspeitava. Continua falando — disse Artemísia em um tom cortante e autoritário que tentava disfarçar seu próprio nervosismo.

— Meu senhor disse que quando teu esposo morrer, algo que não deve demorar muito, não serás obrigada a casar com ninguém se não for teu desejo. Tu mesma serás a tirana de Halicarnasso e das ilhas que governa teu marido, e poderás chamar-te rainha, se quiseres.

O rosto de Artemísia corou. Não havia nada que mais desejasse no mundo que ser chamada de rainha por si mesma.

— Que devo fazer em troca? — perguntou.

O homenzinho de cara de doninha se aproximou mais dela e praticamente cochichou em seu ouvido uma série de instruções. Artemísia escutou atenta, sentindo as cócegas de seu hálito. Conforme ia ouvindo, seu coração se acelerava cada vez mais.

Traição. O que Patikara lhe pedia pela boca daquele intermediário era simplesmente uma traição ao Grande Rei. Sugerida por um persa a uma grega, e além de tudo mulher. Que fácil seria para o mascarado, se algo desse errado, culpar Artemísia de tudo aduzindo a natureza falaz dos gregos e a traiçoeira das fêmeas... Que fariam com ela se a pegassem? Torturavam mulheres também? Dátis a empalaria, a esfolaria pendurando-a em uma árvore, mutilaria seu rosto?

Se Patikara podia lhe garantir o título de rainha, sem dúvida era um homem

poderoso, muito poderoso. Mas havia deixado claro a Artemísia que, caso a descobrissem, não a defenderia.

“Não ficará prova alguma de que tu e eu tivemos contato.”

Ao recordar a advertência de Patikara, compreendeu o que tinha de fazer e a quem deveria recorrer para cumprir aquela missão. Alguém incondicional, amarrado a ela não só pela lealdade do criado, como também pelo vínculo da carne. Zósimo.

Seu coração palpitava tão rápido que tinha quase certeza de que Córax o podia ouvir. Não estava mais brincando, como havia feito até então durante toda sua vida. Não se tratava de se vestir de soldado para substituir seu esposo ou de ir à caça com outros homens nas terras do sátrapa. Não, agora tinha de tomar uma decisão irrevogável, que mudaria seu futuro. Tinha de agir de verdade, e sozinha.

E, além de tudo, rapidamente.

Córax olhava-a nos olhos, esperando algo. *Mas também pelo vínculo da carne*, repetiu Artemísia para si mesma. O sexo não era só uma boa maneira de conseguir lealdades. Também podia servir como manobra de distração.

— Agiste bem. Teu senhor me disse que eu mesma deveria te recompensar.

— De fato, senhora.

Artemísia deixou cair o manto. Córax abriu os olhos em uma cômica expressão de incredulidade e não pestanejou enquanto a jovem soltava um par de fechos do ombro esquerdo, o suficiente para abrir a túnica e desnudar um seio. Devido ao frescor da noite, ou talvez à excitação do medo, seu mamilo se endureceu tanto que quase doía.

— A rainha Artemísia sabe ser generosa em suas recompensas — disse, e ela mesma pegou a nuca de Córax com a mão esquerda e o estreitou contra seu peito.

O babilônio ficou um instante sem saber o que fazer. Mas logo deve ter captado as descontroladas batidas do coração de Artemísia e as interpretou mal, como desejo, porque começou a beijar seu seio e lambeu seu mamilo como se lhe houvessem oferecido um doce de mel. Artemísia respirou fundo e o deixou agir. A língua do homem era de lixa, sua saliva pegajosa e morna, seu hálito cheirava a vinho barato e a cáries, e agora havia se entusiasmado e com as duas mãos apertava os glúteos da jovem como se amassasse um pão.

Muito bem, pensou Artemísia. Já sentia nojo suficiente para fazer o que tinha de fazer. Enquanto com a mão esquerda continuava apertando a cabeça de Córax contra seu peito, com a direita tirou o passador do cabelo. Muito devagar, aproximou-o da orelha do homem, e quando calculou que a ponta aguçada estava no orifício, respirou fundo uma vez mais. A seguir, empurrou com todas as suas forças. Uma breve resistência, mais um empurrão e, com um estalo seco, o punção penetrou até a bola de marfim que o arrematava.

O filho da mãe, com o cérebro perfurado e tudo, ainda lhe deu uma mordida

antes de morrer. Artemísia o afastou de si com nojo e o jogou no chão. Tocou o mamilo e comprovou que não estava sangrando, mas seu seio doía muito. Levantou os braços para chamar Fidon. Ao fazê-lo, a dor foi tão intensa que ficou tonta. Dobrou-se sobre si mesma e, sem prévio aviso, vomitou na areia.

Quando Fidon chegou com seus homens, ajudou a mulher a se levantar.

— Estás bem, senhora?

Artemísia limpou a boca com a borda do manto. Só então notou que não havia fechado os broches e estava mostrando um seio nu ao militar. *Sem problema*, pensou enquanto o cobria. *Assim minha história será mais crível*.

— Enterraí este bastardo na areia. Ele tentou me violentar.

Fidon a olhou com uma muda pergunta nos olhos. Artemísia sabia que ele nunca a formularia em voz alta. Depois, enquanto seus soldados arrastavam o cadáver, pensou que era a primeira vez que matava alguém. Aquele pobre infeliz era sua primeira vítima, o primeiro inimigo morto por Artemísia, a amazona, a futura rainha guerreira. Ao pensar nisso, balançou a cabeça, desgostosa. Não era uma proeza tão heroica a ponto de se orgulhar dela no futuro, mas não tivera mais remédio.

Então, para terminar o que havia começado, precisava de Zósimo. E de Temístocles, claro.

ACAMPAMENTO GREGO

Quando acordaram Temístocles para que fosse ao mesmo lugar da noite anterior, ele se perguntou com certo desapego se o esperaria outra sessão de sexo tão exigente como a da véspera. Fosse pelo ardor com que Artemísia e ele se haviam tomado, ou pela dureza do chão, o caso era que os ossos de seu quadril doíam e tinha agulhas de pinheiro nos braços e nas nádegas. *Com quase trinta e cinco anos não se pode fornicar como um adolescente*, pensou enquanto atravessava o olival e a faixa de areia grossa que levava à praia.

Dessa vez não era Aristides quem o aguardava, mas sim Melóbio, o general de sua própria tribo. Até que amanhecesse, a Leontide estava de guarda e Melóbio no comando de todo o exército. Coisa que, do ponto de vista prático, significava que Temístocles era quem exercia o controle.

Juntamente com Melóbio havia um grupo de seis soldados cercando um homem. Temístocles o reconheceu. Era o criado de Artemísia, o mesmo que o havia levado pela praia até o batel onde ela o esperava. O escravo estava descalço, vestia apenas uma túnica curta e, segundo lhe informou Melóbio, a única arma que haviam encontrado era um punhal no cinto.

— Diz que é um desertor jônio — acrescentou o general. — Quer falar contigo. Afirma que traz uma mensagem importante.

— Qual?

— Ignoro. Já te disse que só quer falar contigo.

Temístocles detectou uma pontada de irritação na voz do general. Cravou os olhos nele sem pestanejar até que Melóbio não teve mais remédio que afastar a vista. *Recorda qual é teu lugar*, disse Temístocles com aquele olhar.

Melóbio lhe devia muito. Se havia sido escolhido general, fora graças às influências de Temístocles na tribo Leôntide; em particular, nos demos do sul, perto do distrito mineiro, onde praticamente comiam em sua mão. Além disso, quando concluiu seu generalato, Temístocles havia se comprometido a pagar por ele suas dívidas de jogo: oito mil e trezentas dracmas de perdas que havia acumulado apostando em cavalos e jogando dados em metade dos bares do Pireu.

Temístocles procurava não abusar da situação, ciente de que um homem que deve um favor é um homem ressentido. Diante de todo mundo se mostrava respeitoso para com ele, como se realmente fosse Melóbio quem comandava o contingente da tribo, e tinha a delicadeza de nunca mencionar a obrigação que os unia.

Não era preciso recordar a Melóbio que se Temístocles retirasse sua proteção, seus credores tornariam a enviar os capangas do Pireu. Da primeira vez haviam lhe dado tamanha surra que lhe afundaram duas costelas, e para se despedir lhe cortaram os dedos mínimo e anular da mão esquerda, os mesmos que Melóbio afirmava ter perdido serrando uma tábua em casa. “Da próxima vez, vamos jogá-lo em um forno de carvoeiro”, ameaçaram quando o deixaram jogado em um beco que dava para os galpões de Múniquia.

O que Melóbio ignorava, e melhor que continuasse ignorando, era que Temístocles havia contratado esses capangas. A amputação dos dois dedos fora um excesso que ele havia deplorado e pelo qual descontara cinco dracmas dos sicários. Mas, sendo justo, também não era preciso rasgar a túnica por isso. Por um lado, Melóbio ainda podia segurar o escudo com os outros três dedos, e, por outro, era um nobre rentista que jamais havia trabalhado com as mãos na vida.

Temístocles encarou o escravo de Artemísia. Agora que o via mais de perto, comprovava que era jovem e bem-apegoado. Olhava nos olhos sem baixar a cabeça, com o aprumo de quem sabe ou acredita que tem uma missão importante a cumprir. Não deu sinais de reconhecê-lo, e ele decidiu fazer o mesmo jogo.

— Sou Temístocles, filho de Néocles, do demo de Frear. É a mim a quem buscas?

— Sim, senhor.

— Qual é a informação que trazes e que só queres revelar a mim?

— Os persas estão dividindo suas forças. Agora mesmo estão embarcando um terço da infantaria e quase toda a cavalaria.

— Que pretendem com isso?

— Souberam que os espartanos não chegarão em menos de dois ou três dias.

Por isso, decidiram atacar e destruir Atenas antes que apareçam.

Temístocles acariciou o queixo. Até agora, pendia sobre os persas a ameaça de que os espartanos pudessem chegar a qualquer momento. Provavelmente era essa ameaça que impedia Dátis de tomar alguma decisão e que havia mantido a situação estancada durante aqueles cinco dias. Mas agora, se o criado de Artemísia tivesse razão, o general persa sabia que podia contar com dois dias de margem sem ter de enfrentar os espartanos. E quanto a como Dátis havia recebido essa informação, para Temístocles era óbvio.

Nessa mesma manhã, enquanto Aristides e Melóbio efetuavam a troca de comando, alguém havia feito sinais no Egáleo. O Sol acabava de se levantar, e na encosta do monte, quase no cume, sua luz havia arrancado um reflexo de algo que parecia metálico. Durante um instante, Temístocles pensou que se tratava de um brilho isolado, o reluzir do elmo ou a ponta da lança de algum explorador. Mas o brilho se repetiu várias vezes, e era evidente que seguia um padrão, mas ninguém dos que o estavam vendo reconheceu aquele código. Temístocles ordenou que alguém do batalhão subisse à montanha para investigar. Seus homens ainda não haviam chegado ao pé da encosta quando a sequência de reflexos se interrompeu. Talvez a pessoa que enviava os sinais houvesse visto os soldados que subiam o Egáleo e se assustado. Ou talvez, como temia Temístocles, já houvesse terminado de transmitir sua mensagem.

Fosse como fosse, cinquenta homens da Leôntide passaram metade da manhã rastreando a montanha. Por fim, Euforion apareceu diante de Temístocles, ofegante e cheio de arranhões, e lhe mostrou o que havia encontrado virado para baixo e escondido entre uns espinheiros. Era um escudo votivo, de diâmetro menor e mais plano que um de guerra, e sua superfície de bronze, lisa e polida, refletia as imagens quase como um espelho.

— Algum filho da puta utilizou esta merda para fazer sinais — disse o Nervos, que com o esforço de recuperar o fôlego quase havia esquecido seus cacoetes.

Naquele momento, Temístocles havia suspeitado que a mensagem do espião tinha a ver com Esparta, as festas carneias e o plenilúnio, pois era a única informação realmente comprometedoras que podia vazar para os persas. Mas agora, após ouvir o escravo de Artemísia, já não suspeitava. Tinha certeza. Alguém em suas próprias filas os havia traído.

Não fazia sentido se lamentar por isso. O importante agora era colocar-se na pele de Dátis. Que decisão tomaria ele se fosse o general inimigo?

Dátis já sabia que durante dois dias teria só de contar com os dez mil atenienses, aos quais quase triplicava em número, sem se preocupar com os espartanos. Ainda assim, continuaria não querendo atacá-los de frente na região de piemonte, onde os atenienses estavam protegidos pela derrubada de pinheiros e pelas irregularidades do terreno. Mesmo que acabasse vencendo, o mais provável era que perdesse muitos efetivos no empenho.

Que podia fazer para tirar os atenienses de sua guarida? Agir como um caçador e procurar sua verdadeira toca, o lugar onde suas crias se escondiam. Não tendo de enfrentar ao mesmo tempo atenienses e espartanos, Dátis dispunha de tropas de sobra para deixar uma parte em Maratona e despachar outra com a frota para tomar Atenas.

Se fôssemos donos do mar, isso não aconteceria, repetiu para si mesmo Temístocles uma vez mais, rangendo os dentes. Mas isso era algo que se deveria ajeitar no futuro. Nesse instante, a questão era: que fariam eles?

Aquela situação era claramente forte demais para Melóbio, e Temístocles não era general nem tinha a patente nem a ascendência necessária para atuar com os outros estrategos, de modo que ordenou a um soldado que fosse acordar Milcíades.

— Dize a ele que se reúna conosco na clareira do olival, junto ao templete.

Milcíades chegou à clareira pouco depois que eles, acompanhado de seu filho. Cimon dera um jeito de se perfumar e pentear suas longas tranças em um segundo, ao passo que Milcíades vinha com cara de poucos amigos, o cabelo revirado e bolsas sob os olhos. Mas quando Temístocles lhe explicou o que estava acontecendo, o general despertou imediatamente e encarou o escravo.

— Quem te envia?

— Os jônios, senhor.

— Os jônios? Sê um pouco mais explícito. Quem em particular?

— Não posso dizer mais nada, senhor.

Milcíades se voltou de lado e, a seguir, sem prévio aviso, deu-lhe um safanão. Embora o escravo fosse alto e musculoso, Milcíades tinha tanta força que o fez cambalear e quase o derrubou. O jovem se endireitou, levou a mão ao lábio rasgado e olhou com rancor para o general, mas não disse nada. Temístocles pegou o braço de Milcíades e lhe pediu que fizesse um aparte com ele.

— Creio que sua informação é boa — disse olhando de soslaio para o desertor, que continuava cercado pelos homens de Melóbio. Este, com sensatez, mantinha-se a certa distância para deixar que Temístocles e Milcíades conversassem a sós.

— Eu preferia algo mais seguro que tua crença.

— Temos de agir rápido, Milcíades. Se os persas estão enviando um terço de seu exército e sua frota a Atenas, chegarão lá antes do entardecer.

— E por que mandariam apenas uma parte?

— Se enviassem todos e abandonassem o acampamento em Maratona, nós voltaríamos a marchas forçadas a Atenas. Eles encontrariam pela frente uma singradura de quase cento e vinte quilômetros, primeiro navegando para o sul e depois para o noroeste. Nós teríamos de percorrer quarenta quilômetros a pé para alcançar a cidade antes deles e impedir seu desembarque. Suponho que poderíamos chegar a tempo. Mas deixando metade de seu exército aqui...

— Não poderíamos marchar alegremente pelo caminho de Atenas deixando

todos esses persas em nossa retaguarda — completou Milcíades, e balançou a cabeça.

— Temos de decidir o que fazer, e rápido — disse Temístocles.

— A primeira coisa é convencer teu amigo Melóbio a me ceder o comando. Isto é demais para ele.

Temístocles assentiu.

— Conta com isso.

— E a segunda coisa — prosseguiu Milcíades — é comprovar se a informação é boa. Se for uma armadilha para nos fazer abandonar nossas posições, vamos estar bem fodidos. Por isso, vou averiguar quem enviou esse escravo, nem que tenha de lhe arrancar as unhas.

Temístocles decidiu se afastar dali. Queria comprovar uma coisa pessoalmente, e, além de tudo, preferia não estar presente quando torturassem o escravo. Ao fazer isso, Milcíades não deixava de seguir um costume ateniense. Nos julgamentos contra cidadãos, quando um escravo se declarava a favor ou contra seu amo, seu testemunho não era aceito se não fosse feito sob tortura. A ideia era que, sendo os escravos mentirosos por natureza, só a dor podia arrancar a verdade deles.

Ele próprio já se havia visto em uma dessas situações no ano de seu arcontado, quando um sicofanta o denunciara por irregularidades nas minas de prata que tinha arrendadas no Láurion. Grilo, seu administrador, havia testemunhado a seu favor, mas só depois de ter sido açoitado com um feixe de vergastas e de ter os dedos achatados com o esmagador de polegares. Evidentemente, Temístocles lhe garantira uma substanciosa recompensa, e dois anos depois, quando o assunto já estava quase esquecido, concedeu a liberdade a Grilo.

Agora, enquanto voltava para o setor onde sua tribo estava acantonada, Temístocles se lembrou de novo do julgamento. Em uma visita às minas para se certificar de que as contas estavam em dia, foi quando ocorreu o desabamento daquela galeria. Tiraram dos escombros quinze corpos e um homem que, milagrosamente, continuava vivo. Sicino.

Desde então, Temístocles liquidara os negócios da família nas minas, mesmo vendendo a baixo preço e perdendo dinheiro. Não queria mais julgamentos, e, acima de tudo, não queria sofrer pesadelos pensando naqueles homens que trabalhavam rastejando pelas entranhas da terra e se arriscavam a uma morte tão assustadora.

— Espera, Temístocles! — disse Címon, correndo atrás dele. — Aonde vais?

— Há outras formas de verificar se a informação que esse desertor trouxe é verdadeira.

— Eu te acompanho.

Dessa vez, Temístocles acordou Sicino, e também ordenou a mais dez

soldados que os escoltassem; o traidor que havia feito os sinais com o escudo podia continuar emboscado na mata. Subiram pela falda da montanha. Quando Temístocles decidiu que havia chegado a um bom ponto de observação, a uns cem metros acima da planície, os outros estavam arfando.

— Estás em boa forma, Temístocles — reconheceu Címon, que apesar de ser um atleta também ofegava ligeiramente.

Temístocles pensou um instante nisso e notou que não haviam sido suas pernas que subiram a encosta, mas sim sua mente. Estava preocupado, excitado e, ao mesmo tempo, estranhamente vivo. É a ambrosia do poder, pensou. A mesma que ali nos cumes do Olimpo devia degustar o pai Zeus e que desfazia o cansaço de seus membros desaparecer.

— O dioptro, Sicino — pediu estendendo a mão.

A olho nu era difícil adivinhar qualquer coisa. O acampamento persa, a quase quatro quilômetros de ali, via-se como todas as noites, um enxame de luzes dispersas entre massas de escuridão. Sob a luz da Lua, os navios fundeados eram manchas mais escuras sobre o cinza prateado do mar.

Ao olhar pelo dioptro, sentiu o habitual desconcerto por ver tudo de cabeça para baixo. Depois, após se acostumar, focalizou o tubo nos barcos ancorados, visto que lhe parecera perceber movimento. Sim, havia botes e lanchas manobrando entre eles. No escuro, e a essa hora? Voltou o dioptro para a praia. Havia uma zona de areia mais branca onde as figuras se perfilavam melhor. Ali também produziam-se movimentos.

Nesse momento uma nuvem cobriu a Lua. Sua luz já era tênue o bastante para poder prescindir dela.

— Maldição!

— Deixa que eu olhe — pediu Címon.

Normalmente, os outros eram tão reticentes a olhar por aquele artefato quanto Temístocles a emprestá-lo. Ainda assim, passou-o a Címon. *Tem cuidado*, esteve a ponto de dizer, mas pensou que era um conselho inútil e que com certeza irritaria o jovem eupátrida.

— Por Hécate! — exclamou Címon. — O chão está em cima e o céu embaixo!

— É questão de se acostumar.

— Não. Melhor, farei outra coisa.

Címon lhe devolveu o dioptro. A seguir, para surpresa de Temístocles e dos outros, foi até um pinheiro do qual saía um grosso galho quase em ângulo reto, deu um pulo para se pendurar nele com as mãos, tomou impulso, deu uma volta no ar sobre si mesmo, enganchou as pernas no galho e ficou pendurado de cabeça para baixo.

— Dá-me isso!

Agora sim que Temístocles não pôde evitar lhe pedir que tomasse cuidado.

Naquela postura acrobática, Címon levou o dioptro aos olhos. Por sorte, nesse momento a nuvem que havia velado a Lua passou reto.

— Isto é incrível, Temístocles! — exclamou o jovem em tom entusiasmado.

— Quem fabricou esta maravilha, o próprio Hefesto⁴⁰?

— Olha os barcos varados na margem e me diz o que vê.

— Espera um momento. Que tontura, isto se move muito rápido... Sim, já os vejo!

Durante alguns segundos, Címon não disse nada, enquanto os outros olhavam para a estranha imagem que compunha pendurado de cabeça para baixo, com a túnica virada à altura da cintura. O jovem não usava calção. Para os gregos, que se despiam com tanta naturalidade quanto se coçavam, era uma visão mais que habitual. Mas Sicino afastou o olhar, e Temístocles sorriu ao vê-lo. Havia duas coisas às quais os bárbaros não se acostumavam: à liberdade e à contemplação de seu próprio corpo.

Címon devolveu o dioptro a Temístocles e a seguir se despendurou girando sobre seus ombros.

— O escravo está contando a verdade — disse Címon após pousar no chão. — Os persas estão embarcando os cavalos.

— Pois vamos dizer isso a teu pai antes que ele esfole aquele pobre infeliz. Quando voltaram ao olival, já era muito tarde. Milcíades se empenhara em descobrir quem estava por trás da delação, mas o desertor se negava a confessar. A princípio, o general havia deixado o interrogatório nas mãos dos soldados, mas depois se impacientara e batera no escravo enquanto seus homens o seguravam. Algum dos socos devia ter sido tão forte que lhe havia arreventado uma víscera. Agora, o jovem jazia exânime no chão, com o rosto sobre uma poça de seu próprio sangue.

Temístocles se perguntou que tipo de lealdade inspirava Artemísia em seus serviços para que preferisse morrer de pancada a revelar seu nome, e pensou que, na verdade, seria melhor não cruzar com ela no campo de batalha.

— Quem diabos nos informou?! — gritava Milcíades enquanto esfregava os nós dos dedos doloridos.

Temístocles avaliou um segundo a possibilidade de falar de Artemísia, mas ninguém ia ganhar muito com essa revelação, ao passo que ele poderia guardar um trunfo para o futuro se ficasse calado.

— Pode haver traidores entre eles, como há entre nós — respondeu. — O importante é que a informação desse desertor é verdadeira. Os persas estão carregando os navios e embarcando a cavalaria.

Por alguns instantes, Milcíades andou de cima para baixo pela clareira com as mãos entrelaçadas às costas. Depois, pareceu se dar conta de algo e, apontando para o corpo inerte, ordenou:

— Tirei isso daqui. Está contaminando o santuário. — E dirigindo-se a

Temístocles, perguntou: — E agora, que faremos?

Para surpresa de Temístocles, Címon se antecipou.

— Está claro, pai. Temos de aproveitar para batalhar contra os persas.

— Que persas? Os que vão ou os que ficam? Esperai! O que eu disse é absurdo. Evidentemente que os que ficam... — Milcíades mordiscou a ponta do bigode e se voltou para Temístocles. — Quantos homens enfrentaríamos?

Temístocles calculou rapidamente.

— Se a informação desse desertor for precisa, quinze ou dezesseis mil.

— Ainda há um persa e meio para cada hoplita nosso.

— Mas sem cavalaria. Isso seria uma grande vantagem.

— Se for uma armadilha e sairmos para a planície, vão nos pegar.

Temístocles meneou a cabeça.

— Não é nenhuma armadilha. Julgo entender o que Dátis está pensando. Ao enviar os barcos contra Atenas, está nos oferecendo uma alternativa diabólica. Ele deve supor que correremos em auxílio de nossa cidade e usará o resto de suas tropas para nos atacar pelas costas.

— Grrrr — bufou Milcíades mexendo no cabelo. — Um exército de hoplitas não está preparado para se proteger em coluna de marcha, e menos ainda se os inimigos tiverem arqueiros. Transformariam nossa volta em um inferno.

Temístocles assentiu. Conhecia alguns sobreviventes da campanha de Sardes. Quando arrasaram a cidade, ficaram muito felizes. Mas depois, durante a retirada, um exército persa os perseguiu, e seus soldados, mais leves de *impedimenta* que os gregos, fustigaram-nos com suas flechas e suas emboscadas até o mar. Quando chegaram a Éfeso, os aliados haviam perdido no caminho mais da metade de seus homens, mortos ou escravizados.

Um precedente pouco promissor, sem dúvida.

— Por isso temos de atacar primeiro, pai! — insistiu Címon. — Sair de nossa posição, investir de frente contra os persas e derrotá-los.

— E depois? Voltar correndo para Atenas a fim de chegar lá antes do resto dos persas?

— Receio que não há outro remédio — disse Temístocles.

— Quarenta quilômetros a marchas forçadas depois de uma batalha que muito provavelmente perderemos. — O velho leão sorriu e mostrou seus dentes grandes e quadrados. — Se conseguirmos, vou querer ver a cara dos espartanos.

Enquanto os generais e o polemenco discutiam na tenda, Temístocles esperava do lado de fora. Por veto expresso de Xantipo, Aristides e outra dupla de estrategos, os taxiarcas não haviam sido admitidos na reunião.

— Não te enganes, amigo, não é por nós — disse Cinégiro. — Os outros taxiarcas não importam para eles. É por ti. Não querem que estejas presente e acabes manipulando a todos.

— Espero que Milcíades se arranje sozinho — disse Temístocles, preocupado.

O mais provável era que o traidor responsável pelos sinais luminosos estivesse nessa tenda. Mégacles, o alcmeônida, para ele era o candidato óbvio. O próprio Clístenes o havia prevenido contra seu clã.

— Podes ficar tranquilo. Se insistirem em votar contra ele, vai se pegar a socos com todos juntos até que lhes deem razão.

É muito capaz, pensou Temístocles, recordando o rastro de sangue que o escravo de Artemisia havia deixado no chão quando o arrastaram da clareira.

As sombras fantasmagóricas das árvores apontavam para o leste. Temístocles levantou o olhar. A Lua já começava a descer para o Egáleo, mas Arturo⁴¹, que nessa época saía pouco antes do Sol, ainda não havia aparecido. Deviam faltar duas horas para o amanhecer. Era a hora mais fresca da noite e os cães do acampamento uivavam como se intuíssem o que se avizinhava. No céu ainda havia nuvens, que passavam cada vez mais rápidas, escuras como uma matilha de lobos à caça. Temístocles imaginou o gelado Bóreas⁴² rugindo nas alturas, acima de onde voam as águias, esperando que chegasse o inverno e o pai Zeus lhe desse permissão para descer à Terra e açoitar a planície.

Sobre a tenda dos generais, o estandarte de linho com a coruja de Palas Atena, que durante o dia havia pendido murcho, agora começava a ondular timidamente. Quando Temístocles espiara o acampamento persa, notara que sobre o pavilhão azul de Dátis ondulava uma enorme bandeira mesmo sem brisa. Devia ser de seda, aquele tecido tão leve e sutil como um sonho e tão caro como se fosse fabricado de fios de prata.

— Concede-nos a batalha e a vitória, oh, Ártemis! — murmurou olhando a Lua —, e eu te prometo que minha própria esposa te bordará de seda um estandarte digno de ti.

Ao ver que a coruja continuava formando ondas no ar, Temístocles chupou seu dedo e o ergueu para o alto. Como temia, levantara-se o vento do norte, o etésio normal naquela época do ano. Embora não soprasse muito forte, ajudaria os navios persas a chegar antes ao cabo Súnion. Uma vez dobrado, provavelmente encontrariam outro vento local de componente sul que os impulsionaria até Atenas, ou que no mínimo não os frearia, pois o regime de brisas e ventos na parte ocidental da Ática era muito peculiar.

Tinham de se apressar.

— Faremos uma coisa, Cinégiro — disse voltando-se para seu amigo. — Vamos acordar os homens agora mesmo. Que tomem um café da manhã leve e tenham todas as armas à mão.

— E se os generais decidirem não apresentar batalha? — objetou outro taxiarca.

Mas Cinégiro assentiu.

— Faremos o que diz Temístocles. Na pior das hipóteses, os soldados homenagearão nossa mãe por acordá-los ainda à noite. E se der tudo certo, estarão preparados a tempo.

Enquanto todo o acampamento acordava com uma mistura de apreensão, mau humor e excitação, os generais continuavam debatendo. As vozes já eram tão destemperadas que suas palavras se distinguiam perfeitamente; principalmente quando Milcíades as pronunciava.

— Vamos, carinha pelada! — exclamou. Devia estar se referindo a Calímaco. O polemarco tinha uma barba tão rala que preferia raspá-la com uma navalha.

— Tens de decidir agora mesmo! Vota a favor ou vota contra!

— Essa não é minha função — ouviu-se o frágil protesto de Calímaco. — Eu estou aqui para garantir o favor de...

— Vota de uma maldita vez, diabos!

Alguns taxiarcas se olharam escandalizados, enquanto Cinégiro cobria a boca com a mão para conter uma gargalhada. As vozes dos generais voltaram a se transformar em um difuso ronronado, e logo se ouviu um uivo de alegria.

O inconfundível rugido do leão.

A porta da tenda se abriu para o lado e o corpanzil de Milcíades apareceu nela. Foi direto para Temístocles e seu filho e estreitou cada um com um braço, levantando-os do chão em um apertão digno de um urso.

— Pegai as armas! Vamos à batalha!

MARATONA, 11 DE SETEMBRO

Temístocles observou com olho crítico o equipamento de Fidípides. O corredor estava havia vários dias comendo como um lobo, à base de gordas costelas de vaca e chuletas de cordeiro, redondos pães brancos e gordurosos queijos de cabra. Suas canelas haviam se enchido com um pouco de carne, assim como seus pômulos, que quando chegara ao acampamento com a mensagem espartana estavam afundados como pequenas cestas. Mas continuava tão magro que parecia que atrás do escudo de carvalho, em vez de uma lança e um guerreiro, havia duas lanças juntas.

— Não estás com as grevas.

— Elas caem — respondeu ele.

Temístocles afastou um pouco o escudo e examinou a armadura. Era de couro fervido, com placas de metal do tamanho de meia mão costuradas na região do abdome. Faltavam três ou quatro escamas. Temístocles colocou os dedos entre a ombreira e a clavícula de Fidípides e movimentou o peitoral.

— Dança bastante. Fará atrito.

— Estou acostumado a atritos — respondeu Fidípides, teimoso.

— De onde tiraste estas armas? — perguntou Temístocles, observando agora o escudo.

Não tinha reforço de chapa, apenas uma broca de bronze no centro. Também faltava o ribete e, na borda de madeira, notavam-se vários pedaços faltando. A Górgone ⁴³ cabeçuda pintada com preto sobre o fundo vermelho estava descascada.

— Ganhei de presente por ser tão bonito.

Temístocles tomou a lança. Pelo menos era de madeira de teixo, um pouco mais grossa que um polegar, e a ponta de ferro não estava enferrujada. Do outro lado, em vez da cabeça de bronze terminada em ponta para cravar a lança no chão, tinha um simples espeto embutido na madeira.

Em campanha, sempre havia hoplitas que precisavam repor um escudo avariado ou uma lança quebrada, ou até mesmo um elmo roubado ao ir às latrinas — umas boas marteladas e um penacho novo ajudavam a disfarçá-lo para que seu antigo dono não o reconhecesse. — Por isso os armeiros faziam bons negócios seguindo o exército; mas havia alguns que vendiam armas de tão baixa qualidade que mereciam o nome de sucateiros.

— Espero que não tenhas gastado nisto todo o dinheiro que te dei — disse Temístocles. — Terias sido enganado.

O corredor franziu o cenho sem dizer nada. Havia aparecido em suas filas no mesmo momento em que o exército ateniense atravessava a derrubada de pinheiros e se punha em formação na planície aberta, quando o céu começava a acinzentar a leste e Arturo anunciava por fim a proximidade do Sol. Fidípides

havia insistido em formar-se com os outros hoplitas, embora como heraldo estivesse isento da obrigação de combater.

— Tu nem sequer és de minha tribo — disse Temístocles desesperado tentando chamá-lo à razão. — Estás inscrito na Cecropis.

— Acaso tens um catálogo gravado debaixo da testa?

— Receio que sim.

— Pois prefiro lutar ao lado de alguém que tem boa cabeça que às ordens do boquirroto de Xantipo.

Temístocles ladeou o queixo.

— Suponho que isso seja um elogio. Por que tanto empenho em combater?

Fidípides se voltou e com um gesto da lança abarcou a fila que se estendia de ambos os lados, esquerda e direita. Mil e quinhentos escudos de frente alinhados na planície, estendendo-se desde a faixa de cascalho que delimitava a praia até quase as encostas do Croton. À frente, os taxiarcas e seus ajudantes passavam revista e davam as últimas instruções, como estava fazendo Temístocles agora. No centro, a menos de cinquenta metros deles, os dez generais e o polemarco concluía suas deliberações e se preparavam para o sacrifício anterior ao combate.

— Nunca houve uma batalha como esta — respondeu o corredor. — Quando eu for velho e me perguntarem onde eu estava no dia da batalha de Maratona, não quero responder que estava assistindo na montanha.

O mesmo lhe havia dito Mnesífilo quando aparecera com sua panóplia. Pelo menos era melhor que a de Fidípides. “Tens cinquenta e três anos. Que fazes aqui?”, dissera Temístocles. “Não vou perder esta loucura por nada neste mundo. Quero ver se os deuses gostam de teu plano ou se vão aniquilar todos nós”, respondera Mnesífilo.

E, na verdade, seu plano era uma loucura. Discutira-o com Milcíades uma hora antes. Os soldados, apressados, tomavam café da manhã frio. Alguns se enchiam como se não fossem comer nunca mais na vida; e talvez tivessem razão. Havia se espalhado o rumor de que nesse dia não iam formar como todos os dias, de plantão durante horas ao sol atrás da derrubada, mas que dessa vez haveria batalha de verdade. Muitos corriam para trás dos pinheiros e moitas para aliviar o ventre, porque nas latrinas haviam de fazer fila, e os taxiarcas e chefes de fila urgiam a formar o quanto antes. A maioria bebia mais que comia, e não punha muita água no vinho. Até então, não lhes havia faltado o suco de Dionísio, porque estavam perto de casa e todos os dias chegavam caravanas de mulas com provisões. Mas agora precisavam de mais para ganhar coragem antes da batalha, ou simplesmente para embotar a consciência e não pensar muito no que os esperava.

Temístocles não os culpava, mas ele só bebeu água fervida. Precisava da

cabeça limpa. Em sua mente não paravam de correr os números, pulando de um lado para o outro como as contas coloridas do ábaco. A mensagem do criado de Artemisia era muito específica, e Temístocles, pelo pouco que conhecia a jovem de Halicarnasso, tinha certeza de que sua fonte de informação era precisa e confiável.

O escravo havia dito que Dátis estava enviando a Atenas um terço de sua infantaria. Um terço de vinte e cinco mil é quase oito mil e quinhentos homens. Arredondando, se fosse verdade que os comandos persas eram tão meticulosos com o sistema decimal, nove mil. Isso deixava dezesseis mil no campo de batalha. Como os persas formavam com um fundo de dez homens, o resultado era uma frente de mil e seiscentos guerreiros.

Os atenienses e seus aliados plateias, em sua formação habitual de oito de fundo, podiam opor-lhes uma frente de mil duzentos e cinquenta escudos. Isso significava que a frente persa superava a sua por trezentos e cinquenta homens. A um metro de espaço entra cada um, cada flanco do inimigo se estendia cento e setenta e cinco metros mais longe que as alas gregas. Isso era particularmente perigoso na direita, onde formava o polemarco, pois os homens dessa parte não tinham proteção contra lança no flanco. Uma solução era deslocar-se na diagonal para a direita ao avançar, manobra que todos os exércitos de hoplitas tendiam a fazer, salvo os disciplinados espartanos. Mas isso deixaria o flanco esquerdo dos plateias completamente excedido pelo inimigo: ficaria um corredor enorme entre eles e a montanha, por onde poderiam entrar vários batalhões persas e, dessa forma, cercar os atenienses e atacá-los pelas costas. Se a falange fosse cercada, sem possibilidades sequer de se retirar em caso de sofrer um revés, seu destino inevitável seria a aniquilação.

Temístocles teve a visão das três primeiras classes de Atenas, toda sua elite, tombadas no pó, entre nuvens de moscas e fedorentas poças de sangue negro. Viu os persas passando sobre os cadáveres e entrando em uma cidade indefesa. Os templos incendiados, os túmulos profanados, os restos dos antigos heróis espalhados ao sol. Sua casa saqueada. Sua mãe, já idosa e imprestável, assassinada com uma lançada. Arquipa e Apolônia violentadas juntamente com as criadas e depois transformadas em concubinas do harém de algum potentado persa. Seus filhos vendidos como escravos ou transformados em eunucos e, provavelmente, também violentados...

Palas Atena, senhora da inteligência, mostra-me um caminho, por mais estreito que seja, por mais absurdo que pareça, rogou.

Só lhe ocorria uma solução. Mas uma coisa era desenhá-la com um pau na areia do chão e outra era levá-la à prática com homens de verdade e sob um dilúvio de flechas. Apesar de tudo, não havia outra opção, de modo que foi falar com Milcíades. O velho leão discutia acaloradamente com os outros generais. Sem dúvida, debatiam justamente sobre o avanço das tropas.

Quando Temístocles lhe disse que queria falar com ele, Milcíades se afastou do grupo e os deixou debatendo entre si.

— Quando o Sol sair, o comando caberá a Pandionis, mas Euclides também o cedeu a mim — explicou a Temístocles. — Não podem tomar nenhuma decisão enquanto eu não estiver presente.

— Fico feliz.

— Afinal de contas, o mais perto que esses tolos já viram um persa foi pintado no fundo de uma taça. Não têm mais remédio que recorrer à minha experiência.

Temístocles pensou em como abordar a questão. Milcíades não se abstivera do vinho como ele. Nunca o fazia, e esse dia não seria o início de uma nova vida mais virtuosa. Com aquele corpanzil que tinha, era muito difícil que se embebedasse, mas o licor de Dionísio o aquecia mais que o devido, tanto no ânimo quanto na boca.

Essa era uma boa possibilidade. Uma boca quente. Milcíades era dos que nunca respondiam não à pergunta: “Duvido que tenhas coragem de...”.

— Onde achas que estará o ponto mais forte do inimigo? — perguntou Temístocles, embora conhecesse de sobra a resposta, visto que havia visto com seus próprios olhos.

— Os persas sempre colocam seus melhores homens no centro. Estava discutindo isso com esses ineptos. — Milcíades se abaixou e pegou do chão um grosso galho que havia caído de uma pilha de lenha. — Vamos reforçar nosso centro para quebrar a espinha deles — *Clec!* O galho se partiu entre seus dedos como um palito de dentes —, justamente aí, onde mais fortes se sentem.

Temístocles assentiu como se realmente estivesse considerando essa ideia.

— Certamente isso surpreenderá Dátis...

— Imagina a cara dele quando vir a flor de seus lanceiros pondo os pés em polvorosa!

— Mas me preocupa um pouco o que possa acontecer nas alas. Se conseguirem nos flanquear pela direita e esquerda, vão nos envolver e então as filas de hoplitas que tivermos acumuladas no centro não nos servirão para nada. Vão nos esmagar pela pura força de seu número.

Milcíades semicerrou os olhos.

— Tu já pensaste em algo. Desembucha de uma vez. Que me sugeres?

— Que nós é que os cerquemos.

Milcíades arregalou os olhos e engoliu em seco. Durante um instante, Temístocles pensou que ele o cobriria de impropérios, mas o velho leão soltou uma gargalhada e lhe deu um tapa nas costas com tanta força que quase o derrubou.

— Que colhões tens tu! Nunca ouvi nada tão absurdo na vida. Mas, por via das dúvidas, conta-me como vamos cercar os persas sendo menos que eles.

Milcíades gostou do plano de Temístocles, e voltou aos generais para lhes comunicar a ideia que ele próprio havia tido. *Ele*, evidentemente. Para evitar que as alas do inimigo os pudessem flanquear, explicou Milcíades, iam esticar sua própria frente. Evidentemente, a primeira coisa que todos pensaram foi em “emagrecer” as alas persas, pois era aí que eles haviam disposto as tropas nas quais confiavam menos, ao passo que os próprios iranianos se aglomeravam no centro. A proposta de Milcíades os surpreendeu. Mas — e Temístocles tinha de lhe reconhecer esse mérito — ele a defendeu com tanta convicção quanto os charlatães que anunciavam suas mercadorias na ágora.

— Não vamos esticar as alas, mas sim o meio — concluiu, desenhando o avanço na areia. Agora as duas linhas, a grega e a persa, mediam o mesmo, mas a parte central das tropas atenienses era lastimosamente frágil.

— Vão nos partir ao meio se fizermos isso! — berrou Xantipo escandalizado.

Milcíades se voltou para Aristides.

— Tua tribo ficará no centro. Achas que poderão resistir?

Aristides, evidentemente, deu a única resposta que se podia esperar dele.

— Se a cidade mandar, resistirão.

Essa era a primeira parte do plano de Temístocles. As duas tribos que ocupavam o centro e enfrentavam a flor do Império Persa formavam com apenas quatro filas de profundidade, em vez das oito habituais.

O problema para Temístocles era que sua tribo formava ali junto à de Aristides. O sorteio realizado ao chegar a Maratona para decidir o posicionamento das tribos e a ordem de comando de seus generais havia estabelecido que a Antiochis e a Leôntide fossem a quinta e a sexta, respectivamente. Dessa forma, agora os homens dos dois velhos rivais formavam ombro a ombro. O plano do próprio Temístocles ia pôr em perigo seus camaradas e provocar entre eles a maior mortandade.

E por isso, embora Fidípides tivesse um equipamento lastimável, não o podia colocar na oitava fila, longe das armas inimigas, mas no máximo na quarta.

— Está bem, não perderás esta oportunidade — disse ao corredor, e o levou a uma fila situada no centro do batalhão, a mesma onde ele formaria.

Depois do vão que Temístocles ainda não havia ocupado, estava seu fiel Euforion. Por ora, com o escudo apoiado no chão e nas coxas, a cabeça descoberta e a mão esquerda livre, o Nervos não fazia mais que tocar o equipamento, gesticular contra as maldições e o mau-olhado e, de quebra, tirar seus companheiros do sério. Mas Temístocles sabia que, uma vez que começasse a ação, seu amigo saberia empunhar as armas com tanta firmeza quanto o melhor e esquecer os cacoetes.

Atrás de Euforion formava Mnesífilo, e o quarto e último homem da fila era Xenófanes, um veterano de confiança que não protestara quando Temístocles lhe

ordenara que mudasse de lugar, fechando outra fila, e cedesse seu posto a Fidípides.

Bela fila tenho agora, pensou com um sorriso irônico. Um feixe de nervos que é incapaz de parar de falar “merda”, um cinquentão barrigudo e um corredor misantropo que pesa menos que as armas que carrega.

Temístocles passou o batalhão em revista, visto que Melóbio continuava falando com os outros generais. Tinha oitocentos e oitenta hoplitas e conhecia todos pelo primeiro nome e pelo do pai, e também pelo de seu demo. Enquanto desfilava diante deles, via nos rostos a exaltação anterior à batalha, pela qual o vinho era responsável, mas também o medo. Era compreensível. Os hoplitas da primeira fila, onde havia bastante nobres e membros das duas classes mais ricas de Atenas, olhavam para trás e só viam três homens. Uma fila alongada às costas muitas vezes dava mais apoio moral que material, mas era importante. E quanto aos que estavam no final, os que não usavam grevas e tinham peitorais de couro, ou nem isso, apenas escudo e elmo, aqueles homens que em uma batalha normal nem sequer teriam chegado a bater seus ferros, agora se viam a pouco mais do comprimento de uma lança da linha de massacre e compreendiam que talvez não vissem outro entardecer.

— Estás com uma cara ótima, Epimênides. Deves ter dormido bem. Nota-se que deixaste tua mulher em Atenas — dizia a um que sempre fazia piadas sobre sua esposa mandona, e os outros, que desejavam rir por qualquer motivo, riam. — E tu, Cindinófobo, demonstras que teu pai se enganou com o nome e que não tens medo do perigo. — Mais risos, e um grito de batalha do bravo Cindinófobo. — Calístenes, procura sair vivo da batalha. Tu prometeste me convidar a comer um leitãozinho.

— Serão dois, Temístocles, um por barba!

Temístocles caminhava com o elmo debaixo do braço esquerdo. Sicino segurava sua lança e o escudo, e assim ele podia ir estreitando braços e distribuindo sorrisos, mas sem exagerar. Nem expressões de preocupação, nem de euforia desmedida. Apenas tentava lhes contagiar serenidade antes da tempestade. Inclusive, em um gesto de descontração, não havia abotoado as ombreiras de linho, que se levantavam rígidas e brancas como duas asas de gaivota.

Na realidade, estava longe de se sentir tão sereno como aparentava. Embora procurasse respirar fundo e devagar, seu coração batia por dentro como os martelos da frágua de Hefesto. Não era a primeira vez que participava de uma batalha, mas até então o havia feito como mais um simples hoplita. Nem ao menos chegara a amassar a fina chapa de bronze que recobria o escudo de seu pai ou a estragar o dragão alado do brasão, pois os contrários haviam fugido antes de receber a carga final de sua falange. Havia travado os combates mais

sangrentos no mar, na coberta de um barco, e tratava-se de empreitadas de pirataria das quais preferia não se vangloriar diante de seus homens.

Essa batalha seria muito diferente. Se olhasse ao longo das filas atenienses, sua vista se perdia entre os escudos e as lanças, cujas pontas se agitavam incontáveis como as espigas de um trigo ao vento. Dez mil hoplitas juntos, um número que jamais a cidade havia posto ao mesmo tempo em campo de batalha. A linha de homens era tão comprida que teria chegado de sua casa até a Acrópole e dado a volta. E, ainda assim, enfrentariam muitos homens mais, estrangeiros que, pela vontade de um rei que se sentava em um trono distante, estavam dispostos a enviar-lhes uma chuva de ferro do céu. Nunca, que Temístocles soubesse, havia se travado uma batalha igual em solo grego.

Seu medo também era diferente. Não era o que fazia os homens se encolherem para conter os nós no estômago, bater nos cantos que levavam às costas e que haviam enchido de vinho, ou esfregar as mãos nas camurças e nos trapos enrolados no meio das lanças para limpar o suor. Ele só tinha medo de fracassar. Via apenas os olhos desses oitocentos e oitenta homens que olhavam para ele buscando em seu rosto confiança e fé na vitória, e rogava a Palas Atena, à astuta e valente Atena, que lhe infundisse a coragem e a inteligência necessárias para não falhar com eles.

Durante sua revista, quando chegou quase à ponta de sua tribo onde seus homens se juntavam com os da Antiochis, Temístocles notou algo estranho. A maioria dos soldados esperava até o último instante para terminar de colocar o armamento. Os escudos descansavam no chão, havia muitas couraças ainda desabotoadas e quase ninguém havia ajustado o elmo. Estavam muito longe dos persas para correr perigo imediato, embora com os primeiros raios do Sol já houvessem visto exploradores a cavalo que davam meia-volta, sem dúvida para informar a Dátis que o ouriço grego havia decidido sair de sua toca.

Mas havia um soldado na primeira fila que já havia colocado o elmo. Temístocles o reconheceu pela pintura do escudo, um galo branco com o bico e a crista vermelhos. Era Arifron, da nobre família dos Códridas, descendentes dos antigos reis de Atenas. Pelo visto quisera cobrir o rosto, mas seu elmo era parecido com o de Temístocles e deixava ver as lágrimas que rolavam por suas faces. Seus olhos o miravam, grandes e úmidos, como os de um cordeiro de leite antes do sacrifício.

Temístocles lhe fez um sinal para que saísse da formação e ambos se afastaram alguns passos. Não muito longe, Calímaco, reunido com o adivinho Toante, esperava que lhe levassem o carneiro que sacrificaria antes da batalha para impetrar a vitória.

- Tira o elmo, Arifron. O que há contigo?
- Estou com medo, taxiarca.
- Todos estamos com medo, Arifron.

O rapaz, que não podia ter muito mais de vinte anos, tinha o pavor estampado no rosto.

— Eu sei, senhor. Mas o medo dos outros é diferente. Eles podem resistir. O... o meu é pânico. — Sua voz se tornou um fio. — Quando vir os persas, sei que vou cair de joelhos e cobrir a cabeça com o escudo. Por favor, taxiarca, eles vão me matar!

Deília. Covardia. Uma acusação que bastava para perder os direitos cívicos. Mas ao ver aqueles olhos tão escuros e úmidos, Temístocles não pôde sentir desprezo, só compaixão. Aquele rapaz estava na primeira fila não porque houvesse demonstrado seu valor na batalha, mas sim porque era um eupátrida, e Antígenes, seu pai, havia lutado nessa posição antes dele. O filete de ferro que cercava seu escudo mostrava marcas de espada, e no elmo viam-se amassados mal reparados. Temístocles sabia que seu pai estava paralisado na cama havia anos, justamente por um ferimento na cabeça. Ao que parecia, seu filho havia herdado suas armas, mas não sua coragem.

Sua primeira intenção foi pôr Arífron na quarta fila. Àquela altura dos acontecimentos, era o máximo que podia fazer para protegê-lo. Mas, visto o medo que o rapaz tinha, equivalia a convidá-lo a dar meia-volta no meio do combate e fugir. Isso poderia salvar sua vida por ora, mas a destruiria no futuro. Para um eupátrida como ele, a perda de todos os seus direitos de cidadão e a exclusão da vida pública acabariam sendo piores que a morte. Até seu pai, mesmo Arífron sendo filho único, o desertaria; disso Temístocles tinha certeza.

Isso não podia acontecer com um homem da tribo Leontíde. Não sob seu comando. Temístocles rodeou os ombros do rapaz com o braço. O bronze do espaldar estava frio, porque o Sol ainda não havia saído, como se quisesse se demorar para não presenciar a iminente chacina. Quando por fim se levantasse, os homens assariam dentro de suas couraças de metal.

— Olha para ali — disse fazendo que se voltasse para a frente.

Sobre a linha de prados e trigais, começava a vislumbrar-se uma massa escura que avançava lentamente, como um grande animal. Era o exército persa.

— O pior que pode te acontecer ali adiante — prosseguiu Temístocles — é a morte. Um instante de dor, menos que quando o cirurgião te arranca um dente, e depois nada. Uma sepultura pública, elogios diante de todos os cidadãos. Serás um herói.

O pomo de adão de Arífron se moveu como se ele fosse soluçar, e respondeu:

— Tomara que o possa ser, senhor.

— Se abandonar as filas, porém, enfrentarás um mal muito mais cruel, muito mais insidioso. Estarás morto em vida, todo mundo te apontará o dedo quando atravessares a ágora e nenhuma moça, nem da família mais humilde, vai querer se casar contigo.

— Senhor, eu...

Temístocles fez um gesto para que se calasse. A seguir, tomou o jovem eupátrida pelo braço e o levou consigo, de volta para o centro do batalhão. Ali, à direita de seu próprio posto, encontrava-se Demétrio, um homem de sua confiança.

— Corre para a direita — disse Temístocles — até quase chegar à tribo Antiochis. Ali encontrarás um vão na primeira fila. Quero que o ocupes.

Demétrio franziu o cenho, desiludido, mas foi só um segundo, e depois pegou seu escudo e partiu trotando para cumprir a ordem. Temístocles se aproximou ainda mais de Arífron e falou em seu ouvido.

— Escuta bem. Se te colocar na última fila, todo mundo verá e se perguntará por que o nobre Arífron, filho de um guerreiro como Antígenes, que tem uma panóplia que vale pelo menos o preço de dez bois, combate na última fila. De modo que este será teu posto, à minha direita. — Temístocles apontou-lhe o espaço. — Sabes por que faço isso?

— Por que, senhor?

— Eu te ponho aí, cobrindo meu flanco, para te mostrar que confio em ti, Arífron, e que sei que debaixo de teu medo se esconde o valor de um homem capaz de grandes façanhas. — Temístocles bateu com os nós dos dedos no galo do rebordo do escudo, arrancando-lhe uma tangida metálica. — Esta vai ser minha proteção durante a batalha. Enquanto meu braço direito empunhar a lança para ferir o inimigo, meu flanco estará exposto, defendido apenas por teu escudo. Mas não vou sentir medo, e te direi por quê. — Olhando-o nos olhos sem pestanejar, a um palmo de seu rosto, acrescentou: — Porque sei que Arífron, meu companheiro de fila, não vai me faltar. Porque sei que, quando a lança do persa quiser ferir meu peito, ali estará o escudo de meu amigo para detê-la.

Os olhos do jovem se iluminaram com um novo brilho. Arífron mordeu o lábio inferior com ferocidade, tal como o poeta Tirteu exortava os espartanos a fazer, e disse:

— Este escudo é bom, senhor. Já o demonstrou em cem combates.

— Pois este será o centésimo primeiro. Vai a teu posto, Arífron.

Espero ter razão, pensou. Do contrário, não chegaria vivo à noite.

No centro da formação Calímaco se voltou para o oeste, onde a Lua prestes a se esconder já roçava o cume do Egáleo, e levantou os braços ao céu. Os heraldos, distribuídos diante dos batalhões, repetiam suas palavras como um eco para que todo mundo as ouvisse.

— Oh, Ártemis Agrótera ⁴⁴, que te regozijas caçando feras nas montanhas úmbrias e nos cumes açoitados pelo vento! Tu que retesas teu elástico arco e com olho certo disparas tuas setas de prata, desvia hoje as flechas de nossos inimigos e permite que cheguemos a eles com nossas lanças. Eu te prometo que, em troca, sacrificaremos a ti uma cabra para cada bárbaro que matarmos.

Agora te apresento esta oferenda como antecipação, filha de Zeus e de Leto.

Calímaco pôs o joelho sobre o lombo de um gordo carneiro branco para imobilizá-lo e com sua própria espada o degolou com um corte limpo. O adivinho se abaixou junto a ele para examinar a forma como fluía o sangue de seu pescoço e inclusive provou-o com o dedo. Quando assentiu, satisfeito, Calímaco levantou o escudo acima de sua cabeça, os trompetes dos dez batalhões e dos plateias deram a ordem de fechar filas e seus ecos estridentes reverberaram na planície.

Temístocles por fim fechou as ombreiras da armadura e deu dois pulos no lugar para verificar se estava bem ajustada. A seguir, colocou o elmo, mas ainda não o encaixou até as sobrancelhas. Quando Sicino lhe passou o escudo, deslizou o cotovelo pela braçadeira central e agarrou com os dedos a alça de corda trançada. Por último, seu escravo lhe passou a lança, dois metros e meio de madeira de freixo com ponta de ferro e arremate de bronze. Havia quem preferisse a haste de teixo, mas na opinião de Temístocles não havia material que combinasse melhor a leveza e a resistência que a clara e flexível madeira de um freixo cortado nas montanhas da Macedônia.

— Adeus, Temístocles — disse o gigante persa, e por um momento roçou-lhe a mão que segurava a lança. — Foste um bom senhor para mim.

— Não tenhas tanta certeza de que não continuarei sendo. Confias demais em teus compatriotas.

Sicino estalou a língua e moveu a cabeça para os lados.

— Rezarei a Ahuramazda por ti, senhor, para que sejas recordado como um herói.

Todos os escravos e assistentes se retiraram das filas e retrocederam para além da derrubada. Temístocles ocupou sua posição diante de Euforion e se voltou para a direita a fim de sorrir ao jovem Arífron. O sinal seguinte do trompete foi para avançar.

Já está começando, pensou Temístocles.

Pouco antes do amanhecer, os homens de Halicarnasso aguardavam na praia junto a seus navios, já carregados com as tendas e a *impedimenta*. Sangodo, que odiava sobremaneira traslados e viagens, havia se adiantado e se enfiara sob o toldo que, para seu conforto, havia mandado montar na popa do *Calisto*. Devia estar dormindo outra vez, ou bebendo vinho para que a bebedeira não passasse. Para Artemísia já era indiferente. Se tudo desse certo e Patikara cumprisse sua promessa, ela deixaria de depender de seu esposo. Se as coisas não dessem certo — significasse isso o que significasse, pois não tinha muita certeza do que pretendia o mascarado com o informe que havia passado aos atenienses —, se sua traição fosse descoberta e fossem prendê-la, pretendia cortar a carótida com o fio de sua espada antes de dar a Dátis o prazer de torturá-la em público.

Os navios fundeados já estavam zarpando para mar aberto e logo seria a vez das trirremes varadas na areia. Estava previsto que os dezesseis mil soldados que ficavam no acampamento chegassem a Atenas por terra. Por isso, a maioria dos barcos ia bem mais vazia que durante a travessia das Cíclades, o que se notava na maior altura de seus bordos. Os únicos navios que estavam com a linha de flutuação baixa como à chegada eram os transportes de cavalaria, que ao se afastar da margem rasgavam a água com certa parcimônia, pois dispunham apenas de um terço dos remadores para impulsionar o mesmo peso que uma trirreme normal.

Artemísia estava embutida de novo na panóplia. Dessa vez, havia escolhido suas próprias armas, e não as de seu marido, posto que não pretendia substituir a personalidade de Sangodo diante de Dátis, mas sim dirigir seus homens nas operações de desatracação. Tinha o pressentimento, além de tudo, de que a mensagem enviada por meio de seu escravo ia acarretar consequências, e queria estar preparada para elas. À falta de Zósimo, o próprio Fidon a havia ajudado a vestir a armadura, um peitoral relativamente leve de couro blindado com lâminas de bronze, e também as grevas. Usava o cabelo preso e o elmo debaixo do braço; não era um elmo coríntio, mas sim beócio, tão aberto que revelava às claras seus traços de mulher. Quanto à barba, não só não a havia posto, como também lhe havia ateadado fogo e a oferecera a Ártemis enquanto lhe suplicava não ter de se disfarçar nunca mais do que não era.

A uns duzentos metros de onde se encontravam, o esquadrão de cavalaria de Patikara esperava também seu momento de embarcar. Os lacaios seguravam as rédeas dos corcéis, que relinchavam e empinavam nervosos, recordando com certeza os desconfortos da travessia do Egeu. O próprio Patikara, em vez de aguardar a pé como os outros, estava montado em seu enorme corcel negro, que com o peitoral, a testeira e o penacho de plumas vermelhas que a coroava parecia maior e mais ameaçador. Era difícil saber na distância e sob aquela luz apagada, mas Artemísia tinha a impressão de que o oficial persa não fazia mais que olhar para onde estava ela.

Vai acontecer alguma coisa, pensou. Seu coração se acelerou, mas não de medo, mas sim alimentado por uma estranha euforia. Com o corpo cingido e apertado pelo peso da armadura, cheirando o couro das correias e da falda que protegia sua virilha e ouvindo o tilintar das peças metálicas que acompanhava todos os seus movimentos, sentia-se invulnerável, cheia de uma energia que, como os ventos do odre de Éolo ⁴⁵, assoviavam dentro dela lutando para sair à luz.

Quando alguns instantes depois soaram os trompetes e os gritos de alerta, não se surpreendeu. Alguns exploradores chegavam cavalgando a galope da terra de ninguém, e todos eles vinham gritando o mesmo.

— Os gregos! Os gregos!

Artemísia subiu pela escadinha de embarque para usufruir de um panorama um pouco mais amplo e tornou a olhar para o oeste. A princípio teve dificuldade para distinguir o que via. Mas não tardou a captar movimentos entre as árvores do olival sagrado onde os gregos haviam se refugiado, e também na paliçada que haviam improvisado derrubando pinheiros. Os atenienses, pequenos como formigas àquela distância, por fim saíam de sua guarida para fechar suas filas. Artemísia notou a pele de seus antebraços se eriçar. Seria isso que pretendia Patikara, que os gregos se decidissem a combater? E se fosse Dátis quem estava por trás dessa manobra, haviam-na usado apenas para enganar os atenienses? Nesse caso, o general persa atingiria seu propósito: destruir seus inimigos, mas também teria transformado Artemísia em uma traidora e poderia tomar represálias contra ela.

— Diógenes!

— Sim, senhora.

O piloto do *Calisto* estava dois passos atrás dela, observando o que acontecia com expressão preocupada.

— Quero que os navios estejam prontos para que baste lhes dar um empurrão para sair daqui.

Diógenes semicerrou os olhos.

— Mesmo que o chefe da frota não nos tenha dado ordem para zarpar...

— E mesmo que não chegue a dar. Quando eu disser, vamos embora mais rápido que a *Argos* perseguida por toda a frota da Cólquida ⁴⁶.

Degolar a si mesma sempre era uma possibilidade, pendurada do boldriê que levava a tiracolo. Mas a fuga era uma opção preferível. O mar a oeste da Grécia era vasto e os navios de Dario não o dominavam. Acalentou a fantasia de viver como uma proscrita. De certo modo, carregava isso no nome. Sua deusa protetora tivera de vagar por terras e mares quando era apenas um feto, até que sua mãe encontrou uma ilha que a acolheu e onde pôde dá-la à luz.

Os soldados persas já corriam para ocupar seus postos, rápidos e disciplinados. Alguns terminavam de ajustar as túnicas e amarrar as calças pelo caminho, mas todos sabiam qual era seu *hazarabam* e sua fila exata. Em questão de minutos, os batalhões estavam em formação, prontos para a batalha.

Ao comprovar uma vez mais a eficiência do exército imperial, Artemísia estalou a língua. Como os atenienses podiam pensar em sair a campo? A mensagem não deixava bem claro que Dátis havia despachado só um terço de suas tropas? Os que restavam ainda eram muito mais que os gregos. Além disso, as mortíferas descargas de seus arcos iam infligir tais estragos nas filas atenienses que, quando chegassem ao combate corpo a corpo, sua formação seria apenas o arremedo esfarrapado de uma verdadeira formação de hoplitas.

Tu me decepcionaste, primo, pensou, pois tinha certeza de que a manobra ateniense era obra de Temístocles. Ela o imaginara mais prudente e racional.

Agora comprovava que era igual a todos, e deixava que o que tinha entre as pernas o arrastasse à ação sem pensar nas consequências.

Artemísia desceu a escadinha. Fídon esperava suas ordens.

— Que vamos fazer, senhora? — perguntou-lhe o capitão.

Sem notar que sua resposta contradizia por completo seu pensamento anterior, que afinal se devia ao despeito, Artemísia colocou o elmo, ordenou que trouxessem seu escudo e disse:

— É evidente, Fídon. Ocupar nosso posto na ala esquerda. Por fim vamos lutar!

E como amazona que era, dirigiu-se cheia de júbilo à batalha.

Feito o sacrifício e comprovados os presságios, Calímaco trotou até ocupar seu lugar no extremo direito da formação, no limite entre a planície e a praia, ao lado de Estesilau, general da Aiantis. Cinégiro, como segundo no comando da tribo, formava no centro das filas do batalhão, a menos de cinquenta escudos do polemárcio. Os trompetes tocaram a ordem de silêncio. Acima dos nervosos sussurros dos homens, o rumor das ondas soava como arrulho quase tranquilizador.

O irmão de Cinégiro estava à sua direita. Ésquilo tinha trinta e quatro anos, dois a menos que ele, mas sua tez tão morena e sua expressão grave e concentrada o faziam parecer mais velho. Ambos combatiam ombro a ombro, com os escudos solapados. Antes de colocar o elmo, Cinégiro se voltou para seu irmão e ambos trocaram um beijo no rosto.

— Espero que nos mostrem os dignos de nossos antepassados — disse o jovem poeta.

— E espero que o plano de Temístocles funcione — respondeu Cinégiro.

Ésquilo ergueu uma sobranceira, cético. Quando eram efebos que começavam a treinar com as armas, os três se davam muito bem e costumavam compartilhar jantares e farras pelo Pireu. Mas depois Ésquilo começou a compor tragédias e a apresentá-las nos concursos teatrais das festas de Dionísio. Como sua família, embora de berço nobre, não era muito rica, buscou o patrocínio de Temístocles. Por infelicidade, este já se encontrava comprometido com outro trágico já consagrado, o veterano Frínico, que havia sido amigo de seu pai. “Quando Frínico não se apresentar, serei teu corego”, prometera Temístocles. Mas Frínico escrevia as três tragédias regulamentares ano após ano, sem faltar a uma só ocasião, e Ésquilo fora se ressentindo cada vez mais com Temístocles. Além disso, era muito tradicionalista, e não via nenhuma graça nos flertes de Temístocles com o povo simples.

— Ele é só taxiarca, não general — disse Ésquilo. — Que tem ele a ver com isto? Não possui autoridade suficiente.

— Não te enganes, irmão. Nosso avanço foi ideia dele. Até sugeriu que segurássemos as lanças assim.

Cinégiro se referia à forma como lhes haviam ordenado empunhar a lança quando atacassem os persas. Normalmente, os soldados de uma falange seguravam a haste com a palma da mão para baixo e o polegar apontando para a parte posterior da lança, e levantavam a arma acima do escudo para ferir o inimigo acertando-o de frente e para baixo. Hoje haviam sido instruídos para empunhar a lança ao contrário, por baixo do escudo e com o polegar apontando para a ponta. Assim se usava no hoplitódromo, pois era a única forma confortável de carregá-la na corrida.

— Pois se a ideia foi dele, receio que estamos nos encaminhando a um desastre — disse Ésquilo. — A única coisa que lamento é que vou morrer sem ter ganhado o galardão das Dionisiacas ⁴⁷.

— Escuta, irmão. Tens de parar de ser tão mordaz com Temístocles. Se tudo der certo, espero que sejas o primeiro a escrever uma tragédia cantando seus méritos. Ele é um homem muito mais inteligente e valoroso do que a maioria quer reconhecer.

Antes que Ésquilo pudesse responder, a conchama para a batalha chegou pela direita e ambos os irmãos tiveram de repeti-la e de transmiti-la à sua esquerda.

“Nascidos da terra e de Atena Nice ⁴⁸.” O lema ainda andava percorrendo as filas como a onda de uma corda quando os trompetes tornaram a soar e os oficiais deram a ordem de colocar os elmos. Cinégiro olhou um instante para os lados a fim de garantir que os homens que o cercavam cumpriam a ordem. De repente, os cidadãos individuais da tribo Aiantis, seus vizinhos, os homens com quem compartilhava os sacrifícios diante do altar, os exercícios na palestra e as conversas na barbearia, nas tabernas e nos banhos, transformaram-se em guerreiros de bronze sem rosto, e as plumas que adornavam seus penachos lhes davam um aspecto ainda mais imponente e terrível. Cinégiro olhou para eles com orgulho durante alguns segundos, e depois colocou seu próprio elmo. Era um modelo similar ao de Temístocles, um elmo que deixava parte do rosto exposto, provido de uns protetores articulados de mandíbula. Ésquilo, que usava o tradicional elmo coríntio, censurava-o dizendo que estava louco por oferecer o rosto como uma tentação para as lanças inimigas; mas Cinégiro era dos que pensavam que ver e ouvir o que o cercava era muito melhor proteção que uma fina camada de bronze que o transformava em meio cego e quase surdo.

— Avançai! — gritou a voz de Calímaco à sua direita.

Cinégiro voltou a vista para ali. À beira da planície o polemarco se destacava dentre os homens que o cercavam por conta de sua estatura, e o grande penacho de plumas vermelhas que se recortava no horizonte do mar o fazia parecer ainda mais alto. Ninguém cobria seu flanco. Mas Calímaco, embora não se destacasse por sua lucidez nem capacidade de decisão, era valente, e Cinégiro tinha certeza de que caminharia em linha reta para os inimigos em vez de desviar para a

direita para evitar as lanças.

A ordem se repetiu pelas filas, e os atenienses começaram a avançar em bloco. O segredo era chegar todos juntos e com os escudos travados até o inimigo, que os aguardava a mil e quinhentos metros. Por isso, marcharam marcando o passo com um monótono grito de guerra: *E-le-léu*, pé esquerdo, pé direito, pé esquerdo, respirar após as três sílabas, dar uma forte pisada com o direito e recomeçar.

— *E-le-léu! E-le-léu! E-le-léu!*

Com cada grito, Cinégiro sentia que um licor divino fluía por suas veias, despertando em seus membros o ardor do combate. Já faltavam só alguns minutos para que Ares desatasse sobre a planície de Maratona a loucura da batalha. De repente, pareceu-lhe que sua vista se reduzia e seus outros sentidos se amplificavam. Sentiu cada nó na madeira da borda interna do escudo, pois o levava encaixado no ombro esquerdo, esperando até o último momento para sustentar no ar seus sete quilos. Sob seus pés, a terra da Ática, da qual os atenienses haviam nascido em tempos imemoriais, parecia palpitar com seus passos, e também com o ensurdecedor *E-le-léu*, com o estrépito dos trompetes, com os agudos trinados das flautas que seguiam a formação. Cinégiro abanou o ar e captou a mistura do suor dos homens acalorados sob suas armaduras, o hálito alcoólico do camarada que marchava atrás dele e o aromático da almécega que seu irmão Ésquilo mascava. Mas também o morno perfume do óleo com que haviam polido o bronze e o ferro das armas para que seu brilho impressionasse ainda mais o inimigo, o penetrante e tranquilizador aroma do couro das correias, dos peitorais e dos boldriés, o odor gorduroso e um tanto nauseabundo da lanolina com que os haviam untado para que não rachassem. De repente entendeu Temístocles, que sempre captava tudo, e pensou que se seu amigo estava sempre tão alerta era porque vivia como se a cada minuto estivesse prestes a entrar em combate.

— *E-le-léu! E-le-léu! E-le-léu!*

A formação teve de se abrir algumas vezes para evitar os poucos obstáculos que havia no caminho, pois durante os dias anteriores os persas haviam se ocupado de aplainar o terreno para sua própria cavalaria cortando árvores e derrubando muros. Mas, uma vez flanqueados os impedimentos, a compridíssima linha se recompunha de novo, em meio aos gritos dos oficiais e dos companheiros de filas que chamavam uns aos outros para não perder a posição.

Arturo já brilhava acima do promontório que fechava a baía, e uma faixa alaranjada anunciava a saída de Hélios⁴⁹. Paralelas ao horizonte, viam-se estreitas linhas de nuvens cujos bojos estavam tingidos de um dourado fresco e limpo, quase aquoso, ao passo que seus lombos plúmbeos ainda guardavam a pesada escuridão da noite. Mas por baixo do céu havia algo que chamava a atenção de Cinégiro mais que as cores da aurora. A linha persa, tão longa quanto

a sua, ainda estava se formando. Ao que parecia, o fato de os gregos madrugarem o havia surpreendido, e por isso iam correndo fechar vãos, levantando nuvens de pó que à luz quase fantasmagórica do amanhecer pareciam farrapos de bruma. Mas as tropas do Grande Rei deviam ser disciplinadas e sua organização eficaz, porque já estavam fechando filas atrás daqueles enormes escudos de cores brilhantes.

— São muitíssimos — murmurou seu irmão Ésquilo ao seu lado.

Sua voz tremia mais de impressionada admiração que de medo. Conhecendo-o, Cinégiro pensou que sua mente já devia estar compondo trímetros iâmbicos para cantar a heterogênea imagem que se oferecia a seus olhos.

— Pegaremos todos — respondeu Cinégiro.

Mas não pôde evitar se perguntar se a informação era fidedigna, se seria verdade que Dátis havia despachado uma parte considerável de suas tropas ou se, ao contrário, a informação do desertor era uma isca que lhes haviam jogado para levá-los à planície a fim de lutar em impressionante inferioridade numérica.

Ao menos, por ora, não se viam sinais da cavalaria.

O avanço prosseguia. As ordens transmitidas de generais a taxiarcas e de taxiarcas a soldados haviam sido estritas. Ninguém podia quebrar a disciplina de marcha, ninguém podia investir até que a ordem fosse dada. As pernas de todos desejavam sair correndo, porque o medo tende à pressa. Mas os persas ainda distavam trezentos metros deles e, se corresse antes do tempo, só conseguiriam desagregar a formação e ficar mais vulneráveis às armas inimigas. “Tendes que avançar passo a passo, como os espartanos!”, discursara o próprio Cinégiro minutos antes.

Algumas flechas soltas brotavam das linhas inimigas, traçavam arcos solitários no céu e caíam do alto para se cravar em terra de ninguém. Mas, afora essas exibições, os persas deviam perceber que os gregos ainda não haviam entrado no campo de alcance de seus projéteis e reservavam sua munição para momentos melhores.

Avançaram mais cinquenta metros. A faixa de luz laranja sobre o promontório se fez mais intensa, quase carmim. Um bando de patos levantou voo do pântano e passou entre os dois exércitos, fugindo para o mar entre grasnados.

— Saíram por nossa esquerda. Mau presságio — murmurou alguém.

— Silêncio! — ordenou Cinégiro, e entoou o *E-le-léu* com mais força para que seus companheiros não perdessem o passo nem pensassem em aves de mau agouro.

Os persas já estavam tão perto que se distinguiam as cores vivas que cruzavam seus enormes escudos em diagonais, e entre sua borda superior e as tiaras e mitras que cobriam as cabeças assomavam suas longas barbas. Cinégiro engoliu em seco ao ver que por trás dos *sparabara*, os persas carregavam seus arcos e os apontavam para cima. À esquerda de Cinégiro, o trompete que

acompanhava Milcíades deu ordem de parar.

— *E-le-léu!* — gritaram os atenienses uma última vez, e todos juntos cravaram o pé direito a fim de parar. Um único eco prolongado tremeu pela planície. A seguir, houve alguns segundos de silêncio durante os quais Cinérgio pôde escutar as batidas de seu próprio coração. Estavam a uns duzentos metros dos bárbaros. A essa distância, as flechas mais certeiras já poderiam atingir o alvo; mas os persas esperavam ordens, como eles, ou simplesmente acontecimentos.

Nesse momento, ouviu-se o inconfundível rugido do vozeirão de Milcíades:

— Avante, filhos de Atenas e Plateia! Por vossa liberdade!

O primeiro trompete, uma potente *salpinx* de bronze que media mais de metro e meio de comprimento, entoou umas notas rápidas e vibrantes e todos os demais responderam exortando os homens ao ataque geral. Um rugido brotou de dez mil gargantas ao mesmo tempo: “*Ié, Paián!*”, e nove mil e quatrocentos atenienses e seiscentos bravos plateias correram para a chuva de ferro e bronze que os aguardava.

Os duzentos hoplitas de Artemísia estavam no extremo esquerdo do exército de Dátis, não muito longe da praia. Encontravam-se a menos de trezentos metros de seus próprios barcos, e, o mais importante para Artemísia, não havia obstáculos no caminho caso se urgisse a retirada. Porém, embora as tropas de Halicarnasso já devessem, em tese, ter deixado o acampamento, a infantaria iraniana junto à qual formavam agradeceu sua chegada nessa mistura de grego, persa e aramaico que usavam como língua franca.

Fidon os distribuiu em vinte e cinco filas de oito homens, colados a um batalhão de arqueiros vestindo calças e túnicas vermelhas e protegidos pelos grandes escudos dos *sparabara*. Ali, onde ambas as unidades se encontravam, Artemísia pretendeu se posicionar.

— Por favor, senhora — disse Fidon. — Deixa que eu fique aí e proteja teu flanco direito.

— O posto do chefe é este, Fidon — respondeu Artemísia.

— Tu me concederias uma grande honra se me deixasses cobrir-te com meu escudo, senhora.

Artemísia olhou para os outros homens. A maioria era veteranos, homens que já haviam passado dos trinta e que agora a olhavam fixamente. A jovem imaginou seus cenhos franzidos por trás dos estreitos visores dos elmos e leu o que estavam pensando: “Essa menina caprichosa vai nos pôr em perigo”.

Irritada, voltou-se para Fidon. Se houvesse encontrado em seu olhar uma mínima demonstração de condescendência, teria se negado a seguir seu conselho. Mas os olhos do capitão brilhavam suplicantes e sinceramente preocupados. Artemísia recordou que esse homem havia jurado ao falecido

tirano Ligdamis defender a vida de sua filha com seu próprio sangue.

— Faz isso, então, Fidon — admitiu com um suspiro. — Mas não creio que seja necessário. — Apontou com a lança para a frente, onde a longa linha ateniense ia crescendo de tamanho conforme se aproximava pela planície. — Os arqueiros não os deixarão chegar até aqui.

O próprio Dátis passou a cavalo diante de suas tropas, seguido por um porta-estandarte que levava a bandeira do deus alado. Se estava dando instruções ou discursando a seus homens, Artemísia não chegou a saber, porque antes de chegar à ala esquerda o general entrou por um corredor aberto entre dois batalhões e desapareceu de sua vista.

Os gregos continuavam avançando. Artemísia, que formava pela primeira vez em uma falange para uma batalha real, e não para um exercício de instrução, tratou de escutar o rosto de seus homens, buscando neles sinais de medo ou preocupação. Mas sob os elmos só se viam mandíbulas apertadas. À sua esquerda, os persas pareciam tranquilos, e no rosto de alguns deles até brilhava um sorrisinho irônico. Sem dúvida deviam acreditar que iam enfrentar uma súcia de amadores e, em parte, tinham razão.

Fazei um papel digno antes de morrer, atenienses. Deixai os demais gregos em boa posição, rogou Artemísia.

— *Thamuvaniya!*

Ao ouvir a ordem, os arqueiros tiraram suas armas dos ombros e cada um pegou uma flecha da aljava e a colocou no arco, ainda sem retesá-lo. Havia entre cada fila pouco mais de metro e meio, o suficiente para que pudessem apontar seus projéteis para o alto e atirar todos ao mesmo tempo com comodidade.

Os atenienses haviam parado. Artemísia calculou que não deviam estar a muito mais de um estádio, e sentiu a boca seca. *Não é medo*, repetiu para si mesma. Uma vozinha aguda disse dentro dela que havia cometido um erro, mas que ainda podia corrigi-lo retirando-se para seus navios. A jovem relegou essa voz a um tear imaginário e rogou a Ártemis que lhe concedesse força e coragem. Recordou, então, as palavras do poeta Tirteu, cujas elegias guerreiras sempre preferira aos epitalâmios e cantos de amor, e as recitou em voz alta.

— Eia, então! Que cada um agente em seu posto separando bem as pernas, cravando no chão ambos os pés e mordendo o lábio com os dentes! Que se cubram as pernas, o peito e os ombros com a concavidade do amplo escudo! Que agite na mão direita a robusta lança e balance sobre a cabeça o terrível penacho!

— Íeee! — responderam seus homens, e com a haste das lanças bateram nos escudos. Fidon olhou para Artemísia e sorriu.

— Muito bem, senhora.

— *Thamuvana abiy asmanam!*

Os persas levantaram suas armas para o céu e retesaram as cordas. Dezenas de milhares de arcos compostos rangeram ao mesmo tempo. O impressionante barulho do chifre e da madeira ao se dobrar fez Artemisia recordar o som dos cabos mestres do *Calisto* quando os retesavam com o cabrestante para ajustar a borda do navio e resistir a uma tempestade.

— Não gostaria de estar agora na pele dos atenienses — murmurou Fídon.

Um trompete inimigo tocou o chamado para investir, e os demais responderam. Os atenienses entoaram o peã, abateram as lanças e se lançaram ao ataque.

Artemisia não sabia se viveria muito tempo, sobreviveria à batalha ou às intrigas dos persas, se afogaria no mar ou um dia envelheceria junto ao fogo da lareira contando suas aventuras a seus netos. Mas soube que, por mais breve ou longa que fosse sua vida, jamais esqueceria aquele momento.

E exatamente nesse instante o Sol saiu às costas de Artemisia e dos persas, e seus primeiros raios caíram de frente sobre os atenienses. Foi como se de repente um pincel tingisse de ouro a linha grega: seus escudos polidos, seus elmos, até as pontas de suas lanças brilhavam. E aquela maré dourada e deslumbrante vinha correndo contra as tropas de Dátis. Artemisia olhou para os persas que estavam à sua direita e em muitos deles viu pintado um medo supersticioso. Ouviu-os murmurar o nome de Ahuramazda e de Hvar, o Sol, como se temessem que suas divindades se houvessem voltado contra eles.

A ordem de atirar correu entre as filas, mas ficou ensurdecida pelos trompetes e pela gritaria dos atenienses. Milhares de arcos estalaram ao mesmo tempo e Artemisia contemplou, admirada, a nuvem de flechas que vibrava no ar como um imenso enxame de abelhas, levantava-se para o céu em um arco quase gracioso e depois se abatia sobre os atenienses. E enquanto as primeiras setas voavam rumo ao seu alvo, os guerreiros persas já haviam carregado de novo seus arcos e tornavam a dispará-los, cada um ao ritmo determinado por sua perícia.

— Quem dera eu também tivesse um arco! — disse Artemisia no ouvido de Fídon, quase gritando para se fazer ouvir. — Assim, teria algo para fazer!

— Antes que possas respirar mais dez vezes, terás trabalho, senhora! — respondeu o capitão, e levantou a lança sobre a borda do escudo, preparando-se para resistir à investida.

Artemisia deixou de olhar para as flechas e concentrou a vista à frente. Ali, no final das linhas inimigas, no meio da escura chuva de flechas que caía do céu, reconheceu o escudo e o penacho do polemarco Calímaco. Tal como ela mesma havia recitado, separou bem as pernas, apertou os dentes e escondeu o rosto por trás do escudo de modo que só seus olhos ficavam por cima da borda de ferro.

A primeira parte do plano de Temístocles havia se realizado. Já estavam a uns

duzentos metros dos persas, pouco mais de um estádio, e a linha ateniense se mantinha tão reta quanto no início. Agora, ao escutar o sinal de *Epitropé*, “Atacar”, engoliu em seco, pois vinha a segunda parte, o momento que havia esperado e temido desde que soubera que os persas estavam cruzando o Egeu para atacar Atenas.

Enfrentar suas flechas.

Para receber suas rajadas pelo menor tempo possível, tinham de correr carregando trinta quilos de armas, como sugerira Mimnermo, o jovem valentão acarniense.

— Íe, Paián! — cantou com os outros, e começou a correr.

Nesse momento o Sol apareceu. Temístocles soltou um palavrão. Não havia calculado que amanheceria justamente nesse instante e que os raios de Hélios dariam de cheio em seus olhos.

— Apolo está conosco! — gritou Arifron à sua direita.

Temístocles não considerara aquilo dessa maneira, mas logo compreendeu que o jovem eupátrida tinha razão. Tudo o que se encontrava abaixo daquele resplendor alaranjado cada vez mais brilhante se via borrado, difuso. Já não era tanto uma horda de homens dispostos a matá-los, mas sim uma simples meta aonde suas pernas deviam levá-los sem fraquejar.

Olhou para os lados sem parar de correr a fim de verificar se os homens da primeira fila não se atrasavam nem se adiantavam, e então notou que estava acontecendo algo não previsto em seus planos, mas maravilhoso. Enquanto cantavam o hino guerreiro em homenagem a Apolo, o Resplandecente, o próprio deus sorriu para eles, pois os raios do Sol se refletiram em seus elmos e na superfície polida de seus escudos e os banharam em uma pátina dourada.

Seus pés retumbavam rítmicos no chão, marcando o rápido compasso do peã, que soava como uma mistura de canto, ofegos e grunhidos guturais. Temístocles levava a lança junto ao quadril, como os outros, a única maneira prática de carregá-la em uma corrida prolongada. Diante deles, sobre a cabeça dos persas, levantou-se uma nuvem escura, como um bando de pássaros. Não, corrigiu-se. Não eram pássaros, mas sim uma chuva sobrenatural que brotava da terra e subia para as alturas.

Sabes muito bem o que é, disse a ele uma voz interior.

O momento que o fazia sentir calafrios havia chegado.

— Escudos para cima! — gritou, e com ele gritaram outras mil gargantas, de gerais e taxiarcas, de chefes de filas, de simples hoplitas, pois todos viam o que chegava por cima.

Temístocles fez um esforço e levantou o peso do escudo sobre sua cabeça. O bando de pássaros começou a zunir, cada vez mais forte. Longe de se intimidar, Temístocles entoou os versos do peã com mais potência, e seu exemplo se espalhou entre seus camaradas, enquanto Euforion, às suas costas, salmodiava

“Filhos da puta, filhos da puta, filhos da puta” ao mesmo ritmo que os demais cantavam.

O zumbido se transformou em um repique sobre as cabeças, como se milhares de pequenos martelos batessem ao mesmo tempo em outras tantas bigornas. Era um estrépito parecido ao de um aguaceiro caindo sobre mil painelas de cobre. Mas também era mais violento, e os “*tinggg*” soavam mais prolongados quando as pontas das flechas acertavam os escudos, e vinham acompanhados de rangidos e de impactos mais surdos quando as setas se cravavam na madeira.

Curiosamente, no momento que mais havia temido, Temístocles sentiu uma euforia como nunca antes havia experimentado. Enquanto recebiam aquele dilúvio de bronze e ferro, sentiu que o espírito de um deus, fosse Apolo, sua irmã Ártemis ou a própria Palas Atena, se apoderava de seu coração e o unia ao de todos os outros em um só espírito. As pernas à sua direita e à sua esquerda corriam ao mesmo ritmo, os peitos respiravam no mesmo compasso, e isso que não se tratava dos lendários espartanos da raça superior dória, mas sim de atenienses, amadores jônios que investiam contra o inimigo sob um mar de flechas. A visão de sessenta mil mãos empunhando os remos de sua frota se desvanecera, esquecida, e Temístocles via a si mesmo com os demais hoplitas, a classe superior da cidade, como parte de um imenso organismo de bronze, carne e carvalho.

Eu quero a glória só uma vez, no momento decisivo, por uma ação definitiva.

Quando dissera isso a Mnesifilo diante de Salamina, pensava em um futuro distante. Mas, talvez não tivesse por que esperar tanto. Talvez, graças a seu plano, Temístocles o arrivista estivesse prestes a obter a glória nesse exato momento e com as mesmas pessoas que o haviam desprezado.

Por baixo da borda de seu escudo, já via de perto as vivas cores dos escudos persas. Pensou que seus inimigos cometiam um erro protegendo-se atrás deles. Se as *spara* de metro e meio de altura não estivessem ali, os arqueiros persas da primeira fila poderiam ter atirado em trajetória horizontal contra os atenienses e apontado diretamente para os corpos e as pernas enquanto cobriam a cabeça com o escudo.

Mas não era tempo de pensar, e menos ainda de se colocar no lugar do inimigo, mas sim de agir.

— Escudos para baixo! — ordenou Temístocles.

Embora ainda corresse perigo, já estavam tão perto dos persas que precisavam ver a cara deles para que cada hoplita pudesse se dirigir contra o adversário que estivesse à sua frente.

Temístocles viu seu *sparabara*. Por trás do grande escudo pintado com diagonais brancas e vermelhas, havia um homem, um persa de verdade, um guerreiro tão alto que entre a barba e a borda do escudo via-se mais de um

palmo de túnica azul. Estava tão perto que Temístocles distinguiu seus olhos, maquiados de preto e abertos em uma expressão de pavor.

Então, compreendeu. Os persas não haviam previsto a loucura de seus inimigos, não haviam imaginado aquele ataque suicida sob a nuvem de flechas. Pela primeira vez em suas lutas contra os gregos, os soldados do Grande Rei não haviam tomado a iniciativa.

— Eles têm medo de nós! — exclamou Arífron.

Agora os persas gritavam, dando ânimo uns aos outros para resistir ao ataque, e os atenienses haviam parado de cantar e só proferiam gritos de guerra. Temístocles só tinha olhos para seu *sparabara*. Se estivessem combatendo contra outros hoplitas, teria buscado suas pernas por baixo do escudo. Mas os *spara* persas eram tão grandes que formavam uma parede sem brechas, de modo que não tinha mais remédio que bater diretamente com a lança no escudo.

Temístocles refreou um pouco o passo e apertou os dentes, preparando-se para um impacto seco que podia deslocar seu ombro. Mas, para sua surpresa, a ponta de sua lança rasgou o escudo persa com um estalo seco que lhe era familiar.

— São de vime! São de vime!

Por toda a linha desatou-se o inferno do choque, e a natureza dos ruídos mudou de súbito. Embora algumas flechas continuassem sibilando sobre sua cabeça, enquanto os atenienses lutavam contra a parede de escudos soavam golpes surdos e violentos acompanhados de gritos e ofegos, como se uma horda de lenhadores frenéticos se empenhasse em desmatar um pinhal.

Temístocles puxou a ponta de sua lança e, com certa dificuldade, conseguiu desenganchá-la do buraco que ele mesmo havia aberto. Durante um tempo ele e o *sparabara* lutaram se empurrando, um com seu broquel de bronze e carvalho, o outro com seu escudo de bambus trançados e couro rígido. Temístocles percebeu que, dado o tamanho do outro, assim não conseguiria nada, e retrocedeu dois passos. De ambos os lados seus camaradas alanceavam os escudos persas, enquanto outros mais fogosos se enroscavam a pontapés com eles para derrubá-los, e mais de um sofreu graves ferimentos quando sua perna ficou enganchada entre as varas de vime.

Temístocles notou que o jeito de segurar a lança já não era o mais adequado. Tornou a cravá-la no vime e aproveitou que ficara enganchada para soltá-la um segundo, girar a mão, arrancar a lança de novo e levantá-la acima de sua cabeça. O persa tentou acertá-lo com seu sabre por cima do escudo, mas, apesar de sua envergadura, o golpe ficou curto. Ao ver que por trás dele um lanceiro vinha em seu auxílio, Temístocles compreendeu que tinha de tirar partido o quanto antes da diferença de alcance de suas armas e deu um golpe de lança no rosto do *sparabara*. Este virou o pescoço, mas não rápido o bastante, e a ponta de ferro abriu um talho em sua face.

O persa retrocedeu com um grito de dor e, ao fazer isso, empurrou o lanceiro que o fora ajudar. Temístocles aproveitou o momento para dar um pontapé na parte inferior do *spara*, que tombou e caiu de bruços. Ao seu redor, a luta se desenrolava de forma parecida. Aquela parede de vime e couro, projetada mais para deter os projéteis de outros arqueiros que para o combate corpo a corpo, estava cedendo perante o empuxo dos hoplitas.

Apesar de sua estatura e sua corpulência, o *sparabara* não devia ser nenhum valente, porque deu meia-volta e abriu caminho aos empurrões por entre as filas de lanceiros a fim de fugir da frente. Então, Temístocles se viu de cara com um daqueles *arshtika*, vestindo túnica e tiara azul e protegido com um escudo amarelo em forma de oito. Era um rival muito rápido. Abaixou-se e jogou uma lança nas pernas de Temístocles, que conseguiu detê-lo com a borda do escudo, mas se desequilibrou um pouco. O persa, porém, recuperou-se logo e lançou outro golpe, dessa vez contra o corpo. Mas, no último segundo, quando Temístocles já esperava o impacto contra sua armadura de linho, outro broquel se interpôs em seu caminho.

— Estou contigo, Temístocles! — gritou Arífron.

Sem perder tempo olhando para o lado, Temístocles deu uma lançada no inimigo à altura do peito. Sentiu algo metálico por baixo da túnica, mas aproveitando que o persa havia ficado momentaneamente aturdido, tornou a golpear, e dessa vez pôde sentir a ponta de ferro vencer uma breve resistência e afundar em carne macia. Temístocles movimentou a lança com todo seu peso. O rosto de seu inimigo se transformou em um ricto de ódio e dor e sua arma caiu no chão, inútil. O lanceiro persa retrocedeu como pôde por entre os demais e outro guerreiro ocupou seu posto. Temístocles cuspiu saliva e terra e se preparou para enfrentar seu terceiro adversário.

À direita da tribo de Temístocles, os homens de Aristides também estavam enroscados em um encarniçado combate com os lanceiros do centro persa. A linha de frente estancara em uma infinidade de combates individuais, com avanços e retrocessos que desenhavam os dentes de uma serra.

Porém, ainda mais à direita combatia o batalhão da tribo Eneia, que formava com filas de oito homens e enfrentava os *thanuvaniya*, arqueiros vestidos de vermelho, e não os lanceiros do centro inimigo. Ali Címon e Milcíades lutavam ombro com ombro. O último, que sabia bem como eram os escudos persas, investira com todas as suas forças no final do ataque, e a tremenda lançada que dera atravessara inclusive o homem que estava atrás da tela de vime e couro. Quando tentou puxar sua arma para trás, não houve jeito de tirá-la. Milcíades rugiu pedindo outra lança, e quando lhe entregaram uma de uma fila posterior, afastou a pontapés o enorme escudo e irrompeu entre as filas persas, seguido por seu filho.

Era a primeira vez que Címon entrava em combate. Enquanto atacava os inimigos, experimentara ao mesmo tempo um medo terrível e uma excitação brutal. Em algum momento devia ter urinado nas calças, porque sentia as coxas e o calção encharcados, mas não se envergonhou disso. Quando derrubou o escudo que estava à sua frente e o pisoteou, agachou-se um instante e balançou a cabeça com um rugido de leão, agitando o penacho de plumas diante dos arqueiros persas. Aquilo semeou o pânico entre os inimigos, que retrocederam. Címon, sem pensar, jogou-se sobre eles.

À sua frente havia um persa de barba loira com uma armadura de escamas douradas. Címon deu um golpe, pensando que rebotaria. Como ele não havia mudado o jeito de segurar a lança, a ponta cumpriu uma trajetória ascendente e, após deslizar um instante, penetrou entre as escamas, que estavam costuradas por cima e soltas por baixo. Enquanto isso, o persa tentava acertá-lo com sua espada, mas estava tão longe que nem sequer conseguiu roçar seu escudo. Pois Címon tinha metro e meio de lança na mão, somada à extensão de seu próprio braço.

O jovem, agachando-se um pouco, fez força com seu próprio peso para remexer com a ponta de ferro a carne de seu inimigo. Este caiu sobre seus companheiros, que o afastaram de lado para lançar-se contra Címon. Mas suas armas, valiosas sem dúvida para saquear cidades ou para se enfrentar entre si, eram inúteis diante da longa lança de freixo grega. Do mesmo modo, as escamas e malhas que blindavam seu corpo, adequadas para deter os talhos de suas próprias espadas, eram uma proteção medíocre contra uma ponta bem aguçada, que acabava abrindo os anéis ou penetrando entre as aberturas das placas. Quando o terceiro persa caiu diante de Címon, os outros compreenderam que não tinham opções para se aproximar e começaram a retroceder. Talvez pretendessem ganhar distância para utilizar de novo seus arcos, mas o jovem não pretendia permitir isso.

— Segui-me! — gritou, pulando sobre um corpo inerte.

Uma mão de ferro agarrou-o pelas tranças e o puxou para trás. Címon se voltou, furioso, e encontrou o rosto de seu pai, ainda mais encolerizado.

— Tu és quem vai me seguir! Vamos!

Como lobos no meio de ovelhas, pai e filho penetraram por entre os arqueiros persas formando uma cunha. Seus homens os seguiram, alanceando todo inimigo que se punha a seu alcance, enquanto os das filas posteriores cravavam as pontas de suas virolas nos olhos e na garganta dos inimigos caídos.

— Não te emociones, filho — grunhiu Milcíades. — Recorda que ainda teremos de nos reagrupar e virar para a esquerda.

Címon assentiu. O ardor do combate não o havia deixado tão néscio a ponto de esquecer o plano de Temístocles.

Na parte central a situação não era tão lisonjeira para os atenienses. Os *arshtika*

de uniformes azuis que lutavam contra a Leôntide e a Antiochis tinham escudos. Embora fossem também de vime e couro e suas lanças medissem um palmo a menos que as gregas, aqueles homens combatiam com ousadia, incitados pelo orgulho de ser a elite recrutada pelo Grande Rei no próprio coração de seu império. Acumulavam, além de tudo, mais que o dobro de efetivos que os atenienses na mesma extensão de frente e podiam se permitir muito mais baixas que eles.

Aproveitando um momento de descanso, quando ambas as forças se afastaram uns passos para tomar fôlego, Temístocles ordenou que a segunda fila substituísse a primeira onde fosse possível, e ele mesmo se pôs de lado para deixar que Euforion passasse à frente. O combate foi logo retomado, mais encarniçado que antes, pois a visão e o cheiro de sangue já vertido transformavam os homens em uma matilha de lobos. Se atenienses e persas se detestavam antes do combate de uma forma distante, quase abstrata, agora o ódio havia se transformado em algo tão tangível e visceral quanto os intestinos que Temístocles havia visto espetados na lança de um companheiro como um troféu. E isso porque o verdadeiro massacre ainda não havia começado, pois as pernas ainda estavam frescas e as forças, equiparadas. Temístocles, que havia ferido dois homens e os obrigara a retroceder, comprovava que matar alguém não era tão fácil como nos relatos de taberna, o que o fazia não acreditar nas fanfarronadas de muitos soldados, que alardeavam que cada um deles acabava com a vida de dez ou doze inimigos em cada batalha. Já o poeta Arquíloco, que como mercenário entendia disso, dissera: “Caíram sete mortos que alcançamos na fuga, e são mil seus matadores!”.

Enquanto Euforion combatia na primeira fila, Temístocles tratou de apoiá-lo encolhendo-se atrás dele e enfiando sua arma pelos vãos que se abriam. Por fim, quando viu que o guerreiro persa descia o escudo para cobrir as pernas, aproveitou para jogar a lança por cima do ombro de Euforion como se estivesse caçando javalis no monte Himeto. A ponta de ferro atravessou a densa barba do inimigo e se cravou em seu pescoço. O persa retrocedeu um só passo e caiu fulminado. Outro inimigo ocupou seu lugar, mas antes quebrou a vara da lança de Temístocles. Este lançou mão da espada, pensando que perder uma lança em troca de matar um inimigo não era tão mau investimento.

— Não! Pega a minha! — disse Mnesífilo, que estava atrás dele.

Temístocles se voltou meio de lado e pegou a lança de seu amigo com muito cuidado; nas apertadas linhas da falange, cada movimento implicava se chocar contra os escudos dos outros e o perigo de cravar em si mesmo a ponta de alguma virola. Seu olhar cruzou com o de Arífron, que também havia retrocedido para a segunda fila. O rapaz tinha um corte no antebraço, e suas armas, cheias de pó, haviam perdido todo seu lustre. Mas o brilho febril de seus olhos já não era de medo, mas sim de algo diferente. Temístocles sorriu para ele

com ferocidade.

Por trás das linhas inimigas, soou um agudo e penetrante clarim, tocando uma cadência estranhamente feminina que não pertencia a nenhuma escala grega que Temístocles conhecesse. Os lanceiros começaram a retroceder e abriram um grande corredor bem diante de sua posição. Durante um instante, Temístocles pensou que haviam conseguido pô-los em fuga. *Não pode ser*, pensou a seguir. Os persas estavam mantendo o terreno até agora. Devia se tratar de alguma manobra do inimigo.

Aproveitou para afastar Euforion, voltar à primeira fila e olhar a seu redor. Milhares de pés remexendo o chão haviam levantado uma poeirada tão densa que era difícil distinguir algo a mais de vinte metros de distância. Até onde alcançava sua vista, havia muitos corpos no chão, cadáveres gregos e persas misturados sobre os restos quebrados dos grandes escudos.

A chamada do clarim se repetiu, e com ela se ouviu o relincho de um cavalo. Temístocles olhou para a frente. Os raios de sol que entravam oblíquos pela nuvem de pó acertavam-no de lado nos olhos e deixavam tudo mais confuso. Pelo largo corredor que as filas persas haviam aberto, apareceu a enorme sombra de um cavalo, e atrás outros, como fantasmas se recortando na névoa.

Mas não diziam que a cavalaria havia embarcado?, pensou, e um medo quase supersticioso fez seu coração parar por um instante.

Fffiiiiuuuu. Algo negro assoviou no ar e uma fração de segundo depois Temístocles sentiu um golpe no peito, acima do mamilo direito. Retrocedeu com um grunhido de dor. Como em um passe de mágica, uma flecha apareceu cravada abaixo de sua clavícula. *Ffiuuu, ffiuuu, ffiuuu*. As setas voavam na horizontal, mais mortíferas que as que haviam recebido durante o ataque. O homem que estava à esquerda de Temístocles, Filodemo, filho de Andrócion, soltou um grito e levou a mão ao rosto. Ao arrancar a flecha que havia penetrado o visor do elmo, tirou também o olho, uma bola branca ligada a um pedúnculo sanguinolento, e caiu de joelhos aos gritos.

As flechas continuavam chovendo sobre os homens da tribo Leôntide, e atrás delas vinha o ataque dos cavaleiros persas que as atiravam. Estavam a menos de quinze metros, um esquadrão em cunha cujo número Temístocles não podia precisar, pois os cavalos que vinham atrás ficavam encobertos pela nuvem de pó que os cascos dos primeiros levantavam. Mas o homem que dirigia o ataque montado em seu corcel negro, com a máscara de ouro, era inconfundível.

Tens uma flecha cravada no peito, disse para si.

Se fosse grave, já estarias morto, respondeu a si mesmo, e puxou flecha, que saiu com facilidade. Havia sangue na ponta, mas depois de atravessar as camadas de linho devia ter perdido força e não conseguira perfurar a costela.

À sua volta ouviram-se gritos de desânimo, e muitos homens voltaram as costas para fugir dos cavalos que investiam contra eles. A percepção de

Temístocles, que parecia haver se aguçado durante a batalha, ficou mais lenta, como se a roda do tempo houvesse ficado presa em um denso rio de mel. Viu à sua esquerda um escudo que caía virado para baixo e girava sobre a borda como um pão instantes antes de parar. O homem que o havia soltado dava meia-volta e fugia, abrindo caminho aos empurrões por entre outros hoplitas que retrocediam com expressões de pavor, muitos deles abandonando broquéis também. Depois, ouviu um relincho, poderoso e grave como o mugido de um touro e se voltou para a frente. Viu a testeira dourada do cavalo negro e as plumas vermelhas que ondulavam sobre sua cabeça como chamas do inferno. Ao contemplar sua aparição do meio do pó, imaginou o que devia ter sentido a jovem Perséfone quando a terra se abriu e de uma nuvem de fumaça negra surgiu o carro do deus Hades puxado por corcéis tão tenebrosos quanto o que montava o homem da máscara de ouro⁵⁰.

Olhou para os dois lados e se viu sozinho no meio do pó. Ele era uma barca solitária na bruma, e o cavalo do mascarado, um enorme penhasco negro que as ondas empurravam contra ele. Temístocles não sabia o que estava acontecendo em outros pontos da frente de batalha e ignorava se a tribo Antiochis também estaria sofrendo um assalto como o aquele, mas tinha certeza de que Aristides não ia jogar seu escudo.

O pânico feroz da cavalaria que levava seus camaradas a fugir não significava nada para ele. Havia outro medo muito mais palpável, mais próximo, o mesmo medo que não havia deixado de sentir desde que Fênix o açoitara diante de seus companheiros. A tribo de Temístocles retrocedia diante do inimigo e a linha ateniense ia se quebrar bem no centro, demonstrando que seu plano tinha uma fraqueza fatal. Iam apontá-lo, debochar dele e compará-lo com Aristides.

Não pretendia sobreviver para ver isso.

Cravou a ponta metálica de sua lança no chão, projetou-a para a frente e se ajoelhou, protegendo-se debaixo do escudo. O corcel negro rasgou a nuvem de pó e surgiu a menos de cinco metros dele. O homem da máscara havia pendurado o arco ao lado da sela e agora brandia sobre sua cabeça um enorme sabre. Temístocles rangeu os dentes e semicerrou os olhos, aguardando a inevitável investida. Mas, ao ver a ponta de ferro diante de seu rosto, o cavalo empinou e se recusou a seguir adiante. Seu cavaleiro o fez virar para a esquerda apertando seu lombo com os joelhos e aproveitou o movimento para descarregar um golpe na lança de Temístocles e arrancar-lhe a ponta.

— Aqui, a teu lado!

Temístocles olhou de soslaio para a direita. Arifron havia se ajoelhado junto a ele, e agora sua lança também se projetava contra a cabeça do cavalo.

Os outros cavaleiros chegaram ao mascarado, mas seus animais frearam em seco, seguindo o exemplo do corcel negro. Temístocles, ao deter a investida do macho dominante, havia conseguido roubar o impulso do ataque de toda a

manada.

— Aguenta, Temístocles!

Olhou um instante para a esquerda. Lá estava o magro Fidípides fincando sua lança no chão e sorrindo para ele através de uma camada de pó tão branca e densa que as bordas internas de suas pálpebras pareciam feridas ensanguentadas. Além de Fidípides, Mnesífilo cravou o joelho e levantou uma lança que devia ter recolhido do chão.

Ah, que bando de patéticos e magníficos companheiros com quem morrer, pensou. Por cima de seu ombro, apareceu outra ponta de lança, e logo outra. Mais homens ocupavam seus postos à direita e esquerda, deixando mais fechada a barreira de ferro aguçado que ameaçava os cavalos dos persas.

Temístocles compreendeu que para seus hoplitas havia sido mais forte a vergonha de ver seu taxiarca morrer abandonado por eles que o próprio medo. Tinha de aproveitar esse momento o quanto antes.

— Para cima! Agora! — gritou, e ele mesmo se levantou.

O cavalo negro tornou a empinar e deu um coice com a pata dianteira que quase arrancou o escudo dos braços de Temístocles. A dor foi como se lhe houvessem dado uma martelada no cotovelo, e deixou de sentir todo o antebraço esquerdo. Mas aguentou e lançou um golpe na cara do cavalo, a quem nesse momento odiava mais do que jamais havia abominado qualquer ser humano. O corcel, que havia dado um passo adiante para esmagá-lo e abrira a boca com a intenção de mordê-lo, engoliu o pau quebrado da lança. Temístocles apertou com raiva e sentiu que a ponta lascada raspava em algo duro e afundava. O cavalo negro soltou um relincho agudo de dor e começou a empinar sem controle. O mascarado teve de segurar as rédeas com as duas mãos e seu sabre caiu no chão.

A cunha de cavalaria, frustrada sua penetração, transformara-se em uma linha que agora lutava contra a frente recomposta dos hoplitas. Os cavaleiros batiam de cima com suas espadas curvas. Alguns de seus talhos arrancavam os elmos dos atenienses ou conseguiam se cravar na estreita ranhura entre a armadura e o elmo e quebrar clavículas e cortar artérias, enquanto seus cavalos, raivosos, davam coices e mordiam a torto e a direito. Perdido o impulso primitivo da investida, a situação era incerta. Aqueles cavaleiros, persas de nobre cepa, cobriam o corpo com luxuosas armaduras, mas a forma como as escamas eram costuradas os tornava vulneráveis a lanças recebidas de baixo para cima, e muitos deles caíam no chão e eram pisoteados pelos cascos de seus próprios corcéis ou mortos pelos gregos, que buscavam os rostos descobertos com as pontas das lanças.

O homem da máscara havia retrocedido, pois seu cavalo não fazia mais que sacudir a cabeça para ambos os lados, louco de dor. Agora que Temístocles dispunha de um pouco mais de espaço diante de si, no meio daquela poeirada tão

densa que havia transformado o Sol em uma mancha branca e difusa, sentiu-se suspenso em um lugar fora do tempo, como devia acontecer com os heróis homéricos quando os deuses os arrebatavam do campo de batalha em uma nuvem.

Longe, à sua esquerda, ouviu-se um trompete, e vários outros responderam pela direita. Embora soassem amortecidos pelo fragor da batalha, os gritos e os relinchos dos cavalos, Temístocles reconheceu sua breve melodia, inconfundivelmente grega. Era o sinal para a terceira parte de seu plano.

O cavaleiro mascarado, intuindo talvez o que se avizinhava, levantou a mão e gritou uma ordem, enquanto seu cavalo corcoveava e girava em círculos como um potro indomado. Depois, voltou-se e se perdeu na poeira, seguido por seus cavaleiros. Temístocles arfou, tossiu e cuspiu pó e grãos de terra, enquanto via as ancas dos cavalos desaparecendo de sua vista, como se não houvessem existido, como se fossem imagens de um pesadelo. Mas no chão havia cavaleiros derrubados e também estava o sabre do mascarado como prova de que não haviam combatido contra fantasmas. Temístocles pensou em se apoderar da espada como butim, mas era muito comprida, e naquele momento não tinha ideia de onde pendurá-la sem que o estorvasse.

— Vêm vindo mais — disse Mnesífilo.

Temístocles se voltou para seu amigo. Em algum momento havia perdido o elmo; toda a pele de sua têmpora direita estava levantada e sua orelha partida ao meio. Não queria nem imaginar quanto devia estar doendo, mas Mnesífilo não se queixava. Temístocles se lembrou de sua própria ferida e olhou o peito. O buraco no linho não estava manchado de sangue, e a dor que ainda sentia no cotovelo anulava a da flechada.

As túnicas azuis reapareceram no meio do pó, fechando os vãos por onde haviam deixado a cavalaria passar. Mas ficaram ali, a alguns metros deles, sem se decidir a atacá-los. Gregos e persas se olharam por cima dos corpos empilhados entre ambas as frentes.

— Atacamos, senhor? — perguntou Arífron.

— Não, meu amigo — respondeu Temístocles, agachando-se agora para recolher uma lança. Era persa e mais curta que a sua, mas conservava a ponta de ferro e lhe serviria. — Vamos aguentar a posição aqui. Em breve eles virão se espetar em nossas lanças.

Os arqueiros persas, compreendendo por fim que no combate corpo a corpo não tinham nada a fazer contra a blindagem e as longas lanças dos hoplitas, fugiam pela frente da tribo Eneia, buscando os navios que pudessem ter restado ainda na praia. Milcíades rugiu, blasfemou e acertou várias cabeças para evitar que seus homens, ébrios de sangue e cobiçando o ouro que viam nos pescoços, nas orelhas e nos punhos dos persas, os perseguissem. À sua esquerda, no centro do campo

de batalha, vislumbravam-se por trás de uma grossa cortina de pó as túnicas azuis dos lanceiros persas. Como haviam decidido na reunião de generais, se os batalhões que combatiam nas alas conseguissem afugentar os inimigos, deviam correr em auxílio das tribos de Temístocles e Aristides para compensar a fraqueza de sua formação.

— Conversão à esquerda! — ordenou ao trompete, que soprou até perder o fôlego para transmitir a ordem.

Tinham de girar sobre o extremo esquerdo do batalhão para virar toda uma frente de cem escudos para o centro do campo de batalha. Era uma manobra muito complicada. Címon pensou que, em pleno combate, nem os próprios espartanos, que treinavam durante a vida toda, teriam conseguido. A linha grega, que já havia se partido em vinte lugares, partiu-se ainda mais. Mas os quinhentos acarnienses e o resto dos seus companheiros de guerra da tribo Eneia, ainda incapazes de cumprir a ordem ao pé da letra, haviam pelo menos captado o espírito ditado pela música: tinham de ir em auxílio de seus companheiros do centro. Em grupos de trinta, de cinquenta, no máximo de cem, formaram pequenas falanges e entraram por onde a poeirada era mais densa, buscando as casacas azuis dos inimigos.

Címon, que continuava ombro a ombro com seu pai, jogou a lança, que se quebrara de novo, e desembainhou a espada. Estava tão excitado quanto um garanhão diante de uma manada de éguas, e a distância que a lança interpunha entre os inimigos e ele era muito frustrante para sua sede de sangue.

— Estás louco! — gritou Milcíades. — Pega uma lança!

— Não preciso dela, pai!

Milcíades se voltou para ele. Tinha os cílios brancos de pó e a barba molhada de saliva e de sangue, seu ou de algum persa.

— Não se trata de que a necessites tu, mas sim do que temos de fazer. Ou pegas uma lança, ou vais para a fila de trás!

Alguém passou uma lança a Címon. Tinha uma ponta limpa, mas a parte metálica estava ensanguentada. Seu dono devia ter matado um inimigo caído no chão enquanto passava por cima de seu corpo.

Uma rajada de vento rasgou o véu de pó, e, diante deles, a uns cinco metros, apareceu nitidamente uma fila de lanceiros persas que lhes ofereciam o flanco esquerdo. Alguns deles viram os atenienses e se voltaram com expressão de espanto. Sem dúvida, não esperavam ver inimigos por aquele lado.

— Vês, filho, como precisavas de uma lança? — disse Milcíades. — Não se pode pescar atuns com espada.

O terral havia dado lugar à brisa do mar, que soprava agora com certa força e arrastava as nuvens de pó para os montes que fechavam o vale pelo norte. Temístocles teve uma visão mais clara da situação, pelo menos na região onde se

encontrava sua tribo. Diante deles continuava havendo um grande número de persas, mas já não estavam tão organizados como antes. Algumas túnicas vermelhas de arqueiros se misturavam com as azuis dos lanceiros, e uns empurravam os outros, cada grupo lutando em uma direção diferente. Atrás, por cima da cabeça dos inimigos, erguiam-se pontas de lanças e também penachos que pareciam gregos. Caso Temístocles ainda acalentasse alguma dúvida, dali, sobrepondo-se aos gritos e vozes dos persas, chegou o inconfundível canto do peã.

Aquela era a culminância de seu plano, que Milcíades havia tachado de loucura e, contudo, aceitado. Para evitar que o inimigo os cercasse, havia proposto que eles próprios o cercassem. Se as coisas houvessem corrido conforme o previsto — ou melhor, o desejado, porque naquele fragor de gritos, pó, suor e sangue tudo era caótico e imprevisível —, as alas atenienses teriam conseguido derrotar os adversários formados em frente a elas e pô-los em rota de fuga, e agora estavam fechando uma garra sobre o centro do exército persa.

A brisa continuou limpando o pó, e durante alguns segundos Temístocles viu milhares de persas, mais amontoados que os cidadãos nas assembleias da Pnix. Os que estavam na primeira fila diante deles, vendo as longas lanças que já haviam provado em suas carnes, cravavam os pés no chão para resistir à pressão dos que vinham atrás. Mas era inútil, porque seus próprios companheiros tentavam também fugir dos atenienses que estavam às suas costas e não paravam de empurrá-los.

Dessa vez eram os persas que vinham para as pontas de suas lanças, embora não por própria vontade, e muitos deles haviam perdido seus escudos. Temístocles fez contas. Havia matado um inimigo e ferido dois, além de cravar o pau da lança no enorme corcel negro. Por ora, havia provado dose suficiente de sangue. Pôs-se de lado e deixou passar o homem que estava às suas costas, um tal de Demôdoco, que no início do combate formava quinze escudos à direita dele, na terceira fila. Só Zeus sabia como fora parar atrás de Temístocles; mas agora Demôdoco lhe agradeceu, desejoso de matar inimigos.

Fora da formação o mundo parecia diferente, mais arejado e luminoso. Temístocles olhou para o sudoeste, em direção ao monte Egáleo. Havia pequenos grupos de persas correndo para o olival de Hércules, e até um ou outro cavaleiro. Deviam ter quebrado as filas de sua tribo ou de Aristides. De qualquer maneira, não podiam representar muita ameaça nem mesmo para a infantaria ligeira que havia ficado guardando o acampamento ateniense.

— Que faremos agora, general?

Temístocles se voltou. Quem lhe perguntava era Cares, o corneteiro do batalhão. Em sua armadura havia respingos de sangue, seu penacho havia sido arrancado e tinha uma marca de espada ou de machado no elmo, mas conservava o trompete. Temístocles quase respondeu que ele não era o general da tribo. Mas, então, compreendeu.

— Melóbio morreu, não é?

O corneteiro assentiu com lágrimas nos olhos. Temístocles, meio aturdido em razão da batalha, recorreu à memória e recordou que aquele jovem se chamava Cónon e era filho de Melóbio. Pôs a mão em seu ombro e disse:

— Teu pai era um grande homem.

Era mentira, evidentemente. Mas pelo menos Melóbio tivera a decência de morrer em uma grande ocasião, e não apunhalado em algum bar do Pireu. A seguir, Temístocles captou algo mais no olhar de Cónon e o tranquilizou:

— Só te deixará honra, não dívidas.

Sem dúvida se arrependeria mais tarde de sua generosidade, pois tinha de responder por quase um talento e meio aos credores de Melóbio. Mas naquele momento era incapaz de se sentir mesquinho.

— Que faremos, general? — insistiu Cónon.

— Nada. Já não é necessária nenhuma manobra.

Voltou-se e apontou para suas próprias linhas. Por entre as costas dos homens, viam-se as ponta metálicas das lanças se adiantando e retrocedendo conforme alanceavam os inimigos. Já não havia quase cantos, nem trompetes, as ordens eram poucas e os gritos, muitos, e o choque de metal contra metal havia dado lugar a ruídos mais ominosos. Aqueles que ouviam quando os açougueiros degolavam e esquartejavam bois nas hecatombes em homenagem a Palas Atena.

— Se quiseres vingar teu pai — disse a Cónon —, fica na primeira fila. Mas não sei se teus próprios companheiros te deixarão.

Quando os inimigos os atacaram, Artemisia esperava um choque espantoso. Mas os atenienses refrearam uns passos antes de chegar. Fidon já a havia advertido: “Vão frear, vão frear. Um choque de verdade entre duas falanges é muito duro”.

Graças ao reforço dos soldados de Halicarnasso, a ala esquerda persa se solapava um pouco sobre a ateniense. Por isso, Calímaco e o general que estava ao seu lado, ambos ocupando o posto de honra de sua formação, jogaram-se contra o centro da pequena falange de Artemisia, deixando seu flanco direito descoberto.

— Olha teu homem, senhora. Olha teu homem — recordou-lhe Fidon ao notar que ela não fazia mais que virar os olhos para o lado.

Artemisia respirava de forma curta e rápida. Ela mesma não sabia se o que sentia era medo ou outra coisa. O que quer que fosse, servia-lhe para infundir mais força a seus braços e pernas, de modo que tanto fazia. O homem que vinha contra ela usava um elmo coríntio muito fechado, mas por baixo se viam seus olhos, muito brancos sobre sua pele morena. E no último momento, antes de golpear, o ateniense os fechou.

Nada podia tê-la preparado para o que veio depois. Embora Artemisia

houvesse treinado durante anos com Fidon e seus soldados, os golpes do adestramento sempre tinham um ponto de contenção, privados da força incontrolável que o medo e a excitação da batalha podem emprestar a um braço. Nesse momento, a lança de seu inimigo acertou o centro de seu escudo com tanta força que a própria borda bateu no rosto de Artemisia e cortou seu lábio. Mas ela, que, ao contrário do ateniense, não havia fechado os olhos, avançou a perna direita e esticou o ombro e o braço para enfiar sua arma por baixo do escudo inimigo.

A lâmina de ferro feriu a parte externa da coxa do ateniense. Artemisia viu o sangue brotar e ouviu o grito de seu adversário.

— Bravo, senhora! — gritou Fidon, que ao que parecia tinha tempo para combater por sua conta e observar o que ela fazia.

Assim foi o início da batalha para Artemisia. Seu adversário continuou lutando com ela um tempo, mas cada vez mais frágil e cambaleando por causa da ferida na coxa. À sua esquerda, os halicarnassenses que ultrapassavam o flanco ateniense aproveitaram essa vantagem para concentrar seus golpes no flanco direito daqueles homens. Calímaco foi dos primeiros a cair, e um dos halicarnassenses ergueu seu elmo e seu penacho em meio a gritos de triunfo. Mas os atenienses que lutavam nas últimas filas saíram delas para fechar o vão e durante um tempo o combate ficou travado.

Tudo era tão confuso que mais tarde Artemisia não se recordaria dos detalhes. Seu primeiro adversário havia desaparecido, substituído por outro que dava lançadas em suas pernas com uma rapidez endiabrada e que chegou a arranhar suas grevas duas vezes, até que Fidon interveio e cravou sua arma no rosto do oponente. Estava tão perto dela, a pouco mais de um metro, que Artemisia pôde ver perfeitamente a ponta de ferro arrebeitar seu olho, e dele brotava um repugnante líquido cinza misturado com sangue. A seguir, o próprio Fidon disse:

— Retirada! Retirada!

Ela não entendia por que, mas Fidon a pegou pela falda sem o menor cuidado e a puxou para trás. Os atenienses que combatiam contra eles pararam onde estavam, agradecidos por poder respirar um pouco, enquanto os halicarnassenses recuavam passo após passo, olhando ao mesmo tempo para a frente a fim de não perder o rosto dos inimigos e para trás a fim de ver que seus próprios companheiros também estavam retrocedendo.

Então, Artemisia compreendeu o que estava acontecendo. À sua direita, os atenienses haviam penetrado as filas dos persas após reduzir sua barreira de escudos a lascas e agora avançavam pisoteando cadáveres e lanceando os arqueiros. Se os halicarnassenses tivessem ficado onde estavam, mesmo que houvessem resistido aos homens que tinham pela frente, não teriam tardado a se ver flanqueados e atacados pela retaguarda.

— Para os navios! — gritou Artemisia. — Para os navios, rápido!

Os homens das últimas filas deram meia-volta e correram para os barcos. Artemísia, Fidon e os outros homens da vanguarda continuaram retrocedendo com certa disciplina, quase de lado. Mas os atenienses, que haviam respirado um pouco, agora sentiam o cheiro do sangue e se jogaram sobre eles aos gritos. Artemísia olhou para trás. Seus barcos estavam a mais de duzentos metros, e os inimigos a menos de vinte.

— Joga o escudo, Artemísia! — disse Fidon. — Joga!

Aquilo, segundo contavam, era a maior desonra para um guerreiro, e para um espartano significava praticamente a morte. Mas o veterano capitão sempre lhe havia dito que, chegando o momento, recordasse as palavras de Arquíloco: “Algum inimigo desfruta o magnífico escudo que tive de abandonar atrás de um arbusto. Mas salvei a vida. Comprearei outro melhor!” A jovem soltou o escudo, que caiu junto aos outros com um sonoro “*gong*”, deu meia-volta e correu, arrependendo-se até de ter posto as grevas.

Fugiram para os barcos, perseguidos pelos ruídos da batalha. Olhando para a esquerda, terra adentro, Artemísia podia ver que nas filas posteriores dos persas muitos seguiam seu exemplo. Por trás, os hoplitas da ala ateniense corriam em perseguição aos halicarnassenses. Mas carregavam o lastro do peso dos escudos e do cansaço do prolongado ataque pela planície, de modo que conseguiram lhes tirar certa vantagem.

Diferentemente do que ocorria com os persas, entre os homens de Artemísia não havia pânico. Afinal de contas, não haviam sido derrotados em sua zona do campo, e a maioria estava fresca porque não havia chegado a entrar no combate. Ao chegar à praia, abriram suas filas para não tropeçar entre si. Cada um se dirigiu a seu navio e começou a embarcar, uns pelas escadas, outros içando-se pelas cordas que lhes jogavam e outros escalando diretamente pelos remos. Os navios já estavam na água, e na cobertura os tripulantes estimulavam seus companheiros. Diógenes, o piloto, jogou um cabo a Artemísia.

— Depressa, senhora!

A jovem olhou para trás. Os primeiros atenienses não podiam estar a muito mais de vinte metros. Jogou a lança, correu para a popa do *Calisto* e subiu pela corda, pois já haviam retirado a escadinha.

Ainda bem que os atenienses não têm arqueiros, pensou, mas, ainda assim, os pelos de sua nuca se eriçaram ao pensar que estava dando as costas aos inimigos.

As filas persas haviam desmoroado diante de Cinégiro e seus homens. Ao ver que, em questão de minutos, os gregos destroçavam três ou quatro filas de soldados e abriam caminho pisoteando cadáveres, os outros sucumbiram ao pânico, deram-lhes as costas e fugiram.

Os primeiros, que agora haviam se tornados os últimos e tentavam empurrar seus próprios companheiros para fugir, foram alanceados pelas costas sem

misericórdia. Cinégiro derrubou um fincando-lhe a arma nos rins, passou por cima dele, e ao pisar seu braço comprovou que ainda estava vivo. O hoplita que vinha atrás se ocupou de acabar com ele. A seguir, Cinégiro cravou a lança nas costas de outro, por baixo da omoplata. Como o persa não usava nenhuma proteção por baixo do cafetã vermelho, a ponta da lança afundou com tanta força que ficou enganchada entre suas costelas, e Cinégiro não a conseguiu tirar de jeito nenhum. Ali ficou sua lança.

Diante deles abria-se um amplo espaço limpo. À frente, os persas fugiam para os navios, e à sua direita um grupo de jônios corria pela praia. Cinégiro olhou para os lados. Alguém se aproximou para dizer algo a Ésquilo, que assentiu e se voltou para seu irmão.

— O polemarco e o general morreram. Tu estás no comando.

Cinégiro, ofuscado pelo combate e o sangue, tardou alguns segundos para assimilar o que estava acontecendo. Mas logo recordou as ordens. Na reunião anterior à batalha, ficara definido que se conseguissem romper as linhas persas, o batalhão Aiantis poderia perseguir os inimigos enquanto as tribos que formavam à sua esquerda socorreriam seus companheiros do centro.

— Atrás deles! — exclamou então apontando com a espada para a praia. — Temos de impedir que embarquem e vão para Atenas!

Os cidadãos da Aiantis pediram mais um esforço a suas pernas e avançaram a passo ligeiro, carregando toda a *impedimenta*. A formação se rompeu, os mais rápidos se adiantaram e foram se dividindo em grupos que corriam para os barcos alinhados na margem. Cinégiro pensou que talvez devesse reorganizar os homens do batalhão, mas logo descartou a ideia. Não era necessário tornar a formar a falange: os persas estavam aterrorizados, ele vira o pânico em seus olhos. Fobos havia se apoderado de sua alma e já não as soltaria de suas garras, pelo menos não enquanto durasse a batalha.

Muitos barcos haviam zarpado e se afastavam a toda pressa da costa, mas não muito longe deles umas naus gregas ainda não haviam acabado de desencilhar. Os jônios que haviam formado junto aos persas estavam embarcando nelas. Eram os mesmos que haviam matado o polemarco e o general de sua tribo, pensou Cinégiro, e o rancor o açulou ainda mais.

Cinégiro era um atleta de grande resistência, que havia ganhado várias coroas de louro na longa corrida de *dólikhos*. Rapidamente ele e seus mais rápidos companheiros deixaram os outros para trás. A primeira nau já estava a seu alcance. Era a maior de todas, uma trirreme pintada de ocre com um estandarte que representava um urso bordado com fios brancos sobre um fundo vermelho, e vistosos adornos de ouro na proa e na popa.

— Vamos atrás desse barco! — incitou seus homens.

Quanto mais corria, menos cansado se sentia. Sentia-se uma reencarnação de Aquiles⁵¹ combatendo junto às muralhas de Troia. A trirreme já balançava nas

ondas rasas da praia. Cinégiro entrou na água, e os últimos jônios que ainda não haviam embarcado se voltaram para enfrentá-lo e aos homens que o seguiam.

Travou-se um breve combate ao pé do navio. As águas se tingiram de sangue jônico. Aqueles traidores de sua raça haviam jogado seus escudos pelo caminho, e agora se arrependiam. Cinégiro feriu um na coxa, e quando a vítima se abaixou, fez-lhe um talho no pescoço. Sem esperar para ver que fim levava seu adversário, pulou no barco, perseguindo os inimigos que subiam pelas cordas. Se conseguisse se apoderar da primeira nau, sem dúvida ganharia o prêmio por valor diante de todos os atenienses. Deixou cair o escudo, pendurou a espada no flanco e pisou no último remo, perto da popa. Mesmo que seus homens o seguissem, ninguém disputaria com ele a honra de ser o primeiro a pôr o pé em um barco inimigo.

Sua mão direita se agarrou à borda que se curvava para se unir ao cadaste, e ele se içou até se segurar com a outra mão. Mas quando já estava com o queixo por cima da borda viu algo que o deteve por um instante. Diante dele, um hoplita tirou o elmo e olhou para ele.

— Atena! — exclamou Cinégiro, porque era uma mulher e não um homem, o que significava que só podia se tratar da deusa guerreira.

Obnubilado pelo olhar daqueles olhos azuis e pela estranheza da situação, não notou que a mulher empunhava um machado. De repente sentiu algo duro, um forte golpe no punho. Cinégiro pensou que devia afastar o braço. Mas, ao fazê-lo, sua mão direita ficou ali, agarrada à borda. Viu sua carne vermelha, seus ossos e seus tendões brancos, as veias que gotejavam sangue, e continuou vendo tudo enquanto caía de costas na água com um grito de dor que saía de sua própria boca.

Seus companheiros o levaram até a praia, renunciando a apoderar-se da trirreme, que já se afastava da margem à força dos remos. Cinégiro afastou os outros, levantou-se e apontou para o navio com o toco do braço.

— Temos de tomá-la! Não deixeis que escape!

Mas, enquanto gritava, o sangue continuava brotando aos borbotões de seu punho. A dor começou a subir pelo braço e chegou até sua cabeça, como um coice. Caiu de joelhos na água e tudo ficou preto. Escutou, muito longe, seu irmão Ésquilo, e sentiu que braços o agarravam.

— Hoje estarás comigo nos Campos Eliseos.

Cinégiro levantou a cabeça ao ouvir aquela doce voz. Atena, a mesma que havia cortado sua mão, olhava para ele agora com um doce sorriso. Cinégiro deixou que ela acariciasse seus cabelos enquanto as ondas de Maratona arrulhavam.

Cinégiro nunca acordou. Os farrapos de linho com que tentaram cobrir a ferida não serviram de nada, e quando alguém arranhou fogo para cauterizar o toco, já

era tarde demais. Quando Temístocles o viu, seu amigo estava deitado na areia com o rosto exangue, tão branco que, por contraste, sua barba castanha parecia de carvão. Mas sua expressão era plácida e estava de olhos fechados, como se dormisse. Ésquilo, ajoelhado junto ao cadáver, contemplava o irmão com mudo estupor.

— Tua dor é minha — disse Temístocles apertando-lhe o ombro.

Ésquilo levantou o olhar. Seus olhos eram negros e duros como a obsidiana.

— Não, Temístocles. Minha dor é só minha. Tu desfrutas de tua vitória.

Temístocles ficou sentido com aquela reação. Havia compartilhado muito com Cinégiro, que lhe contava coisas que nunca teria confessado a seu próprio irmão, cada vez mais moderado com o passar dos anos. Mas engoliu suas lágrimas e se afastou deles sem dizer nada.

Como autoridade mais alta da tribo Leôntide, tinha de deliberar com os outros generais. Enquanto caminhava para o local de reunião, Temístocles foi falando com os cidadãos que encontrava para coletar informação. A magnitude da vitória se tornava mais assombrosa a cada momento que passava, e os próprios atenienses a iam assimilando pouco a pouco.

— Milcíades é um gênio! — comentava alguém em uma roda de hoplitas. — Só um louco como ele podia nos levar à vitória.

Tira a glória de Milcíades agora, se fores capaz, pensou Temístocles com amargura.

Antes de se reunir com os outros, Temístocles já tinha um panorama bastante claro do resultado da batalha. Na ala esquerda grega, os inimigos que haviam enfrentado os plateias e a tribo Aigeis haviam sofrido grandes baixas. Naquele ponto, ao pé da montanha, os persas estavam muito longe para uma retirada aos navios, de modo que muitos deles haviam sido obrigados a entrar no pântano. Até lá os gregos os haviam perseguido, caçando-os como patos no canavia. Alguns, para fugir de suas lanças, adentraram as zonas do pântano mais profundas; só para se afogar em suas águas, pois a maioria dos iranianos não sabia nadar.

Mas a maior mortandade ocorrera no centro. As tropas escolhidas de Dátis, que no início da batalha haviam resistido bem ao embate ateniense e em vários pontos da frente até chegaram a levar a melhor, haviam perecido, paradoxalmente, por causa de seu próprio sucesso. Em vez de fugir poucos minutos após o choque, como haviam feito seus companheiros das duas alas, os lanceiros haviam mantido a posição, e foi nela que os quase quatro mil hoplitas das tribos Erechtheis, Cecropis, Hipotântide e Eneia os cercaram em uma manobra envolvente. Como Milcíades havia predito a seu filho, aquilo, mais que uma batalha, foi uma almadrava na qual se dedicaram a arpoar os persas como se fossem atuns boquejando nas redes. Os que não morreram alanceados pereceram asfixiados pela aglomeração de corpos, feridos pelas armas de seus próprios companheiros ou pisoteados por suas botas. Ali haviam caído cinco

batalhões quase inteiros, salvo os poucos lanceiros que conseguiram romper o cerco ateniense e fugir. Milcíades havia dado ordens de não fazer prisioneiros.

O butim parecia menor do que se poderia esperar após aquela impressionante vitória. Dátis havia mandado recolher as tendas mais luxuosas durante a noite, e as demais os próprios persas as haviam incendiado antes de fugir. Quanto às naus, os atenienses haviam se apoderado de sete, três jônias e quatro fenícias. As de Artemísia haviam conseguido escapar. Não obstante, na montanha de corpos empilhados no centro do campo de batalha havia ouro e joias em abundância e armas muito valiosas.

Não tinham tempo para dividir o butim, erigir um troféu nem se ocupar dos mortos. Os generais sobreviventes se reuniram em um rápido conciliábulo. Deles, haviam tombado quatro, substituídos por seus taxiarcas, salvo no caso da tribo Aiantis, que havia perdido tanto seu general Estesilau como seu taxiarca Cinégiro.

Enquanto deliberavam, as velas dos navios persas se perdiam no horizonte. Exploradores que haviam enviado para que fossem à ponta da península Cynosura e esquadrinhar o mar informaram que a frota havia se dividido. A maior parte dela estava costeando a Ática para o sul, mas uma porção desviara para o leste, rumo a Eubeia.

— Vão atrás dos erétrios — disse Milcíades.

Temístocles, passada a euforia do combate, recordou de novo seu projeto de frota. Se tivessem navios de guerra suficientes, poderiam ter resgatado os erétrios. Talvez o abatimento posterior à batalha e a tristeza pela morte de Cinégiro o deixassem mais propenso a remorso. A verdade era que se sentia atormentado pensando no destino dos cativos erétrios, amontoados na ilha de Egília. De nada lhes serviria a vitória de seus antigos aliados atenienses se fossem deportados como escravos para a Ásia.

Não penses nisso, disse a si mesmo. É uma perda de tempo.

— Que aconteceu com os chefes persas? — perguntou Milcíades. — Temos Dátis?

Entre os cadáveres havia alguns que, pela riqueza de suas vestimentas, deviam pertencer à mais alta nobreza persa. Mas, segundo todos os indícios, tanto Dátis quanto Artafernes haviam conseguido escapar. Ao saber disso, Milcíades cuspiu com desprezo.

— Covardes! Nosso polemarco foi um dos primeiros a morrer, ao passo que eles foram dos primeiros a fugir. Algum rastro de Hípias?

Mégacles, o alcmeônida, soltou uma gargalhada.

— Esse deve ter sido o primeiro a embarcar ontem à noite. Já não tem idade para essas aventuras.

— Bem, isso já não importa — disse Milcíades. — Agora temos de nos mexer. Temos de voltar a Atenas o quanto antes. Já vedes por onde estão seus barcos —

acrescentou, apontando para o sul.

— Quantos persas podem restar? — perguntou Euclides.

— Que Temístocles faça as contas — respondeu Milcíades.

O aludido acariciou o queixo antes de responder.

— Se os batalhões do centro foram aniquilados, como parece, pode haver cinco mil mortos. Somemos a isso os que devem ter tombado em outros lugares do campo de batalha. Não sei, talvez mais mil e quinhentos.

— Por que não deixas de rodeios e nos dizes de uma vez por todas quantos restam! — disse Xantipo.

Temístocles fechou os olhos e contou até dez, não para calcular o contingente persa, mas para não mandar Xantipo às favas. Embora todos estivessem muito cansados e irritadiços, a insolência e o tonzinho agudo do Pepino tiravam qualquer um do sério.

— Ainda podem restar uns vinte mil — disse por fim. — Sendo otimistas, talvez dezesete mil. Mas acredito que ser otimista é a última coisa que convém.

— Por quê? Obtivemos uma grande vitória — disse Mégacles com um sorriso radiante.

Ao que parecia, esquecia que ele havia se oposto, o tempo todo, ao enfrentamento com os persas.

— Obtivemos parte de uma vitória — grunhiu Milcíades. — Mas se quisermos ter lares onde celebrar e famílias com quem festejar, temos de voltar a Atenas agora mesmo.

— Os homens estão acabados — disse Euclides. — Não podemos exigir isso deles.

Milcíades bufou.

— Escuta. Eu tenho sessenta e dois anos. — Temístocles ergueu uma sobrancelha. Era a primeira vez que ouvia Milcíades reconhecer sua verdadeira idade. — Acabo de me bater contra os persas ao lado de homens vinte, trinta, quarenta anos mais jovens. Se a carroça e os bois que levam em procissão a sacerdotisa de Argos houvessem passado por cima de meu corpo, não me doeria mais. Por mim, eu beberia agora mesmo uma jarra de vinho e dormiria até as

Apatúrias⁵². Portanto, não me digas o que posso ou não posso exigir de meus soldados!

— Milcíades tem razão — interveio Aristides. O velho rival de Temístocles ostentava um aparatoso curativo na cabeça e sofrera um ferimento na coxa esquerda, mas se negava a sentar e permanecia em pé como os outros, apoiado em sua lança. — Há que se fazer o que se deve fazer.

A decisão foi rápida. Os homens voltaram à formação para a marcha. Apesar da mistura de esgotamento e euforia, ninguém protestou, pois sabiam qual era seu dever: defender os seus. Os assistentes dos hoplitas, que durante o combate só haviam saído da derrubada para perseguir fugitivos persas, carregaram o peso

dos escudos e das couraças para dar uma trégua aos homens que acabavam de combater. Os feridos ficaram ali, junto à tribo de Aristides. A Antiochis havia sofrido muitas baixas durante o combate contra os lanceiros de Dátis, e, além de tudo, a única pessoa em quem os cidadãos confiavam para custodiar o butim até que se procedesse à divisão era Aristides, o Justo.

Assim, apenas duas horas depois de investir contra dezesseis mil persas sob uma chuva de flechas, os cidadãos das três primeiras classes de Atenas se prepararam para percorrer quarenta quilômetros à marcha forçada para salvar sua cidade.

ATENAS, 11 DE SETEMBRO, AO ENTARDECER

— Oh, filha de Zeus, portadora da égide, linda deusa dos olhos glaucos, eu te rogo que mantenha afastados os persas de tua cidade e que protejas tua suplicante Apolônia e sua filha Mnesiptólema.

Apolônia olhou de soslaio para Euterpe, mãe de Temístocles. Seu rosto era tão hierático quanto o da estátua de madeira, mas sem seu sorriso. A jovem apressou-se a acrescentar, enquanto pulverizava incenso no incensório:

— E também te rogo que protejas teus filhos atenienses, que saíram ao encontro do bárbaro para evitar que profane tua cidade. Por favor, deusa guerreira, tu que fizeste Ulisses voltar aos braços de sua esposa Penélope, cuida de Temístocles, filho do nobre Néocles, que te consagrou este tesouro, e permite que retorne são e salvo ao lar dos seus.

Esse lar ao qual agora pertence, acrescentou para si, mas ela mesma não sabia até que ponto era verdade.

Não era fácil passar de senhora da casa a uma convidada, a protegida de Temístocles. Em tese, a condição de Apolônia estava acima das escravas da casa, mas, na prática, apitava muito menos que elas. Não sabia ainda quais eram os costumes e os horários, ignorava onde se guardavam os objetos e que critérios seguiam para organizá-los. De qualquer maneira, não tinha autoridade para mudar nada de lugar, de modo que se sentia um estorvo, um móvel que sempre conseguia estar no meio do caminho. Para piorar, sua filha, com seus dois anos recém-completados, não fazia mais que rir e gritar, correr por todos os lados, tropeçar e se machucar com todo objeto pontudo que houvesse em seu caminho.

Felizmente, Arquipa, a esposa de Temístocles, não parecia se incomodar por Nesi ser um torvelinho.

— Deixa que tuas escravas cuidem dela — aconselhava-a com toda a calma. — Para isso existem.

Era isso, ao menos, o que ela fazia com seus filhos. Seu pedagogo era um escravo magro e nervoso, muito inquieto, e tinha uma mão muito rápida, mas, ainda assim, não dava conta de controlar as quatro crianças. O mais velho, Néocles, acabava de completar seis anos e ainda não havia começado a ir ao

gramatista para aprender letras e contas. Embora pela idade devesse ser um pouco mais calmo que os outros, era um rabo de lagartixa — sua avó o chamava de rabo de salamandra em uma brincadeira privada que, ao que parecia, não deixava Temístocles muito satisfeito. Os outros, Diócles, Polieucto e Cleofanto, passavam o dia correndo pela casa, virando banquinhos e se batendo o tempo todo, enquanto sua mãe estalava a língua e se limitava a dizer: “Crianças...”.

Na realidade, nessa casa Arquipa era um estorvo maior que a própria Apolônia. Como governanta de um lar, não valia nem meia moeda de cobre. Que não pegasse uma vassoura nem rachasse os nós dos dedos esfregando as tábuas do chão com a escova ou lavando roupa era compreensível. Porém, tecer era uma atividade tão nobre que até a própria rainha Penélope se dedicava a ela; mas só vendo Arquipa quando se juntava para tecer com as escravas e com sua sogra! Euterpe, que apesar de ter perdido a vista com os anos tecia e bordava

com tanta habilidade quanto Aracne⁵³, não fazia mais que levantar os olhos de seu trabalho e contemplar com desespero a falta de habilidade de Arquipa. A esposa de Temístocles estava confeccionando uma mantinha de lã quadrada e lisa para o bebê que esperava, sem nem sequer uma triste grega. Ao passo que andava, era óbvio que a criança ia nascer e a bendita manta ainda não estaria pronta.

Quando se referia à sua nora, Euterpe costumava utilizar a palavra “égua” com bastante ironia. Apolônia não entendia a alusão, pois Arquipa não possuía traços nem membros cavaleiros. Seu escravo Arges, que conhecia todo tipo de poemas misóginos, lhe havia explicado que se tratava de uma referência a um iâmbico de Semônides e em seguida o recitara para ela.

*A certo tipo de mulher fez a divindade
que nasceu da linda égua de longas crinas.
Essa mulher evita os trabalhos duros e servis
e é incapaz de tocar o pilão nem a peneira.
Não tira o lixo de casa nem se senta junto ao forno,
vai que se manche de fuligem!
Mas a sedução dessa mulher é irresistível.
Cada dia se banha duas vezes e até três,
e sempre se unge com perfumes.
Cada dia penteia suas abundantes melenas
e com flores a decora.*

Arges pegara impulso e prosseguira com uma enumeração de mulheres nascidas do macaco, da doninha ou do asno, de quem se afirmavam belezas similares ou piores, até que Apolônia lhe ordenou que se calasse. Ao que parecia, só a estirpe da abelha se salvava.

Mas ainda que o cáustico Semônides houvesse merecido que todas as

mulheres do mundo se juntassem para lhe arrancar os olhos com os alfinetes de suas túnicas, no caso da égua era preciso reconhecer que estava certo. A esposa de Temístocles não podia ter tempo hábil para trabalhar na casa nem para cuidar de seus filhos porque o empregava todo em se banhar, perfumar com óleos, pastas e plumas salpicadas por talco aromatizado, escovar o cabelo e se maquiara com todo tipo de pós: malaquita ou cobalto para as pálpebras, almagre para os lábios, antimônio para parecer ainda mais pálida. O que Temístocles teria visto nela? Certo que com sua pele branca, seus olhos azuis e seus cabelos loiros era uma mulher muito bela. Inclusive, pensava Apolônia com pérfido prazer, devia ter sido muito mais bonita antes que a gravidez inchasse seus tornozelos como colunas dóricas e arredondasse seu rosto. Isso sem dizer que, se continuasse abusando da camomila, essa mulher ia conseguir que a mula do estábulo mordesse sua cabeça confundindo seus cabelos com a palha da manjedoura.

Às vezes Apolônia se arrependia de pensar tão mal de Arquipa, porque esta era gentil com ela e fazia mais afagos em Nesi que em seus próprios filhos. “Tomara que desta vez seja uma menina!”, dizia acariciando a barriga. Mas quando Arquipa soube que o pai e o marido de Apolônia haviam sido artesão e comerciante, respectivamente, levantou seu delicado nariz e disse apenas:

— Ah.

Esse único “ah” expressava gerações e gerações de superioridade nata. Arquipa se orgulhava tanto de sua linhagem que limitava sua conversa aos parentescos, casamentos, alianças e disputas das famílias eupátridas. Vangloriava-se de pertencer ao clã dos Alcmeônidas, mas só descendia deles por parte de mãe. Seu pai, Lisandro, era um nobre empobrecido de uma casa menor que havia concordado com prazer em casar sua única filha com Temístocles em troca de não ter de lhe dar um dote.

Se Temístocles havia escolhido Arquipa para criar parentesco com a nobreza ateniense e progredir na política, Apolônia receava ter se equivocado. Era evidente que Arquipa desprezava a classe social de seu marido e que não se importava em absoluto com suas atividades. Porém, sempre tinha um elogio na ponta da língua para um tal de Aristides, e, de quebra, para sua esposa.

— Timandra tem muita sorte de estar casada com ele — dissera nessa mesma manhã enquanto Euterpe e Apolônia teciam e ela fingia se ocupar em algo parecido. — Eu me sentiria orgulhosa de ter como marido alguém a quem toda a cidade chama de o Justo.

— Hummm — Euterpe limitara-se a dizer sem olhar para ela.

— Aristides é um grande homem — prosseguiu Arquipa. — Temístocles deve compreender que, se quiser fazer algo de proveito na cidade, não tem mais remédio que se dar bem com ele. Mas é muito teimoso para reconhecer quando alguém provém de uma família melhor.

Apolônia viu as narinas de Euterpe se dilatar. Sem levantar os olhos de seu

trabalho, a mãe de Temístocles disse:

— Meu filho será grande nesta cidade por si só. Muito mais que todos os Aristides, Milcíades e Xantipos juntos. O que acontece é que ainda não chegou sua hora. — Só então se dignou a levantar a cabeça e olhar para sua nora. — E, aliás, a família dele, que é a minha, governa em Halicarnasso. Onde governa a tua, querida?

Apolônia pensou que se uma faca deslizasse pelo ar que corria entre ambas, ficaria presa como se cortasse manteiga gelada. Por sorte, Nesi irrompeu justamente nesse momento para lhes mostrar sua boneca nova e com isso quebrou a tensão. Pelo menos Arquipa não tornou a abrir a boca por um tempo.

Na realidade, Apolônia tinha a impressão de que para a mãe de Temístocles era bom que sua nora fosse uma inútil, porque assim continuava controlando tudo. Era Euterpe quem cuidava das contas e guardava as chaves da despensa, dos armários e dos cofres, e até a do gineceu. Mas Temístocles nunca trancava os aposentos das mulheres, dentre outras razões porque devia acreditar que o controle de sua mãe era o melhor cadeado.

— E abençoa também Euterpe, mãe de Temístocles — disse agora Apolônia colocando mais uma pitada de incenso —, porque acolheu a mim e a minha filha em sua casa com uma bondade que não merecemos.

Voltou o olhar para Euterpe e sorriu para ela. Ela também tinha seus poderes; sabia que se quisesse se fazer valer na casa de Temístocles tinha de se dar bem com a mãe dele. Embora não fosse tão bonita quanto Arquipa, tinha dentes mais brancos e um sorriso mais doce e sincero, de modo que procurava esbanjá-lo à severa Euterpe. E quando esta lhe dava conselhos desnecessários, em vez virar os olhos como sua nora, abaixava a cabeça humildemente, agradecia e obedecia, ou ao menos fingia obedecer.

— Obrigada, filha — respondeu Euterpe. — Vamos agora, está ficando tarde.

Ambas estavam ajoelhadas diante do *xóanon* de Palas Atena, uma estátua de madeira pintada de pouco mais de um metro de altura. A deusa as olhava com um enigmático sorriso. Seus olhos eram grandes, embora um tanto rasgados, não tão redondos quanto os da verdadeira Atena — Apolônia podia dizer isso porque conhecia o verdadeiro rosto da deusa.

Levantou-se e estendeu o braço a Euterpe. A mãe de Temístocles se levantou sem apoiar seu peso nele. Era uma mulher alta, mais do que Apolônia imaginara observando a estatura de seu filho, que não passava de mediana. Tinha sessenta anos e o reconhecia sem o menor pudor. Poderia passar por mais jovem, porque tinha o olhar vivo e gestos enérgicos, e caminhava ereta como uma lança. Mas seu cabelo havia ficado grisalho muitos anos antes, depois da doença de seu marido. Agora estava branco e ela se negava a tingi-lo, apesar dos conselhos de sua nora.

Estavam dentro do tesouro de Néocles, um templete quadrado de apenas dois metros de lado. A pouca luz entrava pela porta, uma gelosia reforçada com barras de bronze. No interior havia diversos objetos de certo valor, todos consagrados a Palas Atena por Temístocles e, antes dele, por seu pai. Viam-se ali tripés de bronze, caldeirões de cobre com refinado entalhe, ex-votos de argila pintados, um velho escudo com chapa de oricalco e um hoplita de prata de um palmo de altura, com uma cimeira desproporcional que fazia mais volume que todo o resto do corpo.

Vários dias seguidos, Apolônia subiu até ali para agradecer à deusa a mensagem em sonhos que a havia salvado, para rogar-lhe que intercedesse perante os deuses infernais de modo que fossem gentis com o espírito de seu marido, e, acima de tudo, para suplicar que Atenas não tivesse o mesmo destino de Erétria. No dia em que chegara à cidade, havia perguntado a Temístocles onde poderia rezar à deusa.

— Na Acrópole — respondera ele. — Está quase inteira consagrada a Atena. Além disso, temos ali um pequeno tesouro familiar. Minha esposa nunca vai e eu mal tenho tempo ultimamente. Será bom que alguém vá homenagear a deusa.

Apolônia procurava subir à tarde, pois pela manhã fiava e tecia com as outras mulheres para que não pensassem que havia se instalado na casa como um parasita. Hoje, quando ia fazer uma visita à deusa, Euterpe a surpreendera perfumando-se, jogando sobre a cabeça e os ombros um fino manto verde e dizendo que a acompanhava.

— Tenho o pressentimento de que vai ser um dia importante — foi toda sua explicação.

Por isso haviam oferecido juntas o incenso a Atena, e Euterpe foi gentil de permitir que Apolônia, que havia gozado do privilégio de receber a visita da deusa, falasse em nome das duas.

As duas mulheres saíram juntas do tesouro. Lá fora as esperava Ticlo, um escravo de confiança de Temístocles, e o vesgo Arges. Apolônia pestanejou um pouco, ofuscada pela luz, pois o interior do templete era bastante escuro. O vento soprava com força, agitando a roupa. Vinha do sul e arrastava o odor salobre do mar, mas Apolônia, acostumada, não reparava nele. Segurou o manto para que seus cabelos não escapassem, pois não era decoroso que uma viúva recente os mostrasse em público, e observou que Ticlo, que sempre a acompanhava à Acrópole, trancava o tesouro e depois entregava a chave a Euterpe.

O dia que deixarem essa chave comigo significará que confiam em mim.

Apolônia já se dirigia para a escada oeste, a única entrada e saída da Acrópole, onde se erguia um santuário de Ártemis. Mas Euterpe a pegou pelo braço e disse:

— Espera, filha. Fazia dias que eu não subia aqui. Deixa-me ver o mar.

Caminharam para o bastião sul da Acrópole, que dominava o bairro de Colito

e o caminho que conduzia à baía de Falero. Apolônia não se importou em se demorar um pouco mais. Nesi estava bem cuidada. Suas escravas tratavam bem dela e ajudavam a controlar aqueles quatro trastes que eram os filhos de Temístocles.

Embora Atenas a houvesse decepcionado, gostava muito da Acrópole. Além de maior que a de Erétria, era muito mais agradável caminhar por ela, porque desde tempos imemoriais seus moradores haviam transformado a parte superior em uma esplanada com uma suave descida para o leste. Estava cheia de tesouros como o de Néocles, onde os cidadãos ricos consagravam suas oferendas a Palas Atena enquanto proclamavam sua riqueza. Também havia um sem-fim de colunas e pedestais com todo tipo de estátuas e ex-votos. Havia cavalos e cães de bronze e de mármore, jovens cavaleiros, aurigas com olhos de lazurita segurando rédeas douradas, esfinges, sátiros e outras criaturas fabulosas de argila, calça e madeiras variadas. Apolônia gostava mais das *korai*, donzelas esculpidas em pedra de tamanho quase natural. Ostentavam penteados de grande refinamento e túnicas e mantos drapeados de cores vivas, e ofereciam um sorriso melancólico e distante a todo aquele que passasse por elas.

As duas mulheres cruzaram a fachada leste do Hecatompedon, um templo em homenagem a Palas Atena assim chamado porque seu lado mais comprido media cem pés. Apolônia levantou a cabeça novamente para admirá-lo, como todas as tardes. No acrotério, coroando o templo, uma enorme Górgone com serpentes enroscadas na cintura sorria com uma careta sangrenta. Abaixo dela, no frontão triangular, Atena combatia contra o gigante Encélado, a quem acabava de derrubar. A estátua era mais moderna que outras da Acrópole, e seu autor, com mais audácia, atrevera-se a representar a deusa em movimento, inclinada sobre o gigante e estendendo para ele o braço que segurava o escudo enquanto com o direito lhe fincava a lança de bronze.

Ao que parecia, o Hecatompedon estava com os dias contados. A assembleia havia votado construir um templo com o dobro de tamanho se conseguissem evitar a invasão persa.

— Esses atenienses adoram novidades — comentou Euterpe quando Apolônia tocou no assunto. — Sempre querem derrubar coisas para construir outras novas em cima. Meu filho é igual.

Apolônia achava curioso que a mãe de Temístocles, que já vivia havia quarenta anos na cidade, não se sentisse ateniense. Por outro lado — embora a jovem houvesse tido o cuidado de não dizer nada —, o escravo Ticlo lhe havia dito que se iam derrubar o Hecatompedon não era só por afã de novidades, mas sim porque estava ruindo. Bem abaixo da imagem de Atena, havia dois pontalotes de madeira sustentando a arquitrave em substituição a uma coluna que havia rachado. Ao que parecia, dois anos antes ocorrera um terremoto que abalara toda a estrutura do edifício.

Chegaram à parede meridional e se apoiaram no parapeito de pedra. O ar que soprava do mar era agradável, quase fresco para o verão. Apolônia fechou os olhos e respirou fundo. Logo tornou a abri-los e admirou o panorama. Atenas ficava em um vale triangular que se abria para o mar, delimitado a oeste pelo Egáleo e a leste pelo Himeto, célebre por seu mel. Pelo que lhe haviam dito, em plena canícula o ar se acalmava entre as duas montanhas e o calor ficava tão insuportável que até as lagartixas suavam. Mas agora a temperatura era suave. O Sol começava a declinar além de Salamina e seu reflexo no mar apagava os contornos da ilha.

— Vede! — disse Arges.

Apolônia se voltou para sua esquerda. Por ali, ultrapassando o promontório do Zóster, onde o Himeto descia até o mar, surgira um barco. A jovem pensou que devia se tratar de um navio mercante perdido cuja tripulação ignorava quão perigosas haviam se tornado aquelas águas. Mas seu coração caiu aos seus pés quando comprovou que atrás desse navio vinham outros, formados em fileiras.

Arges, que com seu único olho via quase tão bem quanto o lendário Linceu⁵⁴, disse:

— É uma frota formada em três colunas.

Apolônia não se atreveria a precisar tanto, mas notou que cada vez havia mais navios, dezenas deles. Era óbvio que não iam para a ilha de Egina, pois a vanguarda da frota virou para o norte, em direção à baía de Falero, e os outros barcos a seguiram.

— São os persas? — perguntou uma voz trêmula.

Apolônia se voltou. Quem havia perguntado era um ancião que vinha de braço dado com uma jovem, talvez sua neta. Tinha olhos leitosos de catarata e uma cicatriz que cruzava seu rosto e o marcava como um antigo hoplita.

— Devem ser, senhor — respondeu Arges. — Ninguém nestes mares possui uma frota tão grande.

Ficaram ali congelados, vendo surgirem mais e mais barcos no horizonte. O parapeito havia se enchedo de gente que olhava para o sul com incredulidade. Até então, a ameaça dos persas havia sido só um eco abstrato, uma fábula inventada pelos políticos para fazer medo ao povo. Mas agora, diante de seus olhos, os atenienses tinham centenas de barcos. A mesma visão de pesadelo que Apolônia havia contemplado vinte dias antes, um tempo que lhe parecia uma eternidade, quando a frota de Dátis varou em frente a Erétria e todo seu mundo mudou para sempre.

Pelo visto, seu mundo ia mudar de novo. A jovem se voltou para o Hecatompodon. *Que cruéis sois, deuses. Como debochais dos mortais!* Atena as havia levado até ali só para que se iludissem, mas seu destino seria o mesmo que teria sofrido se ficasse em Erétria, ou ainda pior.

Entre os presentes, ouviam-se pranto e gemidos de desalento. Os sacerdotes e

sacerdotisas haviam saído dos templos e apontavam para Falero aos gritos, e havia quem rasgasse as vestes e arrancasse os cabelos impetrando proteção aos deuses da Acrópole. Muitos iam para o altar que se erigia entre o Hecatompedon

e o templo de Atena Políade⁵⁵ e que servia ao mesmo tempo para os dois santuários. Enquanto os fiéis se prostravam diante do altar, jogavam cinzas na cabeça e agitavam galhos de oliveira para suplicar à deusa que os salvasse, Apolônia não conseguia afastar os olhos do sul. Devia faltar uma hora para que os primeiros barcos chegassem à praia de Falero. Dali às portas de Atenas não levariam muito mais de outra hora.

Ao pé da Acrópole, os veteranos que não haviam ido a Maratona e os efebos que ainda não haviam completado seu adestramento corriam para proteger a parte sul da muralha. Apolônia pensou que essa patética guarnição não resistiria nem à primeira noite de assédio.

— A frota não vem só — disse Arges em tom lúgubre.

Seguindo a direção que indicava o dedo do escravo, Apolônia e Euterpe olharam para o leste. Por ali se erguiam várias colunas de fumaça muito seguidas. Não, corrigiu-se Apolônia. Não podia ser; não se tratava das fogueiras da cidade, pois estavam no campo, entre as árvores que cercavam o caminho de Maratona. A jovem recordou sua fuga de Erétria e notou que eram nuvens de pó.

— É a cavalaria persa? — perguntou.

— Não — respondeu Arges. — Vê como a poeirada é comprida e densa. Trata-se de infantaria. Um exército inteiro.

Atena bendita, não, por favor. A única coisa que Apolônia queria agora era descer da Acrópole, ir para a casa de Temístocles e pegar sua filha. Mas onde se esconderiam depois? Talvez a cidadela onde se encontravam pudesse resistir, pois as paredes naturais do cerro estavam reforçadas com uma muralha erigida séculos atrás. Mas se descesse para buscar a menina, quando quisesse voltar à Acrópole já estaria lotada de refugiados e seria impossível entrar nela.

Ainda assim, não tinha outro remédio. Não deixaria Nesi sozinha.

— Espera, senhora! — disse Arges, segurando-a pelo braço ao ver que pretendia ir. — Quero comprovar uma coisa.

O escravo praticamente a arrastou para o canto oriental da Acrópole, o mais alto da cidadela. Dali, junto ao recinto sagrado de Pandião, avô do herói Teseu⁵⁶, divisava-se melhor o caminho que vinha de Maratona pela margem norte do rio. A nuvem de pó era comprida, como a que deixaria uma caravana de vários quilômetros de extensão. Os primeiros homens dessa comitiva apareceram à altura do Cinosarges, um ginásio consagrado a Hércules. Aquele lugar ficava a quase um quilômetro da Acrópole, tão longe que para Apolônia era impossível distinguir que armas e que uniformes usavam.

— O que vês, Arges, o que vês? São os persas?

Na clareira que cercava o santuário de Hércules, havia cada vez mais tropas, mas pelo caminho ainda se divisavam pequenos remoinhos que o vento arrastava para o norte.

— Não sei, senhora — disse Arges. — Que me arranquem o outro olho se eu estiver enganado, mas... Não, não me atrevo a dizer.

Um trompete souou no Cinosarges entoando cinco notas. Depois não foi só um trompete, mas sim muitos mais, que repetiam sem parar a mesma melodia tersa e vibrante, enquanto da muralha respondiam com um chamado similar.

— O que significam? — perguntou Apolônia.

Seu coração pulava no peito, mas não queria acreditar, negava-se a permitir que os deuses a enganassem novamente.

— O que significam?! — disse o ancião cego, que havia se aproximado delas.

— Esse toque é inconfundível, minha filha. É o som mais doce que pode cantar o bronze de um trompete guerreiro. Cinco notas para cinco sílabas. — O ancião sorriu, rememorando velhos tempos. — Significa: “Vencemos”⁵⁷.

MARATONA, 13 DE SETEMBRO

Os espartanos haviam chegado a Atenas um dia depois da batalha, ao anoitecer. Então, a frota persa era só uma lembrança. Ao ver milhares de homens em formação entre a praia de Falero e a cidade, os inimigos, que de seus barcos não podiam saber até que ponto os hoplitas atenienses estavam esgotados, haviam decidido direcionar a proa de seus barcos para o leste, de volta à Ásia.

As suspeitas de Temístocles sobre a situação de Esparta se confirmaram quando viu o contingente que o rei Leônidas trazia consigo. Sem dúvida estavam travando uma guerra contra os hilotas de Messênia, pois se apresentou só um exército de dois mil hoplitas. Deles, quinhentos eram esparciatas de pura cepa, e os outros, aliados periecos. Qualquer um podia compreender que dois mil homens não teria representado um reforço decisivo para enfrentar o exército persa se este houvesse combatido com todos os seus contingentes e se a cavalaria inteira houvesse participado da batalha.

Apesar de tudo, os atenienses receberam bem os espartanos, permitiram que acampassem no Cinosarges e os recepcionaram essa noite sacrificando inúmeros cabritos e ovelhas, inclusive vinte terneiros. A euforia era grande em Atenas. Somente agora começavam a captar em toda a sua magnitude o verdadeiro perigo que haviam corrido e compreendiam que sua cidade estivera por um triz de ser arrasada até os alicerces, e que, a essa altura, eles poderiam ser escravos a caminho da Ásia. Estavam tão satisfeitos de ter sobrevivido àquela terrível prova que não cobraram dos espartanos seu atraso nem as tropas minguadas que haviam enviado.

No dia seguinte, o rei Leônidas e muitos dos seus homens quiseram visitar o campo de batalha. Sentiam curiosidade de ver esses bárbaros a quem só

conheciam de ouvir falar. Temístocles se sentiu obrigado a marchar com os espartanos, pois entre eles estava Pausânias, que era seu próximo em Lacedemônia e, além de tudo, sobrinho de Leônidas.

Dessa vez percorreram o caminho mais curto. Ao meio-dia Temístocles estava de novo na planície de Maratona. Ali ainda havia muita gente, pois ainda restavam muitos corpos persas para recolher e espoliar. Os inimigos mortos eram tantos que os atenienses haviam decidido pagar a prazo o sacrifício prometido pelo falecido Calímaco e oferecer a cada ano cem cabras a Ártemis. Ainda assim, Temístocles calculava que muito depois que ele próprio estivesse morto ainda continuariam sacrificando cabras para a deusa em homenagem a Maratona.

Embora naquele dia a brisa do mar soprasse com certa força e levasse os fedores terra adentro, o ambiente cheirava a sangue coagulado, a intestinos abertos e a carne que já começava a apodrecer debaixo do sol. Alguns abutres sobrevoavam o campo em círculo, temerosos da presença dos atenienses que rondavam por entre os mortos. Os corvos, menos tímidos, bicavam os corpos, buscando as partes mais apetitosas, até que alguém se aproximava e os espantava com um pau ou lhes jogava uma pedra certaíra. A alegre algaravia de seus grasnados tinha pelo menos a virtude de acalmar um pouco o incessante zumbido dos insetos. Com tanta carne morta, as moscas revoavam de um lado a outro, indecisas acerca de qual seria o melhor lugar para depositar seus ovos.

Temístocles examinou o lugar onde sua tribo havia combatido. Lembrava-se perfeitamente. Pôde até indicar o ponto onde haviam detido o ataque do esquadrão de cavalaria. Uns metros mais adiante, erguia-se uma grande pilha de corpos. Lá estavam os *arshtika*, dos quais Sicino tanto se orgulhava. Jaziam no pó com suas túnicas e suas calças azuis, abraçados uns aos outros nas indignas posturas do acaso e da morte, entre os restos de seus escudos estilhaçados e esburacados. Também havia entre eles corpos vestidos de vermelho, arqueiros dos flancos que haviam chegado ao centro do campo de batalha fugindo da manobra envolvente grega.

Em alguns lugares, os mortos se empilhavam em montes de três ou quatro corpos de altura. Enquanto Temístocles, Leônidas e Pausânias percorriam o lugar, viram uns cidadãos pobres derrubando a pontapés um desses montes, buscando ouro. Debaixo dos outros corpos, havia um lanceiro muito jovem, quase imberbe, que moveu fracamente um braço e quis dizer algo. Temístocles quis se aproximar dele, mas um dos saqueadores foi mais rápido e cortou a garganta do persa com uma faca. A seguir, arrancou-lhe os brincos de ouro com um puxão, rasgando os lóbulos, enquanto o persa ainda gorgolejava.

— Se não os enfiare no cu — disse um de seus companheiros —, Aristides vai encontrá-los.

— E mesmo que os enfie no cu — respondeu outro. — Com certeza é onde

ele mais gosta de olhar!

Logo notaram que Temístocles estava perto com dois espartanos e se calaram. Aquele que havia matado o persa, com expressão culpada, colocou os brincos na cesta de vime onde estavam guardando todos os despojos.

— Não é *themis* — disse Temístocles meneando a cabeça e utilizando a primeira palavra que compunha seu nome, “justiça divina”. — Se alguém resiste dois dias esmagado pelos cadáveres de outros homens, é porque os deuses querem que viva — acrescentou pensando em como Sicino havia sobrevivido ao desabamento da mina de prata.

Alguns persas haviam sido asfixiados em meio à aglomeração de corpos e nem sequer haviam tido espaço para cair no chão, de modo que seus cadáveres aguentavam em pé feito postes até os escravos retirarem os corpos que os apoiavam.

Mesmo que os tombados houvessem tido parentes naquele campo onde reinava a morte, teria sido difícil reconhecê-los, pois a maioria apresentava horríveis ferimentos no rosto. E era ali, além de tudo, onde os corvos e os cães vagabundos que se enfiavam entre os cadáveres concentravam suas bicadas e mordidas.

— Este massacre não é normal — comentou Leônidas.

Andava de braço dado com Temístocles, em um gesto familiar, pois os dois haviam simpatizado um com o outro desde que se conheceram em Esparta, dois anos antes. O rei o fazia recordar um pouco Milcíades, por conta de sua barba espessa e de seus traços acentuados. Não era tão alto quanto ele, porém, tinha os ombros mais quadrados. Também sorria mais, e com um sorriso cordial, não feroz como o de Milcíades.

— Que queres dizer?

— Já vi muitas batalhas. Quando derrotamos o inimigo — Temístocles traduziu mentalmente: *Ou seja, sempre* —, ele costuma perder dez homens a cada cem, quinze. Às vezes vinte, quando não consegue fugir rápido o bastante. Mas aqui exterminastes batalhões inteiros.

— É porque não lhes deixamos escapatória — respondeu Temístocles.

— Explica.

Temístocles descreveu com frieza e concisão como havia sido a batalha. Quando acabou, Leônidas semicerrrou os olhos e franziu os lábios.

— Ora, de modo que o plano foi teu, filho de Néocles.

— Eu não disse isso.

Pausânias soltou uma gargalhada. Era mais alto que Leônidas, e também um pouco mais que Temístocles. Tinha uns trinta anos e não se parecia em nada a seu tio. Sua pele era mais clara e seus olhos muito azuis, e tinha umas longas tranças cor de palha e fios quase vermelhos na barba.

— Só o pai de uma tática pode falar dela com tanta precisão — disse

Pausânias. — Meus parabéns por tua audácia. Sem dúvida, os generais devem ter te outorgado um prêmio pela coragem.

Temístocles sorriu com amargura.

— Os eupátridas só se premiam entre si. Concederam uma coroa a Milcíades por sua inteligência e outra a Aristides por seu valor ao resistir à mais dura ofensiva inimiga. — Deu de ombros. — E isso que ele não teve de resistir a um ataque da cavalaria.

— Por que não contas a verdade? — disse Pausânias.

— Agora já é inútil. Todos pensariam que é arrogância.

— Tens razão — interveio Leônidas. — Todo mundo em tua cidade canta as loas de Milcíades e é tarde para fazê-los mudar de opinião. Mas consola-te pensando que os deuses sabem a verdade.

— Tu te consolarias?

O rei pensou um instante, deu de ombros e respondeu:

— Sim.

— Então, somos muito diferentes. — Temístocles mordeu os lábios e decidiu falar. Preferia desabafar diante desse homem a quem acabava de conhecer e calar-se diante de seus compatriotas. — Eu sempre quis fazer algo grande e deixar minha fama para a posteridade, mesmo que morresse no empenho. É minha natureza, Leônidas. Nasci assim, e não posso evitar.

— Tens razão, somos diferentes. — O rei espartano sorriu. — Minha intenção, se for possível, é morrer em minha terra, cavando minhas vinhas, criando cães de caça e cercado por meus netos.

— Ah, tens vinhas?

Leônidas soltou uma gargalhada e apertou o ombro de Temístocles. Tinha dedos duros como galhos de teixo.

— Que pensavas, que os espartanos só se dedicam à guerra? Há tempo para tudo, meu querido Temístocles. — Leônidas suspirou. — Com prazer eu deixaria toda a glória àqueles que a ambicionam, como meu falecido irmão Cleômenes. Ou aqui, meu sobrinho — acrescentou, apontando para Pausânias. — Mas...

enfim, as Moiras⁵⁸ quiseram que a carga coubesse a mim.

Temístocles pensou que esse homem era sincero, mas não totalmente. O que lhe faltava de ambição lhe sobrava de autoridade. Havia observado como comandava os dois mil lacedemônios que vinham com ele. Bastava que pronunciasse um monossílabo a meia-voz para que suas ordens fossem cumpridas sem um pio. Pensou que, caso se fizesse homem, Zeus se pareceria com Leônidas.

E não esquecia que, embora falasse de netos e de cultivar vinhedos, era um espartano. Um homem que havia sido iniciado como adulto matando outra pessoa a sangue frio.

— Vede aqui — disse Pausânias, agachando-se.

Sob o corpo de um persa via-se um pomo adornado com um grande topázio. Pausânias puxou a arma com cuidado para tirá-la de baixo do cadáver. Era um sabre de quase um metro de comprimento. Enquanto o examinava, as pupilas do espartano se dilataram como se fosse um escultor contemplando os frisos do Hecatompodon.

— Tem uma marca muito pequena aqui — comentou aproximando a lâmina dos olhos.

— Foi ao arrancar a ponta de uma lança — disse Temístocles, que havia reconhecido a espada.

— Como sabes?

— Porque essa lança era minha.

— Ora — interessou-se Leônidas. — Que aconteceu depois?

— Consegui enfiar o estilhaço da lança no cavalo, e o cavaleiro teve de se retirar. — Temístocles suspirou. — Foi um momento bastante delicado.

— É o ruim da cavalaria — disse Leônidas. — Cavalo e cavaleiro são duas criaturas que podemos ferir e matar. Inutilizando um dos dois basta. Eu prefiro um hoplita com os pés bem cravados no chão.

— Pelo que contas, esta arma te pertence — disse Pausânias, passando o sabre a Temístocles.

— Obrigado — respondeu Temístocles.

Examinou a arma. A empunhadura era de madeira, decorada com um fino entalhe que representava cenas de caça. Afora a marca, a lâmina estava muito afiada, e quando tirasse o pó com óleo brilharia como um espelho.

Pausânias pegou uma flecha persa.

— É muito leve — disse avaliando-a. A ponta de ferro, de três gumes, não media muito mais que a falange de um polegar, e a vareta era de bambu, não de madeira. — Não me estranha que cheguem mais longe até que as dos arqueiros cretenses. Mas não creio que estas flechas possam perfurar um bom escudo de carvalho. Não são para tanto.

— Não subestimes a vitória dos atenienses, sobrinho — disse Leônidas. — Temos de parabenizá-los. Nunca antes um exército grego havia derrotado outro persa.

— Nunca, até agora, os persas enfrentaram os espartanos.

Leônidas sorriu pela fanfarronice de seu sobrinho e se voltou para Temístocles.

— De qualquer maneira, o que vós conseguistes é incrível. É curioso que enquanto fostes governados por nobres e tiranos nunca fizestes nada esplendoroso e, agora que o povo tem tanto poder, haveis alcançado a maior vitória de todas. Não sei — acrescentou acariciando a barba. — É coisa para se pensar.

Um rei espartano... democrático?, pensou Temístocles, mas não se atreveu a expressar seu pensamento em voz alta.

— Evidentemente, haveis tido sorte. Muita sorte. Sem ela, nunca se pode vencer. Haveis dado um jeito de chegar a eles no corpo a corpo, única maneira como uma falange de hoplitas os poderia derrotar. — Leônidas estalou a língua. — Mas tenho a impressão de que, quando chegar a hora da verdade, serão necessárias mais armas que a infantaria pesada para vencê-los.

— Tu também acreditas que os persas voltarão?

— Não acredito. Eu sei, meu querido Temístocles.

— Por quê?

— Se o que haveis feito ao rei de Persa houvésseis feito a mim, eu não descansaria até arrasar vossa cidade. Não por ódio. Admiro o valor. Mas não poderia deixar que continuasse existindo no mundo uma cidade que me houvesse humilhado. Se eu fosse Dario, sabes o que faria?

— Não.

— Ordenaria a um secretário que toda manhã, ao acordar, a primeira coisa que me dissesse fosse: “Majestade, não te esqueças dos atenienses”. Depois, tomaria meu tempo para preparar uma expedição contra vós e traria o dobro de homens. Assim, não tornaríeis a me cercar.

Leônidas apertou as duas mãos de Temístocles e acrescentou:

— Meu bom amigo, ainda terás oportunidade de fazer algo grande. E se o Grande Rei for a pessoa que suspeito ser, terás de fazer algo muito maior que o de Maratona para salvar tua cidade.

MAR EGEU, 13 DE SETEMBRO

Com os cotovelos apoiados na borda do navio fenício que o levava de volta às costas da Ásia, Patikara pensava em voltar à Grécia não com o dobro de guerreiros, mas com cinco ou seis vezes mais.

O ambiente que reinava na frota era sombrio. Embora em particular muitos oficiais persas se alegrassem por Dátis não ter alcançado seus propósitos e culpassem pelo fracasso sua soberba e crueldade, o moral das tropas havia sido profundamente ferido. Até então, os soldados da *Spada*, o exército do Grande Rei, consideravam-se invencíveis. Em seus enfrentamentos com os hoplitas gregos, sempre haviam conseguido mantê-los a distância, fustigaram-nos montados em seus cavalos e os haviam abatido com suas flechas como presas em uma caçada. Mas, dessa vez, os caçadores haviam deixado que o javali se aproximasse muito deles e os destruísse com seus dentes.

Para se defender das críticas, Dátis alegava que havia atingido quase todos os objetivos da expedição. Havia subjugado as Cíclades, obtido butim e destruído Erétria, e, além disso, trazia seus habitantes amontoados nos porões de seus navios para oferecê-los a Dario. Mas a presa principal havia escapado incólume. E não só isso: em uma tacada só, o inimigo havia lhes arrebatado mais de seis mil homens. Quando fizessem as contas do que havia custado a expedição, ficaria

claro que se tratava de um fracasso irremediável. A carreira de Dátis estava acabada. Nunca mais tornaria a fazer sombra a Mardônio.

Sua amizade pessoal com Mardônio era apenas uma das razões menores para o que Patikara havia feito. Alguém como ele, nascido entre púrpura, valorizava a dignidade acima de tudo. Certamente os atenienses sentiam-se orgulhosos por ter derrotado Dátis em inferioridade numérica valendo-se de uma tática inteligente. Para Patikara, isso não significava nada. Em sua opinião, assim como um anfitrião real tem de impressionar e superar seus hóspedes com o valor e a quantidade de seus presentes, o Império Persa devia assombrar o mundo mobilizando exércitos tão numerosos e excelentes que rendessem seus inimigos por puro pavor. As táticas demonstram astúcia, e a astúcia é o recurso dos fracos. Porém, o número é a expressão de poder, e Patikara queria que todos compreendessem que nas sete regiões do mundo não havia outro poder como o do trono aquemênida.

Por isso havia usado Artemísia para revelar aos atenienses a tática de Dátis. O medo havia decidido dividir suas forças para apoderar-se do ninho indefeso dos atenienses, como uma raposa que entra em um galinheiro sem cão que o vigie. Isso era roubar a vitória, e os persas não deviam agir como ladrões na noite.

Graças à informação, os gregos haviam decidido travar a batalha. Patikara reconhecia a coragem deles, e os premiara participando da luta com cinquenta homens, metade de seu *satabam* de cavalaria, quando já estava prestes a embarcar e mesmo sabendo que corria perigo. Justamente, uma das razões pelas quais havia se escondido atrás de uma máscara e ido àquela campanha era que nunca havia participado de uma batalha de verdade. Queria ver uma com seus próprios olhos e palpá-la com suas próprias mãos. Ele, grande cavaleiro, bom com a lança e melhor ainda com o arco, tivera de se conformar com simulacros por culpa de seu pai, que não lhe permitia ir à guerra. Com seus trinta anos!

E essa, mais que a amizade com Mardônio ou o desprezo por Dátis, era a verdadeira razão do que Patikara havia feito. Ciro era chamado o Grande porque havia fundado um império e transformado uns nômades em senhores do mundo. Seu filho Cambises havia acrescentado a suas conquistas as ricas terras do Egito. O terceiro monarca, Dario, havia segurado com punho de ferro o império quando estava prestes a desmoronar, transformara-o em um mecanismo perfeito, alimentado por seus tributos e engraxado por seus caminhos reais, e, além de tudo, havia subjugado a Trácia.

Que restava para os outros? O que Dario ia deixar a seus sucessores? As regiões ao norte do Cáucaso e do Cáspio eram terra de ninguém que bastava vigiar para evitar os saques das tribos nômades. Além do Egito só havia vastas e ermas extensões de dunas, capazes de engolir exércitos inteiros. Da Índia, com seu clima insalubre, bastava que continuasse enviando elefantes e ouro em pó. Mas a Grécia...

A Grécia significava fechar o Egeu e todo o Mediterrâneo Oriental sob a garra persa, e a porta para as riquezas do oeste. Itália, Sicília, e depois a soberba Cartago.

Por isso Patikara havia se esforçado para fazer essa expedição fracassar. Quando Dario morresse, seu sucessor voltaria à Grécia pessoalmente, com um exército digno de um rei aquemênida. Uniria o mar com seu jugo, abriria a terra com sua espada se fosse necessário, para que as gerações vindouras recordassem para sempre a glória do Grande Rei.

Com Ahuramazda por testemunha, assim Patikara jurou sob sua máscara. Assim jurou Xerxes, filho de Dario e príncipe coroado do Império Persa.

O DESTINO DOS ERÉTRIOS

Quando Dátis e Artafernes chegaram com seus barcos à Ásia, levaram a Susa os erétrios que haviam capturado. Dario, ao ver que os haviam levado à sua presença e que estavam em seu poder, não lhes fez nenhum mal e apenas os instalou em Arderica, a duzentos e dez estádios de Susa e a quarenta de um poço que produz três tipos de substâncias.

Desse poço extraem-se betume, sal e óleo. Seu conteúdo é retirado com uma bimarra que em vez de um balde tem amarrado na ponta metade de um odre. Com esse recipiente misturam o produto, extraem-no e o vertem em uma cisterna. Ainda líquido, transvazam-no a outro depósito de onde saem três condutos. O sal e o betume se solidificam logo. Quanto ao óleo que obtêm, é um líquido negro que exala um forte odor; os persas o denominam radinake.

Foi a esse lugar que o rei Dario deportou os erétrios, que em minha época ainda habitavam esse local e conservavam sua antiga língua.

Heródoto, *Histórias*, VI, 119

O FIM DE MILCIADES

Após a derrota dos persas em Maratona, Milcíades, que já antes tinha uma grande reputação em Atenas, viu-a aumentar muito. Pediu aos atenienses barcos, um exército e dinheiro sem revelar qual era o destino de sua expedição. Simplesmente alegou que se lhe atendessem obteriam grandes benefícios, pois os levariam contra um país tão rico que poderiam trazer dali uma enorme quantidade de ouro. Após assumir as tropas, zarpu para atacar Paros com o pretexto de que seus habitantes haviam apoiado os persas com uma trirreme no ataque contra Maratona.

Quando Milcíades chegou com a frota, assediou Paros, e mediante um heraldo exigiu-lhes cem talentos, dizendo que, se não os entregassem a eles, não retiraria suas tropas enquanto não os destruísse. Mas os habitantes de Paros nem cogitaram a possibilidade de entregar a Milcíades o dinheiro que lhes pedia, e garantiram as defensas de sua cidade dobrando a altura da muralha nos lugares mais desprotegidos.

Os habitantes de Paros dão esta versão dos fatos:

Quando Milcíades não sabia o que fazer, uma prisioneira de guerra de Paros chamada Timo, que trabalhava no templo das deusas infernais, foi até ele recomendando-lhe que seguisse seus conselhos para tomar Paros. Após escutá-los, Milcíades foi a uma colina situada em frente à cidade. Como não conseguia abrir as portas, pulou a cerca do santuário de Deméter Tesmófora e se dirigiu ao templo para realizar uma ação determinada, fosse mover um objeto sagrado desses que não se deviam tocar ou qualquer outra coisa. Quando já estava no umbral, um estremecimento de terror se apoderou dele, e voltou correndo pelo mesmo caminho. Mas, ao pular de novo o muro, feriu sua coxa.

Devido a seu mau estado de saúde, Milcíades voltou com sua frota sem conseguir o dinheiro para os atenienses e sem conquistar Paros. Muitos começaram a criticar Milcíades, principalmente Xantipo, que o denunciou perante o povo e pediu para ele a pena de morte por enganar os atenienses. Milcíades se apresentou no julgamento, mas não se defendeu pessoalmente, pois, devido à gangrena que corroía sua perna, não podia. Foram seus amigos que, enquanto ele estava deitado em uma maca perante o tribunal, o defenderam com diversas menções à batalha de Maratona. O povo o absolveu da pena capital, mas lhe impôs uma multa de cinquenta talentos pelo delito que havia cometido. Pouco depois, Milcíades morreu em decorrência da gangrena, e seu filho Cimon teve de pagar os cinquenta talentos.

Heródoto, *Histórias*, VI, 132-136

TEMÍSTOCLES PREVÊ UMA NOVA GUERRA

Conta-se que a obsessão de Temístocles por obter fama era tanta e que seu desejo de glória o tornava tão amante das grandes empresas que quando os atenienses travaram a batalha de Maratona contra os bárbaros, quando todo mundo louvava as virtudes de Milcíades como general, Temístocles podia ser visto a maior parte do tempo entregue a seus pensamentos. Além disso, passava as noites em claro e recusava os convites para os banquetes que antes costumava frequentar.

Se alguém lhe perguntava algo, intrigado com essa mudança em sua forma de vida, respondia que a vitória de Milcíades não o deixava dormir. Embora a maioria das pessoas acreditasse que a derrota dos bárbaros em Maratona havia sido o fim da guerra, para Temístocles não era mais que o prelúdio de provas ainda maiores. Por isso, prevendo o futuro com muita antecedência, ao mesmo tempo que tentava preparar os atenienses, ungia a si mesmo para essas provas como campeão de toda a Grécia.

Plutarco, *Vida de Temístocles*, III

A MORTE DE DARIO

Um ano depois da revolta do Egito, Dario foi surpreendido pela morte enquanto fazia preparativos para entrar em campanha, depois de ter reinado durante trinta e seis anos. Por isso lhe foi impossível tanto esmagar a

sublevação dos egípcios quanto se vingam dos atenienses.

Com a morte de Dario, o trono passou a seu filho Xerxes.

Heródoto, *Histórias*, VII, 4

ASCENSÃO DE XERXES AO TRONO

Xerxes, o rei, diz: “Meu pai foi Dario. O pai de Dario se chamava Histaspes, e o pai de Histaspes se chamava Arsames. Tanto Histaspes quanto Arsames eram vivos na época em que Ahuramazda fez meu pai Dario rei desta terra, pois assim era seu desejo. Quando Dario se tornou rei, construiu muitos e magníficos palácios”.

Xerxes, o rei, diz: “Outros filhos tinha Dario. Mas meu pai Dario nomeou a mim o maior por trás dele, pois assim quis Ahuramazda. Quando meu pai Dario deixou o trono vago, por vontade de Ahuramazda eu me tornei rei sobre o trono de meu pai. Quando me tornei rei, construí muitos e magníficos palácios. Os que havia construído meu pai, esses eu conservei, e ainda construí outros edifícios. O que eu construí e o que meu pai construiu, tudo isso fizemos graças ao favor de Ahuramazda.

Xpf 15-43. Inscrição gravada por Xerxes em Persépolis

- 9 Outra festa anual de caráter agrícola celebrada pelo povo da Grécia antiga. (N. da T.)
- 10 Deusa grega do amor e da beleza. (N. da T.)
- 11 Deus grego da guerra, filho de Zeus e Hera. (N. da T.)
- 12 Deusa grega da sabedoria e das artes. (N. da T.)
- 13 Segundo a mitologia grega, os sonhos possuem duas portas: a de chifre, dos sonhos que se realizam, e a de marfim, dos sonhos enganosos. (N. da T.)
- 14 Antigos jogos pan-helênicos dos quais se originou nossa atual Olimpíada, ou Jogos Olímpicos. Aconteciam nas cidades de Nemeia, Olímpia, Delfos e Corinto, na Grécia Antiga. (N. da T.)
- 15 Divindades com serpentes no lugar dos cabelos, as três Fúrias (Megeira, Tisífona e Alecto) eram responsáveis pela vingança divina. (N. da T.)
- 16 Filho de Ares (deus da guerra) e Afrodite (deusa do amor) e irmão de Deimos (deus do pânico), Fobos simboliza o medo na mitologia grega. (N. da T.)
- 17 Filho de deus com a humana Sêmele, Dionísio é o deus do vinho, das festas e do prazer na mitologia grega. (N. da T.)
- 18 Espíritos femininos que simbolizam o destino cruel, inevitável, fatal. Descendentes de Caos, o deus primordial, são infalíveis e trazem a morte violenta aos mortais. (N. da T.)
- 19 Apolo, ou Febo, irmão de Ártemis, na mitologia grega é considerado o deus da juventude e da luz, da beleza e da perfeição, dentre outros atributos. (N. da T.)
- 20 Na mitologia grega, o mais astuto dos mortais, que driblava inclusive os desígnios dos deuses. (N. da T.)
- 21 Deus mitológico grego da fertilidade, dos rebanhos, das estradas e viagens. Conhecido também como o mensageiro dos deuses, patrono dos comerciantes e guia das almas para o reino de Hades (deus do submundo, o mundo dos mortos), dentre outros atributos. (N. da T.)
- 22 Deusa da agricultura, também chamada Deméter Tesmófora, a Legisladora. (N. da T.)
- 23 Barqueiro do inferno, mundo dos mortos, que transporta as almas na travessia da lagoa Estígia. (N. da T.)
- 24 Ou Minotauro, filho de Pasífae, esposa do rei Minos, com o touro branco que Poseidon dera ao rei como demonstração de aprovação a seu reinado. (N. da T.)
- 25 Referência a uma das rebeliões contra Zeus, neste caso arquitetada pelos Gigantes, seres criados por Gaia (deusa da Terra) com o sangue de Urano (deus do céu). (N. da T.)
- 26 Zeus, deus dos deuses, e Gaia, deusa da Terra e esposa de Urano, deus do céu. (N. da T.)
- 27 Semideus filho de Zeus e Alcmena, mais conhecido por seu nome latino, Hércules. (N. da T.)

- 28 Conta a mitologia grega que Ajax foi um grande guerreiro loicense que durante o saque a Troia profanara o templo de Atena. A deusa, em vingança, fulminou-o com um raio que pedira emprestado a seu pai, Zeus. (N. da T.)
- 29 Deus dos mares na mitologia grega. (N. da T.)
- 30 Deusa de toda a magia na mitologia grega, andava nas noites de lua cheia acompanhada de uma matilha de cães de caça. (N. da T.)
- 31 Referência a Nice, deusa alada da vitória no panteão grego. (N. da T.)
- 32 Segundo a religião de Zoroastro, Chinvat é a ponte pela qual as almas atravessam, à morte do corpo, e na qual são pesadas para avaliar se durante a vida praticaram maior quantidade de boas ou más ações. (N. da T.)
- 33 Em alguns lugares onde atos públicos de pederastia faziam parte do ritual religioso de iniciação masculina, Apolo era conhecido como Apolo Carneios (chifrudo). O deus grego tinha por costume tomar amantes também masculinos. (N. da T.)
- 34 Deus grego dos sonhos, filho de Hipnos, deus do sono. (N. da T.)
- 35 Referência ao quinto dos doze trabalhos de Hércules, que era limpar as estrebarias cujo proprietário, Áugias, jamais o havia feito. (N. da T.)
- 36 Não és desses quais, Temístocles? (N. do A.)
- 37 Referência ao mito criado em torno da guerra de Troia. Pentiseleia foi uma amazona, mulher guerreira, que participou da guerra ao lado dos troianos numa missão suicida e autopunitiva. Foi morta por Aquiles. (N. da T.)
- 38 Gilgamesh é personagem da mitologia suméria, civilização mais antiga da humanidade. Após a morte de seu melhor amigo, Enkidu, Gilgamesh dedica a vida à busca da imortalidade. O poema *Epopéia de Gilgamesh* foi encontrado conservado em antiquíssimas tabuletas de escrita cuneiforme. (N. da T.)
- 39 No zoroastrismo, deus de primeira magnitude, representante de Ahuramazda na luta contra o mal. (N. da T.)
- 40 Filho de Zeus e Hera, deus do panteão grego que tinha o poder do fogo e dos metais. (N. da T.)
- 41 Arcturus, estrela da constelação de Boötes, é vinte vezes maior que o Sol e a quarta estrela mais brilhante no céu terrestre. (N. da T.)
- 42 Segundo a mitologia grega, tranquilo vento norte que se tornou indomável ao se apaixonar por Orítia, princesa de Atenas, e ter seu romance proibido pelo rei. (N. da T.)
- 43 Fúria (divindade infernal) com serpentes no lugar dos cabelos que transforma em pedra quem a encara. A mitologia grega fala de três Fúrias: Medusa, Esteno e Euriale. (N. da T.)
- 44 Nessa representação, a deusa grega era tida como protetora das plantas selvagens e das árvores. (N. da T.)
- 45 Deus dos ventos na mitologia grega. (N. da T.)
- 46 Na mitologia grega, Jasão comandava a nau *Argos* e seus tripulantes, os

argonautas, em uma expedição a Cólquida em busca do Velocino de Ouro. (N. da T.)

47 Eram quatro as festas dionisiacas anuais na antiga Grécia, todas de caráter orgiaco. (N. da T.)

48 *Nice* significa vitória. (N. da T.)

49 Deus Sol na mitologia grega. (N. da T.)

50 Referência ao mito de Perséfone, a bela filha de Zeus e Deméter — deusa da agricultura —, raptada por Hades, deus do submundo. (N. da T.)

51 Herói da Guerra de Troia, protagonista do mito que conta que Aquiles se tornou invulnerável ao ser mergulhado por sua mãe nas águas mágicas do rio Estige. Mas o ponto exato por onde sua mãe o segurou ao mergulhá-lo — o calcanhar — não recebeu as águas, tornando-se seu ponto fraco. Daí deriva a expressão “tendão (ou calcanhar) de aquiles”. (N. da T.)

52 Celebração da antiga Grécia em homenagem a Afrodite, deusa do amor e da beleza. (N. da T.)

53 Na mitologia grega, Aracne foi uma jovem lídia exímia bordadeira que chegou a despertar o ciúme de Atena por conta dessa habilidade. (N. da T.)

54 Um dos argonautas, Linceu foi um personagem da mitologia grega famoso por sua visão acurada. (N. da T.)

55 Na Grécia antiga, divindade que protegia a Acrópole. (N. da T.)

56 Herói ateniense que teria governado Atenas entre 1234 a.C. e 1204 a.C. A lenda de Teseu e o Minotauro conta como ele venceu o monstro e, com a ajuda de Ariadne, escapou do labirinto que esse presidia. (N. da T.)

57 *Nenikékamen* em grego. (N. do A.)

58 De acordo com a mitologia grega, as Moiras eram as três irmãs que determinavam o destino, a fatalidade de deuses e humanos. (N. da T.)

ENTREATO

483 A.C.

BABILÔNIA, 18 DE JANEIRO

— Escolheste um momento interessante para visitar Babilônia — disse Issacar.
— Mas também complicado.

Temístocles assentiu e bebeu um gole de cerveja. Teria preferido o vinho de Lesbos que ele mesmo havia levado à Babilônia e presenteado com dois cântaros o banqueiro judeu. Mas não queria desagradar seu anfitrião, visto que a cerveja era a bebida do país. O verdadeiro vinho custava de cinco a dez vezes mais que na Grécia e era um luxo que só se encontrava nas mesas dos nobres. Em uma taberna, haviam servido a Temístocles um estranho sucedâneo de palmeira que quiseram fazer passar por caldo de uva e cujo sabor adocicado preferia esquecer. Porém, a cerveja de cevada germinada que a filha de Issacar lhe havia oferecido não era nada mal. Deixava na boca um curioso sabor amargo que, combinado com o salgado das amêndoas, era satisfatório e abria o apetite.

Os dois homens estavam sentados no terraço da casa que era ao mesmo tempo lar e banco de Issacar. Começava a cair a tarde e os raios do Sol arrancavam cintilações vermelhas e douradas dos tijolos esmaltados de Etemenanki. A grande torre escalonada onde os babilônios adoravam seu próprio Zeus, a quem chamavam de Marduk, erguia-se a um quilômetro dali, mas mesmo a essa distância sua altura deixava todos os outros edifícios pequenos.

Os escravos haviam recolhido o toldo azul e branco, pois estavam no mês babilônio de Tebetu, ainda faltava bastante para chegar a primavera e agradecia-se que o sol aquecesse a pele. Mas naquela enorme cidade o inverno era suave, se comparado com as terríveis geadas que Temístocles havia sofrido nas terras altas da Armênia e da Capadócia, e muito mais seco.

Na realidade, ali todas as estações eram secas. Era surpreendente que, com as poucas chuvas que recebia, a Babilônia fosse uma verdadeira despensa de cereais e hortaliças para o Grande Rei Xerxes. O segredo estava em aproveitar as águas que alimentavam as fontes dos dois grandes rios nas montanhas do norte, e os babilônios faziam isso criteriosamente. Temístocles, ao descer pelo Eufrates, havia observado que os camponeses trabalhavam sem parar com cestos e bimbarras para dragar o lodo da rede de canais que irrigava os campos e manter, assim, o fluxo constante de água.

Seu escravo Sicino dizia que os babilônios eram gente mole, como o barro que utilizavam para construir tudo. O jovem persa defendia a teoria de que os homens são como o país que habitam. Por isso tinha certo respeito pelos gregos, que viviam entre montanhas e pedregais. Mas, claro, em sua visão não deixavam de ser muito inferiores aos persas, visto que as montanhas a cujo pé moravam, os Parnasos, Himetos e Taigetos, eram vulgares colinas comparadas com os altíssimos picos do Elbrus ou os Zagros.

Temístocles escutava com paciência os discursos patrióticos de Sicino, sem se preocupar em lhe recordar que, sendo tão superiores aos gregos, os persas bem

que haviam levado um bom corretivo em Maratona. Quanto aos babilônios, Temístocles pensava que a moleza que aparentavam era enganosa. Ninguém mole poderia transformar em um vergel um país onde mal chovia, e, de fato, havia visto carnes fibrosas e músculos volumosos nos agricultores que trabalhavam seminus de sol a sol. Enquanto desciam pelo Eufrates, Temístocles havia notado que aquele era um mundo artificial, uma terra conquistada ao deserto à força de braços. No momento em que os babilônios deixassem de drenar seus canais e permitissem que o lodo enchesse as valas de irrigação, tinha certeza de que o país dos dois rios não levaria nem dez anos para se transformar em um terreno baldio.

Sim, a Mesopotâmia era um país estranho, pelo menos para um ateniense como ele. Não podia haver nada mais diferente da Grécia. Junto ao rio a paisagem era verde, por causa das palmeiras, álamos e tamariscos que ensombriavam as margens. Um pouco além era escuro, quase negro, nos campos que dormiam seu sono invernal esperando que o trigo e a cevada brotassem na primavera. No entanto, mais além, onde o rio deixava de dominar a paisagem, a terra se transformava em uma planície ocre, parda e cinza, sem montes que quebrassem a monótona linha do horizonte. Eram muitos dias sem horizonte, pois o ar possuía uma peculiar turbidez que ofuscava a mente tanto quanto os olhos. E, segundo o guia que os havia levado na balsa de couro, era muito pior no verão, quando o solo se aquecia tanto que parecia ferver em lagoas inexistentes e fazia o ar tremeluzir sobre o campo.

A intenção inicial de Temístocles era chegar a Susa pelo Caminho Real, saindo de Sardes. Como campeão que pretendia ser de toda a Grécia para a guerra que se cingia no horizonte, tinha de conhecer bem o poder e os modos do adversário, e não confiava em outros olhos e ouvidos que não os seus. De quebra, seria bom se afastar por uns meses da asfíxiante política ateniense e deixar o povo, que ultimamente o havia visto com muita frequência na tribuna de oradores, se entediar com a adusta honradez de Aristides e sentir um pouco sua falta.

Também era conveniente se afastar de seu lar. Ou melhor, de seus lares. Quando Apolônia e ele começaram a dormir juntos, eram tão discretos que Arquipa não soube, ou fingiu não saber. Mas, uma vez que Apolônia ficou grávida, sua esposa reagiu muito pior do que Temístocles esperava, principalmente tendo em conta que estavam havia seis anos sem dormir juntos. Quando ela ameaçou arrancar os olhos de Apolônia e da criança que nascesse, Temístocles não teve mais remédio que transferir Apolônia para seu escritório no Pireu e transformá-lo em uma casa.

A situação era ainda muito recente, mas Temístocles confiava que quando voltasse a Atenas já teria se acalmado um pouco. Não temia os arroubos de Arquipa, mas era difícil conviver com ela na casa em Melita. Sua esposa passava

os dias sem dizer nada, com o cenho e os lábios franzidos, exceto quando o ciclo lunar piorava ainda mais seu humor. Então, começava a chorar e o recriminava por ela ter sacrificado sua juventude e sua beleza sem obter nada em troca. Na casa do Pireu desfrutava um pouco mais de paz, mas às vezes Apolônia o olhava como se houvesse feito algo errado ou lhe devesse algo, embora nem a ela nem a sua filha Nesi, a quem Temístocles havia adotado, faltasse nada. E muito menos faltaria à pequena Itália.

De modo que, entre a vontade de respirar ar fresco longe de Atenas e o desejo de imitar Ulisses e ver terras novas, Temístocles havia se lançado a uma aventura da qual, se pensasse com uma dracma de sensatez, não sabia se voltaria. Viajava sob o nome de Pisindalis, comerciante de Halicarnasso. Para disfarçar, deixara a barba mais comprida e redonda e usava roupas cárias, assim como Sicino. Apesar de seus protestos, não lhe havia permitido que usasse calças. Temístocles tinha certeza de que era melhor fazê-lo passar por cária, porque, como explicar em terras persas que tinha como escravo justamente um prisioneiro de guerra persa?

— Sei que é difícil pedir a um homem que volte a seu lar e não o visite, e mais difícil até pedir-lhe que depois torne a se afastar dele — havia dito Temístocles quando ainda estavam na Grécia. — Mas se me acompanhar na viagem de ida e volta a Susa, eu te prometo que assim que voltarmos a Atenas te concederei a alforria. Depois, além do pecúlio que houveres poupado, eu te darei uma subvenção de mil dracmas para que voltes a tua casa.

Era uma oferta mais que generosa, pela qual muitos cidadãos livres teriam feito fila na porta de sua casa durante a noite toda. Mas Temístocles precisava de Sicino tanto por seu conhecimento do terreno como por seus punhos, que o transformavam em um exército de uma pessoa só. Com ele, não precisava de mais ninguém, e era muito mais simples passar despercebido e se mover com liberdade e desenvoltura sendo dois viajantes que dez.

Quando Temístocles lhe pediu que jurasse por sua divindade alada que não o abandonaria em terras da Pérsia, Sicino lhe respondeu:

— Um *Mazdayasna* não pode jurar, senhor. Não há pior pecado para os crentes que a mentira. Se eu jurar por Ahuramazda que não vou te abandonar, ele pensará que minha fé está fraquejando e me castigará.

Temístocles aceitou. Julgava conhecer o jovem persa e confiava que, uma vez dada uma palavra, não a quebraria, não só porque sua religião o proibia de mentir, mas também por sua natural falta de falsidade. Durante o caminho, contudo, mais de uma vez se perguntou se não estava cometendo um erro. Invertendo a situação, era como se um agente persa pretendesse se infiltrar em Atenas acompanhado por um prisioneiro de guerra ateniense. Uma imprudência do tamanho do Hecatompodon. Sicino podia denunciá-lo às autoridades, ganhar uma recompensa por entregar um espião e voltar para junto de sua família. Tudo

com um único golpe.

Pelo menos Temístocles tinha uma vantagem. Atenas era pequena, tanto que ele praticamente conhecia todos os cidadãos. Porém, o Império Persa era enorme. Parecia improvável que Sicino encontrasse algum conhecido, visto que sua família morava ao sul do Cáspio, uma região da qual Temístocles não pretendia se aproximar.

Era justamente a vastidão dos domínios do Grande Rei que mais havia impressionado Temístocles. Uma coisa era ouvir falar da extensão do império ou utilizá-la como recurso retórico para inculcar medo nos atenienses. Outra bem diferente era viajar dia após dia pelo Caminho Real, atravessar vales, rios, montanhas nevadas e desertos de sal, e, contudo, saber que mal haviam se aproximado de seu destino. Quando por fim chegaram ao Eufrates, já haviam percorrido mil e duzentos quilômetros, cinco vezes a distância que separava Atenas de Esparta. E ainda restava um trajeto mais longo para chegar a Susa.

Temístocles se desesperava com a lentidão da caravana na qual viajavam. Como se o passo não fosse parcimonioso por si só, tinham de sair da estrada cada vez que cruzavam com viajantes munidos de salvo-condutos reais, com tropas da *Spada*, o exército imperial, ou com os mensageiros que passavam como o vento em seus cavalos. Por isso, quando soube que podiam chegar à Babilônia de barca, não pensou duas vezes. Além disso, pelo rio quase não havia controle. Embora Temístocles houvesse arranjado um salvo-conduto para percorrer o Caminho Real, cada vez que os soldados ou os funcionários das postas imperiais inspecionavam sua documentação seu estômago se encolhia pensando que o podiam descobrir ou que Sicino era capaz de cometer alguma indiscrição.

Os naturais das terras altas da Armênia viajavam para a Babilônia em umas embarcações redondas construídas com quadernas de salgueiro e casco de couro impermeabilizado com breu. Muitas dessas embarcações eram individuais, mas havia umas tão grandes que transportavam até burros. Os armênios desciam pelo rio aproveitando a correnteza, e uma vez chegados à Babilônia, vendiam não só a carga que queriam negociar como até a madeira das quadernas e, se bobeasse, o couro. Depois, retornavam rio acima a pé ou montados em suas mulas em uma viagem muito mais lenta e penosa, mas com a alegria do lucro e de ter passado uns dias usufruindo os prazeres que a Babilônia oferecia.

Assim, pois, Temístocles e Sicino haviam empreendido a travessia pelo rio acompanhando um comboio de vinte barcas. Uma vez que aprenderam a manejar os remos da embarcação, viajaram com bastante conforto, pois o Eufrates, ao contrário de seu irmão, o Tigre, era relativamente tranquilo. Em apenas dez dias, haviam chegado à Babilônia com as jarras de vinho que haviam comprado em Lesbos como mercadoria e ao mesmo tempo pretexto para a viagem.

Agora, ao se apresentar diante de Issacar para lhe vender o vinho e, de quebra, entregar-lhe uma mensagem de seu primo Xenocles, o banqueiro do Pireu, Temístocles soubera que o próprio Xerxes entraria na cidade nesse mesmo dia. Um golpe de sorte; poderia ver o Grande Rei, mesmo que fosse de longe. E aproveitaria para averiguar se era verdade que Xerxes seguia adiante com os preparativos da nova campanha contra a Grécia que seu pai estava organizando quando morrera, dois anos e meio antes.

— Sim, é um momento complicado — repetiu Issacar. — Já vistes que a cidade está tomada pela *Spada*.

Enquanto remava Eufrates abaixo, Temístocles ouvira falar de uma revolta na Babilônia. Não a havia levado muito a sério, porque nas terras do império, como correspondia à sua extensão, os rumores eram ainda mais abundantes, diversos e disparatados que em Atenas. Mas ao chegar soube que dessa vez não estavam enganados. Aproveitando que Xerxes estava sufocando uma rebelião no Egito — os egípcios parecem ter o costume de se insurgir uma vez por reinado —, um tal de Belshimanni havia se proclamado “Rei da Babilônia e Rei das Terras”.

— Essa revolta não foi mais que uma paródia. Os babilônios já não são um povo de soldados — disse Issacar.

Embora tivesse sangue judeu, também se considerava babilônio. Quando Ciro libertou os judeus e lhes deu permissão para voltar a seu país, o avô de Issacar havia preferido os refinamentos e as oportunidades de negócio que a Babilônia oferecia em vez de voltar às asperezas de sua terra natal.

Aquele Belshimanni, continuou explicando Issacar, era um funcionário a serviço dos persas a quem já não bastava o ouro que tinha e havia decidido que queria mais dinheiro. Os sacerdotes do templo o haviam apoiado porque se preocupavam com o puritanismo religioso de Xerxes. O novo rei professava a religião de Ahuramazda com muito mais fervor que seu pai e parecia disposto a combater como paladino de Arta, a verdade, e erradicar do mundo aquelas que denominava “forças da mentira”.

Os rebeldes tinham convicção de que as muralhas da Babilônia podiam resistir a qualquer assédio, e que Xerxes, atarantado com o assunto do Egito e pensando na futura campanha da Grécia, concordaria em negociar com eles para não complicar sua vida e devolveria ao clero babilônico seus privilégios. Mas o que o Grande Rei fez foi enviar seu cunhado, o general Megabizo, com tropas abundantes e equipamento de ataque. O povo babilônio, sensatamente, decidiu abrir as portas da cidade antes que a *Spada* as pusesse abaixo e entregar Belshimanni e mais alguns líderes, que agora esperavam nas masmorras do palácio de Nabucodonosor que o próprio Xerxes fizesse Justiça.

— Xerxes foi governador da Babilônia antes de ser coroado rei, portanto receio que vai tomar este assunto de uma forma muito pessoal — disse Issacar. — A plebe vai se divertir nos próximos dias presenciando algumas empalações e

alguns esquadrejamentos.

— Não os perderei — disse Temístocles sem a menor intenção de vê-los. — Mas, como sabes, interessam-me mais os planos, digamos, de longo prazo do Grande Rei.

— Quem pode entrar na mente de alguém que se senta a só um degrau abaixo de um deus? — respondeu Issacar.

— É difícil penetrar a mente de uma pessoa — respondeu Temístocles. — Mas, às vezes, o tilintar do dinheiro que guarda em sua bolsa pode ser revelador. Isso eu sei, mas tu sabes ainda melhor, astuto Issacar.

O banqueiro cruzou as mãos sobre o volumoso ventre. Era um homem próspero, e gostava de demonstrar isso para que seus clientes lhe confiassem seus depósitos. Por isso comia e bebia bem, mandava que um cabeleireiro cuidasse de sua barba e untava o pescoço e as mãos com óleo de nardo. Em sua casa não faltavam tapeçarias, grossos tapetes, cortinas de cores vivas e móveis de madeiras nobres que importava da Fenícia, e também ostentava serviços de mesa de prata e âmbar, jarras de vidro de Sídon e até taças de cerâmica ateniense decoradas com delicadas figuras vermelhas.

— A bolsa do Grande Rei é insaciável — disse olhando para os lados.

No terraço estava somente sua própria filha, uma jovem bonita e gordinha, de olhos vivos. Issacar parecia confiar muito nela, mas fez-lhe um gesto para que descesse ao andar inferior.

Conversavam em aramaico. Desde que entraram na Mesopotâmia, Temístocles não tivera problemas para se comunicar, pois em toda essa parte do império o aramaico era a língua franca.

— Suponho que não te referes só aos impostos — aventurou Temístocles.

— Os impostos servem para sustentar a corte imperial, construir e ampliar palácios e sufragar as tropas regulares do exército — disse Issacar. — Só isso representa milhares e milhares de talentos. Mas, agora, as arcas reais estão se empenhando com todos os bancos. Os Murashu de Nippur, os Egibi da Babilônia, os Asmodeus de Tiro. Até mesmo este humilde servidor assinou um empréstimo cuja soma, por discrição, calarei.

— Discrição que louvo, evidentemente. Mas, se prescindirmos de detalhar a contribuição de teu banco, de que números estamos falando?

— De quinze mil talentos. O equivalente ao tributo anual de todo o império. — Issacar acrescentou em tom dramático: — Uma soma suficiente para recrutar um exército de mais de cento e vinte mil homens com seus criados e acompanhantes e organizar duas frotas imperiais.

Por fim Temístocles começava a ouvir números claros, e não só vagos rumores. Uma frota imperial constava de seiscentos barcos. Quantos deles seriam trirremes? Quase a metade, se os persas mantivessem a mesma proporção que na frota que atacara Maratona. Com duas frotas, isso representava

cerca de seiscentos navios de guerra. Contra eles, apesar dos esforços de Temístocles em todos esses anos, Atenas só podia opor cem barcos, e muitos deles eram velhas banheiras que flutuavam a duras penas.

— Talvez — disse Temístocles em tom cauteloso — o Grande Rei pretenda utilizar esse dinheiro para construir outro palácio tão fabuloso quanto o de Persépolis.

— Talvez. Os aquemênidas são grandes construtores. Mas se eu fosse grego, e especialmente ateniense, ficaria muito preocupado — disse Issacar com um sorriso de cumplicidade.

Temístocles não lhe havia revelado sua verdadeira identidade. Mas sabia que, por sua relação com seu primo Xenocles, o banqueiro judeu suspeitava que fosse ateniense.

— Acreditas que ele projeta uma campanha punitiva contra a Grécia?

— Em questões militares sou um ignorante. Mas se eu houvesse contratado empréstimos no valor de quinze mil talentos de prata em cinco anos, e tendo em conta que os juros somam mais quatro mil talentos, usaria essa soma para algo maior que uma simples expedição punitiva. “Invasão” talvez fosse uma palavra mais adequada. — Issacar deu um gole de sua cerveja, franziu o cenho como se acabasse de lhe ocorrer algo e acrescentou: — O que tendes vós, os gregos, que justifique um investimento tão grande para conquistar-vos? Sei que em Delfos há um templo que abriga grandes riquezas, mas não sei se chegarão para cobrir os gastos.

— Eu não sou grego, Issacar — recordou-lhe Temístocles.

— Ah, como pude esquecer! Tu és cário. Cário de Halicarnasso — enfatizou Issacar deixando claro que não acreditava. — Sabes de uma coisa, Pisindalis? Tua rainha poderia te informar melhor que eu da campanha que se avizinha. Ela tem muita influência sobre Xerxes. De fato, vai entrar com ele na Babilônia.

O pulso de Temístocles se acelerou, mas ele só manifestou sua surpresa com um pestanejar mais lento que o habitual.

— Eu não sabia. De qualquer maneira, estou há mais de um ano fora de Halicarnasso. Já sabes como é a vida errante dos comerciantes. Que faz Artemísia na Babilônia?

O banqueiro deu de ombros.

— Só me chegaram rumores. Dizem que é amante de Xerxes. Não seria estranho. — Issacar baixou a voz e pôs-se para a frente na cadeira para se aproximar mais de Temístocles. — Nosso Grande Rei é louco por mulheres. Sabes qual foi a primeira coisa que fez ao ser coroado? Derrubou as salas onde seu pai guardava o tesouro em Persépolis e construir um harém em seu lugar.

Por alguma razão, Temístocles ficou incomodado por sua prima poder ser concubina de Xerxes. Pensou que era por patriotismo helênico, não por ciúmes, mas nem mesmo assim se deixou enganar. Considerava uma mácula que o rei

persa pudesse possuir algo que uma vez, por pouco tempo que fosse, havia sido seu.

— Dize, Issacar — comentou aparentando indiferença. — Quando Xerxes pretende entrar na cidade?

— Esta mesma tarde. Se te apressares, ainda chegarás a tempo para ver a comitiva.

Ao redor dos soberanos os rumores e as fofocas crescem e se aderem como o líquen no córtex do carvalho. Mas, dessa vez, os maliciosos comentários de Issacar tinham sua parte de razão. Embora Artemísia não fosse amante de Xerxes, nem houvesse chegado a vê-lo pessoalmente, havia feito parte de seu harém de forma acidental. Dois meses antes, no final do outono, havia chegado a Susa atendendo a um convite real. Ela, na realidade, fora quem escrevera à corte de Xerxes para solicitar uma audiência, pois seu marido havia morrido por fim e uns nobres cários pretendiam disputar-lhe o poder com o pretexto de ser uma mulher. A burocracia fora lenta como uma carroça puxada por bois e a resposta só chegou a Artemísia um ano depois. Ao recebê-la, seguira o caminho levando consigo seu filho Pisíndalis, pois se o deixasse em Halicarnasso não confiava encontrá-lo vivo na volta.

Ao chegar a Susa, Artasiras, o velho eunuco que desde os tempos de Dario era chefe de protocolo, vizir e factótum da corte, instalara-a no harém, apesar de seus protestos. Pelo menos lhe havia atribuído aposentos próprios, poupando-lhe a humilhação de compartilhar a grande sala comum do harém com as demais concubinas reais, que só podia ver através de uma gelosia. Quando Artemísia ia àquele aposento semeado de plantas e fontes rumorosas, parecia estar vendo um parque de caça povoado por panteras tão belas e flexíveis quanto preguiçosas. As mulheres do harém, concubinas adestradas nas artes do amor e do encanto à maneira das heteras gregas, maquiavam-se e se penteavam diariamente e estavam sempre vestidas de gala. Não faziam isso para impressionar Xerxes, que escolhia suas companheiras noturnas enviando um eunuco, mas sim para impressionar as outras mulheres, pois assim se estabelecia a complexa rede de poder, rivalidade e alianças que governava o serralho.

O erro fora corrigido alguns dias depois, e o vizir alojara Artemísia fora do palácio, na casa de um nobre grego. Tratava-se de um tal de Ésquines, natural de Erétria, que havia recebido essa mansão e outras posses por seus serviços ao rei. Ésquines era um homem elegante e cheio de si que desde o primeiro momento se empenhara em seduzi-la. Mas pelo menos tinha o bom senso de não forçar a situação, ciente de que Artemísia sabia se defender sozinha. Ela, sem outra coisa para fazer, divertia-se de vez em quando com as manobras do erétrio.

Passou o primeiro mês. Xerxes sempre estava muito ocupado para recebê-la, ou pelo menos era isso que Artasiras afirmava. Artemísia havia escutado relatos

sobre súditos gregos que o Grande Rei retinha indefinidamente ao seu lado, como havia feito com Histieus, um dos promotores da revolta jônica. Temia que isso pudesse acontecer com ela e que jamais lhe permitissem voltar a Halicarnasso; e pensando em sua cidade, e especialmente no mar, desesperava-se e languescia.

Certa tarde, um mensageiro lhe levou um convite para ir a palácio, sem mais explicações, e Artemísia pensou que por fim o rei a receberia. Para sua surpresa, uma vez ali a conduziram aos aposentos da esposa de Xerxes. Amestris dispunha para si de um ala inteira do palácio de Susa, bem afastada do harém. Enquanto Dario tivera várias esposas, Xerxes havia se limitado a casar-se com uma, pelo menos por ora. Segundo Ésquines, que parecia gozar de boas fontes de informação, Xerxes, já nascido de sangue real e neto de Ciro o fundador, sentia-se mais seguro em sua posição que seu pai, e, portanto, não precisava provar nada. Porém, Dario havia buscado alianças matrimoniais para garantir seu reinado. Afinal de contas, acrescentava Ésquines quase em sussurros, Dario não era mais que uma espécie de usurpador.

— Sim, mas legitimado pela vitória. Não há nada que dê tanta legitimidade quanto o sucesso.

Fosse como fosse, Amestris recebeu Artemísia em uma pequena sala. Embora fosse a esposa real, Artemísia, como soberana de Halicarnasso, não teve de se ajoelhar no tapete; bastou que fizesse uma reverência e lhe soprasse um beijo. As duas mulheres jantaram sozinhas, sentadas em macias almofadas ao lado de uma mesa de uma madeira negra e dura, que Artemísia não conhecia e que a deixou fascinada.

— Foi entalhada em *karmara*, uma árvore da Índia — explicou Amestris. — É uma madeira tão pesada que, se construíssem um barco só dela, afundaria na água.

Amestris interrogou Artemísia sobre os costumes gregos, e em particular sobre a situação das mulheres, que parecia lhe chamar muito a atenção. Por seus comentários, Artemísia deduziu que sua interlocutora possuía grandes propriedades em diversos lugares, mas não no nome de seu esposo, como teria acontecido na Grécia, mas sim a título pessoal. Podia viajar para suas propriedades quando bem quisesse, cobrava suas rendas e era ela quem organizava e governava sua própria riqueza. Por isso, cada comentário sobre o domínio que exerciam os maridos gregos sobre suas mulheres arrancava dela um sorrisinho de desdém que Artemísia achava irritante.

— Evidentemente, minha situação não é a mesma — apressou-se a explicar Artemísia, e acrescentou que ela nunca estivera confinada ao gineceu, que seu selo bastava para dispor de todos os seus bens e que saía para caçar ou navegar quando lhe apetecia.

— Eu acredito, querida — respondia a rainha em tom de suficiência, deixando bem claro que a considerava mais uma simples bárbara subjugada.

Amestris devia ter uns trinta e cinco anos bem conservados e seus traços eram corretos, mas havia algo nela que a enfeava, uma secura interior que transparecia em seus olhos e lhe roubava a expressão. Embora tivesse sido correta e educada a todo momento, Artemísia não deixou de se sentir constrangida. Os catorze pratos que as criadas lhes serviram teriam lhe parecido deliciosos em outra companhia, mas mal os saboreou. Além disso, o aroma do bálsamo borrachento da Síria que queimava nos incensários era tão enjoativo que começou a lhe revirar o estômago. O ambiente da sala só se descontraíu um pouco quando uma aia levou a filha de Amestris antes de pô-la na cama.

— Dá um beijo em nossa convidada, Ratashah.

A menina, que devia ter quatro anos, no máximo, vestia-se e caminhava como uma verdadeira senhorinha. Mas quando foi cumprimentar Artemísia não se limitou a pôr seus lábios sobre a face desta; cercou seu pescoço com seus bracinhos e lhe deu um abraço. Cheirava a fruta fresca, e tinha uns olhos enormes e escuros e uma testa tão redonda que Artemísia, que nunca se destacou por seus instintos maternos, teve vontade de lhe dar uma mordida. Mas se contentou com beijá-la.

— És uma menina muito bonita, Ratashah, sabias? — disse a ela em persa.

Ela sorriu e afastou um pouco o olhar, com uma timidez não isenta de sedução. Vendo quão pouco se parecia com a mãe, Artemísia pensou que Xerxes devia ser um homem muito bonito para ter engrandado uma filha assim.

Quando a menina foi embora, Artemísia pensou que, apesar da frieza do encontro, tinha de aproveitar a oportunidade.

— Minha senhora, acreditas que teu esposo me receberá um dia? Deixe minha cidade nas mãos de homens e receio que, se passar muito tempo fora, com sua inépcia a ponham a perder e Halicarnasso não sirva ao Grande Rei como deve.

— Um dia te receberá, querida, sem dúvida. Um dia. Um bom súdito prova sê-lo não só com sua devoção, mas também com sua paciência — respondeu Amestris em tom enigmático.

Poucos dias depois, chegara a ordem de se mudar, com o resto da corte, para a Babilônia. Dessa vez não tratou com Amestris nem com o vizir, mas sim com o próprio general Mardônio, o militar mais poderoso do império e amigo pessoal de Xerxes, que a foi visitar e lhe disse:

— Formarás na cavalgada triunfal. Uma vez ali, longe do harém — acrescentou em voz baixa —, Xerxes te receberá.

Nesse momento, enquanto Temístocles conversava com Issacar, a comitiva real se aproximava da Babilônia. Artemísia não havia visto a cidade na viagem de ida, pois o Caminho Real passava longe dela, a leste do Tigre. Agora, ao contemplar os reflexos que o sol arrancava dos tijolos esmaltados das muralhas e

dos templos que se erguiam do outro lado, compreendeu por que o Grande Rei havia escolhido uma hora tão tardia para entrar na cidade, pois a luz do ocaso a embelezava ainda mais.

A Babilônia era tão grande como lhe haviam contado, muito mais que Susa e, evidentemente, que qualquer cidade grega. As muralhas da parte norte mediam pelo menos três quilômetros de esquina a esquina. Mas até mesmo antes de chegar a elas havia que atravessar outra Babilônia ainda mais extensa e populosa que a de intramuros, mas também mais mísera e suja. Salvo nas vias das Procissões, que era a que seguia a comitiva, as casas se grudavam umas nas outras, e sobre os estreitos becos pendiam balcões de madeira e cordas de roupa estendida que mal deixavam entrar a luz do Sol. As paredes sem janelas eram de adobe e terra batida, únicos materiais com que os babilônios construíam, salvo a madeira de tamarisco de portas e telhados. Havia muito poucas casas pintadas, e todo o conjunto oferecia uma cor terrosa, como se aquelas casas fossem protuberâncias brotadas do chão.

Artemísia ia em pé em um carro levado por um jovem auriga. Vestia-se como um guerreiro, com sua melhor panóplia: uma armadura de bronze muito fina com bordados de fios de ouro e um elmo que deixava seu rosto exposto. Ela e os soldados que a haviam acompanhado desde Halicarnasso iam à frente da comitiva, atrás de outros súditos de Xerxes e seguidos diretamente pelos dez mil lanceiros que formavam a guarda real.

Cruzaram a muralha pela porta de Afrodite, que ali chamavam de Ishtar. A porta estava situada em um recuo retangular, de forma que os inimigos que a tentassem tomar de assalto tivessem de passar antes entre dois muros coroados por ameias. Mas nesse dia não havia tropas babilônias nelas, mas sim lanceiros persas às ordens de Megabizo, o general que havia tomado a cidade para Xerxes.

Os grandes batentes de cedro estavam escancarados. Artemísia passou sob um arco alto como dez homens, cercado de tijolos azuis e figuras douradas que representavam leões, esfinges e outras criaturas fabulosas. Seu carro atravessou uma longa abóbada iluminada por tochas e vigiada por duas fileiras de lanceiros, e por fim entrou nas ruas da Babilônia oficial.

Considerando que acabava de se rebelar, a cidade do Eufrates recebia com muito entusiasmo o rei. As pessoas haviam saído à rua das Procissões para saudar o cortejo de Xerxes com palmas na mão e para jogar pétalas de rosas à sua passagem. As casas estavam enfeitadas com tecidos coloridos e guirlandas de flores, e, conforme escurecia, fogueiras eram acesas nos terraços dos templos e sob as imagens dos deuses enfileirados dos dois lados da rua. A Lua quase cheia e o céu limpo colaboravam para o esplendor da noite. Milhares de incensários queimavam resinas e madeiras aromáticas. Artemísia agradeceu, porque ao se aproximar da cidade o odor dos pântanos que a cercavam lhe havia feito recordar a fetidez da marisma de Maratona.

Mas a razão de tanto entusiasmo e aclamação era compreensível. O povo queria mostrar a Xerxes que continuava sendo leal a ele e que a rebelião havia sido coisa de uns poucos lunáticos, nobres e sacerdotes sediciosos que os próprios babilônios rapidamente haviam entregado às mãos da Justiça real.

De tudo isso Êsquines a havia informado antes, pois empenhado em levá-la para a cama dava-lhe conversa a toda hora. Artemisia se deixava adular, pois assim coletava informação, e, pelo que via, as fontes do erétrio eram confiáveis.

— Xerxes fará represálias — dissera Êsquines —, mas sem apertar muito os babilônios. Isso não pode ser permitido.

— Por quê?

— Há muito dinheiro na Babilônia, mas ele não o pode tomar por bem. Sob a cidade correm mil túneis secretos, e todo esse ouro e essa prata seriam escondidos se o rei tentasse tomá-los pela força. Dessa forma se contentará em executar os rebeldes, o que, além de tudo, é um espetáculo que agrada a plebe. As medidas mais impopulares Megabizo já tomou antes da chegada de Xerxes, para que ele próprio fique com as antipatias, e não o Grande Rei.

Entre essas medidas, o general persa havia mandado arrancar os azulejos do último andar da grande torre de Marduq, derrubara seus altares e mandara derreter a estátua de ouro do próprio deus. Eram trezentos quilos de ouro maciço, o equivalente a mil e duzentos talentos de prata. Ao ouvir isso, Artemisia assoviou: essa estátua teria pagado o tributo da satrapia da Jônia durante três anos. De modo, era uma represália um pouco mais que moderada.

A procissão se prolongou por quase uma hora. Percorreram com passo lento a rua das Procissões até chegar ao templo de Marduq, uma vez ali, viraram à direita para contorná-lo e chegaram ao Eufrates. Dali tornaram a virar para a direita e dessa vez seguiram rio acima, deixando Etemenanki na lateral. De baixo, os estragos do sétimo andar, a quase cem metros de altura, mal se apreciavam. Artemisia tentou imaginar como se divisaria a cidade dali de cima, mas não conseguiu. Jamais havia visto um edifício tão alto na vida, embora dissessem que no Egito havia imensos túmulos de pedra que deixavam Etemenanki pequeno.

Nesse momento, notou um olhar tão intenso que quase parecia roçar sua pele. Afastou a vista da torre e a baixou ao chão. Ali, entre a rua e a fileira de árvores que cercava o templo, havia um homem muito alto, uma cabeça mais alto que todos que o cercavam. Mas Artemisia sabia que não era esse homem que buscava, mas sim alguém que devia andar perto dele. Ainda assim, voltou o olhar para a frente. Embora a cidade fosse um espetáculo digno de ser contemplado por um ano inteiro, procurava não virar muito a cabeça. Não queria dar a impressão aos babilônios de que era apenas uma provinciana, uma grega caipira que, em vez de se deixar contemplar pelos espectadores do desfile, ficava olhando para eles.

Sentiu os olhos cravados nela outra vez. Voltou-se um instante e viu que alguém se escondia atrás do corpo do gigantão. Fora apenas um segundo, mas Artemísia o reconheceu e seu pulso se acelerou.

Pelos cães de Hécate, que fazia Temístocles na Babilônia?

Nessa noite também não chegou a ver Xerxes. Se houve audiência, ela não foi convidada. O vizir tornou a atribuir acomodações, e coube a ela alojar-se no canto mais recôndito do palácio de Nabucodonosor. Quando lhe disseram que sua presença não seria requerida até o dia seguinte, Artemísia deixou que suas criadas a despojassem da armadura e ficou vestindo apenas a túnica interior.

Nesse instante, ouviu seu filho a chamar. Artemísia deslizou para o lado o painel de cedro que separava sua alcova da de Pisíndalis.

— Olha o que se vê pelo balcão, mamãe! — disse o menino emocionado.

Ao se aproximar, Artemísia compreendeu sua excitação. Debaixo deles se abria um grande pátio, maior até que os três que haviam atravessado antes, e no centro se erguia uma pequena Etemenanki. Tinha cinco níveis, o último dos quais se erguia acima dos telhados do próprio palácio, a mais de vinte metros de altura. Cada terraço estava semeado de árvores e plantas tão variadas que, pelo menos do balcão, era difícil encontrar duas iguais. Algumas árvores estavam peladas, esperando ainda a primavera, mas outras ostentavam todas as suas folhas, e havia verdes e amarelas, mas também vermelhas e até violeta. De cada terraço pendiam heras, parreiras, trepadeiras e cipós que mal deixavam ver os tijolos das paredes, e entre elas desciam jorros de água, como pequenos riachos de montanha que caíam do último terraço. Havia tochas acesas a cada poucos passos, e suas chamas e a escuridão da noite criavam misteriosos desenhos de sombras e luzes entre a vegetação.

— Quero brincar ali, mamãe.

— Amanhã perguntaremos se podes, filho — respondeu ela.

— Eu quero brincar agora!

— Temos de ser educados. Não estamos em nossa casa.

O borbulho da água e o canto dos pássaros que faziam ninhos nas árvores enchiam de som o pátio. Artemísia pensou que não se importaria de se transformar em menina de novo e se perder nessas selvas em miniatura, e pensou que no meio daquela luxuriante folhagem uma mulher podia se cobrir com as próprias Musas⁵⁹. Mas Pisíndalis, prosaico como cabia a seus cinco anos e meio, ao ouvir o murmúrio da água começou a esfregar um joelho no outro e disse que estava fazendo xixi.

Artemísia bagunçou o cabelo do menino e, após lhe desejar boa-noite, voltou a seu próprio quarto. Não lhe dei um beijo, pensou enquanto fechava a porta de correr. Era algo que costumava esquecer. Prometeu a si mesma ser mais carinhosa no dia seguinte, para compensar.

Em sua alcova havia outra janela menor, mas com a mesma vista. Artemísia tornou a olhar. Afora suas próprias escravas, haviam lhe designado uma criada babilônia muito esperta e atrevida que falava grego.

— O que é isso? — perguntou Artemísia. — Um templo?

— Não, senhora. É um jardim. Foi construído pelo rei Nabucodonosor para alegrar sua amante. — A criada, que se chamava Humusi, suspirou. — Ela sentia saudades das árvores de seu país natal.

De seu país natal?, pensou Artemísia. Ali deviam estar todas as árvores e as plantas do mundo, de modo que qualquer amante do rei se sentiria ao mesmo tempo em casa pelo que lhe era familiar e estrangeira pelo que desconhecia.

— É muito lindo.

— E agora é muito mais graças ao Grande Rei, senhora. Seu pai os mantinha mais descuidados, mas nosso bom rei ama tanto as plantas que mandou repovoar todos os terraços e reparou o sistema de irrigação.

As noites na Babilônia não eram frias. Artemísia deixou a gelosia entreaberta. No instante antes de adormecer com o arrulho das fontes, perguntou-se como faziam para subir a água até o alto daqueles jardins, e imaginou um exército de escravos dentro da torre passando baldes uns aos outros por uma escada estreita.

BABILÔNIA, 19 DE JANEIRO

Seu amo Temístocles, que desde que se afastaram do mar insistia em se chamar Pisíndalis, havia concedido umas horas de folga a Sicino recomendando-lhe que desse um passeio pelos jardins que cercavam o templo de Ishtar. “Assim relaxas um pouco, estás muito inquieto”, dissera-lhe. Quando chegou aos jardins e viu que junto a cada fonte e atrás de cada roseira espreitava uma garota, cada uma mais bonita que a outra e com as roupas mais abertas e transparentes, compreendeu a que se referia Temístocles e para que havia lhe dado essas moedas. Na Pérsia, dizia-se que as babilônias eram todas umas putas, que andavam pela rua com um peito fora e que antes de se casar se prostituíam pelo menos uma vez com um desconhecido. Sicino não tinha tanta certeza disso, porque pelo caminho havia cruzado com muitas mulheres e observara que vestiam longas túnicas de lã e que a maioria usava o cabelo preso. Mas uma pessoa que conhecesse da Babilônia apenas esses jardins sem dúvida teria outra impressão.

Uma jovem mais decidida que as outras o pegou pela roupa e o arrastou até um caramanchão de ferro cercado de parreiras. Ali fizeram amor com certa intimidade, mas não muita, pois em uma ocasião Sicino julgou ver um par de olhos indiscretos espiando por trás das folhas. A garota era doce, gemia de uma forma muito excitante e era tão pequena que Sicino a ergueu no ar segurando-a pelas nádegas e a possuiu em pé.

Mais tarde, ao voltar para a casa de Issacar, pensou se não teria cometido um

pecado contra Ahuramazda fornicando tão perto do altar de uma falsa deusa, pois essa Ishtar não era mais que outra *daeva* impura, como a Afrodite grega ou a Atena a quem seu amo tanto venerava. Tentou se desculpar dizendo a si mesmo que naquele caramanchão não havia nenhuma imagem demoníaca, mas a verdade era que não havia reparado, porque só tinha olhos para a forma como os peitos da garota se balançavam ao trazê-la contra seus quadris.

A cidade era muito grande e acabava sendo fácil se desorientar, de modo que Sicino perguntou pela rua de Marduke e o distrito de Kullab para voltar a seu senhor. Os babilônios deviam ter fome a toda hora, porque as ruas estavam cheias de barracas e balcões onde vendiam roscas, hóstias de mel, bolos de pão ázimo com purê de grão-de-bico e queijos de cabra e de ovelha. Também havia umas grelhas onde assavam pardais e rãs em espetos, e até gafanhotos e cigarras. Depois de fornicar, outros apetites de Sicino se despertaram, e com medo de que o jantar demorasse, comprou um espeto de cordeiro. O vendedor, que tinha de lhe devolver três cobres, só lhe deu dois. Sicino discutiu em aramaico, embora não o dominasse totalmente, porque Temístocles lhe havia dito que se falasse persa se meteria em confusão. A verdade era que um persa que andasse sozinho por aquela cidade podia se meter em apuros. Quando cruzavam com um grupo de soldados do Grande Rei, os nativos lhes faziam mil salamaleques. Mas Sicino havia notado que, uma vez que passavam, os babilônios lhes dedicavam gestos obscenos com os dedos e murmuravam insultos e palavrões contra eles.

— Três cobres. Não, dois não. Três — insistiu Sicino.

O vendedor agitou a mão fazendo a conta com os dedos para demonstrar que era ele quem estava com a razão. Sicino sabia que não tinha tanto miolo quanto Temístocles, mas entre dois e três sabia diferenciar, de modo que pegou a mão do vendedor e a apertou até que os nós de seus dedos estalaram como uma matraca. O babilônio ficou pálido e por fim concordou em soltar a minúscula moeda de cobre que lhe queria afanar.

Sicino a guardou na bolsa de couro que levava amarrada no cordão de sua cintura e se preparou para comer o espeto. Primeiro o cheirou. Cheirava a cominho e tomilho, e deixava escorrer por seus dedos uma gordura escura e suculenta.

— Uma esmola, senhor!

Sicino se voltou para a direita, mas teve de baixar o olhar para ver quem falava. Um menino que não passava de três palmos de altura, com o nariz cheio de ranho e os olhos muito grandes e escuros, estendia uma mão cheia de sujeira com uma queimadura mal curada. Sicino afastou a vista dele e seguiu rua acima.

— Por favor, senhor! — insistiu o menino correndo atrás dele e puxando a falda de sua túnica.

— Deixa-me em paz.

— É que estou com muita fome, senhor. Minha barriga dói.

Sicino parou, olhou para o céu, fechou os olhos e quase soltou um palavrão. Era muito zeloso com o dinheiro, mesmo que se tratasse apenas de moedas de cobre, porque estava economizando seu pecúlio para comprar, um dia, sua liberdade. Mas o clamor da fome chegava à sua alma, visto que sempre havia sido muito comilão. Despediu-se de seu espeto de cordeiro intacto e o deu ao menino. Este arregalou os olhos e na primeira mordida arrancou do pau os dois primeiros pedaços, que quase não cabiam em sua boca. Depois, sem agradecer, porque se o fizesse a carne cairia, saiu correndo. Sicino quase lhe disse: “Toma cuidado para que não te roubem”, mas, pelo visto, não era necessário.

Enquanto se afastava, Sicino pensou que o vendedor e o menino haviam tido muita sorte de cruzar com ele agora que havia se tornado virtuoso e pacífico. Quando era mais jovem, teria quebrado todos os dedos do primeiro, e o segundo teria incrustado em uma árvore com um pontapé no traseiro. E ao pensar em sua transformação, rememorou em ordem, como fazia sempre, as circunstâncias que o haviam levado a mudar.

Quando tinha dezoito anos — já fazia dez—, ainda era um homem livre que se chamava Mitranes e não levava muito a sério os ensinamentos de Zaratustra que Bagabigna, seu pai, lhe havia inculcado. A bem da verdade, não lhes dava importância nenhuma. A essa idade havia dado a esticada definitiva, e embora seu pai e seus irmãos fossem muito altos, ele havia se transformado em um gigante de quase dois metros e uma força descomunal, capaz de deitar um cavalo pegando-o pelas orelhas. Viviam em uma fortaleza a cujo senhor Bagabigna servia como vassalo, e sob o castelo havia uma aldeia, e não muito longe um parque de caça. Sicino usava o castelo para se meter em brigas das quais seus rivais sempre saíam com algum osso quebrado, a aldeia para fornicar com todas as garotas disponíveis — das quais emprenhou mais de uma —, e o parque para alancear feras, pois era tão forte que preferia matá-las de perto a atirar com o arco. Mas, no dia em que completou vinte anos, seu pai, farto de seus excessos, obrigou-o a se alistar nas forças do príncipe Mardônio, que iam combater na distante Jônia para esmagar os rebeldes.

Como militar, Sicino havia descuidado ainda mais dos ensinamentos do profeta. No exército havia súditos de todo o império e cada um levava consigo seus deuses e seus demônios. Entre os soldados persas, inclusive, eram minoria os que seguiam a verdadeira fé de Ahuramazda. Arrastado pelas más companhias, Sicino havia esquecido as poucas normas que ainda seguia, cometera todo tipo de impurezas e se esquecera de rezar as cinco vezes preceptivas diante do fogo sagrado.

Seu primeiro castigo viera justamente pelo fogo. A revolta dos jônios já havia sido esmagada, e agora o exército de Mardônio estava remontando a costa da

Ásia Menor para cruzar a Europa, subjugar o norte da Grécia e, se possível, chegar até Atenas e castigá-la pelo incêndio de Sardes. Estavam à altura da ilha de Lesbos quando Sicino e seus nove companheiros de *dathabam* jantavam na praia, em volta de uma fogueira, pouco antes de escurecer. O céu estava fechado, mas não chovia nem se ouvia nenhum trovão que servisse de advertência. De repente, um grande brilho cegou Sicino, e depois tudo mergulhou na negrura.

Quando abriu os olhos, encontrou-se cercado por soldados de sua mesma companhia que o olhavam com assombro. Sicino se levantou aturdido e descobriu que um raio havia caído sobre o grupo. Os outros membros de seu decuriato jaziam mortos, alguns com queimaduras que atravessavam seu corpo de cima a baixo e que haviam rasgado e enegrecido suas roupas; outros simplesmente fulminados pelo fogo celeste, com os olhos ainda abertos em uma última expressão de estupor.

Era tão surpreendente que houvesse sobrevivido que o levaram à presença de Mardônio, chefe da expedição. Este interrogou Sicino, apalpou seus músculos como quem examina um cavalo e olhou a queimadura violácea que o raio lhe havia deixado no rosto. Depois, ordenou que o designassem infante da marinha em uma trirreme fenícia.

— É mais duro que um ariete — comentou Mardônio. — Quando saltar, na abordagem, vereis como todos esses gregos se jogam sozinhos na água, de puro medo.

Os persas não possuíam frota própria, pois as costas de seu país eram inóspitas, uma linha quebrada de penhascos abruptos que não convidavam a se voltar para o mar. Para sua armada, Dario confiava em outros povos de tradição marítima, como os fenícios, os egípcios ou os cipriotas. Mas, para garantir a lealdade de suas tripulações, os trinta soldados armados que serviam na cobertura eram sempre iranianos, fossem persas, medos ou sacas. Muitos daqueles soldados enjoavam assim que se levantavam algumas ondas, e a maioria nem sequer sabia nadar. Sicino pagou um jônio para que lhe ensinasse enquanto percorriam a costa da Trácia, pois a ideia de se afogar o horrorizava.

O barco a que o destinaram era uma nau mais larga, com a borda mais alta que as trirremes gregas, e tinha uma cobertura completa, provida de uma balastrada, que quando iam entrar em combate protegiam com escudos. Mas, apesar de os navios fenícios serem mais altos e pesados, quando surpreendiam nas águas algum barco grego quase sempre conseguiam capturá-lo. Os marinheiros semitas sabiam vogar com tal destreza que as pás de seus remos cortavam a água todas ao mesmo tempo, sem levantar espuma, e quando o mar estava tranquilo conseguiam que o barco deslizesse silencioso e reto como uma faca.

Mas agora, dez anos depois, não podia acreditar que havia sido tão obtuso.

Naquele momento, Sicino não tomara a queda do raio como um aviso do céu, mas sim como um bom sinal da sorte. Para que ia mudar de vida? De modo que enquanto serviu na marinha continuou se dedicando a fornicar cada vez que surgia a oportunidade, a beber como um gambá, a jogar dados e a ser tão briguento quanto antes.

O segundo castigo, portanto, veio das águas. A frota de Mardônio, que constava de trezentos navios de guerra e outros tantos barcos de transporte, estava dobrando o monte Athos, um impressionante promontório sem praias nem enseadas que se levantava a dois mil metros sobre o Egeu. Seu senhor, Temístocles, mais entendido nas coisas do mar, lhe havia dito que aquela rocha imensa criava seu próprio regime de ventos e correntes, e que ali as águas eram tão profundas que era impossível alcançar o fundo com uma âncora, por mais comprida que fosse a corda.

Foi quando a fúria dos elementos se desencadeou sobre eles. Em pleno dia, o céu ficou negro, o vento começou a mugir e as ondas se levantaram como uma manada de cavalos ariscos. Sicino viu ao seu redor a tempestade empurrar outros navios contra o monte Athos e quebrá-los como nozes. Sua própria trirreme se precipitava contra o penhasco. As velas eram inúteis e os remos açoitavam o ar mais vezes que a água. O piloto se esgoelava gritando para a tripulação que retesasse os cabos que cingiam o casco do navio, quando um golpe de mar fez que um dos remos principais o acertasse na boca e arrancasse todos os seus dentes. O pânico se desatou no barco, os remadores se socavam embaixo para sair do porão e na cobertura os soldados se agarravam aos cordames e aos balaústres para não cair pela borda. Sicino, compreendendo que se continuasse na trirreme estava perdido, tirou o cafetã e a armadura de escamas e pulou na água. Depois, nadou o máximo que pôde para se afastar dali, e não tardou a ouvir por cima do bramido da tempestade um estalo prolongado e dolente quando o barco fenício se espatifou contra as rochas.

Sicino conseguiu chegar até uma tábua solta, um resto do cadaste de outro barco, e se agarrou a ela. Durante um longo tempo, lutou para se manter à tona e engoliu tanta água que dava para encher um barril. Mas, por fim, a tempestade amainou de forma quase tão repentina quanto havia começado, e a palidez crescente da Lua brilhou sobre o mar.

Mas aquela noite infernal não havia terminado. Pouco antes de nascer o Sol, apareceram os monstros marinhos. Sicino ainda tinha cravados na mente os gritos dos outros homens que se mantinham à tona não muito longe dele e que em vão pediam auxílio uns aos outros enquanto as mandíbulas dos animais os devoravam. “Minha perna!”, gritava um, e outro respondia “Meu braço!”, ou emitia algum gorgolejo inarticulado antes de afundar. Sicino tentou sair da água subindo na tábua, mas seu corpanzil era muito grande para ela e já era bastante não afundar. Uma pele áspera como lixa roçou sua perna, e ao sentir o contato

do monstro Sicino gritou como os outros. Depois, umas mandíbulas de ferro se fecharam em sua canela e cravaram o pano das calças em sua própria carne. O bicho puxou, e se houvesse encontrado um homem menos forte que ele talvez lhe houvesse arrancado metade da perna. Sicino enfiou as mãos na água e socou uma cabeça afilada; tateando sua pele rugosa encontrou um olho, e cravou os dedos nele. A criatura balançou a cabeça e apertou as mandíbulas. O desespero multiplicou ainda mais a enorme força de Sicino, que afundou os dedos até sentir que algo morno e viscoso estourava debaixo deles, e então puxou e arrancou o olho esmagado do monstro, que por fim abriu as mandíbulas, soltou-o e se afastou dele.

Quando por fim amanheceu, Sicino verificou que a correnteza o havia levado para o leste, e que a massa do Athos já ficava longe, à sua direita. Havia destroços dispersos até onde sua vista alcançava. Mais tarde, soube que metade da frota persa havia perecido naquela tempestade e que Mardônio tivera de renunciar à sua invasão. Aquilo lhe custou o apoio de Dario; mas, pelo que contavam, agora tornara a recuperá-lo com Xerxes.

Umhas horas depois, quando acreditava que logo morreria de exaustão e de sede, foi resgatado por um navio grego. Ao descobrir que Sicino era persa, a primeira ideia que tiveram foi matá-lo. Mas, ao ver seu tamanho e sua musculatura, o capitão do barco disse que de jeito nenhum perderia o dinheiro que podia ganhar com um espécime como esse. Mais tarde, Sicino descobriria que o fretador daquele navio era o próprio Temístocles.

Sicino podia ter ido parar em muitos lugares, mas o destino, ou o sábio senhor Ahuramazda, lhe reservou o pior de todos: as minas do Láurion, na Ática. Ali os homens profanavam ao mesmo tempo todos os elementos. A terra, que perfuravam com túneis e poços para arrancar seus frutos. A água, que sujavam usando-a para lavar o mineral em grandes mesas de pedra providas de funis. O fogo, com o qual aqueciam os grandes fornos de pedra e argila onde vertiam o mineral e o fundiam para separar a escória do chumbo e, especialmente, da prata, o metal que na realidade buscavam.

Daqueles fornos brotava uma fumaça mefítica e negra. Sicino havia visto que os escravos que trabalhavam ali havia algum tempo respiravam com assovios tão agudos quanto os dos próprios foles que manejavam. Uma noite, jantando, viu um deles desabar vomitando sangue pela boca e pelo nariz e morrer a seus pés. Mas ele teria preferido trabalhar nos fornos a trabalhar nas galerias. Nelas o fogo das tochas rarefazia o ar e sua resina não conseguia disfarçar o cheiro a excrementos e urina, pois os escravos trabalhavam em turnos extenuantes e não podiam sair nem sequer para fazer suas necessidades. O pó se incrustava nos pulmões dia após dia, e por mais que a pessoa tossisse, era impossível tirá-lo dali. Mas o pior era a sensação de sufocação e opressão constantes.

Se na primeira vez havia sido atacado pelo fogo do céu e na segunda pela água

do mar, agora o terceiro castigo lhe chegava da terra, que estava se transformando em seu túmulo em vida. Isso fez Sicino pensar que devia ter cometido pecados terríveis, e prometeu a si mesmo que, se um dia saísse dali, adoraria o Sábio Senhor como o seu pai lhe havia ensinado e se tornaria um bom crente e uma pessoa melhor.

Mas ainda teria de sofrer a última prova.

Havia passado quase um ano ali — mas perdera a noção do tempo — quando ocorreu um pequeno abalo sísmico, o mesmo que havia deteriorado a estrutura do Hecatopedon. Sicino estava encurvado em uma galeria, transportando um enorme cesto com quase cem quilos de mineral para levá-lo até a polia que o subiria à superfície. Então, sentiu o chão se mover sob seus pés, ouviu gritos de terror perto dele e viu uma coluna de madeira se partir ao seu lado.

Mais tarde, recordava estar em um estranho limbo, cercado de escuridão. Passado um tempo indeterminado, uma luz brilhante apareceu diante dele e um rosto barbudo o olhou com expressão severa.

— Não foste fiel ao Sábio Senhor — disse aquela presença difusa.

Então, Sicino soube que se encontrava em Chinvat, a ponte que dava passagem para a outra vida, e que aquele rosto era o do juiz Mitra. E sentiu que a superfície da ponte se estreitava sob seus pés, como acontecia com as almas impuras.

— Profanaste os elementos, acreditaste na mentira e tu mesmo a espalhaste.

— Perdoa-me, por favor — gemeu Sicino. — Não deixes que meu corpo apodreça na terra!

A ponte já havia se encolhido tanto que Sicino tinha de pôr um pé na frente do outro para não se precipitar nas trevas eternas que o esperavam embaixo. Mas a expressão de Mitra se suavizou um instante.

— Está bem, Sicino. Tens outra oportunidade. Aproveita-a para purificar teu espírito e comporta-te, a partir de agora, como um verdadeiro *Mazdayasna*. Sê humilde e serve com retidão teu novo senhor. E não mintas mais.

Então, o rosto parou de sorrir e o olhou com preocupação, e gritou algo que Sicino não entendeu, porque ainda não arranhava mais que algumas palavras gregas que havia aprendido tratando com os jônios da frota. O rosto de Mitra havia se transformado no de um homem de olhos escuros que dizia o tempo todo: “Está vivo, está vivo!”.

Esse homem era Temístocles, que naquela época possuía uma concessão no Láurion. Temístocles o tirou da mina para levá-lo a seu próprio lar em Atenas, pois dizia que o fato de ter sobrevivido a um desabamento que havia tirado a vida de quinze homens era um sinal do céu. Desde então, Sicino procurava servi-lo com a humildade e a retidão que o juiz Mitra lhe havia ordenado.

Às vezes, servir Temístocles representava um conflito para ele, porque seu senhor não era seguidor de Ahuramazda e nem sempre respeitava a verdade. Agora, por exemplo, viajava com nome falso e dizia que não era ateniense. Mas

o próprio Temístocles lhe havia dado uma solução.

— Tu, quando te perguntarem, finge que não entendes nada. Sacode a cabeça e leva a mão ao ouvido, até que se cansem de repetir as coisas e te deixem em paz.

De certo modo, era armação, porque fingir que não entendia algo quando entendia era mentir. Mas Temístocles insistia em dizer que não.

— Mentir é dizer o contrário do que se pensa ou se sabe. Percebes? A palavra “dizer” é fundamental na definição de mentira. Se não dizes nada, não podes mentir.

De modo que, agora que estavam na Babilônia, o melhor que podia fazer era falar pouco, e, desse modo, não delataria seu senhor. Ele achava uma loucura que um ateniense, depois do que havia acontecido em Maratona, se atrevesse a viajar pelo Caminho Real e pelo Eufrates para visitar uma das capitais do Grande Rei. Mas seu senhor era um homem muito inquieto e curioso, gostava sempre de saber coisas que os outros ignoravam. Isso quase custara a vida dele e do próprio Sicino em Maratona naquele dia em que se empenhara em espiar o exército de Dátis por aquele tubo que aproximava os objetos e que o fazia carregar para todo lado.

Temístocles o estava esperando na porta do banco. Sicino não gostava da profissão de Issacar. Achava normal que as pessoas emprestassem dinheiro, desde que fosse para seus amigos, mas não que cobrassem juros por isso. Ignorava que seu senhor também fazia isso, só que não em seu nome, mas sim usando Xenocles e seu antigo escravo Grilo para encobrir suas operações.

— Este é Dumuzi, criado de Issacar — disse Temístocles apontando para um babilônio calvo de faces escanhoadas que parecia quase um egípcio. — Vai nos levar a uma taberna onde alguns gregos se reúnem. Tomaremos uma cerveja e veremos o que nos contam.

Já estava anoitecendo. Mas, na Babilônia, as pessoas decentes não se retiravam a suas casas ao cair do Sol; havia muitas ruas iluminadas. Passaram por uma avenida semeada de palmeiras que se alternavam com corpos empalados em estacas aguçadas. Alguns se retorciam, mas a maioria já estava morta, o que significava que não os haviam empalado com a maestria dos assírios. Xerxes, ao que parecia, não compartilhava a crueldade destes e só pretendia escarmentar os rebeldes babilônios, não desfrutar da tortura.

Pelo caminho encontraram casas em ruínas. Havia pessoas nelas que dormiam sobre esteiras, enroladas em mantas. Dumuzi lhes explicou que as paredes de terra aglomerada resistiam bem, eram baratas e isolavam a temperatura, principalmente quando chegava o insuportável calor do verão. Mas quando começavam a rachar, era inútil tentar repará-las. Era melhor derrubá-las e levantá-las de novo.

Entraram em um distrito semeado de templos e tabernas, que, às vezes, ficavam um ao lado do outro. Também se viam nas portas cartazes com desenhos obscenos que serviam de propaganda dos lupanares. Segundo disse Dumuzi, na Babilônia às vezes era difícil distinguir uns locais de outros.

Chegaram à cervejaria da qual Issacar havia falado a Temístocles. Este disse a Dumuzi que podia voltar para casa, visto que havia memorizado o caminho.

— Mas isso é muito difícil, senhor. Ninguém pode aprender este caminho em uma vez só.

Esse babilônio não conhece meu amo, pensou Sicino. Com certeza, se agora soltassem os dois, Temístocles chegaria à casa de Issacar antes que o próprio Dumuzi, inclusive improvisando algum atalho.

— Vai tranquilo. Tudo bem — disse Temístocles nesse tom gentil que usava quando queria que lhe obedecessem.

Dumuzi se foi, e Sicino pensou que talvez Temístocles não quisesse que seu anfitrião, o banqueiro, soubesse de suas manobras.

Entraram na taberna. Era um local pequeno. Sicino teve de se abaixar para passar pela porta, e depois sua cabeça ficou roçando nas tábuas do teto. Os clientes se voltaram um momento para olhá-lo de cima a baixo, ou melhor, em seu caso, de baixo para cima, e continuaram com suas conversas e suas partidas de dados. Havia muitos gregos ali, falando em dialetos que Sicino tinha dificuldade em entender. As mesas também eram de tijolo, que devia ser mais caro que o adobe das casas, porque se via que havia sido cozido ao forno, e os banquinhos eram de vime. Não havia nenhum livre.

— Vai ao balcão e pede uma cerveja para ti, Sicino. Eu quero falar com um desses homens — disse Temístocles apontando para dois sujeitos sentados em um canto.

Sicino achou bom. Se não escutasse nenhuma conversa, não teria de mentir depois. Temístocles se aproximou da mesa e um dos dois homens se levantou, surpreso ao vê-lo, e o abraçou. Depois, disse algo a seu companheiro, que deixou a cadeira para Temístocles e saiu da taberna.

Sicino, por sua vez, apoiou-se no balcão, que, evidentemente, era de tijolo, pois ali a madeira parecia quase um luxo. Sem perguntar nada, o taberneiro encheu-lhe uma caneca de cerveja. Aproveitando sua altura, Sicino reparou em como a preparavam. Tinham umas tinas onde vertiam uns grandes pães de cevada germinada e levedura sobre os quais acrescentavam água para que a mistura fermentasse. A cerveja de Sicino foi servida de uma tina que já havia amadurecido, retirando uma tampa que tinha na parte inferior. Apesar do filtro, passavam muitos grumos, mas o sabor era agradável. Mas Sicino já havia percebido que não convinha abusar da cerveja, porque lhe provocava uma estranha dor entre as sobrancelhas e ia um pouco para a cabeça.

Uma moça se aproximou dele. Era mais alta e roliça que a do bosque de

Ishtar. Sorriu para ele e começou a se esfregar em seu flanco. Vestia uma túnica de linho, com os fios tão separados que se via tudo o que havia embaixo. Seus mamilos estavam pintados de púrpura. Sicino notou seu desejo despertar de novo. Afinal de contas, ainda não havia completado os trinta, que é quando, segundo lhe dissera seu amo, o sangue começa a se acalmar.

A moça lhe ofereceu um biscoito com uma figura em relevo.

— Quem é? — perguntou Sicino com seu parco aramaico.

— Enlil — respondeu ela sorrindo de novo. Seus dentes eram tortos, mas limpos.

— Um deus?

— Sim.

Embora estivesse com muita fome, Sicino meneou a cabeça e afastou o biscoito para não pecar contra Ahuramazda. Mas não afastou a garota. Ela tornou a se roçar nele, esfregando seus peitos pelo braço dele, e apontou para uma cortina que dava para uma escada por onde subiam e desciam casas improvisados.

— Quanto?

— Meio siclo.

Sicino achou muito caro. Haviam-no informado de que meio siclo equivalia mais ou menos a uma dracma, o salário de um operário especializado em Atenas. Seu senhor lhe pagava meia dracma por dia para que fosse poupando seu próprio pecúlio. E essa garota queria lhe cobrar por um pouco de tempo o que ele ganhava em dois dias?

Outra moça, com as nádegas ainda mais carnudas e arrebitadas que a que estava aliciando Sicino, levou a jarra de cerveja para Temístocles e seu companheiro de mesa. Mas Temístocles se limitou a olhar para ela um segundo e sorrir, sem sequer pensar em sexo. O acaso lhe havia reservado um encontro inesperado. O homem a quem havia cumprimentado era Ésquines. A última vez que se viram havia sido na véspera da queda de Erétria. Mas, antes disso, haviam mantido contato com frequência e até compartilharam alguma bebedeira na casa de Milcíades. Ao se reencontrar, abraçaram-se efusivamente, mas ambos sabiam que o outro não era, na realidade, um amigo.

— Passei quatro anos em Arderica com os outros prisioneiros da cidade — explicou Ésquines quando Temístocles lhe perguntou. — Não nos torturaram nem nos mutilaram, como havíamos temido, mas nos fizeram trabalhar como escravos. Por isso, quando Dario morreu, trouxe minha família para a Babilônia.

— Os persas te permitiram?

— Desde que Xerxes assumiu, relaxaram muito a vigilância sobre nós. — Ésquines deu de ombros e acrescentou: — Afinal de contas, o que meia dúzia de gregos pode fazer contra o poder de um império tão imenso?

— Isso é verdade. Mas o que me pergunto é o que esse império tão imenso pode fazer contra nós — disse Temístocles baixando um pouco a voz, mas com a algaravia que reinava na taberna e o barulho dos dados nas mesas era difícil que alguém distinguisse suas palavras.

— Quer dizer que andáveis ouvindo rumores.

— Sim. Dizem que Xerxes está preparando uma invasão de tal magnitude que ao seu lado a de Dátis parecerá a procissão das Tesmoforias.

Ésquines baixou o olhar para seu caneco de cerveja e tirou uma borra de cevada com a ponta do dedo.

— É possível. Agora há muitas tropas na cidade. Já debes ter ouvido falar da revolta.

— Sim. A questão é se ele vai dar licença a essas tropas ou se vão continuar mobilizadas.

— A *Spada* está sempre mobilizada, Temístocles — disse Ésquines, olhando-o de novo nos olhos. — Mas, se o que dizem for verdade, Xerxes quer decretar novos recrutamentos para conquistar a Grécia.

— Ouvi falar de mais de cem mil soldados e duas frotas imperiais. É verdade?

— Pode ser. Mas ainda tardará. A burocracia de palácio é lenta. Muitos preparativos, instruções aos sátrapas, mensagens que têm de ir e voltar... Não creio que a Grécia deva se preocupar nos próximos cinco ou seis anos, então por que não falamos de outras coisas mais agradáveis? A guerra me aborrece.

— A quem não aborrece? Na paz, os filhos enterram os pais, ao passo que na guerra os pais sepultam os filhos — disse Temístocles mencionando um lugar-comum. — Tens razão, vamos parar de falar dela. Tu eras próximo de Milcíades, estou enganado?

— Não estás enganado.

— Não sei se sabes... que ele morreu.

— Não sabia. Como foi?

— Sofreu um ferimento muito feio em Paros e sua perna gangrenou. Não foi o fim que alguém como ele merecia.

— Isso é verdade. Lamento muito pelo que me contas.

Temístocles ficou de sobreaviso por duas coisas. Em primeiro lugar, as pupilas de Ésquines não se dilataram quando soube da morte do velho leão. Não esperava uma explosão de pranto ou ais lastimosos, mas ao menos uma pequena demonstração de surpresa. Ésquines sabia perfeitamente o que havia acontecido com Milcíades. Isso significava que, para um cativo deportado, estava bem informado do que acontecia na Grécia.

Em segundo lugar, sua própria memória. Em uma conversa que havia tido com Apolônia na época de Maratona, ela lhe havia contado que, na noite em que os persas entraram na cidade, Ésquines aparecera em sua casa para ver seu marido Jasão. Sobre o que haviam falado? Tentou recordar. Não tornara a pensar

em Ésquines em muitos anos. Tudo o que se relacionava a Erétria estava guardado em uma ânfora lacrada com piche e relegada ao fundo do porão mais recôndito de sua mente. Quando a culpa queria sair dessa jarra, Temístocles fechava a tampa. Mas agora, diante daquele erétrio, não tinha mais remédio que recordar.

Sim. Ésquines havia dito a Jasão que ele, Temístocles, lhe havia informado pessoalmente que os colonos atenienses iam evacuar a ilha sem ajudar os erétrios. O que era verdade.

Mas Ésquines também havia dito que ia se reunir com os oligarcas da cidade para tentar um acordo com os persas. Apolônia tinha certeza de que Ésquines era um dos traidores que haviam aberto as portas para Dátis. Nesse caso, era compreensível que estivesse na Babilônia. Com certeza os persas o haviam recompensado por sua felonía.

Ésquines, que supostamente queria falar de assuntos mais agradáveis, estava se estendendo sobre as condições sub-humanas da vida em Arderica.

— Eu teria preferido arrancar prata com as unhas nas minas do Láurion a trabalhar perto desses poços negros fedidos, eu juro. Era assombroso! Passávamos o dia encurvados junto a essas malditas bimbarras, mexendo o betume e o óleo de pedra com enormes colheres de ferro para enfiá-los nos cestos. Esses vapores fediam mais que os estábulos de Áugias. Não fazíamos mais que tossir, e cuspiamos uma baba mais preta e densa que o próprio breu. Dormíamos ao lado dos poços, em barracões de palha. Para comer, davam-nos papa de cevada sem triturar, e bebíamos água turva do rio, porque o betume contaminava as fontes.

Conforme Ésquines continuava descrevendo os horrores do lugar, Temístocles sentia atrás de seu pescoço o hálito das Fúrias, que o acariciavam com seus cabelos de serpente e sussurravam: “Tu traíste os erétrios. Tu os levaste a esse inferno”. Por que tinha de ter encontrado justamente esse homem ali para recordar seu crime?

Mas sua mente inquisitiva e prática o aconselhou a ignorar as Fúrias e observar Ésquines com mais atenção. O erétrio tinha unhas limpas, não lascadas, e as cutículas não eram descascadas nem inchadas. Podia tê-las limpado muito bem, mas o corte impecável e redondo da borda da unha fazia pensar no trabalho de um escravo especialista em manicura, algo que não saía barato. Os dedos não apresentavam calos nem arranhões. O que Ésquines fazia para ganhar a vida? Será que os persas o alimentavam por sua cara bonita? Sua túnica estava puída, sim, mas parecia mais uma fantasia emprestada que sua verdadeira roupa. Não combinava nada com seu corte de cabelo, e menos com os cachos da barba, que delatavam que nesse mesmo dia os havia cacheado com ferros quentes.

Esse homem nunca havia posto os pés em Arderica nem nos poços de betume, disso tinha certeza. O que, quis acreditar, significava que as desgraças e penúrias

que descrevia eram fruto de sua imaginação.

E também significava que Temístocles corria perigo na Babilônia.

Ésquines havia feito uma pausa para beber cerveja, e Temístocles aproveitou para dizer:

— É curioso que depois de tantos anos tornemos a nos ver aqui, do outro lado do mundo. Uma grande coincidência.

— Sim, é curioso, meu querido Te...

— Pisíndalis. Meu nome é Pisíndalis.

— Perdão, amigo. Que nome mais curioso... Como te ocorreu? Não parece grego.

— É bastante normal na Cária. Bem, Ésquines, foi um prazer ver-te de novo. Espero que tua vida aqui na Babilônia seja próspera e longa — disse Temístocles levantando-se da mesa.

O erétrio segurou-o com a mão esquerda enquanto com a outra servia mais cerveja na caneca.

— Mas que pressa, amigo! Claro, fiquei falando o tempo todo, eu entendo. Faz muito tempo que não recebo notícias da Grécia. Que fim levou Erétria? Foi reconstruída?

Enquanto Sicino continuava pensando se valia a pena pagar o preço da jovem roliça, olhou para Temístocles e notou que o outro homem o havia retido. Seu senhor estava inquieto, era evidente. Olhou para Sicino e fez um sinal com as sobrancelhas, como se dissesse: “Livra-me dele”.

Mas quando Sicino ia tirar Temístocles dali e livrá-lo da companhia do outro por bem ou por mal, uns soldados persas apareceram na porta. Sicino retrocedeu de novo para o balcão, de onde a garota havia desaparecido com a presteza de quem fareja problemas.

Não tens de falar com eles, recordou Sicino, apesar de que teria gostado de lhes perguntar a que *hazarabam* pertenciam. Em um primeiro momento, pensou que os soldados estavam lá para beber e jogar dados, mas entraram na taberna em coluna de dois e se abriram em leque, cobrindo a parede do fundo. Todo o local emudeceu, salvo um copo de couro solitário que pela última vez virou os dados na mesa. Os clientes concentraram o olhar em suas canecas, como se quisessem adivinhar o futuro nas borras da cerveja. Sicino pensou que devia se tratar de uma ação militar surpresa. Talvez estivessem procurando mais rebeldes.

O homem que falava com Temístocles se afastou da mesa e apontou para ele. Dois soldados avançaram para ele com suas espadas desembainhadas.

Temístocles se levantou muito devagar, entrelaçando as mãos atrás da nuca, vultou-se para Sicino e disse em grego:

— Calma! Não faças nada!

Uma ordem fácil de obedecer. Em Atenas, principalmente nas tabernas do

Pireu, frequentadas por muita escória, Sicino havia socado mais de uma cabeça para defender seu senhor. Mas não era tão louco a ponto de enfrentar as tropas da *Spada*. Havia dez homens ali, e do outro lado da porta esperavam ainda mais. Dois deles estavam apontando para Sicino com seus arcos meio retesados, de modo que ele também levantou as mãos.

Talvez fosse voltar para o exército persa antes do que imaginava. Mas, a seguir, ao se dar conta de como estava vestido e de que acompanhava Temístocles, pensou em que poderia lhe acontecer se o considerassem um desertor.

BABILÔNIA, 20 DE JANEIRO

Após dois dias trancada em seus aposentos, Artemísia se sentia como uma doninha engaiolada. Além disso, Pisíndalis dava cada vez mais trabalho, e como não o deixavam sair e se entediava com as escravas, insistia em que sua mãe brincasse com ele e com seu pequeno exército de hoplitas de madeira. Artemísia gostava tanto de acompanhar as brincadeiras repetitivas de um menino de cinco anos quanto de sentar para bordar cortinas ou esfregar túnicas sujas, de modo que havia decidido esquecer os soldadinhos de mentira e adestrar seu filho na luta para que se tornasse um guerreiro de verdade. O ruim era que, como ela não sabia fazer nada mais ou menos, quando imobilizava Pisíndalis no chão, esticava seu braço e punha o pé em seu rosto de modo muito difícil de controlar sua força.

— Tu és bruta, mamãe — disse o menino esfregando a face onde ela lhe havia deixado a marca do pé. — Não quero mais brincar disso.

— Não é uma brincadeira, Pisíndalis. Logo terás de governar outros homens e deves estar preparado. Tens de ser o melhor guerreiro de todo o Halicarnasso para que ninguém te possa vencer. — Artemísia dobrava o braço e lhe mostrava seu bíceps, que embora não fosse muito volumoso, era duro como pedra. — Não queres ficar forte assim?

— Quando crescer, vou ser rei. Para que quero ser forte?

Artemísia suspirava, frustrada. Era inútil explicar a Pisíndalis que governar consistia mais em responsabilidades e deveres que em direitos e privilégios. Pensou que talvez não fosse bom nascer no seio de uma família reinante. Seu pai, Ligdamis, que havia conquistado a tirania com um bando de mercenários, era um homem duro e vigilante, ciente de que a qualquer momento podia surgir alguém que lhe arrebatesse o poder, assim como ele havia feito com outros. Porém, Sangodo, acostumado a que seu irmão tomasse as decisões por ele, havia sido muito mais negligente e se dedicara mais a desfrutar dos prazeres do poder que a exercê-lo com autoridade.

A própria Artemísia, nascida em um palácio, reconhecia que quando jovem havia sido uma criança mimada. Felizmente, seu principal capricho era treinar e combater com os homens. Assim, quase por acaso, como uma brincadeira, entre

levantar cedo, fazer marchas de quarenta quilômetros ao sol, dar longas cavalgadas, ficar horas segurando pesadas armas de bronze e carvalho que não eram projetadas para os braços de uma mulher, enfrentar tempestades longe da costa e pernoitar ao ar livre, havia endurecido seu corpo e adquirido a disciplina necessária para governar.

— Não preciso ser forte — insistiu o menino —, porque quando quiser matar alguém, ordenarei a meus soldados que o façam.

Artemísia também se preocupava com a facilidade com que Pisíndalis usava a expressão “matar” cada vez que algo o contrariava, e escutava com inquietude os diálogos que mantinha com seus soldados quando brincava perto do balcão.

— Fidon — dizia a um hoplita pintado de vermelho que havia escolhido como chefe de sua reduzida tropa —, eu te ordeno que arranques as orelhas e a língua deste rebelde e que as dês aos porcos. E este outro vais queimar vivo.

Artemísia se perguntava se era apenas a crueldade típica das crianças ou se, no caso de Pisíndalis, tratava-se de algo mais obscuro que se aninhava no fundo de sua alma. Na realidade, não sabia o que pensar de seu próprio filho, e não se sentia preparada para criá-lo. Com prazer o teria deixado em Halicarnasso com sua avó, mas Tique já era muito velha e estava quase cega. Artemísia não acreditava que pudesse proteger seu filho de estranhos acidentes domésticos ou envenenamentos, e não tivera mais remédio que o levar consigo.

O nome que havia dado ao menino, Pisíndalis, era muito frequente na família de Artemísia. Assim se chamava seu avô, que também era avô de Temístocles. Evidentemente, Artemísia nem podia imaginar que Temístocles havia escolhido esse nome como camuflagem para sua viagem ao coração do Império Persa. Agora, por um sinuoso capricho do acaso, pai e filho se encontravam na Babilônia com o mesmo nome sem saber, e sem nem sequer imaginar que relação os unia.

Porque Artemísia não tinha nenhuma dúvida de quem era o pai. Quando se deitava com seu escravo Zósimo, de quem não tivera mais notícias, e via que ele estava prestes a ejacular, obrigava-o a se afastar dela e derramar sua semente no chão. Não havia agido assim com Temístocles, e três semanas depois daquela noite de sexo sob a Lua notara o primeiro atraso. Assim que se dera conta do que estava acontecendo, Artemísia assaltara o leito de Sangodo. A única coisa que tivera de fazer fora abraçá-lo, enlaçá-lo com as pernas e se mexer muito, até que ele, que estava muito bêbado, ficara tão enjoado que quase vomitara em cima dela. Depois, dissera algo como: “Fizemos?”, e ficara muito satisfeito quando ela respondera que sim e ainda lhe garantira que fazia muito tempo que não desfrutava um coito tão prazeroso. No dia seguinte, Sangodo recordava vagamente a suposta cópula. Artemísia tivera a astúcia de fazê-lo assim que acordara, e ficara melosa e solícita com ele o dia todo, tanto que seu tio tentara repetir nessa noite, em vão, o que na realidade não havia culminado sequer na

véspera.

Mas Artemísia conseguira o que queria. Quando, nove meses depois do desastre de Maratona o menino nasceu, Sangodo se alegrou tanto por ter engendrado um herdeiro que celebrou com uma bebedeira ainda maior que o habitual. Como resultado dos três dias de festejos sofreu uma apoplexia que o manteve os cinco anos restantes de vida entre a cama e uma cadeira com vista para o mar. E Artemísia se tornou de fato soberana de Halicarnasso.

Ninguém nunca questionou a paternidade do menino. Com seus olhos azuis e suas pernas compridas, parecia-se mais com Artemísia que com qualquer outro membro da família. Mas ela também via algo de seu verdadeiro pai em seus traços e em seu rosto oval, ou pelo menos queria ver. Afinal de contas, os traços de Temístocles não eram tão diferentes dos de Sangodo, só que neste último foram desabando como velas sem cordames por conta da devassidão e da bebida.

Ao pensar em Temístocles, Artemísia tornou a recordar que o havia visto duas noites antes. Não podia tirar da cabeça aquele encontro. Era impossível. O que Temístocles estaria fazendo na Babilônia, tão longe de sua cidade, em pleno coração de um império cujo soberano havia decretado que Atenas devia ser destruída? Se queria espiar, por que não enviava outra pessoa?

Para ela também havia sido uma viagem muito longa, de mais de dois mil e quinhentos quilômetros, mas tinha um motivo: conseguir que Xerxes a confirmasse como soberana vitalícia de Halicarnasso. O que Artemísia havia feito por Patikara devia merecer recompensa. Tinha certeza de que o mascarado havia atuado em Maratona como agente de Dario. Ignorava o motivo que pudesse ter para agir de uma forma tão estranha, revelando aos gregos os planos de Dátis. Mas suspeitava que o Grande Rei queria evitar que Dátis adquirisse muito prestígio e poder e pudesse se rebelar contra ele, como haviam feito no passado outros generais e sátrapas.

Mas o problema era como mencionar o nome de Patikara ao monarca atual, que talvez não soubesse nada sobre a manobra de seu pai, sem parecer uma traidora. Achava muito estranho não tornar a saber do mascarado. Em Susa havia perguntado por ele com a maior discrição possível. Algumas pessoas recordavam dele da campanha de Maratona, mas ninguém sabia dizer quem era exatamente. Outros aventaram o nome de Masistio, um oficial da guarnição da Babilônia que gostava de usar armadura dourada como ele: mas, acrescentavam com certa ironia, não era tão feio a ponto de ter de cobrir o rosto com uma máscara. A verdade era que, depois de Maratona, ninguém tornou a saber de Patikara; mas correu todo tipo de relatos, pois os persas gostavam muito de histórias cavaleirescas e fantasiosas.

Pelo menos luxos não faltavam em seus aposentos. A cozinha babilônia tinha justa fama, e os escravos lhe levavam bandejas com todo tipo de manjares; ela

os compartilhava com seu filho, que torcia a boca para a maioria dos sabores exóticos. Naquela mesma noite, furiosa em virtude da reclusão, Artemísia lhe havia dado um bofetão. Havia sido a destempo, ela sabia. Merda, preferia dar ordens a seus guerreiros a lidar com essa bendita criança! Pelo menos, podia entender a maneira de pensar dos soldados, mas os melindres de seu filho a tiravam do sério.

Assim que crescer um pouco mais, vou pô-lo nas mãos de Fidon, pensou. *Ele o deixará esperto.*

Se voltasse a Halicarnasso, claro. Porque cada vez suspeitava mais que teria o mesmo destino desses suplicantes que aguardavam anos e anos às portas do Grande Rei, sofrendo os caprichos do vizir, passar por cima de quem ninguém podia.

A noite caiu enquanto Artemísia ruminava pensamentos lúgubres na gelosia que dava para os jardins suspensos do pátio. Humusi, a escrava babilônia, foi até ela e lhe disse que haviam lhe mandado um recado, mas Artemísia não ouvira ninguém bater à porta.

— Virão buscar-te em uma hora, senhora. Alguém quer te ver.

— Quem?

— Não me disseram, senhora. Mas — acrescentou em tom misterioso — deve ser alguém muito importante. Creio que da família real.

Amestris outra vez, pensou. Fez que suas criadas a banhassem na grande tina de tijolos esmaltados que ficava junto à alcova, e para que a rainha soubesse que nem todas as mulheres gregas eram umas bárbaras, mandou que massagassem seu corpo com uma generosa dose de óleo de mirra e perfume de violetas. Depois, vestiu sua melhor túnica, uma cor de açafreão bordada com flores e rouxinóis, e um elegante manto azul.

Quando terminou, um escravo de palácio e dois soldados já a aguardavam na porta de seus aposentos. Artemísia sentiu seu coração dar um salto ao perceber que eram homens da guarda real de Xerxes. Distinguiam-se dos outros membros da *Spada* pelos ricos bordados de suas túnicas, e, principalmente, por suas lanças, providas de pomos de ouro na ponta metálica.

— Nobre senhora — disse o escravo em grego. — Eu te rogo que me acompanhes, por favor.

Caminhando com os soldados atrás de si, Artemísia não estava muito segura. Teria se sentido melhor vestida de hoplita; mas, pelo menos levava o passador atravessado no cabelo. Não era o mesmo que havia lhe servido em Maratona para eliminar o enviado de Patikara, pois jogara aquele ao mar; era outro ainda mais comprido e aguçado.

O passeio foi breve. Não fizeram mais que descer uma escada e atravessar um corredor e depois estavam no pátio que se via de sua janela. A Lua estava cheia e acabava de se mostrar nas paredes do pátio. Por alguma razão, Artemísia

se lembrou de outra noite parecida às margens do Egeu. Ali se ouvia o rumor das ondas, e aqui o das pequenas cascatas que se precipitavam pelas paredes do zigurate de jardins.

O escravo lhe indicou uma escada que subia para o primeiro terraço.

— Ele te espera no topo — disse o escravo. — Deves ir sozinha.

Quem?, perguntou-se Artemísia. Estava cada vez mais desconfiada desse encontro secreto. Naquela outra noite de plenilúnio era ela quem controlava a situação, mas agora ia às cegas. Não acreditava que alguém quisesse matá-la ali, na Babilônia, pois por mais mexeriqueiros que fossem na corte real, Artemísia não tinha nenhum poder nem influência nela. Mas recordou o que acontecera em Maratona e quanto parecia uma traição. Havia chegado o momento de pagar por ela? Artemísia suspirou. Tinha muita prática puxando o punção de seu coque. Se fosse necessário, ela o cravaria em seu próprio coração.

Subiu sozinha pela escada e atravessou um pequeno caminho pavimentado com pedras coloridas que percorria o primeiro terraço, entre árvores frutíferas e plantas exóticas de folhas enormes que se abriam como leques. Os aromas eram tantos que confundiam seus sentidos, pois até as tochas cheiravam a resinas e gomas balsâmicas. O caminho a levou a outra escada e a um segundo caminho empedrado que contornava em círculo o terraço. Assim foi subindo, tão nervosa que nem conseguia desfrutar a beleza daqueles jardins.

Quando chegou ao quarto terraço, viu que o quinto e último nível do zigurate formava uma espécie de templete cercado por arcos. Debaixo de um deles havia luz, e ali terminava o caminho de pedras. Artemísia suspirou, ajeitou os cabelos para afrouxar um pouco o passador e cruzou por baixo do arco.

Passou para um pequeno vestibulo com piso de mármore cercado por jardineiras onde cresciam flores de cores vivas. À sua esquerda havia uma gelosia entreaberta. Artemísia se aproximou e a empurrou.

Do outro lado havia um pequeno aposento. Artemísia prendeu a respiração ao perceber que era um dormitório. Um dossel de cedro com cortinas cor de laranja cobria uma cama muito alta, cheia de almofadões e coberta com uma brilhante manta de fios dourados. Junto ao leito via-se uma luminária com uma jarra, várias taças e uma bandeja com tâmaras, figos e uvas passas. Alguns incensários aqueciam e perfumavam ao mesmo tempo o aposento, e umas lamparinas de óleo criavam jogos de sombras nas paredes, que eram de madeira entalhada com incrustações de madrepérola e pedras brilhantes.

Observou tudo isso com uma olhada rápida, quando seu olhar varreu a alcova buscando possíveis ameaças. Um homem a esperava ali. Era um jovem muito belo, de rosto maquiado, cabelo comprido e negro e os traços lampinhos de um eunuco. Sem dizer nada, o jovem fez um sinal para que se aproximasse dele. Artemísia, prendendo a respiração, obedeceu.

O eunuco pôs as mãos nos ombros de Artemísia e fez que girasse. Estava tão

perto dela que pôde sentir seu perfume de nardos, e também seu suor. Não era tão salgado como o da maioria dos homens, mas mais suave e um pouco adocicado. A primeira coisa que o eunuco fez foi tirar o passador do cabelo de Artemísia. Talvez houvesse feito isso para soltar seus cabelos, mas Artemísia teve a impressão de que agia de forma muito consciente, certo de que com esse gesto a desarmava.

O que está acontecendo aqui? Vou ter de fornicar com um eunuco? O jovem era muito lindo, sem dúvida. Artemísia havia ouvido falar que certos eunucos não eram totalmente emasculados, que só lhes cortavam os testículos, de modo que não podiam ter filhos, mas podiam dar prazer às mulheres.

A gelosia se abriu e apareceu outro eunuco, tão jovem e lindo quanto o primeiro. Mas atrás dele entrou outro homem de presença muito mais imponente. Era muito alto, mais de um metro e oitenta e cinco, e tinha uma barba comprida e cacheada, escalonada, que fez Artemísia recordar as cascatas que desciam pelos terraços dos jardins. Vestia uma casaca púrpura, bordada com festões azuis e brancos.

Artemísia compreendeu de repente. Ninguém a havia preparado para esse momento que tanto esperava. Mas ouvira dizer o que se fazia diante do Grande Rei, de modo que se inclinou até tocar com o joelho direito o carpete vermelho que cobria o chão e baixou o olhar.

— Levanta — sussurrou o eunuco em seu ouvido.

Artemísia se endireitou. Nunca havia visto Xerxes, nem mesmo na cavalgada de entrada na Babilônia, mas tinha certeza de que era ele. Havia algo a seu redor que eletrizava o ar, uma aura de poder que só os deuses emanam. O Grande Rei olhava para ela quase sem pestanejar. Seus olhos eram grandes e escuros, como os de sua filha Ratashah, e com os traços de antimônio que os contornavam pareciam ainda mais negros. Por baixo daquela barba tão majestosa era um homem muito bonito, de nariz longo e meio aquilino, pômulos altos e testa ampla. Artemísia havia ouvido dizer que não se devia olhar diretamente para o Grande Rei, mas não lhe ocorria outra coisa que pudesse fazer nessa situação.

Sem dizer nada, Xerxes levantou ligeiramente os braços, e o eunuco que o acompanhava desamarrrou a faixa de seda que cingia seu cafetã. Fez isso com gestos fluidos, rodeando seu senhor sem tocá-lo, e a seguir dobrou a faixa com três hábeis movimentos e a depositou sobre um baú de madeira junto à gelosia.

Artemísia prendeu a respiração. O eunuco que a atendia havia posto as mãos sobre seus ombros para retirar seu manto. Jamais sentira tanto medo na vida, nem quando os atenienses investiram contra eles em Maratona entoando o selvagem peã. Respirava em pequenas arfadas, tentando não fazer barulho, pois qualquer gesto a mais lhe parecia um sacrilégio. O criado do rei já havia despojado Xerxes da casaca. Por baixo dela usava uma túnica branca fechada por uma longa fileira de botões de ouro. O eunuco foi desabotoando-os com

rapidez, mas sem transmitir sensação de pressa. O que mais assustava e fascinava Artemísia era que Xerxes nem se movia.

Enquanto o segundo eunuco desnudava o torso do rei, o primeiro soltava os fechos da túnica de Artemísia. Quando a túnica deslizou para o chão e sentiu seu suave atrito dos ombros até os tornozelos, Artemísia encolheu o estômago. Queria cobrir os seios, dar meia-volta, fazer alguma coisa, mas quase não se atrevia a respirar.

O eunuco começou a desamarrar sua calçola. Ao fazê-lo, teve de introduzir seus dedos entre o tecido e a carne, e roçou seus quadris e nádegas. Era um contato suave, quase feminino, discreto, mas não tímido. A pele dos braços e costas de Artemísia se arrepiou. Embora não se atrevesse a olhar para si mesma, porque tinha os olhos cravados em Xerxes, notou que seus mamilos se endureciam. O criado por fim retirou sua calçola e ela ficou nua no mesmo instante em que as calças de Xerxes caíam no chão. Só então o monarca se mexeu, levantando primeiro um pé e depois o outro, e saiu de sua própria roupa como se brotasse do mar. Xerxes, Rei dos Reis, estava diante dela como havia vindo ao mundo, sendo que Artemísia havia ouvido dizer que os persas nunca se despiam diante de outras pessoas, nem mesmo no leito.

Xerxes era majestoso até mesmo sem roupa. Seu corpo estava depilado, salvo no púbis, e não se via nele cicatriz alguma. Tinha os músculos de uma estátua, separados por nítidas linhas retas, e uns ombros quadrados nos quais as longas clavículas se marcavam.

O Grande Rei deu um passo para Artemísia, e depois outro. Ao vê-lo avançar, ela imaginou um *kouros*, uma dessas grandes esculturas de pedra que representavam jovens semideuses nus com os braços colados nas laterais. Mas o leve sorriso que iluminava o rosto dos *kouroi* estava ausente do rosto de Xerxes. Seus movimentos eram rígidos e ao mesmo tempo naturais, e Artemísia pensou que, se as montanhas caminhassem, seria assim.

Xerxes parou junto ao leito, a pouco mais de dois passos de Artemísia. Era tão alto que os olhos dela ficavam à altura dos peitorais dele. O silêncio era cada vez mais denso e antinatural. Jamais em sua vida havia se sentido tão nua.

O primeiro eunuco afastou a cortina do leito e pegou a mão de Artemísia para levá-la a ele. O jovem fez que se sentasse, e a seguir, com delicadeza, levantou-lhe as pernas para pô-las na cama, girou-lhe o corpo e, quase sem exercer força, deitou-a e entreabriu suas coxas. Depois se retirou para junto do outro eunuco. Ambos ficaram junto à porta, enquanto Artemísia se sentia como uma ovelha estendida no altar esperando o machado do sacerdote.

Xerxes subiu na cama e se colocou sobre Artemísia sem tocá-la, apoiando-se nas mãos. Ela comprovou com um estremecimento que o Grande Rei já estava preparado, e se perguntou se pretendia penetrá-la assim, sem mais preâmbulos.

Aquele corpo desceu sobre ela, grande e brônzeo, como Urano⁶⁰ devia ter

descido no início dos tempos para cobrir sua esposa Gaia. Artemísia viu os braços do rei de ambos os lados de sua cabeça, seus músculos palpitando levemente ao suportar seu peso. Não pretendia tocá-la? O perfume do rei chegou até ela. Cheirava a sal, sim, e também a um óleo impregnado de um aroma frugal que Artemísia achou estranhamente infantil. Mas aquilo que se aproximava de suas coxas não era nada infantil. Apertou os dentes, preparando-se para a dor.

Por conta do medo, não havia notado que seu corpo já havia respondido por ela. Estava úmida, muito mais do que imaginava, e quando o Grande Rei entrou em seu corpo, seu membro deslizou com a facilidade com que o esporão do *Calisto* cortava as ondas.

Foi um ato estranho, cheio de estranhas sensações que Artemísia nunca havia experimentado. Por cima dos ombros do rei, via o dossel e as cortinas, as luzes que se refletiam bailando na pedraria das paredes como espíritos brincalhões, e também o rosto dos eunucos, que continuavam junto à porta sem perder nada do que se passava na cama. Artemísia continuava imóvel, com os braços colados nas laterais e as coxas abertas enquanto esse corpo de rocha se movia sobre o dela. Não se atrevia a tocá-lo, com medo de profanar alguma coisa. E se caísse um raio do céu sobre ela, como aconteceu com a desventurada Sêmele quando se deitou com Zeus⁶¹? Seu corpo roçava o de Xerxes só onde o movimento o tornava inevitável, de tal modo que todas as suas sensações se concentravam no ventre. De certo modo, nunca tivera um amante pior nem mais desatento na vida. Contudo, de repente sentiu subir um intenso calor por dentro e compreendeu o que ia acontecer. quis se controlar, mas era inevitável. Seu ventre e seus glúteos se contraíram ao mesmo tempo, e depois seu estômago, em ondas de prazer que eram quase dolorosas. Ao prender a respiração para não emitir nenhum ruído, as batidas de seu coração se aceleraram ainda mais; sentiu-se asfixiar e, por fim, não pôde evitar deixar escapar um gemido abafado. Pensou que havia violado algum protocolo e que a matariam por isso; mas não devia ser isso, porque os dois eunucos sorriram enquanto cochichavam entre si.

No mesmo momento em que Artemísia se esforçava para não gritar, Temístocles tentava também reprimir seus gritos, com menos sorte.

Na noite anterior haviam-no levado ao palácio de Nabucodonosor, mas entraram por uma poterna lateral que desembocava no primeiro pátio. Fizeram-no descer aos porões do edifício, e depois seguiram por outras escadas mais estreitas e escorregadias até chegar a umas masmorras escavadas na rocha viva. Trancaram-no em uma cela sozinho, ao passo que Sicino foi levado para outra. Era um aposento frio, de paredes e chão nus, sem sequer uma esteira de esparto para se deitar. Havia um buraco malcheiroso em um canto que fazia as vezes de latrina, e nada mais.

Ali passou essa noite toda e também o dia seguinte, mas como o não havia luz alguma que lhe servisse de referência, pois a porta nem sequer tinha uma grade e não lhe levaram alimento nem bebida, perdeu a noção do tempo. Quando foram buscá-lo de novo, havia acabado de anoitecer, mas ele não sabia e pensava que era, no máximo, meio-dia.

Sem sair das masmorras, levaram-no a outra sala iluminada com archotes, maior e mais comprida que o calabouço onde o haviam trancafiado. Graças às chamas não estava tão frio, mas o cheiro de umidade rançosa e de sangue de boi esparteado lhe deu calafrios. Havia três mesas de madeira. Duas delas tinham grilhões e abraçadeiras presos nas tábuas, e na terceira viam-se diversas ferramentas de bronze e de ferro: punções, alicates, martelos, pregos e ferros retorcidos. Encostados em uma das paredes, quatro lanceiros montavam guarda. No centro da sala, havia dois escravos babilônios vestindo saias de esparto que chegavam até os pés e deixavam expostos os torsos untados. Um deles não tinha nariz e orelhas e sua cabeça e barba eram raspadas, o que fazia que parecesse uma sinistra caveira gorducha.

Sicino estava ali também, sentado em um banquinho cheio de correntes. Era evidente que o tamanho e a corpulência de seu escravo amedrontavam seus captores. Com Temístocles não haviam se dado o trabalho de tomar tantas precauções.

Pouco depois, entrou um homem vestindo um cafetã turquesa e portando um sabre atravessado na faixa amarela. Temístocles o vira desfilar à frente de mil cavaleiros no dia em que as tropas de Xerxes entraram na Babilônia. O escravo de Issacar lhe havia dito que se tratava de Mardônio, o primeiro dentre os generais de Xerxes. Devia ter uns trinta e cinco anos, era um homem corpulento e de estatura mediana, e usava a cabeça raspada, fosse porque seu cabelo caía ou por capricho pessoal. Tinha barba cacheada e tingida de vermelho. Devia tê-la untado com algum tipo de gordura que a mantinha rígida como se fosse esculpida em pedra.

Por um lado, preocupou-se com o fato de uma personalidade tão elevada como Mardônio ter ido interrogá-lo. Por outro, tranquilizou-se ao comprovar que os persas lhe concediam certa importância. O maior medo que o havia atormentado durante sua clausura na cela era pensar que se esqueceria dele e o deixariam morrer ali de fome e sede, ou que cobririam sua cabeça com um capuz, o estrangulariam com uma corda e depois o enterrariam em uma vala ou o jogariam no rio. Não tinha medo de morrer, mas sim de fenecer de forma anônima e desaparecer do mundo no escuro, sem deixar marca, como se nunca houvesse existido.

— Quem tu és? — perguntou-lhe Mardônio por meio do intérprete que o acompanhava.

— Entendo grego, mas não é meu idioma — respondeu Temístocles em

aramaico. — Meu nome é Pisíndalis e sou da Cária, senhor.

— Disseram-me que esse não é teu nome — disse Mardônio, recorrendo ele também ao aramaico. Falava com um sotaque muito forte e omitia metade dos ásperos sons laringeos próprios dessa língua. — Disseram-me que te chamas Temístocles e que és ateniense.

— Não sei quem pode ter te contado isso, senhor, mas está enganado. Meu nome é Pisíndalis, e nunca estive em Atenas. — Temístocles fez tremer a voz para parecer ainda mais assustado do que estava. — Sou um humilde vinhateiro que veio à Babilônia vender umas ânforas de vinho de Lesbos.

Mardônio o escutou sem dizer nada, com as mãos entrelaçadas às costas. Depois se afastou dele, foi até Sicino e puxou seu queixo para baixo a fim de ver melhor seu rosto à luz de um archote.

— Eu te conheço — disse Mardônio, agora em persa. — Lembro-me dessa cicatriz. Foi... Foi na campanha de Trácia, há muito tempo. Como te chamas?

Sicino olhou para Temístocles um instante, como se dissesse: “Não tenho mais opção”.

— Mitranes, filho de Bagabigna, senhor.

— Lembro que um raio caiu em ti, e foste o único que se salvou de teu pelotão. Depois eu te destinei à frota. Pensei que havias morrido com os outros.

— Quase me afoguei, senhor — disse Sicino, e acrescentou de forma supérflua: — Mas não me afoguei.

— Que fazes acompanhando este homem, Mitranes? Por que já não te vestes como um persa?

O pomo de adão de Sicino se moveu para cima e para baixo, engolindo em seco. *Acabou*, pensou Temístocles. Enquanto pensassem que era cário e que se tratava de um mal-entendido, ainda acalentava esperanças de sair vivo daquele lugar. Mas assim que Sicino abrisse a boca e revelasse sua identidade, estava perdido.

— Jurei por Ahuramazda não revelar, senhor. Não posso faltar à palavra que dei a Mitra se não quiser sofrer a perdição eterna.

Mardônio ficou olhando para o cordão que cingia a túnica de Sicino com três voltas, e tocou seus nós com os dedos.

— Vejo que usas o *kusti*. És um verdadeiro *Mazdayasna*?

— Tento ser, senhor. Quando chegar à ponte de Chinvat, não quero cair no inferno por causa das mentiras.

Mardônio se voltou para os lanceiros.

— Levai este homem daqui e tira-lhe as correntes. É filho de um persa valente e nobre e um fiel seguidor do Sábio Senhor. Este não é lugar para ele. Depois irei vê-lo.

Dois soldados escoltaram Sicino para fora da sala. O escravo, antes de ir, dirigiu um último olhar a Temístocles. Seus olhos estavam úmidos.

— Boa sorte, senhor — disse.

Pensa que não tornará a me ver. E pode ser que não lhe falte razão.

Pensou com tristeza em como os costumes e situações mudavam segundo cada país. Muitos anos atrás, quando denunciaram Temístocles pelo assunto das minas, os verdugos haviam torturado seu escravo Grilo, e não a ele, para lhe arrancar a verdade, posto que como cidadão ateniense não podia ser submetido a tormento. Mas ali, no coração do império, era seu servo Sicino quem tinha privilégios de cidadão, ao passo que a vida e a pessoa de Temístocles não valiam nada.

— Muito bem, Temístocles — disse Mardônio voltando ao aramaico. — Quero que me digas agora o verdadeiro motivo pelo qual vieste à Babilônia.

— Quem dera pudesse te dizer, grande senhor. Nada me agradaria mais que te satisfazer. Mas não sei quem é esse homem de quem falas. Nem sequer sei pronunciar seu nome!

— Como quiseres.

Os dois babilônios rasgaram a túnica de Temístocles nos ombros e a arregaçaram até a cintura. Pensou que pelo menos o puritanismo persa lhe evitaria a humilhação de ser açoitado nas nádegas como na escola de Fênix.

Em vez de uma só vara, aqueles verdugos utilizavam várias, amarradas em um feixe muito apertado, e batiam com muito mais sanha e contundência que o velho mestre. A dor foi desagradável no primeiro açoite, terrível no segundo e insuportável a partir do quinto. Temístocles apertava os dentes e grunhia cada vez que levava um golpe, mas conseguiu não gritar. Enquanto o fustigavam, Mardônio se sentou diante dele, estudando suas expressões sem ele mesmo alterar a sua. Não dava a impressão de se incomodar de ver torturarem outro homem, mas também não é que lhe causasse prazer. Passado um tempo, levantou a mão, e os escravos pararam de bater.

— A que vieste, ateniense? — tornou a perguntar.

— Não sou ateniense, senhor, já te disse — respondeu Temístocles. Suas costas ardiam, e cada vez era menos difícil fingir um fio de voz. — Meu nome é Pisíndalis.

Mardônio fez um gesto com o queixo e os verdugos voltaram a bater. Os golpes nos ombros e costas eram muito dolorosos, mas era ainda pior quando os feixes de varas flagelavam seus rins. Deram-lhe uma rodada de vinte açoitadas, que Temístocles contou uma a uma com grunhidos roucos. Depois, Mardônio insistiu.

— Se pretendesses algo em nome de tua cidade, terias enviado embaixadores. Não creio que trames nada honrado na Babilônia, ateniense. De que se trata?

— Eu te digo que não sou ateniense, senhor. Sou de Halicarnasso. Tens de acreditar em mim! Por qual deus queres que eu jure?

— O juramento de um grego me vale tanto quanto uma taça de vinho

misturado com mijo de burra.

Mardônio fez um sinal para o desnarigado e sussurrou algo em seu ouvido. O verdugo assentiu. Ele e seu companheiro sentaram Temístocles em uma cadeira e prenderam seus dois braços nos grilhões que havia na mesa. O desnarigado pegou um alicate enquanto o outro segurava a mão de Temístocles, apertando-a com força para que não a pudesse mexer. Ao ver que o alicate se aproximava de seu dedo médio, Temístocles olhou para o rosto do desnarigado pensando que se cravasse os olhos nele talvez dificultasse seu trabalho. Mas o verdugo sorriu e disse algo que soou como o gorgolejo de um esgoto, e Temístocles notou que também não tinha língua. Depois, fechou o alicate sobre sua unha, deu um puxão selvagem e a arrancou.

Foi quando Temístocles começou a gritar de verdade.

— Halicarnasso é tua, Artemísia. O sátrapa de Jônia recebeu ordens. Quando chegares a tua cidade, os nobres que disputavam contigo não te incomodarão mais.

Artemísia compreendeu que, quando voltasse, esses nobres já não estariam vivos. Pensou que essa era uma das vantagens de compartilhar o leito com um deus.

— Obrigada, meu senhor.

Xerxes estava sentado na cama, apoiado em dois grossos almofadões, com as pernas esticadas e coberto até a cintura com a manta. Ela se mantinha um pouco afastada, com os joelhos encolhidos e abraçando uma almofada. O rei fez um gesto para os eunucos e apontou para a mesinha. Um deles, o que havia despido Artemísia, serviu vinho nas duas taças de ouro. Mas, antes de entregá-las ao rei, ele mesmo provou um bom gole. Os reis aquemênidas eram muito cautelosos com tudo o que bebiam. Quando Artemísia visitara Amestris no palácio de Susa, no pátio haviam lhe mostrado uma grande pedra plana coberta de manchas de sangue. O criado que a guiava lhe explicara que quando alguém cometia um envenenamento na corte, ou quando se suspeitava que havia tentado, faziam-no colocar a cabeça ali, apoiavam em cima outra grande laje e sobre esta iam colocando pedras menores, até que os ossos da cabeça não resistiam mais ao peso e ela estourava como um melão maduro.

O eunuco entregou a taça a Xerxes. A seguir, ofereceu outra a Artemísia, um precioso rício de ouro que representava um grifo de bico curvo e olhos de rubi, colado a um vaso em forma de sino. Após admirar a peça, Artemísia provou o vinho. Era muito doce, quase mosto, e cheirava um pouco à canela, mas ela gostou.

Xerxes fez outro gesto para os eunucos, que abandonaram a alcova. Artemísia ficou surpresa. Ao que parecia, era indiscreto que os criados escutassem a conversa, mas não que contemplassem as nádegas nuas de seu rei enquanto ele

as apertava para investir entre as coxas de uma mulher. Aquele pensamento quase a fez soltar uma gargalhada, mas se conteve; Conforme a haviam instruído, uma das coisas proibidas pelo protocolo áulico era rir diante do Grande Rei, assim como espirrar.

— Reservo este vinho para meus amigos — disse Xerxes quando ficaram a sós. Usou o termo persa *bandaka*, que indicava um laço de amizade e vassalagem ao mesmo tempo. Artemísia compreendeu o que suas palavras implicavam.

— É uma honra para mim, majestade — disse. — Eu te servirei com meu braço e com meu coração.

— Em breve cruzarei o mar para subjugar a Grécia. Os templos de Atenas arderão e as afrontas serão vingadas. Quando chegar o momento, virás comigo. Farás o que te pedir?

Artemísia ficou tão atarantada ao ouvir essas palavras que teve de levar a taça à boca para esconder seus lábios e seu olhar. Havia se passado mais de seis anos, mas recordou umas palavras quase iguais pronunciadas por trás de uma máscara de ouro.

“Quando chegar o momento, farás algo por mim. Correrás perigo, mas a recompensa será grande, Artemísia. Muito grande. Farás o que eu te pedir?”

Sim, a voz era a mesma, mas agora não soava amortecida pela máscara. A estatura e o porte eram correspondentes, e também o tom inconfundível de quem havia nascido no seio de uma família infinitamente mais poderosa que a de Artemísia e estava acostumado a que, sem precisar dar ordens, cada uma de suas frases se transformasse em um feito cumprido.

Teria repetido aquelas palavras de propósito, para revelar a Artemísia quem era, ou lhe haviam escapado acidentalmente? Xerxes queria que ela conhecesse a identidade de Patikara, ou não? Artemísia intuiu que jamais falaria disso, e que se o mencionasse a alguém, sua vida valeria menos que qualquer uma daquelas borlas púrpura que adornavam os almofadões do leito.

— Farei, senhor — disse afastando a taça e olhando para o rei.

Ele esvaziou seu rício de um gole só e o deixou cair ao lado da cama, no tapete. Artemísia compreendeu que devia fazer o mesmo. A seguir, Xerxes afastou o lençol de seda e puxou Artemísia até sentá-la em seu colo. Seu membro estava pronto para o ataque novamente. Ou talvez fosse “ainda”. O rei havia se afastado sem derramar sua semente, como se por ora houvesse se conformado com o orgasmo de Artemísia.

Mas já não parecia lhe bastar. Quando se deu conta, já estava dentro dela outra vez. Agora estavam de frente, os rostos um pouco separados, mas Xerxes tinha braços tão compridos que sem precisar se colar mais a ela podia segurá-la pelos glúteos. Começou a movimentá-la em um suave vaivém, e, para sua surpresa, perguntou:

— São velozes teus barcos, Artemísia?

Ela não acostumava falar em tais circunstâncias, mas tudo o que estava acontecendo naquela noite era tão extravagante e onírico... como uma alucinação contemplada através das brumas da ilha dos sonhos. Já nada a surpreendia.

— Oh, sim, meu senhor. Principalmente minha nau capitânia. O *Calisto* é uma trirreme com mais... — Artemísia hesitou, buscando em sua memória a palavra persa para “comprimento de roda a roda”, e ao não a encontrar decidiu simplificar. — É mais comprida que outros navios gregos, e tem duzentos e vinte remadores.

— Sou um nórdico e um aquemênida, um homem do planalto mais acostumado a cavalgar pela estepe que a singrar as ondas. Fala-me da guerra no mar.

Artemísia fez o que pôde para se explicar. Ou ela ignorava os termos iranianos para a maioria dos objetos e táticas relacionados aos barcos, ou simplesmente não existiam. A segunda opção não teria sido estranha, posto que, como Xerxes acabava de reconhecer, os persas eram homens de terra firme. Teve de utilizar muitas palavras gregas, e comprovou que ele conhecia melhor essa língua do que aparentava.

Falou da manobra do *periplous*, na qual uma frota mais numerosa flanqueava a outra como se fosse um exército de infantaria e usava sua superioridade para derrotá-la. Também do *diekplous*, uma especialidade dos fenícios, que se lançavam em coluna contra a esquadra inimiga para atravessá-la, semear a desordem nela e depois atacá-la ao mesmo tempo pela popa e pela proa. Também lhe disse que havia duas formas básicas de combater no mar. Uma, a mais tradicional, consistia em se aproximar do barco inimigo, jogar ganchos, atracar-se acostado a ele e a seguir pular na coberta e lutar como se fosse uma batalha campal. A outra, que exigia mais habilidade marítima, baseava-se em investir de frente contra o flanco ou a popa do adversário, cravar-lhe o esporão de bronze de proa para abrir em seu casco um caminho de água e depois remar para trás a fim de se retirar. Desse modo, a trirreme inimiga ficava inutilizada, e embora não chegasse a afundar, porque normalmente era construída de madeiras leves de abeto ou de cedro, seus porões inundavam e os tripulantes e remadores que não se afogavam ficavam flutuando agarrados aos destroços e à mercê das lanças e flechas dos atacantes.

Enquanto Artemísia lhe explicava tudo isso, Xerxes continuava movimentando-a sobre suas coxas. Seus dedos percorriam as costas, os ombros e as nádegas dela, às vezes acariciando e às vezes cravando-se em seus músculos com força e provocando uma dor que era ao mesmo tempo prazerosa. De novo pensou em Zeus, e imaginou que o rei dos deuses havia descido do Olimpo para dar prazer a ela, uma simples mulher. Para os mortais, isso nunca saía de graça.

Que revés o destino lhe reservaria? Mas era difícil pensar nisso nesse momento.

Artemísia sentia uma curiosidade específica, mas sabia que não se podiam fazer perguntas diretas a uma pessoa tão entronizada como Xerxes. Em um momento em que ele não olhava para ela porque estava beijando seus seios — era a primeira vez que seus lábios tocavam a pele de Artemísia, e sua barba fazia cócegas na barriga dela —, aproveitou para pensar na forma de abordar a questão.

— Meu senhor, há algo que tua *bandaka* deveria saber para servir-te melhor em tua gloriosa campanha — disse por fim.

Ele afastou a boca de seus mamilos.

— Fala.

— Meu senhor, a Grécia é um país pobre desde que temos lembrança. É tão mísero que seus filhos tiveram de abandonar o país a cada poucas gerações e se estabelecer em outras terras, como fizeram os dórios que fundaram Halicarnasso. E a terra ateniense é a mais áspera e seca de todas. A única coisa que se pode tirar dali que valha a pena é seu azeite de oliva.

Xerxes dobrou um pouco os joelhos. Ao fazer isso, o corpo de Artemísia subiu, e a penetração foi ainda mais profunda. Ela gemeu, um pouco de dor e um pouco de prazer, dessa vez sem se conter, e apertou os pétreos ombros do rei. Que os deuses a perdoassem pelo sacrilégio de tocar o soberano do mundo, mas tinha de fazer isso.

— Não ambiciono as riquezas da Grécia — respondeu Xerxes olhando para o lado como se buscasse entre as sombras dos cantos seus verdadeiros motivos. — Sei que é pobre, salvo esse oráculo que têm nas montanhas. Recorda-me seu nome, Artemísia.

— Delfos, meu senhor.

— Em Delfos há tesouros que o rei Cresos enviou ao oráculo antes de entrar em guerra contra meu avô Ciro. Essas riquezas pertencem à Lídia, e a Lídia pertence a mim, de modo que as recuperarei. Mas não é isso que busco.

Xerxes fez uma pausa, e Artemísia compreendeu que agora sim lhe era permitido perguntar, mesmo que fosse só para pontuar o ritmo das palavras do rei, como uma *citarista*.

— E que é que buscas, meu senhor?

— Os gregos derrotaram Dátis, e Dátis tinha com ele tropas excelentes. São bons inimigos. Melhores que os sacas de além do Danúbio. Eles fugiam diante de meu pai, queimavam a terra e se negavam a combater de forma honorável. Porém, os gregos aceitam travar batalhas decisivas em campo aberto. Por isso, darão lustre a meu império quando eu gravar meus próprios relevos na rocha de Bagastana, a morada dos deuses, ao lado dos de Dario.

O olhar de Xerxes se ofuscou, sonhador. Artemísia compreendeu quão importante era para aquele homem ainda jovem, mas que começava a se

aproximar dos quarenta anos, superar as conquistas dos reis anteriores.

— Nessa rocha — prosseguiu —, entalharei os caudilhos dos gregos desfilaro diante de mim amarrados pelo pescoço por uma longa corda. O rei dos espartanos, que se vangloria de ser o primeiro dentre eles, estará deitado no chão. Usarei seu peito como banquinho para meus pés, enquanto o alado Ahuramazda me oferecerá o anel do mundo.

Os espartanos não têm um rei, mas sim dois, pensou Artemísia. Mas, evidentemente, absteve-se de falar.

A visão daqueles relevos que Xerxes pretendia esculpir em sua própria honra devia tê-lo excitado mais. Até então havia se contido, mas apertou o traseiro e as coxas de Artemísia e começou a movê-la sobre sua virilha com mais brio. Ela era uma mulher forte, capaz de derrubar muitos homens na areia da palestra, mas nos braços do rei se sentia leve e frágil como uma pena.

De alguma maneira, remexeram-se e ele acabou em cima dela de novo. Ambos suavam, apesar de não fazer calor, e dessa vez Artemísia notou que ele havia chegado até o fim. Agora que o corpo de Xerxes estava relaxado, quase desarticulado, seu peso começava a sufocar Artemísia. Mas não se atreveu a se mexer.

— Meu senhor...

Artemísia virou o pescoço e olhou para cima. O eunuco de Xerxes havia entrado novamente na alcova, ela não sabia quando.

— Dize, Mitradates — disse Xerxes, sem parecer se incomodar com a intromissão de seu criado.

O eunuco escondeu as mãos nas mangas e abaixou a cabeça. Xerxes por fim se afastou de Artemísia e se sentou na cama. Mitradates pegou uma taça nova na bandeja, encheu-a, dessa vez de uma jarra de prata que continha água, e após prová-la ofereceu-a ao rei. Enquanto Xerxes saciava sua sede, o eunuco cochichou algo em seu ouvido. Ficou um tempo falando, em voz tão baixa que a única palavra que Artemísia captou foi *Mardoniya*. No meio do recado, o rei começou a olhar fixamente para Artemísia. Ela tornou a se cobrir com uma almofada, sentindo-se indefesa. Que havia feito sem saber?

Por fim, Xerxes assentiu. Mitradates se endireitou e, voltando-se para Artemísia, perguntou:

— Conheces Temístocles, o ateniense?

Não podia dizer mais que a verdade.

— Sim, conheço. Por quê?

— Não és tu quem deve fazer perguntas, mulher — interrompeu-a o eunuco.

— Ela é minha *bandaka*, Mitradates.

Xerxes não havia levantado a voz, mas seu criado abaixou a cabeça como se lhe houvessem dado um pescoção, fechou os olhos e ficou em silêncio. Passado um tempo, Mitradates tornou a levantar o queixo e disse:

— Nobre Artemísia, eu te rogo que me acompanhes.

Temístocles estava em um saguão anexo ao pátio dos jardins. Levaram-no até ali praticamente arrastado e se mantinha em pé só porque dois soldados o seguravam pelas axilas. Seus olhos estavam fechados, seu semblante cinza e sua barba pegajosa do sangue que pingara de seus próprios lábios. Pelas marcas que se viam neles, ele mesmo os havia mordido. Mas o pior eram suas mãos. Seus dedos, os mesmos que haviam acariciado Artemísia sob a lua de Maratona, pendiam moles como marionetes abandonadas por seu dono. Suas unhas estavam negras como se houvessem sido pintadas com carbono. Logo notou que não era tinta, mas sim a cor do sangue na carne viva. Não tinha unhas. Todas haviam sido arrancadas pela raiz. Artemísia cobriu a boca e sufocou um gemido de horror.

— Este homem é um espião — disse Mardônio. Artemísia o conhecia fazia anos, pois ele havia passado por Halicarnasso com a frota que pretendia invadir o norte da Grécia. — Segundo nos informaram, trata-se de Temístocles, um homem poderoso em Atenas. Mas ele insiste em afirmar que é cário e que se chama Pisíndalis, e nos disse que tu poderias testemunhar a seu favor. Ele diz a verdade ou mente?

De repente, Artemísia hesitou. Aproximou-se do prisioneiro e levantou seu queixo. Sua barba estava mais comprida e densa, assim como o cabelo, e a dor havia deformado seus traços. Mas, quando abriu as pálpebras e sorriu sem forças para ela, já não teve dúvida alguma. Eram os olhos de Temístocles.

Artemísia rapidamente inventou sua própria mentira, uma que não a compromettesse muito e ao mesmo tempo pudesse ajudar Temístocles.

— Ele não vos enganou.

— Não? — Mardônio ergueu uma sobrancelha, cético.

— Não totalmente, ao menos. Tu tens razão no que dizes, nobre Mardônio, este homem é Temístocles, filho de Néocles o ateniense. Mas também é filho de minha tia Euterpe, e, portanto cário de Halicarnasso.

— E o nome que diz ter?

— Em minha família, muitos homens recebem dois nomes, um grego e outro cário — Pisíndalis é um nome muito típico entre os meus. De fato — acrescentou olhando fixamente nos olhos de Temístocles —, meu filho, que tem cinco anos e meio, se chama assim.

Apesar da dor, as pupilas de Temístocles dançaram um instante calculando datas, e ergueu as sobrancelhas em um gesto de interrogação. Artemísia assentiu com o queixo de forma quase imperceptível.

— Quem é este homem, então?

Artemísia se voltou, sobressaltada. Xerxes havia surgido atrás dela acompanhado pelos dois eunucos e por quatro guardas que não se sabia de onde haviam saído. O rei vestia de novo seu cafetã e suas calças púrpuras, e cobria a

cabeça com uma mitra azul.

Os guardas que seguravam Temístocles o obrigaram a se ajoelhar, e um deles o agarrou pelo cabelo e o fez beijar o chão diante dos pés de Xerxes. No estado em que se encontrava não devia ter representado um grande esforço subjugá-lo.

Tu me disseste que jamais te ajoelharias diante de ninguém, e eu te respondi que certas coisas nunca se podem garantir. Vês como eu tinha razão, primo?, pensou Artemísia com tristeza.

— Temístocles, o ateniense, meu senhor — respondeu Mardônio. — Em sua cidade é um homem importante que dirige tropas e incita a chusma contra tua legítima soberania.

Com um gesto, Xerxes indicou que o endireitassem. Mas Temístocles ainda encontrou um pouco de forças em seu corpo para levantar primeiro uma perna e depois a outra e se endireitar sozinho. Artemísia pensou que havia dado o ateniense por derrotado antes do tempo. Talvez não se devesse medir um homem pelo modo como se ajoelhava, mas sim por como se levantava depois.

— Isso é verdade? — disse Xerxes. — Traduz a pergunta a ele, Artemísia.

— Não é necessário, meu senhor — respondeu ela. — Suspeito que ele saiba persa.

— Pois responde tu mesmo, ateniense. Isso é verdade?

Temístocles sustentou seu olhar e disse com voz rouca:

— Sim. Sou Temístocles, filho de Néocles, o ateniense, e Euterpe, a cária.

— Que faz alguém como tu espiando em vez de enviar seus criados? Isso não é próprio de um nobre. Ou também lavas e passas a roupa tu mesmo?

Mardônio e os soldados riram. Ao que parecia, achavam muito engraçado o comentário de seu rei. Mas Temístocles respondeu:

— O brasão de meu escudo é um dragão negro com asas.

Artemísia não compreendeu aquela absurda resposta e a atribuiu a um delírio causado pela dor. Mas os olhos de Xerxes se abriram um instante, o que para quem controlava tanto sua voz e seus gestos equivalia quase a um gesto de estupor. Algo o havia surpreendido nas palavras do ateniense.

Mas ela compreendeu de repente. Temístocles havia necessitado ainda menos que ela para descobrir que Xerxes era o guerreiro da máscara de ouro. Os dois homens se conheciam. Que contato podia haver existido entre ambos, além da reunião entre as delegações persa e ateniense antes da batalha? Naquela breve reunião, nenhum dos dois havia pronunciado uma palavra.

Coisa diferente era o que poderia ter ocorrido entre eles no campo de batalha.

Artemísia pensou que Temístocles havia acabado de condenar a si mesmo ao insinuar ao rei que conhecia seu segredo. Mas Xerxes a surpreendeu.

— Mardônio — disse o rei —, este não é um homem que se deva torturar como um escravo vulgar. Desagrada-me ver o que fizestes com suas mãos.

O general abaixou a cabeça, e sua barba vermelha e dura se dobrou sobre o

peito de sua casaca com um estalo.

— Meu senhor, lamento meu erro. — Era evidente que não lamentava em absoluto, mas acatava a reprimenda de Xerxes por disciplina. — Será feito todo o possível para que este homem se restabeleça.

— Não é necessário torturar os espíões, meu bom Mardônio. Isso faz quem tem algo a esconder, não nós. O que queremos não é esconder nosso poder, mas sim que todos o apregoem pelas sete regiões para que compreendam que não têm mais remédio que se submeter a ele.

— Sim, meu senhor.

Os soldados haviam soltado Temístocles. Artemisia temeu que ele desabasse, mas seu primo conseguiu se aguentar em pé, com os braços caídos e as mãos coladas às coxas. Não queria nem pensar na dor que devia estar sofrendo. Só de imaginar, sentia vontade de gritar e de morder seus próprios dedos.

— Olha para mim e escuta, ateniense — disse Xerxes.

— Sim — respondeu ele, e após hesitar alguns segundos, acrescentou: — Meu senhor.

— Quando meus médicos curarem tuas mãos, eu te darei uma escolta para que retornes a tua cidade. Lá poderás falar com os atenienses e dizer-lhes que devem estar preparados. Quando chegar esta primavera, contai mais três anos. Então, quando a andorinha anunciar a quarta primavera, preparai-vos para ver Xerxes em Atenas acompanhado dos filhos dos persas.

— Nesse caso, senhor, permite que eu volte o quanto antes a Atenas, mesmo que minhas mãos não estejam curadas, para que possamos fazer preparativos dignos de tua grandeza.

Dito de outra maneira poderia ter parecido arrogância ou insolência, mas Temístocles imitava muito bem o sotaque enfático do rei. O persa, com sua potente sonoridade, suas sílabas abertas e semeadas de “as” e rotundos “emes”, era ainda mais apropriado que o grego para o tom solene e épico. Xerxes assentiu, aparentemente satisfeito com as palavras do ateniense.

— Quando chegar o momento, meus enviados voltarão à Grécia para vos pedir a água e a terra. Dessa vez, não ousareis cometer nenhuma impiedade com eles.

— Não, meu senhor.

— Mas Ahuramazda fará que vosso coração se endureça e repudiareis a sujeição a minha autoridade.

Ele estava sugerindo o que queria ou simplesmente descrevendo o que ia acontecer? Artemisia continuava atônita. Era como se escutasse o oráculo de Dídima falar pela boca de Xerxes.

— Será como tu dizes, meu senhor — disse Temístocles, que ao responder assim estava obedecendo à vontade de Xerxes e ao mesmo tempo se opondo a ela.

— Deve haver um único senhor sob o sol de Ahuramazda. Deve reinar a harmonia nas sete regiões até que chegue o dia da Separação. Mas, antes de se alcançar a paz aquemênida, há de se travar uma grande guerra, a maior que o mundo já terá visto, para que os valentes provem nela sua valia.

A maior guerra que o mundo terá visto.

Artemísia compreendia agora o que Patikara havia feito em Maratona, e também o que pretendia fazer na Grécia. Aquele homem alto e forte e de barba longa não era mais que um menino em cujas mãos havia recaído um grande poder. Uma criança grande que, como o filho dela própria, Pisíndalis, brincava com incontáveis soldadinhos de madeira e os sacrificava em uma batalha que na realidade não travava contra os gregos, mas sim contra a sombra gigantesca de seu pai.

Um menino, mas também um deus. Poderoso, nobre e caprichoso ao mesmo tempo, como Zeus.

— Levai o ateniense daqui e cuidai bem dele. Não o priveis de nada do que queira saber. Quanto mais nossos inimigos conhecerem de nós, mais nos temerão — disse Xerxes, e escondeu as mãos nas mangas de seu cafetã indicando que dava por encerrada aquela improvisada audiência.

Os soldados tornaram a segurar Temístocles pelos cotovelos. Um ricto se formou em seu rosto e ele mordeu os lábios. Artemísia pensou que devia bastar que tocassem qualquer parte de seus braços para que a dor das unhas arrancadas subisse até sua nuca e o fizesse berrar. Os olhos de Temístocles estavam secos, mas os de Artemísia se encheram de lágrimas por ele.

Antes que o levassem, seu primo fez um último esforço.

— Meu senhor, eu te prometo que Atenas estará preparada para oferecer a guerra que tu queres e mereces. Eu mesmo me encarregarei disso... e tornarei a deter-te.

— Insolente! — exclamou Mardônio. — Ninguém nunca deteve meu senhor.

Xerxes fez um gesto para que levassem o ateniense de uma vez, como se não desse importância a suas palavras. Mas Artemísia notou, por uma leve expressão de seus olhos, que o que Temístocles havia dito significava para ele algo muito concreto e pessoal. Estava cada vez mais convicta de que algo havia acontecido entre os dois durante a batalha de Maratona, mas suspeitava que nunca chegaria a saber.

Quando os soldados arrastaram Temístocles para fora daquele átrio, Artemísia viu que suas costas estavam marcadas por profundos vergões vermelhos, e se surpreendeu ainda mais por ele não ter desabado diante de Xerxes. Pensou que havia acabado de se deitar com um deus entre os mortais, um guerreiro de porte imponente, um rei que governava a vida de milhões de súditos. Mas dos dois homens que haviam se enfrentado ali essa noite, não tinha dúvidas de qual era o maior.

BABILÔNIA, 26 DE JANEIRO

Apesar de seu empenho em sair da Babilônia o quanto antes, Temístocles teve de ficar de cama vários dias, alojado em uns aposentos contíguos ao primeiro pátio do palácio real. Um dos médicos da família imperial, o grego Xenófanes, estava curando as feridas de suas costas e de seus dedos. Era filho do célebre Demócetes de Crotona, que havia servido a Dario durante muitos anos e salvado a vida da mãe de Xerxes.

Enquanto Temístocles convalescia, Sicino recebeu ordem de se apresentar perante Mardônio. Os soldados que lhe entregaram a citação o guiaram pela periferia da cidade, até uma esplanada junto ao Eufrates, que servia de pasto e de campo de treinamento para os cavaleiros. Mardônio e outros nobres do exército estavam treinando tiro com arco. Havia cravado no chão três alvos seguidos, cada um menor que o anterior. O primeiro tinha quase o tamanho de um homem, o segundo era como um escudo grego e o terceiro não media mais que uma cabeça. Cada participante do jogo passava cavalgando pela frente deles e tinha de atirar em movimento e acertar os três. Eram bons cavaleiros e grandes arqueiros, e no começo todos conseguiam cravar suas flechas nos alvos. Mas, depois, tinham de avivar o ritmo, seguindo o compasso marcado pelos outros estimulando-os ao grito de *ió, ió, ió, ió* e batendo palmas cada vez mais rápido. Conforme os cavalos aceleravam, mal tinham tempo de tirar a flecha da aljava e apontar, de modo que acabavam atirando para qualquer lado menos nos alvos, e erravam. Quem errava era eliminado e se juntava ao alegre coro que marcava o ritmo dos sobreviventes no jogo.

No final, só restavam Mardônio e outro nobre que Sicino não conhecia.

— É Aquêmenes, irmão de Xerxes — disse um dos soldados que o haviam levado até ali.

Sicino continuou desfrutando o espetáculo. Aquele era um esporte nobre de verdade, não como aqueles que os gregos praticavam se despindo, untando o corpo de óleo e rolando no pó feito porcos. E isso quando não corriam com as vergonhas quicando para cima e para baixo.

Sicino estava satisfeito porque tornava a se vestir como um homem. Usava botas de pele, calças bem justas nas pernas e uma longa casaca azul com mangas, e ficava feliz de ver que os outros o contemplavam com admiração em razão de sua estatura e de seus enormes ombros.

No final, o irmão de Xerxes ganhou, e Mardônio e ele se abraçaram gargalhando. Havia sido uma grande exibição, e todos aplaudiram. Sicino os invejou um pouco. Havia aprendido a atirar com arco e a montar a cavalo desde menino, como qualquer persa que se prezasse, mas não se saía muito bem. Era difícil encontrar um corcel robusto o bastante para acomodar bem seus cento e vinte quilos, e os que encontrava costumavam ser ineptos e lentos. Quanto ao

arco, não era tão ruim se o deixassem tomar seu tempo para carregar, retesar e apontar, mas no exército costumavam ser impacientes. Sempre havia se dado melhor com a lança, e não era ruim com a espada.

Após desmontar, Mardônio se aproximou dele enxugando o suor da calva com uma toalha. Embora Sicino sempre o houvesse julgado um homem muito severo, agora parecia de bom humor.

— Meus cumprimentos, senhor — disse Sicino fazendo uma profunda reverência e jogando um beijo com a mão para seu superior.

Mardônio o pegou pelo cotovelo e disse:

— Vem, Mitrane. Quero falar contigo.

Caminharam até a margem do rio, afastando-se das vozes, e, principalmente, dos ouvidos alheios. Pararam junto a um canal. Uma garça cinza olhou para eles um instante, mas, longe de se assustar com o arco que Mardônio levava ao ombro, dedicou-se a ajeitar a plumagem com a longa unha central de sua garra esquerda.

— Nosso senhor Xerxes é tão grande e nobre que não concebe a falsidade — disse Mardônio.

— Não entendo, senhor — disse Sicino.

— Porque contigo é igual. À tua maneira, claro. O que quero dizer é que nem todos os homens são devotos de Ahuramazda. Nem mesmo entre os persas, Mitrane. Ainda há quem insista em adorar deuses falsos, em idolatrar a mentira e em profanar a terra sepultando debaixo dela os corpos de seus mortos em vez de expô-los aos abutres como manda o profeta. Não conheces gente assim entre os nossos?

— Sim, senhor. Há muitos que mentem e que continuam acreditando nos *daevas*. Eu mesmo era assim há alguns anos. Mas então...

— Imagina o que se pode esperar desses traiçoeiros gregos, a quem a luz do Sábio Senhor nem sequer chegou a iluminar. Todos sabemos que são ainda mais mentirosos que os egípcios e até que os astutos fenícios. Nunca tramam nada de bom, só inventam falsidades, e ainda por cima, orgulham-se de suas mentiras.

Sicino assentiu. Temístocles costumava lhe falar de seu herói Ulisses, mas pelo que contava dele, não era mais que um velhaco e um pirata. Na opinião de Sicino, se esse sem-vergonha ficou dez anos vagando pelos mares foi a fim de não voltar para casa e para sua esposa.

Que coincidência, dez anos: os mesmos que ele passara cativo entre os gregos. *Quanto tempo*, pensou. Agora que estava longe de Atenas, não sentia nenhum desejo de voltar a ela. Salvo, talvez, para ver a pequena Nesi, que brincava de cavalinho em seus ombros e fingia que dali de cima podia ver Erétria, a cidade onde havia nascido. Bem, e talvez a mãe, Apolônia, que sorria muito para ele e falava devagar e com doçura. Não desejava ver a esposa de seu amo. A esta nunca havia suportado, porque soltava frases a toda velocidade e depois o

chamava de “bárbaro ignorante” por não entender o que ela dizia. Esses gregos pensavam que todo mundo tinha de nascer sabendo seu idioma, sendo que eles, salvo Temístocles, eram praticamente incapazes de aprender nenhum outro.

Não, não queria voltar a Atenas. Certo que, antes de partir, havia prometido a Temístocles voltar com ele. Mas não era sua culpa se agora alguém tão poderoso como Mardônio, que compartilhava a mesa com o Grande Rei e tinha o privilégio de beijá-lo nos lábios, o proibia de partir. Que poderia fazer?

Fantasiou voltar para sua casa, aparecer diante de seu pai e dizer: “Vês? Eu me tornei um homem de bem”.

Mas e se ele perguntasse: “De verdade? Foste fiel à tua palavra? Sempre fiel?”, o que lhe responderia, então? Falaria de Mitra, que havia aparecido para ele na mina antes de Temístocles o tirar dos escombros e lhe dissera: “Sê humilde e serve com retidão teu novo senhor”? Mitra não havia dito por quanto tempo devia fazê-lo. Era um serviço para a vida toda ou já se considerava concluído com esses dez anos?

Às vezes é muito difícil cumprir a palavra, pensou coçando a cicatriz do rosto, porque sua cabeça começava a doer.

— Mitranes, queres fechar a boca e me escutar! — disse Mardônio.

— Perdão, senhor. Estava pensando. Às vezes acontece.

O general apertou-lhe o ombro; teve de levantar o braço para isso.

— Se um raio me houvesse atingido, como a ti, eu também ficaria boquiaberto de vez em quando. Acabei de dizer que agora és um decurião da *Spada*, Mitranes.

— Obrigado, senhor! — disse Sicino ficando firme como se estivesse em formação. — É uma honra que não mereço!

— Merecerás isso e muito mais. Vou te pedir um grande sacrifício.

— Qualquer coisa, senhor.

— Vais voltar à Grécia.

Sicino baixou a cabeça. No mesmo momento em que respondia “qualquer coisa”, percebeu que havia se precipitado. Mas também não tinha opção. O que poderia responder ao general mais poderoso do império?

— Vou te explicar bem, Mitranes. Quero que continues ao lado de Temístocles como seu criado.

— Sim, senhor.

— Todos sabemos que não está na ordem desejada por Ahuramazda que um persa de nobre cepa sirva a um bárbaro grego, mas trata-se de uma missão. Uma missão, Sicino, entendes?

— Entendo, senhor.

— Em breve, nosso senhor Xerxes levará a guerra contra os gregos para castigar sua arrogância. Ele tem certeza de que os derrotará em nobre lide. Mas eu não confio nesses sujeitos traiçoeiros e mentirosos. Como bom soldado, debes

saber que nunca se deve menosprezar o inimigo, principalmente se conhece o terreno que pisa melhor que nós.

— Sim, senhor — respondeu Sicino, embora nunca houvesse pensado nisso. Deixava as táticas com seu amo.

— Temístocles é um homem inquisitivo e astuto, não é? Fala com liberdade, Mitranes. Embora seja grego, que pensas dele?

— É o homem mais inteligente que já conheci na vida, senhor. Recorda tudo e nunca dorme. Está sempre pensando, pensando, pensando — disse Sicino traçando círculos com o dedo sobre sua própria cicatriz. Depois, impulsivamente, acrescentou algo que seu amo lhe havia proibido de mencionar em Atenas: — Foi ele quem inventou a forma de nos derrotar em Maratona, não Milcíades.

— Ninguém nos derrotou em Maratona, Sicino. Dátis sofreu um pequeno revés por causa de sua inabilidade. — Mardônio esboçou um sorriso malicioso. — Revés do qual deve estar se lembrando na fortaleza do Oxus, para onde Dario o enviou. Dizem que os piolhos dali são os mais gordos e vorazes do mundo.

Sicino ouvira dizer que Mardônio odiava Dátis, e agora podia confirmar. Pelo que sabia, o rio Oxus ficava à margem das estepes selvagens, e não devia ser o melhor lugar do mundo para viver.

— Bem, Mitranes — prosseguiu Mardônio tomando-o pelo braço para levá-lo de volta ao prado, o que fez Sicino suspeitar que a conversa estava prestes a terminar. — Não vou te pedir que faças mal a Temístocles, porque isso não seria digno de ti. Serve-o com nobreza. Mas escuta tudo o que possas e presta bem atenção em tudo o que vires. Tu estás sempre ao lado dele, não é?

— Bem, senhor, não sempre. Quando vai para a cama com...

Mardônio cortou o ar com a mão e Sicino compreendeu que devia se calar.

— No momento certo, um momento que pode demorar anos, alguém irá até ti e te dirá: “Chegou a hora de caminhar pela ponte de Chinvat”.

Sicino estremeceu. Não gostava que utilizassem essa senha. Com certeza Mardônio não havia estado cara a cara com o juiz Mitra nessa ponte. Senão, não o mencionaria com tanta leviandade.

— Quando esse homem te procurar, tu lhe contarás tudo o que houveres escutado, tudo o que houveres visto, e responderás a suas perguntas. Entendeste, Mitranes?

— Sim, senhor. Farei o que me dizes. Quando crês que poderei voltar para casa?

Mardônio lhe deu um tapinha nas costas.

— Não te preocupes, Mitranes. Nós iremos te buscar. Tem paciência. O Rei dos Reis saberá te recompensar nesta vida, e o sábio senhor Ahuramazda na outra.

Sicino não tinha tanta certeza. A missão de que Mardônio o havia incumbido era muito complicada, e implicava ter de mentir, ou, no mínimo, calar a

verdade. Um seguidor do profeta não deveria pedir isso a outro, mas ele não era ninguém para contradizer Mardônio, filho de Gobrias e general do império.

PIREU, MAIO

Ao contemplar a baía de Falero, e, depois dela, a silhueta da cidade de Atenas, Temístocles se sentiu como devia ter se sentido Ulisses ao avistar as costas de Ítaca.

Mas uma mente tão organizada quanto a sua não podia deixar de notar as diferenças entre ambos. Ulisses havia sido levado pelos marinheiros feácios ⁶² à noite, adormecido, ao passo que ele chegava em um maravilhoso dia de primavera. Não haviam se passado dez anos desde que abandonara seu lar. A bem da verdade, havia sido menos de um ano de ausência. Mas, sem dúvida, nesse tempo havia percorrido uma distância ainda maior e vira mais povos que o astuto rei de Ítaca: lídios, mísiros, frígios, capadóciros, carducos, assírios, babilônios, judeus, nabateus, sírios, fenícios, cipriotas, cilicianos, pisídios. E, evidentemente, persas.

Ulisses havia deixado duas deusas no caminho, Circe e Calipso, para voltar à sua fiel Penélope. Temístocles havia deixado para trás alguém que, após compartilhar o leito imperial, podia se considerar também uma divindade: Artemísia, a mãe de um filho que não chegara a conhecer. Agora, voltava para junto de suas duas esposas, a legal e a extraoficial. Que panorama o aguardaria em seus dois lares?

Como Ulisses, Temístocles voltava com pouca bagagem e deixara coisas pelo caminho. O destruidor de Troia fora perdendo seus companheiros, uns devorados pelos canibais lestrigões, outros pelo cruel Polifemo ou a selvagem Cila, os últimos fulminados pelo raio de Zeus.

Mas pelo menos havia chegado fisicamente intacto a Ítaca. Temístocles olhou seus dedos, apoiados na borda. Suas unhas haviam começado a crescer, mas com curvas e estrias estranhas. Duas delas haviam se encravado e um médico do Chipre tivera de cortá-lo para curar as unheiras, renovando a tortura com sua lanceta. Seus dedos ainda doíam toda vez que apoiava as pontas sobre uma superfície dura ou apertava alguma coisa. Tinha de pegar tudo com extremo cuidado; não pudera remar, como teria sido seu desejo, para se manter em forma e se perguntava se um dia recuperaria toda a habilidade de suas mãos.

Mas a dor física não era nada comparada aos pesadelos. Para alguém que acordava umas cinco vezes por noite e recordava todos os seus sonhos, era um tormento ainda mais cruel voltar àquela cela em suas visões e sofrer repetidas vezes com aquele assustador verdugo sem orelhas nem nariz sorrindo para ele enquanto lhe arrancava as unhas com o alicate. E Temístocles, que sempre havia conseguido manter certo controle de seus sonhos e interrompê-los quando lhe convinha, não acordava agora enquanto o verdugo não lhe arrancava a última

unha. “E esta, é por vender os erétrios”, dizia.

Tudo por culpa de sua curiosidade insaciável. *A curiosidade destruiu Pandora*, pensou. *E, de quebra, toda a humanidade*. Mas Temístocles esperava que a sua resultasse em algum benefício para Atenas.

Sicino e ele não haviam voltado ao Mediterrâneo pelo Caminho Real; haviam tomado a rota das caravanas, atravessando o oásis de Palmira e os pedregais da Síria até chegar à cidade fenícia de Biblos, onde pegaram uma trirreme para o Chipre graças ao salvo-conduto imperial. Dalí seguiram a oeste margeando a sinuosa costa do sul da Ásia Menor. Esse litoral sempre havia sido um ninho de piratas, pois era cortado por promontórios e penhascos que ocultavam mil enseadas e bacias secretas. Mas agora a frota sob as ordens do rei estava limpando o mar, como podiam atestar os destroços que encontraram durante a travessia.

Isso fez Temístocles pensar no que havia visto, nas vantagens, nos refinamentos e na civilização do império. “A paz aquemênida”, dissera Xerxes. Tinha de reconhecer que era um conceito grandioso, admirável. Pena que para alcançar essa meta os gregos tivessem de sacrificar sua liberdade.

— Não! Isso não vai acontecer! — exclamou Temístocles cravando os dedos da mão direita na borda do barco.

A dor que subiu até seu ombro e sua nuca foi tão intensa que lhe recordou o que nunca devia esquecer. O que ele era. *Eléutheros*. Livre. Em nada inferior a ninguém, salvo aos deuses. Assim era como cidadão ateniense, e assim devia continuar sendo.

O barco virou para o norte, deixando Salamina a bombordo para entrar no porto do Cântaro. O dia estava muito claro. Devia ter chovido fazia pouco e haviam ficado no céu umas nuvens brancas e esponjosas, mas a água havia lavado o ar, e os perfis e cores da paisagem se desenhavam com a nitidez de um afresco recém-pintado. Dalí se podia distinguir o caminho que subia para Atenas e a silhueta das muralhas e dos edifícios. Se ainda tivesse seu dioptro, teria focalizado para ver mais de perto a cidade. Mas quando o detiveram, os homens da *Spada* haviam confiscado suas posses, e, embora outras lhe houvessem sido devolvidas, essa devia ter ido parar nas mãos de Mardônio ou do próprio Xerxes.

Eu tenho o sabre dele, pensou, mas aquilo não o consolou.

Não precisava do dioptro para distinguir a massa cinza da Acrópole. Ali, depois de derrubar o Hecatompodon, estavam erigindo um Partenon, um novo templo de mármore do Pentélico, uma oferenda para Atena em agradecimento pela vitória de Maratona. Quão melhor não teriam honrado a deusa construindo uma frota que enfrentasse a do Grande Rei! Temístocles continuava pensando que Atenas podia equipar até duzentas trirremes, talvez mais, se incorporasse os estrangeiros que viviam na cidade e no Pireu, e também os escravos.

E, ainda assim, continuaria sendo um número ridículo para enfrentar Xerxes. Como convencer os atenienses da ameaça, como descrever a magnitude do poder que havia conhecido sem que o tachassem de embusteiro? O que dizer a eles do exército que havia visto entrar desfilando na Babilônia? Cinquenta mil homens de infantaria, o dobro de Maratona, e dez mil de cavalaria. E Xerxes continuava recrutando.

Não se tratava só do número, mas sim de uma organização que os gregos não podiam compreender. A única coisa que faziam unidos era participar das Olimpíadas, e isso a cada quatro anos, atravessando trilhas de cabras para cruzar o Peloponeso. Porém, graças ao Caminho Real e às demais estradas da rede imperial, o poder aquemênida estendia seus tentáculos com facilidade por milhares de quilômetros. Essas extensões eram inconcebíveis para seus compatriotas; a maioria nunca na vida se afastara a mais de um dia de caminho do lugar onde havia nascido.

Voltou a pensar na quantidade de barcos que estavam sendo construídos para a campanha contra a Grécia. Em Biblos os vira de longe, pois os fenícios eram muito zelosos de seus segredos, mas calculou que havia pelo menos trinta navios prestes a sair dos estaleiros. Quantos não estariam sendo fabricados nos estaleiros de Tiro e Sídon, que eram maiores ainda? Os estaleiros do Chipre também não descansavam, e era de se supor que o mesmo ocorria com os do Egito, pois os dáricos do Grande Rei estavam inundando de ouro toda a costa leste do Mediterrâneo.

Enquanto seu barco passava o pontão que fechava o porto, a mente de Temístocles continuava fazendo planos e contas. Se Xerxes decidisse enviar duas frotas imperiais, cada uma com trezentos navios de guerra, os gregos teriam de contrapor outras seiscentas trirremes para lutar em igualdade de condições. Mas isso supunha equipá-las com mais de cento e vinte mil homens entre remadores, tripulantes e hoplitas de coberta. Conhecia os demais gregos. Jamais conseguiriam. No máximo, reuniriam metade, e isso incluindo cidades como Corinto, Cálcis ou Mégara. Os espartanos tinham mais alergia ao mar que os persas, e seria difícil contar com eles.

Já havia chegado a primeira primavera. Xerxes havia dito que em mais três estaria em Atenas. Parecia um prazo longo, mas Temístocles, que acabava de completar quarenta anos, sabia como o tempo voa quando se quer que pare. Por isso, não parava de pensar na guerra que se avizinhava. Seiscentos barcos era impossível, tinha de renunciar a essa ideia. Mas se pelo menos dispusesse de trezentos... Nesse caso, teria de atrair Xerxes para uma armadilha, buscar águas estreitas onde a superioridade numérica não contasse. *Sempre se deve proteger os flancos*, pensou recordando Maratona.

Que sentido tinha pensar em tudo isso? Não tinham dinheiro. Atenas possuía agora pouco mais de setenta navios, mas metade deles estava navegando havia

tantos anos que muitas peças tinham folga e outras estavam podres e perfuradas por conta do movimento. Não havia jeito de fazer os cascos secarem totalmente, e muitos navios de guerra estavam ficando lentos como gabarras. Para construir mais duzentas trirremes, precisaria de uma verba de outros tantos talentos. Isso representava mais de cinco toneladas de prata. As minas do Láurion não produziriam tanto nem em quinze anos.

Era tão fácil para Xerxes dispor de dinheiro... Que diferença entre as riquezas que havia visto no Império Persa e a modéstia de Atenas, onde uma simples taça de prata era um objeto que passava de pais para filhos com veneração. E, além de tudo, havia a questão da autoridade, dessa vontade única que movia tudo e mexia os fiozinhos. Quando Xerxes levantava um dedo em Susa, seus homens começavam a trabalhar em Sardes, em Tiro ou em Mênfis sem chiar.

Não caias na armadilha. Isso é tirania. Clístenes não te nomeou herdeiro de seu legado para que o pusesse a perder. Terás de fazer o milagre de convencer os atenienses.

Um milagre. Isso era o que necessitava se sua cidade tivesse de sobreviver ao sonho megalomaniaco de Xerxes.

Ao desembarcar, a primeira coisa que ele e Sicino fizeram foi visitar a mesa onde Xenocles continuava atuando como banqueiro. O judeu lhe deu um abraço e disse que se alegrava muito por vê-lo de volta. Temístocles estudou seus gestos e o tom de sua voz com atenção. Suas efusões pareciam sinceras. Talvez fosse inocente da traição que seu primo Issacar e Ésquines lhe haviam preparado. Afinal de contas, com a morte de Temístocles poderia ter ganhado algum dinheiro, mas não herdaria seu negócio. Tinha mais dinheiro no nome de Grilo que de Xenocles, e tesouros consagrados em outros lugares, como Delfos, a que só membros de sua família podiam ter acesso.

Descartou a ideia. Xenocles não o havia traído. O judeu parecia estar com um humor excelente.

— Temos boas notícias. Disse boas? Magníficas! Pouco depois de partires, descobriu-se um novo veio de prata nas minas de Maroneia. Já deu mais de cinquenta talentos, e ainda sairá muito mais.

Não era estranho que o banqueiro estivesse satisfeito, pois tinha justamente um contrato de arrendatário em Maroneia, um dos distritos do Láurion. Temístocles também poderia ter ganhado uma boa soma, mas havia vendido suas participações após o desabamento do qual só Sicino se salvou.

— Depois de amanhã, a assembleia vai se reunir para aprovar um decreto de Epíclides — continuou Xenocles.

— O que ele tem em mente? — perguntou Temístocles erguendo uma sobrancelha. Epíclides era uma de suas marionetes na assembleia, um operador de pisão que havia progredido na política por seguir suas instruções. Ao que parecia, agora pretendia ter iniciativa própria. *Quando o gato sai, os ratos fazem a*

feita, pensou Temístocles.

— Vai propor que todos os cidadãos dividam o dinheiro que cabe ao erário público, à razão de dez dracmas por cabeça ao ano.

— Isso é uma miséria.

— Para ti pode ser, Temístocles, mas para muitos cidadãos da quarta classe equivale ao salário de quinze ou vinte dias. Portanto, imagina como ficarão satisfeitos.

— Continua sendo uma miséria. É preciso ter visão curta para propor algo assim. Já vou dizer algumas palavras a Epícles.

De repente, o ábaco da cabeça de Temístocles começou a funcionar. Aquilo era um sinal dos deuses, o milagre que estava pedindo um momento antes, quando o barco entrava no Pireu. Ali, nesses novos veios do Láurion estava sua frota. Mas, como persuadir os atenienses, cidadãos humildes que só comiam carne quando havia sacrifícios, que comiam mais pão preto que branco e estreadavam um manto novo a cada cinco anos, a renunciar a essas moedas de prata de tanta liquidez? E, ainda por cima, a que fizessem isso diante da ameaça de um rei que julgavam derrotado e que morava a mais de três meses de viagem de Atenas.

Torna livres todos os atenienses e os tornarás invencíveis, dissera-lhe Clístenes antes de morrer.

Mas se quisesse torná-los livres e evitar que caíssem na escravidão do Grande Rei, antes teria de manipulá-los. Felizmente, ele não era seguidor de Ahuramazda como Sicino, porque teria de mentir bastante.

O DECRETO NAVAL DE TEMÍSTOCLES

(...) Outro conselho de Temístocles havia prevalecido antes. Os atenienses, ao ver que o tesouro público dispunha de uma grande quantidade de dinheiro procedente das minas do Láurion, estavam prestes a dividi-lo à razão de dez dracmas para cada cidadão. Mas Temístocles os convenceu a renunciar a essa distribuição e, com o dinheiro, construir duzentos navios para a guerra que enfrentavam então contra a ilha de Egina.

Heródoto, *Histórias*, VII, 144

Embora existisse o costume de dividir entre todos os atenienses as receitas das minas de prata do Láurion, atreveu-se a dirigir-se sozinho ao povo para lhe dizer que não havia mais remédio que esquecer a distribuição e, com esse dinheiro, equipar trirremes para a guerra contra os eginetas. Naquele tempo, esse conflito era o mais virulento dos que havia na Grécia. Os eginetas, graças ao grande número de navios que possuíam, eram donos do mar.

Desta forma foi mais fácil a Temístocles persuadir os atenienses. Para fazer seus preparativos, em vez de utilizar o argumento do Grande Rei ou dos persas — estando tão longe, não temiam que fossem voltar—, manipulou de forma

*oportuna a irritação e a inimizade que os cidadãos sentiam pelos eginetas (...)
Em pouco tempo, convenceu e forçou a cidade a se voltar para o mar com o
argumento de que, se a pé não eram capazes de enfrentar sequer os vizinhos,
com a força que iam obter graças aos barcos poderiam se defender dos
bárbaros e conseguir a hegemonia da Grécia.*

Plutarco, *Vida de Temistocles*, IV

PREPARATIVOS DE XERXES

*Xerxes começou a ordenar que fossem construídos barcos em todas as terras
costeiras que estavam submetidas a ele: Egito, Fenícia, Chipre, Cilícia,
Panfília e Pisídia, e além destas também Lícia, Cária, Mísia, Tróade, as cidades
do Helesponto, Bitínia e Ponto. Nos três anos que duraram seus preparativos,
conseguiu aprontar mais de mil e duzentas naus. Nisso teve ajuda de seu pai,
Dario, que antes de sua morte havia feito grandes preparativos; pois Dario,
após a derrota das tropas de Dátis em Maratona, estava furioso com os
atenienses que o haviam vencido. Mas a morte havia interrompido seus planos.*

*Quando tudo ficou pronto para a campanha, Xerxes ordenou a seus
almirantes que reunissem a frota em Cime e em Focea, e ele mesmo, após
reunir todas as forças de infantaria e cavalaria de suas satrapias, partiu de
Susa. Quando chegou a Sardes, enviou heraldos à Grécia com a ordem de
percorrer todas as cidades e exigir dos gregos que lhe oferecessem água e
terra. Mais tarde, após dividir seu exército, enviou em vanguarda o número de
homens suficientes para construir uma ponte sobre o Helesponto e escavar um
canal no sopé do monte Athos. Pretendia com isso não só que a passagem de
suas tropas fosse menos longa e mais segura, mas também aterrorizar os
gregos com a incrível magnitude de seus preparativos.*

Diodoro Siculo, *Biblioteca histórica*, XI, 2

59 Nove deusas, filhas de Zeus (pai dos deuses e dos homens) e Mnemósine (personificação da memória), representavam as artes liberais na mitologia grega. (N. da T.)

60 Deus do céu, marido de Gaia, deusa da Terra. (N. da T.)

61 Sêmele era humana. Foi mãe de Dionísio, deus do vinho, e morreu carbonizada em consequência da represália de Hera, protetora dos amores legítimos, pelo relacionamento da humana com Zeus, deus dos deuses. (N. da T.)

62 Povo mitológico da antiga Grécia. É personagem da *Odisseia*, de Homero. (N. da T.)

SEGUNDO ATO

A INVASÃO

ATENAS, 29 DE JULHO DE 480 a.C.

O dia em que Címon completava trinta anos começou com uma agradável surpresa. Ainda estava dormido quando notou que algo quente e suave entrava sob os lençóis de sua cama. Ao reconhecer a pele nua de Elpinice sobre a sua, fingiu dormir. Ela beijou suavemente seu rosto e suas pálpebras e fungou em seu pescoço. Depois, montou-o e passou a acariciar-lhe o peito e o ventre com as pontas de seus longos cabelos negros. De tão deliciosas, as cócegas eram quase insuportáveis, e Címon teve de fazer um esforço para não abrir os olhos e renunciar à brincadeira de fingir estar dormindo. Ela continuou descendo e seus cabelos roçaram a virilha e as coxas dele. A seguir, para sua surpresa, Elpinice tomou seu membro na boca e passou a fazer diabruras com os lábios e a língua, coisa a que jamais havia se atrevido antes. Quando Címon segurou a cabeça dela para que parasse, pois queria possuí-la de uma vez, ela afastou as mãos dele e continuou lambendo e beijando até que ele não pôde aguentar mais.

— Feliz aniversário — disse então, apoiando o queixo no peito dele.

Estavam quase às escuras. A alcova não tinha janelas e Elpinice havia fechado a porta ao entrar. A única luz provinha de uma lamparina a óleo. Sob seu tênue resplendor, Címon estudou as sombras e os perfis do rosto que adorava e que às vezes odiava. Olhou-se naqueles olhos verdes, tão rasgados que pareciam pérfidos até mesmo quando não pretendiam, e acariciou com o polegar os carnudos lábios que haviam se atrevido a despuddores impróprios a uma dama ateniense. Elpinice tinha vinte e três anos, seis a menos que ele, mas sua pele era tão branca e lisa que parecia mais jovem.

Corrigiu-se. Não eram seis anos menos. A partir desse dia, eram sete.

— Gostaste?

— Onde aprendeste isso? — perguntou Címon meio escandalizado.

Elpinice nunca deixava de surpreendê-lo.

— Dizem que é uma especialidade das mulheres lesbianas. Hoje queria dar prazer só a ti.

— Muito bem, mas agora é minha vez de retribuir — disse Címon aventurando uma mão entre as coxas dela.

Elpinice segurou seu punho e o deteve. Para uma mulher, tinha bastante força. Devia tê-la herdado de seu pai.

— Oh, oh. Não é um bom dia para isso. Hoje não.

Címon compreendeu. Ela estava naqueles dias do mês em que o desejo lhe causava mais dor que prazer. No entanto, havia entrado em sua cama nua e feito algo que, sem dúvida, devia tê-la excitado, e, portanto, devia ter doído. Ao pensar no pequeno sacrifício que ela havia feito, ele a amou até um pouco mais e demonstrou isso beijando-a e mordiscando com suavidade seus grossos lábios.

Então, ocorreu-lhe um pensamento travesso.

— Sabes de uma coisa? Não são só as mulheres lesbianas que sabem fazer

isso.

— Ah, não? Alguém mais te fez isso?

— Receio que sim.

— E quem foi essa vadia?

— Hummm... Deixa-me pensar. Uma jônia.

— Que jônia?

— Creio que se chamava Targélia.

— Não! Essa não! — disse Elpinice arranhando o peito dele com a unha e arregalando olhos com fúria fingida.

Os dois gostavam desse jogo, e se excitavam. Ela, evidentemente, não pretendia que Címon deixasse de ir para a cama com outras mulheres, do mesmo modo que também não podia impedir que de vez em quando acariciasse as coxas de algum belo efebo. Mas Címon também permitia que ela se concedesse suas próprias aventuras e prazeres, e isso era mais inusitado. Preferia que Elpinice fosse livre e sensual como uma espartana, não uma mulher temerosa e submissa ao estilo das esposas atenienses.

— De verdade Targélia fez isso? — insistiu Elpinice. — Que coincidência! Targélia, a cortesã jônia que diziam ser a mulher mais bonita do Egeu, havia causado sensação ao visitar Atenas no verão anterior. Tinha um corpo tão lindo e tão pouco pudor para exibi-lo que Pasicles, o melhor pintor de cerâmica vermelha da cidade, havia lhe pedido que posasse para ele e desenhara uma série inteira de taças muito picantes. A coleção fora comprada por Cálías, amigo de Címon, e a muito bom preço.

Targélia havia alugado uma casa perto da ágora. Ali celebrava banquetes que às vezes se transformavam em refinados simpósios nos quais, ao compasso das cítaras, escutavam-se as poesias mais recentes de Simônides ou os densos e obscuros versos de Êsquilo. Outras vezes, as festas degeneravam em orgias que se prolongavam até que cantasse o galo, e inclusive mais tarde. Foi em uma dessas ocasiões que Címon havia descoberto que as habilidades orais de Targélia não se limitavam a cantar ou recitar. Naquela noite, tomara-o pela mão e o levava da sala de jantar. Enquanto seus convidados rolavam nos sofás e nas esteiras do chão com as flautistas e as cortesãs, Targélia conduziu Címon a seu próprio quarto, no segundo andar e, em uma cama coberta por lençóis de seda, fez o mesmo que Elpinice. Sem lhe pedir nada em troca. Ainda bem, visto que Címon, empobrecido desde o julgamento contra seu pai, não poderia lhe fazer nenhum presente digno dela.

Targélia não só era bela como também generosa. Aceitava obséquios, evidentemente, mas presenteava homens como Címon com seus favores, desde que lhe agradassem fisicamente.

— Não sejas ingênuo — dissera Temístocles quando Címon alardeara diante dele o fato de ter desfrutado do corpo de Targélia. — Ela também fornicou com

sujeitos calvos e barrigudos de sessenta anos.

— De graça?

— Sem cobrar diretamente, mas de graça, não. Ela não concede seus favores sem mais nem menos.

— Que queres dizer?

— Que é uma agente persa. De Mardônio, especificamente. Xerxes não se rebaixaria a usar espíões.

Címon não sabia por que ele tinha tanta certeza dessa última afirmação. Mas Temístocles se negava a compartilhar com ele a informação que possuía sobre os persas e a liberava como um avaro. Coisa que incomodava profundamente Címon.

Temístocles, que parecia imune aos encantos de Targélia, havia recorrido à sua autoridade como general para expulsar a jovem de Atenas, e, de quebra, conseguira que dois de seus “clientes” fossem julgados e condenados por conspirar a favor dos persas.

Fazia dois meses que Címon havia voltado a ver a hetera em Tessália, onde ela havia se tornado amante de Antíoco, um dos homens mais poderosos da região. Fora até lá com um pequeno exército comandado por Temístocles e um general espartano. O plano consistia em estudar o terreno e comprovar se podiam estabelecer uma posição defensiva entre o mar e as escarpadas encostas do Olimpo. Mas, fosse pelas manipulações de Targélia, fosse pelo medo da proximidade de Xerxes, que estava prestes a atravessar da Ásia à Europa com seu imenso exército, a facção Tessália que preferia enviar água e terra ao Grande Rei prevaleceu sobre a que estava disposta a resistir. Os aliados tiveram de se retirar para o sul e estudar outros lugares possíveis para deter o avanço persa.

Haviam falado disso na reunião da Liga Helênica apenas doze dias antes. Como resultado, a frota ateniense teria de se juntar à aliada e zarpar para o norte em breve. Com ela viajaria Címon, embora Temístocles lhe houvesse oferecido atuar como ligação com o exército de terra sob o comando de Leônidas. Ele ainda não sabia se encarava isso como um favor ou como uma esmola.

— Sabes por que eu disse que era uma coincidência? — disse Elpinice, afastando-o daqueles graves pensamentos. — Foi Targélia quem me ensinou a usar a língua como as lesbianas.

— O quê? Não estás falando sério...

— Estive na casa dela antes que partiu — disse Elpinice enquanto brincava com seu dedo no peito depilado de Címon. — Queria ver se era tão linda como diziam, e me pareceu ainda mais.

— Não tanto quanto tu.

Ela beliscou um mamilo dele.

— Sabes que não gosto de elogios fáceis. Evidentemente é mais bela que eu.

Mas também é simpática, e me ensinou muitas coisas. Esta, eu estava reservando para uma ocasião especial.

Címon não sabia se acreditava. Elpinice gostava tanto de escandalizar que às vezes inventava histórias sobre coisas que na realidade só havia imaginado. Mas era verossímil que houvesse ido à casa de Targélia. Costumava lhe fazer muitas perguntas sobre a cortesã, e em uma ocasião havia cogitado a possibilidade de também posar nua para Pasicles, ou até para algum escultor.

— Por que, agora que sou jovem e tenho um belo corpo, não posso servir de modelo para uma deusa nua?

— Uma deusa nua! — horrorizara-se Címon. — Mas que ideia!

— Pois a Acrópole e a ágora não estão cheias de deuses nus? Por que as deusas têm de estar cobertas de túnicas e mantos da cabeça aos pés?

— Não é a mesma coisa.

— Por quê?

— Porque... Não é a mesma coisa.

— E se eu representasse Afrodite? Pensas que ela se importaria que a vissem nua?

Címon pensou que, se o que esperava para esse mesmo dia desse certo, poderia contratar um bom escultor para permitir a Elpinice esse capricho. Mas a estátua não sairia jamais de sua própria casa. Não queria acabar em um tribunal acusado de impiedade.

Ao se lembrar da reunião com Cálias, franziu o cenho. Por um instante lhe passou pela cabeça a ideia de dizer algo a Elpinice, mas decidiu que não tinha por quê. Afinal de contas, ele era um cidadão ateniense, um nobre, e além do mais, já podia ser considerado um homem adulto. Não tinha por que prestar contas a ninguém de seus atos.

Depois de se levantar, banhou-se na tina de argila de sua casa e vestiu uma túnica limpa. No meio da manhã, hora em que a ágora ficava cheia, recebeu a visita de Cálias.

Cálias era mais velho que ele, um homem alto, mas sem graça, de ombros estreitos e barriga mole. Pertencia a uma família dos eupátridas que desde os tempos de Pisístrato fora perdendo poder e influência. Mas nos últimos dez anos as terras de Cálias haviam voltado a produzir poucas rendas — pelo menos é o que dizia ele. O evidente é que havia prosperado muito, e por isso não havia nesse momento mansão mais luxuosa que a dele em Atenas.

Corria sobre ele uma lenda que explicava sua repentina riqueza. Segundo contavam, na batalha de Maratona um fugitivo persa lhe suplicara que lhe poupasse a vida. Em troca, oferecera-lhe um cofre cheio de ouro que havia enterrado nos canaviais do grande pântano ao perceber que não teria tempo de fugir nos barcos. Cálias, após ver onde estava escondido o cofre, matara o persa,

e só voltara para buscar o tesouro dois meses depois da batalha.

Címon podia acreditar naquela história sem problemas. Cárias não se destacava por suas virtudes marciais nem por seus dotes físicos. Mas, quando se tratava de dinheiro, nem Aquiles defendendo Pátroclo teria sido mais feroz ⁶³.

E agora se tratava de dinheiro, justamente. Cárias e ele pactuariam a *engye*, os sponsais da meia-irmã de Címon. Para um homem tão prático, Cárias havia se apaixonado perdidamente por ela, e estava disposto não só a se casar sem dote como até a quitar as dívidas de Címon.

Quase dez anos antes, quando Címon teve de pagar a multa de cinquenta talentos que haviam imposto a seu pai pelo fiasco da expedição de Paros, fora obrigado a vender várias propriedades. Ainda assim, só conseguiu quinze talentos líquidos, pois Milcíades havia deixado para trás boa parte das riquezas familiares quando a família abandonara precipitadamente os Dardanelos fugindo dos persas.

Os outros trinta e cinco Temístocles lhe havia emprestado.

— Sem juros — dissera. — Tu os irás devolvendo quando puderes.

Até então, Címon não havia notado realmente quanto dinheiro Temístocles possuía, pois este não era homem dado a ostentações nem ouropéis: jamais enviara uma quadriga para competir nos Jogos de Olímpia, nunca celebrava banquetes multitudinários em sua casa e o único luxo que se permitia era bancar com generosidade as tragédias de seu amigo Frínico.

Címon havia jurado a si mesmo devolver-lhe o dinheiro o quanto antes, mas não era um empenho nada fácil. Temístocles não sentia a menor vergonha de fazer fortuna comerciando e gerindo seus próprios negócios. Címon suspeitava que, além de tudo, por baixo do pano, emprestava dinheiro a várias pessoas fora do círculo de seus amigos, e que delas sim cobrava juros. Dessa maneira, qualquer um podia enriquecer.

Mas quando se queria viver de acordo com os ideais aristocráticos, e, mais ainda, com os de seus idolatrados espartanos, que viam o trabalho como uma desonra e uma condição servil, era muito mais difícil aumentar o tesouro. Címon havia comprovado que, quando se começa a empobrecer, o pouco dinheiro que se tem parece fugir pelas janelas. Se quisesse manter um nível de vida apropriado a um eupátrida como ele, precisava gastar pelo menos um talento por ano, e isso sem grandes dispêndios; o que consumia boa parte da renda que recebia pelas fazendas que ainda conservava.

O caso é que haviam se passado dez anos desde o julgamento contra seu pai e ainda tinha de devolver outros tantos talentos a Temístocles. Ele jamais insinuava nada, mas não era preciso. Címon estava amarrado a Temístocles, e aquele vínculo fazia que se sentisse incapaz de se opor à sua política, embora estivesse cada vez menos de acordo com ela.

Suas prevenções não eram nada comparadas com as que sentia Cárias.

— Estamos vivendo o fim de uma era — disse enquanto compartilhavam uma taça de vinho sob o olmo do pátio. — Por causa desse homem, todos os nossos velhos valores estão cambaleando. Onde está o respeito à honradez, à verdade e à nobreza? As pessoas já debocham até dos idosos e dos sábios.

— Não te alteres, Cálías. Os tempos mudam.

— Isso podias dizer antes, porque eras jovem, Címon. Agora deves pensar com mais responsabilidade. É preciso deter Temístocles antes que transforme nossa cidade em um lixão moral onde tudo dá na mesma, onde um boia-fria é igual a um eupátrida e um escravo igual a um amo. Por causa desse homem, reina a libertinagem em Atenas.

Címon levou a taça aos lábios para esconder um sorriso. Bem que os boias-frias da quarta classe gostariam de se dedicar à libertinagem com tanto entusiasmo e tantos recursos quanto Cálías e seus congêneres.

— Temístocles é o inimigo — insistiu Cálías. — Sem ele, a chusma não teria nem metade da audácia que tem agora. E, para piorar, quer nos tirar a lança e o escudo e nos rebaixar ao remo e à almofada. Nós, os vencedores de Maratona!

Címon assentiu, mas sem dizer nada. Não só compreendia as vantagens da política naval de Temístocles como também, em certa medida, aceitava-as. Vivera as sensações da guerra no mar em várias campanhas. Inclusive, na última batalha travada contra Egina antes da trégua geral, Temístocles lhe havia entregado o comando de um navio, o *Dinamis*. Para Címon, cavalgar a proa de uma trirreme sobre as ondas e investir contra um navio inimigo com o esporão de bronze havia sido uma emoção incomparável, como a de dominar um corcel gigantesco.

Não havia arma mais letal, elegante e refinada no mundo que a trirreme. Coríntios, egípcios e fenícios discutiam quem a havia inventado. Címon suspeitava que todos podiam ter razão, pois era lógico que os arquitetos navais de vários lugares houvessem pensado simultaneamente na forma de aperfeiçoar o poder ofensivo das velhas *penteconters*, as naus longas de cinquenta remadores. Como melhorar a propulsão sem aumentar muito o peso? Uma possibilidade era triplicar o número de remos mantendo invariável o comprimento do navio. Isso transformaria um barco provido de esporão em uma espécie de lança gigantesca, um ariete flutuante.

A solução havia sido montar três bancadas de remadores situadas em outros tantos níveis, desde o porão onde navegavam os desventurados talamitas até o bordo de cima, onde iam os tranitas. Para encaixar essas três bancadas em uma extensão de, no máximo, cinco metros, os arquitetos foram obrigados a fazer verdadeiras filigranas. O resultado era que nas entranhas de uma trirreme podiam remar até cento e setenta homens, mas com tanto aperto que manobras como embarcar ou simplesmente vogar tinham de ser perfeitamente coordenadas para que cotovelos, joelhos ou pés não se chocassem com cabeças

alheias.

O próprio Címon, incentivado por Temístocles, havia tentado remar no turco como um tranita. Ali em cima o ar corria um pouco mais que no porão, contudo o fedor de tantos corpos transpirando ao mesmo tempo lhe havia provocado náusea. Não queria imaginar como seria o trabalho dos talamitas, que recebiam o suor que escorria das duas bancadas superiores, para não falar de outros fluidos.

Sua breve experiência o fazia compreender o fato de os membros das classes superiores, como Cálias, se escandalizarem diante da simples ideia de empunhar um remo em tais condições. Mas os hoplitas ainda podiam servir na marinha de outra forma mais honrosa, como infantes de cobertura, em tropas que, uma vez chegada a abordagem ou a investida, usavam suas lanças para combater contra os inimigos.

O perigo para os aristocratas não era tanto que se vissem obrigados a navegar nas novas trirremes. O verdadeiro problema era que Temístocles estava convencendo o povo simples, a quarta classe, de que sua função como remadores na frota era vital para defender a cidade, e tão importante quanto a dos próprios hoplitas que haviam derrotado os persas em Maratona. Disso, a convencê-los a exigir igualdade total e possibilidade de acesso a todos os cargos, inclusive de arconte e general, havia apenas um passo.

Cálias expressou esses temores de uma forma muito específica.

— O povo é cada vez mais insolente. Vindo para cá, encontrei em um beco estreito um boia-fria que levava um cesto de anchovas. E quem pensa que teve de se enfiar no vão de uma porta para deixar o outro passar? Eu, evidentemente!

— Eu não teria lhe dado passagem — respondeu Címon.

— E o que terias feito? Dado-lhe um soco?

— Podes ter certeza disso.

— Para quê? Ele te levaria a julgamento e terias de te defender diante de cem jurados. Quantos dentre eles seriam eupátridas, ou no mínimo da classe dos hoplitas? Eu te digo: bem menos da metade. De modo que esses boias-frias — Cálias pronunciou a aspiração da palavra *thetai* quase cuspidando — votariam em massa contra ti pelo único delito de ter nascido de melhor sangue que eles e te condenariam a pagar pelo menos trinta dracmas.

— Coisa que faria com prazer para não ceder passagem a um inferior.

— Meu querido Címon, o jeito de manter um cofre cheio de ouro é evitando que a prata escape pelas ranhuras.

Címon soltou um riso amargo.

— Não tenho mais remédio que te dar razão. Não sei apreciar bem o valor do dinheiro. Por isso sou eu quem tem de recorrer à tua fortuna, e não o contrário.

— Eu não pretendia te ofender — disse Cálias mostrando as palmas das mãos.

— Claro, claro — respondeu Címon afastando o olhar e regozijando-se em sua

própria humilhação.

Para se livrar da tutela política de Temístocles, tinha de vender sua própria meia-irmã. Sim, em vez de enchê-la de presentes, de entregar-lhe um dote do qual pudesse se orgulhar como filha de Milcíades, a venderia como se fosse um simples novilho.

Ao que parecia, não era o amor o único motivo que levava Cárias a esse casamento tão oneroso para ele. Após esfregar as mãos, pensativo, durante um tempo, ele disse:

— Há mais uma coisa que quero falar, Címon. Sei que hoje é teu aniversário. Parabéns. Trinta anos é uma idade importante.

Era. Ao completar os trinta, Címon se transformava oficialmente em um homem maduro, um cidadão que podia falar em público sem que as vaías o obrigassem a descer da tribuna, e também concorrer à eleição para qualquer cargo. Inclusive o de general.

— Obrigado, Cárias.

— Nunca falaste diante da assembleia, mas a partir de agora já poderás, não é?

Címon se endireitou na cadeira, cauteloso.

— Se desejar, sim. É verdade.

— Amanhã haverá sessão da assembleia. Sei que Temístocles vai apresentar o oráculo que trouxe de Delfos com uma proposta muito drástica para enfrentar a guerra contra os persas. Tens ideia de em que pode consistir?

— Temístocles só comunica seus planos aos outros quando julga que lhe convém, nunca por confiança. Não sabe o que é confiar em ninguém.

— Muita gente está preocupada.

— Que gente?

— Já sabes. Nobres como tu e eu, inclusive gente da segunda e terceira classes que não vê com bons olhos a soberba com que o povo se comporta ultimamente. Gente que acredita que é indigno voltar todos os esforços de Atenas para a frota, como se fôssemos uma vulgar cidade de comerciantes e pescadores.

— Não creio que essa gente fale para se opor a Temístocles.

— Como poderia? Onde estão os oradores que se opunham a ele? Onde estão Mégacles, Xantipo ou Aristides?

— Por mim, Xantipo pode se explodir, onde quer que esteja.

— Eu te entendo — disse Cárias, conciliador. — Ninguém gostava do Pepino.

— Não se trata de gostar ou não. Por sua culpa estou há dez anos vivendo da paixão dos outros!

— É verdade, é verdade, mas essa não é a questão. Nós, nobres, temos um defeito muito grave: só estamos felizes quando competimos entre nós.

Temístocles se aproveita de nossa desunião e está nos liquidando um a um. Desde que tirou o ostracismo de baixo do manto, ninguém mais se atreve a abrir a boca

com medo de ser desterrado.

— Essa culpa não deveríamos atribuir a ele — respondeu Címon, que sempre procurava ser equânime. — Foi um eupátrida, um de nós, quem inventou o ostracismo.

— Tu também acreditas nessa mentira de que foi Clístenes? Se assim fosse, por que uma medida como essa ia permanecer escondida durante vinte anos? Eu sei que há muito tempo aguentas que Temístocles verta seu veneno em teus ouvidos, mas não sejas ingênuo.

Na época de Clístenes, quando Címon era muito pequeno e nem sequer vivia em Atenas, haviam sido aprovadas muitas leis e decretos, e as estelas e tábuas onde haviam sido escritas estavam espalhadas por toda a cidade, desde a ágora até o areópago, a colina da Pnix e a própria Acrópole. Havia sido uma época muito conturbada, com brigas de rua, façções desterradas e até a invasão de um pequeno exército espartano, que no fim ficou sitiado na Acrópole e teve de sair de Atenas de forma vergonhosa. Muitos dos que viviam então já estavam mortos, outros guardavam recordações confusas daquela época, e outros...

E outros, a maioria deles — agora Címon compreendia —, bem que podiam ter se deixado convencer pelas artimanhas de Temístocles pra falsear suas próprias recordações, pois o ostracismo não era uma medida criada contra o povo, mas sim contra os aristocratas. Fazia sete anos que o orador Epicides, um operador de pisão que fazia sucesso na assembleia aticando os piores instintos da plebe, havia assistido ao transporte de uma coluna de mármore próxima ao monumento dos Dez Heróis. No verso estava gravado um decreto de mobilização militar que havia perdido sua vigência, e por isso tirariam a coluna da ágora. Mas Epicides, *casualmente* Epicides, havia visto algo escrito por trás, coisa em que até então ninguém havia reparado. Um texto que começava: O conselho e a assembleia decidiram, por proposta de Clístenes, filho de Mégacles..., e continuava explicando os pormenores de uma lei que já ninguém recordava e que dormia fazia vinte anos.

A lei do ostracismo.

As letras pareciam verdadeiras, com aquela caligrafia de final da tirania que já estava fora de moda, e as bordas estavam desgastadas pelo tempo. Mas quem teria impedido que Temístocles, a mão que movia os fios de Epicides, contratasse um bom lapidário que imitasse uma inscrição arcaica e depois esfregasse as letras várias vezes com uma grossa até que parecessem mais velhas do que eram? Isso teria sido muito próprio dele.

Nesse mesmo ano, três depois de Maratona, recorreu-se pela primeira vez ao ostracismo, que então ainda se chamava “desterro sem desonra”. Címon recordava perfeitamente. No oitavo mês do calendário administrativo da cidade, os cidadãos se reuniram na ágora, onde foram distribuídos óstraka, fragmentos de cerâmica quebrados, coisa que nunca faltava em Atenas e que era o material

mais barato para escrever. Sobre sua superfície esmaltada, de preto, cada ateniense riscou as letras do nome escolhido para que se destacassem na cor vermelha da argila original. A seguir, todos os óstraka foram recolhidos por tribos e fez-se a contagem. Apareciam os nomes das personalidades mais conhecidas da cidade, inclusive Temístocles, e até Milciades, embora já estivesse morto havia mais de dois anos. Mas a pessoa cujo nome se repetia mais vezes era Hiparco, um parente do tirano Hípias que todo mundo suspeitava que fosse partidário dos persas. De modo que ninguém saiu em sua defesa, e o desventurado Hiparco teve de pegar sua trouxa e ir embora da cidade em menos de dez dias.

Porque a peculiaridade daquela medida, que logo começaram a chamar de “ostracismo” por conta dos óstraka que utilizavam para escrever os votos, era que não se fazia necessário oferecer nem prova nem razão alguma contra o cidadão escolhido. Bastava que seu nome aparecesse vezes suficientes para que fosse desterrado da Ática durante dez anos sem maior argumento. Não era privado de sua cidadania, não se confiscavam seus bens, não se obrigava sua família a que o acompanhasse ao desterro. Mas, obviamente, qualquer influência que o indivíduo banido pudesse ter na política ateniense desaparecia.

— Por que achas que Clístenes criou essa lei? — perguntara Címon a Temístocles no ano em que o desterrado foi Xantipo.

Ele dera de ombros.

— Não sei. Julgo recordar que uma vez ele me falou disso, mas eu era muito jovem. Suponho que quisesse impedir que as rivalidades entre os líderes políticos degenerassem em guerras civis. Ele sempre dizia que os nobres são como garanhões lutando por uma manada de éguas. O ostracismo é uma forma de tirar do caminho o semental que é menos popular entre as éguas e, assim, evitar brigas.

Seria possível que Temístocles fosse tão cínico e nem sequer a ele, a quem supostamente estava adestrando como seu sucessor político, confessasse a verdade?

Sim, claro que é possível, respondeu para si enquanto relembrava.

Desde então, não se passava um ano sem que o povo condenasse alguém ao ostracismo. Todos os desterrados eram nobres e, embora alguns mantivessem rivalidades entre si, sempre tinham algo em comum: sua presença em Atenas era um estorvo para Temístocles. Quando Xantipo caiu, Címon não se opôs, evidentemente. A seguir haviam banido Aristides, por quem tinha simpatia. Mas Temístocles o odiava desde menino, e dessa vez havia se envolvido pessoalmente na campanha contra ele. Seu apelido de Justo, inclusive, lhe valera milhares de votos contra. Epíclides e o próprio Temístocles haviam argumentado perante o povo: “Quem é esse eupátrida para usar esse epíteto? Acaso se considera superior aos outros?”. E, acima de tudo: “O que esse homem fez por vós?”.

Cálias tem razão, pensou Címon. No fundo, ele sabia que aquela lei era uma invenção de Temístocles. Mas, como acontecia com tantas outras manobras suas, era mais confortável fingir que não sabia e não morder a mão que o alimentava. Até agora.

— Por que me recordaste que já posso falar na assembleia, Cálias? — disse Címon. — Sê claro.

— Tu és popular na cidade. Muito popular, de fato.

— Ah, sim?

— Tu és jovem e bonito, Címon. Sabes quão volúvel é o povo ateniense. Os mesmos que condenaram teu pai com essa multa tão desproporcional se compadecem agora de ti pela penúria em que vives, e te admiram pela dignidade com que encaras tua situação.

— Prossegue — disse Címon. A seu pesar, as palavras de Cálias o lisonjeavam.

— Até perdoaram teu pai. Agora, ninguém se lembra de Milcíades por sua suposta tirania, nem pelo caso de Paros. Não, todos recordam-se dele como o glorioso vencedor de Maratona, o mesmo que se atreveu a investir contra os persas.

Isso foi ideia de Temístocles, disse-lhe uma vozinha interior. Mas Címon a calou sem problemas.

— Eles querem escutar o que o filho de Milcíades tem para lhes contar — prosseguiu Cálias. — Tens de aproveitar isso para tomar a palavra.

— E dizer o quê?

— As pessoas de quem te falei prepararam isto.

Cálias lhe entregou um rolo de linho. Címon o desenrolou e leu à meia-voz as linhas de tinta escritas nele.

— Esse é só o esquema — disse a Címon. — Floreia-o, deixa-te levar pela inspiração do momento.

— Isto significa me voltar diretamente contra Temístocles.

— Nós sabemos.

Címon ficou pensativo um tempo.

— De modo que o fato de pagares minha dívida com Temístocles não se deve só ao amor que sentes por minha irmã — disse por fim.

— Címon, sabes que estou apaixonado por ela. Tanto que poderia ter aceitado este casamento sem receber dote. Mas, além de tudo, pagar-te dez talentos... Não imaginavas que não te pediria nada em troca, não é?

Quando se tratava de dinheiro, os modos de Cálias eram ainda mais toscos que os dos comerciantes a quem tanto criticava.

— Entendo. Nesse caso, eu também quero impor algumas condições.

— Prossegue.

— Minha irmã poderá vir a esta casa toda vez que quiser, sem te pedir licença.

— Sei que ela é um espírito livre. Não haverá problemas de minha parte.

— Algo mais. Quero os dez talentos agora.

— Agora? Que queres dizer?

— Hoje à tarde têm de estar aqui. — Címon calou o protesto de seu futuro cunhado com um gesto. — Não é uma demonstração de desconfiança, não me interpretes mal. Se amanhã vou falar contra Temístocles, não quero lhe dever nada. Tenho de quitar minha dívida com ele hoje mesmo.

— Dez talentos não dão em árvores...

Se o que contam de ti é verdade, não só dez talentos, mas sim muito mais, pensou Címon recordando a história do cofre enterrado.

— Podes fazer isso?

— Farei. Espera-me aqui — disse Cílias levantando-se após esvaziar a taça de vinho. Com um sorriso irônico, acrescentou: — E vai treinando tua oratória. Amanhã deves ser convincente, para que se note que tu és o filho do grande Milcíades.

Antes do meio da tarde, Cílias já havia aparecido, acompanhado por seu irmão Hipólito e vários escravos que carregavam dois baús. Um era bastante grande, mas o outro não. Címon pensou que ali não poderia haver o total de duzentos e sessenta quilos de prata de que necessitava. Mas, ao abrir o cofre pequeno, viu que estava cheio de objetos de ouro, incluindo um monte de moedas com a efígie de Dario atirando de joelhos com seu arco. Ou os rumores sobre o tesouro de Maratona eram verdadeiros, ou Cílias andava em negociação com os persas. Por ora, preferiu não comentar nada e fechou a tampa do baú. Depois, aproveitando que Hipólito estava presente como testemunha, Címon estreitou a mão de Cílias e pronunciou a fórmula ritual:

— Eu, Címon, filho de Milcíades, te entrego minha irmã Elpinice para que semeies nela filhos legítimos.

Já convencê-la foi mais difícil. Quando ele tentou lhe explicar, Elpinice quebrou a cratera favorita de Címon derrubando-a com um pontapé e a seguir se trancou no gineceu, chorando. Címon abriu o ferrolho com a cópia da chave e ordenou às duas escravas que saíssem.

Ao vê-lo entrar, Elpinice se endireitou na cama.

— Como pudeste fazer isso comigo? Sabes que eu só amo a ti! Não quero viver como esposa de ninguém.

— As pessoas já falam de nós, Elpinice. É muito melhor assim.

— Se dizes isso, é porque tu não me amas.

Címon a segurou pelos ombros, atraiu-a para si, apesar de sua resistência, e a beijou com paixão.

— Claro que te amo, mais do que jamais poderia amar outra mulher — disse. Era sincero, e sabia que sua meia-irmã podia ver isso em seus olhos, porque

sua expressão se amansou um pouco.

— Mas me vendeste a Cálias.

— Ele é um bom amigo, e de sangue nobre. Tu sabes que é pelo bem da família. Não podemos ficar sempre à sombra de Temístocles. Somos filhos de Milcíades, o vencedor de Maratona! Não devemos depender do filho de um comerciante.

Elpinice se sentou na cama e enxugou as lágrimas. Címon se ajoelhou diante dela e tomou suas mãos.

— Tu és uma mulher muito inteligente. Por isso te amo. Podes entender. Se me ajudares, posso ser grande. Ainda maior que nosso pai.

O rosto dela se iluminou. Címon sabia que ela era ambiciosa, tanto quanto ele.

— Cálias conhece teu jeito de ser. Ele te deixará continuar sendo a indômita Elpinice.

— Mas tu estarás em dívida com ele, assim como o agora estás com Temístocles. Em que mudará nossa situação?

— Não será a mesma coisa, irmã. Se amanhã tudo der certo e eu convencer a assembleia, estaremos em paz. Além disso — acrescentou com um sorriso malicioso —, para isso terei a ti na casa dele e em seu leito, para que tu o manipules em nosso benefício. Cálias me prometeu que poderás vir aqui sempre que quiseres sem lhe prestar contas.

— Cálias sabe de... nós?

— Intui. Mas, ainda assim, ele te deseja. Serás capaz de lhe dar o que os homens querem, pelo menos de vez em quando? Sei que ele não é Adonis⁶⁴, mas...

— Fecharei os olhos e imaginarei que és tu. Ou, pelo menos, alguém mais bonito. — Seus olhos brilharam, malandros. Címon a conhecia bem e sabia que em sua cabeça já estava procurando as vantagens possíveis de sua nova situação. — Escuta. Se eu não suportar viver com ele e quiser voltar para ti, terás que lhe devolver esse dinheiro?

— Não. Mas eu preferiria que não te divorciasses dele, pelo menos durante um tempo.

— Se ele não tentar governar minha vida, suportarei.

De repente, Elpinice soltou os fechos de sua túnica e desnudou os seios.

— Eu não tenho outro dono além de ti, Címon. Tu és meu único senhor.

Embora soubesse que isso não era totalmente verdade, Címon se jogou em seus braços. Apesar do que ela lhe havia dito essa manhã sobre suas dores menstruais, sua irmã se entregou a ele com mais paixão que nunca.

**ISTMO DE CORINTO, DOZE DIAS ANTES
(17 DE JULHO)**

~~Macedônia: 6.000 hoplitas e 1.500 de cavalaria~~

~~Tessália: 4.000 hoplitas e 3.000 de cavalaria~~

Córcira: 1.000 hoplitas e 600 barcos

Sicília: 20.000 hoplitas e 200 barcos

Argos: 6.000 hoplitas e 10 barcos

Creta: 3.000 arqueiros e 40 barcos

Tebas: 7.000 hoplitas

Temístocles tornou a olhar com tristeza os nomes que havia riscado daquela lista que ameaçava se reduzir cada vez mais: a dos estados gregos que haviam jurado defender sua liberdade contra o invasor.

Dois anos antes chegara à Grécia a notícia de que os engenheiros de Xerxes estavam escavando a península do monte Athos para atravessá-la com sua frota sem ter de enfrentar suas tempestades e suas correntezas traiçoeiras. Um canal de mais de dois quilômetros de comprimento e trinta metros de largura pelo qual poderiam passar três trirremes ao mesmo tempo. Tratava-se de uma obra de tamanha audácia e magnitude que até os mais céticos se convenceram, por fim, de que o Grande Rei, apesar do fracasso anterior de seu pai, estava decidido a invadir a Grécia com todos os seus recursos.

O medo com relação aos persas havia surtido efeito. Graças, acima de tudo, às diligências do próprio Temístocles e do rei Leônidas, haviam pactuado uma trégua geral entre todas as cidades gregas e constituído a Aliança Helênica.

Naquele momento, Temístocles enumerou uma lista com todos os estados gregos que poderiam participar da Aliança. A princípio, chegou a se sentir otimista, porque as forças que muitos deles prometiam eram substanciais. Mas o rei Alexandre da Macedônia foi o primeiro a ser apagado da lista. Seu embaixador havia se reunido com Temístocles e, feito um mar de lágrimas, dissera:

— Precisamos compreender. Estamos com os persas praticamente em nossas fronteiras. Nosso país é o primeiro que arrasarão se não cedermos.

Temístocles não ficou muito decepcionado porque já esperava isso. Alexandre, embora fosse um homem culto e um anfitrião encantador e se autointitulasse “filoateniense”, era também um mexeriqueiro e um aproveitador que sabia muito bem qual era o cavalo favorito naquela corrida. E, embora diante dos gregos negasse, era, havia anos, praticamente um vassalo de Dario; primeiro deste, e depois de seu filho Xerxes.

A seguinte a apresentar defeção da causa comum havia sido a vasta região da Tessália, berço de cavalos. Meses antes, no início da primavera, a Aliança havia decidido enviar uma expedição à fronteira entre a Tessália e a Macedônia para comprovar se era possível deter o avanço de Xerxes no vale do Tempe, um estreito passo entre o mar e o Olimpo onde uma força reduzida poderia deter

outra muito superior. Mas os tessálios também o haviam decepcionado; o pequeno exército avançado tivera de se retirar, e o prestígio de Temístocles havia sofrido certa depreciação. E o que era pior, tivera de riscar de sua lista os três mil cavaleiros tessálios, a única cavalaria digna de tal nome que existia na Grécia e que provavelmente se uniria às forças do invasor.

E agora, vendo a expressão culpada de alguns embaixadores, receava que teria de riscar mais nomes e números de sua lista.

Haviam se reunido a poucos quilômetros de Corinto, perto do templo de Poseidon. Ao fundar a Aliança, haviam decidido que aquele era o lugar mais apropriado para celebrar os conselhos. Tratava-se de um santuário pan-helênico, onde atletas de toda a Grécia se reuniam a cada dois anos para competir nos Jogos Ístmicos, e, além de tudo, era bem situado, no cruzamento entre o Peloponeso e a Grécia central. Ali, em um edifício circular contíguo ao grande templo, encontravam-se agora os representantes das cidades que haviam juramentado a não se render diante dos persas.

Com exceção de Atenas e os remissos tebanos, a maioria dos membros da Aliança era composta de cidades do Peloponeso, ao sul do istmo. Isso explicava que fossem reticentes a se afastar de sua terra para enfrentar os persas no norte da Grécia. Justamente a tática que Temístocles havia sugerido desde o início para manter os persas o mais afastados possível de Atenas e salvar sua cidade.

Agora que a opção de Tessália havia fracassado, só lhe ocorria outra que já havia debatido em particular com Leônidas. No entanto, ainda não era momento de discutir estratégias com os conselheiros da Aliança. Primeiro tinham de saber se todos os que estavam ali continuavam fiéis a ela ou se seus ânimos fraquejavam. O Grande Rei já estava na Europa, aproximando-se da Macedônia, se é que já não havia entrado nela. Sua presença se cingia sobre a Hélade como uma enorme nuvem, uma ominosa bigorna negra que pairava sobre o horizonte norte, e o Espanto e o Terror, filhos do deus da guerra, eram os heraldos de sua chegada. Um terror que apertava os corações e fazia tremer as pernas e soltar os escudos.

Muitos pessimistas recordavam o destino de Mileto, a cidade mais próspera da Jônia, a cidade do grande sábio Tales e seu discípulo Anaximandro, que havia sido arrasada e escravizada. O mesmo que havia acontecido com Erétria, como podia testemunhar seu representante na Aliança. Os poucos sobreviventes haviam se refugiado nas montanhas para depois se reinstalar nas ruínas, e agora só podiam oferecer à Aliança um punhado de barcos desconjuntados e pouco mais de duzentos hoplitas.

Outros traziam à tona a drástica decisão que os habitantes da cidade jônica de Focea haviam tomado quando os persas foram conquistá-la. Antes que assaltassem sua muralha, os focenses pegaram suas mulheres e seus filhos, carregaram em seus navios todos os bens que podiam transportar, evacuaram a

cidade e se dirigiram para o oeste. Após uma épica viagem de milhares de quilômetros, estabeleceram-se na ilha de Córsega. “Os focenses foram sábios”, diziam esses agoureiros. “Não há vitória possível contra o Rei dos Reis.”

Talvez não devêssemos esquecer o exemplo de Focéia, pensou Temístocles. Se a situação se complicasse muito, talvez a grande frota que estava acabando de ser construída nos estaleiros do Pireu acabasse sendo não de combate, mas sim de evacuação. Ele mesmo conhecia bons lugares na Itália e suas ilhas onde os atenienses poderiam estabelecer colônias.

Não, pensou fechando os punhos e cravando nas palmas das mãos as mesmas unhas que os persas lhe haviam arrancado. Havia dito na cara de Xerxes que o deteria. Nem a rendição nem a fuga eram opções possíveis. Ele, o filho de Néocles, não permitiria que os persas incendiassem Atenas como haviam feito com Erétria.

Enquanto afirmava para si o propósito de não dar um passo para trás, o enviado dos cretenses tomou a palavra.

— O oráculo de Delfos nos disse que não devemos participar — disse.

O primeiro rato a abandonar o porão, pensou Temístocles.

A reunião era presidida por Leônidas. Nos dez anos que se passaram desde Maratona, ele não havia mudado muito. Talvez tivesse os ombros um pouco mais caídos, mas não menos encorpados, e viam-se mais fios brancos em seu cabelo e em sua barba. Se havia alguém, além de Temístocles, que havia deixado bem claro que jamais se renderia aos persas nem se ajoelhariam perante Xerxes, esse alguém era Leônidas.

O problema era que havia outro rei em Esparta, e um colégio de cinco éforos que controlava ambos. Embora Leônidas portasse coroa, não tinha o poder de decisão de Xerxes.

— Posso te perguntar a razão? — perguntou Leônidas ao cretense levantando-se da arquibancada onde estava sentado e se aproximando.

O embaixador retrocedeu um passo, mas não se deixou intimidar.

— O oráculo se manifestou só a nós, mas, apesar de tudo, eu vos direi o motivo que o deus nos apresentou. Já vos apoiamos no passado, quando vosso rei Menelau nos pediu que o ajudássemos a recuperar sua esposa Helena, e que proveito tiramos nós da guerra contra Troia? Nenhum! De modo que Apolo nos recomenda que cuidemos dos assuntos de nossa ilha e nos abstenhamos de participar de mais campanhas com os outros gregos. Eu vos desejo boa sorte em vossa guerra — acrescentou dirigindo-se a todos. — Mas, se quiserdes meu conselho, entregai a água e a terra. O jugo persa pode ser duro, mas é preferível à morte.

O cretense saiu sem esperar resposta. Talvez a ele mesmo parecesse tão pouco convincente o argumento de uma guerra travada setecentos anos antes que tinha vergonha de defendê-lo.

Temístocles riscou com pesar os quarenta barcos e os três mil arqueiros. Estes, os mais afamados da Grécia, teriam sido muito úteis para contrabalançar os persas. Mas o medo era livre, e os cretenses não faziam mais que seguir as palavras de uma cançãozinha que corria por todas as cidades gregas, atribuída a Teógnis: *Bebamos e propiciemos os deuses com nossas libações, façamos piadas e não pensemos na guerra dos persas. É melhor viver no prazer, com coração alegre e sem medo das finestas Queres.*

— Antes de prosseguir — disse Leônidas pondo as mãos na cintura —, quero saber se alguém mais vai dar para trás.

Ninguém respondeu.

Havia ali cerca de cem pessoas entre embaixadores, magistrados diversos, assistentes e escribas que deviam tomar nota das decisões adotadas. Aquele contíguo do templo era pequeno e de teto baixo e, embora acabasse de amanhecer e as portas estivessem abertas, já começava a fazer calor ali dentro. Temístocles, sentado na primeira fila, apoiou as palmas das mãos nos joelhos e procurou não se mexer para não começar a suar.

À sua esquerda estava Címon, convidado por ser filho de Milcíades, a quem todo mundo considerava oficialmente o vencedor de Maratona. À sua direita se sentavam mais dois generais, Leócrates e Andrônico. O acordo era que não intervissem: visto que Atenas contava com um único voto no conselho da Aliança, devia falar também com uma só voz. Por esse motivo, a assembleia do povo havia aprovado um decreto extraordinário mediante o qual Temístocles era nomeado general autocrata durante o que restava do ano. Isso lhe dava o direito de presidir a junta de generais, de tomar a palavra primeiro diante da assembleia e do conselho, e de falar e negociar em nome de Atenas diante da Aliança Helênica.

Evidentemente, Temístocles não havia cometido a inépcia de apresentar ele mesmo a moção. Arifron, o jovem eupátrida que havia se acovardado antes da batalha de Maratona e que depois, durante, havia se comportado com extraordinária bravura, apresentara-a em seu lugar. Desde então, era um fervoroso partidário de Temístocles, e bastou uma sugestão deste para que apresentasse o decreto como se fosse iniciativa sua. Isso havia angariado a Temístocles alguns votos a mais entre os nobres, o que, somado aos que por si tinha do povo, transformara-o, não só de fato como também por lei, no primeiro cidadão. Sua voz agora era a voz de Atenas, e em sua mão estava seu voto.

Leônidas se voltou para o enviado de Siracusa, a cidade mais importante da Sicília. Como se quisesse mostrar aos outros que a reputação de prosperidade da ilha não era desmerecida, o embaixador vestia uma túnica de finíssimo linho, um manto da melhor lã com bordas de púrpura, grossos braceletes e colares de ouro, e anéis com gemas coloridas em todos os dedos.

— Que nos dizem os siracusanos? — disse Leônidas. — Vós também trazeis

más notícias?

— Não têm por que serem más se fores razoável, rei Leônidas — respondeu o embaixador em um dialeto dório muito similar ao do espartano. — A oferta de meu senhor o rei Gelon continua em pé.

— O tirano Gelon — sussurrou Cimon.

— Fingiremos acreditar que é um rei legítimo — respondeu Temístocles.

Enquanto isso, Leônidas estava respondendo ao siciliano.

— A Aliança não vai entregar o comando das operações a Gelon, se é o que queres dizer. Não estamos aqui para fazer cambalachos, mas sim para deliberar a melhor forma de vencer Xerxes.

— Tendo em conta que meu rei vos enviaria tantos navios quanto Atenas afirma ter e o dobro de hoplitas de vossa cidade, é justo que...

— *Esparta* jamais dará o comando a Gelon. Está bem claro assim?

Em particular, Leônidas podia ser um homem amistoso e paciente, mas quando a veia lacedemônia se manifestava, podia se mostrar cortante e tosco como um machete, e se alguém o tirava do sério com argumentos incompreensíveis ele acabava citando o ditado espartano: Para que vamos discutir se podemos resolver aos murros?

Temístocles suspirou. Ele também não tinha nenhum interesse em ficar sob as ordens do tirano siciliano. Segundo o que contavam de Gelon, era não muito menos megalomaniaco que Xerxes. Mas riscar de sua lista duzentos barcos e vinte mil hoplitas não era muito alentador.

Os outros presentes deviam pensar o mesmo que ele, a julgar pelos olhares preocupados que trocavam entre si. Mas a maioria representava povos do Peloponeso que, voluntariamente ou pela força, eram aliados de Esparta havia gerações e não se atreviam a contradizê-la.

Só havia uma cidade no Peloponeso que mantinha sua independência de Esparta, e era fácil apreciar isso observando a atitude de seu embaixador. O representante de Argos estava de braços cruzados, com o queixo levantado e o lábio superior quase enterrado no inferior. Após escutar as palavras de Leônidas, levantou-se e abriu os braços e a boca, mas nem por isso baixou o queixo.

— O orgulho de Esparta comprometerá a todos — disse. — Sua insistência em comandar sozinho as tropas da Aliança é absurda. É muito melhor para todos que haja um comando compartilhado.

Houve algumas vozes, tímidas e escassas, de apoio ao embaixador argivo.

— Na guerra deve haver uma só cabeça. É melhor o erro de um sozinho que o possível acerto de muitos — respondeu Leônidas. — Os espartanos sabem disso muito bem, e por isso meu colega Latíquidas ficou na cidade deixando em minhas mãos o governo desta guerra.

Se depois respaldar as decisões que tomares aqui, tudo bem, pensou Temístocles. Mas não confiava nisso. Pelo pouco que conhecia Latíquidas, estava

claro que tinha mais experiência nas intrigas políticas que Leônidas. Com certeza agora mesmo estava realizando suas próprias manobras em Esparta. Só havia que pensar em como havia conspirado para que o oráculo de Delfos determinasse que seu antecessor no cargo, Damárato, era filho ilegítimo e, portanto, não podia continuar sendo rei. Agora Damárato, como tantos outros desterrados e ressentidos, fazia parte da corte de Xerxes. O escândalo havia sido descoberto um tempo depois e a pitonisa envolvida, expulsa do santuário de Delfos.

Mas a questão era que Latíquidas havia se tornado rei. Coisa que para Temístocles não tinha a menor graça. Por intermédio de seu amigo Pausânias, sabia que Latíquidas havia dito durante um banquete: “No fundo, a guerra contra a Pérsia é boa para nós. A melhor coisa que pode nos acontecer é Xerxes destruir Atenas, que é um câncer para toda a Grécia. Com certeza depois ficará entediado e voltará a seu país. Que interesse tem no Peloponeso?”.

— Visto que Leônidas gosta de falar claro, também falarei — disse o embaixador argivo. — Se quereis a ajuda do poderoso exército de Argos, tereis de nos conceder metade do comando do exército de terra.

O representante de Corinto, Adimanto, um homem calvo, de faces chupadas, olhar de raposa e língua de víbora, soltou uma gargalhada.

— O poderoso exército de Argos! Como podeis pedir o comando se ainda não haveis vos recuperado da surra que levaram dos espartanos há doze anos? Agradecei por termos vos pedido que participeis desta empreitada com os outros. O poderoso exército de Argos! Rá!

— Não consentirei que se ofenda a legítima soberania de todo o Peloponeso! — exclamou o argivo apontando para Adimanto com um gesto tão brusco que seu manto deslizou para o chão.

— Os tempos de Agamenon já passaram, amigo — respondeu o coríntio. — Já não assustais nem as cabras que fornicais no campo!

Alguns censuraram Adimanto por sua grosseria, mas foram mais os que soltaram uma gargalhada. Vermelho de fúria, o embaixador de Argos recolheu seu manto com um floreio, soltou um palavrão contra o coríntio e se retirou, seguido de seus dois acompanhantes. O representante da Sicília aproveitou esse momento para ir embora também.

O risco seguinte em sua lista foi Cócira. A ilha, situada em frente às costas da Itália, havia prometido contribuir com uma frota de sessenta trirremes, um contingente nada desprezível. Mas agora Leônidas informou à Aliança o que um mensageiro havia revelado:

— A frota da Cócira está ancorada ao sul do Peloponeso e não tem a menor intenção de passar dali.

— O que estão esperando, podemos saber? — perguntou Adimanto com voz cheia de rancor.

Córcira era uma colônia de Corinto que havia crescido muito e se negava a aceitar as ordens de sua antiga metrópole.

— Segundo eles, estão esperando que os etésios amainem — respondeu Leônidas referindo-se aos ventos que sopravam do norte durante quase todo o verão.

— Pretexto valoroso! Nem que estivessemos falando do bóreas. Seus navios não têm remos para navegar contra essa brisa?

— De qualquer maneira, não faria diferença — disse Leônidas dando de ombros. — Pelo que esse mensageiro informou, não havia ali sessenta navios ancorados, mas sim dez, no máximo. Não — acrescentou voltando-se para Temístocles. — Estamos praticamente sozinhos nisto. Atenas e nós, a Liga do Peloponeso.

— E nós não contamos? — perguntou o representante de Tebas, um ancião de longos cabelos brancos.

— Perdão, illustre Eurímaco. — Leônidas abaixou o queixo pedindo desculpas, mas foi um gesto de apenas meio segundo.

Temístocles repassou mentalmente sua lista. Já eram trezentos e vinte barcos e quarenta mil hoplitas a menos do que havia previsto em seus cálculos mais otimistas. Suspeitava, além de tudo, que não tardariam a ocorrer novas defecções conforme o exército de Xerxes se aproximasse da Grécia central. Sim, agora o embaixador de Tebas estava ali fazendo papel de virgem ofendida, mas todos recebiam que os oligarcas que dominavam sua cidade passassem para o outro lado assim que vissem surgir no horizonte a primeira mitra persa.

Se nos descuidarmos, pensou Temístocles, Xerxes vai ganhar esta guerra sem ter de travar uma única batalha. Em tudo isso suspeitava mais da mão de Mardônio, um militar realista que preferia recorrer à diplomacia e ao dinheiro, quando possível, que ao próprio Xerxes. Agentes mais ou menos disfarçados percorriam a Grécia fazia anos, semeando ao mesmo tempo o medo e a esperança. O primeiro conseguiam graças a bárbaras histórias sobre torturas orientais — que o próprio Temístocles pudera testemunhar — e às informações sobre a magnitude de um exército que secava rios e queimava campos por onde passava. Quanto à esperança, talvez mais insidiosa, propagavam-na dizendo que aqueles que se submetiam a Xerxes não viviam tão mal; que, por bem, os persas eram amos tolerantes; que seu governo traria mais benefícios que prejuízos e que graças a ele a Grécia estaria, por fim, unida, mesmo que fosse sob o estandarte alado do Grande Rei.

— Que decepção Xerxes sofreria se visse isto — sussurrou.

— Por que dizes isso? — perguntou Címon.

— Por nada.

Temístocles se arrependeu de ter falado. Ninguém além de Sicino sabia que estivera em presença do Grande Rei, e preferia que permanecesse assim. O

jovem fez cara de ofendido, como fazia sempre que não conseguia uma resposta sua, e se calou. *Ainda não é tempo de que saibas tudo, filhote de leão*, pensou Temístocles. *No dia em que souberes tanto quanto eu, vais querer me aposentar.*

Visto que aqueles que não mais acreditavam na Aliança a abandonaram, havia chegado o momento de renovar o pacto. Após sacrificar um cabrito negro e verter seu sangue no chão, todos os presentes juraram pelos poderes do céu, da terra e das águas e derramaram umas gotas de vinho no chão.

— Jamais entregaremos nossa liberdade a Xerxes! — rugiu Leônidas.

— Jamais! — responderam os outros.

— Faremos que pague com sangue cada palmo de terra que conquiste!

— Com sangue!

— Todos os povos que se renderam aos persas serão nossos inimigos, e quando os derrotarmos, consagraremos ao deus de Delfos um décimo de todos os seus bens!

— Assim juramos!

Depois de tão duras palavras, os membros da Aliança beberam o vinho de seus cálices. Temístocles pensou que tudo aquilo não deixava de ser uma bravata. Ele se conformava com derrotar os persas, e, em troca disso, perdoaria com prazer o dízimo dos submissos. Mas quando se enfrentava um inimigo tão superior, eram necessárias bravatas como aquelas para aquecer o sangue, deixando de lado o que lhe parecia uma promessa muito generosa para o oráculo de Delfos, que não fazia mais que desmoralizar todas as cidades da Grécia com suas agourentas predições. Nesse exato momento, os enviados atenienses deviam estar de volta com a resposta do oráculo, e Temístocles não esperava que fosse muito otimista.

Depois de tratar de certos assuntos organizacionais, Leônidas anunciou um breve descanso. Temístocles saiu aliviado do edifício e respirou o ar de fora. Fazia calor e já começava a soar o canto metálico da cigarra, mas pelo menos soprava a brisa do mar. O templo de Poseidon ficava na parte oriental do istmo, a que dava para o Egeu, a pouco mais de um quilômetro da esplanada do santuário. O dia havia amanhecido nublado, e o horizonte do mar se fundia com o céu em uma vaga e suja linha esbranquiçada que não permitia distinguir a distante silhueta da ilha de Egina.

— Não fiques tão preocupado, amigo.

Temístocles se voltou. Era Leônidas.

— Por que dizes isso?

— Vi que pegavas essa tabuleta de cera onde manténs tua lista e ficavas riscando.

— Somos cada vez menos, Leônidas. E não temos tropas nem barcos de sobra.

— Eu prefiro ter os inimigos à frente que às costas. Pelo menos, na frente

tenho meu escudo.

Temístocles notou que Címon havia se aproximado uns passos deles. Decidiu lhe fazer um favor e indicou com um gesto que se aproximasse.

— Leônidas, este é Címon, filho de Milcíades.

O rei de Esparta sorriu ao ver as tranças e a barba de Címon. Depois, apertou seus bíceps, e o jovem os contraiu por reflexo. Podia exibir um braço mais que respeitável, com músculos mais torneados que os de seu pai, mas Temístocles duvidava que tivesse tanta força quanto ele.

— Serias um bom espartano, Címon. Não só as águas do Eurotas alimentam bons guerreiros, pelo que vejo.

— Agradeço tuas palavras, Leônidas, mas não creio que as mereço.

— Não conheci teu pai, mas sei que era um grande homem. Agora estás com outro — acrescentou apertando o ombro de Temístocles. — Aproveita e procura aprender com ele.

Címon baixou a cabeça com modéstia, como teria feito um jovem espartano, e não disse nada.

— Devo dizer-te mais uma coisa, Temístocles — acrescentou Leônidas.

Címon ameaçou partir, mas Temístocles o reteve segurando-o pelo braço. Pensou que com esse gesto fazia uma aposta para o futuro, ignorando a dor de cabeça que ele lhe causaria no presente mais imediato.

— Címon é de confiança, Leônidas. Podes falar diante dele.

O rei de Esparta pigarreou.

— Como podes ver, muito se discutiu sobre o comando supremo, e isso nos custou dois possíveis aliados. Mas eu jamais teria contado com Argos. — O ódio entre Esparta e Argos vinha de séculos, de modo que era compreensível.

Temístocles assentiu e incitou Leônidas a prosseguir. — Vês esse homem aí, que está ao lado dos dois éforos?

Temístocles seguiu a direção que indicava o queixo do rei. Os magistrados espartanos estavam conversando com um homem alto e magro que não tinha a mão esquerda, mas que gesticulava de forma muito expressiva com o toco. Devia ter cinquenta anos, talvez mais.

— É Euríbiades, primo de Latíquidas. De uma das famílias mais ilustres de Esparta. Seus antepassados remontam a Jasão, e diz que levo o sal do mar no sangue.

— Prossegue — disse Temístocles, que já começava a suspeitar.

— Por isso o conselho de anciãos de Esparta decidiu que é o mais adequado para comandar a frota da Aliança.

Temístocles ergueu uma sobrancelha.

— Com quantos barcos Esparta participa?

— Dez. Sabes melhor que eu.

— Dez trirremes, meu querido Leônidas. Para cada barco vosso, nós temos

vinte. Não te parece que a pretensão de vosso conselho é pouco razoável, mesmo que só por aritmética?

— Eu sei, eu sei. — Leônidas fez um gesto apaziguador com as duas mãos. — Queria apenas te avisar. Por ora, é melhor evitar o assunto de quem deve governar a frota. Só se falará do comando supremo de Esparta, sem especificar mais.

— Isso me parece bom — disse Temístocles voltando-se um momento para Címon. O rosto do jovem era uma esfinge.

— O que importa agora é convencer os aliados de nossa estratégia — prosseguiu Leônidas. — A seguir, quando partires para o norte com a frota e eu com a infantaria, Euríbiades terá pouco apoio e ainda menos argumentos para disputar o comando contigo. Mas procura não trazer o assunto à baila agora.

— De acordo.

— E outra coisa — acrescentou Leônidas apertando o ombro de Temístocles. — É melhor que deixes que eu seja o protagonista, amigo. Quanto menos chamares a atenção sobre ti, menos meus compatriotas se lembrarão da questão do comando.

Com essas palavras o rei deu por encerrada a conversa e se dirigiu ao santuário para retomar a sessão. Temístocles soltou uma gargalhada e se voltou para Címon.

— E eu que pensava que Leônidas era pouco político! Que achou disso, Címon?

— Um homem interessante. — Címon ficou pensativo por alguns segundos. Depois sorriu, um gesto que o rejuvenescia muito. — Não te ofendas, Temístocles, mas eu adoraria acompanhá-lo à guerra em vez de sair com a frota.

— É possível que possas. Precisarei de um homem de conexão entre os dois cenários. Talvez vejas teus amados espartanos em ação. Vem — acrescentou rodeando os ombros de Címon. — A reunião não terminou.

Faltava falar de estratégia. Temístocles pretendia expor os planos, mas depois da conversa com Leônidas preferiu se limitar a apresentar os fatos e ceder-lhe logo a palavra. Sicino, cuja verdadeira origem ninguém ali sabia, salvo Címon, entrou no santuário carregando uma espécie de escudo gigante, tão grande que até para ele era difícil abarcá-lo com os dois braços. O persa o depositou no chão com um sonoro *going* e o apoiou em uma pilastra de modo que todos o pudessem ver. Depois, retirou o pano que o cobria e saiu do recinto.

Para Temístocles estava claro o que representavam as sinuosas linhas gravadas naquele grande disco de bronze. Mas muitos dos presentes se inclinaram para a frente a fim de ver melhor, com expressão de quem não entendia o que estava diante de seus olhos. Tratava-se de um *periodos*, um

contorno das costas da Grécia e da Ásia Menor. Era cópia de um original de papiro de Hecateu de Mileto, o mesmo geógrafo que havia desenhado muitos anos antes um mapa da Terra toda. Temístocles possuía outra cópia dele, mas não teria pensado em levá-lo à reunião, pois nesse mapa universal ficava lamentavelmente evidente a pequenez da Grécia comparada com o Império Persa.

— Esta linha quebrada é a costa — explicou Temístocles apontando com o dedo o litoral da Tessália. — O que está à esquerda é a Grécia, e o que está à direita, o mar — acrescentou, embora houvesse ordenado ao bronzista que gravasse peixes e golfinhos naquela região para deixar claro que se tratava de água.

Houve murmúrios de assentimento, mas os mais idosos, fosse pela idade ou por miopia, não pareciam tão convencidos. Temístocles apontou agora o estreito dos Dardanelos, entre a Ásia e a Europa.

— Aqui, entre Sesto e Abido, é onde Xerxes mandou fazer a ponte de barcos. Segundo informes que parecem verazes, já a atravessou há um mês.

— É verdade que suas tropas levaram sete dias para cruzá-la? — perguntou o representante de Epidauro.

— Receio que sim.

Agora o rumor foi de consternação. Temístocles deixou que os conselheiros fizessem seus cálculos. Aliás, os outros estavam pressupondo que o exército de Xerxes havia atravessado a ponte nesses sete dias e sete noites como um interminável rio humano. Mas isso era impossível. Embora não a visitasse havia muitos anos, Temístocles conhecia bem aquela região. Dada a escassez de água potável e a estreiteza dos caminhos, era impossível que toda a *Spada* marchasse ao mesmo tempo. Pelo que lhe haviam contado os comerciantes de trigo que viajavam para Egina, que tiveram permissão para passar debaixo das secções desmontáveis da ponte, Xerxes havia dividido seu exército em sete corpos. Cada um deles havia cruzado a ponte separadamente, em turnos de oito horas por dia, para deixar água e espaço físico para o grupo seguinte. Esses sete corpos, calculava Temístocles, formavam em marcha uma imensa serpente de cento e cinquenta quilômetros de comprimento, mas com grandes vãos entre as secções. O dado dos sete dias e sete colunas de marcha corroborava seus cálculos: Xerxes trazia entre cento e vinte e cento e quarenta mil soldados, mais todo o séquito de acompanhantes. E a frota à parte, claro.

Era um número de arrepiar os cabelos, mas os conselheiros da Aliança já falavam de milhões. Afinal de contas, raciocinou Temístocles, os gregos não estavam acostumados a manejar grandes números, e não era coincidência que para eles *myrioi*, dez mil, significasse também “incontáveis”.

Não se deu o trabalho de esclarecer o erro. Quanto mais invencível pensassem que era o exército de Xerxes, mais fácil seria que se inclinassem por uma

estratégia de contenção em terra e ofensiva no mar.

— Agora — disse —, cedo a palavra a Leônidas, nosso chefe supremo.

Retirou-se após saudar o rei espartano com uma inclinação de cabeça e tornou a sentar-se ao lado de Címon. Em uma reunião anterior, Temístocles havia desenhado uma versão em miniatura desse mapa sobre uma tábua de argila para mostrar a Leônidas, de modo que esperava que agora ele se virasse sozinho. O rei, de fato, apontou diretamente o triângulo que representava o monte Olimpo.

— A primeira ideia foi conter os persas aqui, entre a montanha e o mar. Mas não era um bom lugar por razões políticas e porque não oferecia um bom campo de batalha para nossa frota.

— Que obsessão com a frota! Somos hoplitas! — exclamou o representante de Tegeia.

Temístocles pensou que ele provavelmente nunca havia visto o mar na vida, pelo menos não até essa reunião. Vários representantes de cidades do interior ovacionaram suas palavras, mas Leônidas os calou levantando a mão.

— Xerxes decidiu uma invasão por terra e por mar. Nossa defesa também deve ser anfíbia. Se detivermos os persas no pé do Olimpo, mas eles desembarcarem cinquenta mil homens mais ao sul e nos atacarem pelas costas, não nos servirá de nada — argumentou Leônidas, apontando todas as manobras no mapa.

Novos murmúrios de assentimento.

— Foi boa ideia trazer o escudo de bronze — disse Címon no ouvido de Temístocles. — Assim, todos entendem melhor.

— Pensavas que alguma vez dou ponto sem nó?

Ao ver uma expressão fugaz de desagrado no rosto de Címon, Temístocles se arrependeu imediatamente de suas palavras. Arrogância, vaidade. Por quê?

Tu sabes de sobra, disse para si. Estás ressentido porque gostarias de estar ali, explicando a todos os gregos a estratégia que traçaste. Mas não tens mais remédio que permitir que outro o faça e deixar que tornem a te roubar o mérito, como em Maratona.

— Por isso — continuou Leônidas —, depois de muito pensar, decidimos vos propor isto.

Seu dedo apontou o extremo noroeste da ilha de Eubeia, que parecia se cravar como um esporão no continente. Ali, na esquina do golfo de Mália, havia um nome gravado. *Thermopylai*, as Portas Quentes.

— Para quem nunca esteve ali, como é meu próprio caso, eu vos direi o que me explicou o general Evéneto. As Termópilas são um passo muito estreito, com quinze metros no ponto mais apertado e, além de tudo, estão guarnecidas por um velho muro. À direita está o mar e à esquerda se ergue uma montanha de mil metros. É um gargalo onde o número dos persas não lhes servirá de nada e ficarão atarrancados contra nossos escudos. — Agora seu dedo apontou um

pouco mais à direita, na própria costa de Eubeia, onde um X marcava a posição do cabo Artemísio. — A frota da Aliança ancorará aqui. Desse modo, interceptarão os navios persas. Tanto faz que queiram se dirigir para o oeste e se juntar a seu exército de terra, ou que decidam contornar a ilha de Eubeia pelo leste. Não passarão.

A segunda opção era pouco recomendável, imaginou Temístocles. A costa oriental de Eubeia era muito escarpada, sem portos naturais, e era açoitada por um vento constante que empurrava os barcos para cima dos penhascos. Sem dúvida, quem comandasse a frota de Xerxes preferiria evitá-la e virar a oeste para continuar em contato com as tropas de terra. Além disso, a essa altura, os persas já se encontrariam em território inimigo. Por enquanto, podiam confiar nos depósitos de víveres que haviam instalado meses antes na Trácia e na Macedônia. Mas, ao entrar na Grécia, teriam de viver do terreno, e para um exército tão numeroso isso não seria suficiente. Precisariam dos barcos de transporte da frota como comboio permanente para levar provisões do norte.

Enquanto Leônidas continuava dando razões e respondendo a perguntas, Temístocles acalentava cada vez mais dúvidas, mesmo o plano tendo sido concebido por ele.

Sim, as Termópilas eram uma grande posição defensiva. Ele mesmo havia passado por ali duas vezes, ao ir à Tessália e ao voltar, e as alturas do Calídromo haviam lhe parecido uma posição inexpugnável para defender a ala esquerda. Com certeza existiam outros passos pela montanha que fariam possível flanquear o exército defensor e surgir pela retaguarda, mas pelo que os nativos do lugar lhe haviam contado, era possível defendê-los com contingentes relativamente pequenos. Um exército de quinze a vinte mil homens podia se manter forte ali durante muito tempo, e Xerxes logo começaria a ter problemas se sua frota não pudesse levar provisões.

O problema estava em Artemísio, onde tinham de deter essa frota. As contas não batiam para Temístocles. Se conseguissem terminar a tempo as cinquenta trirremes que estavam nos estaleiros do Pireu, poderiam enfrentar os persas com uns trezentos e cinquenta navios. Mas, segundo os informes, o Grande Rei tinha pelo menos seiscentas trirremes de primeira, naus fenícias, egípcias, cipriotas e jônicas com tripulações experientes. Com toda a certeza, mais bem adestradas que as suas. Como deteriam uma frota que gozava de superioridade numérica e técnica, se, além de tudo, em Artemísio havia cerca de catorze quilômetros de mar aberto?

Ah, teria dado tudo para existir ali ao norte uns estreitos como os de Salamina, que conhecia como a palma de sua mão. O problema era que o exército e a frota de Xerxes eram tão numerosos que, se deixassem passar apenas um deles, poderia cercá-los e atacá-los pelo sul. Precisavam detê-los ao mesmo tempo. A única região onde havia perto dois gargalos, como dissera Leônidas, era

Termópilas e Artemísio.

E ali teriam de combater, pois essa foi a decisão da Aliança. Temístocles estudou os rostos que o cercavam. A maioria dos representantes do Peloponeso havia manifestado já fazia tempo que preferia fortificar o istmo, onde estavam reunidos naquele momento, e aguardar os persas ali com a esperança de que Xerxes se contentasse com arrasar Atenas. Mas quando Leônidas lhes pediu o voto, levantaram as mãos obedecendo a Esparta, mesmo que de má vontade.

— Conseguimos salvar Atenas — disse Címon.

— Por ora — respondeu Temístocles.

Haviam decidido onde estabelecer sua posição defensiva. Mas, se ela caísse, para onde se retirariam? Temístocles sabia que precisavam de um segundo plano caso o primeiro falhasse. O problema era que quase nem se atrevia a pensar nisso. Recorrer a um segundo plano significaria que Xerxes tinha caminho livre até Atenas, e a destruição da cidade.

MÉGARA E DELFOS, 18 A 22 DE JULHO

Quando Fidípides a interceptou para lhe contar o oráculo que Apolo havia oferecido à cidade, a comitiva ateniense já se aproximava de Mégara e tinha diante de si a costa ocidental de Salamina. Como faziam desde vários dias, Epícides e Mnesífilo, que haviam acompanhado a delegação, discutiam acaloradamente na carreta que levava ambos. O curioso era que, apesar de acabarem se xingando, depois de um tempo tornavam a se procurar para discutir de novo.

Epícides gostava de polêmica, e sempre a encontrava. A única pessoa com quem sempre estava de acordo era consigo mesmo. Temístocles o utilizava havia anos como aríete contra a nobreza, pois com seus iracundos discursos conseguia incendiar os corações do povo. Mnesífilo, menos fino em suas metáforas, dizia:

— Epícides, teu aríete? Não sejas tão sublime, Temístocles. Esse homem é um vulgar lançarote.

Aríete ou lançarote, a verdade era que Epícides havia ressuscitado de forma muito oportuna o decreto do ostracismo graças ao qual Temístocles havia conseguido esvaziar a palestra política de rivais. Também era o promotor do decreto para que se cortassem ainda mais os poderes dos arcontes, que já fazia alguns anos que não eram eleitos por votação, mas sim por sorteio.

Mas, às vezes, era preciso controlá-lo. Por exemplo, quando propôs distribuir o lucro do Láurion entre todos os cidadãos. Temístocles teve de falar durante mais de uma hora para convencer a assembleia de que era melhor gastar esse superávit com uma frota. Sua última ideia, a mais absurda, ele a tivera apenas alguns meses antes: certo de que, contra a opinião dos nobres, qualquer cidadão era apto a desempenhar qualquer função, Epícides queria apresentar uma moção para que até os dez generais fossem selecionados recorrendo aos feijões que

utilizavam para os sorteios. A tão estranha proposta acrescentava que quem houvesse desempenhado o generalato um ano não o poderia repetir nunca mais.

Temístocles tivera de chamá-lo à sua casa do Pireu, onde lhe disse:

— Epíclides, Epíclides. Com certas coisas não se brinca.

— Mas não havíamos dito que é preciso dar o poder ao povo? — respondeu ele. — Não existe outro cargo mais importante que o de general, e tu pretendes que fique para sempre nas mãos dos nobres?

— Por enquanto, pretendo que continue em minhas mãos. E quando eu não estiver, minha intenção é que os atenienses continuem elegendo os melhores para esse cargo.

— Não existem melhores nem piores. Essa é uma ideia aristocrática que deve ser erradicada!

— Essa é a maldita verdade, Epíclides — respondeu Temístocles prestes a perder a paciência. — Não estamos falando de presidir reuniões, proteger viúvas e órfãs, cobrar multas na ágora ou dar nome ao ano. Estamos falando de comandar milhares de homens e de combater pela sobrevivência da cidade. E aí não queremos ineptos. Já é bastante ruim elegermos dez generais em vez de um só!

— Tu me decepcionas, Temístocles. Estás ancorado no passado.

— Talvez. Mas enquanto os persas estiverem na Europa, eu te rogo que deixes tua revolução para mais tarde.

— Eu te garanto que, quando esse dia chegar, cortarei a cabeça de todos os nobres corruptos e devoradores de subornos!

Era uma citação quase literal de Hesíodo. Epíclides adorava citá-lo, pois o considerava o autor antiaristocrático por excelência.

Porém, se havia um personagem da história de Atenas a quem odiava era Sólon. Agora, enquanto chacoalhavam na carreta, Mnesífilo lhe perguntou a razão de tanta aversão.

— Suas normas evitaram uma guerra civil em Atenas — respondeu Epíclides.

— Pois justamente esse é seu mérito — alegou Mnesífilo.

— É o que pensas? Um bom banho de sangue é o que teria sido necessário naquele tempo, e teríamos nos poupado de muitos males. Mas Sólon tentou contemporizar com uns e outros e não contentou a ninguém. Por conta de suas leis, o povo pensa que tem alguma mão no governo e se conforma com as migalhas que os de sempre lhes jogam.

— Sólon aboliu a escravidão por dívidas, e comprou a liberdade dos cidadãos pobres que já haviam sido vendidos fora da cidade. Isso também te parece ruim, cabeça-dura? — perguntou Mnesífilo levantando a voz.

Era um homem tranquilo enquanto não mexiam com seu bisavô.

— Pior que ruim! A única coisa que fez foi pôr panos quentes. Quando se tem um furúnculo, o melhor é deixar que piore e que engorde até que por fim estoure

e saía todo o pus. Isso é o que devia ter acontecido com Atenas.

— Imagino que, segundo tua clarividente metáfora, os aristocratas são o pus.

— Exatamente!

Temístocles, que ia a cavalo, voltou-se de lado para ver como ambos discutiam na carreta.

— Epícles, eu te recordo que, embora Mnesífilo vista sempre o mesmo manto, também é um eupátrida.

Divertia-se atizando aqueles dois. Visto que Mnesífilo se comportava com ele como uma mutuca, não era nada mau ter sua própria vespa picando seu traseiro.

— Vem alguém aí! — avisou Címon.

Era Fidípides, inconfundível pelo estilo de seu trote, com os cotovelos colados ao corpo e levantando bem os magros joelhos. Vinha em direção contrária a eles, e não tardou a chegar à sua altura. Temístocles não se surpreendeu com sua aparição. Ao mesmo tempo que ele ia à reunião da Aliança, uma comitiva oficial havia partido para Delfos a fim de consultar sobre o que se devia fazer diante da invasão. Nela estavam o polemarco Eumolpo e outro general, além de vários magistrados. Temístocles havia ordenado a Fidípides que os acompanhasse e que, assim que a pitonisa lhes entregasse o oráculo, se dirigisse a Corinto a toda pressa para revelá-lo a ele.

O corredor chegou a ele quando passavam por um pequeno pinhal, de modo que aproveitaram para parar um pouco e se refrescar. Era o mesmo lugar onde

Teseu havia acabado com o célebre foragido Sinis⁶⁵. Este tinha o costume de amarrar os viajantes em dois pinheiros flexíveis dobrados até o chão. Depois, cortava as cordas que seguravam as árvores e observava como, ao se endireitar, deslocavam os membros dos desventurados. E continuou agindo assim até que Teseu, como havia feito com tantos outros bandidos em sua longa viagem de Troezen a Atenas, fez que provasse de seu próprio veneno.

Ao ver Fidípides sentado encostado em um pinheiro, com suas pernas de grou dobradas até o queixo, Temístocles imaginou o que teria acontecido se Sinis o houvesse submetido à sua tortura. O mensageiro estava tão magro que com certeza teria se partido ao meio.

— Então? Qual é o oráculo? — perguntou a Fidípides quando viu que havia aplacado sua sede.

Teria preferido escutar a profecia a sós, mas a autoridade de Temístocles não era tanta a ponto de esconder dos outros dois generais as palavras de Apolo.

— Não creio que vades gostar.

Pela expressão do mensageiro, Temístocles suspeitou que tinha razão. Apesar de tudo, estimulou-o com um gesto. Fidípides se levantou e recitou de cor:

*Infelizes! O que estais esperando? Fugi para o fim do mundo
e abandonai os baluartes circulares de vossa cidade.*

*Tudo arrasarão o fogo e o furioso deus Ares
conduzindo um carro sírio. Outras fortalezas destruirá,
e não só a vossa. Abandonai vossa cidade sagrada
e enfrentai com resignação a adversidade!*

Como bom heraldo, Fidípides sabia impostar a voz e recitava quase como um rapsodo profissional. Todos ficaram tão impressionados ao escutar a profecia inspirada por Apolo que durante um tempo ninguém falou. Por fim, o general Leócrates disse:

— Isso não vai melhorar muito o moral da cidade.

— Estás brincando? É horrível! — disse Epícles.

Em seu pensamento revolucionário ainda não entrava derrubar os deuses do Olimpo, pois era muito supersticioso.

— Não querias sangue e destruição? — disse Mnesífilo. — Porque na profecia há de sobra.

— Dize, Fidípides — interveio Temístocles. — O polemarco, nem ninguém mais, pensou em solicitar outro oráculo que fosse mais favorável?

— Não. Ficaram petrificados, como vós, e decidiram voltar a Atenas o quanto antes para levar as más notícias.

Temístocles se sentou para pensar por alguns minutos. O oráculo de Delfos costumava ser ambíguo. Assim havia ocorrido quando Cresos, um de seus benfeitores mais importantes, lhe perguntara o que aconteceria se declarasse guerra a Ciro, o persa. “Destruirás um grande império”, respondera a pitonisa. Evidentemente, Cresos interpretara o oráculo como o melhor lhe conveyed, partira para a guerra e o império que destruíra foi o seu. Como no fundo a profecia havia se cumprido, nunca pudera exigir a devolução de seus tesouros.

Mas, agora, os oráculos estavam sendo qualquer coisa menos ambíguos. Delfos havia dito aos cretenses que não se atrevessem a participar da guerra. A mesma resposta havia dado à cidade de Argos. Quanto à profecia recebida pelos espartanos, também não era alentadora. Após fazê-lo jurar que não a revelaria, Leônidas a havia recitado a Temístocles:

*Oh, moradores da extensa Esparta!
Ou vossa poderosa e excelsa cidade é destruída pelos persas,
ou a Lacedemônia chorará a morte de um rei.
Pois o invasor tem o poder de Zeus, e não se deterá
enquanto não devorar a cidade ou o rei até os ossos.*

— Suspeito que não vou morrer cultivando minhas vinhas — concluíra Leônidas dando de ombros.

Ou Apolo via muito claramente qual seria o desenlace da guerra, ou Mardônio estava inundando o santuário de ouro. Mas ainda cabia uma terceira resposta, mais simples: que os administradores de Delfos eram uns covardes. Os persas

tinham fama de respeitar os santuários de outros povos, e especialmente os oráculos. Ainda mais se fossem de Apolo, como havia acontecido com o de Dídima, na Cária, que continuava funcionando sob o domínio aquemênida. Seus sacerdotes haviam sido espertos o bastante para assemelhar os traços solares de Apolo aos de Ahuramazda e convencer os persas de que, no fundo, se tratava do mesmo deus.

Como dissera Leócrates, o moral em Atenas não andava muito alto. Os cidadãos da quarta classe estavam um pouco mais animados, mas tinham tanto medo de Xerxes quanto todos; estavam havia meses trabalhando na construção e na manutenção da frota, da qual iam participar como remadores em troca de um pagamento. Mas os membros das três primeiras classes, os hoplitas que haviam derrotado os persas em Maratona, não se sentiam tão satisfeitos, longe disso. Não somente viam sobre eles a ameaça da guerra como também temiam perder sua dignidade e os poucos privilégios que ainda lhes restavam. Um oráculo derrotista como aquele não ajudaria a fazê-los embarcar de bom grado rumo a Artemísio.

“Fugi para o fim do mundo.” *E por que não mais longe?*, perguntou-se Temístocles.

Levantou o olhar para o céu. O Sol começava a cair, mas restavam algumas horas de luz que podiam aproveitar. Foi até seu cavalo, apoiou as mãos em seu lombo e montou sem ajuda de Sicino. Aos quarenta e três anos, ainda se conservava em forma.

- Aonde vais? — perguntou Címon.
- Segui para Atenas. Eu vou para Delfos.
- Para quê?
- Conseguir outro oráculo!

Temístocles nem sequer pensou em pedir companhia. Apenas disse a Sicino que fosse com ele. Encarregou Címon de cuidar do valioso mapa de bronze e, ao chegar a Atenas, supervisionar as últimas fases da construção dos barcos que esperavam no Pireu. O filho de Milcíades olhou-o com cara de desconfiança.

- Estás tramando algo.
- Não. Mas se assim for, melhor que não saibas de nada.

Mnesífilo também queria ir para Delfos, visto que nunca o havia visitado. Mas Temístocles, que havia escolhido os cavalos mais velozes com a intenção de viajar à marcha forçada, respondeu a seu velho amigo:

— Em outra ocasião. Eu te prometo que quando tudo isto acabar eu mesmo te acompanharei para ver o oráculo.

Dos dois generais, Leócrates não tinha o menor desejo de ir com ele e acrescentar outra viagem à que já levava nas costas. Mas Andrônico insistiu em acompanhá-lo e em levar consigo seu escravo Telo, um sujeito de rosto patibular que se dedicava ao pancrácio, o mais brutal dos estilos de luta.

Era um trajeto de mais de cento e cinquenta quilômetros. Embora a rota entre Atenas e Delfos costumasse ser bem transitada, não deixava de ser uma trilha poeirenta que, quando chegassem as chuvas inverniais, ficaria quase impraticável. Durante os três dias que levaram para percorrê-lo, Temístocles não parou de pensar, com inveja, no Caminho Real, largo e pavimentado, e com albergues e postas a cada poucos quilômetros. De certo modo, a mediocridade dos caminhos gregos podia jogar a favor da Aliança, freando o avanço da invasão. Quando Xerxes entrasse na Grécia e tivesse de conduzir seu enorme exército por essas trilhas de cabras, com certeza amaldiçoaria em persa e aramaico.

Dormiram ao relento as três noites. A última foi na bifurcação da estrada onde Édipo se encontrara com seu pai Laio, sem saber quem era, e o matara em uma

briga ⁶⁶. O lugar causava calafrios em Andrônico. Mas a escuridão caíra e estavam cercados de mata, de modo que não tiveram alternativa além de acender uma fogueira ali mesmo, perto de um monte de pedras. Segundo os nativos, esse monte cobria o túmulo do rei Laio. Temístocles preferiu não dizer nada a Andrônico para não alimentar seus receios. Sicino não conhecia a história de Édipo e pediu a Temístocles que a contasse. Adorou; talvez pelo papel que o destino e o acaso tinham nela, como havia acontecido em sua própria vida.

Dali, tiveram de seguir a pé, pois a estrada ficava mais acidentada conforme se aproximavam do monte Parnaso, cujos topos protegem o santuário. Já se via a pedra nua e avermelhada, mas no inverno Temístocles o havia encontrado coberto de neve.

Chegaram à aldeia de Delfos pouco depois do meio-dia. Não estava tão abarrotada como outras vezes em que Temístocles a havia visitado. Mas sempre havia ido ao oráculo no sétimo dia do mês, data estabelecida para os peregrinos, ao passo que agora teriam de pedir uma consulta extraordinária como um favor especial. O próxeno da cidade de Atenas, que uns dias antes havia hospedado a delegação oficial, pôde oferecer cubiculos aos dois generais, e instalou Sicino e o escravo de Andrônico no pátio da casa.

Temístocles não estava disposto a deixar nada ao acaso, e assim que chegou começou a fazer diligências. O próxeno lhe recomendou que falasse com Tímon, um dos dois sacerdotes que dirigiam o oráculo.

— Ele é mais acessível, tu me entendes — disse fazendo um gesto universal de esfregar o dedo indicador e o polegar.

Temístocles enviou um mensageiro para que dissesse a Tímon que o convidava a jantar na pousada de Míniás. Era a que tinha a melhor comida em Delfos, e também a mais cara. Pelo que o próxeno lhe havia contado, tinha certeza de que o sacerdote aceitaria. Quando recebeu a confirmação e se preparava para sair com Sicino, teve uma surpresa.

— Vou contigo — disse seu colega Andrônico.

Não se podia dizer que fosse uma companhia agradável. Durante o caminho mal haviam conversado. Andrônico era um eupátrida de pura cepa, o que quer que isso significasse. Como bem dizia Clístenes, queria ver quantos desses aristocratas de sangue puro eram descendentes de escravos que haviam fornicado com suas mães, avós ou bisavós.

Quando jovem, Andrônico havia praticado arremesso de disco e participado dos Jogos Nemeus. Aos cinquenta anos não estava nada mal, mas havia engordado e a papada roubava energia de seu queixo outrora afilado. Era desses nobres que se dedicavam à caça e à equitação, viviam das rendas de suas terras e olhavam com desprezo para quem, como Temístocles, trabalhava. Um desprezo que não podiam disfarçar.

Essa era uma lição que sua mãe lhe havia ensinado: “Cuidado para não desprezar ninguém, filho. O desprezo se nota muito. Quando odeias uma pessoa ou até quando a ofendes levado pela ira, ela pode chegar a te perdoar no dia de amanhã. Porém, se a desprezares e a olhares por cima do ombro, sempre te guardará rancor”.

Podia parecer curioso que uma mulher com um olhar tão altivo como Euterpe lhe dissesse isso. Mas Temístocles aprendera bem cedo a distinguir o orgulho do desdém. Em Andrônico, este se mostrava em cada gesto, na careta nojenta com que levantava o lábio superior, no lânguido pestanejar com que recebia as palavras de Temístocles deixando bem claro que não as escutava, por mais autocrata que fosse.

Por isso estranhou tanto que quisesse ir com ele. Mas não encontrou jeito de se livrar de sua companhia nem da de seu corpulento escravo.

Quando chegaram à pousada de Mínia, disseram-lhes que Timon já estava esperando em um reservado do andar de cima. Ao que parecia, não era dos que chegavam atrasados a um bom jantar. Quando Temístocles já se preparava para subir, Andrônico o segurou pelo cotovelo.

— Espera. Quero falar contigo.

— E eu com Timon.

— Para que tanta pressa? Quanto mais fome tiver, mais agradecerá teu convite.

Andrônico insistiu para que ocupassem uma mesinha na rua, debaixo de um toldo branco que a essa hora já não era necessário, pois a sombra da montanha caíra sobre a aldeia. Sicino e Telo se sentaram à parte, sem falar; ambos eram homens de poucas palavras, e pareciam ter sido contagiados pela antipatia que reinava entre seus chefes.

O dono da pousada, que conhecia Temístocles e sabia que era homem importante e bom pagador, levou-lhes uma jarra de vinho e uma bandeja com pedaços de queijo de cabra temperados com azeite, manjeriço e alecrim. Quando os deixou sozinhos, Andrônico surpreendeu Temístocles com sua

franqueza quase brutal.

— Quanto?

— Quanto o quê? — perguntou Temístocles.

— Quanto me pagarás para que me cale?

Temístocles pestanejou devagar. Em caso de necessidade, ele também sabia se mostrar rude com os outros, mas a grosseria do eupátrida o ofendia. Que havia pensado para tratá-lo como se fosse um vulgar banqueiro sentado à sua mesa? No entanto, decidiu que lhe seria mais negócio controlar sua ira e descobrir o jogo de Andrônico.

— Não sei a que te referes.

— Vieste aqui para conseguir outro oráculo mais favorável. Conhecendo-te — disse Andrônico, com uma desagradável gargalhada —, isso só pode significar que estás tramando algum trambique.

— Ignoro os motivos que tens para pensar isso, mas estás me insultando. Quero um oráculo melhor para Atenas, não para mim. E tu deverias me apoiar.

— Ora, ora, não te faças de ofendido, general autocrata. Pode ser que por enquanto te mantenhas no alto graças à chusma, mas isso não vai ser sempre assim. Conheço bem gente como tu. Por mais que queiras vos limpar, sempre cheirais a esterco e acabais voltando ao esterco.

A esterco debes cheirar tu, que vives do campo, não eu, pensou Temístocles, com o pulso acelerado de ira. Mas havia coisas mais importantes em jogo que seu amor próprio.

— Está bem — disse com voz gelada. — Imaginemos que tuas especulações tivessem algo de razão e eu pretendesse subornar o oráculo. Dize quanto irias querer por teu silêncio.

— Sei que estás com a vida ganha, Temístocles, e minhas rendas ultimamente não são as que eram. Não posso permitir que novos ricos como tu se vistam melhor que eu nem vivam em casas mais luxuosas. Quero que me pagues três mil dracmas por ano.

Temístocles olhou de soslaio para Sicino. A imagem de Andrônico estrangulado em um beco ou rolado por um despenhadeiro no caminho de volta passou fugazmente por sua cabeça.

— Oh, oh — o eupátrida devia ter lido sua mente. — Teu criado pode ser grande como um urso, mas eu te garanto que não duraria um minuto na mão de Telo.

Temístocles reparou uma vez mais no escravo de Andrônico. Era um capanga de nariz achatado e orelhas rasgadas como duas couves-flores. Nunca havia competido em jogos oficiais, posto que não era um cidadão livre, mas em lutas noturnas de pancrácio nas quais os espectadores faziam apostas. Temístocles o vira lutar em duas ocasiões, no Pireu e no Cerâmico, e tinha de reconhecer que era um homem que dava medo. Media pouco mais que ele, mas se tivesse

peçoço ele o ultrapassaria em mais de meia cabeça. Seu corpo era volumoso e coberto de músculos tão grandes quanto os nós das maromas com que amarravam os cargueiros no cais. Mas o que mais assustava ao vê-lo combater era a terrível violência, a cega agressividade com que acertava seus adversários, como se fosse o selvagem deus Ares encarnado. Seus rivais sempre mostravam um ponto de contenção, mas Telo não, e já havia matado vários lutadores. As duas vezes que Temístocles o viu, o juiz do combate tivera de detê-lo com a ajuda de outros homens para que não acabasse arrebrandando a pontapés o adversário caído no chão.

Isso, de certo modo, era conveniente para ele. Quando voltassem a Atenas, seria mais fácil que as pessoas pensassem que ele não havia pressionado Andrônico, conhecido por ter o guarda-costas mais forte da cidade.

Como se de novo houvesse adivinhado seus pensamentos, Andrônico disse:

— É bom para ti que eu tenha te acompanhado. Seremos duas testemunhas do oráculo, e assim as pessoas não desconfiarão de ti. Todo mundo sabe que eu sou incorruptível.

Embora fosse mentira, pronunciou essas últimas palavras com plena convicção.

— Está bem — disse Temístocles. — Será como dizes. Agora, sobe comigo. Não quero fazer Tímon esperar mais.

— Não, não! Prefiro não me sujar com tuas manobras sacrílegas. Não quero saber o que vais fazer para distorcer a vontade dos deuses.

Mas com meu dinheiro não te importas de sujar, não é?, pensou Temístocles. Andrônico se levantou do banquinho.

— Para começar, deixo que pagues esta jarra de vinho — disse com um sorriso sarcástico. — Assim vais te acostumando. Ah! Quero as três mil dracmas em minha casa na mesma noite em que chegarmos a Atenas. Procura mandar outro escravo que não chame tanto a atenção como esse boi — disse, apontando para Sicino. — Eu cuidarei para que entre pela porta de trás. Não quero que me relacionem contigo mais que o necessário.

Devoradores de subornos. Temístocles recordou o epíteto de Hesíodo para os nobres. Mas em breve teria tempo de lidar com esse sanguessuga e seu capanga. Por ora, os assuntos proféticos eram mais urgentes.

Jantaram carne de borrego com ervas aromáticas, tão tenra que desmanchava na boca, e peixe na brasa. Temístocles, que se moderou com a comida e o vinho para manter a cabeça alerta, procurou fazer que o sacerdote bebesse em abundância. Mas Tímon virou uma jarra inteira com apenas meia parte de água sem nem sequer começar a enrolar a língua. Ao terminar, Temístocles pagou o músico que amenizava o jantar com sua flauta dupla e o dispensou. Depois, deu outra moeda ao filho do proprietário, que estava retirando os pratos.

— Dize a meu criado que fique junto à porta e não deixe ninguém entrar. Não quero que nos incomodem.

Afastados dos temas triviais do jantar, Temístocles tocou no assunto da guerra iminente. A conversa com Andrônico o havia deixado de mau humor, o que fez que fosse mais direto e cortante que seu habitual.

— Vosso oráculo está acovardando todos os gregos. Àqueles que não diz diretamente que se rendam ou se abstenham de participar, ameça-os com desgraças terríveis.

— Não é “nosso” oráculo, meu querido Temístocles. É do deus. Demonstra um pouco de respeito a Febo Apolo.

Tímon era um sessentão corpulento, de cabelos ralos e brancos como a neve que coroava o Parnaso. Seus olhos, de tão azuis, eram inquietantes.

— Apolo é um deus grego — disse Temístocles. — Nasceu em Delos, no coração das Cíclades, e tem seu santuário aqui, no centro da Grécia. Por que favoreceria a causa de uns bárbaros? Por que se nega a ajudar os gregos?

— À sua maneira, Xerxes também acredita em Apolo, mesmo que sob outro nome. Pois o deus muitas vezes gosta de esconder seu verdadeiro rosto sob aspectos e nomes diferentes.

— Então, reconheces Xerxes como teu senhor?

— Meu único senhor é Apolo! — respondeu Tímon, endireitando-se no divã. — Se tornares a insinuar algo assim, vou embora.

Agora que já encheste bem a barriga, claro. Temístocles permaneceu reclinado. A experiência lhe dizia que se fingisse uma postura de descontração e controle acabaria se sentindo assim de verdade e poderia dominar situações complicadas. Ele mesmo esticou o braço para encher a taça de Tímon. Mas o sacerdote não se dignou a tocar o vinho.

— Era só curiosidade. Fiquei surpreso por defenderes tanto Xerxes sendo ele um monarca estrangeiro. A propósito, o que te faz acreditar que o Grande Rei respeitará o oráculo e suas posses?

— Estamos sob a proteção de Apolo. Ele jamais permitirá que Xerxes nem ninguém mais profane seu santuário.

Temístocles se conteve. Dizer abertamente a Tímon que ele e os outros funcionários do oráculo eram uns corruptos comprados pelo ouro persa não o ajudaria em nada. Além disso, só suspeitava, não tinha informação disso. Talvez o oráculo, assim como tantas cidades da Grécia, se limitasse a se dobrar como um junco diante do vendaval e esperasse alguma gratificação no futuro. Decidiu que convinha ilustrar o sacerdote.

— Na Babilônia, Xerxes se atreveu a destruir um templo de Zeus maior que todo este santuário. Depois, derrubou e fundiu sua estátua, que era de ouro maciço e pesava mais de quinhentos quilos. — Na realidade, Xerxes só havia causado destroços no sétimo terraço de Etemenanki, e a estátua de Marduk

pesava metade do que havia dito. Mas, se exagerava, era por uma boa causa. — O Grande Rei acredita que todos os deuses que não sejam seu alado Ahuramazda são demônios e devem ser destruídos.

— Isso é impossível! Ele nos prometeu que...

O sacerdote se interrompeu e fechou os olhos um instante, sem dúvida amaldiçoando a si mesmo por falar além da conta. Temístocles decidiu abandonar os rodeios.

— Ele vos prometeu que se minásseis o moral dos gregos para que se rendam respeitaria o oráculo, não é? E essa foi uma mensagem pessoal do general Mardônio, comandante-em-chefe do exército de Xerxes.

Era uma aposta às cegas, baseando-se no que havia visto na Babilônia. Provavelmente Mardônio teria utilizado um intermediário. Mas, ao que parecia, Temístocles acertara em cheio, e o sacerdote se surpreendeu o suficiente para se delatar.

— Como sabes?

— Não sou como vosso oráculo, que conhece o número dos grãos de areia da praia e as gotas de água do mar. Mas também tenho minhas fontes de informação.

O sacerdote pegou a taça e a esvaziou de um gole só. Depois, jogou a borra no chão e a encheu de novo. Já não ameaçava ir embora.

— Nego tudo o que dizes. E negarei diante de quem for.

— Tanto faz. Toda a Grécia já suspeita. Se eu não temesse ofender o deus, diria que vossa conduta começa a parecer escandalosa.

— Tu não és ninguém para julgar o oráculo, general.

— Nisso tens razão. Mas talvez admitisse um conselho meu, não, Tímon?

— Somos nós quem oferecemos conselho, não quem o recebemos.

— No entanto, estás esquecendo algo. Neste oráculo não se guardam só tesouros de toda a Grécia. Há também os de cidades jônicas da Ásia. E, além de tudo, as oferendas que Creso consagrou. São as mais valiosas do santuário, segundo meu entendimento.

— Recebemos essas oferendas porque nosso prestígio chega a todos os cantos do mundo. Justamente por isso, aconteça o que acontecer, sabemos que os persas não se atreverão a profanar este santuário. Eles mesmos respeitam e veneram Delfos.

— Eu não me expliquei bem. O que quero dizer é que Creso tirou todo esse ouro de seu país. Lídia é agora uma satrapia da Pérsia, de modo que o Grande Rei acha que esse ouro lhe pertence. E talvez tenha certa razão — acentuou para torturar o sacerdote.

— Não sei aonde queres chegar. Todos os tesouros que estão aqui são depósitos legítimos, voluntariamente oferecidos por seus donos.

Temístocles, que tinha seu próprio depósito ali enterrado, sabia de sobra. Mas,

sem dizer nada de seu ouro por ora, prosseguiu.

— Quero dizer que, quando seus homens caírem sobre a Grécia como uma imensa matilha de lobos famintos, não só saquearão as cidades como também virão aqui, a teu amado santuário, para levar o que lhes pertence. E quando abrirem o tesouro de Cresos e o ouro atizar sua cobiça, achas que o respeito a Apolo será suficiente para impedir que despojem todo o resto?

— Eu me nego a aceitar tuas palavras. Que sabes tu do que pensam os persas ou dos propósitos do Grande Rei?

Temístocles se endireitou por fim.

— *Thatiy Xshayarsha xshayáthiya: Auramazda nikatuv duruxtah dáivahcha uta duruxtam daivádanam!*

O sacerdote escutou sem pestanejar, muito pálido. Temístocles não sabia se ele havia entendido suas palavras, mas era evidente que Tímon reconhecia o idioma como persa e que não era a primeira vez que escutava seu sonoro ritmo.

— “Diz Xerxes o rei: Oxalá Ahuramazda destrua os falsos deuses estrangeiros com seu falso santuário!” Escutei essas palavras com meus próprios ouvidos na Babilônia. Dos lábios de Xerxes!

Na realidade, ele as vira gravadas em uma parede e o escriba de Issacar as havia traduzido, porque nem Sicino sabia ler os caracteres cuneiformes das inscrições oficiais. Mas, pela expressão de Tímon, era óbvio que lhe pareciam tão convincentes quanto se acabasse de escutar um oráculo de sua própria pitonisa, ou até mais. Não era a primeira vez que Temístocles comprovava o poder quase mágico de umas palavras pronunciadas em uma língua estrangeira.

— O que queres, Temístocles? Para de me atormentar e dize de uma vez. *Se é para ser claro, sejamos de verdade*, pensou Temístocles.

— Quero um oráculo que não seja derrotista. Quero um oráculo que não seja covarde.

— Como te atreves a insultar o...

Temístocles se levantou, derrubou a mesa com um pontapé e apontou o dedo para o sacerdote.

— Quero um oráculo que não seja traidor! Quero um oráculo que não tenha sido ditado pelo ouro persa!

Temístocles costumava falar com voz suave, mas também sabia se fazer ouvir na assembleia e gritar ordens na ponte de seu navio enquanto a tempestade rugia. O sacerdote sentou-se no divã e pareceu diminuir diante de seus olhos. Já o havia acovardado. Agora chegara o momento de sentar-se também, suavizar a voz e começar a negociar.

Havia acabado de amanhecer quando entraram no recinto do santuário e tomaram a subida pela via Sagrada. Dos dois lados do caminho empedrado, erguiam-se tesouros consagrados por cidades de toda a Grécia, e atrás deles, em

segunda e terceira filas, viam-se também oferendas e templetes de cidadãos particulares. As estátuas policromadas, as vivas pinturas e relevos que decoravam os edifícios, o jaspeado do mármore e o estuque e o brilho dos metais davam ao conjunto um aspecto ainda mais heterogêneo e vistoso que a Acrópole de Atenas.

Temístocles subia acompanhado por Andrônico e pelo próxeno dos atenienses. Atrás deles caminhavam Telo e Sicino, este último carregando o cabrito que sacrificariam a Apolo e que de tempos em tempos se queixava com um frágil balido. Embora fosse cedo, já começava a fazer calor.

— Hoje até as lagartixas vão procurar sombra — comentou o próxeno.

Andrônico, depreciativo como sempre, limitou-se a fazer uma careta.

Para os fiéis gregos, Delfos era o umbigo do mundo, o lugar sagrado onde Apolo se dignava a compartilhar com eles seu conhecimento do porvir. Na opinião de Temístocles, tratava-se mais de um centro de inteligência e espionagem que estendia seus tentáculos para além do Egeu. Era paradoxal que chegasse tanta informação até ali, tratando-se de um lugar afastado aonde só se entrava por caminhos tortuosos. Mas Temístocles compreendia por que Apolo havia escolhido aquele local para se estabelecer; em suas viagens havia conhecido poucos mais bonitos. Bastava girar os calcanhares para contemplar ao mesmo tempo as maravilhas do santuário, o verde dos frondosos bosques que o cercavam e os cumes pelados e majestosos do Parnaso. E ao completar a volta, até se podia ver o mar. Ao sul, as águas do golfo de Corinto brilhavam como um espelho sob o sol da manhã.

Fosse o verdadeiro umbigo geográfico do mundo ou não, não se podia negar que Delfos era o centro espiritual da Grécia. Não havia guerra ou campanha importante que se travasse sem consultá-lo. Sua fama havia cruzado o Egeu, e por isso o rei Cresos lhe havia enviado oferendas suntuosas. Os versos de propaganda com que a pitonisa lhe respondeu já eram célebres:

*Conheço o número de grãos de areia da praia
e as dimensões do mar sei medir,
entendo o surdo-mudo e escuto aquele que não fala.*

Temístocles suspeitava que Cresos havia enviado oferendas a Delfos não só por conhecer o futuro, mas também porque, caso os persas o derrotassem e fosse obrigado a fugir de seu reino, o tesouro que guardava em Delfos lhe garantiria um retiro dourado na Grécia. Para sua desgraça, não só perdeu a guerra como também caiu prisioneiro de Ciro e não pôde cruzar o mar para usufruir de suas riquezas.

Como outros gregos ricos, Temístocles guardava uma boa soma no santuário, escondida em um templete atrás do tesouro dos atenienses. Era um edifício muito humilde, de paredes de tijolo e sem colunas, mas protegido por uma sólida porta

de bronze. Dentro dele havia bandejas e candelabros de prata, uma estátua de Apolo e algumas armas persas que lhe haviam cabido na distribuição do butim de Maratona. Mas debaixo daquelas oferendas, enterrado no chão e sob uma pesada laje de granito, escondia-se um cofre com dois talentos de ouro entre ourivesaria, lingotes e moedas persas. Como normalmente a cotação do ouro era dez vezes o valor da prata, era uma fortuna mais que considerável.

Fortuna que se veria muito diminuída pela cobiça dos sacerdotes. Para conseguir que a pitonisa recitasse uma segunda profecia, tivera de prometer a Tímon metade do ouro. Como prova do trato, agora o sacerdote guardava consigo a chave do cofre.

Temístocles dirigiu um olhar de soslaio ao outro general. Era indignante que esse eupátrida o acusasse de corrupto sendo que estava gastando suas próprias riquezas pelo bem da cidade. Um bem que, a seu pesar, beneficiaria o próprio Andrônico.

Enquanto eu lhe permita viver, disse a si mesmo. Se não tivesse mais remédio, pagaria as três mil primeiras dracmas. Mas não haveria mais entregas.

A pequena comitiva chegou à frente do grande terraço onde se erguia o templo de Apolo. O edifício havia substituído outro anterior, destruído em um grande incêndio setenta anos antes. No frontão, o Apolo esculpido por Antenor chegava a Delfos em uma carruagem, acompanhado por sua mãe e sua irmã. Seus olhos olhavam a todos que chegavam ao templo com serena condescendência.

Ao pé da escadaria erguia-se um altar, e diante dele se ajoelharam os peregrinos agitando os galhos de oliveira que levavam nas mãos. Assim lhes recomendara Tímon. Não era dia oficial de consulta, e, além do mais, sua cidade já havia recebido o conselho solicitado. Mas se eles se apresentassem como suplicantes sagrados, Apolo não teria mais remédio que os receber, pois nem mesmo os deuses podem desatender às súplicas de quem se ajoelha diante deles.

Tímon desceu pela escadaria do templo acompanhado por Acérato, o outro sacerdote que governava o santuário. Ambos usavam mantos brancos com cujas dobras cobriam a cabeça. Temístocles trocou um olhar de cumplicidade com Tímon. Depois, voltou-se para Sicino, que lhe entregou o cabritinho negro com as patas amarradas. Havia comprado um magro e pequeno para que se comportasse segundo os requisitos, e também haviam tosado seu pelo. Quando o sacerdote que acompanhava Tímon lhe jogou um balde de água fria, o cabrito estremeceu. Se não houvesse tremido, teriam de esperar outro dia mais propício para consultar a pitonisa.

O próximo, em representação dos atenienses, degolou o animal e o ofereceu no altar. Depois, Tímon rasgou o corpo e tirou o fígado da vítima. Temístocles notou que a víscera era perfeita, tão lisa e brilhante que refletia o rosto do sacerdote como um espelho.

— Os sinais são bons — disse Timon. — Podeis entrar comigo.

Os escravos ficaram do lado de fora, junto ao altar, enquanto Temístocles, Andrônico e o próximo subiam os degraus atrás dos dois sacerdotes.

Dentro do templo reinava uma fresca penumbra. Atravessaram uma galeria rodeada por colunatas, levantando ecos com seus passos sobre as lajes cinza. Era a primeira vez que Temístocles transpunha a porta do templo, de modo que examinou com curiosidade seu interior. Encostadas nas paredes empilhavam-se incontáveis oferendas. Destacava-se dentre elas uma enorme cratera de prata na qual poderiam se banhar dois homens. Ao ver seu interesse, Timon lhe informou que Cresos a havia dedicado. O rei lídio, entre muitas outras doações, havia consagrado também outra cratera de ouro que pesava mais de duzentos quilos; mas, após o incêndio do templo antigo, haviam-na transferido para o tesouro da cidade de Clazômenas.

— As oferendas de Cresos estão distribuídas por todo o santuário — acrescentou Timon.

Após a discussão da noite anterior, e, principalmente, depois da promessa de receber os fundos de Temístocles, ele estava relaxado, quase simpático. Temístocles compreendeu o que queria lhe dizer: se o Grande Rei entrasse em Delfos e quisesse se apoderar das riquezas de Cresos, não encontraria todas juntas.

Como se isso fosse um problema para Xerxes, pensou.

Havia ex-votos pendurados até das vigas do teto: tapeçarias, braceletes, coroas olímpicas, escudos, elmos, e até dois carros de guerra de madeira lavrada com adornos de marfim. Uma estranha criatura de pele escamosa, com uma enorme boca cheia de dentes aguçados, pendia sustentada por várias correias amarradas na cabeça e na longa cauda. Media pelo menos cinco metros, e Temístocles se perguntou se não seria Píton, a serpente que guardava o oráculo original da

Terra, aquele que Apolo havia matado com suas flechas⁶⁷.

— É um crocodilo do Nilo — explicou o outro sacerdote ao ver que os dois atenienses levantavam o olhar.

No centro do pronau erguia-se um altar circular onde ardiavam galhos de abeto e louro. Era consagrado a Héstia, deusa virginal do fogo imperecível, e segundo Timon outras virgens também cuidavam dele para que nunca se apagasse. Um pouco além havia uma mesa, onde Timon depositou o fígado do cabrito, que já havia começado a escurecer.

— Já estamos no ádito — sussurrou.

Fez bem em avisar, porque em outros templos, a cela, o canto mais recôndito do santuário, era uma nave separada da principal por uma parede. Mas ali consistia em um templete construído dentro do edifício maior.

Uns degraus desciam para uma salinha coberta por um teto de madeira onde os consulentes deviam esperar. Timon praticamente os empurrou para que entrassem no pequeno aposento fechado por uma cortina. Mas Temístocles teve

tempo de varrer o resto do ádito com o olhar. A seguir, enquanto se sentava no banco de madeira juntamente com os outros dois homens, fechou os olhos e estudou a imagem que havia gravado em sua mente.

Havia observado que a cela era rebaixada em relação ao resto do templo, e seu piso não era de lajotas, mas sim de rocha viva. Ali devia ficar o *khasma*, a fenda da qual emanavam os vapores proféticos de Gaia, e por isso haviam respeitado o solo original sem nivelá-lo nem cobri-lo de lajes de pedra. Pelo que se contava, quando ainda não existia nenhum templo no lugar, umas cabras haviam se aproximado da fenda. Ao aspirar os gases que brotavam da cavidade começaram a dar uns pulos portentosos e a balir em tons quase humanos, como se estivessem possuídas e quisessem falar em nome dos deuses. Agora, sobre essa mesma fissura erguia-se um tripé de bronze, o assento da pitonisa, que por ora estava vazio.

O tripé ficava quase oculto de sua vista por um frondoso louro, mas Temístocles havia divisado debaixo dele um resplendor avermelhado de onde brotavam vapores brancos. Seria o *khasma*? Mnesifilo lhe havia dito que, segundo seu bisavô Sólon, essa fenda não existia. Era apenas um buraco escavado no chão pelos próprios sacerdotes de Delfos, onde queimavam plantas que induziam ao transe profético, como meimendo ou papoula. Sem abrir os olhos, Temístocles cheirou o ar. Podia captar o odor de louro queimado e também de farinha de cevada, juntamente com outros vapores mais doces que subiam um pouco à cabeça. E, por baixo de tudo isso, pairava o inconfundível fedor de ovo podre do enxofre.

Ovo. Sim, havia outra coisa que lhe chamara a atenção, perto da estátua de Apolo. Sobre um pedestal de mármore, apoiava-se uma pedra em forma de ovo partido, com a superfície entalhada para imitar a rede que o envolvia.

Aquele devia ser o Ônfalo, o umbigo da terra. A pedra jogada pelas águias de Zeus para apontar onde ficava o centro do mundo. Ou, segundo outra versão, a rocha que a deusa Reia, mãe de todos os deuses, havia entregado a seu marido Cronos em substituição ao recém-nascido Zeus, para evitar que o devorasse como já havia feito com seus cinco irmãos⁶⁸.

Mas Temístocles pensou que, na realidade, devia se tratar do Ovo Primordial⁶⁹, um dos mistérios que o purificador órfico lhe havia revelado. Um segredo do qual não podia falar com seus companheiros de peregrinação, nem com ninguém que não fosse um iniciado como ele.

Sentiu um estremecimento involuntário e abriu os olhos. Havia entrado no templo com uma atitude cética, cínica até, esperando receber o oráculo que ele mesmo praticamente havia ditado a Timon. No entanto, agora que estava ali sentado, tão silencioso quanto seus dois companheiros de delegação — Andrônico parecia tão impressionado quanto ele com a solenidade do local —, notava a

presença de uma grande força. Não eram só as nauseabundas exalações da fenda, fosse falsa ou não. Havia algo mais, uma aura que arrepiava seus pelos da nuca, e também uma vibração surda, quase imperceptível, que se transmitia a seu esterno, como se sob seus pés pulsasse, lento e poderoso, o coração da Terra. Por um momento podia acreditar que estava realmente no centro do mundo, um lugar por onde fluíam vórtices e correntes de energia mística procedentes da grande Gaia, mãe de deuses e homens, fonte de todas as profecias, a presença escura que regia tudo.

Não penses nisso, disse a si mesmo. Não devia se deixar levar pela superstição. Isso era bom para os homens do vulgo, que não sabiam ver atrás das sombras para descobrir os fios do poder. Mas não para Temístocles, o racional.

Claro que se ele fosse totalmente racional não levaria no pescoço essa fina lâmina de ouro gravada com instruções para o além.

— Leva isto sempre com você — dissera o homem que a dera a ele. — Assim, quando morreres, poderás lê-lo e recordar.

Chamava-se Zêuxis e era um ancião nascido em Síbaris, a próspera cidade apagada da face da Terra pelo ódio de seus vizinhos. Agora sem pátria, percorria o sul da Itália atuando como curandeiro e iniciando algumas pessoas seletas nos mistérios de Orfeu, o herói que havia descido aos infernos e voltado deles. O homem que havia derrotado a morte e o esquecimento.

Era o esquecimento, mais que a morte, que Temístocles temia. Por isso levava no pescoço a lâmina de ouro. Tocou-a agora com os dedos por baixo da túnica, mas não precisava desenrolá-la para recordar o que estava gravado nela.

Zêuxis o havia purificado durante três dias e três noites, invocando Dionísio e Orfeu com sangue e fogo. Agora, quando Temístocles chegasse ao além, não teria mais de pagar por seus pecados; pelo menos isso era o que o velho lhe havia prometido. Principalmente pelo pior de todos: ter traído os erétrios. Depois da viagem à Babilônia e a conversa com Êsquines, ficara obcecado com eles, e à noite lhe apareciam lamentando sua sorte e vomitando bile negra junto aos poços de betume.

Mas, graças àquele ancião, havia quase parado de sonhar com os cativos erétrios. Já era o bastante ter de contemplar todas as noites o rosto do verdugo desnarigado que lhe arrancava as unhas. Não precisava de mais tormentos.

Agora, quando as Queres o levassem e ele se apresentasse diante dos juízes ultraturnulares, só teria de lhes dizer:

*Venho puro entre os puros,
pois pertenço a vossa estirpe bem-aventurada.
Paguei castigo por meus ímpios feitos,
e venho suplicante diante da casta Perséfone
para rogar-lhe que me envie à morada dos limpos.
Salva-me Brimó, oh grande Brimó!*

Temístocles havia decorado os versos, até as senhas do final, que não tinham nenhum sentido para ele, mas que segundo Zêuxis serviriam para franquear a porta do Elísio, o rincão do inferno onde moravam os bem-aventurados. Mais, por via das dúvidas, na lâmina de ouro levava umas instruções, em letras tão pequenas que o purificador as havia gravado aumentando-as com cristal de rocha:

Quando chegares à morada de Hades, encontrarás à direita uma fonte, e junto a ela um branco cipreste. Ali se refrescam as almas dos mortos, mas não pensa em beber dela, pois são as águas do Esquecimento! Mais adiante encontrarás a lagoa da Memória. Dize a seus guardiães: “Filho de Gaia sou e de Urano estrelado. Seco estou e de sede morro. Dá-me de beber as frescas águas da Memória”.

As águas que ficavam junto ao cipreste branco eram as do Lethes, o rio do Esquecimento. Não beberia dele por nada neste mundo. Se nem seu espírito recordasse o que havia feito em vida, que sentido teria tido sua própria existência?

Mas Temístocles temia que pudesse ser vítima do mesmo mal de que sofria sua mãe nos últimos anos. O que aconteceria se, assim como Euterpe, começasse a esquecer primeiro o que havia comido no dia anterior, depois os nomes de seus filhos, seus rostos, os acontecimentos de seus últimos anos e, por fim, sua vida inteira? Se morresse nessas condições, com a mente transformada em uma tabuleta de cera derretida e apagada, quando chegasse ao Inferno nem sequer se lembraria de consultar a lâmina de ouro. Esqueceria a senha e que graças ao purificador órfico havia limpado o crime de Erétria, e sofreria

tortura como os outros grandes pecadores, como Sisifo, Tântalo ou Íxion ⁷⁰.

Não, não chegaria esse momento. Havia prometido a si mesmo que, ao primeiro sintoma de que o mal do Lethes começava a infectá-lo, cometeria o suicídio. Iria para o túmulo como havia vivido, lúcido e com sua prodigiosa memória intacta.

— Algum problema, Temístocles?

O próxeno havia tomado sua mão e o olhava preocupado na penumbra da cela. Temístocles notou que suave, embora não estivesse calor ali dentro. Passou os dedos pela testa. Era um suor frio, pegajoso como a culpa. *Estou purificado*, insistiu. Não pagaria pelo caso de Erétria.

Então, por que não paras de pensar nisso?

Porque o perdão daquele velho maluco não lhe valia. Porque só lhe servia o perdão de uma pessoa, a quem jamais o pediria.

Apolônia.

Tudo era culpa do maldito Ônfalo. Ao vê-lo havia pensado na história da origem do Cosmos, tal como lhe havia contado o ancião de Sibaris. Pois essa pedra não podia ser nada além da representação do Ovo Primordial que havia incubado a Noite, que Cronos havia partido ao meio e do qual havia brotado Eros, causa e princípio de tudo o que tem vida.

Andrônico se inclinou sobre ele e sussurrou em seu ouvido:

— Estás com peso na consciência?

— Cala-te — respondeu Temístocles.

O general havia acertado, mas não pelas razões que acreditava. Temístocles não se sentia em absoluto culpado por ter ditado o oráculo a Tímon. Qualquer que fosse o poder que pulsava sob seus pés, tinha certeza de que a pitonisa não podia adivinhar o porvir. Pois o futuro não estava escrito em nenhum livro. Cada homem era filho e ao mesmo tempo dono de suas obras. Como predizer a intrincada rede formada pelos atos e decisões de milhões de pessoas, fruto, muitas vezes, da improvisação e do acaso?

O oráculo que iam escutar agora não era mais que o resumo da estratégia que ele e Leônidas haviam traçado para a guerra, mas em termos um pouco mais enigmáticos, como cabia a uma profecia. Temístocles o estivera ruminando durante todo o caminho a Delfos. Diria algo como:

Oh, filhos de Atenas, embarcai para onde sopra o Bóreas, e ali onde a ilha dos bons bois olha para o setentrão — ou seja, no cabo Artemísio —, detende com vossos esporões de bronze o invasor, enquanto os filhos da Lacedemônia cravam suas lanças de freixo no desfiladeiro onde brotam ardentes as águas da terra — Nem o mais ignorante duvidaria de que só podiam ser as Termópilas. — Assim como há dez verões repelistes os persas de aguçados elmos e escudos de vime, assim tornareis a repeli-los agora se afastardes os pés da arenosa terra e confiardes vossa sorte aos ventos e às águas.

— Não são hexâmetros — protestara o sacerdote.

— Entre meus talentos, nunca esteve a música nem a poesia — respondera Temístocles. — Sem dúvida, minha doação *voluntária* — enfatizou — despertará vossos dotes poéticos e sabereis plasmar meu oráculo de forma mais convincente.

— Está vindo — sussurrou o próxeno.

Do outro lado da cortina, surgira uma silhueta, perfilada sobre o difuso resplendor que emanava da fenda. Era uma mulher de largos quadris que caminhava apoiando-se em uma bengala. Tímon, que havia ficado ao lado da estátua de Apolo, aproximou dela uma escadinha e a ajudou, segurando-a pelo cotovelo, para que pudesse subir no tripé. Uma vez em cima, após encaixar seu volumoso traseiro com certa dificuldade no fundo do caldeirão de bronze, a

mulher se segurou nas alças laterais e durante um tempo se manteve em silêncio.

Os vapores, alimentados por Gaia ou por algum fole escondido, tornaram-se mais densos. Temístocles sentiu sua boca secar e sua língua parecia engordar, ao passo que Andrônico conteve uma tosse. A pitonisa começou a mexer a cabeça para os lados, primeiro com suavidade e depois em bamboleios tão exagerados que Temístocles teve medo que caísse do tripé. Julgou ouvir uma música de lira atrás de si, mas soava tão baixa que talvez fosse fruto de sua imaginação.

De repente, a pitonisa parou de balançar e levantou os braços para o teto. Com uma voz tão grave que nem parecia humana, e que naturalmente não poderia ter brotado de uma garganta feminina, começou a recitar.

Vamos ver como mudaram minhas palavras, pensou Temístocles mordendo os lábios.

*Não pode Atena aplacar o Zeus Olímpico
por mais que lhe suplique com astuta inteligência.
Mas te darei uma nova resposta de inflexível cumprimento.
Quando houverem caído as terras entre a colina
de Cécrope e o vale do divino Citéron,
Zeus que tudo vê concederá a Atena uma muralha de madeira,
único baluarte inexpugnável que salvará a ti e a teus filhos.
Mas não te atrevas a esperar indolente a cavalaria
nem o vasto exército de terra que de outro continente vem.
Volta as costas e foge, que dia chegará de enfrentá-los.
Oh, divina Salamina! Tu aniquilarás os filhos das mulheres,
seja quando se semeia Deméter, seja quando se colhe.*

Após pronunciar a última palavra, os braços da pitonisa caíram inertes nas laterais de seu corpo. Sua cintura se dobrou como se seus ossos houvessem se liquefeito, deslizou e caiu do tripé. Temístocles se levantou e afastou a cortina. A pitonisa havia batido a cabeça no chão e abriado o supercílio. Teve tempo de ver que era uma mulher de uns quarenta anos, com o cabelo preto atravessado por uma grossa mecha branca. Mas Timon, que havia se agachado para socorrê-la, estendeu as mãos e se apressou a fechar a cortina.

— Fora daqui! — ordenou.

Não precisou insistir muito. Quando saíram, Temístocles observou que tanto o próximo quanto Andrônico estavam tremendo. Ele mesmo levantou o braço e alongou os dedos. A duras penas conseguia mantê-los firmes.

— Nunca ouvi Aristonice falar assim — disse o próximo. — E juro que a vi profetizar muitas vezes. Essa não era sua voz!

Andrônico ficou olhando para Temístocles. Este meneou a cabeça. *Eu não tive nada a ver com isso*, disse com sua expressão. E era verdade. Onde estavam as alusões a Artemísio e as Termópilas?

“Quando houverem caído as terras entre a colina de Cécrope e o vale do

divino Citéron...” De modo que a Ática toda, segundo o oráculo, estava condenada. Como podia se apresentar diante do povo ateniense e dizer que embarcasse para Artemísio se o deus havia dito: “Volta as costas e foge”?

Tímon surgiu pouco depois na escadaria. Temístocles correu para ele, pegou-o pela túnica e o levou para trás de uma grossa coluna.

— Não foi isso que combinamos — murmurou.

O sacerdote suava, e seus olhos azuis estavam tão arregalados de pavor que a luz do sol pareciam transparentes.

— Eu juro pelo tripé de Apolo que não tenho nada a ver com o que aconteceu. Foi inspiração divina!

— Até parece!

— Aristonice quase morreu — respondeu Tímon sacudindo-se para se soltar de Temístocles. — Achas que eu fingiria algo assim?

Temístocles olhou para as próprias mãos. Manchara-se de sangue ao tocar a túnica do sacerdote. Devia ser da pitonisa.

Não, não acho, pensou Temístocles, mas se absteve de falar em voz alta.

— Seja como for, não cumpriste teu trato — disse tentando se acalmar. — Devolve a chave de meu pavilhão.

Tímon apertou os lábios. Mesmo assustado como estava, a avareza era mais forte.

— Não há volta. As oferendas ao santuário não podem ser retiradas.

— Não brinca comigo, estou avisando.

— Foste tu quem tentaste brincar com o oráculo, Temístocles — respondeu o sacerdote retrocedendo uns passos. — Já recebeste a resposta do deus. Tenta aproveitá-la.

Antes que pudesse impedir, Tímon já estava de novo dentro do templo. *Um talento de ouro jogado no lixo*, pensou Temístocles. Isso se o sacerdote respeitasse minimamente o pacto e não tentasse ficar com todo o tesouro.

Quando desceu a escadaria, Andrônico o fez reparar em algo que, atarantado como estava, havia deixado passar despercebido.

— Muito astuto, Temístocles — disse. Já não tremia, e havia recuperado seu cinismo habitual juntamente com a cor do rosto. — Quando falar à chusma dessa “muralha de madeira”, vais convencê-los de que são teus benditos barcos e todos te louvarão por tua clarividência, não é?

Temístocles não lhe respondeu, nem mesmo quando Andrônico lhe recordou que queria seus três mil dracmas assim que chegassem à cidade. Uma muralha de madeira, sim. Apolo lhe dava razão.

Mas também profetizava a queda de Atenas. O que significava que seu plano de deter Xerxes em Artemísio e nas Termópilas estava condenado ao fracasso.

Não, repetiu para si mesmo, teimoso, tocando de novo a lâmina de ouro. O livro do futuro se escrevia palavra por palavra, a cada momento. E ele e

Leônidas ainda tinham de acrescentar algumas linhas, por mais que os deuses se opusessem.

THERMA, MACEDÔNIA, 24 DE JULHO

A tenda de Xerxes, grande como um templo, já estava à vista, mas ainda faltava quase um quilômetro para que chegassem a ela. Enquanto caminhavam entre as tendas e bivaques das diversas companhias e batalhões que compunham aquela divisão da *Spada*, todo mundo ficava contemplando-os. Não pelos dez guerreiros halicarnassenses vestidos ao estilo grego, pois naquele exército que conglomerava povos tão variados viam-se panóplas muito mais chamativas. Era Artemisia quem atraía os olhares. Todos haviam ouvido falar da rainha guerreira de olhos azuis e cabelos negros, a única mulher que combatia para o Grande Rei. Ela se deixava admirar, ciente de seus atrativos. Aos trinta e quatro anos, graças ao exercício físico e à dieta frugal, conservava a silhueta esbelta de um efebo. Agora que estava em campanha, mandava que suas escravas lhe fizessem uma massagem dos pés à cabeça todos os dias e a ungissem com os melhores cosméticos, e por isso sua pele continuava sendo tão suave quanto a de uma adolescente. Seu rosto mostrava algumas rugas; mas, pelo menos por ora, a expressividade que lhe acrescentavam compensava o que roubavam de perfeição à sua tez.

Acima de tudo, percebia-se nela algo diferente, uma qualidade que a tornava muito mais fascinante que a garota que dez anos atrás desembarcara na praia de Maratona com seu tio e marido. O poder. Desde que Artemisia voltara da Babilônia com a bula imperial que a tornava soberana, ninguém mais se atrevera a disputar sua autoridade. Sua avó Tique havia morrido com a satisfação de ouvir os cidadãos de Halicarnasso e das ilhas de Nisiro, Cós e Calidna chamarem sua neta de “rainha” e pararem de se referir a ela como “tirana” ou, ainda pior, como “a mulher do tirano”.

Agora, vestindo sua armadura de gala, Artemisia caminhava por entre aqueles homens de cem povos diferentes com o aprumo de um general. Enquanto a admiravam, ela por sua vez observava a heterogênea mescla de roupas, peles, tatuagens, penteados e armas, e escutava a algaravia de línguas faladas pela soldadesca. Mais da metade do exército era composta por iranianos, as tropas em que o Grande Rei mais confiava. Mas em suas sete divisões formavam também contingentes chegados de mais de vinte satrapias. Xerxes queria demonstrar que aquela era uma verdadeira expedição imperial, uma empreitada que contava com a contribuição de todos os seus súditos. Mas não era essa sua única intenção. Nas tropas provenientes de todos os cantos do império, serviam os primogênitos das elites governantes. Aqueles jovens guerreiros não eram só aliados ou vassalos, mas também reféns cujas famílias sabiam que Xerxes executaria sem piedade se ousassem se rebelar enquanto ele estava na Europa.

A caminho da tenda real, encontraram assírios armados com elmos de bronze, couraças de linho e grandes maças eriçadas com farpas de metal. Seguiam alardeando sua proverbial crueldade e falavam com orgulho dos velhos tempos

em que seu rei Assurbanipal havia sido senhor de metade do mundo. Também viram uma companhia de bactrianos, que não tiravam seus dólms fedidos nem no verão, armados com longos arcos de bambu. Os negros etíopes, por sua vez, cobriam-se com peles de leão e leopardo, e ao combater ou passar em revista pintavam metade do corpo de branco e a outra metade de vermelho vivo. Seus arcos de galhos de palmeira, mais altos que eles mesmos, atiravam flechas com ponta de pederneira que Artemísia suspeitava que não seriam muito eficazes contra os escudos gregos.

Viam-se, ainda, sacas de diversas tribos, uns usando mitras, outros turbantes; todos eles eram grandes cavaleiros e arqueiros. Os parianos, também conhecidos como etíopes do leste, cobriam a cabeça com pele de cabeça de cavalo, usavam crinas à guisa de penachos e se protegiam com escudos confeccionados com pele de grou. Os moscos e os homens da Cólquida usavam elmos de madeira e aguçados dardos com compridíssimas pontas de ferro. Os pisídios portavam escudos de pele não curtida, elmos de bronze adornados com chifres de touro, faixas vermelhas nas pernas e dardos lupinos. Havia líbios da boca do Nilo, cobertos de couro e armados com lanças de madeira endurecidas ao fogo. Frígios, paflagônios e armênios, com altas botas de badana. Bitínios, com casquetes de pele de raposa, botas de cervo e mantos de cores brilhantes. Árabes envolvidos em mantos justos. E gregos, muitos gregos, evidentemente, da costa da Ásia Menor, com a panóplia típica dos hoplitas.

Mas os mais maravilhosos dentre todos os guerreiros da *Spada* continuavam sendo os próprios persas, com suas tiaras e mitras de feltro, suas longas túnicas vermelhas e azuis, suas armaduras de escamas, seus arcos compostos, suas luxuosas aljavas de couro trabalhado e as pequenas fortunas em ouro e joias que cada um deles usava. Dentre eles destacavam-se os Dez Mil, e dentro dos Dez Mil o batalhão de mil guardas conhecidos pelos gregos como melóforos, por conta das bolas de ouro em forma de maçãs que decoravam as pontas metálicas de suas lanças.

— Achas que nos custará tanto chegar a Esparta quanto está nos custando chegar à tenda de Xerxes, senhora? — perguntou Alexias, filho de Fídon e chefe dos soldados de Halicarnasso. O jovem oficial havia saído tão tagarela quanto lacônico era seu pai.

— Pretendes chegar nada menos que a Esparta, Alexias? — respondeu Artemísia.

— Meu pai era meio espartano. Eu gostaria de saber de onde procedem meus antepassados.

O veterano Fídon, muito velho para a campanha, havia ficado em Halicarnasso, governando-a em nome de Artemísia, e também tentando endireitar o jovem e discolo Pisindalis. Ela havia saído de Cária no início da primavera para se juntar

à expedição. Contribuía para a frota imperial com cinco trirremes, além de quatro navios de transporte; mas também queria contribuir para o exército de terra, de modo que ela mesma havia se dirigido a Sardes com trezentos hoplitas.

Ao chegar a Sardes e ver o acampamento que se estendia ao longo de quilômetros e quilômetros pelo vale do rio Meandro, Artemisia compreendia que os homens que levava consigo eram só um grão de areia na imensidão da praia. Congregavam-se ali seis divisões de uns vinte mil homens entre infantaria e cavalaria. Cada uma estava sob o comando de um general aparentado com o Grande Rei: estavam ali, entre outros, seu sogro Otanes, seus irmãos Histaspes e Aquêmenes e seu meio-irmão Ariabignes. Uma sétima divisão de superfície maior acompanhava Xerxes a todo momento, sob o comando do *hazarapatish* Hidarnes. Era formada pelos Dez Mil, os guerreiros de elite que os gregos chamavam de Imortais, mais uma boa soma de camaleiros árabes, carruagens líbias e indianas que carregavam e protegiam sua bagagem.

A todos esses soldados, mais de cento e trinta mil, somavam-se quase outras tantas pessoas entre serviçais, vivandeiros, camareiros, cozinheiras, confeitadores, arreeiros, talabarteiros, pajens, palafreiros, ferreiros, prostitutas baratas, cortesãs finas, sacerdotes, adivinhos, médicos e parasitas diversos, mais as esposas, concubinas e filhos dos nobres que iam para a guerra com metade da casa nas costas. O acampamento formava uma imensa cidade, uma nova Babilônia, que em meados de abril se pôs a marchar rumo ao Helesponto rastejando como uma serpente multicolorida que se estendia por mais de cento e cinquenta quilômetros de norte a sul.

Mas ainda havia que contar com a frota que, ao mesmo tempo que o exército partia de Sardes, zarpava dos portos de Jônia, Cária e Cilícia. Eram duas frotas imperiais, na realidade. As duas juntas contavam com mais de seiscentas trirremes, quase todas elas construídas na última década, de modo que seus cascos ainda eram leves, não haviam começado a apodrecer nem sofriam os males do caruncho nem do teredem. Iam acompanhadas por um número similar de navios de transporte. Quando se afastassem das fronteiras da Macedônia, território onde haviam sido instalados com antecedência grandes depósitos de víveres, esses barcos garantiriam o abastecimento da *Spada*. O plano de Xerxes e Mardônio era entrar na Grécia na época da colheita, mas era previsível que os gregos ceifassem o grão mesmo que ainda não estivesse maduro, ou até que o queimassem para evitar que caísse em poder dos persas.

A armada era em si outra cidade, neste caso flutuante, que abrigava cerca de duzentas mil pessoas. Somadas ao exército de terra, o número total da expedição se aproximava de meio milhão. Não era estranho que fosse tão difícil encontrar lugar onde alojá-los. De fato, a frota e as sete divisões do exército viajavam e acampavam separadamente. Só haviam se reunido em Dorisco, onde Xerxes realizou uma revista geral, e um mês mais tarde na ampla baía de Therma, que

lhes oferecia mais de sessenta quilômetros de costa e marisma entre as desembocaduras dos dois rios que banhavam a região.

Depois de Sardes já não havia estradas como o Caminho Real; mas Xerxes afirmava que, uma vez conquistada a Grécia, prolongaria o Caminho a Atenas. Por ora, os exploradores do Grande Rei haviam buscado as melhores trilhas e atalhos possíveis e, onde não existiam, os haviam fabricado.

Assim, para atravessar da Ásia à Europa Xerxes havia ordenado construir duas pontes de barcos entre Sesto e Abido, similares às que seu pai utilizara para cruzar o Danúbio. Mas, em vez de usar barcaças, mandou que a estendessem com trirremes e *pentecoters* que, com suas linhas mais afiladas, cortavam melhor a correnteza do estreito. Quando Artemísia chegara a Sardes e ouvira falar das duas pontes, pensara que era mais uma demonstração da megalomania de Xerxes e também uma tentativa de impressionar os gregos. Em sua opinião, era muito mais simples ir baldeando os homens em sucessivos embarques.

A seguir, ao examinar mais detalhadamente a região, Artemísia compreendeu que Xerxes sabia muito bem o que fazia. As costas dos Dardanelos eram mais escarpadas do que ela havia imaginado. Para passar ao outro lado os quase vinte mil homens que compunham cada divisão, teriam sido necessários duzentos barcos de cada vez. Não existiam pontos de embarque e desembarque apropriados nas duas margens, nem praias extensas o bastante para acolher uma frota tão numerosa, de modo que com esse procedimento teriam levado cerca de um mês para atravessar o Helesponto.

A solução das pontes era muito mais prática, pois permitia que o fluxo de homens entre ambos os lados do estreito fosse quase constante. Além disso, não era necessário embarcar a cavalaria nem os animais de transporte, o que poupava infinitos problemas.

Para as duas pontes haviam utilizado quase setecentas naus. Muitas eram *pentecoters* já velhas, mas também utilizaram trirremes que logo ocupariam seu lugar na frota. A construção das pontes não havia sido isenta de dificuldades. Uma tempestade arreventara os cabos e dispersara os navios. Quando a notícia chegara a Xerxes, que já havia partido de Sardes, rolaram algumas cabeças. Isso serviu de estímulo para que os engenheiros fenícios e egípcios redobrassem seus esforços, trabalhassem em turnos extenuantes mesmo à noite e aumentassem as precauções.

Artemísia, que à altura de Esmirna havia abandonado o séquito real para se juntar à frota, chegou ao estreito dos Dardanelos dias antes que o exército de terra e pôde contemplar como reconstruíam as pontes. Ela mesma forneceu dois barcos para o pontão situado mais ao norte. Os engenheiros o montaram atracando acostadas juntas trezentas e sessenta naus que cruzavam uma extensão de água de mais de três quilômetros. Para que se mantivessem no lugar, depois do fracasso da primeira ponte, prenderam-nas com grandes âncoras. Depois,

uniram-nas com seis cabos, quatro de linho e dois de esparto, tão grossos que era difícil para Artemísia abarcá-los com os braços. Essas maromas foram fixadas nas duas margens mediante enormes cabrestantes que uns bois faziam girar para manter a tensão o tempo todo.

Uma vez amarrados os barcos, os engenheiros estenderam sobre eles uma passarela de tábuas de quase dez metros de largura, presas entre si por travessas. Por cima jogaram muita ramagem e depois uma camada de terra que molharam e bateram criteriosamente, até transformar a passarela em uma verdadeira estrada. Artemísia pensava que a essa altura a ponte já estava pronta, pois ela mesma a percorrera e comprovara que era segura. Mas certo grau de oscilação era inevitável. Para evitar que esse movimento, combinado com a visão do mar, provocasse pânico nos animais e em muitos homens de terra, levantaram de ambos os lados da passarela umas altas paliçadas de galhos entrelaçados cobertos de palha e folhagem.

As pontes ficaram prontas bem a tempo. No dia seguinte ao fechamento das paliçadas, Mardônio apareceu com a primeira das sete divisões. Seus homens atravessaram a ponte durante oito horas seguidas sem que ocorresse nenhum incidente. Em dias sucessivos foram cruzando os outros corpos do exército, sempre deixando um espaço de um dia entre si para não provocar congestionamentos nos estreitos caminhos do país que atravessavam e, de quebra, permitir que os rios e arroios se recuperassem, pois naqueles lugares não havia águas caudalosas o bastante para abastecer de água potável todo o corpo expedicionário ao mesmo tempo.

Ver aqueles contingentes multicoloridos que cruzavam o mar como se as águas se houvessem transformado em terra firme era um grande espetáculo. A exibição chegou ao clímax no dia em que o próprio Xerxes apareceu. No mesmo momento em que o Sol aparecia sobre o horizonte, o rei fez uma libação em homenagem a Ahuramazda. Depois, jogou ao mar a taça da qual havia bebido, a cratera e um sabre; objetos todos de ouro, porque outro metal teria contaminado as águas. Após coroar toda a ponte com galhos de murta e queimar ao longo do trajeto arbustos e madeiras aromáticas, começou a passagem da comitiva real. Primeiro desfilaram mil cavaleiros escolhidos, e depois outros tantos *arshtika* com as pontas das lanças voltadas para o chão em demonstração de respeito a seu senhor. Atrás dos lanceiros marchavam dez maravilhosos cavalos de Niceia consagrados a Mitra e conduzidos por palafreiros. Eram seguidos pela carruagem de Ahuramazda, de ouro e marfim, ocupada por um altar onde ardia incenso em sua homenagem. Era puxada por oito corcéis brancos junto aos quais marchava o auriga, pois nenhum humano podia ocupar a carruagem do deus.

E, por fim, vinha Xerxes, em pé em sua carruagem de guerra, um veículo de duas rodas puxado também por cavalos niceenses e conduzido pelo filho de um de seus generais. Ao vê-lo escoltado pelos Dez Mil, cujas lanças refulgiam ao sol,

Artemísia, que observava tudo em um outeiro, sentiu a pele de seus antebraços se arrepiar. A campanha de Maratona havia sido uma aventura. Mas, agora, estava envolvida em algo muito maior, uma façanha que passaria para a posteridade e roubaria a magnitude das façanhas dos gregos na guerra de Troia.

Depois de oito dias, quando todas as tropas já estavam na Europa, procedeu-se à desmontagem das pontes. Mardônio havia aconselhado deixá-las instaladas, mas Xerxes se opôs. Muitos dos barcos que compunham os pontões eram necessários para a frota. Bastava deixar os cabos e as estruturas bem guardados nas duas margens.

— Meu senhor — havia dito Mardônio —, recorda que quando teu pai cruzou o Danúbio deixou a ponte de barcas montada e guardada por seus súditos.

Artemísia, que estava presente naquela reunião, compreendeu o que Mardônio queria dar a entender. Essa ponte servira muito bem a Dario quando fora obrigado a escapar dos citas.

— Se queres sugerir que deixemos a fuga expedita, meu bom Mardônio — disse Xerxes —, esquece.

— A retirada é sempre uma opção que se deve ter em conta.

— Nesta campanha, não.

Se as pontes eram uma maravilha da engenharia, do canal que perfurava a península do Athos só se podia dizer que era uma proeza da vontade. A frota o havia atravessado deixando o grande monte a bombordo, poupando com isso dois dias de navegação e provavelmente muitos desgostos. Os engenheiros e sapadores não haviam poupado esforços. Poderiam ter se limitado a escavar uma vala de pouco mais de dez metros de largura para que as naus a atravessassem de uma em uma.

Mas, como sempre, as instruções de Xerxes eram precisas: devia ser feito em grande estilo. Por fim, o canal media quase trinta metros de largura, de modo que até três trirremes podiam percorrê-lo em paralelo sem que seus remos se tocassem, e estava protegido por grandes pontões nas embocaduras para impedir que a corrente e as ondas o colmatassem com as areias do fundo marinho.

Mas, apesar de pontes e canais, era impossível movimentar o exército ao ritmo que os oficiais de logística, pressionados pela impaciência de Xerxes, haviam previsto. Artemísia já estava havia mais de dez dias esperando em Therma quando Mardônio apareceu. Ele viajava na divisão de vanguarda. O general estava furioso pelo atraso em relação ao calendário que haviam previsto em Sardes; um atraso que só se acumulava.

— O trigo dos campos gregos já não será ceifado por nós — disse ele a Artemísia.

Na realidade, se continuassem a esse passo não chegariam a tempo sequer de vindimar as videiras ou colher as azeitonas. As últimas divisões do exército de terra não se reagruparam em Therma antes do fim de julho. A distância que

faltava para chegar a Atenas era tão grande quanto a que haviam percorrido desde que pisaram na Europa. E a partir de Tessália era previsível que os gregos comessem a fustigá-los, ao passo que até agora não haviam sofrido nenhuma agressão. Pelo menos humana. Alguns camelos que viajavam na retaguarda da divisão real carregando a *impedimenta* haviam sido atacados por leões que desciam à noite das montanhas onde ficavam suas guaridas. Esses leões, segundo afirmavam os macedônios com orgulho, eram os únicos que habitavam a Europa. Em seus frondosos bosques, encontravam-se também ursos e touros selvagens cujos enormes chifres eram ostentados como troféus de caça nos salões das famílias nobres, pois não havia nada mais apreciado que uma pele de leão e, mais que tudo, uma mecha da juba do macho como a que ostentava o próprio rei Alexandre em seu elmo. Para os macedônios das terras altas, um jovem só se tornava homem de verdade quando, armado apenas com sua lança, matava um leão.

Por fim, quatro dias depois de Mardônio chegara o séquito de Xerxes. Ainda faltavam aparecer mais três divisões, mas Alexandre insistiu que a chegada do Grande Rei fosse celebrada o quanto antes. Artemísia compreendia suas razões. Já era caro o bastante hospedar os persas que já estavam acampados em suas terras para ainda por cima aguardar outros. Ela mesma havia comprovado isso pelo caminho. A frota sempre passava antes pelas cidades que depois a *Spada* atravessaria, e as encontrava mergulhadas em preparativos frenéticos para receber Xerxes. Antípatro, um governante de Estrime, havia se queixado para Artemísia:

— Receber Xerxes vai nos custar quatrocentos talentos. De que vamos viver depois?

Artemísia achara aquilo o típico exagero queixoso de todos os povos que são obrigados a receber um exército, e respondera com sarcasmo:

— Podes ficar satisfeito porque o Grande Rei é frugal e se conforma em comer só uma vez ao dia.

Mas agora, após atravessar um único setor do acampamento e por fim chegar à esplanada onde se ergia o pavilhão real, começou a pensar que talvez Antípatro não houvesse exagerado tanto ao falar dos gastos.

A tarde, que começava a cair, era por si quente, mas os incontáveis focos de fogo acesos ao redor da grande tenda deixavam-na ainda mais sufocante. Nas grelhas e espetos, assavam-se centenas de terneiros e porcos, milhares de cordeiros e cabritos, e só Zeus sabia quantos patos, frangos e pombos. A fumaça da gordura queimada se erguia em brancas espirais misturada com o das fogueiras. Ao sentir os aromas da pele crocante e da carne chamuscada, Artemísia ficou com água na boca.

Tens de comer somente o necessário, recordou a si mesma. Não era impossível que naquela noite acabasse no leito do rei. Se Xerxes a estreitasse em

seus braços com toda sua força, que era muita, não queria vomitar nele um pedaço de carne. Com a bebida não se preocupou. Com o passar dos anos, o vinho cada vez mais lhe caía mal, de modo que o bebia muito diluído em água e com extrema moderação. Bastava-lhe recordar o triste fim de Sangodo para cultivar a virtude da sobriedade.

Artemísia não tornara a ver Xerxes em particular desde a Babilônia. Não sabia se sentia alívio ou decepção por isso, pois as recordações de sua relação sexual com o Grande Rei eram contraditórias. Por um lado, tinha medo de se deixar possuir de novo por ele, por outro sentia uma curiosa expectativa que lhe apertava a boca do estômago. *Teu amor pelas emoções fortes acabará te matando, Artemísia*, dizia a si mesma. O certo era que, embora não lhe faltassem companheiros de leito e pudesse escolhê-los quase a seu bel-prazer, quando se deitava com eles tendia a fechar os olhos e imaginar que estava abraçando os dois únicos amantes que haviam lhe deixado marca de verdade, Temístocles e Xerxes.

Diante do pavilhão estendia-se um longo tapete púrpura, flanqueados dos dois lados por melóforos que montavam guarda, imóveis como relevos entalhados. Os oficiais deram passagem a Artemísia sem lhe pedir salvo-conduto, pois a amazona grega era conhecida de sobra.

Aquela tenda era conhecida como “a amarela”, pela cor de sua lona. O trabalho de desmontá-la e montá-la novamente demorava praticamente um dia inteiro, o que tornava impossível levá-la a tempo ao lugar onde se pernoitava. Mas Xerxes devia se alojar sempre em um local à altura de sua dignidade, e por isso utilizava outros dois pavilhões, um vermelho e outro azul, não tão luxuosos nem grandes como o amarelo. Desse modo, quando o rei partia pela manhã, no lugar onde ia passar a noite já estavam acabando de montar uma tenda para ele. Enquanto isso, outros serviçais limpavam o pavilhão que ele acabava de utilizar, desmontavam-no, dobravam-no e enviavam os mais de cem fardos no lombo de velozes cavalos para que ultrapassassem a comitiva real e chegassem com a antecedência suficiente a um novo acampamento.

Artemísia e seus homens passaram debaixo de um enorme toldo decorado com guirlandas de flores e borlas douradas e entraram diretamente na grande sala. Aquele aposento era uma verdadeira *apadana*, um bosque de postes de cedro entalhados que sustentavam a tenda a mais de cinco metros acima de sua cabeça. Ao pé do mastro central, à frente do cortinado que separava a sala do resto da tenda, ficava a mesa à qual se sentaria o Grande Rei quando entrasse, ao lado de seus favoritos. A partir daí, as mesas dos convidados formavam semicírculos concêntricos em anéis decrescentes de influência e poder. Assim que Artemísia entrou, um criado foi ao seu encontro para indicar onde seus homens deviam se acomodar, junto à lona. Mas a ela, a quem o criado saudou com uma profunda reverência, cabia a própria mesa real, algo que a lisonjeou

sobremaneira.

Havia centenas de convidados sentados em grossas almofadas, ombro a ombro, e também reclinados em divãs ao estilo grego. A tenda estava iluminada por lamparinas e candelabros que pendiam do teto; embora ainda não houvesse anoitecido, a lona era grossa e mal deixava passar a luz de fora. Por toda a sala viam-se incensários que ardiam sem chama, pois não era conveniente elevar ainda mais a temperatura da tenda. Duas escravas vestidas de verde passavam entre eles e queimavam um incenso diferente a cada certo tempo, brincando com os aromas do mesmo modo que um cozinheiro experimenta com os sabores de seus pratos. Os postes da tenda exalavam a suave fragrância própria do cedro, que, além de tudo, servia para repelir os insetos. Para reduzir o número de moscas e mosquitos, contribuíram também os rouxinóis que revoavam pela tenda, e, de quebra, alegravam os comensais com seus trinado. Antes de soltá-los de suas gaiolas os criados os polvilharam com flores trituradas e os aspergiram com aromas diversos, de modo que quando um pássaro cruzava voando ao seu lado Artemísia quase podia ver no ar o rastro de perfume que deixava atrás de si.

Seu nariz refinado captou mais odores conforme foi atravessando a tenda e contornando mesas, triclinos e almofadões. Os convidados haviam se perfumado com mil essências florais e também com hibisco, almíscar e resinas diversas. Mas misturada com essa nuvem de aromas dava para sentir a transpiração coletiva. O calor fazia que todos suassem sob suas luxuosas roupas, apesar de um exército de escravos abanar os comensais com flabelos de pele e grandes plumas de avestruz. Pelo menos era um suor recente, entre adocicado e salgado; assim como ela, os convidados haviam se banhado para ir à festa. Era muito pior o fedor, entre rançoso e acre, do suor já vencido que se palpava na frota. Paradoxalmente, os marinheiros, embora tivessem água mais perto que os soldados, eram mais reticentes à higiene pessoal, e alguns podiam passar meses inteiros sem aproximar um pouco d'água de suas axilas peludas.

— Artemísia!

Olhou para sua direita. Ali, sentados em almofadas ao redor de umas mesinhas estavam uns marinheiros lícios; vestiam peles de cabra e gorros de feltro com plumas. Com eles estava um grego de quem se lembrava muito bem, mas não se alegrou muito de encontrá-lo de novo. Era Ésquines de Erétria. Ao vê-la, ele se levantou para saudá-la e lhe tomou as duas mãos.

— Estás mais bela que nunca! — disse. — Que tua deusa padroeira me perdoe por dizer, mas deverias te chamar Afrodísia, e não Artemísia.

Já havia feito essa gracinha antes, quando era seu anfitrião em Susa. Naqueles dias de espera e tédio Artemísia até considerara a possibilidade de ir para a cama com ele, mas, no fim, havia resistido a suas insinuações. Embora Ésquines fosse alto e magro, conservasse todo o cabelo e tivesse traços retos e proporcionais,

havia algo nele que lhe causava repulsa.

— Permite que te apresente meu amigo — disse Ésquines. — Damasitimo, filho de Candaules e rei de Calinda.

O lício, um homem obeso que suava profusamente sob sua túnica amarela, saudou-a da almofada. Artemísia não o conhecia, embora viajasse na frota. Mas, com quase mil e trezentos barcos, não era de se estranhar.

— Alguém me contou que por fim resolveste tuas pequenas dificuldades domésticas — disse Ésquines. Agora que Artemísia recordava, isso era o que mais lhe desagradava nele. Sempre querendo mostrar que sabia de tudo e semeando a conversa de insinuações. — Ao que parece, tu e o grande Xerxes desenvolveram uma relação muito frutífera. Vais compartilhá-la com teus amigos?

— Evidentemente — disse Artemísia presenteando-o com seu mais falso sorriso. — Assim que nosso rei der o que merecem aos atenienses e aos outros rebeldes, espero que venhas a Halicarnasso gozar de minha hospitalidade.

— Será um prazer indizível, minha senhora, mas tanto tempo terei de esperar para usufruir de teu teto?

— Senhora, se me permites... — interrompeu-o o criado que devia conduzi-la à mesa real e que havia um tempo fazia ostensivos gestos de impaciência.

Artemísia agradeceu aquela interrupção e se afastou de Ésquines, que, antes que partisse, comeu-a com os olhos sem o menor fingimento.

Por fim, o criado a deixou nas mãos de Mitradates, que havia se tornado camarista após a morte, natural ou não, de seu predecessor Artasiras. O eunuco continuava bonito como o antes, mas engordara um pouco. Saudou Artemísia, obsequioso, e ela não pôde evitar se lembrar de que aquele homem a havia visto fornicar com o Grande Rei, nua como veio ao mundo.

O próprio Mitradates a acomodou na mesa real. No centro havia um lugar vazio, uma luxuosa poltrona de cedro entalhada com incrustações de marfim e lazurita. Mas os demais comensais se sentavam em macios almofadões, com as pernas cruzadas. A almofada de Artemísia ficava seis lugares à esquerda do trono, algo que considerou uma grande honra, pois dois desses assentos intermediários estavam ocupados por parentes de Xerxes, ilustres membros da linhagem aquemênida.

O homem que se sentava à esquerda de Artemísia, porém, era grego. Usava tranças compridas e a barba recortada, típicas dos espartanos. Artemísia calculou que devia ter cerca de sessenta anos. No cenho e debaixo dos pômulos, tinha rugas retas e profundas como facadas, e uma expressão triste.

— Minha senhora — disse o camarista—, permita que te apresente Damárato, legítimo rei de Esparta e fiel vassalo de nosso senhor Xerxes.

Artemísia ouvira algo da história. Ao que parecia, um dos dois soberanos que reinavam agora em Esparta havia conseguido o posto expulsando Damárato com

a ajuda do oráculo de Delfos. Como tantos outros tiranos ou políticos desterrados da Grécia, Damátrato havia se refugiado na corte de Xerxes. Isso explicava, em parte, a melancolia de seu olhar, mas Artemísia tinha certeza de que em Esparta não teria vestido uma túnica com franjas de púrpura de Tiro nem usaria um torque de ouro maciço no pescoço.

Por fim, as cortinas que davam para o lado de fora da tenda se abriram e surgiu o heraldo real. Quando bateu no chão para chamar a atenção, os grossos tapetes absorveram o impacto da ponteira de ouro. Ainda assim, os súditos de Xerxes se levantaram para dar as boas-vindas a seu senhor.

— Xerxes, o Grande Rei, Rei dos Reis, Rei das Terras, filho de Dario, o aquemênida!

Xerxes, vestindo uma túnica cheia de pedraria que, por seu aspecto, não devia pesar menos de dez quilos, dirigiu-se com passo solene a seu pequeno trono à mesa. Os convidados que estavam mais longe dele, e, portanto, mais distante na escala social, cravaram os joelhos no chão, e alguns deles até tocaram os tapetes com a testa. Os súditos nobres, porém, saudaram-no com uma profunda reverência enviando-lhe beijos silenciosos com a mão direita.

Para surpresa de Artemísia, Xerxes entrou acompanhado de sua esposa Amestris. Ela se sentou em uma almofada, um pouco atrás do rei, enquanto este ocupava o assento real. Um criado cuja única função era essa apressou-se a pôr debaixo de seus pés um banquinho dourado forrado de veludo, o mesmo que o rei utilizava quando descia da carruagem real.

No fundo do coração, continuam sendo nômades, pensou Artemísia ao ver Amestris. Por isso ostentavam tanto ouro no corpo e se faziam acompanhar de suas esposas e concubinas. Preferiam carregar seus bens a confiá-los à suposta segurança de suas casas e seus palácios.

Por ordem, os comensais que se sentavam à mesa real passaram a lhe apresentar seus respeitos. O primeiro, como anfitrião, foi Alexandre, e depois desfilou Mardônio. Todos eles beijaram os lábios do Grande Rei, pois tal era o privilégio dos *bandaka*.

— É tua vez, nobre Artemísia — sussurrou Mitrades.

Artemísia se aproximou do trono de Xerxes e se inclinou sobre ele para alcançar-lhe o rosto. Ele sorriu com gentileza, como havia feito com os demais nobres, e se deixou beijar. Foi um contato muito rápido nos lábios que mal poderia se chamar beijo. No entanto, Artemísia julgou ver de soslaio Amestris lhe dirigir um olhar de ódio. Quanto a ela própria, por sua vez, seu coração se acelerou. Não sabia se isso se devia ao medo, à atração mórbida pelo Grande Rei, à solenidade do momento ou a todas essas razões juntas.

O banquete começou, por fim. Criados de ambos os sexos, selecionados por sua beleza, levaram bandejas, travessas, vasilhas e taças de vidro e metais preciosos. Não só havia carne assada em abundância, o suficiente para alimentar

o triplo de convidados ali reunidos, como também pratos mais refinados, próprios da culinária babilônica. Aos aromas que já flutuavam na enorme tenda somaram-se os da comida fumegante, dos molhos e especiarias. Algumas delas eram tão picantes que os comensais macedônios ou gregos que as provavam ficavam vermelhos como púrpura e começavam a tossir e suar, em meio a grandes gargalhadas dos outros.

Alexandre e Mardônio estavam sentados à direita de Xerxes, mas, evidentemente, em uma posição inferior. Na realidade, o Grande Rei não compartilhava a mesa com os outros, pois teria sido impossível que alcançasse as bandejas estando em seu trono. Os servçais iam lhe oferecendo pratos, e ele beliscava sempre algo deles: uma fatia de pato com tâmaras, um pedaço de cordeiro com especiarias em molho de menta, um pedacinho de torta de queijo, mel e cebola, um bocado de peixe na brasa. Depois de degustar o prato, indicava ao servçal em questão a qual de seus convidados o devia oferecer, e a pessoa que recebia tal atenção se levantava, fazia uma reverência e às vezes pronunciava algumas palavras retóricas e pomposas de agradecimento.

Era a primeira vez que Artemisia comparecia a um banquete do Grande Rei. O protocolo a deixava fascinada. Os convidados favorecidos por Xerxes comiam o manjar com que o rei os honrava, não sem o oferecer também a seus comensais mais próximos. Mas, depois, ficavam com o recipiente, que sempre era muito valioso. A primeira bandeja que Xerxes entregou era de ouro maciço, e seu destinatário foi o rei Alexandre. Tratava-se de uma pequena demonstração de justiça: várias das peças que passaram diante de Artemisia eram macedônias, pois dentre as obrigações dos anfitriões não estava só prover de alimentos a *Spada*, mas também fornecer os utensílios necessários para as festas do Grande Rei. Que, evidentemente, nunca os devolvia.

Xerxes se servia dessa generosidade para mostrar sua simpatia e deixar claro qual era a hierarquia na corte. Além disso, compreendeu Artemisia, era uma forma de pagar aos nobres que o haviam seguido na guerra, pois eles também tinham de enfrentar grandes dispêndios. Bem sabia ela, que já havia gastado quarenta talentos em sua pequena frota, mais os pagamentos dos soldados de infantaria, que chegavam a quase dez mil dracmas por mês.

Passado um tempo, ela sentiu o olhar de Xerxes, que cochichava com Mitradates. O eunuco pessoalmente, e não um simples escravo, aproximou-se de Artemisia com uma vasilha de âmbar decorada com a imagem do rei, que se repetia não menos de vinte vezes em finas lâminas de ouro. Ainda mais valiosa era a taça que também lhe ofereceu, o mesmo rício com a cabeça de grifo em que havia bebido na noite em que compartilhara o leito com Xerxes.

Artemisia fez uma reverência e agradeceu o obséquio do rei com umas palavras em persa, o que lhe granjeou muitos aplausos, pois era raro encontrar gregos que se defendessem bem na língua iraniana. Por esse motivo, entre os

criados que serviam não paravam de desfilar intérpretes, para mediar as conversas dos convidados.

A vasilha continha uma salada de fatias de lombo de terneiro quase transparentes sobre verduras crocantes e pétalas de flores, acompanhada por um molho muito suave. Xerxes, ou quem houvesse escolhido o prato, tivera a delicadeza de escolher um leve e pouco abundante, de modo que para Artemísia não foi nenhum problema esvaziar o recipiente. Quando acabou, uma criada foi recolhê-lo.

— Amanhã receberás tudo limpo, senhora — disse a ela.

Além de músicos que se sucediam peça após peça, amenizavam o banquete equilibristas, acrobatas e engolidores de fogo. Quando já quase todo mundo estava satisfeito, salvo os vorazes trácios, Mitradates bateu palmas. Diante da mesa real, os criados afastaram umas mesas, diante dos protestos de seus ocupantes, para abrir um amplo espaço sobre os tapetes.

— Majestade! Nobres convidados do Grande Rei Xerxes! — anunciou o eunuco. — Permite que vos apresente os bravos espartanos, os guerreiros mais afamados da Grécia!

Em meio à folia geral, surgiram na tenda dez homens de aspecto atlético e altura semelhante. Vinham envolvidos em mantos vermelhos, os elmos coríntios que usavam mal deixavam ver seu rosto, e seus braços seguravam reluzentes escudos com a letra lambda gravada. Artemísia se surpreendeu. Eram realmente guerreiros da Lacedemônia? Mas a seu lado Damárato soltou um bufo e sussurrou:

— Bela farsa.

Pelo outro lado entraram dez lanceiros persas da guarda real, melóforos usando cafetãs púrpura de largas mangas, tão compridos e colados nas pernas que mal deixavam ver suas calças. Embora os membros desse corpo fossem à batalha com arcos, nessa ocasião portavam apenas lanças e escudos em forma de oito.

Os espartanos deixaram cair as capas no chão. Para espanto de Artemísia, não usavam armadura. Vestiam apenas umas sucintas tangas de couro tão apertadas que não deixavam nada para a imaginação. Os dez eram espécimes soberbos, com os peitorais e abdominais entalhados a cinzel e untados de óleo para que o relevo se ressaltasse ainda mais sob a luz. Artemísia se descobriu imaginando que acariciava aqueles músculos brilhantes, e, sem saber muito bem por que, olhou para a rainha. Amestris também estava de olhos arregalados.

Quando a música deu o sinal para começar, os dez hoplitas travaram seus escudos, levantaram as lanças acima dos broquéis e desafiaram os melóforos em unísono com um grunhido gutural.

Os persas atacaram primeiro. Artemísia imediatamente compreendeu que esses supostos espartanos não deviam ser sequer gregos, pois a pequena falange

que haviam improvisado se desfez logo. O combate foi travado em duelos singulares, em meio às aclamações e rugidos dos comensais. Pela forma como as lanças persas ressoavam nos escudos, Artemísia notou que não eram de madeira, mas sim de bronze maciço. Deviam pesar o dobro ou o triplo de um escudo normal, motivo pelo qual os espartanos os moviam com inépcia e não podiam evitar que as pontas arredondadas das armas persas acertassem sem parar seu corpo azeitado, diante do júbilo dos convidados.

A luta estava coreografada com a perfeição de uma dança ritual. Cada ataque, cada finta e cada defesa haviam sido ensaiados com precisão, e os combatentes se deixavam cair mortos quando recebiam certo número de golpes ou quando uma lançada atingia um órgão vital. No final, só ficou em pé um espartano contra sete persas. Quando estes ameaçaram se jogar sobre ele, o sobrevivente jogou o escudo e fugiu. A arma era tão pesada que, apesar do tapete, sua queda ecoou com estrépito.

Os comensais aplaudiram com entusiasmo e ovacionaram os lanceiros, que se puseram em formação diante do rei Xerxes e apresentaram suas armas. A um sinal do rei, dez lindas jovens ofereceram outros tantos torques de ouro aos guerreiros vitoriosos.

— Gostaste da representação, Damátrato? — perguntou o rei a seu convidado quando os lanceiros e os espartanos abandonaram a tenda.

— Foi espetacular, sem dúvida, majestade.

— Mais espetacular será quando os Dez Mil puserem todos os espartanos para correr — interveio Hidarnes, chefe daquele corpo.

— Tenho a impressão de que Damátrato não concorda — disse Xerxes. — Talvez queira nos explicar por quê.

— Posso falar com sinceridade, majestade?

— É o mínimo que espero de um bom amigo como tu — respondeu o monarca em tom descontraído.

— Esses homens que representaram os espartanos eram, sem dúvida, grandes guerreiros. Mas não combateram à maneira lacedemônia. Do contrário, não teriam sido derrotados com tanta facilidade.

Ao dizer isso, estava sendo bastante gentil. Era evidente que se os supostos espartanos haviam perdido o simulacro de batalha era porque era esse seu papel na pantomima. Ainda assim, Artemísia entendeu o que ele queria dizer.

— Parece que a derrota dos teus te incomoda, Damátrato — tornou a intervir Hidarnes.

O chefe dos Dez Mil era um homem jovial e um tanto debochado, e, além de tudo, saltava aos olhos que já havia bebido umas boas taças de vinho.

— Bem podeis imaginar quanto apreço sinto pelos espartanos. Eles me arrebataram o trono, tiraram-me os privilégios que todos os meus antepassados haviam desfrutado e me transformaram em um apátrida. Felizmente —

acrescentou, dirigindo-se a Xerxes —, teu pai me acolheu em seu reino, e em sua generosidade me concedeu haveres, dos quais agora vivo. Por isso mesmo podeis confiar que, quando falo de meus antigos compatriotas, faço-o com objetividade. Eu vos garanto que em combate singular não são inferiores a ninguém. Mas quando fecham escudos na falange, são os melhores guerreiros que existem na face da Terra.

Aquela afirmação, quando traduzida pelo intérprete, provocou protestos e vaias dos comensais da mesa real. Mas Xerxes levantou a mão, e todas as vezes se calaram.

— A razão para isso — prosseguiu Damárato — é que combatem pela liberdade de que desfrutam e que tanto lhes custou conquistar. Contudo, embora soe paradoxal, não são livres por completo. Pois todo seu destino está submetido a um dono supremo.

— E que dono é esse? — perguntou Xerxes, a quem as palavras de Damárato haviam despertado interesse.

— A lei. Uma lei que eles mesmos se outorgaram há gerações, que todos aceitam livremente e à qual, em seu coração, temem ainda mais que teus súditos temem a ti.

Damárato se entusiasmara falando. Artemísia compreendeu o motivo de sua expressão de amargura anterior. No fundo de sua alma, por mais que houvesse prosperado na Pérsia, continuava sendo um espartano que sentia saudades de sua pátria.

— Por isso sempre cumprem o que manda a lei, e, acima de todo esse preceito, o mais importante é que jamais podem fugir do campo de batalha, por mais fortes e numerosos que sejam os inimigos. Devem permanecer em seus postos até vencer ou morrer. Tu me permites que ilustre o que digo com uma breve história, majestade?

— Será um grande prazer, amigo — disse Xerxes.

Os persas gostavam de ouvir um bom relato, tanto ou mais que os gregos.

O que agora ia contar, explicou Damárato, acontecera muitos anos antes, quando ele não havia nascido. Mas era uma história de heroísmo que se narrava nos acampamentos onde as crianças espartanas começavam a ser treinadas, aos sete anos, sob a brutal disciplina instituída por Licurgo. Ele mesmo a havia ouvido a uma idade mais tenra, da boca de sua mãe. Pois as espartanas não educavam seus filhos com histórias de terror sobre criaturas espantosas como Górgone ou

Lâmia ⁷¹, a mulher serpente que chupa o sangue de suas vítimas. Elas preferiam inculcar-lhes a disciplina narrando, ao calor da lareira, exemplos verdadeiros de virtude e valor.

Fazia tempo que Esparta e Argos disputavam pela Tireia, um lugar da comarca cerealista de Cinúria, vital para a subsistência das duas cidades. Para evitar mais mortes — naquela época, Argos era uma cidade quase tão poderosa

quanto Esparta —, decidiram que dirimiriam o litígio num combate de trezentos campeões escolhidos de cada lado. A luta aconteceria longe das duas cidades, em uma paragem solitária; com isso, impediriam que qualquer um dos dois exércitos caísse na tentação de auxiliar os seus se os visse derrotados.

Assim, pois, os paladinos espartanos e argivos puseram-se em formação frente a frente no dia estipulado, e ambas as falanges investiram uma contra a outra. Quando se chocaram, o terrível momento do *othismós*, no qual, travados os escudos, os hoplitas se alanceavam por cima dos broquéis enquanto seus companheiros os empurravam de trás, estendeu-se durante horas sem que nenhum lado cedesse um palmo de terreno. Os homens morriam no local, os sobreviventes passavam por cima de seus cadáveres, e, quebradas as lanças, feriam seus inimigos com as espadas, acertavam-nos com pedras ou davam dentadas quando ficavam sem armas.

— Por fim — prosseguiu Damárate —, quando caiu a noite, só restavam em pé dois homens: os argivos Alcenor e Crômio. Vendo-se donos do campo, retiraram-se dentre os corpos inertes e marcharam para sua cidade, a fim de proclamar a vitória. No dia seguinte, apresentaram-se os exércitos dos dois lados para conhecer o resultado do duelo. Os argivos iam muito orgulhosos com seus dois sobreviventes. Mas, quando chegaram, descobriram que no centro do campo de batalha erigia-se um troféu construído durante a noite com as couraças e os elmos de seus homens. Diante dele havia uma laje branca, e um de nossos hoplitas aguardava sentado, com as costas apoiadas nela. Quando os heraldos se aproximaram, comprovaram que o soldado estava morto. Havia sofrido ferimentos múltiplos nas pernas e no corpo; mas, apesar disso, ainda tivera forças para despojar vários corpos inimigos e erguer um troféu que proclamava a vitória de Esparta.

— Depois de morto — prosseguiu Damárate —, o hoplita espartano continuava portando o escudo e conservava a lança, apoiada nos joelhos. Sua mão direita estava encharcada de sangue, seu próprio sangue, com a qual havia escrito na laje:

Otriadas, filho de Alcidas, diz a seus camaradas lacedemônios: obedecendo à vossa lei, sem abandonar meu posto nem jogar meu escudo, erijo este troféu com as armas despojadas dos inimigos mortos e o consagro a Artemis e a Hércules vitorioso.

Os soldados de Argos afirmavam que eles eram os vencedores, posto que dois de seus guerreiros haviam sobrevivido, ao passo que os espartanos alegavam que Otriadas, ainda que ferido, havia ficado como dono do campo de batalha e despojado de suas armas os cadáveres argivos. Como não entraram em acordo, os dois exércitos se enroscaram em uma segunda batalha, dessa vez geral.

— Os deuses, como era de se esperar, concederam-nos a vitória, pois nossa

causa era justa. Naquele dia caíram mais de três mil argivos. E, graças ao exemplo de valor e disciplina de Otríadas, Argos jamais tornou a derrotar Esparta. Por isso, majestade — acrescentou Damárato, apontando para o broquel que o último sobrevivente da luta fingida havia deixado cair no tapete —, nunca verás um escudo espartano no chão se não for ao lado do corpo inerte de seu dono.

O rei aplaudiu, sem sombra de ironia.

— Bravo, Damárato! Tomara que teus espartanos sejam como o pintas, porque assim se mostrarão inimigos dignos de meus homens.

— Eles não te decepcionarão, majestade.

— Não duvido de que teus compatriotas combaterão com valor — interveio Mardônio. — Mas receio que, quando a batalha terminar, não restará nenhum para erguer um troféu com nossas armas.

— Pode ser que tenhas razão, Mardônio. Mas isso, como tudo, será decidido pelos deuses — respondeu Damárato, e não acrescentou nada mais.

Após essa conversa, o rei se retirou, seguido por sua esposa. O banquete prosseguiu com uma nova rodada de manjares, embora os estômagos já estivessem repletos e os paladares, fartos. Umhas dançarinas com pouca roupa começaram a rebolar no espaço que antes havia servido de palestra e a seguir, sempre dançando, distribuíram-se entre as mesas ao som de flautas, crótalos e pandeiros.

Agora que nem Xerxes nem Amestris estavam presentes, Artemísia decidiu que era um bom momento para se retirar. Não tinha muita certeza quanto àquilo em que um banquete persa poderia se transformar, mas pelo jeito como as dançarinas mexiam os quadris imaginava que não seria muito diferente de um simpósio grego. Além disso, por baixo da armadura sua túnica estava encharcada de suor. Uma gota acabara de deslizar, chegara a seus rins e estava prestes a entrar bem entre suas nádegas. Por mais tarde que fosse, queria chegar à sua própria tenda para se despir e tomar um banho.

Quando saiu da tenda, seus soldados a seguiram, contrariados. Pensando que mereciam um pouco de folga, disse a Alexias:

— Escolhe três soldados para que me acompanhem. Os outros podem ficar.

O jovem mostrava faces coradas e olhos brilhantes, mas sabia bem qual era seu dever. Apontou dois homens, os que menos haviam bebido, e ofereceu a si mesmo como terceiro.

Lá fora já era noite. Artemísia se voltou e olhou para a tenda. As luzes de dentro brilhavam através da grossa lona e a faziam parecer uma imensa gaiola cheia de vagalumes.

Nesse momento, viu que Ésquines saía pela porta, quase correndo.

— Espera, Artemísia!

Artemísia suspirou e disse a seus homens:

— Afastai-vos um pouco.

— Quanto é um pouco, senhora? — perguntou Alexias.

Ah, quanto tens de aprender com teu pai!, pensou Artemísia.

— O suficiente para que não ouçais o que falo.

— Entendido, senhora!

Quando Ésquines chegou a ela, ajeitou com cuidado as pregas da túnica e disse:

— Por que vais tão cedo, linda Artemísia? A parte mais interessante do banquete está prestes a começar.

— É mesmo? Nesse caso, devias entrar de novo o quanto antes, para não perder nada.

— Por mais prazerosa que seja a festa, prefiro desfrutar de tua companhia.

— Pois sinto que vai ser por pouco tempo. Estou com sono e minha cabeça dói.

Não estava mentindo totalmente. O pouco vinho que havia bebido estava lhe dando um pouco de enxaqueca.

Ésquines se aproximou mais dela. Cheirava à essência de rosas e mastigava almécega, não conseguia disfarçar seu hálito de vinho.

— Por que insistes em evitar minha companhia, Artemísia? És solteira, e tens só um filho. Te faria bem um marido como eu, com quem engendrar lindas crianças que se pareçam aos dois e nos acompanhem em nossa velhice.

— A companhia das crianças me perturba. Um só já é mais que suficiente. E uma coisa posso te garantir, Ésquines: Artemísia de Halicarnasso jamais tornará a se casar. Agora, se me dá licença...

Quando se voltou para se retirar, ele a segurou pelo cotovelo. A primeira tentação de Artemísia foi lhe dar um soco, mas se conteve.

— Escuta um pouco, Artemísia. Tenho uma história para te contar. É breve, não tardarei muito.

— Dize.

— Sabes que tenho boas fontes de informação. Sempre fico sabendo de tudo o que acontece dos dois lados do Egeu.

— De tudo? — perguntou ela erguendo uma sobrancelha.

— Bem, talvez de tudo não, mas do mais importante. Por exemplo, através de canais bastante sinuosos chegou a meus ouvidos que na noite anterior à batalha de Maratona os atenienses receberam a visita de um desertor jônio que lhes avisou que a cavalaria não estava mais no campo. Isso fez que decidissem atacar nossos amigos, os persas. Todos sabemos com que resultados.

Apesar do calor, Artemísia começou a sentir os pés frios.

— Não sei por que me...

— Tem paciência, Artemísia. Ao que parece, segundo meus informantes, uma ou duas noites antes, esse mesmo desertor já havia visitado o acampamento

ateniense. Mas, dessa vez, não havia sido como espião, mas sim como mediador, para marcar um encontro sexual entre seu chefe e, pasma, nada menos que um general ateniense.

Taxiarca, corrigiu Artemísia mentalmente. Evidentemente, não disse nada.

— Sodomia entre inimigos em plena guerra. Que escândalo! Porque digo que seria sodomia, não achas?

— Sinceramente, não me interessa — disse Artemísia com pouca convicção.

— Eu me pergunto se essa pessoa que se deitou com o general não seria a mesma que mais tarde enviou o desertor para informar os atenienses. Se assim for, a pessoa de quem falo seria a causadora da derrota de Maratona. Imaginas a que torturas o Grande Rei a submeteria se viesse a saber?

— Não tenho imaginação para essas coisas.

— Mas, claro, o Grande Rei não tem por que saber de todos os rumores. Ele é importante demais para tais miudezas. Essa pessoa de quem falo pode confiar que quem conhece seu segredo se calará... mas não de graça.

Ésquines se aproximava cada vez mais, aproveitando que Artemísia ficara petrificada.

— Nada é grátis nesta vida — acrescentou.

— Não te entendo.

— Quando eu vivia em Erétria, tinha de falar perante a assembleia para convencer o povo do que se devia fazer na cidade. Isso me repugnava. A chusma não deve ser convencida, deve é obedecer.

— Tuas ideias políticas não me interessam. Ésquines pôs as mãos nos ombros dela.

— Rei consorte de Halicarnasso, não te preocupes, eu te deixaria guerrear. E me limitaria a governar a cidade.

Artemísia ia responder que antes se casaria com um sapo, mas Ésquines a puxou e a beijou com luxúria. Enfiou as mãos por baixo da roupa de Artemísia, afastou as grossas tiras de couro e apertou seus glúteos. Ela o deixou agir um instante, desconcertada. Mas logo reagiu e deu-lhe uma joelhada nos genitais com todas as suas forças.

Ésquines caiu no chão, dobrado sobre si mesmo. Alexias e os dois soldados já iam se aproximar, mas Artemísia os conteve com um gesto. Preferia que não soubessem de nada.

— Escuta, puta! — arfou Ésquines. — Vais te arrepender disto! Quando Xerxes souber o que aconteceu em Maratona, mandará que te empalem!

— Podes ir lhe contar quando quiseres.

Artemísia se voltou a fim de partir, mas no último instante não pôde resistir à tentação e deu um pontapé no rosto do erétrio. Depois, voltou a seus homens.

— Certas pessoas ficam entusiasmadas com armaduras — foi toda a explicação que lhes deu quando chegou a eles.

Apesar do que havia dito a Ésquines, Artemísia não estava totalmente segura. Ainda tinha uma minúscula dúvida sobre a verdadeira identidade de Patikara.

É ele, é ele, repetiu para si mesma. Se Xerxes não fosse o mascarado, não a teria recompensado tornando-a sua *bandaka*, não a teria convidado à mesa real nem a teria honrado com presentes.

Mas, ainda que Xerxes e Patikara fossem a mesma pessoa, talvez o Grande Rei não visse muita graça em saber que a história do espião de Maratona estava se espalhando. Artemísia tinha certeza de que se Ésquines fosse até Xerxes com a história esperando uma recompensa, teria uma surpresa. Do que não tinha tanta certeza era que o rei não decidisse matá-la também para eliminar testemunhas do que havia sido uma verdadeira traição a seu próprio pai.

Um fio úmido tornou a escorrer pelas costas de Artemísia. Mas, dessa vez, o suor era frio.

PIREU, NOITE DE 29 DE JULHO

Haviam terminado de jantar e estavam conversando com Mnesífilo enquanto beliscavam doces e frutos secos quando o porteiro pediu licença para entrar na sala de refeições e informou a Temístocles que gente com tochas se aproximava pela ladeira que subia do porto. Apolônia se sobressaltou. Desde a queda de Erétria, que logo completaria dez anos, qualquer visita ou aparição noturna fazia que seu coração pulasse em seu peito, como se os persas estivessem de novo às portas. A casa era bem protegida, mas todo mundo sabia que guardavam nela muito dinheiro e objetos valiosos. E ainda que os inimigos políticos de Temístocles estivessem cada vez mais acovardados, não se podia descartar a possibilidade de que tentassem algo contra ele.

— Vou ver quem é — disse Temístocles.

— Eu te acompanho.

Temístocles disse que não era necessário, mas Apolônia insistiu. Subiram ao terraço que Temístocles havia construído ao estilo das casas orientais, porque gostava de contemplar o porto dali e ver como os trabalhos avançavam. *Seus trabalhos*, corrigiu-se Apolônia. Segundo ele, as últimas cinquenta trirremes que estavam terminando de construir com as madeiras trazidas da Itália e também da distante e selvagem Córsega seriam os mais rápidos do mundo, mais velozes até que as naus fenícias. Às vezes, Apolônia pensava que Temístocles amava mais aqueles barcos que seus próprios filhos.

Não, isso não, disse a si mesma. Estava sendo injusta com ele. Fazia apenas um ano e meio que Néocles, o mais velho, havia morrido por causa da infecção provocada em seu braço pela mordida de um cavalo. Temístocles não tivera mais remédio que superar seu infortúnio, pois os assuntos da cidade assim exigiam, e nem sequer pôde guardar luto por ele. Mas sempre que subia à cidade apresentava oferendas diante do monumento de seu filho, e Apolônia o

surpreendera chorando mais de uma vez quando ele achava que ninguém estava olhando. Embora fosse um homem racional e menos efusivo do que ela gostaria, amava a todos os seus filhos.

E a suas filhas, o que era mais importante para Apolônia, pois todas haviam nascido de seu ventre.

Do terraço, viram que subiam pela rua vários homens com uma mula e um cavalo, iluminados por grossos archotes.

— É Címon — disse Temístocles. — Que será que quer a esta hora?

Não era raro que o filho de Milcíades se reunisse com Temístocles, tanto na casa do *asty*, a cidade alta, quanto ali na do porto. Mas, normalmente aparecia durante o dia, a não ser que fosse convidado a jantar.

Apolônia não estranhou muito aquela visita intempestiva. Certamente não era de cortesia. Desde que haviam nomeado Temístocles general autocrata, quase todos os assuntos relativos ao governo de Atenas passavam por suas mãos. E corriam tempos difíceis para a cidade, com a ameaça dos persas de novo no horizonte. Segundo Temístocles, que em matéria de números nunca exagerava — a não ser que fosse com fins manipuladores, claro —, Xerxes levava consigo um exército cinco vezes mais numeroso que o que destruiu Erétria, acompanhado por uma frota de seis centenas de navios de guerra e outros tantos de transportes.

E, dessa vez, Apolônia não tinha uma só filha por quem temer, mas sim três.

Desceram de novo ao pátio, e Temístocles disse a ela que voltasse para dentro e desse atenção a Mnesífilo enquanto ele averiguava que recado trazia Címon. Mas Apolônia ficou esperando em um canto para ver se estava acontecendo algo grave. Diziam que os persas ainda estavam muito longe, para além do monte Olimpo, mas ela tinha um medo sobrenatural deles, e a cada manhã, quando saía ao terraço e via o mar, temia encontrar o horizonte inteiro ocupado por seus barcos.

A porta que dava para rua, uma folha de sólido carvalho reforçada com pranchas de bronze, abriu-se entre rangidos de pestilos e dobradiças. Címon entrou e abraçou Temístocles; um abraço que Apolônia julgou um tanto frio. Depois, reparou que ela estava ali, em segundo plano, e a cumprimentou de longe inclinando o queixo, ao que Apolônia respondeu com um gesto de mão.

Não haviam começado com o pé direito quando se conheceram naquela praia de Eubeia. Desde então, viam-se com frequência, pois Temístocles não era daqueles que obrigavam suas mulheres a se esconder no canto mais afastado da casa cada vez que vinha um homem. O filho de Milcíades sempre lhe lançava olhares meio de sedução e meio de superioridade, como se dissesse: “Sim, eu sei que sou Adônís ressuscitado dos infernos, mas não me tocarás”. Sendo que a última coisa que teria ocorrido a Apolônia seria se deitar com ele.

Dois escravos de Címon entraram no pátio carregando juntos um grande baú e

arfando por causa do esforço. Sicino saiu para descarregar um cofre menor do lombo do cavalo; pela forma como o hercúleo escravo o pegou, não devia ser leve.

Não é um escravo, lembrou-se Apolônia uma vez mais; não se acostumava ao fato de Sicino ter se tornado um meteco, um estrangeiro livre. Temístocles não era mais seu amo, mas sim seu protetor, pelo menos enquanto o persa continuasse em Atenas. Quando chegaram de sua longa viagem pela Ásia, Temístocles havia cumprido sua palavra de alforriá-lo, e ainda lhe entregara tanto as economias de seu pecúlio quanto uma generosa soma para que voltasse a seu lar. Mas Sicino se abraçara a seus joelhos e, com os olhos cheios de lágrimas, suplicara que não o mandasse embora. Era a primeira e única vez que Apolônia o vira mostrando uma atitude tão servil.

— Se voltar à Pérsia me matarão, senhor!

— Por quê? — estranhara Temístocles.

— O general Mardônio me desterrou, senhor. Disse que eu era um traidor dos meus por haver te servido e te acompanhado para espiar o Grande Rei, e que se eu voltasse a pisar território persa durante o resto de minha vida, mandaria que me arrancassem a pele.

Havia pronunciado tudo isso de um fôlego só, quase sem respirar, como um discurso ensaiado. E não havia levantado a vista do chão, embora fosse um homem orgulhoso que costumava olhar nos olhos.

— Ele está mentindo — dissera Apolônia a Temístocles a sós, mais tarde.

— Por que mentira? Que benefício obteria com isso?

Temístocles sempre via tudo de forma racional, avaliando prós e contras, algo que às vezes deixava Apolônia desesperada. Se em sua mente lógica não encontrava uma razão convincente para que Sicino mentisse, sua conclusão era que não podia estar mentindo, e não havia mais o que argumentar. Mas ela, que via as coisas de outro modo, conversara com o persa a sós.

— Fico muito feliz por ficares conosco, Sicino. Para mim, tu és como um irmão. Mas também tenho pena de que não possas voltar a teu lar. Eu te compreendo melhor que ninguém, porque sou uma exilada — acrescentara tomando-lhe a mão, compungida. — É verdade que te ameaçaram com uma morte tão espantosa se voltasses à Pérsia?

— Sim, senhora.

Ela olhava nos olhos dele, de modo que ele não podia virar a cabeça sem se delatar. Mas suas pupilas se moveram para o lado e ele retirou a mão, como se o contato de Apolônia o queimasse. Esteve prestes a cobrir a boca com a mão, mas se conteve e coçou a comissura dos lábios. Apolônia, que estava acostumada a detectar as mentirinhas de suas filhas e sabia que Sicino era um menino grande — exageradamente grande —, acabou de se convencer de que ele estava escondendo alguma coisa.

Mas Temístocles se negara a escutá-la.

— Respeito tuas opiniões, Apolônia. Mas se há algo de que me prezo é conhecer meus homens. Sicino não pode mentir, porque, se o fizesse, atentaria contra o mandamento mais sagrado de seu deus.

Seus homens. Ah, que petulância! Quando ficava tão pretensioso, Apolônia o odiava.

Agora, Temístocles lhe fez um gesto a fim de que voltasse para junto de Mnesífilo, enquanto ele entrava em seu gabinete com Cimón. Apolônia suspirou e foi de novo para a sala de refeições.

Uma escrava sentada em um canto tocava um suave arpejo na cítara. Era uma mulher jovem, meio ossuda e feinha, mas tinha dedos brancos e finos e a música que tocava era muito doce. Sem dúvida, Temístocles não a mantinha ali para que alegrasse a vista nem o corpo, mas sim o espírito.

Apolônia sentou-se em um banquinho em frente a Mnesífilo. Este, por deferência a ela, também se endireitou no divã, e seus pés ficaram pendurados acima do chão. O amigo de Temístocles já havia passado dos sessenta anos. Mas, desde que Apolônia o conhecia, não havia mudado muito — quando Temístocles o apresentara, já tinha a orelha rasgada pelo ferimento de Maratona. — Talvez suas faces estivessem um pouco mais fundas; mas seus olhos continuavam igualmente vivos. Mnesífilo dizia que o segredo estava em ser moderado com o vinho e ainda mais com a comida. De fato, quando Apolônia entrou, as bandejas de doces continuavam cheias como antes.

— Pensei que ao menos teríamos um jantar tranquilo — desculpou-se Apolônia. — Mas me equivoquei.

— Não te preocupes, Apolônia. Correm tempos difíceis. Ainda mais para um homem que quer abarcar a cidade toda em sua cabeça.

— Se fosse só a cidade toda... Às vezes penso que o que ele quer é abarcar o mundo todo.

— Dize-me uma coisa: ele continua dormindo menos que um galo?

Da boca de outro homem, Apolônia teria considerado uma desfaçatez essa pergunta de alcova. Mas ela tinha muita confiança em Mnesífilo, que, à falta de progênie própria, tratava-a quase como a uma filha. Além disso, diferentemente do que acontecia com outros homens, não havia a menor pitada de desejo sexual que turvasse a relação entre eles. Era bem sabido que Mnesífilo gostava dos efebos; e, à sua idade, já se conformava só de vê-los na palestra. Pelo menos era o que afirmava.

— Menos que nunca. Quando nos deitamos no mesmo leito, a última imagem que tenho dele antes de dormir é esta. — Apolônia cruzou as mãos sobre o peito, abriu os olhos como uma coruja e ficou olhando para o nada durante alguns segundos. Mnesífilo soltou uma gargalhada. — E quando acordo, sempre já se levantou.

— Ah, ele pensa que tem que velar por todos. Mas uma pessoa sozinha não pode carregar o peso do mundo.

— E, ainda por cima, quando por fim dorme, sofre pesadelos. Não sei o que acontece neles, mas às vezes começa a gemer em sonhos. Quando vejo, está suando e apertando os dentes como se estivesse com febre. É difícil acordá-lo, e isso que tem sono leve. É como se os pesadelos se apoderassem dele e não o soltassem.

— Que pesadelos são esses? Uma velha sacerdotisa me ensinou a interpretar sonhos. Quem sabe posso te ajudar.

— Ele nunca quer me contar. Eu suspeito que tem a ver com o que lhe aconteceu em sua viagem. — Só podiam falar desse assunto quando Temístocles não estava presente. — Tu te lembras de como estavam seus dedos? Uma infecção, disse ele.

— Evidentemente, não conheço nenhuma infecção que faça perder só as unhas das mãos — reconheceu Mnesífilo. — Mas um marinheiro me contou que na Índia existe uma doença que faz que os dedos das pessoas caiam aos pedaços, e depois o resto das mãos.

Apolônia negou com a cabeça.

— Não foi nenhuma doença. Tenho certeza de que o torturaram.

O próprio Mnesífilo encheu a taça dela de novo com uma jarra que tinham à mão, porque Temístocles havia dispensado o serviçal um tempo antes.

— Vamos falar de coisas mais agradáveis. Quando a sombra da guerra se aproxima, é o melhor momento para desfrutar a vida. Menina! — exclamou dirigindo-se à citarista. — Toca algo mais alegre.

A jovem interpretou um canto convival de Simônides, o velho poeta jônio que de vez em quando ia visitá-los. Enquanto cantava, chegou a eles o som da discussão no gabinete. Para evitar parecer indiscreto, Mnesífilo pigarreou, ergueu o volume da voz e perguntou a Apolônia pela mãe de Temístocles.

— Adorreceu antes que chegasses — respondeu Apolônia. — Tem uns horários muito estranhos. É possível que daqui a pouco acorde pensando que já é dia e peça às escravas o desjejum.

Fazia dois anos que Euterpe vivia com eles. A pobre mulher havia começado a apresentar sintomas de demência senil pouco depois da volta de Temístocles. Confundia com seu marido, Néocles, esquecia os nomes de seus netos, que desciam sempre da cidade para vê-la, e também se confundia com suas netas Itália e Sibarís, ou simplesmente não as reconhecia.

Tinham de mantê-la sob vigilância, porque se descuidassem fugia e ficava perambulando pelas ruas vestindo apenas uma túnica de ficar em casa, com seus brancos cabelos soltos até a cintura. Se alguém lhe perguntava algo, contava uma história sobre seu irmão Sangodo, pois pensava que era de novo uma jovem donzela e estava em Halicarnasso. Arquipa aproveitara a decadência de Euterpe

para se vingar dela, e não perdia oportunidade de lhe mostrar que estava caduca. Além do mais, quando Temístocles não estava em casa, dava ordem às escravas para que não a penteassem nem lavassem, e que a deixassem sempre malvestida. Até que Apolônia se fartou e disse a Temístocles que levasse sua mãe ao Pireu que tomaria conta dela.

Felizmente, Nesi, que já havia completado doze anos e era uma mulherzinha, ajudava muito Apolônia. Embora Euterpe não fosse sua avó carnal, era ela quem mais cuidava da anciã, e passava longos períodos cantando para ela enquanto escovava seu cabelo. Em troca, obtinha sua recompensa: curiosamente, Euterpe sempre reconhecia Nesi; e não só isso: chamava-a pelo nome completo, Mnesiptólema, sem economizar uma só consoante.

— O esquecimento é duro — comentou Mnesífilo balançando a cabeça. Depois perguntou: — Posso ser indiscreto, Apolônia?

— Sempre que quiseres — respondeu ela.

Recebia poucas visitas femininas com quem se abrir de verdade, de modo que agradecia as conversas com Mnesífilo.

— Eu disse mais de uma vez a Temístocles para se divorciar de Arquipa e se casar contigo. Mas ele sempre responde que a situação da cidade é muito complicada, os persas por um lado, os espartanos por outro, os eupátridas o tempo todo, e que um dia regularizará vossa situação. Que pensas tu? Estás satisfeita com a situação?

— E isso tem alguma importância?

— Para mim, sim. E eu te garanto que para ele também, mesmo que não demonstre.

Apolônia pegou a taça e deu um breve gole. Depois, ficou com os lábios apoiados na borda do cálice, pensativa. Estava satisfeita? Na verdade, e apesar dos tempos sombrios que corriam, não era tão infeliz. Se fosse, não teria tanto medo de perder tudo outra vez. Na realidade, ainda que agora não fosse a esposa legal de ninguém, tinha muito mais a perder que quando vivia em Erétria.

De vez em quando pressionava Temístocles, fingia ciúmes à custa de Arquipa e lhe pedia mais atenção. Mas quando ele se mostrava mais solícito, Apolônia procurava se distanciar um pouco e com frequência lhe dizia: “Não achas que já é hora de passares uns dias com teus filhos na cidade?”. Havia comprovado que essa era a melhor maneira de manipulá-lo. Estava apaixonada por ele, desde que o conheceu naquele barco, no mesmo dia em que — que a perdoassem os deuses! — seu marido morrera. Mas, embora às vezes tivesse vontade de lhe dizer o tempo todo quanto o amava, controlava-se muito. Quando se tratava dos assuntos de Afrodite, Temístocles era como um cervo assustado que se assoma fora do bosque; não se pode olhar diretamente para ele quando se quer atraí-lo para que acabe comendo em sua mão.

Quanto ao casamento, nem ela mesma sabia o que pensar. Havia comprovado

que, sendo erétria e concubina, em vez de ateniense e esposa legal, obtinha menos respeito dos outros, começando por pessoas como Címon, que a olhavam como se a qualquer momento pudesse estar disponível para eles. Mas, por outro lado, gozava de mais liberdade. Quando queria, saía para fazer compras com as escravas, ou simplesmente para passear pelo porto, ou levava as meninas para a praia de Falero, sempre com a proteção de Sicino. Nunca havia pedido licença a Temístocles para nada disso. Continuaría tudo igual caso se casassem? Poderia ficar sentada com um amigo de Temístocles na sala sem que ele estivesse presente, como agora? Continuariam compartilhando o leito com a mesma sensação emocionante e furtiva daquela primeira noite em que Temístocles entrou em sua alcova?

Enquanto pensava nisso, ouviram vozes no pátio de novo. Ao que parecia, Temístocles e Címon já haviam acabado de discutir o que quer que tivessem para tratar. Apolônia queria sair da sala de refeições, e pelos olhares que dirigia à porta, Mnesífilo também. Mas se limitaram a escutar enquanto Címon e Temístocles se despediam.

Ouviram a porta da rua se fechar e Temístocles dar licença a Sicino para se retirar. Pouco depois entrou na sala. Mas, em vez de se recostar no divã ao lado de seu amigo, aproximou outro banquinho e sentou-se nele, com as pernas um pouco separadas e as mãos apoiadas nos joelhos.

— Isso eu não esperava.

— O que aconteceu? — perguntou Mnesífilo.

— Címon me devolveu de uma vez todo o dinheiro que me devia.

— Isso sempre é boa notícia. Quanto?

— Dez talentos.

— Isso é notícia ainda melhor! Por que estás tão sério? Se te incomodam tanto esses talentos, podes dá-los a mim.

— Ele disse antes de ir: “Com isto, nossa dívida fica saldada. Já não te devo nada”.

— E acaso é mentira?

— Tu não ouviste seu tom. Eu lhe perguntei se lhe havia feito algum mal, se alguma vez lhe havia jogado essa dívida na cara. Tu sabias que eu lhe havia emprestado o dinheiro, Mnesífilo?

— Tinha alguma suspeita, mas...

— Eu havia comentado contigo alguma vez?

— Não, certamente.

— Nunca fiz ostentação de que me devia! Eu lhe emprestei o dinheiro em segredo, e assim o mantive sempre, para que não tivesse de se envergonhar. — Apolônia estendeu o braço para pegar a mão de Temístocles. Ele a deixou agir, distraído. Sabia disfarçar suas emoções, mas dessa vez estava realmente sentido. — Pouco faltou para que o jogasse em meu rosto.

— Nem sequer te agradeceu? — perguntou Apolônia.

— De palavra, sim, mas não de coração. Temístocles meneou a cabeça e, como sem perceber, soltou-se da mão de Apolônia. Ela não se incomodou. Já o conhecia. — Não entendo. Não posso entender! Desde que Milcíades morreu, fui quase um pai para ele.

— Um pai que ele não escolheu. Esse homem é muito orgulhoso — disse Apolônia. — No momento em que te tornaste seu credor, passaste a ser seu inimigo.

— Isso é verdade — disse Mnesífilo. — Os Milcíades e os Címons não aceitam estar em dívida com ninguém.

— Agora me dizeis que agi mal? Que podia fazer? Deixar que lhe ficassem tudo e o enxotassem como um cão? Esta é a recompensa que obtenho por meu desinteresse!

Apolônia pensou que Temístocles estava se comportando como uma cortesã ofendida por alguém pôr em dúvida sua virgindade. Ela, que conhecia a existência e as condições desse empréstimo, sabia que, evidentemente, ele não havia agido de forma desinteressada nem altruísta ao se prestar a ser fiador de Címon; o que queria era que o filho do grande Milcíades tivesse uma dívida moral para manter sua tutela sobre ele e evitar que chegasse a se transformar em um novo Aristides. Outra coisa era sua generosidade ao não lhe cobrar juros. Mas Temístocles trocava com prazer dinheiro por poder.

— Estás irritado e não pensas com clareza — disse Mnesífilo. — Usa tua inteligência para descobrir o que aconteceu. Como ele pôde te devolver dez talentos de uma vez?

Temístocles ficou pensando um instante. De repente, suas pupilas se dilataram, a indignação que sentia pelo injusto tratamento de Címon pareceu se desvanecer de uma vez, e quando voltou a falar, foi em seu tom habitual, grave e sereno.

— Cálias emprestou o dinheiro a ele.

— Se ele lhe emprestou, continua em dívida com alguém.

— Então, ele lhe deu o dinheiro. Mas não sem mais nem menos. Não são tão amigos. Cálias não é um esbanjador. Algo lhe pediu. — Temístocles se levantou de súbito. — Tenho de preparar um bom discurso para amanhã se quiser convencer a assembleia. Mnesífilo, teu aposento está pronto, como sempre, mas não tenhas pressa de retirar-te se não te apetece. Até amanhã.

Sem mais a acrescentar, saiu da sala. Se estivessem sozinhos, teria dado um beijo em Apolônia, mas sentia pudor por fazê-lo diante de outras pessoas. Ela não se importou muito; estava mais desconcertada que incomodada.

— Há algo que não captei, Mnesífilo, mas não sei o que é.

— Às vezes ele esquece de explicar aos outros os passos que sua mente dá quando pensa. Ele acha que Cálias entregou esse dinheiro a Címon em troca de que fale contra ele na assembleia amanhã.

— É tão grave isso?

Mnesífilo assentiu.

— Temístocles é agora o amo da cidade. Tirou do caminho seus rivais mais importantes. Mas as pessoas se cansam de tudo, e também começaram a se cansar dele. Címon é jovem, nunca falou em público e todos querem saber o que o filho de Milcíades tem para dizer e com que pode contribuir para levar esta guerra adiante. Principalmente os que da mesma idade que ele, ou até mesmo os mais jovens. Esses não falam na assembleia, Apolônia, mas levantam a mão para votar.

— Então, é justificado que Temístocles esteja preocupado.

— Suponho que sim — Mnesífilo bebeu de sua taça, pensativo. — Mas não sei exatamente em que Címon pode se opor a ele. O filhote de leão tem tanta gana pelos persas quanto o próprio Temístocles, e é muito belicoso. Não acredito que de repente comece a defender que Atenas negocie a paz com Xerxes. Que outra coisa pode fazer para incomodar Temístocles?

— Eu sei — disse Apolônia. — Tirar-lhe o poder.

ATENAS, 30 DE JULHO

— Alguém quer tomar a palavra?

Eram as palavras rituais do heraldo. O sacerdote já havia sacrificado um porco, examinado as vísceras e anunciado que os presságios eram favoráveis e que se podia proceder.

A assembleia não estava sendo celebrada, naquela ocasião, na colina da Pnix, mas sim na ágora, dentro do recinto amuralhado da cidade. Havia montado uma tribuna de madeira para os oradores junto ao monumento dos heróis epônimos. Sob suas dez estátuas viam-se outros tantos tablados. Neles estavam os membros das tribos organizados por grupos, cada um deles designado a um barco de guerra como remador, marinheiro, infante de coberta ou arqueiro.

Nunca tantos nomes haviam sido inscrito nos catálogos. Pela primeira vez, todo o povo ateniense ia para a guerra. E ainda faltavam mãos para empunhar os remos, de modo que haviam recorrido aos estrangeiros domiciliados na cidade e inclusive a escravos. Também haviam contratado trezentos mercenários para atirar flechas das cobertas dos navios mais rápidos, os mesmos que se lançariam à água no dia seguinte.

Os cidadãos haviam se distribuído pela ágora por tribos, separadas entre si por amplos corredores. Diante de cada tribo estavam seus cinquenta conselheiros. Eram eles que se encarregavam de contar os votos a mão erguida dos outros, e o procedimento já estava tão aperfeiçoado que em questão de minutos podiam reunir seus números e saber com precisão quantos cidadãos votavam a favor e quantos contra cada proposta.

Também havia heraldos distribuídos pelo povo que repetiam bem alto as

palavras dos oradores, pois por mais potentes que fossem as vozes, era difícil que alcançassem até os últimos recantos da ágora. Principalmente em uma assembleia como essa, ainda mais multitudinária que a celebrada antes de Maratona. Temístocles calculava que podia haver ali quase vinte mil pessoas. Não era para menos, pois estava em jogo a sobrevivência de sua cidade de novo.

Pairava no ar a mesma sensação de ameaça e urgência de dez anos antes. Agora o invasor não estava tão perto. Mas, por outro lado, os atenienses já sabiam que homens enfrentariam, e ainda pior, quantos. E, dessa, vez o Grande Rei pessoalmente vinha com eles.

— Alguém quer tomar a palavra? — repetiu o heraldo.

Todos os olhares convergiram sobre Temístocles, que aguardava ao pé do estrado junto aos arcontes e aos outros nove generais. Decidiu que não era questão de se fazer de rogado e subiu à tribuna.

Durante alguns segundos não disse nada, enquanto milhares de olhos permaneciam cravados nele. O silêncio de uma multidão como aquela era ainda mais impressionante que a gritaria de uma batalha. Era uma sensação inebriante, e que também podia ser perigosa. Quando sentia sobre si milhares de olhos e milhares de ouvidos, às vezes se encontrava fora de si mesmo e perdia o fio das palavras. Dessa vez, não permitiria que isso acontecesse.

Onde está Cimon? Seu olhar percorreu as primeiras filas da tribo Eneia. Ali não estava. Ou estava escondido no final, algo impróprio do jovem aristocrata, ou não havia comparecido.

Não confies nisso. Ele vai aprontar, com certeza. Voltou os olhos para a tribo Antiochis. Ali, por trás dos conselheiros encontrava-se Cílias. E Temístocles poderia jurar que, ao ver que o estava olhando, ele sorria.

Se quisesse falar com convicção, tinha de esquecer a ameaça que pendia sobre ele. Engoliu em seco, respirou fundo e projetou a voz empurrando o ar com o diafragma e ampliando-o no palato.

— Este não é o momento de longos discursos, mas sim de obras contundentes, oh, atenienses! Vossos conselheiros já vos informaram das liberações da Aliança na reunião que se realizou no templo de Poseidon. E, ademais, revelaram-vos o primeiro oráculo que o deus nos concedeu.

“Sabeis que essa primeira profecia nos foi adversa, pois nos recomenda fugir da cidade e nos retirar ao fim do mundo. Nem a mim nem a meu colega e bom amigo Andrônico nos pareceu bem simplesmente nos render ao desespero — disse apontando para o general, que levantou a mão para saudar o povo que tanto desprezava. — Por isso nos apresentamos como suplicantes diante de Apolo e lhe rogamos que nos desse mais esperanças, e, acima de tudo, que não permitisse que esta terra que habitamos desde o início dos tempos caísse nas mãos dos bárbaros.

“A esta altura conheceis também o segundo oráculo que a Pítia nos ofereceu.

É impossível que eu expresse a impressão que senti ao ouvir pessoalmente suas palavras inspiradas pelo deus. Mas vos devo confessar que quando a pitonisa mencionou uma muralha de madeira, fiquei desconcertado.”

— Farsante! — exclamou alguém no setor da tribo Antiochis. Seu grito provocou uma vaia geral. Quando se acalmou, Temístocles, que já estava acostumado a essas interrupções, prosseguiu.

— Que quer dizer Apolo nos oferece uma muralha de madeira como último baluarte? Alguns sábios idosos apontam que, no passado, a Acrópole esteve rodeada por uma cerca de madeira e bambus. Talvez o deus se referisse a isso. Mas recordai o que aconteceu com Erétria, cujas muralhas de pedra eram mais sólidas que nossos bastiões, e como foi arrasada pelos persas. Como vamos resistir ao invasor na Acrópole, que não pode abrigar mais de duas mil, três mil pessoas?

Fez uma pausa para deixar que os cidadãos considerassem suas palavras, pois sabia que havia entre eles alguns aristocratas teimosos que insistiam que o muro de madeira estava na cidadela. Depois prosseguiu:

— Não, atenienses. Não encontraremos a salvação na Acrópole. Creio que é evidente o que o deus quer nos dizer com suas palavras. A muralha em que devemos confiar é nossa frota. Um baluarte inexpugnável de madeira, erigido de esporões de bronze, que salvará a nós e aos nossos filhos!

— E quanto ao primeiro oráculo? Vais nos dizer que é falso? — gritou outro homem, um nobre chamado Estéfano que nunca subia à tribuna, mas que costumava interpelar os oradores lá de baixo.

— Jamais afirmarei isso das palavras de um deus! Acredito, cidadãos, que os dois oráculos são compatíveis. Mas não oferecem um único caminho, reto e imutável. O que fazem é mostrar o que pode acontecer e sugerir o que devemos fazer se as coisas se desviarem, como sabeis que às vezes acontece na guerra, a mais imprevisível das atividades humanas.

“Tenho fé de que a frota grega, da qual nossa cidade é o coração e o nervo, deterá a do Grande Rei em Artemísio. Também confio que os espartanos, com a ajuda do resto do exército de terra, deterão os batalhões de Xerxes nas Termópilas. São os lugares mais apropriados para combater contra as hordas persas.

“Mas, se sofrêssemos algum revés, o que aconteceria? Temos de estar prevenidos. Que acontecerá se as tropas de Xerxes vencerem nossa resistência e conseguirem abrir caminho pelo centro da Grécia? Se isso acontecer, o primeiro oráculo nos recomenda abandonar nossa cidade sagrada e fugir para o fim do mundo. Houve quem agisse assim no passado, como os focenses. Talvez eles não sentissem tanto amor por sua terra como nós, mas não serei eu a criticá-los. Só digo que nós, atenienses, não somos assim.”

Ele sabia que, ao falar desse modo, tocava uma fibra sensível. Seus

concidadãos tinham convicção de ter nascido diretamente do solo que habitavam e se vangloriavam de que, ao contrário de outros povos, nunca o haviam abandonado.

— O segundo oráculo é uma esperança para os valentes. Ele nos diz que, ainda que a Ática caia nas mãos do invasor, não temos por que fugir para os confins da terra, mas sim nos refugiar em nossa frota e esperar o momento de combater Xerxes onde e quando mais nos convier. Por isso proponho-lhes o seguinte. Partamos agora rumo à vitória. Mas, caso o acaso nos resulte desfavorável, tenhamos preparada a evacuação geral da cidade.

Houve gritos de desalento, e suscitaram-se incontáveis discussões entre os presentes à assembleia. Quando os heraldos conseguiram impor o silêncio, Temístocles acrescentou:

— Eu disse evacuação, não fuga! Não renunciaremos ao que é nosso como fizeram os focenses. Se Xerxes descer para a Ática, levaremos todo o grão e os rebanhos, privá-lo-emos de tudo aquilo que possa alimentar suas hostes e nos retiraremos para logo voltar.

— Mas, quando voltarmos, Atenas será um monte de cinzas! — gritou alguém nas primeiras filas. — Não teremos mais cidade!

— Atenas não arderá — respondeu Temístocles. — Arderão as casas e os templos, arderão as oliveiras. As casas podem ser reconstruídas. As oliveiras crescem, pois são duras como esta mesma terra. E os templos que consagraremos a nossos deuses serão mais ricos e maravilhosos que os que agora possuímos, pois os levantaremos com o butim tomado dos persas.

“Não, compatriotas! Atenas não arderá, pois Atenas sois vós! E a quem se atrever a nos chamar de desterrados e apátridas, mostraremos qual é vossa pátria. Essas duzentas naus que esperam no Pireu que embarqueis para combater o bárbaro, o invasor de vossa terra, o inimigo de vossa liberdade e da de todos os gregos!”

Isso despertou uma ovação, que, evidentemente, partiu do setor da tribo Leôntide. A seguir, voltou o silêncio. Temístocles, com precisão, explicou quais eram as medidas que se deviam tomar. Se em Artemísio não conseguissem deter a frota persa, as mulheres e as crianças seriam evacuadas para longe do conflito, para Troezen. Essa cidade, unida por antigos vínculos de amizade a Atenas, já havia oferecido alojamentos, fundos e alimentos para os refugiados. Para essa evacuação, tinha a intenção de deixar cinquenta navios, os mais lentos, nas cercanias da Ática. Quanto aos cidadãos mais veteranos, Temístocles propôs levá-los a Salamina juntamente com os bens da cidade, visto que o deus a havia mencionado no oráculo.

— Mas a profecia diz que Salamina aniquilará os filhos das mulheres! — Exclamou outro cidadão nas filas da tribo Aiantis. Nesse caso, não foi uma intervenção espontânea. Havia recebido instruções de Temístocles para intervir.

— E o que são persas, meus amigos? Acaso pensais que nascem da terra, das árvores? Ou que são filhos dos deuses? Não, irmãos. São filhos de mulher, como nós, e podem ser mortos, como já comprovastes em Maratona. Eu escutei bem a profecia, e a pitonisa não disse “funesta Salamina”, mas sim “divina Salamina”. Isso é sinal de boa sorte para nós. De modo que não temais. Não será em Salamina que o povo ateniense perecerá.

Houve um novo zunzunar de murmúrios enquanto cada um discutia com seu vizinho a interpretação do oráculo; a hermenêutica sagrada era uma paixão de todos os gregos, e ainda mais dos atenienses. Temístocles deu-lhes um tempo. Seu próprio argumento não o convencia muito. Sabia muito bem que epítetos como “divino” eram utilizados desde os tempos de Homero para preencher os hexâmetros. Por exemplo, o poeta chamava Egisto de “irrepreensível” na mesma passagem da *Odisseia* em que o tachava de adúltero e assassino, apenas porque estava no fim do verso e precisava encaixar o número de sílabas.

Mas se esse “divina” servia para que o desespero não tomasse conta de Atenas, bem-vindo fosse.

Antes de proceder à votação, o heraldo perguntou se alguém mais queria opinar sobre a proposta de Temístocles. Este, que já ia descer da tribuna, deteve-se um instante ao advertir movimento no outro canto da ágora. Ali, pela rua das Panateneias, vinha um grupo de uns vinte homens que marchavam em formação e levavam lanças ao ombro. Mas não podia ser. Era proibido levar armas à assembleia; pelo menos, à vista. De qualquer maneira, eram muito longas para ser lanças.

Ao chegar ao centro da ágora, aqueles homens viraram seus passos à esquerda e se encaminharam para a tribuna. As pessoas abriram caminho, entre murmúrios de curiosidade e interesse. Temístocles percebeu, então, que aquelas varas não eram lanças, mas sim remos. E, acima de tudo, reparou em quem encabeçava essa pequena procissão.

— Alguém quer tomar a palavra? — disse pela segunda vez o heraldo.

— Eu! — respondeu o homem do remo.

— E quem és tu?

— Um cidadão ateniense! Sou Címon, filho de Milcíades, do demo de Laciadas!

Devido à aglomeração, muitos dos presentes não haviam podido ver o rosto do recém-chegado. Mas quando correu a informação de que se tratava do filho de Milcíades, os murmúrios se desataram mais fortes que antes. Temístocles, ao descer da tribuna para ocupar seu lugar entre os generais, cruzou com Címon.

— Uma entrada dramática — disse. — Meus parabéns.

Ele olhou-o um instante, mas não disse nada.

Címon subiu ao estrado com o remo na mão esquerda. Temístocles não podia evitar uma grande curiosidade por saber o que ia dizer e para que havia subido à

tribuna com aquele aparatoso remo de abeto.

— Perdão por meu atraso, atenienses! — começou Címon. — Nem meus amigos nem eu chegamos tarde por falta de respeito por esta assembleia, eu vos garanto. O que acontece é que viemos da Acrópole, onde acabamos de fazer uma oferenda à deusa. Quereis saber qual?

Ouviram-se vários sim entre as pessoas. Temístocles estava favoravelmente surpreso. A voz de Címon era tão poderosa quanto a de seu pai. Era impossível triunfar na tribuna sem um bom jorro de voz que chegasse o mais longe possível. Além disso, o tom de Címon soava limpo e puro, sem a áspera rouquidão de Milcíades.

— Esses companheiros que vedes aí embaixo, membros das famílias mais ilustres da cidade, tiveram a gentileza e o valor de me acompanhar ao velho templo de Atena. Se subirdes depois da assembleia, cidadãos, podereis ver qual foi nossa oferenda. Ali encontrareis as bridas de nossos cavalos. Os mesmos cavalos com que há apenas alguns dias nos vistes escoltar o peplo da deusa na cavalgada das Panateneias.

“Por que consagramos as bridas? Para demonstrar que renunciamos a nossos animais. Sim, atenienses. Nós, apesar de nossos recursos, renunciamos a servir na cavalaria até que o perigo sobre nossa cidade se desvaneça, até que acabemos com a ameaça persa.”

Era manipulação pura. Nem Címon nem seus amigos, por mais cavaleiros das Panateneias que fossem, poderiam ter formado em uma cavalaria que não existia como força militar. Mas Temístocles estudou os gestos dos presentes e comprovou que o início do discurso estava causando efeito.

Címon bateu com o remo nas tábuas do palanque e fez uma breve pausa.

— Por isso, oh, cidadãos, companheiros, irmãos atenienses! Eu, Címon, filho de Milcíades, empunho este remo agora e juro que meu destino está unido ao vosso até a morte ou até a vitória.

Suas palavras desataram uma onda de rugidos. O próprio Temístocles sentira os pelos dos antebraços se arrepiarem. Címon soubera modular bem a voz e combinar aquelas duas palavras, morte e vitória, que despertavam pulsões intensas e contraditórias.

Quando vai aprontar comigo?

— Por isso, como mais um de vós, eu vos peço que, quando votares, aproveis com uma só voz o decreto que propôs nosso general Temístocles. Devemos confiar nele, posto que é o verdadeiro pai de nossa frota, o criador do poder com que vamos fazer que a espuma do mar se transforme no pó que morderá Xerxes.

Címon apontou para Temístocles com a mão direita, e ouviu-se uma grande ovação. Temístocles não soube o que pensar, se os aplausos eram destinados a ele ou a Címon. Mas não gostava nada do que estava acontecendo.

— Embora eu seja jovem — prosseguiu Címon —, tanto que é a primeira vez

que me atrevo a tomar a palavra em público diante de vós, acaso me permitiríeis a ousadia de vos oferecer um conselho? Na realidade, não é meu, mas sim algo que aprendi ao lado de nosso general Temístocles.

As pessoas responderam que sim, que lhe permitiam o conselho.

— Eu vos pedi que voteis a uma só voz porque o maior perigo que nos espreita é a desunião. Nós que comparecemos à reunião da Aliança em representação de vossa cidade vimos como, um após o outro, estados muito poderosos nos abandonavam. E quase todos o faziam por motivos mesquinhos. Egoísmo, vaidade, afã de poder ou de notoriedade. Que triste foi ver Gelon de Siracusa nos negar seus grandes recursos em homens e barcos, e tudo porque os outros gregos não concordaram que nos governasse na guerra a seu capricho e bel-prazer! Mas o que se pode esperar de um tirano?

Esta última palavra provocou gritos de ira nos atenienses, em uma reação automática. Agora, qualquer um que se opusesse ao que Címon dissesse poderia ser tachado de amigo da tirania. Mas, não muito longe de Temístocles, um ancião disse:

— O que esse rapazinho se atreve a dizer? Seu pai era um vulgar tirano a soldo dos persas.

Mas os outros o fizeram calar.

— Devemos estar unidos como um só homem, atenienses! — prosseguiu Címon. — Por isso, para demonstrar que somos um só corpo animado por um só coração, nós, a quem a sorte nos sorriu com mais meios, empunhamos estes remos.

A sorte, repetiu Temístocles para si mesmo com amargura. Como se Címon não alardeasse perante seus amigos que ele era melhor que os outros não por acaso, mas sim pela natureza e pelo sangue que corria em suas veias.

— Por isso, atenienses, vou propor algo que poderia sair da boca de nosso general Temístocles, pois conheço bem esse homem e sei quão infinita é sua generosidade. Eu vos direi uma coisa que talvez outras pessoas tivessem vergonha de reconhecer. Mas eu não, cidadãos. Porque não há nada pior que um coração desagradecido, e meu pai se remexeria em seu túmulo se eu demonstrasse ser um ingrato.

“Esse homem que aí vedes, que alguns apontam como inimigo dos eupátridas, foi quem evitou que eu caísse na ruína e a pobreza. Recordai que condenastes meu pai a uma multa maior que qualquer outra jamais imposta a um ateniense, e da qual logo vós mesmos vos arrependestes, lembrando os serviços que havia Mílcíades emprestado a vossa pátria e considerando que compensavam de sobra seus erros. Pois bem, quando o fizestes, sem contar nada a ninguém, Temístocles me procurou e respondeu com seus bens. Pois, embora ele não goste de alardear sua riqueza e no fundo do coração seja um homem do povo, não deixa de ser um dos membros mais preclaros da primeira classe, um pentacosímedimno.”

Ensinei-lhe demais, pensou Temístocles, que não podia evitar sentir-se orgulhoso de seu discípulo. Agora estava dizendo com toda a clareza ao povo simples: “Ele também não é dos vossos”.

— Temístocles não disse nada, nem dirá. Mas eu vos confesso que agora, por fim, consegui saldar minha dívida com ele, cidadãos. Sem um único óbolo de juros. Porque, evidentemente, Temístocles não é nenhum usurário desses que se sentam a contar moedas em suas mesas no Pireu.

“Mas se a dívida de prata ficou saldada, a de gratidão jamais ficará. Por isso insisto, oh, atenienses! Insisto que voteis a favor da proposta de Temístocles. Eu vos peço que embarqueis na muralha de madeira que este homem construiu para a cidade, e que enfrenteis com coragem os perigos. E se sofrermos algum revés, eu vos exorto a não vos renderdes. Se houvermos de abandonar nossas casas e vê-las queimadas, soframos com ânimo viril e confiemos nas palavras do oráculo.”

Muito bem, pensou Temístocles. *Agora, enquanto segura sobre minha cabeça a coroa de louro, vai me apunhalar com a mão esquerda.*

— Mas permiti que abuse um instante mais de vossa paciência, atenienses, concidadãos meus. Eu vos recordava há pouco dos perigos da desunião. Deve reinar a harmonia entre todos nós se quisermos prevalecer contra inimigos tão numerosos quanto os grãos de areia da praia.

“Desejo submeter duas propostas a vossa votação, cidadãos, visto que é em vossas mãos que reside a soberania da cidade. Já vos disse como vimos com tristeza os abandonos e dissensões na reunião da Aliança. Não gostaria que, quando a maior armada que jamais se reuniu na Grécia navegar para Artemísio, surgissem desconfianças com nossos aliados. Bem sabeis como são esses homens do Peloponeso, honrados e valentes, mas também receosos e, para que mentir, menos inteligentes e sutis que vós.

“Nossos aliados são reticentes a seguir outra chefia que não seja a espartana. Isso tem sua lógica, posto que não há outros soldados como eles na Grécia. Se bem que nós, que derrotamos os persas em Maratona, não ficamos atrás. — Pela área dos acarnienses soaram gritos bravateadores. — Por isso quero me antecipar ao que, sem dúvida, nosso general Temístocles ia propor em sua grande generosidade. Para demonstrar que antepomos a salvação da Grécia a nosso próprio interesse, proponho que cedamos de bom grado o comando geral da frota a Esparta, na pessoa de seu almirante Euríbiades.”

Nesse ponto, produziu-se um silêncio ominoso. As pessoas não estavam muito convictas. Mas logo houve um grupo que levantou a voz para apoiar a proposta de Címon. Temístocles olhou para lá. Eram da tribo de Cálías. Ele não podia acreditar. Para lhe passar a perna, eram capazes de tirar o poder da própria cidade de Atenas.

— Não temais, cidadãos! Temístocles continuará sendo o comandante

supremo de nossa frota. Todos vós o conheceis e sabeis que dará um jeito de fazer que Euríbiades atenda a seus conselhos. O que vos peço é um sacrifício, eu sei. Mas garanto que, se conseguirmos derrotar o persa, será recompensado, e os outros gregos nos olharão com admiração em virtude de nossa generosidade.

Havia tensão no ambiente. Mas Címon, sem se intimidar, levantou o remo acima de sua cabeça.

— Eu falo de sacrifício, atenienses! Eu consagrei as bridas de meu cavalo a Atena, mas não é só a isso que pretendo renunciar por nosso bem comum. Em uma crise como esta, todos os braços e corações são necessários. Por isso, irei vos dizer qual é minha segunda proposta. Todos sabeis quem foi que acusou meu pai diante dos juízes e provocou nossa ruína. Minha inimizade pessoal com Xantipo é de sobra conhecida.

“Pois bem, eu vos peço que perdoeis Xantipo e todos os outros desterrados. Até mesmo Xantipo, a quem elegestes como general em Maratona e outras ocasiões, tem algo com que contribuir. E que devo dizer de Aristides, a quem outorgastes um prêmio ao valor após aquela batalha? Mostrai vossa grandeza de ânimo e permiti que volte. Possuímos Temístocles para ganhar esta guerra — disse apontando-lhe com a mão esquerda, visto que a direita continuava segurando o remo. — Mas também precisamos de Aristides, o Justo. Que me dizeis, atenienses? Lutaremos todos unidos contra o persa ou deixaremos que nos derrote separados?”

— Que volte Aristides! — exclamou alguém.

Temístocles pensou que talvez ele fosse um dos cidadãos que haviam escrito seu nome para condená-lo ao ostracismo.

Mas aquele grito logo se transformou em um clamor geral. Címon sugeriu acrescentar suas duas medidas — a cessão do comando naval a Esparta e o retorno dos desterrados — à proposta de Temístocles. Este, evidentemente, votou a favor, como quase todos os outros cidadãos. Era inútil subir de novo à tribuna. Notava que a maré se voltava contra ele quando ainda não havia chegado a colher os frutos da vitória. A ironia foi que a decisão da assembleia ficou inscrita como “decreto de Temístocles”.

O fato de Xantipo e Aristides voltarem à palestra política era uma contrariedade especialmente para Temístocles. Mas não podia entender que os atenienses entregassem voluntariamente o comando da frota. Sim, o prestígio de Esparta era enorme. O problema, pensou com tristeza, era que os atenienses ainda não tinham ciência de seu próprio poder. Pareciam esquecer que eles sozinhos, sem os espartanos, haviam conseguido derrotar Dátis. Que possuíam a melhor frota da Grécia. Continuavam vendo os espartanos como uma espécie de pai, como um recurso mágico que os podia salvar, assim como os deuses que apareciam no final das tragédias para resolver tudo.

E isso que Temístocles ignorava que, nesse mesmo momento, no conselho de anciãos de Esparta também estavam votando sobre a guerra contra os persas. Leônidas se esgoelou em vão opondo-se aos outros, especialmente a seu colega, o rei Latíquidas. Este insistia que era uma loucura enviar o grosso do exército espartano tão para o norte, longe de seu lar, pois a qualquer momento podia estourar uma nova revolta dos hilotas e, além do mais, deixavam atrás de si os odiados argivos.

— Se não formos, condenaremos Atenas a ser destruída! — disse Leônidas.

— Isso não é problema nosso! — respondeu Latíquidas. — Nem sequer são dórios! Por mim, a cidade pode arder pelos quatro lados. O que me preocupa é o destino de Esparta!

No fim, Leônidas não teve mais remédio que se render. Estava praticamente sozinho no conselho. Alguns votaram por pura covardia, temerosos da ameaça que Latíquidas aventava, e outros por receio do crescente poder de Atenas, que preferiam ver destruída ou, no mínimo, mutilada. Evidentemente, ninguém confessaria ao resto da Aliança quais eram as verdadeiras razões para não enviar homens às Termópilas. De novo, como em Maratona, o pretexto seriam as Carneias.

Leônidas falou com voz triste. Ficara rouco de tanto gritar.

— Traímos a causa comum. Mas não permitirei que se diga que um rei da casa dos Agíadas vendeu a liberdade dos outros gregos. Eu irei às Termópilas, e me acompanharão os trezentos homens de minha guarda pessoal.

— Não podes fazer isso! — exclamou Latíquidas. — As Carneias é responsabilidade de todos.

— Não acrescentes sacrilégio à mentira. O oráculo de Delfos profetizou que um rei deve morrer para salvar esta cidade. E não acredito que Apolo aceite o sacrifício de alguém como tu, com quem me envergonho de governar.

Com um último olhar de desprezo a Latíquidas e aos outros conselheiros, Leônidas saiu da sala e se dirigiu à sua casa. Já estava preparada sua despedida de sua esposa Gorgo. “Busca um bom homem e casa-te com ele.” Sabia que tinha de morrer. Não mais pela profecia, mas sim porque só um sacrifício anunciado poderia desviar a atenção do que sua cidade acabava de dizer e evitar que um opróbrio de infâmia e covardia caísse para sempre sobre Esparta.

PIREU, NOITE DE 30 DE JULHO

Como temia Apolônia, a manobra de Címon na assembleia havia roubado o poder de Temístocles. Quem lhe explicou foi Mnesífilo, que foi à tarde visitá-la e lhe contar o sucedido.

— A própria assembleia propôs que se entregue o comando supremo da frota a um espartano. Não está mais nas mãos de Temístocles decidir onde, quando nem como lutar.

— Isso não é bom para nós — aventurou Apolônia.

— Receio que não. Para levar adiante esta guerra, confio em Temístocles cem vezes mais que em qualquer outro general ateniense. E mil vezes mais que nesse Euríbiades! Nomear almirante um lacedemônio é como organizar um esquadrão de cavalaria montados em porcos e cabras. Os espartanos não têm nem ideia das coisas do mar.

Por outro lado, a volta de Xantipo e Aristides ameaçava o monopólio do poder de Temístocles na cidade. Por ora, não voltariam como generais, mas Mnesífilo tinha certeza de que se apresentariam como candidatos na eleição para o ano seguinte, e não mais permitiriam que Temístocles continuasse sendo autocrata.

— Acreditas que esta guerra durará até o ano que vem? — alarmou-se Apolônia.

— Se continuarmos vivos então, receio que sim. Um exército como o que trouxe Xerxes à Grécia não se retira tão facilmente. Isto não vai ser como a campanha de Maratona. Temos persas para muito tempo.

Que os deuses nos protejam, pensou Apolônia.

Mnesífilo foi embora antes de escurecer. “Não quero ser inoportuno”, dissera a Apolônia quando ela insistira para que ficasse. Pouco depois chegou Temístocles, que por pouco não cruzou pelo caminho com seu amigo. Seu ar era grave, e só respondeu com monossílabos às perguntas de Apolônia. Como fazia todas as noites, foi dar um beijo em Itália e Sibaris, que dividiam a mesma alcova e já dormiam. Depois, entrou nos aposentos de sua mãe.

Nesi dava o jantar a Euterpe enquanto cantava uma ode de Safo. Apolônia franziu um pouco o cenho ao ouvi-la, porque lhe parecia uma canção muito atrevida para uma menina de doze anos. Esquecia, talvez, que ela mesma nessa idade já conhecia esses epitalâmios e outros mais picantes.

— Tua cara não está boa, filho — disse Euterpe, em um súbito arroubo de lucidez, que logo estragou acrescentando: — O mestre voltou a te açoitar?

— Fica tranquila, mãe. Estou bem.

Os olhos de Euterpe se umedeceram. Fazia um tempo que chorava com muita facilidade; ela, que sempre havia se vangloriado de ser como o mármore.

— Lamento ter batido em ti. Não merecias.

Temístocles fechou os olhos, e durante um instante Apolônia achou que se emocionaria. Mas ele conseguiu se dominar, beijou a testa de sua mãe e, após se despedir de Nesi e lhe agradecer, saiu da sala.

Apolônia o seguiu. Temístocles lhe disse que não pretendia jantar, pois não tinha apetite.

— É melhor eu ir dormir. Amanhã tenho de testar o *Artemísia*.

— Se tens de dormir, conheço o melhor sedativo — disse Apolônia tomando-o pela mão.

Ele se deixou conduzir à alcova. Em vez de chamar as escravas para que a

ajudassem a se despir, Apolônia pediu a ele. Temístocles o fez com ar ausente e depois, quando ela se deitou sobre ele, nua, o corpo dele não reagiu. Era a primeira vez que lhe acontecia algo assim.

— Estou ficando velho — disse ele.

Era evidente que estava chafurdando em sua própria desgraça, mas Apolônia não imaginava como podia ajudá-lo.

Temístocles ficou olhando para o teto, na mesma posição que na véspera Apolônia havia imitado falando com Mnesífilo. O reflexo da luz da lamparina parecia dançar em seus grandes olhos negros. Ficou assim durante um tempo, até que Apolônia começou a cochilar. A seguir, de súbito, sentiu o colchão se mexer e abriu os olhos, sobressaltada. Temístocles havia se levantado e estava amarrando o cinturão da túnica.

— Aonde vais?

— Lamento, não te queria acordar. Vou descer até o cais. Quero ver meus barcos. Com tanta confusão, não os pude inspecionar desde que fui a Corinto.

Seus barcos. Esses que teria de entregar nas mãos de um espartano. De repente, Apolônia imaginou como podia animá-lo.

— Vou contigo — disse levantando-se.

— A esta hora?

— Também não estou com sono — Apolônia, ainda nua, aproximou-se dele, abraçou-o e sorriu. Ciente do poder de seu sorriso, cuidava muito dos dentes. Ainda conservava todos, e continuavam quase tão brancos quanto eram quando conhecera Temístocles. — Leva-me contigo, por favor. Quero ver como é o barco que vai levar meu estandarte.

Antes de Maratona, Temístocles havia prometido à deusa Ártemis uma bandeira de seda bordada por sua própria esposa. Não pudera cumprir seu voto de forma literal. As mãos de Arquipa não eram habilidosas o bastante, e, além de tudo, a relação entre ambos havia se deteriorado tanto que ela se negava a fazer qualquer coisa por seu marido. De modo que foi Apolônia quem teve de costurar o estandarte, e Nesi, que tinha boa mão para desenhar, ajudara-o a confeccioná-lo. Ambas estavam muito orgulhosas daquele galhardete dourado em cujo centro a deusa Ártemis atirava com seu arco contra um cavaleiro persa.

Esse pano maravilhoso era tão leve que, quando levaram a bandeira ao pátio, bastou que se levantasse uma leve brisa para que ondulasse. Apolônia se entusiasmara tanto com a seda que Temístocles lhe havia encomendado uma túnica inteira desse tecido. Ela sentia certo pudor de vesti-la, porque o contato em sua pele nua era como uma carícia que às vezes a excitava sem querer, de modo que se limitava a usá-la em casa quando estava a sós com Temístocles.

— Queres mesmo ver o barco? — perguntou Temístocles um tanto incrédulo.

— Recorda que minha cidade foi dona do mar. Eu também o levo no sangue.

Aquilo fez a expressão de Temístocles se alterar; mas foi só um segundo, nada

mais, e logo atendeu ao capricho dela. Embora estivesse calor, Apolônia jogou um fino manto nos ombros e cabelos. Saíram acompanhados apenas pelo porteiro, que levava uma tocha para iluminá-los pela ladeira que descia de sua casa ao estaleiro de Muníquia.

— Não vais acordar Sicino? — perguntou Apolônia.

— Não é necessário. Os galpões são bem vigiados. Não corremos perigo.

Desceram a ladeira empedrada que conduzia aos estaleiros. O porto de Muníquia, o menor dos três do Pireu, era apenas de uso militar e estava cercado por uma alta paliçada. A porta principal se abria na mesma rua que levava à casa de Temístocles, e não por acaso.

Ao chegar, Temístocles despachou o escravo de volta. Os dez hoplitas e os quatro arqueiros citas que montavam guarda lhes franquearam a passagem ao reconhecer o general.

— Devem pensar que sou tua amante — disse Apolônia quando entraram no recinto.

— E nisso têm razão — respondeu ele enlaçando-lhe a cintura com o braço.

Caminharam assim apenas por uns segundos, mas Apolônia sorriu na escuridão.

Mais da metade da circunferência que o porto formava estava ocupada por galpões unidos entre si e cobertos por telhados de duas águas, e desde o terraço de sua casa formavam um curioso desenho de dentes de serra. Entraram neles pela parte posterior, e Temístocles a levou diretamente para o galpão onde se encontrava o *Artemisia*. De vez em quando, cruzavam com grupos de soldados que patrulhavam com lanternas.

— Há sempre quinhentos homens de guarda distribuídos pelos estaleiros dos três portos — explicou Temístocles.

— Tantos? Não são muitos?

— Há um ano ocorreu um incêndio. Arderam três barcos inteiros antes que pudéssemos apagar as chamas, e de outros dois tivemos de trocar metade do tabuado. Foi intencional.

Apolônia assentiu. Não era necessário perguntar muito mais. Assim como em Erétria havia traidores que abriram as portas para os persas, também se escondiam na cidade de Atenas. Uns por covardia, outros por ódio ao regime político que dava o poder ao povo, alguns por avareza. Não se podia relaxar com a vigilância.

— De qualquer maneira, guardamos separado o material mais inflamável — acrescentou Temístocles. — As velas e os cordames estão em outro estaleiro, onde ninguém pode se aproximar sem autorização.

Ao ver os telhados de cima, Apolônia havia imaginado que os galpões fossem edifícios fechados. Mas, uma vez dentro, comprovou que os tetos não se apoiavam sobre paredes, mas sim sobre fileiras de colunas de pedra. Temístocles

lhe explicou que haviam desenhado os galpões assim para que o ar corresse entre os corredores e secasse o melhor possível os navios. O lugar estava iluminado por grandes braseiros que aqueciam ainda mais o ar daquela noite de verão. Junto a cada um de deles montava guarda um homem, para manter as chamas, e, de quebra, vigiar para que nenhuma fagulha ou brasa saltasse sobre as naus.

Encerradas entre aquelas colunas e mergulhadas nas fantasmagóricas sombras que os archotes jogavam, os navios pareciam maiores do que realmente eram. A trirreme contígua ao *Artemísia* estava sobre uma armação de madeira. Debaixo dela, Apolônia notou que havia uma longa ranhura entalhada na rocha viva do chão.

— É para encaixar a quilha — disse Temístocles.

O *Artemísia* já estava no chão, que descia para a água em um suave declive, de modo que bastaria soltar as amarras e retirar as cunhas que retinham o navio para que ele deslizasse até o mar. Temístocles recitou-lhe as dimensões do barco. Media trinta e cinco metros de comprimento, pouco menos que a extensão do galpão, pois ali o espaço era aproveitado quase com mesquinha. O casco tinha quatro metros de boca, que nos turcos superiores onde remavam os tranitas aumentavam para cinco metros e meio. Não era muito lugar para acomodar duzentos homens, por isso as manobras de embarque e desembarque eram constantemente ensaiadas ao agudo som das flautas, e, ainda assim, sempre ocorriam choques e empurrões.

Entre um barco e outro, apoiados nas colunas de pedra, havia grandes estantes de madeira onde guardavam os mastros, as vergas, as varas para desatolar, as escadinhas e, evidentemente, os remos. Temístocles foi lhe mostrando tudo, descobrindo cada objeto sob o círculo de luz projetado pela lamparina que um dos vigilantes lhe havia emprestado.

— Estas são as armas com que vamos derrotar os persas — disse apontando os remos.

Cada um deles media pouco mais de quatro metros. Eram duzentos por navio, contando com peças de reposição. Não eram todos iguais. As pás dos talamitas, que navegavam no fundo, eram mais longas, ao passo que as dos tranitas do turco superior eram mais curtas e largas. Assim como o casco das trirremes, os remos eram esculpido em madeira de abeto. Cada um era uma obra de artesanato. Os carpinteiros os escovavam criteriosamente, desbastando uma por uma as camadas da madeira como se descascassem uma cebola.

Depois de mostrar os remos a Apolônia, Temístocles se voltou para o navio. A parte inferior do casco era negra e cheirava a breu. Mas a partir da linha de flutuação estava pintado de azul sobre o fundo de cerato, e na proa haviam acrescentado dois grandes olhos rasgados com ar de poucos amigos.

— Os barcos de Jasão estavam forrados com lâminas de chumbo para proteger a madeira — disse Apolônia. — Por que aqui não as usais?

Seu falecido esposo lhe havia dito que os navios mercantes usavam essas chapas para se proteger do teredem, um pequeno molusco que utilizava sua concha como broca para abrir túneis, como tocas na madeira dos barcos.

— Aumentariam muito o peso — respondeu Temístocles. — Construímos estes barcos com madeiras selecionadas para que sejam os mais rápidos do mundo.

Se o casco de uma trirreme começasse a ser bromado, explicou-lhe, uma solução seria calafetar os buracos com estopa e breu. Mas, no fim, esses navios ficavam imprestáveis e havia que desmontá-los. Por isso, para evitar que os teredens os perfurassem, procuravam tirá-los da água sempre que possível.

— Uma frota de trirremes precisa encontrar praias bastante extensas para poder varar e secar os barcos. É uma das escravidões da guerra no mar.

Continuaram caminhando junto ao casco, em direção à proa. Temístocles lhe mostrou as aberturas por onde saíam os remos. A fileira inferior, que cabia aos talamitas, ficava tão perto da linha de flutuação que, por pouco que o mar se agitasse, entrava água por elas. Por isso as protegiam pondo manguitos de couro. Cheiravam à lanolina que usavam para lubrificá-los, a mesma gordura que utilizavam também para proteger os estropos, laços de corda ou de pele que serviam para segurar os remos aos toletes.

— Esta é a ponta de nossa lança — disse Temístocles quando chegaram ao esporão.

Era uma sólida estrutura de madeira construída na proa, na linha de flutuação, de tal maneira que parte dela sobressaía da água e parte ficava submersa. Estava recoberta de chapas de bronze que formavam, no final, três afiadas lâminas dispostas em paralelo.

— Nossa tática consiste em investir contra o navio inimigo com o esporão e abrir um buraco em seu casco. Mas temos de evitar que o adversário faça o mesmo conosco.

— Deve ser um choque brutal — disse Apolônia, imaginando o impulso que o *Artemisia* poderia adquirir justo antes de bater.

— E é. O navio que recebe o impacto se desloca quase três metros de uma vez. Quando isso acontece, é impossível se manter em pé a bordo do navio atacado. Nem é fácil conservar o equilíbrio quando tu és quem golpeia. Quando não se manobra com cuidado, o impacto é tão violento que pode arrancar teu próprio esporão.

Percorreram, depois, o flanco de bombordo. Uma vez na popa, Temístocles apoiou uma escadinha e estendeu a mão a Apolônia para que subisse.

— Posso mesmo? Não ofenderemos nenhum deus? — perguntou ela imaginando que talvez se devesse realizar algum ritual antes de lançar o navio às águas e que sua simples presença poderia impurificá-lo.

— Fica tranquila. *Artemis* sabe que tu bordaste seu estandarte. Está satisfeita

contigo.

Pela primeira vez naquele dia, Temístocles havia sorrido. Apolônia subiu pela escadinha, que rangeu sob seus pés. Imaginou o que aconteceria quando subissem ao mesmo tempo dezenas de homens, todos mais pesados que ela. Mas era de se supor que quem construía aquelas escadas conhecia bem seu trabalho.

A coberta era igual à da trirreme em que haviam fugido de Erétria: dois corredores paralelos, de popa a proa, sem balaustradas e separados por uma passarela central mais baixa. Apolônia havia presenciado mais de uma discussão entre Címon e Temístocles sobre como deviam construir os novos navios. O filho de Milcíades defendia as vantagens do desenho fenício, com uma cobertura completa sobre a cabeça dos remadores de balaustrada. Mas Temístocles estava obcecado em cortar peso.

— Os barcos fenícios podem levar mais infantes — dizia Címon. — Não vejo muita graça na ideia de ser abordado por um navio com o dobro de hoplitas que o meu.

— Se formos mais velozes que eles, não nos abordarão — insistia Temístocles. — Trata-se de cravar neles nossos arietes, não de combater com lança e escudo como se fosse uma batalha campal. Tens de largar essa mentalidade de hoplita.

E também de traidor, acrescentou para si Apolônia ao recordar aquela discussão. Se Címon nunca lhe havia sido simpático, o que sentia por ele depois do que havia feito a Temístocles era quase aversão.

— Este é meu posto — disse Temístocles.

À frente do cadaste, uma grande peça de madeira em forma de leque, estava o assento do trierarca, cravado na coberta. Temístocles deu a lamparina a Apolônia e disse a ela que se sentasse. Era uma poltrona confortável, com grossos apoios de braços esculpidos em forma de cabeça de cerva. Ela os segurou com as duas mãos e tentou imaginar como seria governar esse navio.

Temístocles desceu dois degraus da escadinha que conduzia à passarela central do navio. Uma vez ali, estendeu os braços e empunhou as duas longas varas de madeira que se uniam a bombordo e estibordo com os dois remos mestres.

— Aqui vai o timoneiro, mais baixo que o trierarca, para que este também possa ver a proa. — Temístocles soltou o timão e se voltou para ela. — Vem. Vou te mostrar as tripas do barco.

Apolônia se levantou do assento e desceu pela escadinha. Ao caminhar pela passarela central, as cobertas de bombordo e estibordo ficavam à altura de seu queixo. Pensou que nesse lugar os soldados deviam ficar bem protegidos dos projéteis inimigos, e assim comentou.

— Não — respondeu Temístocles. — Os infantes têm de ir em cima, na coberta, se quisermos que entrem rápido em ação. Se fossem aqui embaixo, teriam de correr para a escadinha pela qual descemos, ou subir a pulso. De

armadura, é impossível.

— Mas ficar em cima, sem balastrada, deve ser muito perigoso.

— É mesmo. O infante de coberta deve ser mais valente que o hoplita que combate em uma falange. Não tem o escudo de seu companheiro para protegê-lo, pois não se combate em formação. Além disso, não apenas sofre a ameaça de levar uma flechada ou uma lançada como também pode cair na água durante a luta, em uma investida ou até mesmo em um simples chacoalhão provocado por uma onda.

— Mas se caíres na água de armadura...

— Vais para o fundo como uma pedra, sim. Por isso treinamos constantemente os movimentos para tirar a armadura. Eu, além da espada, levo à mão uma navalha muito afiada para cortar as correias do peitoral. Mas — moveu a cabeça com certo ceticismo —, no caos do combate, nunca sabemos se conseguiremos nos livrar da armadura antes que nossos pulmões se encham de água.

Apolônia estremeceu. O único destino que lhe parecia mais horrível que perecer afogada era morrer entre as chamas.

Percorreram a passarela. Agachando-se um pouco, dos dois lados podiam-se ver os bancos onde os tranitas remavam. Cada um deles era um retângulo plano, com listões cravados nas bordas para que o remador não escorregasse se houvesse um choque com outro navio ou um golpe do mar. Temístocles lhe explicou que cada homem levava sua própria almofada para diminuir o atrito nas nádegas. Esse era todo o equipamento que precisavam possuir, ao contrário dos hoplitas, que pagavam suas próprias armas.

Embaixo, por entre as tábuas da passarela adivinhavam-se as bancadas dos zygitas e os talamitas. Apolônia imaginou como seria aquilo lotado de homens, e, especialmente, o cheiro que teria. Ao ver que ela franzia o nariz, Temístocles disse:

— Agora o navio cheira bem, porque é novo. Mas depois de um tempo em serviço, o cheiro de suor ficará aqui dentro, colado nas tábuas, e não haverá modo de tirá-lo.

Apolônia não achava que o *Artemisia* cheirava tão bem. A mistura de tinta, cera, breu e gordura de carneiro era forte demais para seu olfato. Mas podia entender que para um marinheiro como Temístocles não houvesse aromas mais doces.

De repente, teve uma ideia, mais que travessa, maluca. Com cuidado para não derramar óleo nem incendiar a madeira, depositou a lamparina sobre as tábuas da passarela e se voltou para Temístocles.

— Gosta do cheiro de suor de homem?

— Mas que pergunta! Imagino cem coisas melhores para cheirar.

— Então, que tal se fizermos que o *Artemisia* tenha um pouco de cheiro de

suor feminino? — disse ela, desamarrando o nó que fechava o cordão da túnica de Temístocles.

Como Apolônia suspeitava, seu navio se mostrou melhor tálamo para Temístocles que a cama da alcova. Dessa vez não surgiu problema algum, salvo quando em uma das manobras para mudar de posição quase escorregaram da passarela e caíram sobre os bancos dos remadores. De início copularam em silêncio, mas chegou um momento em que Apolônia se esqueceu de onde estavam e não pôde conter os gemidos. Depois, quando terminaram, Temístocles se apoiou sobre um cotovelo e levou a mão à orelha.

— Que fazes? — perguntou ela.

— Achei que o guarda do braseiro estava te aplaudindo. Mas deve ter sido imaginação minha.

Ela castigou sua brincadeira com uma mordida no ombro dele. Depois, aconchegou-se nele e usou seu manto para cobrir a ambos. Não estava frio, mas depois de fazer amor sentia-se desprotegida se não se cobrisse.

— Estás mais contente?

— Em algum momento deixei de estar?

— Não precisas disfarçar comigo. Sei que Címon te feriu. A mim também doeu muito sua traição.

Temístocles ficou pensativo um tempo. Apolônia mal podia ver o rosto dele, pois ela mesma bloqueava a luz da lamparina com seu corpo. Mas sentia sua respiração, e o ritmo de seu alento lhe falava qual era o compasso de seus pensamentos.

— Tenho a impressão de que meu momento passou antes de chegar — disse por fim.

— Isso não é verdade. Só o que acontece é que te dificultaram as coisas. Mas teu momento chegará.

— Como tens tanta certeza?

— Ouvei tua mãe dizer. E ela nunca se engana.

— Nunca se enganava.

— É verdade. Lamento.

— Não te preocupes.

Falaram um pouco de Euterpe, comparando com pesar o que havia sido e a ruína em que estava se transformando. Depois, Temístocles lhe contou coisas sobre seu pai, e também sobre sua própria infância. Apolônia nunca o havia visto com a língua tão solta, nem sequer nas poucas vezes em que bebia demais e se entusiasmava. Pensou que devia aproveitar a oportunidade, pois só em um momento de fraqueza podia chegar ao coração de um homem tão frio e controlado. Imaginou que Temístocles era como um lobo ferido, lambendo as chagas em sua toca, e deixou-o falar e falar.

Pela primeira vez, ele lhe relatou a história de sua humilhação na escola de Fênix, e Apolônia compreendeu a que Euterpe se referia antes quando lhe dissera que lamentava ter batido nele. Mas, embora fosse evidente que para Temístocles se tratava de uma lembrança dolorosa, ela não pôde evitar rir.

— Não ficas indignada?

— Como ficaria indignada? Levaste uma surra bem merecida! De qualquer maneira, eu teria adorado estar ali para ver o rabo da salamandra saindo da boca de teu mestre. Que travessura! Está claro que Néocles é igual a ti.

Nesse momento se deu conta e mordeu a língua. Era a segunda vez que utilizava o presente de um verbo em vez do passado. Mas ele disse que não tinha importância.

— Sei que tu também sentes falta dele.

Temístocles surpreendeu Apolônia com outra confissão. Sim, Néocles se parecia com ele na inquietude, mas em nada mais. De fato, acrescentou, nenhum dos filhos que tivera com Arquipa havia herdado sua inteligência, nem sua vontade férrea.

— Creio que nossas filhas serão muito mais espertas.

Ela pensava o mesmo. Mas se surpreendia com a frieza com que Temístocles falava de seus filhos homens. Quando seu olhar pousava sobre alguém ou sobre algo, era tão certo e analítico que muitas vezes chegava a ser cruel.

Depois, ficaram em silêncio durante um tempo. Temístocles prendeu a respiração várias vezes, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas não falava. Por fim se decidiu.

— Estou avaliando a ideia de me casar contigo.

— Como?

— Vou me divorciar de Arquipa. Eu sei que ela não tem dote. Não pretendo mandá-la viver com seu irmão. Não, vou lhe entregar a casa da cidade, e lhe darei uma renda suficiente para que viva com dignidade.

E que me importa o que aconteça com Arquipa?, pensou Apolônia. Mas se calou e, em vez disso, disse:

— Não precisas casar comigo, Temístocles.

— Não entendo...

Que esperava, que sáisse pulando e gritando como uma ménade nas festas de Dionísio? “Avaliando a ideia.” Com certeza não havia tirado isso de um poema amoroso de Safo.

— Não sei se quero ser uma esposa ateniense. Gosto de como vivo agora.

Temístocles ficou desconcertado. Mas, quando Apolônia lhe explicou que não queria renunciar à liberdade que lhe outorgava o fato de ser estrangeira e concubina, prometeu-lhe que nada mudaria entre eles.

— Continuaremos sendo amantes.

Ela gostou que utilizasse essa palavra, apesar de que fazia vários anos que

dormiam juntos e tinham duas filhas. Temístocles passou a mão pelo ventre e os quadris dela. Enquanto ele a acariciava, Apolônia pensou que havia engordado um pouco. Porém, ele continuava quase igual a quando o conhecera. Claro que Temístocles não tivera de parir. Depois das gestações, a cintura de Apolônia já não era tão estreita como antes e havia ficado com umas estrias esbranquiçadas na pele. Mas procurava se cuidar e por isso dava esses longos passeios pela praia de Falero enquanto Sicino a seguia carregando as meninas sobre seus enormes ombros.

— Por que queres casar comigo? Sou estrangeira e, além do mais, só sei parir meninas.

Apolônia queria escutar algo que ele jamais lhe havia dito. Eu te amo. Mas também não acalentava muitas esperanças de ouvir, de modo que, quando ele começou a falar da gratidão que sentia pelo modo como ela estava se comportando com a mãe dele, também não ficou muito decepcionada.

— Cada um é filho de seus atos. E os teus são nobres e desinteressados, Apolônia. Por isso quero que tenhas o reconhecimento que mereces como esposa legal. Mas te prometo que não controlarei tua vida nem te trancarei no gineceu. Continuarás sendo a dona da casa.

Vista assim, a oferta era tentadora. No entanto, Apolônia se negava a dar o braço a torcer tão cedo. Não queria que Temístocles falasse do que ela merecia nem das vantagens que obteria, mas sim do que sentia. *Diz, pelo menos, que precisas de mim.*

Mas Temístocles tornou a surpreendê-la. Levantou-se, soltou a corrente do pescoço e lhe mostrou o pingente. Apolônia havia notado que ele o usava já fazia um tempo e que não o tirava nem sequer para se banhar.

— Aproxima a lamparina. Quero que o vejas bem.

Era uma lâmina de ouro dobrada ao meio. Temístocles a abriu e lhe mostrou a inscrição da superfície. Apolônia sabia ler, mas os caracteres eram tão pequenos que mal os podia distinguir.

— O que é?

Temístocles lhe explicou que aquela espécie de amuleto estava gravado em ouro porque esse metal era o mais nobre, duradouro e incorruptível, e também o antagonista do chumbo que se usava nas tabuletas de maldições. Porque o texto da inscrição era justamente o contrário: uma bênção para o além.

— Recordas minha última viagem à Itália?

Ela assentiu. Temístocles havia partido com uma frota de trirremes para fazer manobras, treinar os remadores e, ao mesmo tempo, fazer alianças para a guerra iminente. No último não tivera sucesso, pois só havia conseguido belas palavras e vagas promessas das cidades gregas do sul da Itália. Mas durante sua estada conhecera um ancião de Síbaris, em cuja homenagem decidira dar o nome da cidade à sua filha pequena. Esse homem, chamado Zêuxis, o havia

iniciado em seus mistérios.

Apolônia se surpreendeu com a convicção e segurança que emanavam das palavras de Temístocles. Às vezes ambos haviam falado dos mistérios de Eleusis, um ritual em homenagem a Deméter e Perséfone que prometia um destino melhor depois da morte a quem se iniciasse neles, homens e mulheres de qualquer condição. Temístocles se mostrava bastante cético, e por isso não havia sugerido a Apolônia peregrinar a Eleusis como haviam feito muitas pessoas que conheciam, começando por Euforion, o Nervos. Mas talvez a doença de Euterpe o houvesse feito mudar de opinião: enquanto falava daquele ancião, referia-se constantemente ao esquecimento e à memória, e Apolônia compreendeu que temia sofrer o mesmo mal que sua mãe.

Temístocles lhe revelou os mistérios de Orfeu exatamente como Zêuxis os havia confiado a ele. Apolônia se aconchegou contra o corpo dele, entrelaçou suas pernas com as dele e se deixou acalentar por sua voz. Ele lhe contou que o músico trácio havia descido ao Hades por amor, procurando sua esposa Eurídice, e que graças à sua arte havia descoberto as fórmulas secretas para aplacar os deuses infernais. As horas foram passando. Apolônia estava familiarizada com o mito de Orfeu, mas Temístocles o narrou em todos os seus pormenores, alguns dos quais eram segredos só ao alcance dos iniciados. Assim ela conheceu a verdadeira geografia do submundo: o campo de asfódelos onde se congregavam as almas dos mortos, o cipreste branco, o rio do Esquecimento, as águas inflamadas em fogo do rio Piriflegeton. Em especial, Temístocles enfatizou o que acontecia ao cruzar as águas na barca do velho Caronte e se encontrar diante dos juízes infernais.

— Tens de decorar bem estes versos — disse a ela.

— Por quê?

— Se os pronunciares, eles te deixarão passar pela trilha mais escondida e estreita, que é a que leva ao Elísio. Vamos, repete-os comigo.

Insistiram várias vezes, porque Apolônia não tinha tão boa memória quanto ele. Não pôde evitar rir algumas vezes, especialmente ao repetir os absurdos versos finais:

Salva-me Brimó, oh grande Brimó!

Andricepedotirso, Andricepedotirso, oh grande Brimó!

— Leva a sério. É importante — censurou-a Temístocles. — Sem essa senha final, não poderás passar. Tens de decorá-los agora, caso eu não volte vivo de Artemísio.

— Não digas isso!

— Na guerra, pessoas morrem. Não é nada extraordinário. Anda, quero que os decores.

Por fim, ela conseguiu repetir três vezes seguidas e sem errar aquela espécie

de conjuro. Temístocles lhe prometeu que, quando tivessem mais tempo, ele a levaria à Itália para purificá-la e iniciá-la nos mistérios da forma apropriada. Mas, por ora, enquanto ele partia para o norte, isso teria de lhes bastar.

Apolônia notou que Temístocles, sem reconhecer de forma explícita que a amava, estava demonstrando. O que lhe oferecia era um dom muito valioso: viver depois da morte em um lugar seletivo do reino lúgubre e cinza governado por Hades.

Mas, acima de tudo, o que lhe oferecia era viver depois da morte junto a ele.

Quando se deram conta, o óleo da lamparina havia se apagado, mas a claridade cinzenta que precedia o amanhecer começava a entrar em seu esconderijo. Levantaram-se e se vestiram, e desceram do navio. O homem que vigiava o braseiro não era o mesmo que estava ali quando subiram na trirreme. Mas o camarada a quem havia substituído devia tê-lo informado, porque os saudou mal disfarçando um sorrisinho. Saíram do galpão tentando manter a compostura e se dirigiram à porta da paliçada.

Antes de chegar a ela encontraram Címon. Estava acompanhado pelos mesmos homens com que na noite anterior aparecera em sua casa para devolver os dez talentos a Temístocles. O filho de Milcíades demonstrou surpresa ao vê-los juntos naquele lugar e àquela hora, tão cedo. Mas foi Temístocles quem lhe perguntou primeiro o que fazia ali.

— Obedeço a tuas ordens — respondeu Címon. — Não querias que eu supervisionasse os trabalhos da frota? Venho todas as manhãs.

— Ignorava que minhas ordens te importavam tanto.

Címon ordenou a seus serviçais que se afastassem, e baixando a voz para que ninguém os pudesse ouvir, disse:

— Ora, Temístocles. Esquece a assembleia de uma vez. Isso são águas passadas. Agora temos de pensar em como vamos combater os persas.

— Esquecer? Vai ser difícil. Tua aparição na assembleia será recordada durante muitos anos.

Címon ruborizou um pouco.

— Se te referes à parte do remo, fiz aquilo de coração, Temístocles. Acredito na frota tanto quanto tu.

— Sendo assim, não deverias ter dado ouvidos a Cálias. Não sei que trato te ofereceu esse homem para que lhe sirvas de porta-voz, mas não...

— Ele não tem nada a ver com isso. Já sou bem grandinho para tomar minhas próprias iniciativas.

— Pois a primeira iniciativa que escolheste é desastrosa. Por tirar poder a mim, arrebataste-o de Atenas. Cometeste um erro que acarretará consequências imprevisíveis.

— Não exagera, Temístocles. Mais da metade dos barcos da frota aliada são

nostros. E esses barcos farão o que tu disseres.

— Esses barcos farão o que Euríbiades nos deixar fazer.

— Não acredito que seja tão complicado. Tu sabes manipular as pessoas melhor que ninguém.

— Pois acabo de descobrir que tenho um discípulo que me supera.

— Ora, sabes muito bem que, assim que a frota aliada se reunir, a questão do comando será abordada! Achas que os peloponenses consentirão que comandemos nós, em vez dos espartanos? Imagina o que dirão, especialmente os coríntios. É melhor ceder de bom grado. Quando virem que fomos tão generosos, estarão mais dispostos a receber tuas sugestões.

— É, nada mal. No fim vais me convencer de que me fizeste um favor.

Imagino que propuseste a volta de Aristides também para me agradar, não é?

— Tu me ensinaste que se deve manter os inimigos por perto, recordas? E é impossível que tu odeies Aristides mais do que eu odeio Xantipo.

Apolônia estava atônita. Ali estava Címon, tentando enrolar com palavras o mesmo homem a quem havia traído, seu benfeitor. Por fim, não pôde mais se conter.

— Por que não te calas de uma vez por todas, Címon? A quem queres enganar com esses argumentos?

— É melhor que tu não intervenhas — respondeu ele. — Podes ouvir coisas de que não vais gostar.

Uma patrulha se aproximava deles dando uma volta suspeita em sua ronda de vigilância. Temístocles lhes ordenou que se afastassem. Depois, dirigiu-se a Apolônia baixando a voz.

— Deixa, Apolônia. Isto não é assunto teu.

— Quem é ingrato contigo é também comigo! Este homem esteve debaixo de nosso teto e compartilhou nosso pão. Olha como nos paga!

— Tu não entendes o jogo da política, mulher — disse Címon. — Aí não existe gratidão nem ingratidão, só conveniência.

— E traição também não existe? Então, tua política de apunhalar pelas costas é uma ação louvável?

— Apolônia... — insistiu Temístocles.

— Deixa-me falar! Este homem é um traidor como o pai, que vendeu os erétrios. É capaz de fazer o mesmo com seus próprios compatriotas!

Címon se espantou.

— Ah! Então ele te contou isso? Ele te disse que meu pai traiu Erétria? Que desfaçatez!

— Deixa — disse Temístocles pegando Apolônia pelo braço para afastá-la dali. Mas ela se soltou dele e encarou Címon de novo.

— Que queres dizer? Que estás insinuando?

— Anda, Temístocles, diz a verdade a ela de uma vez.

— É melhor irmos — respondeu ele, olhando para os lados. — Estamos dando um espetáculo.

— Não vais a lugar nenhum! Não permitirei que maculem mais a memória de meu pai. — Agora era Címon quem parecia indignado. Voltando-se para Apolônia, disse: — Sim, é verdade que Milcíades e os outros generais votaram por não enviar tropas à ilha de Eubeia, pensando que poderia ser perigoso para nossa cidade. Sim, é verdade que os atenienses abandonaram os erétrios. Mas sabes quem convenceu meu pai a que fizéssemos isso? Sabes quem lhe sugeriu que o futuro de Atenas seria muito mais brilhante se Erétria desaparecesse da face da Terra e deixasse de concorrer conosco com seus barcos?

Apolônia não queria acreditar no que estava ouvindo. Um frio que não havia conhecido nem nos momentos de maior terror contraía seu ventre, e a semente de Temístocles parecia ter se congelado em seu seio.

— Quem está obcecado com os barcos? — insistiu Címon. — Quem apresentou decretos e mais decretos para transformar Atenas em uma potência naval? A mesma pessoa que via Erétria como um adversário perigoso para o futuro, que se devia eliminar. Mas se os outros fizessem o trabalho sujo, muito melhor. Não sejas ingênua, Apolônia. Ainda não sabes de quem estou falando?

Ela se voltou para Temístocles. Buscava em seu rosto alguma expressão, incredulidade, indignação, estupor pelas palavras de Címon. Mas seu semblante era uma máscara gelada e seus olhos, arregalados, olhavam fixamente para Címon.

— Olha para mim! — disse Apolônia. — É verdade o que ele diz?

Muito devagar, Temístocles voltou o rosto para ela, mas não respondeu.

— É verdade? — disse Apolônia. Sua vista estava ficando turva, porque as lágrimas enchiam seus olhos. Odiou a si mesma por chorar. Queria ser forte, especialmente diante de Címon. Sentia-se uma estúpida. — Tu nos entregaste? Tu entregaste meu marido, que havia te alojado em sua casa? Traíste teu próximo?

Temístocles pestanejou uma vez, muito devagar. Ela sabia que ele estava treinado para não se delatar com seus gestos. Mas aquele único movimento lhe bastou para compreender que quem não mentia ali era Címon.

Todo o calor que havia sentido antes por Temístocles desapareceu. De repente, pensou que por trás desses olhos escuros como o carvão não havia nada. Recordou a primeira vez que olharam para ela, naquela praia de Erétria, quando ele se atrevera a pegar Nesi no colo. Depois de ser o causador da morte do pai da menina! Apolônia suplicou aos deuses que lhe permitissem desmaiar e que algum deles tivesse a bondade de envolvê-la em uma nuvem e levá-la dali.

Mas que não fosse Atena. Porque Atena a havia posto nas mãos desse homem.

Abriu a mão para esbofetear Temístocles, mas no caminho lhe pareceu pouco; fechou o punho e bateu com todas as suas forças. Quando olhou para sua mão, tinha sangue. Era dela. Havia encontrado um dente no caminho e rasgara o

nó dos dedos.

O golpe fez Temístocles voltar a cabeça um instante, mas logo tornou a olhar para ela. Apolônia não podia acreditar. Ela, a traída, não teve mais remédio que afastar os olhos dele, pois não era capaz de sustentar seu olhar. Voltou-se para Címon. Esperava encontrar um sorriso de vitória em seu rosto, mas o filho de Milcíades estava tão sério quanto Temístocles. Por fim, visto que nenhuma divindade se dignava a tirá-la dali, dirigiu-se à porta da paliçada. A rua que subia para sua casa — sua casa? — era um confuso borrão em meio às lágrimas.

Quando Apolônia se foi, Temístocles se dirigiu a Címon.

— Estás satisfeito? Ou ainda é necessário que me arranques os olhos e jogues sal dentro?

Címon respirou fundo. Estava arrependido de não ter controlado sua língua. As palavras que acabara de pronunciar não beneficiavam a ninguém, e também não lavavam totalmente a memória de seu pai.

— Lamento, Temístocles. Eu me deixei levar pela ira. De nada me serve que tenhas problemas com Apolônia, eu juro.

— E de que te serve todo o resto? Há anos luto para conseguir a melhor frota de toda a Grécia para nos defendermos do bárbaro, e tu me arrebataste isso! Que conseguiste com isso? Achas que os eupátridas que querem acabar comigo vão te agradecer? Acaso não recordas como descartaram teu pai como se fosse um barco velho?

Címon não estava acostumado a ver Temístocles assim. Seus olhos pareciam maiores que nunca e brilhavam como brasas.

— Fica calmo. O que fiz foi pelo bem de Atenas.

— Fizeste por teu próprio interesse!

— Eu também tenho minhas legítimas ambições. Que pretendias, transformar-te em um novo tirano, com poder absoluto, sem que os outros se opusessem?

— Condenaste nossa cidade!

— Por tirar de ti um pouco de poder? Não sejas arrogante, Temístocles. O umbigo do mundo é Delfos, não tu.

Temístocles se aproximou mais de Címon e cravou-lhe o dedo no peito. Embora fosse mais baixo que ele, Címon retrocedeu intimidado. O fogo que ardia nos olhos de Temístocles dava medo.

— Só há uma pessoa no mundo que pode deter Xerxes. E essa pessoa sou eu.

— Eu disse arrogante? Estás é louco, Temístocles! E aos loucos como tu os deuses cortam a cabeça.

Temístocles respirou fundo, fechou os olhos um instante e a seguir tornou olhá-lo. Sua voz estava fria e controlada novamente, o que provocou ainda mais medo em Címon.

— Deterei Xerxes. O problema é que agora terei de fazer isso passando por

cima de todos vós. Mas não te enganes, Címon. Este é meu momento, e nem tu nem ninguém o arrebatará de mim.

PASSO DAS TERMÓPILAS, 18 A 20 DE AGOSTO

Durante o conselho de guerra, Artemísia notou que Xerxes estava contrariado, mas o férreo protocolo ao qual a tradição e sua própria forma de ser o submetiam impedia-o de demonstrar. Dentre os outros generais, que não tinham razão para se coibir tanto, mais de um demonstrava seu desgosto com sonoros palavras.

Não era para menos. Já estavam havia cinco dias estancados nas Termópilas. Quando a vanguarda da *Spada* chegou àquele desfiladeiro que separava a Tessália da Grécia central, descobriram que os gregos haviam decidido, por fim, oferecer resistência. Mardônio primeiro enviou exploradores para reconhecer o terreno e depois emissários a fim de parlamentar. Desse modo, soube que um exército espartano os aguardava ali, dirigido por um de seus dois reis, a quem haviam se unido outras tropas do Peloponeso, mais locrenses e focenses que viam sua terra ameaçada pela proximidade dos persas. Por se tratar de um contingente significativo, o general não se atreveu a roubar de Xerxes o privilégio de comandar esse ataque. Por esse motivo, tivera de aguardar a chegada de sua divisão, o que representara quatro dias de espera.

Xerxes apareceu ao entardecer do quarto dia. Quanto chegou, a primeira coisa que fez foi enviar um heraldo aos espartanos para exigir que lhe entregassem suas armas. A resposta que recebeu, “Vinde pegá-las”, agradou-o sobremaneira, pois queria muito presenciar uma batalha de verdade. Depois de vários meses de campanha, ainda não haviam estourado as verdadeiras hostilidades. Antes de sair da Macedônia, as tropas persas limpavam os caminhos que cercavam o monte Olimpo tanto pela parte do mar quanto pela que dava para o interior do país, eliminando não só árvores e mato como também inimigos. Mas eram corjas de bandidos montanheses mais que verdadeiros soldados, e pouca glória podiam dar a seu exército.

Em Tessália haviam sido informados de que provavelmente encontrariam resistência naquele desfiladeiro. Artemísia não tinha muita certeza. Se a *Spada* se movia com lentidão, a reação dos gregos diante de sua invasão parecia ainda mais morosa. Os oficiais faziam apostas: alguns diziam que chegariam a Atenas sem atirar uma flecha, enquanto outros auguravam que conheceriam as espartanas, tão famosas por sua beleza, antes que a seus maridos.

Mas não foi assim. Os gregos haviam por fim demonstrado um pouco de coragem. Nesse mesmo dia, o quinto de detenção nas Termópilas, Xerxes mandou instalar um trono em um ponto elevado para contemplar seu exército enquanto esmagava os rebeldes gregos. Pela manhã atacaram medos, cisios e sacas. Após sofrer muitas baixas, retiraram-se sem tomar a posição. À tarde, Xerxes decidiu recorrer diretamente a suas tropas de elite e enviou três batalhões dos Dez Mil, visto que era impossível posicionar mais no estreito campo escolhido pelos espartanos. Os chamados Imortais também não haviam conseguido ganhar

nem um palmo de terreno. Mas sabiam que tinham o olhar do rei cravado na nuca, de modo que, em vez de desistir como os homens que haviam combatido pela manhã, continuaram se estatelando, onda após onda, contra os escudos gregos, enquanto os corpos inertes de seus companheiros se amontoavam a seus pés.

— Nossas tropas não têm armamento adequado para lutar corpo a corpo com os gregos em um espaço tão reduzido — disse Hidarnes. Ele mesmo tivera de dar a ordem de retirada, pois temia perder de uma vez aqueles três mil bravos guerreiros se insistissem em bater de frente com a posição espartana.

Artemísia poderia ter lhes explicado que, efetivamente, em um combate fechado, falange contra falange, os escudos de couro e vime e as lanças de dois metros ofereciam sérias desvantagens contra broquéis de carvalho chapados de bronze e lanças de dois metros e meio. Ela mesma havia visto o resultado daquele choque em Maratona. Para aproveitar sua superioridade numérica e a manobrabilidade de suas tropas, os persas precisavam de espaço e distância. Algo que as Termópilas não ofereciam.

No acampamento imperial, situado entre a cidade de Traquinia e as águas do golfo Maliaco, já começavam a se acender as tochas. O conselho de guerra estava sendo celebrado no pavilhão vermelho de Xerxes. As outras duas tendas já haviam chegado, mas dessa vez ninguém as havia despachado em vanguarda, pois o tampão que os gregos formavam os impedia. A amarela permanecia guardada em seus fardos, ao passo que a azul havia sido montada no extremo norte do acampamento, o mais longe possível do desfiladeiro, e ali se alojavam a esposa e os filhos do Grande Rei, juntamente com as mulheres que havia levado do harém real.

Artemísia tornou a olhar de soslaio para Xerxes. Enquanto os outros debatiam, ele permanecia à parte, sentado na mesma poltrona que utilizava nos banquetes e com os pés no banquinho. Na mão direita segurava um longo cetro que chegava até o chão, enquanto a esquerda repousava sobre sua coxa. Atrás dele havia um criado com uma toalha, outro que abanava um largo flabelo para aliviar o calor e um terceiro que portava as armas de Xerxes, um machado de guerra na mão direita e um arco de madeira e marfim na esquerda.

Não fosse porque às vezes sua testa brilhava e o criado da toalha corria para enxugar o suor real, poderia ter parecido que se tratava de uma estátua, um dos relevos que o representavam nos penhascos de sua pátria. Não era estranho que suasse, pois estava envolvido em várias camadas de roupa, e toda ela muito pesada: as calças, as botas de pele de gamo, a túnica de amplas mangas e, como se não bastasse, um manto púrpura bordado com falcões dourados que pareciam prestes a se atacar com seus bicos.

Era evidente que para Xerxes não havia nada mais importante que sua dignidade. Só de pensar em permanecer imóvel tanto tempo como ele, Artemísia

sentia coceira desde o couro cabeludo até a sola dos pés. Ela mesma suava, apesar de estar descalça e de seu uniforme grego lhe permitir ficar de braços e pernas expostos. Nos últimos meses, poucas vezes havia se vestido de mulher. Comprovara que quando os outros a viam de uniforme militar levavam mais em conta suas opiniões.

Os generais discutiam em volta de uma mesa sobre a qual haviam colocado uma artesa retangular cheia de areia de praia umedecida e compactada. Mardônio, que tinha bom olho para topografia, havia desenhado nela um tosco esboço do desfiladeiro seguindo as indicações de Efiltes. Este, que estava presente na reunião, era natural de Traquínia, e, como tantos outros membros das oligarquias locais, havia abraçado com devoção o partido dos persas.

Na parte esquerda do mapa, aparecia um X que representava seu acampamento. A costa seguia para o leste, mais ou menos em linha reta. Sobre essa linha ficava o mar e abaixo erguia-se a serra do Eta. Entre a costa e a montanha, corria o desfiladeiro, de uns cinco quilômetros de extensão.

— Esta é a Primeira Porta — disse Efiltes, apontando um estreitamento no caminho.

Essa posição estava em seu poder, principalmente porque os gregos haviam renunciado a defendê-la. A Primeira Porta dava para uma aldeia cujos habitantes a abandonaram, Antela, e para uma esplanada de forma vagamente triangular onde vários batalhões podiam se posicionar. Ali havia umas fontes termais que davam seu nome a todo o lugar, “Portas Quentes”. Segundo a lenda, Hércules havia se jogado nessas águas pouco antes de sua morte, quando a túnica encharcada do sangue do centauro Nesso estava queimando sua pele. Na realidade, o herói era culpado de seu próprio sofrimento. Se o sangue de Nesso estava envenenado era porque Hércules lhe havia cravado uma flecha impregnada, como todas as de sua aljava, no sangue corrosivo da Hidra de Lerna, um dragão de nove cabeças que havia matado no início de seus célebres trabalhos. Nem o frio da água havia conseguido mitigar a dor do herói, que acabou se imolando em uma pira no Eta. Mas o calor de seu corpo passara para o manancial, e agora, curiosamente, suas águas sulfurosas eram muito saudáveis para dores nos ossos.

O triângulo se fechava a oeste em outro estreitamento, a Segunda Porta. Por mais unidades que se posicionassem na esplanada, ali poderia entrar, no máximo, um batalhão de mil homens, e isso comprimindo suas filas.

— Aqui fica o muro — apontou Hidarnes, o único dos presentes que havia se aproximado dele.

— Esse muro está em ruínas há muito tempo — disse Efiltes por meio do intérprete.

— Já foi reparado — disse Hidarnes. — Mas consertaram-no de um jeito muito estranho. Em vez de fechar o caminho na perpendicular, construíram-no

obliquamente, de modo que fica uma zona de passo entre a muralha e o penhasco.

Tinha sua lógica, pensou Artemísia. Com certeza os espartanos haviam levantado esse muro para proteger seu acampamento e contentar seus aliados. Eles não gostavam de parapeitos. Seu jeito de fazer a guerra não consistia em se defender sobre muralhas, visto que sua cidade não as tinha, e preferiam dispor de chão sob seus pés para manobrar.

— Esta é a Terceira Porta — apontou Efiartes mais à direita, quase na borda da artesa. — É ainda mais estreita que a Segunda.

— Vai nos dar alguma boa notícia? — disse Histaspes, um dos irmãos de Xerxes. — Isso quer dizer que quando conseguirmos desalojar os gregos de sua posição, ainda teremos de lutar em outro desfiladeiro.

— A vantagem que tem para vós é que a montanha que a fecha é muito menos escarpada e poderéis crivá-los das alturas com vossas flechas — respondeu Efiartes. — Se os espartanos decidiram se fortalecer na Segunda Porta é porque ali têm seu flanco bem protegido pela montanha.

O pico que se erguia sobre as fontes termais, o Calídromo, tinha mais de mil metros de altura e erguia-se em cristas quase verticais pela vertente norte. Era impensável posicionar arqueiros ali, a não ser que tivessem asas nas mãos e garras nos pés.

— Mas tenho boas notícias para vos dar — prosseguiu Efiartes.

Seu dedo traçou uma linha de Traquínia para baixo.

— Há um caminho, a trilha Anopeia, que remonta o curso do rio por aqui. É preciso subir bastante, mas é praticável. Depois vira para o leste — seu dedo girou em ângulo reto para a direita. — Passa por umas ravinas situadas sob o cume do Calídromo e — seu dedo girou de novo — desce para o mar, depois da Terceira Porta. Se levardes vossos soldados pela trilha Anopeia, rodearão a posição dos espartanos sem que estes percebam e aparecerão justamente em sua retaguarda. Estarão cercados e sem escapatória.

Todos se voltaram para olhar para Xerxes. Mas o Grande Rei não fez o menor gesto.

— Quantas tropas achas que os espartanos têm? — perguntou Mardônio dirigindo-se a Damátrato.

A montanha cortava a visão entre os dois acampamentos. Os gregos não podiam saber quantos eram os persas, nem o contrário.

— Na cidade há uns oito mil cidadãos espartanos — respondeu o antigo rei. — Deles, devem ter enviado cinco mil às Termópilas. Virão acompanhados por periecos e por aliados do resto do Peloponeso. Calculo que pode haver trinta ou quarenta mil homens.

— Não cabem tantos no desfiladeiro, nem são necessários para defendê-lo — disse Mardônio. — Com certeza têm batalhões aqui na Terceira Porta, onde

termina essa trilha, e também nas alturas, distribuídos por todos os passos de montanha. Antes de mandar nossos homens a uma morte segura em uma cilada, prefiro que continuem lutando de frente. Cedo ou tarde venceremos esses homens por esgotamento.

— Se nossa frota não chegar a tempo com provisões, nós é que nos esgotaremos antes — interveio Artemísia.

Efialtes a olhou com surpresa. Já havia achado estranho encontrar uma mulher naquela reunião, e sem dúvida espantava-o ainda mais que se atrevesse a falar. Mas os outros já estavam acostumados.

O certo era que na planície onde estavam acampados não dispunham de alimentos suficientes para a enorme hoste do Grande Rei. A frota que trazia víveres da Macedônia já deveria ter chegado. Mas haviam acabado de sofrer vários dias seguidos de tempo ruim que obrigara os barcos a permanecer varados na costa de Tessália. Uma das naus mensageiras havia informado que a tempestade havia feito ir a pique um bom número de transportes, ao passo que outros haviam sofrido graves danos.

— E que faremos então, Mardônio? Ficaremos plantados aqui? — disse Hidarnes. — Continuo comandando meus homens até que percamos todos?

— Confiai em Ahuramazda.

Todos se voltaram para o Grande Rei. Ele havia se levantado do trono e se dispunha a voltar para dentro da tenda. Isso significava que dava por encerrada a reunião, sem que se houvesse decidido nada. Houve alguns suspiros de impaciência e frustração mal reprimidos.

— Ele nos dará coragem e, acima de tudo, nos iluminará com seu conhecimento — prosseguiu Xerxes. — Amanhã se decidirá o que se houver de decidir.

Quando Artemísia estava saindo da tenda, Mitradates se aproximou dela.

— Ele quer te ver.

Não foi preciso que dissesse mais nada. Artemísia se voltou para Alexias, que a aguardava com um piquete de soldados, e disse que deixasse apenas cinco homens e voltasse com os outros para seu setor do acampamento. Depois, permitiu que o eunuco a guiasse até a parte de trás da tenda. A noite estava se fechando já. Uma lua quase cheia brilhava sobre as águas do golfo Maliaco, mas de tanto em tanto era escondida por nuvens dispersas. Pelo menos o céu estava mais limpo que nos últimos dias, quando haviam sofrido um pequeno inverno incrustado em pleno verão. Muitos soldados arrastavam tosse e catarro em razão das chuvas geladas.

Quando o Grande Rei partira da Macedônia, Artemísia havia decidido acompanhar o exército de terra. Pensara muito naquilo após sua desagradável e inquietante conversa com Ésquines. Ele seguia com a frota, como hóspede do lício Damastímo, e Artemísia preferia não ter mais encontros com ele. De modo

que, visto que possuía contingentes próprios tanto na marinha quanto no exército, preferira viajar com este último. Sabia que talvez estivesse cometendo um erro, porque sempre convém manter os inimigos por perto; mas qualquer decisão parecia perigosa.

Xerxes devia ter ficado satisfeito com sua escolha, pois desde que saíram da Macedônia a havia chamado em três ocasiões. Considerando que levava consigo sua esposa e pelo menos dez concubinas, era lisonjeiro. Talvez o que o Grande Rei buscava não era simples prazer, mas sim companhia. Depois de fazer amor, em vez de dispensar Artemísia como, segundo lhe constava, sempre fazia com as mulheres de seu harém, ficava conversando com ela. Na segunda noite, havia falado tanto que o amanhecer quase o surpreendeu. O homem que compartilhava o leito com ela era outro Xerxes, um que expressava em voz alta boa parte do que calava durante o dia.

Artemísia sabia muito bem que os rumores sobre sua relação corriam por todo o acampamento. Graças a eles, muitos dos generais a tratavam com mais respeito, ou no mínimo com mais precaução. Mas ela sentia que caminhava pelo fio de uma espada. Fazia sete noites que Amestris a havia convidado a jantar. A esposa de Xerxes havia se mostrado gentil, considerando a segura de seu caráter, mas cada vez que lhe oferecia um manjar novo para provar, Artemísia se perguntava se não seria o último bocado que comeria na vida. Sim, o provador experimentava tudo diante da rainha e ela comia do prato antes de passá-lo a Artemísia, mas quem os impediria de pôr veneno só em uma parte da bandeja? Por via das dúvidas, ao voltar para sua própria tenda Artemísia cutucara a garganta com uma pena de ganso para produzir ânsia, até que por fim vomitara tudo o que havia jantado.

Agora, enquanto se deixava levar por um pequeno labirinto de biombos e cortinas, pensou que pelo menos Amestris dormia em outra tenda, a mais de um quilômetro dali. Não sabia se a esposa de Xerxes sentia fisicamente ciúmes dela ou se apenas se tratava de uma questão de poder e influência. Mas se seu destino chegasse a depender da vontade daquela mulher, sabia muito bem que estava perdida.

Xerxes a esperava. Artemísia teve de se submeter de novo ao mesmo ritual que nos Jardins da Babilônia, pois era inconcebível que o Grande Rei se despisse sem ajuda. Mas dessa vez os eunucos os deixaram sozinhos e puderam fazer amor na relativa intimidade oferecida por aquelas paredes de pano.

Quando terminaram, Xerxes pediu a Artemísia que pusesse vinho em sua taça. Ela o serviu sem se sentir diminuída por isso, pois sabia que para os persas o cargo de copeiro real era considerado uma das mais altas honras. Concentrada para não derramar o vinho na penumbra da alcova, não notou que Xerxes havia pegado um objeto embaixo de seu almofadão. A seguir, viu que o acariciava com a ponta dos dedos e olhou-o com curiosidade.

Era a máscara de ouro.

Artemísia prendeu a respiração. Ésquines falou, pensou. Estava perdida. “Não ficará prova alguma de que tu e eu tivemos contato”, dissera Patikara em Maratona. Na ocasião, Artemísia se assegurara disso recorrendo ao assassinato. Quem impediria o rei, agora, de recorrer ao mesmo procedimento?

— Os homens estão morrendo diante de meus olhos — disse Xerxes sem afastar o olhar da máscara. — E não posso fazer nada.

Artemísia voltou a respirar. Não se tratava de uma ameaça, mas sim de uma confissão. Sua vida não corria perigo. Pelo menos por ora.

— A guerra é cruel e imprevisível, meu senhor — disse, visto que parecia que esperava uma resposta dela.

— Esse reizinho está desafiando meu poder. — Artemísia viu os músculos de suas têmporas ficarem tensos, mas, ainda assim, Xerxes não ergueu a voz — Está enlameando meu prestígio diante dos persas e os dos súditos de meu império. Meu coração me pede para montar meu corcel e ir ao campo de batalha para acabar com esses seguidores da mentira.

— Não podes fazer isso, meu senhor! — disse Artemísia compreendendo por que o rei havia pegado a máscara.

Notou que o havia contrariado abertamente e levou a mão à boca. Xerxes por fim olhou-a nos olhos.

— Fui muito atrevida, meu senhor...

— Só uma mulher atrevida pode comandar tropas para o rei da Pérsia. Quero que fales com sinceridade. Tu és minha amiga.

— Com tua amizade me honras mais do que sou capaz de expressar, meu senhor. Se falei com tanta ousadia é porque creio que não deves correr o risco de entrar no campo de batalha.

— Leônidas está combatendo junto a seus homens.

— Ele age à maneira grega, meu senhor. Mas é só um pequeno governante. Tu és o Rei dos Reis, e para cada súdito que obedece a Leônidas tu tens dez mil.

— Ciro também era Rei dos Reis e batalhava montado em seu cavalo.

— Ele não era tão grande como tu, meu senhor! — Artemísia notou um sorriso quase imperceptível sob a barba de Xerxes. Quanto mais poderoso é o homem, pensou, melhor funciona o elogio. Devia recordar essa lição e aplicá-la a si mesma. — Teu nobre antepassado começava a conquistar um império e tinha de correr grandes riscos.

— É verdade que ele não governava terras tão vastas quanto eu.

— Teus filhos são muito jovens, meu senhor, e não há ninguém a teu redor que tenha tua valia. Se algo te acontecer, teu império mergulhará no caos. Eu mesma te ouvi dizer. Só deve haver um monarca sob o sol de Ahuramazda. E esse monarca és tu, o homem mais poderoso da Terra.

Mas Xerxes não se deixou convencer tão facilmente.

— Se sou tão poderoso, como é que não posso fazer o que quero? De que serve o poder se não posso exercer minha vontade?

Mais tarde Artemísia pensaria que talvez o rei só quisesse um pouco de compreensão, e que se lhe houvesse dado razão, pelo menos em parte, teria lhe bastado para se conformar essa noite, pois não era homem de faltar a seus deveres. Mas naquele momento pensou que Xerxes falava como um menino mimado. Que aconteceria se ele se deixasse levar por seu capricho, cavalgasse na batalha e morresse? Que seria, então, do meio milhão de pessoas que havia posto em movimento desde a Ásia e que agora começavam a adentrar terreno inimigo?

— O poder implica responsabilidade, meu senhor — disse tentando conter sua irritação. — Eu só governo uma pequena cidade, e o faço em teu nome. Mas por causa desse governo não sou tão livre quanto gostaria.

— Segundo tuas palavras, eu devo ser o menos livre dos homens — disse Xerxes em tom amargo.

— Talvez seja assim, meu senhor. Teus ombros carregam mais responsabilidades que os de ninguém. Receio que devas continuar agindo como até agora e deixar que teus homens lutem por ti.

— Quando chegar o momento, Artemísia, deixarás que teus homens lutem por ti enquanto os observas a distância?

Ela engoliu em seco.

— Eu não sou ninguém a teu lado, meu senhor. Minha morte não significaria grande coisa. A tua representaria uma catástrofe para o mundo. E recorda que eu sou um de teus homens. Eu combato por ti, e me sinto honrada por isso.

Xerxes sorriu. Em seus olhos brilhou uma fagulha de malícia, algo pouco habitual nele.

— Nesse caso, mostra-me agora tuas aptidões para a luta, Artemísia.

Quando abriu os olhos, notou que já era dia. Levantou-se sob o lençol e olhou para seu lado. Xerxes não estava. Era a primeira vez que Artemísia amanhecia na cama real, e se perguntou se não teria, sem perceber, quebrado algum protocolo que ignorava.

— O Grande Rei se levantou cedo para fazer sacrifícios ao Sol nascente — disse Mitradates.

Devia estar ali havia algum tempo, mas, como não se mexia, ela não havia notado sua presença.

E daí se me vir nua?, pensou Artemísia. O eunuco já devia conhecer de cor cada pinta de seu corpo. Levantou-se da cama e deixou que ele a ajudasse a se vestir enquanto se amaldiçoava por ter adormecido na cama de Xerxes. Mas era compreensível, porque a sessão noturna havia sido extenuante. Suas coxas e quadris doíam, e sentia outras partes do corpo maceradas.

— O Grande Rei se levantou com um humor excelente — disse o camarista enquanto fechava os broches de sua túnica nos ombros. Artemísia mal interpretou uma alusão sexual em suas palavras, mas o eunuco apressou-se a acrescentar: — Alguém lhe trouxe boas notícias.

— Que notícias são essas, nobre Mitradates?

— Perdão, senhora, mas não serei eu a privar sua majestade do prazer de te contar pessoalmente.

Benfeito para mim, por perguntar, pensou Artemísia. Como bom funcionário de palácio, Mitradates experimentava um prazer malsão em demonstrar que possuía mais informação que ninguém e em escondê-la ou dosá-la com mesquinharía.

Quando saiu da tenda, os homens que havia deixado ali esperando-a se aproximaram para recebê-la. Tinham aspecto de quem dormiu no chão, mas agora estavam alerta. Ou melhor, pensou com inquietude, alarmados.

— Minha senhora — disse um deles. — Os nossos vão combater.

— Como?

— Receberam ordem de entrar no desfiladeiro e atacar a posição espartana. Já devem estar lá.

— Pelos cães de Hécate! Por que não me avisastes? — disse Artemísia enquanto se dirigia à sua própria tenda dando passos que seus soldados mal podiam seguir.

— Minha senhora, como iríamos entrar no pavilhão real?

Isto é coisa do próprio Xerxes, pensou Artemísia. O fato de ter adormecido não era coincidência. O Grande Rei devia ter improvisado uma pequena vingança quando ela o contrariara na discussão. “Quando chegar o momento, Artemísia, deixarás que teus homens lutem por ti enquanto os observas a distância?” Mal havia aguardado o amanhecer para comprovar.

Essa pequena vingança podia representar a morte de dezenas de seus homens. Mas, claro, para Xerxes tinham tão pouco valor quanto as peças de madeira que às vezes usava para representar suas unidades no campo de batalha.

Por mais Grande Rei que seja, se acha que vou ficar de braços cruzados, está muito enganado.

— Arranjai-me um cavalo que seja rápido enquanto visto as armas — ordenou a seus homens enquanto entrava em sua tenda. — Andai, é para hoje!

Quando entrou a galope na esplanada das fontes termais e olhou para a direita, viu na encosta do monte o toldo púrpura que cobria o trono de Xerxes. O Grande Rei já estava ali com todo seu séquito. Mas Artemísia passou reto e continuou cavalgando pelo corredor que ficava entre as unidades persas e frígias que aguardavam na retaguarda. Dos Dez Mil não se via nem rastro. Depois das baixas que haviam sofrido na véspera, Xerxes devia ter decidido reservá-los para

mais tarde.

No centro do pequeno vale, as unidades que entrariam em ação estavam acabando de se abrir. Na parte direita, que dava para as alturas do Calídromo, havia um batalhão de assírios em formação. Dentre eles havia lanceiros com broquéis de madeira e elmos trançados de couro e ferro, e também maceiros que se protegiam com escudos de couro em forma de cone reforçados com aguçados umbos de metal.

Os halicarnassenses formavam na ala esquerda, olhando para o mar. Artemísia abriu caminho sem contemplações até chegar à vanguarda. Uma vez ali, desmontou e procurou Alexias. Seus homens, que aguardavam com os escudos no chão e os elmos para trás, aclamaram-na ao vê-la.

— Ártemis está conosco! — disseram. — Com a deusa caçadora do nosso lado, não podemos perder!

O filho de Fidon estava em seu posto, à extrema direita da falange, deixando um vão de alguns metros entre esta e o batalhão dos assírios. Quando viu Artemísia, deixou escapar uma expressão de contrariedade.

— Qual é o problema, Alexias? Querias toda a glória só para ti?

— Senhora, não há razão para que corras este perigo. Nós combateremos até a morte por ti.

— Nem em sonhos. Eu não sou um rei persa, recordas? Sou Artemísia, a amazona de Halicarnasso.

À frente das filas passou um homem a cavalo seguido por um pequeno séquito de cavaleiros, dando instruções aos assírios. Quando chegou à altura dos halicarnassenses, Artemísia o reconheceu. Era Artafernes, o homem que havia comandado a cavalaria em Maratona. Naqueles dez anos, ao contrário dos outros, o nobre persa havia emagrecido. Agora, ao ver Artemísia, pareceu surpreso.

— Quais são nossas ordens? — perguntou ela.

— Quando soar o trompete, atacareis — respondeu ele, e depois se introduziu entre as filas halicarnassenses e as assírias para voltar à retaguarda.

— Meu pai sempre diz que os planos simples são os que melhor funcionam — disse Alexias.

Artemísia se colocou junto ao jovem hoplita, mas lhe deixou a posição da direita, a última do batalhão. Já era uma tradição que ele ou Fidon cobrissem seu flanco da lança. Depois, apoiou o escudo no chão e olhou para a frente. A ira pela vingança de Xerxes e a cavalgada haviam acelerado sua pulsação, de modo que procurou se acalmar e estudar com frieza o que estava diante de seus olhos.

A pouca distância deles, havia uns cursos d'água agora secos que desciam do Calídromo, e mais além estendia-se uma terra de ninguém cada vez mais estreita onde jaziam dezenas de corpos. Ali, o terreno descia em um suave declive das montanhas até o mar, e ao chegar à água caía quase vertical em um pequeno

penhasco. Mal tinha dois metros de altura, mas, na véspera, muitos Imortais que não sabiam nadar haviam perecido ali, empurrados pela pressão da falange espartana.

Artemísia pensou que para chegar até o inimigo teriam de passar sobre os cadáveres dos medos e persas que haviam morrido no dia anterior. Não era um bom jeito de melhorar o moral.

— Como estás, Palamedes? — perguntou Artemísia ao hoplita à sua esquerda. Era um jovem nobre, primo de segundo grau dela por parte de pai.

— Bem — respondeu ele. A seguir, acrescentou em voz baixa: — Mas minha boca está seca como a sola de uma bota.

— Bebe agora tudo o que puderes. Depois, não terás oportunidade.

Palamedes tirou o cantil do correame, mas antes de beber ofereceu-o a Artemísia. Ela provou com precaução. Dois terços de água e um de vinho, calculou.

Que se dane!, pensou, e deu um bom gole.

O Sol já começava a esquentar em um céu que, pela primeira vez em vários dias, estava limpo de nuvens. Mas não era o calor a razão de seus homens estarem com a boca seca. Iriam enfrentar os afamados espartanos, os guerreiros de quem todos os gregos ouviam falar desde crianças. E, além de tudo, seus irmãos de raça, pois os habitantes de Halicarnasso, embora estivessem muito misturados com os cários e falassem um dialeto jônio, consideravam-se de origem dória e tão descendentes de Hércules quanto os lacedemônios.

O trompete deu o sinal de avançar. Artemísia ordenou a seus homens que colocassem os elmos e posicionassem os escudos, e sua pequena falange, com uma frente de apenas quarenta homens, pôs-se em marcha.

Após cruzar o curso d'água, recompuseram as filas. O sol dava em cheio nos rostos e arrancava cintilações dos escudos e lanças inimigas. Artemísia olhou para a direita. A parede da montanha ficava cada vez mais perto, e o corredor entre eles e o batalhão assírio se reduzia. Perguntou-se, como certamente haviam feito outros guerreiros no dia anterior, de que servia ter um exército de mais de cem mil homens se só podiam entrar em combate mil de cada vez.

Em frente a eles estendia-se uma linha de uns cem escudos, todos eles com o lambda da Lacedemônia, pintado de vermelho para que ressaltasse mais. Os hoplitas que os portavam começaram a avançar ao cadencioso e agudo som de suas flautas. Havia algo em seu jeito de marchar que arrepiava. É só a reputação deles, disse para si mesma. Olhou para o mar. O homem que ocupava o lugar de honra na ponta da falange inimiga devia ser Leônidas. Mas não ia escoltado por nenhum estandarte; a única coisa que o distinguia de outros oficiais era seu penacho, vermelho em vez de preto.

Entre os assírios que os acompanhavam havia arqueiros, que agora lançaram uma saraivada de flechas contra os espartanos. A maioria dos projéteis caiu na

terra de ninguém e os outros deslizaram sobre os escudos inimigos.

Chegou o momento de passar sobre os cadáveres persas.

— Vede onde pisais! — ordenou Artemísia. — Não quebreis a fila!

Cheirava a matadouro, mas seus pés não chafurdaram no lodo negro que esperava. O chão estava tão seco que havia bebido todo o sangue. Artemísia imaginou os mortos do Hades, remoinhando-se no submundo como bandos de pássaros cinza, olhando para as alturas com seus pálidos olhos e abrindo a boca para receber uma nova oferenda de sangue humano.

Faltavam cinquenta metros, se tanto, para que as duas formações se encontrassem. Os espartanos avançavam devagar, sem desorganizar suas filas, como uma muralha compacta, e embora já estivessem perto não se haviam dado o trabalho de abater as lanças, em uma demonstração de desprezo imenso por seus inimigos.

— Atacamos já? — perguntou Alexias.

— Não. Atacaremos quando eu disser.

Dirigiu um rápido olhar à sua direita. Os assírios não avançavam de forma tão disciplinada quanto os gregos nem travavam uns escudos com outros; ao contrário, cada um procurava se proteger com o seu. Sempre pensou que aqueles homens, herdeiros de uma antiquíssima tradição marcial, ofereciam uma visão imponente com os rostos sisudos, os narizes aquilinos e as barbas densas e cacheadas. Mas agora via o medo em seus olhos.

E não era para menos. Tinham à sua frente os espartanos, aqueles que as mães de Halicarnasso utilizavam como monstros de fábula para assustar seus filhos.

Um grito soou nas filas assírias. Um de seus guerreiros, um gigante de quase dois metros, lançou-se ao ataque, e os outros o seguiram aos gritos. Artemísia compreendeu que não mais poderia refrear seus homens e gritou:

— Por Halicarnasso!

Correram contra os inimigos entoando o peã para espantar seu próprio medo. Por fim, os espartanos baixaram as lanças e, sem acelerar o passo, prepararam-se para recebê-los. À direita de Artemísia não tardou a explodir o estrépito do combate: o ressoar do ferro contra o bronze, o estalo da madeira estilhaçada, os primeiros gritos de agonia. Mas não se atreveu a olhar para lá, pois o inimigo que estava à sua frente exigia toda a sua atenção.

Os halicarnassenses refrearam seu ataque quando estavam a uns passos dos espartanos. Os homens que estavam atrás ficaram à espera, incitando seus companheiros sem empurrá-los por ora, pois assim havia ordenado Alexias com sensatez antes de Artemísia chegar. Durante alguns minutos as duas filas, a espartana e a de Halicarnasso, se mantiveram a uns dois metros de distância, cruzando lançadas e testando os escudos, sem entrar a fundo no ataque. Os homens de Artemísia não se atreviam a se aproximar mais porque tinham medo.

Era óbvio que os espartanos não avançavam porque não queriam.

O homem que estava à frente de Artemísia e batia ferros com ela era um oficial cuja crista negra atravessava seu elmo de orelha a orelha. Devia tê-la reconhecido — o que não era estranho, com seu elmo beócio —, porque sorriu e disse com voz rouca:

— Não deverias estar aqui, Artemísia! Há mil lugares melhores no mundo para uma mulher!

Embora ele houvesse pelo menos tido a decência de não a mandar para o tear, Artemísia lançou-lhe um golpe com toda sua fúria. O espartano interpôs seu escudo, que estava cheio de amassados, e a lança arrancou uma fagulha do lambda. Depois, de súbito, o oficial olhou para um lado, e mesmo por debaixo do elmo Artemísia pôde ver que arregalava desmesuradamente os olhos.

— Não! — gritou. — Não retrocedais, maldição!

Artemísia olhou na mesma direção que o espartano. À direita, os assírios gritavam de júbilo, enquanto os lacedemônios davam as costas e fugiam para o muro. Durante alguns segundos, concebeu uma absurda esperança. Os guerreiros da Mesopotâmia teriam conseguido o que os medos, os císios ou os próprios Imortais não haviam conseguido no dia anterior?

Imitando o exemplo de seus camaradas, os espartanos que combatiam diante dos halicarnassenses se voltaram e empreenderam a fuga. Mas Artemísia havia surpreendido um olhar de inteligência entre o oficial e um hoplita que estava ao seu lado.

É uma armadilha.

— Atrás deles! — gritou Alexias.

Era uma ordem desnecessária. Os halicarnassenses da primeira fila se precipitaram em perseguição dos espartanos, seguidos pelos outros. Alguns homens até jogaram suas lanças contra os inimigos que fugiam, ainda que, por conta do peso e do comprimento, não fossem as armas mais ideais para atirar, e desembainharam as espadas.

Artemísia notou que havia ficado sozinha. Alexias e os hoplitas da primeira fila a haviam deixado para trás, e os outros a ultrapassavam passando pelos dois lados dela sem perceber que estavam dando empurrões em sua rainha.

— Parai, estúpidos! — gritou. — É uma armadilha!

Era inútil. Quando se deu conta, as únicas costas que via eram as de seus próprios soldados, que corriam atrás dos espartanos aos gritos e levantando uma nuvem de pó sob seus pés. Artemísia se voltou. Do outro lado do curso d'água os batalhões frígios, que aguardavam sua vez de intervir, vinham à carga, contagiados pelo exemplo de seus companheiros. E no centro de todo aquele caos estava ela.

Ao ouvir estrépito de metal contra metal voltou-se de novo para a frente. Quando os gritos de perseguição se transformaram em berros de terror e fúria,

compreendeu o que havia acontecido. A corrida dos halicarnassenses se estancara. Alguns caíram de costas no chão depois de tropeçar com seus próprios companheiros. Uma barreira se interpusera no caminho.

Os escudos espartanos.

Haviam fingido se retirar para desorganizar as filas do exército de Xerxes. Era uma manobra tão arriscada que Artemísia não teve mais remédio que admirar aqueles filhos de uma égua. Uma falange se desordena com facilidade, e ainda mais quando se volta.

A não ser que a única coisa que fizeste durante toda tua vida fosse treinar esses movimentos, pensou.

Os hoplitas halicarnassenses que serviam na retaguarda também eram homens valentes, e justamente por isso haviam sido escolhidos para fechar as filas. Mas ao ver que os camaradas à sua frente começavam a retroceder, foram os primeiros a bater em retirada. Ao passar, alguns deles viram Artemísia e afastaram os olhos com vergonha. Ela podia entendê-los. Haviam caído como peixes em uma rede.

Mas ninguém poderia dizer que a rainha de Halicarnasso havia dado as costas ao inimigo por ser mulher. Artemísia abriu caminho por entre seus próprios hoplitas movimentando seu escudo de ambos os lados como se cortasse mato com uma machadinha. Quando se deu conta, estava atrás da primeira fila de seus homens, que resistiam como podiam enquanto os espartanos os esfaqueavam por trás de uma densa parede de escudos.

Alexias estava ali, combatendo com o arrojo de um titã e se esgoelando para dar ânimo aos outros. De repente, uma lâmina de ferro surgiu pela parte posterior de sua coxa e tornou a desaparecer, deixando em seu caminho um rasgo de meio palmo que começou a jorrar sangue. O jovem cravou o joelho em terra com um grunhido de dor. Manejando a lança com uma habilidade diabólica, o espartano que o havia ferido cravou-lhe a arma no pescoço. Artemísia não pôde ver, mas ouviu o gorgolejo de agonia de Alexias.

— Não!

Artemísia abriu caminho por um vão quase inverossímil e deu uma lançada no rosto do espartano. Ele estava tão soberbo removendo a ponta de sua lança que não viu o golpe chegar. A lança de Artemísia ranguu ao entrar entre os dois protetores laterais do elmo. O impacto foi tão forte que ela sentiu uma aguda dor no ombro, e da boca do espartano brotou um jorro de sangue misturado com dentes estilhaçados.

— Toma, filho da puta! — gritou Artemísia.

Os deuses se vingaram rapidamente dela. Algo bateu em seu escudo com tanta força que seu braço se dobrou, e a borda empurrou seu elmo e o deslocou de lado, cobrindo-lhe um olho. Artemísia tratou de ajeitar o elmo sem soltar a lança, algo quase impossível no caos da batalha, quando viu de soslaio que um

guerreiro espartano a atacava pela esquerda. Desviou o corpo como pôde, mas a espada atingiu-a na orelha e no pescoço, e sentiu as quentes gotas de seu próprio sangue. Com o golpe, o elmo acabou de cobrir seus olhos e tudo ficou em trevas. Sentia empurrões por todos os lados, no escudo, nas pernas, pelas costas, e temeu que um desses empurrões se transformasse na ponta de uma lança. Uns braços cercaram seu corpo por trás e a levantaram. Artemisia soltou a lança e começou a espernear como um potro indômito. Se esses espartanos achavam que a violentariam, estavam muito enganados.

— Artemisia, sou eu! — disse uma voz no ouvido que não parava de sangrar, e apesar do zumbido, reconheceu-a. Era seu primo Palamedes.

Mais braços a seguraram, e às cegas sentiu que os homens a passavam de um ao outro como um fardo, apesar da carga de suas armas. Por fim conseguiu ajeitar o elmo e gritou:

— Deixai-me no chão, maldição!

Os soldados obedeceram. Artemisia desembainhou a espada e procurou se orientar. A frente devia estar no lugar de onde vinha todo mundo, empurrando para se afastar dali. Sem saber muito bem como, os halicarnassenses e os assírios haviam se misturado naquele tropel. Por cima de sua cabeça, viam-se as lanças dos espartanos tremulando como espigas ao vento, e entre os gritos dos que morriam sob seu ataque ouvia-se o persistente martelar do ferro sobre os escudos.

— Voltai ao combate! Voltai ao combate! — gritou Artemisia.

Mas um grupo de soldados a cercou e a tirou dali.

— Se não nos retirarmos agora, morreremos todos, Artemisia! — gritou Palamedes. — Haverá outro dia!

Artemisia não teve mais remédio que se resignar e se deixou levar. Pelo menos os espartanos não os perseguiram. Sem dúvida, Leônidas os havia instruído muito bem para que não se afastassem muito de sua posição, pois assim que saíssem a um terreno mais amplo estariam em desvantagem. Apesar disso, os halicarnassenses e os assírios não haviam terminado de sofrer baixas, pois se chocaram com o batalhão de frígios que havia se animado a segui-los diante da falsa fuga dos lacedemônios, e naquele encontro muitos caíram e foram pisoteados por seus próprios companheiros. No fim, os frígios deviam ter compreendido que aquela não era a vitória fácil que de longe haviam julgado e começaram a retroceder também. Os espartanos ficaram, donos do campo, e depois, durante duas horas, Xerxes não ordenou mais ataques.

— Tiveste sorte — disse Xenófanes. — Esse talho podia ter atingido sua artéria. Terias esvaído em sangue como um porco até morrer.

— Obrigada pela comparação, curandeiro.

Junto à encosta da montanha, onde as fontes termas brotavam de um talude

semeado de cascalho e seixos, haviam improvisado uma enfermaria à qual Palamedes insistiu em levar Artemísia. Pouco depois aparecera Xenófanes, o médico da família real, enviado por Xerxes pessoalmente para que a atendesse. Artemísia, muito furiosa para se sentir agradecida por aquela honra, ficou surpresa com a rapidez com que o rei soubera que a haviam ferido.

Estava sentada em um banco de pedra, dentro da casa de banhos. Na realidade, mais que uma casa, tratava-se de um pórtico coberto, com um lado aberto que olhava para o norte, de tal modo que os visitantes pudessem contemplar o mar enquanto desfrutavam do agradável calor do banho. Ali se posicionara um pelotão de soldados halicarnassenses, pudicamente de costas, que faziam um biombo com seus corpos. Para curar a ferida, o médico havia rasgado com sua navalha a túnica de Artemísia, que estava nua da cintura para cima.

Os banhos em si eram uns assentos conhecidos como *quitros* e escavados no travertino, a rocha branca e cheia de cristais que as próprias águas foram depositando com o tempo. Com prazer Artemísia teria se despido totalmente para entrar na água e limpar o sangue e a mistura ressecada de pó e suor. Mas Xenófanes a havia proibido, alegando que era ruim para a hemorragia.

— Creio que não poderás mais usar brincos — disse a ela. — Esse espartano levou metade da orelha como troféu. É uma pena, porque se era como a outra, tinhas um lóbulo lindo.

A familiaridade com Xerxes, sua mãe Atossa, Amestris e outros personagens da corte haviam transformado Xenófanes em um homem bastante impertinente. Quando Artemísia quis tocar a orelha para checar o que restava dela, o médico lhe deu um tapa.

— Acabei de limpar com uma mistura de mirra e vinho de quinze anos que custa uma dinheirama. Queres sujá-la de novo com esses dedões?

— Dedões são os teus, curandeiro. Eu sou uma dama.

— Sei! As damas a quem atendo têm enxaquecas, amenorreia, pelos encravados na virilha ou, no máximo, caroços nos seios. Nenhuma nunca veio a mim com ferimentos de guerra.

Depois, limpou a ferida do ombro de Artemísia com uma gaze. A espada, após levar o lóbulo de sua orelha, acertara-a na clavícula. Mas parte do fio havia encontrado a armadura, e isso foi o que salvou Artemísia, que agora grunhiu ao sentir a pressão dos dedos de Xenófanes.

— Não te queixes tanto. Nem sequer te quebrou o osso.

— Pois dói como se houvesse quebrado — respondeu Artemísia.

Seu antebraço também doía. Ao ver o hematoma que começava a nascer, pensou se o golpe que havia recebido no escudo e que deslocara o elmo havia sido proveniente de um espartano com uma lança ou de uma mula com seus cascos.

— Se tivesses uma fratura, notarias a diferença. Clavícula quebrada é muito típica nos soldados de infantaria. Isso é uma contusão craniana. De virilha e tripas atravessadas a lançadas não falo, porque esses não costumam sair vivos. E se vires um veterano que mal pode mexer os punhos ou tem lesões permanentes nos tornozelos, podes apostar que esse é de cavalaria.

— Como sabes disso, se nunca atendeste um soldado na vida?

— Sei porque sou um homem de insaciável curiosidade.

Após limpar a ferida, Xenófanes cobriu-a com linho encharcado no mesmo bálsamo de vinho e mirra. Sobre o linho colocou uma fina rodela de esponja cortada com sua navalha, um punhado de folhas e, por fim, para manter tudo no lugar, um aparatoso curativo que enrolou debaixo das duas axilas.

— Não aproveites para apalpar minhas tetas, curandeiro — disse Artemísia.

Estava com um humor do cão por conta da vingança de Xerxes, da dor e, acima de tudo, da humilhante derrota que os espartanos haviam lhes infligido, e quase sem querer deixava escapar a linguagem quarteleira que aprendera desde menina ouvindo Fidon e seus homens.

Como vou contar a Fidon que não fui capaz de recuperar o cadáver de seu filho?

— Sou médico — replicou Xenófanes. — Para mim, o corpo feminino não tem nenhum interesse erótico, só anatômico.

Apesar de tudo, quando Artemísia se levantou e tirou os restos sujos e rasgados da túnica para colocar outra limpa, o médico não afastou o olhar dela.

— Tens um corpo bonito — disse com expressão apreciativa. — Um pouco andrógino para meu gosto, mas para teus trinta anos não está mal.

— Tenho trinta e quatro — replicou Artemísia enquanto terminava de ajeitar a túnica.

Ao ouvir a conversa, um dos soldados ameaçou voltar a cabeça para ver sua rainha nua, mas Palamedes deu-lhe um pescoção.

Enquanto saíam da casa de banhos, o médico lhe disse que Xerxes queria vê-la. Artemísia respondeu que o rei podia esperar, pois antes queria ver os feridos de seu batalhão. Seus companheiros os haviam reunido junto a um templete cujo friso refletia os últimos padecimentos de Hércules e sua apoteose.

Havia ali cerca de vinte homens, com lesões de gravidade diversa. Dois deles, que estavam vivos quando Artemísia entrou nos banhos, acabavam de morrer. Um tivera as tripas perfuradas por uma lançada. O outro havia se esvaído em sangue em consequência de uma estocada de espada na coxa. Nem com o cautério incandescente haviam conseguido deter a hemorragia. O homem, um veterano de cinquenta anos, estava branco como uma estátua de mármore sem pintar.

Os cirurgiões atendiam a seus homens à sombra das árvores que cresciam junto ao templete, pois o sol caía sobre o desfiladeiro como chumbo derretido.

Estavam extraíndo fragmentos de dente e osso da mandíbula de um hoplita, depois de praticamente embebedá-lo para que não gritasse. Pelo aspecto da ferida, havia sido golpeado com a borda de um escudo. Outro estava deitado no chão, com o ombro deslocado. O médico, um egípcio robusto, pôs uma bola de couro debaixo de sua axila, sentou-se ao seu lado, colocou o pé na bola e deu um puxão selvagem no braço segurando pelo punho. O homem, que estava mordendo um pano, mal pôde sufocar um grito, mas o braço voltou ao lugar com um sonoro estalo. Um terceiro, irmão de Palamedes, recebia sutura em uma estocada no bíceps direito. Xenófanes estalou a língua ao vê-lo.

— Não está fazendo direito? — perguntou Artemisia.

— Às vezes, não há mais remédio que suturar, mas eu não faço isso se puder evitar. Há uma probabilidade entre quatro de que o braço desse homem infeccione e em uns poucos dias esteja morto.

O soldado olhou para ele com expressão de alarme, pois Xenófanes não havia falado exatamente em voz baixa. Artemisia pegou o médico pelo braço e o afastou dali.

— Está bem, iremos agora mesmo ver o Grande Rei. Não quero que desanimem ainda mais meus homens.

O que havia visto e ouvido lhe doía tanto ou mais que suas próprias feridas. O quadro que lhe havia pintado seu primo Palamedes, novo capitão de seus hoplitas, era deprimente. Quando o batalhão de Halicarnasso por fim se reagrupou, faltavam quarenta e oito soldados. A esplanada das Termópilas não era tão grande a ponto de se perderem por muito tempo, de modo que Artemisia suspeitava que todos, ou quase todos, estavam mortos. Somados aos dois cadáveres que acabava de ver, eram cinquenta baixas. Havia perdido um a cada seis homens. Um desastre sem paliativos. Se alguma vez havia subestimado os espartanos pensando que seu fama superava suas qualidades bélicas, não tornaria a cometer esse erro.

Enquanto subiam pela trilha que levava ao mirante de Xerxes, Xenófanes se empenhou em explicar a ela que a essas quase cinquenta baixas teria de somar mais algumas.

— Enquanto não se entra em combate, o pior inimigo do soldado é a disenteria. Mas quando se dá a batalha, vem acompanhada de outros dois membros da triade mortífera: a gangrena e o tétano. Nos próximos dias, podes perder ainda entre cinco e dez homens mais.

— Já vi corvos menos agoureiros que tu, Xenófanes.

— Até tu poderias morrer — respondeu o médico, imune ao tom cáustico de Artemisia. — Mas, pelo aspecto do corte e a cor do sangue que brotou dele, creio que nem sequer terás febre.

Os sapadores do exército haviam alisado um terraço na encosta a pé e picareta. Ali erguia-se um estrado de madeira, e sobre ele, o trono de Xerxes. O

Grande Rei estava flanqueado pelo costumheiro criado da toalha e outros dois criados com leques. Debaixo do toldo púrpura acompanhavam-no vários generais e oficiais, e um personagem magro e calvo que observava o campo de batalha por um longo tubo e transmitia ao rei tudo o que via. Artemísia ouvira dizer que aquele artefato mágico, presente pessoal de Mardônio a Xerxes, permitia ver de perto o que estava longe.

Foi Mardônio quem a interceptou antes que chegasse ao estrado. Ofereceu-lhe uma jarra de prata cheia de cerveja babilônia mais ou menos fresca e a afastou dali.

— Fica calma — disse. — Vens do campo de batalha e estás ferida. Poderias dizer coisas de que depois te arrependerias.

Era curioso, pensou Artemísia, mas com o tempo havia travado certa amizade com Mardônio, dentro daquilo que o protocolo e as diferenças culturais permitiam a ambos. O general se dirigia a ela sempre com respeito, sem menosprezá-la por ser mulher, como faziam alguns, nem fingir que não era, recurso de outros.

— Tens razões para estar furiosa — disse a ela sentando-se ao seu lado em uma pedra à sombra de um teixo. — Mas estar muito perto do sol tem seus perigos. Podes queimar-te.

— Não entendo.

— Creio que entendes, sim, Artemísia. Xerxes cada vez gosta menos que o contrariem, mas, às vezes, nós, seus amigos, não temos mais remédio que o fazer. Agora considera que já estás em paz pelo que lhe disseste ontem à noite.

Mandou meus homens ao matadouro só para me contrariar e estamos em paz?, pensou Artemísia. Mas outra coisa a inquietou mais.

— Todo mundo sabe o que acontece na alcova do rei?

— Todo mundo não, mas eu sim. Desde que Xerxes e eu éramos jovens, um de meus deveres é saber tudo para protegê-lo melhor.

Artemísia às vezes se esquecia de que o rei e Mardônio tinham a mesma idade, porque a calva do general o fazia parecer mais velho.

— Saber tudo, mas não ver — acrescentou Mardônio.

Pelo menos é um consolo, pensou Artemísia. Já lhe bastava mostrar seu corpo nu a Xerxes, seus eunucos e seu médico, só faltava ter de mostrá-lo a seu general-em-chefe.

Da encosta apreciava-se melhor a forma da esplanada, um funil cujo estreitamento apontava para a muralha defendida pelos espartanos. Por esse funil haviam entrado eles, para acabar moídos como carne para salsicha.

As hostilidades haviam sido retomadas, mas agora a tática do rei era outra. Já não tentava furar as linhas gregas com ataques frontais de infantaria; enviava ondas de cavaleiros persas e sacas. Eles se aproximavam das posições dos defensores, e quando estavam a uns vinte metros deles, atiravam várias

saraivadas de flechas e davam meia-volta.

— Não parece que estão causando graves danos — disse Artemísia.

— É verdade. Mas manterão os gregos ocupados até que escureça. A seguir, esta noite, tentaremos outra manobra.

Artemísia se voltou para ele.

— Mitradates me disse que Xerxes havia recebido boas notícias. Têm algo a ver com essa manobra que dizes?

— Tu és sagaz, Artemísia. Ésquines, o erétrio chegou ao amanhecer com informação muito interessante. — Mardônio esboçou um sorriso. — Creio que é muito amigo teu.

— Que te contou?

— Ele insinuou algo sobre Maratona. — Artemísia prendeu a respiração, mas Mardônio continuou: — Não lhe dei ouvidos. Não me interessa o passado, Artemísia, mas sim o presente.

Um momento antes, Mardônio havia afirmado que sabia de tudo o que Xerxes sabia. Com certeza isso incluía as intrigas de Patikara em Maratona. Artemísia respirou um pouco mais tranquila, visto que o general não parecia dar muita importância àquele assunto. *Afinal de contas*, pensou, *eu ajudei a afundar seu inimigo Dátis*.

— Os gregos tomaram muitas precauções para que não saibamos quantos estão nas Termópilas — prosseguiu Mardônio. — Antes de chegarmos, obrigaram todos os seus habitantes a evacuar a região e os transferiram para o sul.

— E Efiáltes?

— Efiáltes estava havia um mês em Tessália quando o encontramos. Conhece os passos destas montanhas, mas ignora o número exato de defensores.

— E Ésquines sabe?

Mardônio assentiu.

— Não é de se estranhar que Leônidas tenha tomado precauções para evitar que saibamos quantos são. Estamos enfrentando cinco mil homens.

Artemísia parou de pestanejar um instante, surpresa. Depois, dirigiu o olhar para o desfiladeiro. Cinco mil homens podiam ser os que estava vendo dali, formados de ambos os lados da muralha e entre esta e o mar. Todos haviam suspeitado que havia muitos mais soldados após a curva do caminho, no alargamento que levava até a Terceira Porta e na vila de Alpeno, bem como distribuídos pelas montanhas.

— É absurdo. Como pretendem deter assim mais de cem mil guerreiros?

— Pressupões inteligência demais nos gregos, Artemísia. Mas parece que vossos parentes europeus são um pouco obtusos.

— Quantos desses cinco mil soldados são espartanos? — perguntou Artemísia, que não podia tirar da cabeça a derrota que haviam sofrido debaixo de suas

lanças.

— Leônidas trouxe apenas trezentos.

Trezentos! Ao ver os lambdas dos escudos ao longo de toda a fila frontal, Artemísia pensou que todos os hoplitas que formavam atrás eram espartanos. Pelo visto, Leônidas havia decidido arriscar na primeira fila seus melhores homens para enganar os atacantes.

— Os outros espartanos estão fortificando a língua de terra que conduz ao Peloponeso — disse Mardônio. — Tem um nome que não recordo.

— O istmo! Isso significa que decidiram abandonar Atenas à sua sorte.

— Foi isso mesmo que Temístocles disse quando chegou aqui e viu as ridículas forças que os espartanos haviam mandado. Essa coalizão de estados gregos que juraram resistir até a morte está se rompendo antes mesmo do que esperava.

Artemísia ainda sentia seu pulso se acelerar quando ouvia o nome de Temístocles. Ao notar que suas faces coravam, recordou a si mesma: *Tu não és uma adolescente. Tu és a rainha Artemísia.*

— Como Ésquines soube de tudo isso?

Mardônio se permitiu um leve sorriso de suficiência.

— Ésquines não está tão bem informado como acredita. A única coisa que fez foi trazer a mensagem que meu agente lhe entregou.

— Teu agente?

— Tenho alguém perto de Temístocles. Muito perto. Tanto que chegam a mim suas conversas literais, palavra por palavra. Ao que parece, teu primo está com problemas para impor sua autoridade. Seus próprios compatriotas decidiram entregar o comando da frota a um espartano. Alegro-me de que assim seja. Temístocles deve ser o único homem inteligente no meio de todos esses gregos.

Artemísia voltou o olhar para o campo de batalha. Após outra incursão infrutífera, a cavalaria se retirava mais uma vez.

— O caso é que esses trezentos espartanos e seus aliados estão demonstrando que se bastam para conter a todos nós.

— Por ora, sim, porque sua posição é muito sólida — replicou Mardônio. — Mas qualquer general inteligente compreenderia que mesmo que Efilates não houvesse aparecido para nos mostrar sua trilha, cedo ou tarde teríamos encontrado uma rota para cercar o desfiladeiro obliquamente. Comparadas com as montanhas de nosso país, estas são seixos.

— Nem sequer defenderam a trilha Anopeia?

— A insensatez deles não chega a tanto. Mas só posicionaram mil homens. Mesmo que soframos o triplo de baixas que eles, eu garanto que os expulsaremos das alturas.

Artemísia compreendeu.

— E vai ser esta noite mesmo. Claro, haverá lua cheia...

— O Grande Rei não gosta muito de agir assim, mas compreende que não há

outra forma. Amanhã, a esta hora, Leônidas estará cercado, e veremos se os espartanos sabem manobrar em duas frentes ao mesmo tempo.

Artemísia se levantou da pedra. Ao fazer isso, notou que todo o seu corpo doía. Suas pernas eram tábuas rígidas, e seu ombro e sua orelha, duas pulsações inchadas que pareciam se fundir em uma só.

— Assim sendo, tenho de falar com Xerxes — disse.

Quando anoiteceu, seis batalhões de Imortais partiram de Traquínia e empreenderam a subida pela garganta do rio Asopo. A Lua brilhava sem halo em um firmamento limpo, e sua face se refletia nas tranquilas águas do golfo. Sob sua luz prateada Artemísia e cem voluntários escolhidos marchavam com os persas. Levantando o olhar para o céu, pensou: *Sempre me meto em confusão na lua cheia.*

Ao meio-dia, quando se apresentara diante de Xerxes, ele lhe havia dito:

— Sei que combateste com bravura, e que teus soldados tiveram de se retirar do campo de batalha à força. — O rei pronunciara essas palavras com uma levíssima ênfase. — Entendo teu desgosto, Artemísia, mas, às vezes, um soberano deve se afastar do combate por um bem maior.

Filho da mãe vestido de púrpura, pensara ela enquanto o toalheiro real enxugava a testa de Xerxes.

— Meu senhor, posso te perguntar se estás satisfeito com tua *bandaka*?

— Plenamente, Artemísia.

— Eu te servi bem durante todos estes anos?

Uma luz perigosa havia brilhado nos olhos do rei, como se quisesse adverti-la que não seguisse por esse caminho. Mas a fúria contida infundia coragem a Artemísia.

— Assim sendo, pela primeira e única vez, gostaria de te pedir algo.

Xerxes levantara um pouco o queixo, e a ponta de sua barba cacheada apontara para Artemísia como uma lança.

— Teu favor está concedido de antemão, minha fiel Artemísia. Fala.

De modo que agora ela e seus cem homens marchavam na vanguarda junto a Hidarnes. Não levavam tochas. Para evitar os reflexos da lua, haviam coberto as pontas das lanças com capinhas de couro e escondido os elmos na concavidade dos escudos que carregavam às costas. Tudo estava envolvido em peles ou trapos para amortecer o som. Havia até pintado rostos e braços com cinzas a fim de parecer mais escuros nas sombras, de modo que todos eles ofereciam um aspecto sinistro.

Avançavam a duras penas entre pedras e raízes, por uma vegetação cada vez mais frondosa, de maneira que a luz da lua também não ajudava muito. Efiates caminhava junto a Hidarnes e Artemísia para guiá-los. Ela confiava mais nos criados que acompanhavam Efiates, pois eram pastores de cabras que

conheciam bem essas paragens e estavam tão familiarizados com essas trilhas abruptas quanto os animais que apascentavam.

Os persas e os halicarnassenses haviam dormido algumas horas antes de anoitecer para estar mais revigorados, mas Artemísia não conseguira pregar o olho. A derrota e a morte de tantos bons soldados a atormentavam. Em Maratona também haviam sido obrigados a fugir, mas porque as linhas persas haviam desmoronado. E naquela retirada não só não haviam sofrido muitas baixas como também ela inclusive havia matado um inimigo, que, segundo soube anos depois, era um general.

Porém, nessa manhã os espartanos haviam brincado com eles a seu bel-prazer e os haviam humilhado. Primeiro os mantiveram a distância, fingindo combater, e depois, após o simulacro da fuga, haviam-no massacrado com a fria eficácia de açougueiros profissionais. Artemísia sentia tanta ânsia de revanche que seu sangue fervia dentro dela como se houvesse levado uma flechada envenenada pela peçonha da Hidra. Ou seria a febre de que Xenófanes falara? Seus dedos roçaram uma vez mais a borda afilada do que lhe restava de orelha.

Se tiver que morrer de tétano, que seja depois de me vingar dos espartanos.

Caminharam durante horas. Os pastores de cabras se alternavam de pouco a pouco para avançar e se certificar de que não haviam perdido a trilha, e, de quebra, comprovar se havia inimigos emboscados. Enquanto isso, os soldados paravam e se reagrupavam, e alguns deles davam cabeçadas até mesmo em pé. Deslocar tantos homens por um terreno tão abrupto era uma tarefa muito complicada, e constantemente tinham de enviar contatos da vanguarda à retaguarda e vice-versa para que unidades não se extraviassem. Marchavam em silêncio, pois Hidarnes havia ameaçado com execução imediata todo aquele que falasse sem autorização. Ainda assim, seu avanço aos tropicões por entre as árvores despertava mil ruídos, e os animais noturnos se espantavam a seu passo.

Quando a Lua se escondeu, faltavam ainda duas horas para o amanhecer. Hidarnes ordenou que os homens se detivessem onde estivessem, estabelecessem turnos para descansar um pouco e aguardassem novas instruções.

Quando o céu clareou um pouco, retomaram a marcha. Caminhavam agora por um vale entre dois picos rochosos que se recortavam escuros contra o cinza do alvorecer. Não havia passado muito tempo quando, em uma encosta que se erguia além de um carvalho, viram umas luzes tênues.

— São rescaldos de fogueiras — disse Palamedes a Artemísia.

Reparando bem, ao redor dessas luzes viam-se vultos negros que deviam ser pessoas. Hidarnes ordenou a um grupo de arqueiros que se adiantasse. Aqueles homens entraram por entre os carvalhos. Não levavam blindagem nenhuma e suas flexíveis botas de pele mal faziam barulho, de modo que se moviam sigilosos como fantasmas. Halicarnassenses e persas se reagruparam em colunas e desnudaram suas armas, preparados para entrar em ação.

Passado um tempo, ouviram-se latidos e gritos de alarme. Com aquela meia-luz era difícil distinguir os contornos, mas Artemísia vislumbrou sombras que subiam pela encosta.

— Adiante! — ordenou Hidarnes.

Artemísia e seus homens correram para o bosque, juntamente com a vanguarda da coluna persa. Quando saíram do carvalho e chegaram à encosta onde haviam acampado os defensores do passo, só encontraram alguns cadáveres crivados de flechas. Um bom número de inimigos havia se retirado para o cume que se erguia à direita, mas outros haviam seguido pelo caminho, com certeza para dar o alerta aos espartanos.

— Tanto faz — disse Efialtes. — A partir daqui a trilha é mais fácil. Já é impossível que nos detenham.

Hidarnes concordou, e nem sequer se incomodou em enviar soldados atrás dos defensores que haviam escapado encosta acima. Sua única fixação, como a de Artemísia, era acabar com os espartanos.

Retomaram a marcha. O Sol já despontava a leste. A trilha começou a descer em um suave declive e se curvou paulatinamente para o norte. Depois de atravessar outro carvalho e passar entre duas elevações, por fim viram o mar.

Artemísia observou o panorama sem parar de caminhar. A uns três quilômetros dali, junto à água, distinguiam-se os telhados pardos e vermelhos de Alpeno, mas logo as curvas e acidentes do caminho os esconderam de novo. Quando tornaram a divisar a aldeia, já estavam a pouco mais de um quilômetro, e puderam ver que as tropas gregas se retiravam para o leste seguindo a linha da costa. Poderiam ter corrido para tentar alcançá-los, mas estavam havia cerca de quinze horas marchando, não haviam dormido e muitos dos homens haviam combatido na véspera ou antevéspera.

— Foram avisados — disse Palamedes. — Chegamos tarde demais.

Hidarnes não parecia se importar muito. Ele queria apenas que o desfiladeiro ficasse limpo, como Xerxes lhe havia instruído. Curiosamente, Artemísia e seus homens abrigavam mais ânsia de vingança contra seus parentes dórios que os persas, reforçando o provérbio que dizia que não há pior cunha que a da mesma madeira.

Quando chegaram a Alpeno, encontraram a vila praticamente deserta, salvo por alguns cães famintos que os receberam com latidos. Uma vez chegados ao mar, Hidarnes deu ordem de virar à esquerda e entrar no desfiladeiro pela Terceira Porta. Artemísia suspeitava que encontrariam a Segunda Porta e o muro desertos, ou inclusive já em poder de Mardônio e seus homens. O plano de Xerxes e seu general consistia em atacar a posição espartana no meio da manhã, calculando que a essa hora Hidarnes e os Imortais estariam chegando pela trilha Anopeia e surpreenderiam Leônidas pelas costas.

Mas, conforme se aproximavam, o ar trouxe o familiar estrépito do combate,

pontilhado por gritos e toques de trompete. Apesar do cansaço, todos apertaram o passo. Quando conseguiram ver o muro, descobriram que não havia ninguém atrás dele. Os defensores que restavam haviam saído da zona estreita para se desdobrar no campo e lutar contra os batalhões persas. O combate havia levantado uma densa poeira que a brisa do golfo arrastava para o Calidromo, mas, ainda assim, era fácil calcular que os inimigos não chegavam sequer ao milhar.

— Ainda teremos nossa oportunidade, Artemísia — disse Palamedes. — Quer apostar que aí estão os trezentos espartanos?

— Não aposto nada. Tenho certeza disso.

Hidarnes deu ordem de se deter para reorganizar suas tropas. Artemísia fez o mesmo com seus homens e ordenou que posicionassem escudos e pusessem os elmos. Estavam a uns quinhentos metros daquele muro que na véspera, visto pelo lado ocidental, parecia tão inalcançável como os topos do Olimpo. Artemísia mandou Cleofonte, seu trompete, tocar o sinal de atacar.

— Que estás fazendo? — perguntou Hidarnes, surpreso.

— Não pretendo apunhalar os espartanos pelas costas. Quero que me vejam chegar! Se não quiseres chegar atrasado ao massacre, podes me seguir.

Os gregos entoaram o peã, e apesar do cansaço acumulado durante a noite toda, ainda encontraram forças para marchar a passo ligeiro carregando suas armas. Os Imortais os seguiram cantando seu próprio hino, e como iam mais livres de *impedimenta*, a vanguarda de seu primeiro batalhão não tardou a ultrapassá-los. Artemísia voltou o olhar um instante. Aquele exército de infiltração formava uma longa coluna cujo final chegava praticamente até a Terceira Porta do desfiladeiro.

Ao se ver atacados pela retaguarda, os inimigos que combatiam na esplanada recuaram pouco a pouco para a muralha. Havia deixado de formar filas e muitos não tinham mais escudo nem lança. Enquanto retrocediam, dezenas deles ficavam para trás e caíam, feridos ou mortos, no pó. *Não chegaremos a tempo*, amaldiçoou-se Artemísia.

Os defensores passaram o muro, uns subindo nele, outros atravessando as portas, que haviam deixado abertas, ou cruzando pelo corredor que ficava entre a parede e o mar. Não podiam restar mais de duzentos hoplitas. Os outros haviam sido engolidos pela maré de persas que se abatia sobre a muralha. Mas na maioria dos escudos viam-se os lambdas vermelhos dos espartanos.

Bravo para vós, saudou Artemísia relutante.

Uma vez transposto o muro, em vez de se dirigir de frente contra Hidarnes e Artemísia os homens de Leônidas se voltaram terra adentro, rumo a uma elevação semeada de arbustos e com forma de túmulo. *Isso é o que vai ser. Vosso túmulo*, pensou Artemísia. As tropas persas passaram por sua vez a muralha e cercaram a colina. Alguns, os mais intrépidos, começaram a subir

pela encosta, mas seus oficiais ordenaram que retrocedessem e aguardassem.

Arfando, Artemísia chegou ao pé do cerro e se dispunha a subi-lo quando Hidarnes a pegou pelo braço.

— Se prosseguires, morrerás com eles. Não é o momento de combater a vossa maneira, mas sim de exterminá-los do jeito persa.

Do outro lado do cerro, Artemísia reconheceu o cafetã multicolorido e a tiara de Mardônio, tão vermelha quanto sua barba. O general, dotado de uma voz potente como um heraldo, gritou em grego:

— Entregai as armas e o Grande Rei vos mostrará sua clemência!

Um espartano respondeu:

— Já vos disse Leônidas outro dia! Vinde buscá-las!

Embora os escudos lacedemônios mal se distinguissem entre si, Artemísia tinha quase certeza de que aquele oficial era o que ela havia enfrentado no dia anterior. Os outros homens haviam se apinhado a seu redor e levantavam os broquéis. Quase nenhum conservava a lança, de modo que mais que o célebre ouriço de Arquiloco, pareciam uma lamentável tartaruga.

À ordem de Mardônio, seus batalhões e os Imortais levantaram os arcos ao céu e começaram a atirar sem parar. As flechas partiam em densos bandos, dos dois lados, e ao cair sobre os gregos se juntavam tanto que formavam uma nuvem escura, como um enxame de insetos mortíferos. Entre os persas já não se ouviam vozes, só o estalo da madeira e do chifre ao se retesar e das cordas de tripa ao liberar essa tensão. Enquanto isso, chegavam da colina os gritos dos que caíam e os palavrões dos que chamavam os persas de covardes por não se atreverem a lutar corpo a corpo.

Cada vez restavam menos defensores vivos, e os poucos que havia se apinhavam recolhidos debaixo de seus broquéis. Mas já nem estes lhes valiam para se defender. Sobre eles caía um dilúvio desproporcional para tão poucos homens, dezenas de milhares de flechas em cada saraivada, e as setas que não penetravam os resquícios caíam sobre frinchas ou amassados dos escudos e acabavam despedaçando-os.

Quando só restavam dez ou doze espartanos vivos, o oficial se levantou, jogou o escudo no chão, apontou para Artemísia e gritou com voz tão potente que suas palavras lhe chegaram nítidas:

— Tu traíste tua raça, meretriz! Mas já puseram preço em tua...

Sua frase foi cortada por uma flecha que se cravou em sua garganta. Antes que seu corpo tocasse o chão, outras quinze ou vinte setas atravessaram seus braços e pernas.

— Vi bem quem é — disse Palamedes. — Agora mesmo vou subir e cortar suas bolas e enfiá-las em sua boca.

Os olhos de Artemísia estavam cheios de lágrimas que não podia conter. Enquanto via os últimos espartanos caindo no topo da colina, deixava de odiá-los

e voltava a admirá-los. Mais ainda do que quando era menina. Pois via que todas as histórias que haviam lhe contado sobre o valor dos espartanos ainda era pouco.

— Não façam isso — disse a seu primo. — Respeitaremos seus corpos. Esses malditos filhos da mãe sabem ser únicos até para morrer.

Quem não parecia achar o mesmo era Xerxes. Para surpresa e desgosto de Artemísia, depois que o último espartano morreu, assegurou-se de que pegassem o corpo de Leônidas. Ao que parecia, o rei havia perecido na esplanada, do outro lado do muro. Mas seus homens haviam lutado com unhas e dentes em sentido literal — as coxas e braços de muitos persas davam fé disso —, haviam arrancado seu corpo das mãos dos inimigos e o carregado até a colina.

Quando encontraram o corpo de Leônidas, debaixo de seus homens, Xerxes ordenou que o decapitassem e cravassem sua cabeça em uma lança. Artemísia nunca conseguiu descobrir a razão de tanta sanha, mas de uma coisa tinha certeza. Cada dia via o Grande Rei um pouco menor.

GOLFO MALÍACO E ARTEMÍSIO, 16 A 21 DE AGOSTO

Os olhos de Címon também estavam cheios de lágrimas quando o Íris se dirigiu ao oeste para dar as más notícias. Durante um longo tempo, ficou com o olhar cravado no desfiladeiro, segurando no cadaste do navio mensageiro. Dali, os bárbaros pareciam pequenos e incontáveis como formigas e sua enorme massa quase havia engolido os espartanos. Mais ao oeste via-se chegar o contingente persa, que, tal como advertiram os vigias focenses, havia cercado o monte pela trilha Anopeia. Címon gostaria de ter ficado junto à costa até ver o fim dos espartanos e dos poucos aliados que seguiam com eles; mas Abrônico, o patrão do Íris, insistiu que tinham de se afastar dali o mais rápido possível.

Se estivesse em suas mãos decidir, teria ficado com os espartanos até o último momento para morrer com eles. Sempre os havia admirado, mas de uma forma mais intelectual, quase abstrata. Agora, após compartilhar com os lacedemônios aqueles dias nas Termópilas, sua adoração se transformara em um sentimento intenso e visceral.

— Ficarás aqui com Abrônico — dissera Temístocles uns dias antes, quando a frota abandonara as Termópilas para dirigir-se a Artemísio. — Serás o contato entre nossa posição e a de Leônidas. É o que eu te havia prometido. — E acrescentou com sarcasmo ferino: — Porque, embora não acredites, eu respeito minha palavra e meus compromissos.

Desde a assembleia, Temístocles se dirigia a ele com fria correção, pontuada por ocasionais surtos de ironia. Só havia levantado a voz para ele no desventurado dia do Pireu. Címon se arrendia do que havia dito a Apolônia, pois em seu

conceito da luta política não cabia separar um homem de sua esposa, nem sequer de sua concubina. Deixava essas mesquinhas para outros, como seu futuro cunhado Cálias ou Xantipo; que, aliás, assim como Aristides, ainda não haviam aparecido em Atenas quando a frota zarpara para Artemísio.

Apesar de seus remorsos, Címon não tentara pedir perdão. Não haviam voltado a mencionar o assunto. Temístocles parecia mais sério que de costume, quase triste; mas Címon não acreditava que a verdadeira razão fosse sua briga com Apolônia, mas sim o golpe em suas ambições recebido na assembleia.

Sendo imparcial com ele, o curso que as operações seguiam justificava seu pessimismo. Quando chegaram às Termópilas e viram que o exército prometido pelas cidades do Peloponeso se reduzia a pouco mais de quatro mil soldados, o desânimo e o desconcerto correram entre os aliados da frota, especialmente entre os atenienses, que se viam carregando sozinhos quase todo o peso da guerra. Leônidas levou Temístocles à parte e ambos subiram uma colina em forma de túmulo que seus habitantes chamavam de Colono. De baixo, Címon os viu gesticular com veemência. Embora se supusesse que fossem amigos, em alguns momentos ergueram tanto a voz que se ouviam de baixo.

Explicaram aos outros atenienses que se não havia mais espartanos nas Termópilas era, de novo, por conta das festas Carneias. Mas não só os lacedemônios descumpriam seu compromisso; também o demais aliados do Peloponeso. Quando se expôs que o motivo de quase não levarem homens era a celebração das Olimpíadas, os atenienses tomaram isso como uma brincadeira de mau gosto. Eles, como gregos, também participavam dos jogos em homenagem a Zeus. Mas naquele ano haviam se limitado a enviar dois atletas, uma exigua representação oficial e, evidentemente, nenhum espectador. Como Temístocles havia dito: “Se oferecermos uma boa hecatombe de persas, Zeus saberá nos desculpar por ofuscar seu festival”.

Quando Leônidas e Temístocles desceram do cerro, pareciam estar de acordo. Depois, antes de zarpar para Artemísio, Temístocles contou a verdade a Címon. Esparta não tinha a menor intenção de se arriscar enviando tropas para o centro da Grécia. Sua intenção era levantar um muro no istmo e semear de obstáculos os estreitos caminhos entre a Ática e o Peloponeso.

— Vão nos isolar como se fôssemos pestilentos. Esses são seus admirados espartanos, Címon. Esses, que arriscam trezentos homens nas Termópilas e dez navios em Artemísio, são os que dirigem nossa Aliança. A esses outorgaste o comando, tu e teus amigos.

Címon ficou envergonhado. Mas seu embaraço durou pouco. Quando falou com Leônidas e seus homens, notou que estavam tão comprometidos com a causa quanto os outros.

— Não te preocupes, filhote de leão — disse Leônidas. Temístocles o havia contagiado com a irritante mania de chamá-lo por aquele apelido. — Temos

homens suficientes para manter esta posição. Eu te dou minha palavra de que não cederemos nem um palmo de terreno.

Quando começaram os combates, Címon comprovou que as palavras do rei não eram mera bravata. Pela manhã, tebanos e arcádios combateram com grande valor no desfiladeiro. Mas à tarde presenciou um espetáculo maravilhoso e impressionante. Os Imortais se arrebentavam como as ondas do mar contra os espartanos, em uma tempestade que não amainou durante horas. Os trezentos de Leônidas formavam nas primeiras filas apoiados por seus aliados periecos, que empurravam suas costas com os escudos para ajudá-los a manter a posição. Os Imortais, por sua vez, não precisavam dos gritos dos oficiais e continuavam lutando esporeados por um ímpeto suicida, mesmo que caíssem às dezenas naquela frente tão reduzida. Os lacedemônios os aniquilavam com a precisão e a fria economia de movimentos de quem desde os sete anos consagrava sua vida à arte e à profissão da morte.

Os lacedemônios acabaram tão esgotados de matar que os téspios tiveram de entrar por entre suas filas para substituí-los, momento em que Címon aproveitou para participar da batalha. Desfrutou, assim, da honra de lutar ombro a ombro com Leônidas: o rei, com seus sessenta anos, negava-se a retroceder para as últimas filas. A participação de Címon foi breve, pois os oficiais dos persas ordenaram por fim a retirada. Mas, nesse tempo, acabou com a vida de dois inimigos e feriu outro.

À noite, enquanto um criado ungia seus membros com óleo de alecrim quente, Leônidas disse:

— Vejo que tu és da mesma estirpe que eu, Címon, filho de Milcíades. Não tornarei a te chamar de filhote. Já conquistaste o nome de leão. Na verdade, eu te digo que terias sido um bom lacedemônio.

Nenhum outro elogio poderia deixar Címon tão orgulhoso. Nessa noite, prometeu a si mesmo que seu primeiro filho se chamaria justamente Lacedemônio.

No dia seguinte, apesar do cansaço e dos ferimentos, os espartanos foram os primeiros em formação. Címon observou o combate em cima da muralha e presenciou como dessa vez esmagavam não um batalhão de persas, mas sim uma falange de hoplitas equipados com o mesmo armamento que eles. Entre esses gregos combatia uma mulher, de quem Címon havia ouvido falar, Artemísia de Halicarnasso. Estando em Atenas, não havia dado muito crédito ao que se afirmava dela, mas nas Termópilas a viu combater como o diabo. Durante toda a batalha, só teve olhos para Artemísia. Quando um espartano a feriu, Címon a deu por morta e se entristeceu pensando que sua irmã Elpinice teria gostado de ser tão livre quanto essa rainha guerreira. Mas Artemísia se recuperou e, apesar de os espartanos estarem consumando uma carnificina em suas primeiras filas, insistiu em voltar ao combate até que seus homens a tiraram

dali carregada à força.

Bravo a ti, mulher, pensou Címon.

Seus compatriotas não eram tão indulgentes com Artemísia quanto ele. O general Andrônico havia apresentado uma proposta pela qual ofereciam dez mil dracmas a quem a capturasse viva. “Essa meretriz vendida aos persas deve ser humilhada e executada em público. Que exemplo dará a nossas mulheres?”, disse diante da assembleia. Havia alegado a lendária guerra entre as amazonas e os atenienses, acrescentando que era intolerável que uma fêmea se atrevesse a comandar homens na luta contra outros homens, que, além de tudo, eram gregos como ela. Temístocles respondeu que se ficassem oferecendo recompensas para cada oficial ou chefe do exército persa, eles é que teriam que cruzar a Ásia para conquistar os tesouros do Grande Rei. Mas o povo ateniense, tradicionalmente misógino, aprovava a proposta de Andrônico.

Durante a tarde do segundo dia, os ataques haviam sido menos intensos. Limitaram-se a incursões da cavalaria saca e persa, que, enquanto não abandonassem as posições nem o amparo da muralha, eram mais incômodas que daninhas. Aquele terreno era ainda mais impraticável para os cavaleiros, que nem sequer se aproximavam o bastante dos defensores para alcançá-los com suas flechas.

Aquele êxito precoce os levou a pensar que talvez fossem suficientes para manter a posição. Ao anoitecer, enquanto ceavam, Leônidas disse a Címon:

— Pode ser que, no fim, não decepcionemos nossos aliados.

— Ninguém poderia se sentir decepcionado combatendo ao lado de homens tão valentes como nós.

— Não se trata de valor — interveio um guerreiro veterano chamado Dienece, sentado com eles junto à fogueira. — É uma questão de obediência. A lei nos manda defender este passo. A lei deve ser cumprida. Isso é tudo.

Leônidas se levantou com um grunhido e seus joelhos rangeram.

— Nós resistiremos o tempo que for preciso. O importante é que vossa frota consiga reter a persa. Se aguentarmos nas duas posições, meu colega o Grande Rei ficará arruinado e terá que voltar a seu palácio para pegar mais moedas de ouro.

— Nossa frota aguentará.

— Eu não tenho tanta certeza, Címon. Não sou douto em questões de mar, mas, pelo que sei, Artemísio não é um lugar tão estreito como este. Ali os persas poderão fazer valer sua superioridade. Porém, aqui nas Termópilas — acrescentou apontando para o perfil do Calídro, que se recortava imponente contra o céu da noite —, é a própria terra da Grécia que se defende dos invasores.

Ironicamente, o rei ignorava que do outro lado daquela sombra rochosa

estavam se infiltrando vários batalhões persas. Os deuses deram o primeiro aviso ao raiar do alvorecer. Quando o sacerdote Megístias examinava as vísceras da vítima que acabava de sacrificar, anunciou:

— Todos os homens que ficarem neste desfiladeiro morrerão antes do anoitecer.

Suas palavras, como era de se esperar, preocuparam os defensores. Mas o rei, com o típico humor lacônico, disse a seus soldados que, nesse caso, comeriam bem no café da manhã e não se preocupariam em gastar as provisões, visto que à noite Hades e Perséfone lhes dariam jantar grátis no inferno.

Durante duas horas não observaram nenhuma atividade por parte dos persas. Depois, quando o Sol já se erguia sobre o mar, apareceram os focenses. Leônidas havia enviado mil deles para guardar as alturas, mas agora só voltavam uns cinquenta. Os outros haviam fugido para defender sua terra ou, provavelmente, para salvar a vida nas montanhas.

— Os persas tomaram a trilha Anopeia! — disseram.

— Quantos são?

— Há pelo menos dez mil! São os Imortais!

Leônidas convocou uma reunião de urgência com os outros oficiais. Uma vez flanqueada e ultrapassada a Segunda Porta, as Termópilas eram indefensáveis, de modo que deu instruções aos outros aliados do Peloponeso para que se retirassem.

— Eu devo cumprir o que dita o oráculo. Ou cai um rei, ou a própria Esparta sucumbirá. Posto que assim querem os deuses, é digno e decoroso que eu morra aqui.

Evidentemente, seus trezentos espartanos ficariam com ele. O contrário nem sequer foi discutido. Mas não foram os únicos que decidiram resistir. Os téspios, que haviam se distinguido por seu valor nos combates do primeiro dia, negaram-se a retroceder. Havia, ainda, quatrocentos tebanos, membros das famílias que mais se opunham aos persas. Os oligarcas que governavam Tebas e que queriam se render a Xerxes os haviam enviado até ali para que lutassem com Leônidas, com certeza na esperança de que pudessem todos. Esses quatrocentos homens também se empenharam em defender as Termópilas. Téspias e Tebas se encontravam na Beócia, e nada mais poderia impedir Xerxes de conquistar as duas cidades se eles abandonassem o desfiladeiro.

— Ficarei convosco — disse Címon a Leônidas.

— Teu dever te chama em outro lugar. Vai contar a Temístocles o que aconteceu aqui, e explica também aos outros gregos. Diz a eles que o exército de Xerxes não é invencível. — Seus olhos brilharam úmidos um instante. — E, acima de tudo, diz a Temístocles que quando pensar em Esparta não se lembre das intrigas do conselho de idosos nem de meu colega Latíquidas. Que se lembre de mim, de meus trezentos homens e das Termópilas.

Quando Címon já ia embarcar, o rei, que já havia ajustado a armadura campaniforme coberta de amassados e frinças, pôs a mão em seu ombro e disse:

— Sei que tens diferenças com Temístocles, mas deves apoiá-lo. Ele é, agora, a esperança da Grécia. Quando se está em inferioridade de número e de forças, só a inteligência pode ganhar uma guerra.

Enquanto Címon rememorava aqueles dias que jamais se apagariam de sua lembrança, o desfiladeiro desapareceu de sua vista. A bombordo estava a costa do continente e a estibordo a de Eubeia. Aquele braço de mar tão estreito teria sido um bom lugar para interceptar o passo dos persas. Mas havia poucos ancoradouros adequados para uma frota de mais de trezentos barcos como a sua. Temístocles havia preferido a longa praia de Artemísio, no extremo norte da ilha. Oferecia água potável abundante e dela se podia dominar o passo em ambas as costas: a ocidental, que dava para o estreito, e a oriental, que se abria para o Egeu.

Aquelas águas eram perigosas até mesmo para o Íris, um *triaconter* veloz no qual serviam os melhores remadores da frota ateniense, excetuando os que navegavam para Temístocles na Artemísia. Duas vezes cruzaram com navios mensageiros do inimigo, mas empenharam-se mais em se afastar deles que em se aproximar para combater, e seus tripulantes se limitaram a insultá-los da coberta.

Navegavam contra o vento. A topografia do estreito reforçava o sopro do etésio, de modo que os homens tinham de se esforçar o dobro para avançar. Depois de um tempo, começaram a ver restos de barcos que as ondas e o próprio vento arrastavam para o golfo. Passaram junto a um fragmento de proa com um grande olho negro e verde que Címon reconheceu. Pertencia ao *Panopeia*, uma das primeiras trirremes construídos com o dinheiro do Láurion.

Pouco depois encontraram vários corpos boiando, inchados e esbranquiçados como barrigas de peixe.

— Houve uma batalha há pelo menos dois dias — comentou Abrônico.

— Como sabes? — perguntou Címon.

— Quando alguém se afoga, leva dois dias para subir à superfície outra vez.

Havia alguns barcos quase inteiros que flutuavam entre duas águas. Cruzaram com um grego, mas do bando inimigo: não exibia na proa o tridente vermelho que haviam pintado em todas as trirremes da Aliança para se reconhecer entre si. O navio tinha dois buracos abertos. Ao que parecia, havia sofrido o ataque simultâneo de dois esporões. Pelos vãos dos remos viam-se assomar braços e pernas, e inclusive uma cabeça. Sob o metro de água que os cobria, os corpos exibiam um sinistro tom esverdeado. O barco devia ter ido a pique com tal rapidez que os desventurados remadores não haviam tido tempo de fugir do

porão.

Passado o meio-dia continuavam vendo destroços, remos, timões, popas rasgadas. Em um pedaço de tabuado à deriva, encontraram o cadáver de um dos seus. Os inimigos haviam cravado seus braços e pernas na madeira usando flechas, e rasgaram seu ventre. Embora estivesse com pressa para se juntar à frota aliada — se é que ainda existia —, pararam a fim de recolher o cadáver. Nenhum grego merecia um destino como esse.

— Esta é a guerra de verdade — disse Abrônico, mal interpretando a expressão séria de Címon.

— Não é necessário que me contes. Eu combati em Maratona ao lado de meu pai.

— Em Maratona? Mas não devias ter mais de dezoito anos...

— Vinte. Foi minha primeira batalha.

O marinheiro assentiu, e a partir desse momento olhou-o com mais respeito. Címon não se deu o trabalho de acrescentar que também havia combatido ao lado de Leônidas. Abrônico ficara o tempo todo junto a seu *triaconter*, sem se aproximar do campo de batalha.

Quando por fim chegaram a Artemísio, o Sol já se havia posto e a praia estava semeada de fogueiras. Era evidente que acabava de se travar uma batalha. Algumas trirremes ainda estavam acabando de varar na areia. Muitas delas haviam perdido os esporões, e a maioria mostrava em seus cascos as cicatrizes do combate. Viam-se também filas de corpos estendidos na praia, aos quais seus companheiros iam acrescentando outros que baixavam dos barcos ou que arrastavam pela areia.

Címon se animou um pouco ao ver também navios inimigos. Enquanto os remadores os despojavam de seus mascarões dourados e dos adornos de popa, os hoplitas de cobertura desembarcavam os poucos sobreviventes amarrados em fila com as mãos nas costas. Obrigavam-nos a se ajoelhar na areia e, sem mais contemplações, cortavam-lhes a garganta com o fio de suas espadas. A Aliança havia decidido não fazer prisioneiros. Era preciso semear o terror no coração dos persas para que abandonassem o quanto antes a terra grega.

Atracaram, por fim, junto ao Artemísia. Címon saltou a terra sem esperar que o *triaconter* parasse e foi procurar Temístocles. Não foi difícil encontrá-lo. Estava sentado na popa, no posto de trierarca, acompanhado por seu ecônomo, que lia para ele listas de nomes e números de um rolo de linho. Címon subiu pela escadinha e lhe deu as más notícias sem mais preâmbulos.

— As Termópilas caíram.

Grilo interrompeu sua contabilidade e Temístocles lhe indicou com um gesto que os deixasse sozinhos. Depois, respondeu a Címon:

— Era de se esperar. Ontem à noite não houve nuvens e brilhou a lua cheia.

Não podiam pretender defender as alturas com meia dúzia de gatos pingados.

— Fala com um pouco mais de respeito! Os espartanos combateram como verdadeiros heróis e caíram, até o último homem.

— Isto não foi exatamente o concurso de ébrios do festival de Dionísio, Címon. Os números que Grilo estava lendo eram a parte de baixas.

— Houve muitas?

— É uma lista longa, sim.

Címon engoliu em seco. A expressão de Temístocles se suavizou um pouco. Disse:

— Se as Termópilas caíram, isso quer dizer que meu bom amigo Leônidas está morto. Conta-me como foi.

— Antes de mais nada, quero saber o que aconteceu aqui.

Temístocles sorriu com amargura.

— Ainda estamos vivos. Isso já é alguma coisa.

Três dias antes, haviam levado perante Temístocles um homem muito peculiar.

— Sou Escílias de Escíone, o melhor mergulhador do mundo! — apresentou-se.

Aquele homem falava tão alto porque era meio surdo. Temístocles se afastou um pouco dele para que sua voz não lhe estourasse os tímpanos. Escílias tinha braços e pernas compridos e fibrosos e um tórax exageradamente largo que exibia usando uma túnica de um ombro só. Usava as pontas do bigode retas e para cima e ouro por todo o corpo: brincos nas duas orelhas, braceletes em punhos e tornozelos, uma grossa corrente no pescoço da qual pendia uma esmeralda e anéis até nos polegares. Para arrematar seu aspecto de bárbaro, exibia nos braços tatuagens com as figuras de Poseidon e de sua esposa Anfitrite.

Como alguns pareciam duvidar de sua afirmação, Escílias fez que Temístocles e outros generais o acompanhassem em uma falua até chegar a um ponto onde a sonda marcava vinte metros de profundidade. Ali deixou cair um elmo de bronze e esperou um tempo para que afundasse totalmente. A seguir, recolheu a túnica até a cintura e pulou de cabeça na água. Sua sombra desapareceu nas profundezas. O tempo passou sem que o mergulhador desse sinais de vida. Quando Temístocles já calculava que havia se passado tempo suficiente para que ele houvesse se afogado três vezes, o Nervos disse:

— Não tornaremos a ver essa merda de espantinho.

— Espera — disse Temístocles, que achava ter visto uma fileira de bolhas a uns dez metros dali, em direção à praia.

Transcorreu mais um tempo. Ao ver que o Nervos estava ficando vermelho de prender a respiração, Temístocles lhe recordou que não era ele quem estava mergulhando e que podia respirar. Mal havia acabado de falar quando Escílias apareceu na margem e os saudou aos gritos, levantando o elmo acima de sua

cabeça. Não havia se conformado em descer até o fundo para recuperar o elmo; além disso, havia nadado sob a superfície os quase cem metros que separavam a falua da praia.

— E agora, que me dizes? — perguntou Temístocles a seu amigo.

— Que é um mergulhador do caralho — foi a resposta de Euforion.

Uma vez demonstradas suas aptidões, Escílias lhes contou uma história interessante. Desde menino havia se dedicado a pescar esponjas. Mas com o naufrágio da frota persa no monte Athos havia descoberto uma ocupação muito mais proveitosa: recolher tesouros das profundezas. Ao contrário das trirremes, os barcos de transporte levavam lastro e, quando naufragavam, afundavam totalmente.

— Por isso acompanho os barcos de Xerxes há dois meses! Em uma frota tão grande, sempre algum barco afunda!

Depois de vê-lo mergulhar, Temístocles começava a compreender por que aquele homem era tão ruim de ouvido. Devia ter estourado os tímpanos mais de uma vez. Escílias lhes contou que, quando um barco persa afundava, ele recuperava seu carregamento, pelo menos o mais valioso, em troca de uma comissão.

— Há três dias, estourou uma tempestade ao norte daqui! Os persas perderam dezenas de barcos!

Arriscando a vida, Escílias havia mergulhado em pleno temporal. No segundo dia de resgate, encontrara um cargueiro, que ao afundar havia pousado sobre uma rocha muito aguçada e se partido ao meio. No porão, entre fileiras de ânforas e sacos de trigo, havia um cofre de madeira cheio de moedas, joias e taças de ouro e de prata. O barco pertencia ao príncipe de Sidon, Eshmunazar, a quem os gregos chamavam de Tetramnesto. Quando emergira, Escílias dissera a Eshmunazar que não havia encontrado nada, visto que o fundo estava muito turvo. O que era verdade. Outro mergulhador não teria encontrado nada ali embaixo, mas Escílias era capaz de prender a respiração por tanto tempo que podia avançar tateando às cegas por entre as rochas do leito marinho até encontrar o que buscava.

Escílias, especialista em recordar qualquer referência topográfica, por mais confusa ou imperceptível que fosse, havia memorizado a localização do cofre. À noite, voltara sozinho ao lugar, apesar do violento aguaceiro que caía sobre a costa. Uma vez ali, aproveitando que a lua crescente ainda não havia desaparecido, jogara-se na água segurando uma corda lastrada com uma grande pedra que utilizava para submergir mais depressa.

Temístocles não queria nem imaginar o perigo que aquele homem havia corrido mergulhando junto a um penhasco à noite, e em plena tempestade. As trevas do fundo deviam ser mais negras e densas que as do Tártaro onde Zeus havia trancafiado os Titãs ⁷². Mas, após quatro imersões, Escílias acabara

encontrando seu cofre e o levava para a superfície.

Nessa mesma noite, fugira do acampamento persa em um pequeno veleiro, arriscando a vida de novo. Embora o temporal começasse a amainar, a marulhada continuava sendo forte. Durante todo o dia seguinte, navegara para o sul, agora à base de remos. Havia tirado a vela para que sua silhueta se recortasse o menos possível sobre as ondas.

— Se me ofereceres proteção — disse a Temístocles —, posso te informar de tudo o que vi!

O que Escílias queria era que Temístocles lhe garantisse que ninguém lhe tiraria o cofre. Ele o havia enrolado com uma grossa corrente de bronze fechada com três cadeados, mas a madeira poderia ser partida a machadadas.

— Podes ficar em meu barco — disse Temístocles.

Pensou que se já tinha Fidípides, o melhor corredor da Grécia, que servia com ele como arqueiro de coberta, por que não dispor também do melhor mergulhador? Em algum momento acabaria sendo útil.

Se Sicino, o Hércules persa, os acompanhasse, o *Artemisia* poderia parecer o lendário navio dos Argonautas, cheio de heróis. Mas Sicino havia ficado em Atenas para proteger Apolônia e as meninas. Considerando a quantidade de inimigos que Temístocles tinha, era um gesto muito altruísta de sua parte. Apesar disso, Apolônia nem sequer deixara que Itália e Sibaris se despedissem dele quando partira para a guerra.

— Eu te odeio — dissera ela em sua última conversa.

Já não chorava nem levantava a voz. Cada vez que recordava a fria serenidade de seu tom e a dureza de seu olhar, Temístocles sentia calafrios.

— Eu me arrependo de ter te conhecido. Seria melhor que eu houvesse morrido em Erétria com meu verdadeiro esposo.

— Como podes dizer isso? Também te arrependes de nossas filhas? Vais renegá-las?

Apolônia se calara durante alguns segundos, sem saber o que dizer. Mas logo respondera:

— Não as envolvas nisso. Tu sujias tudo o que tocas, Temístocles. Deixa que continuem sendo puras.

Por mais que pensasse nisso, Temístocles não encontrava a lógica daquela resposta e a atribuía ao peculiar modo de pensar feminino. Mas as últimas palavras que Apolônia lhe havia dirigido ele as levava gravadas a fogo na memória. “Tu sujias tudo o que tocas.”

A conversa com Escílias, dado o volume em que falava, não ficou exatamente em segredo. Conforme percorriam o acampamento, os rumores foram engrossando. No fim, dizia-se que Escílias havia chegado do continente mergulhando mais de dez quilômetros e que a tempestade não havia afundado

dezenas de barcos de transporte, mas sim duzentas ou trezentas trirremes.

— Poseidon está conosco! — afirmavam os marinheiros.

O temporal não chegara a causar os destroços que os gregos queriam pensar, mas lhes oferecia uma oportunidade. Por causa dele a frota inimiga estava dispersa do monte Pelion até Áfetos e a ilha de Skiathos.

Atenas dispunha de cinquenta navios de reserva ancorados em Caristo, ao sul de Eubeia, caso os almirantes persas decidissem enviar parte de sua frota circum-navegando a costa oriental da ilha. Escílias informou a Temístocles que o alto comando inimigo não tinha a menor intenção de fazer isso. Demonstravam bom-senso, pois o litoral leste era muito mais escarpado e ficava a barlavento, o que o tornava muito perigoso. Acima de tudo, a estratégia planejada por Xerxes e Mardônio determinava que a frota e o exército de terra deviam avançar sempre em paralelo e à menor distância possível.

Assim que escutou isso, Temístocles, sem pedir a proteção de ninguém mais, mandou que acendessem as almenaras para dar o sinal combinado que ordenaria as cinquenta trirremes a se apresentar imediatamente em Artemísio. Calculava que em dois dias poderiam estar ali, mesmo que fosse remando em jornadas extenuantes de mais de doze horas.

Depois, convocou o almirante Euríbiades e os generais dos outros contingentes aliados. Sobre uma cópia de madeira do mapa de Hecateia, apontou os ancoradouros onde, segundo Escílias, se encontravam as diversas esquadras persas.

— Temos de aproveitar para atacá-los agora que estão com os barcos espalhados por toda esta região.

Euríbiades coçou o rosto com o toco da mão esquerda, como costumava fazer quando hesitava. Nele, a proverbial prudência Lacedemônia se somava à sua pouca experiência marítima. Embora em Esparta passasse por um lobo do mar, em comparação com outros generais como Temístocles ou o coríntio Adimanto não era mais que um profano.

— Estamos aqui para conter os persas, não para atacá-los — objetou.

— Contê-los para quê? — disse Arimnesto, veterano de Maratona e general do pequeno contingente de Plateia. Seus homens serviam como infantes de cobertura em várias trirremes atenienses. — Ah, sei! Trata-se de contê-los enquanto os trezentos soldados que haveis trazido destroem os cento e vinte mil homens de Xerxes nas Termópilas.

— Demonstra um pouco de respeito, plateia!

— Te recordo que não estás em Esparta, e que eu não sou um dos teus hilotas.

— Como te atreves, sendo de uma cidade minúscula, a desafiar a autoridade de Esparta?

— Minúscula e tudo, Plateia traz a esta guerra quase tantos homens quanto Esparta. E te recordo que nós já derrotamos os persas em Maratona, de modo

que temos tanto direito a opinar quanto vós.

— Eu sou o almirante supremo! — exclamou Euríbiades levantando o bastão para bater em Arimnesto.

— Calma, por favor! — disse Temístocles interpondo-se entre ambos.

Adimanto, por sua vez, segurou o general plateia e comentou algo. Arimnesto assentiu e depois disse em voz alta:

— Eu te peço desculpas, Euríbiades. Só sinto admiração por tua cidade. Tenho certeza de que Leônidas combaterá com valor nas Termópilas.

Euríbiades cruzou os braços e disse:

— Desculpas aceitas.

Temístocles suspeitava que os conselhos de guerra do exército persa não eram assim. Não imaginava os generais inimigos se insultando e ameaçando diante de Xerxes. *Mas é que nós não temos um Xerxes*, disse para si. Justamente por isso lutavam. Para não ter um Grande Rei. Para continuar sendo livres. Lutavam para que o general de uma cidade tão pequena como Plateia pudesse se dirigir com franqueza a um almirante de Esparta.

— Temístocles tem razão — disse Adimanto. — Temos de aproveitar esta oportunidade.

O coríntio tendia a concordar com Euríbiades, mais pela rivalidade que existia entre sua cidade e Atenas que por motivos razoáveis. Mas, assim como Temístocles, tinha o sal do mar no sangue e compreendia que, agora que a frota inimiga estava dispersa e debilitada após dias de tempestade, era o melhor momento de atacar.

Posto que oito dos treze generais estavam de acordo, Euríbiades se deixou convencer, mas com reservas. No dia seguinte, zarparam para o norte em direção a Áfetas. Mas partiram com cento e oitenta barcos e deixaram noventa varados na praia.

Tal como havia afirmado Escílias, em Áfetas encontraram apenas uma parte da frota persa, barcos jônios e cipriotas distribuídos por diversos ancoradouros e praias. O resultado da batalha elevou o moral dos gregos. Lutando em superioridade numérica, muitas vezes com duas trirremes investindo e abordando um único inimigo, levaram a pique alguns navios, capturaram outros e um deles, da ilha de Lemnos, inclusive passou para seu bando.

A batalha durou muito pouco, porque a escuridão caiu logo sobre eles. Euríbiades havia insistido para que zarpassem tarde; não queria arriscar a frota em uma batalha de um dia inteiro. Pensava que assim não poderiam sofrer muitas perdas; mas, obviamente, também não poderiam obter grandes ganhos.

No dia seguinte agiram da mesma forma. Dessa vez, atacaram a ilha de Skiathos, onde pela manhã os navios da Cilícia haviam atracado. De novo capturaram vários barcos, e inclusive incendiaram alguns que não tiveram tempo de desencilhar, enquanto seus tripulantes fugiam para dentro da ilha. Ao

entardecer, os gregos voltaram a Artemísio muito orgulhosos e rebocando suas presas. Ali encontraram as cinquenta trirremes de reforço que haviam acabado de chegar do sul da ilha.

Temístocles sabia que estavam apenas travando combates de pouca importância. Por isso, enquanto os membros da frota celebravam sua segunda vitória junto às fogueiras do acampamento, pediu ao Nervos que o acompanhasse.

— Quero que leves isto — disse pendurando-lhe um saco de couro nas costas.

Ao sentir a carga, Euforion se sacudiu em alguns cacoetes. Havia desenvolvido um novo: esfregar uma panturrilha com o peito do pé contrário seis vezes.

— Que caralho há nessa merda de saco que pesa tanto? Chumbo?

— Logo verás — respondeu Temístocles.

Para esconder o saco, pôs em cima o escudo de Euforion e o pendurou no pescoço de seu amigo com a correia do tiracolo.

— Ei, não sou uma maldita mula de carga.

— Vou te pedir duas coisas, Euforion. Vamos falar com Euribíades. Diante dele, tens de manter a boca fechada.

— Fica tranquilo. Não direi palavrões. Caralho!

Ele mesmo se deu conta de que havia deixado escapar um e tampou a boca com a mão.

— É melhor que não fales, nem mesmo para dar boa-noite. A segunda coisa que quero te pedir é que sejas discreto. Ninguém deve saber o que vamos fazer, de acordo?

Sem tirar a mão da boca, Euforion assentiu com três bruscos movimentos de cabeça. Temístocles lhe deu uma palmada amistosa no rosto. Sabia que seu amigo odiava aquele gesto. Mas, talvez porque se conheciam desde crianças, não podia evitar torturá-lo de vez em quando.

Caminharam pela praia polvilhada de fogueiras. Junto a elas, os homens jantavam, bebiam, jogavam tava ou dados, cantavam ou dançavam. Normalmente, os remadores, que eram de longe os membros mais numerosos da frota, sentavam-se separados dos hoplitas. Existia bastante rivalidade entre eles, mais ou menos acentuada segundo cada barco, e com frequência aconteciam brigas. Naquele exato momento, enquanto se dirigiam ao navio de Euribíades, Temístocles teve de separar uma, porque Euforion e ele praticamente passaram por cima de dois homens que rolavam pela areia trocando socos.

— Éuporo! Filocles!

Ambos se separaram e se levantaram, surpresos pelo fato de o primeiro general de sua frota conhecer o nome de dois humildes talamitas. Nesse caso, a briga era entre remadores, o que também não era estranho. Mais de cento e

setenta homens tinham de conviver durante muitas horas trancados em um estreito porão. Quando um não levava uma cotovelada de um companheiro ou uma pisada de outro, acabava dando uma cabeçada em algum dos pontaletes ou vigas que atravessavam o porão. Os talamitas, além de tudo, sofriam a umidade do fundo. Apesar dos manguitos de couro que tampavam os vãos, a água acabava entrando por eles, ou diretamente por entre as tábuas do bojo. Por mais que embreassem os cascos e retesassem os cabos mestres para apertar o tabuado, sempre havia infiltrações.

Temístocles não havia perdido o costume de remar durante as viagens para se manter em forma, e, de quebra, demonstrar aos cidadãos da quarta classe que considerava seu posto na frota tão honroso quanto qualquer outro. Por isso sabia que, das misérias sofridas ali embaixo, a pior era o cheiro. Quando os remadores ocupavam seus postos pela manhã, apesar de o navio ser ventilado durante a noite, o porão já exalava um fedor ácido, como de uma fábrica de queijos. Logo os homens começavam a suar, a temperatura subia e aquilo se transformava em um fétido caldário. Para piorar, em muitos navios as janelas do turco superior, o único lugar pelo qual se ventilava o porão, eram cobertas com grossas cortinas de couro para proteger os tranças das flechas inimigas. Os remadores do *Artemisia* haviam dito a Temístocles que preferiam correr o risco de ser atingidos por um projétil em troca de respirar um pouco de ar puro e não cozinhar lá dentro como crustáceos em um caldeirão.

Essas condições acabavam azedando o humor de qualquer um. Os momentos mais delicados eram o embarque e, especialmente, o desembarque, quando esses cento e setenta corpos esgotados e suados se chocavam e se roçavam. Às vezes, os remadores saíam aos socos mesmo antes de descer do navio, mas normalmente as brigas ficavam adormecidas e só estouravam horas ou até mesmo dias depois.

Éuporo e Filocles se puseram em pé e abaixaram a cabeça, envergonhados sob o olhar de seu general. O máximo que Temístocles podia fazer era repreendê-los. Nos velhos tempos poderia tê-los açoitado. Agora eram cidadãos com todos os direitos e só podiam ser castigados por um tribunal militar formado por outros cidadãos. Temístocles se congratulava por isso, mas às vezes sentia falta de uma disciplina mais estrita, e especialmente mais rápida e prática.

— Fico feliz de ver que, após dois dias de combates, os remadores atenienses ainda têm forças para se socar. Mas talvez devêssemos reservar um pouco de energia para remar amanhã contra os persas.

— Hoje não combatemos, senhor — respondeu Filocles, o mais jovem dos dois. — Coube-nos ficar na praia.

— Ah, entendo! Nesse caso, vou me assegurar de que amanhã o *Aglaya* navegue na vanguarda.

— Amanhã vamos combater outra vez, Temístocles? — perguntou outro

remador que estivera observando a briga de seus companheiros.

— É o que espero, Timoleão. Afinal de contas, isto é a guerra.

Após instaurar a paz entre aqueles dois, Temístocles e Euforion seguiram seu caminho. Atravessaram um pequeno pinhal e entraram no setor da praia onde acampavam os peloponenses. Não tardaram a chegar ao *Clitemnestra*, a nau capitânia de Euríbiades. O almirante estava sozinho, sentado na poltrona de trierarca. Temístocles suspeitava que fazia isso para imitá-lo, na crença de que talvez assim adquirisse suas virtudes marítimas. Sem mais delongas, disse a ele:

— Amanhã temos de lançar a frota toda, e cedo. Mais tardar, à hora em que se enche a ágora.

— É um risco inaceitável. Minhas ordens são não correr perigos desnecessários — respondeu Euríbiades.

— Todos recebemos ordens: dos conselhos da cidade, dos representantes da Aliança Helênica. Até de nossas esposas. — Como era de se esperar, Euríbiades não riu da piada. Temístocles não se coibiu e continuou: — Mas teus éforos e teu conselho de idosos estão a centenas de quilômetros daqui, em terra firme. A responsabilidade de tomar decisões está em tuas mãos, Euríbiades. Se a frota persa se congrega completamente, nestas águas tão abertas não teremos nenhuma chance contra eles. Temos de atacar amanhã em uma ofensiva geral e afundar ou capturar pelo menos uns setenta barcos. Senão, continuaremos só dando picadas de mosquito na pele de um elefante.

— E se já se houverem congregado? Podemos perder toda a frota em um só dia.

Na opinião de Temístocles, não podia ser bom jogador quem não estivesse disposto a arriscar tudo em uma só aposta. Mas em Esparta o jogo era proibido por lei. Até o uso do dinheiro estava proscrito, e, em tese, comerciavam recorrendo a enormes e complicados lingotes de ferro para evitar o excessivo enriquecimento e a corrupção.

Segundo Pausânias lhe havia explicado, todos os cidadãos de pleno direito, os verdadeiros espartanos conhecidos como Os Iguais, possuíam lotes de terra herdados de seus antepassados. Essas terras eram cultivadas pelos hilotas, subjugados pelos cidadãos, e delas obtinham o exato para levar uma vida frugal e sustentar suas famílias. Desse modo não eram obrigados a trabalhar e podiam dedicar todo seu tempo à milícia. Mas, com o tempo, um reduzido grupo de espartanos havia acumulado propriedades de forma mais ou menos encoberta. Alguns cidadãos se arruinavam por não poder contribuir para os *syssitia*, os banquetes comunais dos guerreiros. Outros morriam sem filhos, ou só deixavam filhas para herdar suas propriedades. A elite disfarçada dos novos oligarcas dava um jeito para monopolizar em suas mãos todas essas propriedades, subornando os éforos para que fizessem vista grossa.

E Euríbiades era um deles.

— Em Esparta há muito mais corrupção do que suspeitas — dissera-lhe Pausânias ao se despedir dele após a última reunião da Aliança. — Põe diante de qualquer espartano, de mim inclusive, algumas moedas de ouro e o verá correr como um cão atrás de um pau.

— E Euríbiades? Que me dizes dele?

— Euríbiades é dos mais corruptos. Vês a mão que lhe falta? Perdeu-a em uma batalha, mas em Esparta corre a história de que gangrenou de tanto esconder nela a prata dos subornos.

Com a mentalidade de jogador que faltava ao espartano, Temístocles decidira apostar forte.

— Há alguém no porão, Euríbiades? — perguntou.

— Neste momento, não.

— Podemos descer um instante?

Euríbiades olhou para Euforion com desconfiança.

— Está bem. — Voltou-se para Damocles, o robusto hilota que o escoltava o tempo todo, e disse que os acompanhasse.

Desceram ao porão e sentaram-se nos bancos dos talamitas.

Aquele porão cheirava ainda pior que os das trirremes atenienses. Temístocles pensou que não seria mal que o esfregassem e raspassem com escovas de raízes. Mas, em vez de criticar a higiene da frota espartana, disse a Euforion que tirasse o escudo. Depois, pegou o saco de couro, desamarrou o nó que o fechava e mostrou seu conteúdo a Euríbiades. À luz da lamparina que o hilota levava, o ouro dos dáricos se refletiu nos olhos do almirante.

— O que é isto?

— Meio talento de ouro. Para ti.

Após muito regatear, havia conseguido que Escílias lhe desse aqueles dáricos em troca de cinco talentos de prata. Temístocles havia levado consigo os dez que Címon lhe devolvera pensando que teria de subornar algumas vontades. Especificamente, a de Euríbiades. *Esta maldita guerra vai me arruinar*, disse para si. Seu ecônomo lhe havia dito que entre os gastos de Delfos e o dinheiro dado de seu próprio pecúlio para os barcos havia consumido mais da metade de seus bens. Temístocles sabia muito bem, pois não perdia a conta de um cobre, mas preferia não pensar nisso até que tivesse oportunidade de recuperar sua fortuna.

Ao que parecia, havia acertado na aposta. Euríbiades sorriu. Seu rosto se transformou ao fazê-lo. Um sátiro não teria olhado uma ninfa nua com tanta luxúria. Enfiou a mão direita no saco e tirou um punhado de dáricos.

— Agora estamos começando a nos entender — disse com uma crua sinceridade que surpreendeu Temístocles.

É melhor resolvermos isto o quanto antes, pensou. Se desse tempo a Euríbiades para pensar, sua cobiça podia se avivar e talvez decidisse extorqui-lo um pouco mais.

— Quero que dê ouvidos a meus conselhos — disse Temístocles. — Podes fingir que te opões a eles diante dos outros generais, mas na medida exata para disfarçar. Depois, deves ceder.

— O almirante supremo sou eu, não tu — respondeu Euríbiades, mas seus olhos não se afastavam das moedas marcadas com o troquel de Dario.

— Ninguém afirma o contrário. Eu tenho assessores que me aconselham em matérias nas quais sou leigo. E eu lhes pago. Porém, tu podes desfrutar de meus serviços grátis. E inclusive — acrescentou apontando o saco de ouro — recebendo uma pequena doação.

— Isto não será suficiente — disse Euríbiades afastando por fim o olhar dos dáricos.

Eu já imaginava.

— Haverá mais. Mais três talentos de prata. Mas só quando isto acabar.

— Não me convences, ateniense. As guerras não acabam nunca.

— Esta acabará, acredita. Para o bem ou para o mal.

Temístocles deixou Euríbiades contando essas moedas que tão proibidas eram em Esparta. Ainda tinha outra visita a fazer. Adimanto comandava quarenta barcos, e, por sua experiência marítima, possuía mais respeito de seus colegas do Peloponeso que o próprio Euríbiades. Por mais que Temístocles lamentasse o gasto e que seu ecônomo jurasse por Hermes que a esse passo ficariam na ruína, Adimanto também teria de ganhar seu presente.

Ao amanhecer, enquanto nas Termópilas Megístias vaticinava a morte dos espartanos, o sacerdote ateniense Nicipo examinou o fígado do cordeiro que acabava de sacrificar e comprovou que suas vísceras não auguravam nenhuma desgraça. Depois, os catorze generais da frota aliada se reuniram junto ao altar erigido em homenagem a Ártemis, a caçadora. Temístocles expôs seu plano. Atacar os persas com todos os navios, sem reservar nenhum.

— É uma loucura! — opôs-se Euríbiades, com tal veemência que fez Temístocles suar. Estava representando seu papel ou dando-lhe uma rasteira? — Temos de deixar navios de reserva. Pelo menos trinta ou quarenta trirremes.

— Se é para reforçar nossa retaguarda e ir para onde mais foram necessários, estou de acordo — respondeu Temístocles. — Mas para isso haverá de lançá-los à água do mesmo modo. Se ficarem varados na praia, não nos servirão para nada.

O céu estava aberto. Por ora, a brisa refrescava, mas o dia prometia ser muito quente. Temístocles olhou para o leste. O reflexo do Sol na água o cegou, de modo que voltou a vista à sua esquerda para comprovar que o marulho era suave. Não se viam ondas espumosas na água.

— O tempo está excelente para os remadores. Devemos aproveitá-lo.

— Se o mar está calmo — interveio Sátiro, o general da ilha de Quios —,

devíamos levar em conta o que discutimos ontem. Quinze soldados a bordo é muito pouco. Os barcos inimigos levam trinta infantes de cobertura. Às vezes até mais.

— Já discutimos isso — respondeu Temístocles. — Nossas cobertas não estão preparadas para tantos hoplitas. Além disso, o peso adicional atrapalhará nossas manobras e deixará os navios mais lentos.

— Se nas batalhas destes dois dias perdemos barcos foi porque os inimigos que nos abordavam tinham mais hoplitas na ponte que nós — insistiu Sático. — Eu proponho que levemos pelo menos vinte e cinco soldados em cada navio, e melhor se forem trinta.

— Isso significaria redistribuir tripulações. Além disso, não temos homens suficientes para equipar todos os barcos com tantos hoplitas.

— Razão de sobra para que deixemos navios de reserva aqui! — disse Euribiades.

Temístocles tentou convencê-los de que essa reserva não serviria para nada se as trirremes não dispusessem de dotações de cobertura. Mas os generais haviam começado a falar todos ao mesmo tempo e a raciocinar em círculos viciosos, e argumentos como o de Temístocles eram muito sutis para tanta balbúrdia. Por fim, após discutir em vão durante um longo tempo, a proposta de Sático foi submetida à votação e apoiada por dez dos catorze generais. Embora parecesse uma maioria folgada, esses dez votos não representavam mais que um sexto dos navios. Tanto o exército quanto a frota da Aliança funcionavam de uma maneira muito peculiar. Contava-se um voto por cidade, mas algumas haviam fornecido mais da metade dos barcos, como era o caso de Atenas, e outras, como Quios, apenas dois.

Está bem. Que façam o que quiserem. Eu organizarei como entender minhas cento e oitenta trirremes, pensou quando abandonou a junta. Infelizmente, por não ser almirante supremo da frota, sua autoridade perante seus colegas atenienses também havia ficado comprometida. Quando se reuniu com os seis generais que haviam ido a Artemísio, descobriu que alguém os havia informado da recente votação.

— Nós também pensamos que devemos reforçar as dotações de cobertura — disse Andrônico, agindo como o porta-voz dos outros.

— É um erro, e sabeis disso.

— Ora — disse Leócrates, primo de Aristides e general da tribo Antiochis —, quinze homens a mais na cobertura não aumentam tanto o peso do navio, e duplicam sua força ofensiva.

— A força ofensiva de uma trirreme é seu esporão. Vós seguis pensando de forma antiquada. Isto não é Maratona. Estamos no mar!

Também não houve jeito de convencê-los. Para reorganizar a frota, gastaram boa parte da manhã e, quando zarparam, o Sol já estava quase em seu zênite.

Por fim, levavam duzentas e cinquenta trirremes com as cobertas lotadas de hoplitas. As dotações dos outros setenta navios permaneceram em terra não só guardando seus barcos, mas também os mastros e o velame dos que iam participar do combate. Em uma batalha naval, nenhum capitão se arriscava a utilizar as velas, pois um golpe de vento eventual podia arruinar qualquer manobra no momento mais inoportuno. Por isso, antes de zarpar desmontavam os paus e, dependendo da urgência da situação, abatiam-nos sobre a plataforma central ou os baixavam à terra para que não estorvassem os movimentos da tripulação.

Sentados na cobertura, com os escudos sobre o tabuado e abraçando seus próprios joelhos, visto que não havia outro lugar onde se segurar, iam vinte hoplitas: os dez habituais de sua dotação mais dez do *Euterpe*. Na popa, flanqueando Temístocles e seu piloto Heráclides, havia ainda quatro arqueiros citas vestindo calças de cores brilhantes que os faziam parecer persas, mas suas túnicas eram mais curtas e de mangas mais justas. Também Fidípides se encontrava ali, armado com seu próprio arco de madeira de teixo. Quando menino, antes de se tornar mensageiro, havia ganhado a vida caçando coelhos e lebres pelos montes da Ática, e ainda conservava a pontaria.

Em pé, na passarela baixa que separava as duas cobertas, iam os marinheiros, armados de espadas, dardos ou arcos. Não era missão deles participar do primeiro choque. Mas, no final, acabavam envolvidos, visto que sua vida também correria perigo se permitissem que o navio caísse em poder do inimigo.

Gente demais a bordo, pensou Temístocles. Sentado em seu posto, sentia em seu traseiro o pulso do navio, o modo como quebrava as ondas com seu ventre, suas guinadas, o rítmico vogar dos remadores que seguiam o agudo trinado da flauta. Mas também percebia os movimentos dos hoplitas na cobertura. Os remadores, especialmente os da bancada superior, costumavam se queixar quando havia muito movimento sobre sua cabeça. As trirremes eram tão leves e tinham tão pouco calado que logo ocorriam balanços ou cabeceios que dificultavam seu trabalho.

Em uma trirreme, como em um coro de baile, o ritmo era tudo. Embora tranitas, zygitas e talamitas remassem em bancos dispostos a várias alturas, as pás praticamente convergiam na água, de modo que qualquer distração ou falta de coordenação provocava choques entre elas. Em um dia de verão como aquele, quase sem vento nem mar de fundo, os remadores que iam à proa trabalhavam com certo conforto, rompendo uma superfície lisa e sem turbulências. Mas os que iam atrás encontravam águas cada vez mais agitadas pelos remos de seus companheiros. E no momento em que se erguia uma marulhada um pouco mais forte, os remos começavam a açoitar mais o ar que a água; isso descompensava os movimentos do navio, provocava mais colisões entre as pás e, conseqüentemente, impossibilitava o combate naval.

Por ora, a superfície do mar era de um azul intenso e puro sem mais espuma que a levantada pelas proas e pelos próprios remos das trirremes. A frota havia se desdobrado com duas linhas de profundidade, cobrindo uma frente de quase três quilômetros. Os atenienses ocupavam a ala direita, mas, posto que seus barcos eram mais da metade, isso significava que também cobriam o centro da formação.

Ao contrário do procedimento habitual nos combates terrestres, Temístocles não ia no extremo direito de sua frota. Os trinta navios de sua esquadra, a *Erictônia*, formavam na parte central, onde ele podia controlar melhor a situação. Por ora, as trirremes navegavam alinhadas, e do assento de Temístocles as gráteis curvas dos cadastes de popa se viam superpostas como imagens repetidas em espelhos paralelos.

A estibordo avançava o *Perséfone*. Seu trierarca, Clínia, filho de Alcibiades, saudou-o com a mão.

— Um dia magnífico! — exclamou Temístocles.

— Vais ver que logo vão estragá-lo! — respondeu Clínia. — Olha à frente!

Diante deles divisava-se a escarpada linha da costa de Áfetos, com a qual já se haviam familiarizado após as batalhas dos dois dias anteriores. Mas agora havia algo novo. Temístocles semicerrou os olhos para ver melhor e conseguiu distinguir à frente do litoral uma linha escura da qual o Sol arrancava reflexos dispersos.

A frota inimiga. Dessa vez os almirantes persas haviam se adiantado em vez de esperar receber um novo ataque. E, a julgar pela separação entre uma ponta e outra da formação, que parecia abarcar todo o horizonte, dessa vez tinham muitos barcos.

Ou melhor, todos os barcos, pensou.

— Hoje não vai ser igual — disse seu piloto voltando-se para ele. — Deve haver pelo menos mil trirremes.

— Deixa por um terço disso, Heráclides — respondeu Temístocles para evitar que o alarme disparasse na tripulação.

Conforme as duas frotas se aproximavam, calculou que, ainda que Heráclides houvesse exagerado, era fácil perceber que os barcos persas eram o dobro deles. Vinham contra eles mais de quinhentas trirremes, talvez seiscentos.

Recordou as palavras de Euríbiades. “Podemos perder a frota toda em um só dia.”

— De que país são esses que estão a nossa frente? — gritou Temístocles dirigindo-se ao oficial de proa, que gozava de uma vista digna do argonauta Linceu.

— Creio que fenícios!

— Excelente! Os melhores rivais para a melhor esquadra de toda a frota grega.

Estava longe de acreditar no que dizia, mas precisava animar a tripulação. Ambas as frotas se dirigiam ao choque como falanges, mas em vez de batidas de pés e cânticos ouvia-se o rumor dos aríetes cortando a água, o poderoso e compassado mergulho dos remos e os penetrantes assovios das flautas. Ninguém falava. Em outras ocasiões os remadores entoavam canções de voga, mas agora só se ouviam seus ofegos. Deviam estar atentos às ordens de manobra, que no porão eram difíceis de escutar, visto que a aglomeração de corpos e vigas de madeira abafava os sons.

Os hoplitas, embora impacientes para entrar em ação, permaneciam agachados no lugar para não perturbar as manobras. Euforion, sentado na cobertura de estibordo, era o único que não conseguia ficar quieto. Pelo menos não mexia as pernas. Seus cacóetes, naquele momento, reduziam-se a arrancar as plumas do penacho. Os dez infantes que não pertenciam à dotação do *Artemisia* e, portanto, não conheciam o Nervos, andavam rindo dele desde que embarcaram. Mas agora, fosse porque haviam se acostumado a suas excentricidades ou porque compreendiam a gravidade da situação, permaneciam calados.

A frota persa já se encontrava tão perto que seus extremos se perdiam de vista e a esquadra que estava diante deles ocupava todo o horizonte de Temístocles. Um de seus navios vinha direto para a proa do *Artemisia*, em rota de colisão frontal.

— Isso que tem na frente é um ídolo de ouro maciço — disse Fidípides. — Podemos tirar um ótimo butim disso.

— Não comeces a lamber os beiços! — respondeu Escílias. O mergulhador estava sentado na escada da passarela central, aos pés do timoneiro. — Se essa estátua fosse maciça, o navio afundaria de proa! É só madeira pintada!

Até então, os únicos enfrentamentos de Temístocles contra os fenícios haviam consistido em ações de pirataria não muito heroicas. Mas conhecia a manobra favorita deles. O *diekplous*. Fingir uma investida frontal contra os barcos inimigos para, no último momento, dar uma guinada e passar entre eles. Dessa maneira, suas trirremes podiam aparecer na retaguarda da formação, virar com rapidez e atacar as popas desguarnecidas do adversário.

Temístocles deu uma ordem ao porta-estandarte. Este içou uma bandeira azul no pau que se erguia por cima da popa. A trirreme que navegava atrás deles, a *Proteu*, virou uns metros a estibordo a fim de fechar o vão e ficou entre o *Perséfone* e o *Artemisia*. A mesma manobra se repetiu pelas linhas de toda a frota ateniense.

— Tentai o *diekplous* agora, filhos da mãe — murmurou.

O navio fenício estava a menos de cem metros. De sua proa, o rosto de seu deus marítimo, Dagon, olhava-os com ódio. Se nenhuma das trirremes desviasse seu rumo, chocariam esporão contra esporão. O timoneiro se voltou para

Temístocles.

— Acho que é o momento — disse.

— Pois faça.

Heráclides virou a bombordo e apontou a proa para o barco que vinha à esquerda da trirreme fenícia, como se houvesse mudado de alvo. Durante alguns instantes, a manobra ofereceu ao ariete inimigo a amurada e o flanco de estibordo do *Artemisia*. Mas não era essa a intenção de Temístocles. Apenas segundos depois, ordenou:

— Tudo a estibordo!

O piloto puxou a cana do leme que manejava o timão direito e empurrou a vara do esquerdo. O comitre, que estava acororado na passarela ao lado de Escílias, gritou uma ordem ao flautista e este a transmitiu aos remadores. Os de bombordo continuaram remando, ao passo que os de estibordo levantaram as pás no ar durante um instante, tornaram a cravá-las na água e ciaram invertendo o movimento dos braços. Em meio à espuma, o *Artemisia* deu uma guinada à direita tão brusca que os hoplitas tiveram de se segurar na borda da passarela central para não escorregar, e a proa apontou de novo para o primeiro inimigo, agora de través e não de frente.

— Magnífico! — exclamou Temístocles.

Poucos barcos na frota grega tinham remadores capazes de realizar essa manobra em um espaço tão reduzido.

Por infelicidade, a tripulação do barco fenício era tão competente quanto a do *Artemisia*, e seu triararca se antecipou a eles manobrando de forma quase simétrica. O ariete de Temístocles não se encontrou com a amurada do barco inimigo, como pretendia, mas sim com seu esporão chapado de bronze. Embora houvessem se chocado com certo ângulo, o impacto sacudiu o *Artemisia* de proa a popa. Temístocles havia se agarrado com força aos braços da poltrona, mas, ainda assim, quase saiu voando e sentiu que se sacudia até os dentes, ao passo que os infantes de coberta rolaram sobre suas costas como tartarugas indefesas.

Após o horrível estalo do choque, houve um instante de silêncio. Mas os hoplitas não tardaram a se levantar e, aos gritos de guerra, correram para defender a proa do *Artemisia*.

— Ciar! — ordenou Temístocles.

Ainda que tentassem retroceder invertendo a remada, os dois navios haviam ficado travados. Os hoplitas do *Artemisia* se aglomeraram na proa, assim como os soldados do barco inimigo, o que fez que as popas dos dois navios se levantassem. Isso dificultou a tarefa dos dois timoneiros, que tentavam manobrar para desenganchar os arietes enquanto os comitres gritavam ordens a suas respectivas equipes de remadores. Começou uma estranha dança entre as trirremes: ora pareciam se buscar, e ora se afastar. Os infantes inimigos, persas e medos, atiravam flechas em tudo o que se movia na coberta do *Artemisia*. E

Fidípides e os citas respondiam como podiam. O próprio Temístocles havia abandonado seu posto de trierarca para cobrir o piloto com seu escudo. Naquele momento, Heráclides era o homem mais valioso a bordo.

Por fim, quando as proas se soltaram e as laterais dos dois navios ficaram perto o suficiente, os marinheiros do *Artemisia* pularam da passarela e jogaram os ganchos de abordagem. Uma vez enganchados na borda do barco fenício, refugiaram-se de novo na relativa segurança da passarela e dali puxaram as cordas dos ganchos. Os dois barcos começaram a se aproximar. Uma vez atracados acostados, seria o momento de fazer a abordagem. Temístocles empunhou seu escudo e correu à coberta de bombordo com os outros hoplitas, cujo peso havia inclinado o navio mais de um palmo. De soslaio, Temístocles vira que o *Perséfone* estava se batendo a estibordo com outro inimigo, enquanto a bombordo, além do navio fenício, travavam-se combates em condições similares.

Mas tudo isso estava já fora de seu controle. Dos elementos que provocavam o caos em uma batalha campal, ali só faltava o pó. No entanto, o chão que pisavam se movia como em um terremoto constante, o que aumentava o risco de cair pela borda ao ser ferido por uma flecha ou lança inimiga. E o barulho era ainda mais ensurdecedor. Aos gritos dos homens e o clangor das armas, somavam-se o grave e assustador ruído dos navios que se chocavam, os rangidos das grandes tábuas que se quebravam sob os esporões e os brutais estalos dos remos de abeto que se despedaçavam como palitos de dente. Tudo isso acompanhado pelo aturdidor barulho de milhares de pás golpeando as águas e levantando jatos de espuma.

Os infantes aguardavam quase à beira da coberta o momento de saltar para o navio inimigo, curvados atrás de seus escudos para se proteger das flechas dos arqueiros iranianos. Já haviam disparado seus dardos e empunhavam as lanças, mais longas que as que se usavam em terra para poder ferir com elas mesmo os navios que ainda não estivessem borda contra borda.

Quando os inimigos já estavam quase ao alcance de suas lanças, os marinheiros fenícios se misturaram aos soldados, providos de facões, e se dedicaram a cortar as cordas dos ganchos.

— Filhos da puta covardes, não façais isso! — gritou Euforion.

— Vamos atrás deles! — exclamou um hoplita chamado Sófron, pendurando o escudo do pescoço.

— Não sejas louco! — lhe disse Temístocles. — Estão muito longe!

Os dois metros que separavam ambos os barcos podiam parecer uma distância curta, mas não para um homem carregado quase trinta quilos de armas. Sófron pulou e conseguiu tocar com a mão esquerda a borda do barco fenício, mas depois deslizou e caiu como chumbo na água.

Alguns marinheiros fenícios haviam levado longas varas com gancho com que

empurravam o flanco do *Artemisia* para afastá-lo. Já não restava nenhuma corda que os unisse, e a trirreme se afastou deles; mas, antes, os arqueiros persas dispararam uma saraivada de flechas contra os vãos dos remadores. Pelos gritos que subiram do porão, Temístocles imaginou que haviam atingido vários talamitas.

À sua esquerda, ouviu um mergulho.

— Quem mais caiu na água?

— Ninguém! — respondeu Fidípides. — Foi Escílias que pulou!

Durante um instante, Temístocles pensou que era um momento muito estranho para desertar. Logo descobriu que o mergulhador havia saltado da borda amarrado a um grosso cabo enganchado em uma coluna da passarela.

— Parem de remar a bombordo! — gritou Temístocles, e o timoneiro transmitiu sua ordem ao comitre.

Instantes depois, a cabeça de Escílias saiu dentre a espuma. Segurava Sófron. Os marinheiros puxaram a corda e ajudaram os dois homens a sair da água.

Enquanto Sófron, cuja armadura Escílias havia conseguido arrancar sob a superfície, tossia e cuspiam água na coberta, Temístocles disse ao mergulhador:

— Para um homem quase rico, tu te arriscas demais.

— Não gosto de deixar que as pessoas se afoguem! É uma morte horrível! — respondeu Escílias puxando o bigode. Usava uma gordura tão grossa que suas pontas continuavam duras mesmo depois de ter mergulhado.

— Tu és um herói, amigo. Que farás se eu, que te devo tanto dinheiro, cair na água?

O mergulhador soltou uma gargalhada e deu-lhe um tapinha nas costas.

— Eu te arrancarei das garras de Poseidon nem que tenha de lhe cravar seu tridente no cu!

A estibordo, o *Perséfone* havia conseguido fincar seu esporão na trirreme inimiga. Ao afastar-se cianco, a água entrou no porão do navio, que começou a se inclinar com rapidez e acabou virando, em meio a gritos de pavor de seus remadores. Os homens do *Artemisia* aclamaram seus companheiros do *Perséfone*, e Temístocles saudou Clíncias com a mão.

O oficial de proa lhe comunicou que haviam perdido o aríete no choque com o navio fenício. Isso os deixava desarmados, e ainda por cima havia debilitado a estrutura do barco.

— Devíamos nos retirar, senhor — disse o carpinteiro após subir do porão. — Está entrando água no bojo.

— Tanto a ponto de afundarmos?

— Por ora, não, mas nos fará manobrar mais devagar. Além do mais, perdemos cinco remadores de bombordo.

Os tripulantes já sabiam o que tinham de fazer, de modo que Temístocles não perdeu tempo com instruções desnecessárias. O comitre distribuiu os remadores

para manter a simetria de voga, e os marinheiros retesaram os cabos mestres para apertar as quadernas. A única ordem que deu foi a Heráclides:

— Meia-volta! Vamos voltar à praia!

— Estamos nos retirando do combate? — perguntou um hoplita.

— Não! Há muitos barcos intactos na margem. Vamos pegar um emprestado.

Saber quem havia vencido uma batalha naval era mais complicado que em uma terrestre. O campo em que se travava o combate era muito mais extenso, e a possibilidade de se comunicar de uma ponta a outra quase nula. Enquanto combateu nas águas da região central, primeiro com o *Artemisia* e depois com o *Tisifone*, Temístocles teve a impressão de que o resultado estava equilibrado. Mas seu campo de visão era limitado e no caos da batalha não sabia o que estava acontecendo em outros lugares.

Somente quando toda a frota grega chegou à praia e Temístocles recebeu informes e inspecionou pessoalmente os danos foi que começou a ter uma ideia mais exata do que havia acontecido. E o panorama não era para rir.

Ao longo do dia haviam travado centenas de duelos como o mantido pelo *Artemisia* com o primeiro navio fenício. Na maioria dos casos, os barcos se chocavam em ângulos tais que praticamente rebotavam uns contra os outros e os esporões não chegavam a abrir grandes buracos nos cascos. Depois, dependendo de quão aguerridos fossem os tripulantes e hoplitas e da agressividade dos trierarcas e pilotos, as trirremes se atracavam acostados e tentavam se aboridar mutuamente, ou se esquivavam e se limitavam a atirar flechas e dardos. Enquanto não se chegasse a lutar corpo a corpo, os infantes de coberta, bem protegidos, mal sofriam baixas nessas trocas de projéteis. Os talamitas, porém, pagavam o privilégio de remar na bancada superior e eram os que mais se feriam através dos amplos vãos dos remos, pois, além de tudo, os arqueiros os punham intencionalmente na mira. Quase nus como estavam, muitos deles morriam sobre a empunhadura de madeira ou caíam em cima de seus companheiros dos bancos inferiores.

Nesses enfrentamentos, os barcos fenícios demonstraram sua superioridade sobre os gregos. Embora estivessem tão carregados de soldados quanto eles e fossem mais altos e pesados por ter balaustradas e cobertas completas, manobravam com perícia superior e se moviam com mais rapidez. Cientes de que seus infantes de coberta, iranianos armados com arcos, eram mais eficazes a distância que no combate corpo a corpo, evitavam a abordagem sempre que podiam e tentavam danificar os barcos gregos com seus arietes. Também praticavam a arriscada e difícil manobra de avançar de frente para um barco inimigo, esconder os remos, virar no último instante e passar roçando o casco do adversário. Com isso não só quebravam a maioria dos remos de um flanco, como também arrancavam os toletes e pedaços de madeira dos vãos. Os

próprios remos, ao se partir, feriam aos homens que os manejavam. Uns ficavam sem os dentes, outros com fraturas nos dedos ou nas costelas, e alguns remadores morriam ao receber o golpe de uma empunhadura de remo na cabeça.

Só a esquadra *Erictônia*, onde formava o *Artemisia*, pôde afirmar que seu duelo com os fenícios havia acabado em empate. O herói do dia era Clínias, triararca do *Perséfone*, que havia conseguido mandar a pique uma trirreme asiática e capturar outra. Mas as demais esquadras haviam sofrido mais baixas que as infligidas ao inimigo.

Os flancos da formação sofreram os piores danos. Ali a frota persa fez valer sua superioridade numérica desdobrando-se em quarto crescente e recorrendo a manobras envolventes, de modo que muitas trirremes da Aliança viram-se atacadas por dois ou três inimigos. Na ala direita, a esquadra ateniense *Cécrope* havia perdido quinze de seus trinta barcos na nauaquia contra os fenícios, e na esquerda os egípcios haviam causado grandes estragos na frota do Peloponeso.

Felizmente, passada metade da tarde, o etésio começou a soprar com certa força e a arrancar espuma das cristas das ondas. Os almirantes persas deviam temer que se levantasse uma ventania como aquela que nos dias anteriores havia feito naufragar parte de sua frota de transporte, e posto que eram eles que estavam mais longe de sua base em Áfetas, deram ordem de retirada. Mais tarde, após fazer o cálculo de baixas, Temístocles compreendeu que essa decisão os havia salvado, pois ainda restavam duas horas de luz e o vento amainou logo.

Na ponte do *Artemisia*, após escutar o relato do desastre final nas Termópilas, Temístocles resumiu a Címon o resultado da batalha naval. À proa soavam as marteladas dos carpinteiros que estavam encaixando o esporão de um navio jônico tomado do inimigo.

— Entre trirremes afundadas e inutilizadas, perdemos setenta barcos. Segundo a última contagem, faltam quase dez mil homens. Suponho que alguns vão chegar nadando ao longo da noite, mas receio que serão poucos. Dentre os mortos estão os generais das tribos Antiochis e da Hipotântide.

— Quantos barcos capturamos?

— Trinta. E se os triararcas com quem falei não estiverem mentindo, afundamos outros vinte e cinco.

— Nesse caso, perdemos a batalha por cinquenta e cinco barcos contra setenta. Isso pode ser considerado quase um empate.

— Se os persas não houvessem decidido se retirar por conta do vento, sua frota teria cercado a nossa e nos aniquilado como fizemos nós com eles em Maratona. Os fenícios e os egípcios demonstraram que são marinheiros melhores que nós — reconheceu Temístocles com toda a frieza. — E tirar setenta barcos de uma frota de trezentos não é o mesmo que tirar cinquenta e cinco de outra que dispõe de mais de seiscentos. Com dois “empates” como este, não teremos mais

remédio que fugir para a Itália ou nos rendermos a Xerxes.

Címon, que havia abaixado a cabeça ao compreender a gravidade da situação, olhou para Temístocles com um brilho de fúria nos olhos.

— Isso nunca! Leônidas não merece que fales assim.

Temístocles pensou que, embora houvesse empunhado um remo diante da assembleia ateniense, no fundo de seu coração Címon continuava sendo um aristocrata que se comovia mais com o sacrifício de trezentos hoplitas no campo de batalha que com a morte quase anônima de dez mil homens nas águas do Egeu. Afinal de contas, de seu ponto de vista muitos deles eram cidadãos pobres ou escravos cuja vida não tinha o mesmo valor.

Com um suspiro, Temístocles se levantou. Ao fazer isso notou que todo seu corpo doía. *Estou ficando velho para a guerra*, pensou.

— Foi um modo de falar, meu querido Címon. Quando toda a Grécia houver entregado a Xerxes a água e a terra que ele tanto anseia, eu continuarei negando-as, mesmo que fique sozinho em meu empenho.

— Lindas palavras, Temístocles. Mas talvez fiques sozinho de verdade. Como vais convencer nossos aliados a enfrentar de novo a frota persa se já comprovaram que é superior à nossa?

— Algo terei de inventar. Por terra é impossível deter Xerxes. Nem mesmo um passo como as Termópilas o deteve, e não podemos contar com que os espartanos nos ajudem a defender Atenas. Empregamos todos os nossos recursos na frota. Agora é tarde demais para apostar em outra coisa.

— Pois receio que tua aposta não funcionará. Os fenícios singram os mares desde muito antes da guerra de Troia. Tu pretendias transformar os atenienses em marinheiros experientes em menos de três anos. Era impossível que desse certo.

Obrigado por teu apoio, pensou Temístocles, mas poupou o sarcasmo.

Quando Címon o deixou sozinho, Temístocles descobriu que seus problemas ainda não haviam acabado. Embora não estivesse com fome, ia descer à terra para comer alguma coisa. Nesse momento, viu Andrônico se aproximar da escadinha do *Artemísia*. Não estava acompanhado por nenhum dos homens de sua tribo, apenas por Telo. O atleta do pancrácio era proteção mais que suficiente para atravessar o acampamento à noite.

— Quero falar contigo, Temístocles.

— Sobe.

Telo ficou jogando dados com um grupo de remadores. Temístocles pensou que não seria nada mal que ocorresse uma briga, algo que costumava acontecer nessas partidas, e que seus homens apunhalassem o escravo de Andrônico. Mas receava que antes de se meter em problemas com o pugilista prefeririam deixá-lo ganhar.

Os degraus de madeira rangeram sob o peso de Andrônico. Temístocles voltou a se sentar em seu lugar de triararca, e sem convidar o general a fazer o mesmo, posto que não havia nenhum outro assento na cobertura, incitou-o a falar.

— Venho te fazer um favor, Temístocles — disse Andrônico.

— Eu te agradeço de antemão. Sou todo ouvidos.

— Teu prestígio não está em seu melhor momento. Até a chusma de remadores na qual sempre te apoiaste pensa que cometeste um erro atacando os persas.

— Sei que tu és dos que ficaram em terra com os navios de reserva, Andrônico. Mas podes perguntar a qualquer um, e te dirão que os persas vinham nos atacar. A prova é que combatemos mais perto de Artemísio que de Áfetas.

Andrônico desprezou esse argumento com um movimento de mão e semicerrou os olhos. *Ah, sempre tão pejorativo*, pensou Temístocles.

— Isso me é indiferente. A questão é que quando voltarmos a Atenas vais encontrar problemas. E esses problemas têm um nome.

— Qual?

— Aristides. Agora que seu primo Leócrates morreu, estão pensando em nomeá-lo general da tribo Antiochis.

— Isso é uma irregularidade. Não se podem nomear novos generais até o verão que vem.

Andrônico deu de ombros.

— Na guerra se cometem muitas irregularidades. Tu bem sabes como é volúvel a plebe. Muitos estão se arrependendo de ter votado pelo desterro de Aristides. Pensam que se o Justo estiver no comando — Andrônico pronunciou o apelido com deboche —, os deuses favorecerão mais nossa causa. De modo que estão falando de revogar tua nomeação de autocrata para dá-la a ele.

Embora a noite fosse quente, um calafrio percorreu as costas de Temístocles.

— Qual é o favor que me propões, Andrônico?

— Apoiar-te na junta de generais. Argumentarei que tuas decisões foram corretas e que deves continuar sendo o autocrata.

— Quanto vai me custar desta vez?

— Nada que não possas pagar, Temístocles. Sei que quando chegamos a Artemísio os eubeios te deram trinta talentos de prata para que convenceses Euríbiades e os generais das demais cidades a não abandonar a ilha.

— Isso é absurdo. Não iríamos abandonar Eubeia de jeito nenhum. — *Pelo menos não até que as Termópilas caíssem*, acrescentou para si. — Ninguém me entregou trinta talentos de prata, nem dez, nem cinco.

— É curioso que digas “cinco”. Afirmam justamente que, desses trinta, tu entregaste cinco a Euríbiades. E que quem os levou escondidos debaixo do escudo foi esse teu amigo que parece possuído.

Embora aquele rumor misturasse mentiras com uma informação muito

concreta e veraz, Temístocles olhou nos olhos de Andrônico e, sem fazer o menor movimento com as mãos para não se trair, disse:

— Isso é falso.

— Também é falso que deste outros três talentos ao general coríntio?

Temístocles sustentou de novo o olhar sem pestanejar e respondeu:

— Tão falso quanto o primeiro.

Ou alguém estava espiando seus movimentos com muita habilidade, ou ele estava ficando muito inepto. Porque, de novo, o dardo de Andrônico havia acertado no alvo. Era verdade que havia enviado a Adimanto o equivalente em ouro a três talentos de prata escondido dentro de uma cesta de comida.

Começava a suspeitar a identidade de quem propalava esses boatos e os misturava com informações verazes. Ao que parecia, as traições não tinham fim. Mas enfrentaria esse problema em seu momento. Agora tinha outro nas mãos.

— Lamento, Temístocles, mas não acredito — disse Andrônico. — Sei que o suborno é uma de tuas habilidades.

A única habilidade que tu possuis é aceitá-lo, pensou Temístocles.

— Quero minha parte para te apoiar na junta. Cinco talentos.

— Estás...

— Espera, Temístocles. Não terminei. Também quero minha parte para não te denunciar perante o conselho e a assembleia por corrupção. Mais cinco talentos. Dez no total. Ainda te restarão doze dos que te entregaram os eubeios, não te queixes.

— Vejo que sabes somar.

— E os quero em ouro. É mais discreto e mais fácil de transportar.

Temístocles assentiu.

— Agora te darei dois, mas terá que ser em prata. O resto te entregarei quando estivermos em Atenas.

— Não me convence.

— Terá que te convencer. Se te entregar tudo agora, quem me garante que depois não me trairás e votarás a favor de Aristides?

— E quem me garante que me darás os outros oito talentos?

Temístocles se levantou e desembainhou sua espada. Andrônico retrocedeu, mal interpretando suas intenções. Durante um instante, Temístocles desfrutou sua expressão de terror. Depois, passou o gume da espada pela palma da mão esquerda e deixou que umas gotas de sangue caíssem na coberta.

— Eu juro por Gaia, Poseidon e Urano estrelado, por Hécate e Perséfone, pelas águas da Estígia e o Aqueronte, pelos cabelos serpentinados das Fúrias e o terrível olhar das três Górgonas que eu mesmo irei levar a tua casa esses oito talentos antes que acabe a próxima lua cheia. Do contrário, que meus miolos se espalhem pelo chão como este sangue e que Apolo e Ártemis aniquilem meus filhos com suas flechas como fizeram com os filhos de Niobe.

Andrônico engoliu em seco e ficou calado por alguns segundos. Depois disse:
— Terrível juramento fizeste, na verdade, Temístocles. Aceitarei tua palavra. Mas, antes que zarpemos para Atenas quero esses dois talentos que me prometeste.

— Fica tranquilo, os terás.

Quando já estava descendo a escadinha, Andrônico se lembrou de algo e se voltou.

— Isto não afeta nosso outro trato, evidentemente. Minha renda anual por conta do caso de Delfos não tem nada a ver com este assunto — disse com um sorriso cruel.

— Sanguessuga asqueroso — murmurou Temístocles apertando os dentes.

Andrônico levou seu escravo, que saiu tão satisfeito com os óbolos que havia ganhado quanto seu amo com a promessa dos talentos. Temístocles havia perdido o pouco apetite que lhe restava. Ficou sentado em sua poltrona, com o olhar baixo. A luz prateada da Lua recortava sua silhueta no tabuado da coberta. A silhueta de um homem derrotado.

As coisas poderiam piorar? Quando seu ecônomo soubesse que aos oito talentos que havia gastado em subornos devia somar dez, levaria as mãos à cabeça. Havia cometido o erro de se deixar extorquir uma vez por Andrônico, de se mostrar frágil diante dele. Aquele homem não pararia de chantageá-lo. Além do mais, tinha alguém muito próximo a Temístocles que o informava de todos os seus movimentos.

Mas qualquer situação era passível de piora, e ele sabia. Embora Andrônico não lhe houvesse dito, Temístocles já suspeitava que a morte de Leócrates em combate lhe acarretaria prejuízos. Com o generalato da tribo Antiochis vacante, quem poderia evitar que elessem Aristides para o cargo? E o Justo não era homem de se deixar subornar.

Não podia acabar bem o que tão mal havia começado. Primeiro, a ingratidão de Címon. A seguir, o problema com Apolônia. Temístocles sabia que quando voltasse a Atenas ela não estaria na casa do Pireu para recebê-lo. Como não estariam Itália e Sibaris também.

De repente, sentiu-se frágil e seus olhos se umedeceram. Se sua mãe o houvesse visto, teria esbofetead-o como fizera quando ele tinha nove anos e voltara chorando da escola de Fênix. Mas sua mãe não estava nem ali nem em Atenas. O que restava dela só era uma casca cada vez mais vazia que um dia havia se chamado Euterpe.

Enxugou uma lágrima e engoliu em seco. Não podia se mostrar frágil. Ele era Temístocles, filho de Néocles. Ainda demonstraria aos eupátridas e a toda a Grécia que podia fazer grandes coisas.

Mas que grandes coisas? Suas trirremes, os barcos com que sonhava havia

tantos anos e que por fim conseguira construir, haviam sido derrotadas pelos inimigos. Tinha de reconhecer: os fenícios, e também os egípcios, os superavam. Seus navios eram mais rápidos, mais manobráveis. Não porque fossem mais bem construídos, mas pelo que Címon havia acabado de lhe recordar.

Os atenienses se vangloriavam de ter nascido da terra, fecundada pelo sêmen de Hefesto quando Atena o limpou da perna com um trapo de lã e, enojada, jogou-o longe. Por isso estavam tão apegados ao solo. Era impossível transformá-los em marinheiros em tão pouco tempo. Seria necessária uma geração para um milagre assim. Temístocles tinha certeza de que, se repetissem dez vezes a batalha que haviam travado hoje, outras tantas sairiam derrotados.

Dessa vez não conseguiria deter o corcel negro de Xerxes. A única alternativa que restava aos gregos era morrer ou se submeter.

Suas costas estavam encharcadas de suor frio, e também suas mãos. Levantou-se para dar um passeio até a proa. Não queria falar com ninguém nem que seus homens o vissem assim. Mas mal havia avançado alguns passos quando teve de se segurar na cana do leme. Estava respirando muito rápido, em arfadas quase espasmódicas que não conseguia controlar. De repente, os músculos de seu peito se contraíram e sentiu uma dor terrível no lado esquerdo, como se uma garra de lobo estivesse sendo cravada em seu coração. Tentou pedir ajuda, mas as palavras não brotaram de sua boca. Cambaleou e caiu pelos degraus. É o fim, pensou, e durante um segundo rogou aos deuses que o ataque o matasse e não o transformasse em um inválido como Clístenes. Depois, sua cabeça bateu nas tábuas da passarela central.

Quando abriu os olhos viu sobre sua cabeça um céu negro. Levantou-se com precaução. Estava em uma planície branca, cheia de lírios e asfódelos que se estendiam até desaparecer na distância. Apesar de não haver lua e de as estrelas terem se apagado, podia ver as flores, assim como via a si mesmo iluminado por um resplendor que não provinha de lugar nenhum e que entalhava as formas com perfis cortantes.

Voltou-se. A alguns passos acabava o prado e começava uma praia que a luz fria tingia de azul. Dirigiu-se a ela e a areia estalou sob seus pés descalços. As águas escuras lambiam a margem com suavidade. Naquele mar não havia ondas, e de sua lisa superfície subiam espiras de vapor esbranquiçado. Ao longe erguiam-se uns penhascos negros sobre os quais voavam enormes sombras aladas.

Descobriu que não estava sozinho na praia. Não havia barcos, mas sim tripulações inteiras esperando que chegassem. Temístocles caminhou diante daquela fila interminável. Havia hoplitas com o escudo destruído ou a armadura perfurada por uma espada inimiga, marinheiros e remadores com flechas cravadas no corpo ou no pescoço, outros com a cabeça quebrada pelo golpe de

um remo ou uma tábua. Mas a maioria dos homens não estava ferida. Eram os afogados, milhares e milhares deles, com o rosto inchado e esverdeado e os membros tumefatos. Todos aqueles mortos esperavam que a barca de Caronte os fosse recolher para levá-los à outra margem.

Temístocles conhecia todos eles. Cidadãos das dez tribos de Atenas e colonos de Salamina ou de Eubeia. Enquanto passava diante deles recitava os nomes, os de seus pais e de seus demos. “Eufrosino filho de Dion, do demo de Deceleia. Ireneu filho de Pirro, do demo de Mirrinunte. Hipômenes filho de Passion, do demo de Prospalta.” Mas eram muitos, muitos. Queria cumprimentar todos, como se com isso pudesse lhes devolver a vida, ou talvez para mostrar que não haviam caído no esquecimento, que existia pelo menos uma pessoa que se recordava deles. Apertou o passo e pronunciou os nomes individuais.

— Eufrosino... Epígenes... Nicômaco... Cárias... Artemon... Nestor... Filisto Epígono... Euctemon... Epafrodito... Sótrato... Onésimo... Nicias... Epícteto.

Alguns tentavam responder, mas tinham a língua inchada e de sua boca brotavam jatos d'água com algas verdes. Outros haviam perdido os olhos e em suas órbitas aninhavam-se pequenos caranguejos ou anêmonas.

Havia cumprimentado mais de quatro mil cidadãos quando chegou aos estrangeiros e aos escravos que também serviam na frota ateniense. Muitos deles conhecia de nome. Outros eram só rostos para ele, e limitou-se a inclinar a cabeça diante deles. Por último estavam os mortos de Mégara, Corinto, Cálcis, Egina e as demais cidades.

Quando chegou ao fim da fila, havia contado nove mil quatrocentos e vinte homens. Uma coisa era ver seus nomes riscados nos catalogos das tribos ou nas listas de embarque. Outra bem diferente era desfilar diante dessa multidão, contemplar os rostos e saber que todos haviam morrido no mesmo dia, no decorrer de poucas horas.

Por sua culpa.

Temístocles continuou caminhando pela praia e os mortos ficaram para trás, esperando seu último barco. Uma árvore solitária se erguia a uns passos da margem, um alto cipreste de folhas brancas como a prata. Ao pé do cipreste, um riacho de águas transparentes corria cantando como uma cascavel, talvez porque ignorava que ia morrer uns metros além absorvido pela negrura do lago infernal.

Temístocles se abaixou e enfiou os dedos no riacho. Ao atravessar a superfície, desapareceram. Não só da vista. Quando quis tocar as pedras do fundo, foi impossível, como se sua mão inteira houvesse sido apagada da existência.

Tirou a mão da água e voltou a senti-la, mas isso não foi um alívio. Acariciou a lâmina de ouro que levava pendurada no pescoço e pensou em abri-la. Mas não era necessário. Recordava bem o que havia escrito nela.

Ali se refrescam as almas dos mortos, mas não pensa em beber dela, pois são as águas do Esquecimento! Mais adiante encontrarás a lagoa da Memória. Dize a seus guardiães: “Filho de Gaia sou e de Urano estrelado. Seco estou e de sede morro. Dá-me de beber as frescas águas da Memória”.

Temístocles não tinha nenhum desejo de recordar mais. De repente compreendia que o esquecimento não era nenhum mal, mas sim uma bênção dos deuses, e que se bebesse das águas do Lethes aqueles milhares de rostos, e os dos erétrios, e também o de Apolônia se apagariam de sua mente.

Deitou-se junto ao riacho, apoiou as duas mãos na margem e aproximou os lábios da água.

— Não faças isso.

Temístocles se voltou. Uma linda donzela, quase uma cabeça mais alta que ele, olhava-o com uns olhos grandes e tristes. Tinha um elmo de bronze jogado para trás e empunhava uma longa lança de freixo.

Temístocles ficou ajoelhado junto ao riacho. O arrulho da água continuava tentando-o, mas não se atrevia a desobedecer à deusa.

— Por que, senhora? — perguntou.

— Sabes muito bem. Se fizeres isso, esquecerás tudo. Quem era teu pai, qual é tua cidade. Como se chamam teus filhos. A que mulher amas. Será como se nunca houvesse existido.

— Isso é o que desejo, senhora. Quero beber as águas do Lethes para esquecer o fracasso que foi minha vida. Fui derrotado.

— Derrotado? — Atena sorriu com malícia e se marcaram em suas faces duas covinhas como as de Apolônia. — Astuto e manhoso há de ser aquele que a ti supere em tramar argúcias, nem que seja um deus quem te saia ao encontro. Nós dois sabemos de tretas, tu que ganhas de todos os homens em ardis e enredos, e eu que sou célebre entre os deuses por minha acuidade e inteligência. Será que não reconheces Pallas Atena, a filha de Zeus, que sempre te ajudou e protegeu em teus muitos trabalhos? Pois então, suporta as aflições que padece em tua casa por mais que te doam e aguenta em silêncio tuas muitas desgraças. Agora desperta, Temístocles!

Quando abriu os olhos, as estrelas voltavam a brilhar em uma faixa de céu delimitada pelas duas cobertas do *Artemísia*. Temístocles se levantou e tocou a cabeça. Estava saindo um belo galo acima da orelha esquerda, mas não sangrava. Seu peito ainda doía e o ar mal entrava em seus pulmões. Mas se obrigou a respirar fundo, cada vez mais devagar, e a dor foi cedendo.

O que acabava de sofrer não fora um ataque como o de Clístenes. Compreendeu que as garras que haviam se cravado em seu peito não eram as da morte, mas sim as de Fobo, o pânico. Havia cedido a ele em um momento de

fraqueza, mas ninguém o havia visto.

Salvo os mortos.

Levantou-se e subiu de novo à coberta, pensando nas palavras de Atena. Eram quase as mesmas, verso por verso, que havia dito a Ulisses quando este chegara em segredo a Ítaca. Naquele momento, o herói estava sozinho e tinha de enfrentar os orgulhosos nobres que haviam se apoderado de seu palácio e tentavam roubar sua mulher, Penélope. Como o astuto Ulisses havia agido?

Com cautela, passo a passo. Solucionando os problemas um a um, confiando em quem devia confiar, como seu fiel porqueiro Eumeu, e usando aqueles que o queriam trair, como o pérfido cabreiro Melanteu.

Assim devia agir ele. Em primeiro lugar, mandou avisarem Fidípides.

— Estão carregando provisões no *Angelia* para levar as notícias a Atenas — disse a ele. — Quero que vás nele. Tenho um recado que desejo que leves, velho amigo.

Quando se despediu de Fidípides, ficou pensando nos outros problemas. De Andrônico cuidaria mais tarde. Agora, a guerra urgia.

Divina Salamina, tu aniquilarás os filhos das mulheres. Se ainda tinham uma possibilidade de vencer a frota persa era nos estreitos entre Salamina e o continente. Mas se as trirremes e as tropas da Aliança se congregassem nela, isso seria em troca de abandonar a cidade.

Atenas estava condenada.

ATENAS, 23 DE AGOSTO

Apolônia se recostou no divã à maneira de uma cortesã. Estava a sós com Mnesifilo, em quem tinha confiança, estava cansada e, de certo modo, nada mais lhe importava. Pensando bem, não era mesmo uma espécie de hetera? Que diferença havia em Atenas entre uma mulher como a célebre Targélia e uma concubina como Apolônia? Ambas eram estrangeiras. Sim, era verdade que Targélia oferecia prazer a muitos homens e ela, somente a um. Mas isso podia mudar.

Que estou pensando? Disse para si mesma que havia bebido demais e deixou a taça em cima da mesinha. Sentia as faces ardendo e via tudo como através de um fino véu branco.

— Não queres mais? — perguntou Mnesifilo.

— Não tenho mais sede — respondeu ela.

Ela e as três meninas haviam se alojado no domicílio de Mnesifilo. Não muito longe dali estava a casa de Temístocles, onde a própria Apolônia havia vivido até que se mudaram para o Pireu. Nessa mesma manhã havia saído com Nesi e Sicino para buscar água na fonte e no caminho haviam encontrado Ilara e Soteris, duas escravas de Arquipa que se alegraram muito ao vê-las.

— Sentimos tua falta — disse Ilara, a mais velha das duas. — E também de

Nesi. Como cresceu, e está linda! Daqui a dois anos terás de pensar em casá-la, senhora.

Nesi baixou o olhar e corou um pouco. Para ser gentil, Apolônia perguntou às criadas por Arquipa. Ilara estalou a língua e Soteris balançou a cabeça.

— Cada dia pior, senhora. Se continuar assim, não creio que passe do inverno — disse Soteris.

— Não digas isso — censurou-a Ilara.

— Mas é a verdade!

— Que acontece com ela? — perguntou Apolônia.

— Está obcecada achando que está ficando gorda como uma vaca e mal come. Só bebe água e come uma tigela de salada de couve e pepino com uma anchova defumada. Todos os dias!

— Mas por que faz isso? É verdade que engordou tanto?

— Qual o quê! Se a visses agora, te daria pena, senhora. Tem os punhos finos como de um bebê e seu rosto emagreceu tanto que parece que os pômulos vão rasgar sua pele. Quando a banhamos podemos contar todas as suas costelas, mas ela pega um porção de pele, puxa-a e nos diz: “Vedes como tenho razão? Vede quantas dobras tenho”.

— Deixa disso, Soteris — disse Ilara, e puxou sua túnica. — Vamos, temos de chegar à barraca de Damo antes que fique sem peixe.

Mas Soteris, antes de ir, beijou Apolônia e aproveitou para sussurrar em seu ouvido:

— Logo serás nossa senhora. Tu mereces muito mais.

Se Apolônia não tinha intenção de voltar à casa do Pireu, muito menos pretendia voltar à de Atenas. Sabia que se hospedar no lar de um viúvo como Mnesífilo teria sido um escândalo se fosse esposa de Temístocles. Mas, afinal de contas, tratava-se só de sua concubina. File, que fazia as compras na ágora, lhe havia dito que as pessoas não davam importância à sua história. No máximo, alguns afirmavam que Temístocles havia se cansado de sua concubina e a havia passado a seu amigo. Como se Apolônia fosse um martelo ou uma serra que se pudessem emprestar a um vizinho. “Que digam o que quiserem”, respondeu ela. Mas aquele comentário havia se cravado nela como um punhal.

A casa de Mnesífilo não era nenhuma mansão. Apolônia dividia a alcova com as duas meninas, ao passo que Nesi tinha de dormir com File, a única criada que lhe restava de seus tempos de Erétria. A aia Hédia havia morrido quatro anos antes, e Arges, no último inverno.

Mas tinha Sicino, que naquela casa tão pequena parecia ainda maior, e não tinha mais remédio que se deitar no pátio. Temístocles havia insistido que ficasse com elas em vez de acompanhá-lo a Artemísio. Apolônia lhe perguntara:

— Por que não o levas contigo?

— Porque me importa mais tua segurança que a minha — respondera ele.

— Não quero teus favores. Leva-o!

Mas Sicino havia ficado, no fim. Apolônia procurava se portar bem com ele, pois o rapaz não tinha culpa dos pecados de seu senhor. A verdade era que se sentia muito mais protegida quando as meninas e ela saíam à rua acompanhadas do gigantão persa. E saíam com frequência, pois Apolônia sentia o ar lhe faltar e as batidas de seu coração se acelerarem trancada entre as paredes da casa de Mnesífilo. Mas sabia muito bem que o problema não estava na casa, mas sim dentro dela.

Sicino também acompanhava Nesi quando ela descia ao Pireu para ver Euterpe. Não sendo sua verdadeira neta, visitava-a mais que os filhos de Temístocles, posto que a via quase todos os dias. Era uma caminhada de mais de uma hora de ida e outro tanto de volta. Mas para Nesi, que ultimamente abusava muito dos doces de mel, aqueles passeios eram bons para não engordar.

Apolônia sofria por não ver Euterpe, mas não queria voltar àquela casa nem, evidentemente, se atrevia a levar a mãe de Temístocles com elas. Nesi não entendia o porquê dessa situação.

— Por que não queres mais ficar com papai? — perguntava de vez em quando.

Sabia que Temístocles não era seu pai natural, mas não se lembrava de Jasão nem conservava memória alguma de sua vida em Erétria.

— É um assunto muito complicado. Um dia te explicarei.

— Eu quero voltar para casa. Esta é muito pequena, e além do mais está suja.

— Pois ajuda a limpá-la, senhorita! Mnesífilo não tem dinheiro para pagar tantos escravos como Temístocles. Mas devemos lhe agradecer por nos oferecer sua hospitalidade.

— Mas eu lhe agradeço, mamãe. É que não entendo por que vivemos aqui tendo uma casa muito maior.

Apolônia tinha a tentação de lhe contar a verdade, mas não achava certo. Ainda que não quisesse reconhecer para si mesma, dentro de si sentia que se o fizesse estaria traíndo Temístocles. Traíndo-o? Mas ele era o traidor!

As pequenas também lhe perguntavam, mas era mais fácil enganá-las. Seu pai estava viajando, algo que era muito frequente, e elas haviam se mudado para lá porque havia uma guerra e estavam mais seguras. O ruim era que depois não tinha mais remédio que lhes explicar em que consistia uma guerra. Como fazer isso se ela mesma não entendia? Homens cravando ferros nas tripas de outros homens, homens violentando mulheres, homens incendiando casas, derrubando árvores, aniquilando tudo o que era tão lindo. Por que tanto ódio e destruição se a vida era tão breve?

— Certeza de que não queres mais vinho? — perguntou Mnesífilo.

— Não, obrigada. Não me parece...

— Decoroso?

— Sim, isso mesmo.

— Hoje não tem problema. Estás com um velho amigo. Por uma noite, podes deixar que o vinho te regozije o coração.

O bisneto de Sólon costumava se moderar, mas nessa noite havia esvaziado a taça mais de cinco vezes, e tinha os olhos brilhantes e a ponta do nariz vermelha. Apolônia pensou que Mnesífilo tinha razão e que precisava de algo que desfizesse o nó que havia se formado em seu peito e não a deixava respirar. Ela mesma encheu sua taça. Havia mandado File dormir, pois era muito tarde.

— Dize uma coisa, Mnesífilo. Não te preocupa que eu esteja em tua casa?

— Por que ia me preocupar? O único medo que tenho nesta vida é de agir mal. E sei que agora não estou.

— Temístocles pode ficar furioso contigo. Se não me houvesse oferecido tua hospitalidade, eu não teria mais remédio que voltar ao Pireu com ele.

— Por isso te ofereci minha casa. Não é justo deixar uma pessoa sem opções. Quando decidires voltar para Temístocles, deverá ser por tua livre vontade, não porque dependes dele.

Apolônia pensou que também não dependia totalmente de Temístocles. Com seu pecúlio talvez pudesse comprar ou alugar uma casinha em Atenas. O caso era que gostava mais do Pireu, porque ficava ao lado do mar. Mas isso significaria viver muito perto de Temístocles. Não, melhor Atenas. Teciá bem, e rápido. Ela e File, com a ajuda de Nesi, poderiam confeccionar túnicas, mantos, cortinas e tapetes, e vendê-los na ágora. Isso, juntamente com o dinheiro que ainda conservava de Erétria, seria o suficiente para viver sem mendigar a caridade de ninguém.

Mas como casaria Nesi, que se aproximava da idade núbil? E Itália e Síbaris quando crescessem? Não podia dar um dote decente às três. Por um momento imaginou suas filhas pequenas transformadas em concubinas ou heteras e balançou a cabeça com raiva.

— Darei um jeito — respondeu mais a seus próprios pensamentos que às palavras de Mnesífilo. — Não pretendo voltar para ele.

— Ele está muito arrependido. Não fazes ideia de quanto sempre o torturou o medo de que um dia soubesses... Bem, o que aconteceu.

— Ele devia ter me confessado. Tive de saber pela boca de Címon!

— Tu o terias perdoado se ele te houvesse dito?

— Não!

— Vês? Por isso não se atrevia a te contar. Tinha medo de te perder.

— E por que teria? Ele é o grande Temístocles.

— Porque te ama.

Apolônia ia beber, mas se deteve com a taça nos lábios. Seu coração se

acelerou, e odiou a si mesma por isso.

— Nunca me disse.

— Ele não é dado a demonstrar suas emoções, especialmente quando são tão nobres como o amor. — Mnesífilo soltou uma gargalhada. — Às vezes, dá a impressão de que se envergonha de abrigar bons sentimentos.

— Mas realmente o julgas capaz de abrigar bons sentimentos? Olha o que fez com minha pátria!

— Não foi uma decisão fácil, acredita. Antes de aconselhar Milcíades, ele pôs em um prato da balança as vantagens para Atenas, e no outro os perigos. E decidi que se nossa cidade ajudasse a tua, podia acabar destruída. Receio que talvez tivesse razão.

— Como podes dizer isso?

— Se houvésemos cruzado o estreito para socorrer-vos, talvez os persas houvessem arrasado duas cidades em vez de uma só.

— Falas com tanta frieza quanto ele. Vivia gente em Erétria! Milhares de pessoas que morreram ou que foram escravizadas. — Os olhos de Apolônia se umedeceram. Queria acreditar que estava derramando essas lágrimas pelo destino de Erétria, não por Temístocles.

— Não sou tão frio, Apolônia. Só tento compreender o modo de pensar de Temístocles. Ele vê tudo das alturas, como um deus. É um dom para ele, mas também uma maldição. Não conheci outro homem igual. É capaz de tomar decisões imediatas sem tempo para refletir, mas também sabe prever com mais antecedência e exatidão que ninguém o que pode acontecer. Acredito que os deuses criaram Temístocles para nos salvar neste momento de atribulação. — Mnesífilo deu um gole de seu vinho e acrescentou: — Não posso acreditar que eu disse isso. Está claro que o vinho solta a língua e relaxa a mente. Demais.

— Temístocles pode ser tão inteligente quanto queiras — disse Apolônia —, mas trata as pessoas como se fossem contas de seu ábaco ou moedas de cobre das quais se pode prescindir. Isso não está direito!

— Pode parecer que age assim, Apolônia, mas não é verdade. Pergunta aos homens que já serviram sob seu comando. Pergunta a Arifron, que estava prestes a desmoronar de pavor na batalha. Graças à compreensão de Temístocles, ele agora é um homem respeitado em toda a cidade e governa sua própria trireme. Ou fala com os tripulantes dos barcos que Temístocles capitaneou. Todos te dirão que não querem servir com outro chefe.

— Não me digas agora que ele sabe todos os nomes de seus remadores, porque eu já sei. Ele não faz isso porque realmente lhe interessa a vida dos outros, mas porque sabe que isso lhe dá popularidade.

— Em parte tens razão, Apolônia. Mas de tanto fingir que se preocupa com os outros, acabou se preocupando de verdade.

Continuaram discutindo sobre Temístocles por um longo tempo, e esvaziaram

outra jarra de vinho. Conforme os vapores de Dionísio ofuscavam sua mente, argumentavam em círculos cada vez mais fechados e repetiam sempre os mesmos argumentos. A seguir, em certo momento, Mnesífilo perguntou a Apolônia por que já não subia à Acrópole como antes.

— Não quero rezar para Atena — respondeu ela.

Ela guardava rancor com relação à deusa, mas não se atrevia a expressar esse pensamento em voz alta por medo de um castigo divino. Tornou a contar a Mnesífilo o sonho que a havia levado a fugir de Erétria. Já haviam falado dele antes. Mas, em outras ocasiões, Apolônia sentia um doce prazer em contar a seu amigo como Atena lhe havia dito que procurasse o barco de Temístocles, ao passo que agora se sentia enganada.

— Como Atena pôde me dizer que procurasse o verdugo de minha cidade?

— O verdugo de tua cidade foi Dario, Apolônia, assim como agora Xerxes pretende sê-lo de Atenas. As pessoas que não impedem uma ação injusta cuja origem parte da vontade de... — Mnesífilo descartou seu próprio argumento com um aceno de mão. — Estou bêbado. Não era isso que queria dizer.

— E o que querias dizer?

— Que o importante é que Atena te disse que devias ir com Temístocles. Se assim determinaram os deuses, não podes fugir de teu destino.

— Apolônia!

Abriu os olhos. Uma silhueta magra se recortava entre as sombras. Usava um chapéu de viagem e um caduceu. Apolônia pensou que Atena havia escutado suas palavras e seus pensamentos e decidira abandoná-la de uma vez. Por isso, em vez dela acabava de aparecer Hermes, o heraldo dos deuses.

— Tenho uma mensagem para ti.

Apolônia recordava perfeitamente que quando sonhara com Atena estava paralisada. Agora, contudo, conseguiu se sentar, embora ao fazê-lo sua cabeça girasse. Seu manto havia deslizado, e cobriu-se com ele, porque sentia frio. Que falta de decoro, pensou, ter adormecido ali mesmo, no sofá da sala de jantar, como faziam os homens em seus simpósios.

Mnesífilo também adormecera. Levantou-se esfregando os olhos e apertando a cabeça. Com o rosto inchado e os ralos cabelos bagunçados, aparentava mais idade do que realmente tinha.

— Fidípides... — disse. — Que fazes tu aqui? Quem te abriu a porta? Já é dia?

— Faze as perguntas uma a uma e te responderei.

Enquanto Mnesífilo repetia as perguntas e Fidípides as respondia — trazia uma mensagem de Temístocles, Sicino havia aberto a porta e não, ainda não havia amanhecido —, Apolônia bebeu diretamente da hídria que continha a água que se misturava com o vinho. Era certo que Dionísio soltava as línguas e abria os corações, mas depois se vingava.

— E qual é a mensagem de Temístocles? — perguntou Mnesífilo.

— Os persas derrotaram os espartanos nas Termópilas. Leônidas está morto.

Apolônia ficou mais afetada com a notícia da morte do rei que com a de que a barreira que poderia conter a invasão persa havia caído. Só havia visto Leônidas uma vez, mas lhe parecera um homem muito afável. Falava de sua esposa e de seus netos com muito carinho, quase com doçura. A última coisa que teria esperado de um espartano.

Mas as más notícias não haviam terminado. Segundo Fidípides, embora os atenienses tentassem convencer a si mesmos de que haviam derrubado a frota inimiga, a verdade era que os persas também os haviam derrotado por mar.

— Tinham muitos barcos — disse o mensageiro. — É impossível enfrentar tantos navios ao mesmo tempo.

— E o que vai acontecer, então? — perguntou Apolônia.

— Temístocles diz que deveis evacuar a cidade.

Fugir outra vez, pensou Apolônia.

Fidípides lhes explicou que chegara com o navio mensageiro *Angelia*. Seus tripulantes haviam remado dia e noite para chegar o quanto antes, comendo pão de cevada molhado em vinho e azeite de oliva, sem parar de remar. Quando alcançaram as costas da Ática, ao anoitecer, Fidípides pensou que se desembarcasse em Maratona poderia chegar a Atenas antes do barco. Pelo caminho, foi avisando os vigilantes dos demos para que comunicassem a seus convizinhos as más notícias e a ordem de evacuação geral.

— Agora tenho de me apresentar diante dos pritanes de guarda. Mas passei antes por aqui porque tenho de te dar uma coisa, Apolônia.

Ao se dirigir a ela, Fidípides sempre moderava sua *secura* habitual. Em uma ocasião, Apolônia havia perguntado àquele misantropo por que não se casava. Embora Temístocles estivesse presente, o mensageiro respondera sem hesitar: “Porque só conheço uma mulher que valha a pena nesta cidade, e és tu”. O que em outros homens teria parecido uma tentativa de galanteio, em Fidípides soara como a simples enunciação de um fato, e Temístocles e ela não tiveram mais remédio que rir.

Agora, Fidípides lhe entregou um saquinho de couro.

— Temístocles me deu isto para entregar-te. Disse que era muito importante. Parecia preocupado de verdade. Por isso passei por aqui antes de informar os membros do conselho.

Apolônia abriu o saquinho. Dentro estava a lâmina de ouro que Temístocles usava no pescoço.

— Mandou alguma mensagem para mim?

— Uma que não entendi. — Fidípides franziu o cenho, recordando. — “Dize a Apolônia que fique com isto. Ela merece mais que eu estar entre os bem-aventurados”.

Apolônia sentiu um nó na garganta. Mesmo a centenas de quilômetros, Temístocles sabia como manipulá-la. Primeiro havia deixado Sicino com ela para demonstrar que se importava mais com a segurança física dela que com a sua. E agora, ao entregar-lhe a lâmina com as instruções do mestre órfico, estava lhe dizendo que também preferia salvar a alma de Apolônia, mesmo que isso significasse para ele viver o resto da eternidade nas sombras do Hades.

Sim, mesmo estando longe, Temístocles sabia como machucá-la. Apolônia apertou a lâmina de ouro contra seu peito e chorou, porque não podia deixar de amar esse homem.

Mas isso não queria dizer que voltaria para ele. Segundo o decreto aprovado um mês antes, as mulheres e as crianças iriam para Egina e Troezen. Apolônia tentou recordar qual das duas cidades ficava mais longe.

EVACUAÇÃO DA ÁTICA

Ao ver que seus aliados pensavam somente em proteger o Peloponeso e que sua intenção era reunir suas forças além do istmo e fechá-lo com um muro de mar a mar, os atenienses se sentiram indignados com essa traição e desanimados e abatidos por se ver abandonados. A ideia de enfrentar um exército de tantos milhares de homens nem lhes passava pela cabeça. A única possibilidade que lhes restava — abandonar a cidade e confiar seu destino aos barcos — não convencia quase ninguém: não entendiam como iam se salvar se abandonassem os templos de seus deuses e os sepulcros de seus pais.

Temístocles, já sem esperanças de persuadir a multidão com argumentos humanos, agiu como nas tragédias, e por meio de tramoia fez que visse oráculos e sinais dos deuses. Assim, serviu-se como presságio da serpente do santuário da Acrópole, que desapareceu naqueles dias. Os sacerdotes, ao encontrar intactas as oferendas que lhe deixavam todos os dias, anunciaram à multidão — seguindo instruções de Temístocles — que a deusa havia abandonado a cidade e que apontava o caminho para o mar [...]

Quando toda a cidade de Atenas se lançou ao mar, uns sofriam vendo aquele espetáculo, porém outros se sentiam maravilhados pela audácia que os fazia mandar seus filhos a outro lugar enquanto eles mesmos, insensíveis a lágrimas e lamentos, atravessavam para a ilha de Salamina. Também sentiam compaixão por muitos cidadãos que tiveram de ser abandonados por conta da idade avançada. Alguns animais domésticos e de companhia, mostrando um carinho comovente, corriam atrás de seus donos uivando de pesar ao vê-los embarcar. Entre eles, conta-se que o cão de Xantipo, pai de Péricles, não pôde suportar que seu dono o abandonasse e, pulando no mar, chegou nadando junto à trirreme até Salamina, onde não tardou a morrer de esgotamento. E conta-se também que o lugar que até hoje se chama “túmulo do cão” é seu túmulo.

Plutarco, *Vida de Temístocles*, VIII-XI

Xerxes partiu das Termópilas e avançou pelo território dos focenses, saqueando as cidades e destruindo fazendas e granjas. Os focenses haviam abraçado a causa dos gregos, mas ao ver que eram incapazes de oferecer resistência, toda a população abandonou suas cidades e se refugiou nas alturas mais escarpadas do monte Parnaso. Depois, o rei atravessou o território dos dórios sem lhes causar danos, visto que eram aliados dos persas. Ali deixou tropas com ordens de se dirigir a Delfos para queimar o santuário de Apolo e levar as oferendas sagradas, enquanto ele avançava até a Beócia com os demais bárbaros e acampava ali.

O contingente enviado para saquear o oráculo havia chegado à altura do santuário de Atena Pronaia, quando, de repente, caiu uma grande tempestade acompanhada por contínuos relâmpagos. Para piorar, a tempestade arrancou grandes penhascos da montanha, que caíram sobre as tropas bárbaras. Como resultado, muitos persas morreram e todo o destacamento, aterrorizado pela intervenção dos deuses, fugiu do local.

Foi assim que o oráculo de Delfos, com a ajuda de alguma divina providência, se salvou do saque. [...]

Enquanto atravessava a Beócia, Xerxes devastou o território dos téspios e incendiou Plateia, que estava abandonada. Pois a população das duas cidades havia fugido em massa para o Peloponeso. Depois disso, penetrou a Ática e se dedicou a devastar os campos. Depois, arrasou Atenas e pôs fogo nos templos dos deuses. E enquanto o rei estava ocupado com esses assuntos, sua frota navegou de Eubeia à Ática, saqueando, de quebra, a ilha e toda a costa da Ática.

Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, XI, 14

A FROTA ALIADA SE REÚNE EM SALAMINA

Quando os efetivos que vinham de Artemísio pegaram o rumo de Salamina, o resto da frota grega, ao saber, fez o mesmo, partindo em massa de Troezen, visto que previamente haviam recebido ordem de se reunir em Pogon, porto de Troezen. Desse modo, reuniu-se um número de navios maior que o que havia combatido em Artemísio e que, além disso, procediam de um número superior de cidades.

O almirante no comando da frota era o mesmo que em Artemísio: Euribiades, filho de Euríclides, um esparciata que não tinha sangue real. No entanto, os atenienses eram os que contribuíam com os navios mais numerosos e também as melhores. [...]

Uma vez reunidos em Salamina, os generais estudaram a situação, visto que Euribiades havia proposto que todo aquele que assim desejasse manifestasse sua opinião sobre qual lugar, dos que estavam em poder dos gregos, era mais apropriado para uma batalha naval. Como a Ática havia sido abandonada, com sua proposta se referia às demais regiões da Grécia.

A maioria opinou que deviam zarpar rumo ao istmo e combater em frente ao Peloponeso. O argumento era o seguinte: se combatessem em Salamina e fossem derrotados, ficariam bloqueados em uma ilha onde não poderiam

receber ajuda. Porém, nas imediações do istmo poderiam alcançar territórios controlados por eles.

Heródoto, *Histórias*, VIII, 42-49

- 63 Referência à saga escrita por Homero, a *Iliada*, da qual Pároclo e Aquiles, supostos amantes, são personagens. (N. da T.)
- 64 Segundo o mito, Adonis era filho da relação incestuosa de Teias, rei da Assíria. Homem de beleza extrema, foi o protegido e o amado de Afrodite. (N. da T.)
- 65 Referência a uma passagem do mito grego que conta as façanhas de Teseu, grande herói ateniense. Ele teria derrotado Sínis, o gigante filho de Poseidon. (N. da T.)
- 66 Referência ao mito de Édipo, base do complexo de Édipo da psicologia. Édipo, criado por pais adotivos, não conheceu seus progenitores e, sem saber quem eram, matou o pai e se casou com a própria mãe, conforme o vaticinara o Oráculo de Delfos quando ela havia nascido. (N. da T.)
- 67 Referência ao mito da Piton, serpente gigante filha de Gaia (deusa da Terra) nascida do lodo após o dilúvio. Por tentar violentar Leto, mãe de Apolo, foi morta por ele. (N. da T.)
- 68 Referência ao mito de Cronos, senhor do tempo, que por medo de ser destronado tinha por hábito devorar seus filhos quando nasciam. (N. da T.)
- 69 Aqui o autor faz referência ao orfismo, religião fechada fundada por Orfeu, contraposta à religião grega oficial, que, ao contrário desta, acreditava que o universo não havia surgido do Caos, mas sim do Ovo Primordial. (N. da T.)
- 70 Os três maiores vilões da mitologia grega. (N. da T.)
- 71 Segundo a mitologia grega, as Górgones são as Fúrias, e Lâmias os espíritos que atacavam jovens e viajantes e chupavam seu sangue. (N. da T.)
- 72 As cavernas mais profundas do reino de Hades se encontravam no Tártaro, local para onde eram mandados os inimigos do Olimpo. (N. da T.)

TERCEIRO ATO
SALAMINA, 480 A.C.

SALAMINA, 15 DE SETEMBRO

— Obrigado por aceitarem meu convite, cavalheiros. É uma honra jantar em companhia de quatro dos nobres mais ilustres de Atenas — disse Temístocles dirigindo-se a Aristides, Címon, Cálias e Xantipo.

— Não sejas tão adulator — respondeu o Pepino. — Atenas já não existe.

Encontravam-se na casa que havia pertencido a Clístenes. Quando este morrera, Temístocles a havia comprado de seus filhos. Era uma morada pequena, mas com as reformas ficara muito elegante. Aproveitando que a tarde caía e soprava uma brisa refrescante, havia pedido a Sicino que levasse os divãs e as mesinhas para o jardim. Para que pudesse conversar em particular com os quatro eupátridas, Mnesífilo, a quem havia cedido a casa desde a evacuação, havia descido à cidade levando os parentes que se alojavam com ele.

Naqueles dias era muito complicado conseguir um pouco de intimidade. Salamina, que normalmente tinha uns cinco mil habitantes, estava lotada agora por mais de cem mil pessoas, entre remadores, marinheiros, hoplitas, assistentes diversos e famílias que em vez de fugir para Egina ou Troezen haviam preferido ficar ali, à vista de sua cidade. A essa altura já haviam consumido boa parte dos víveres levados de Atenas, e na ilha já restava pouco gado para sacrificar. Pelo momento chegavam de Egina e dos portos do Peloponeso barcos carregados de provisões; mas Temístocles se perguntava quanto os persas tardariam a bloquear a ilha.

— Precisa de mais alguma coisa, senhor? — perguntou Sicino após deixar a cratera de vinho sobre um tripé de bronze.

— Não, obrigado. Vou te pedir um favor. Na alcova há um escudo muito pesado. Quero que o pegues e, sem tirá-lo da capa, que o leves ao *Artemisia* e o entregues ao piloto. Heráclides sabe onde o deve guardar.

O persa entrou na casa. Pouco depois tornou a atravessar o jardim carregando o escudo e tomou o caminho da esquerda, que levava à cidade de Salamina e, mais além, à baía de Cicreia, onde estava a frota ateniense. As naus dos outros aliados se congregavam ao abrigo do alongado promontório de Cinosura, salvo as coríntias, que fundeavam em outra pequena enseada mais ao norte.

Por fim, Apolônia havia ido para Egina sem aceitar nem a companhia de Sicino nem a proteção da lâmina órfica. Sua decisão deixara Temístocles contrariado, mas logo pensou que o persa poderia lhe ser mais útil em Salamina. Por ora, o importante era ganhar a guerra. Se sobrevivesse, teria tempo de recuperar Apolônia.

— Que respeitoso és com teus escravos — disse Cálias, que tinha fama de açoitar pessoalmente os seus. — Tu lhes serves vinho também?

— Sicino é um meteco, não um escravo — respondeu Temístocles. — Além disso, minha mãe sempre dizia que se consegue mais com mel que com fel.

— Não que Euterpe tenha sido muito melosa — comentou Címon. — Digo isso

com todo meu respeito por ela.

Havia três divãs no jardim. Temístocles jantava em um voltado para o leste, de maneira que podia ver sobre a cabeça de seus convidados as nuvens de fumaça que se levantavam das ruínas de Atenas. Os outros dois leitos encontravam-se à sua frente. Aristides e Xantipo compartilhavam um, e Címon e Cálías o outro. Assim dispusera Temístocles para que se sentissem apoiados entre si e vissem a ele próprio mais frágil e vulnerável. A última coisa que convinha a seus propósitos era parecer uma ameaça diante dos olhos de seus convidados.

Cálías e Címon já eram oficialmente cunhados. Elpinice, ao contrário de outras mulheres, havia se negado a permitir que a levassem a Egina e decidira compartilhar em Salamina o mesmo destino de seu irmão e de seu marido. *Brava mulher*, pensou Temístocles, que sentia certa atração mórbida pela filha de Milcíades.

— Que acham do assunto de Delfos? — comentou Cálías. — Não teria sido nada mal para os defensores da Acrópole que Atena houvesse enviado uma tempestade como a que Apolo mandou sobre a cabeça dos persas.

Nessa mesma manhã, uma barcaça com desertores havia levado a notícia de uma milagrosa tempestade e uma avalanche de rochas que haviam salvado o oráculo da rapacidade persa. A maioria das pessoas aceitava aquela história, talvez porque desejavam contar com um sucesso na guerra, mesmo que se devesse aos deuses. Temístocles não. Estava bem convicto de que se tratava de uma mentira inventada pelos sacerdotes para lavar a reputação de Delfos diante do resto da Grécia. No fim, Mardônio soubera recompensar os serviços do oráculo.

Atenas não teve tanta sorte. Xerxes havia conseguido triunfar onde seu pai fracassara. Fazia quinze dias que, diante do olhar impotente dos aliados congregados em Salamina, a *Spada* havia entrado em Atenas pelo norte quase ao mesmo tempo que a armada persa fundeava na baía de Falero. Apenas uma hora depois começaram os incêndios.

Apenas a Acrópole resistiu durante uns dias ao assédio inimigo. Haviam permanecido ali vários sacerdotes e sacerdotisas, encomendando sua sorte às divindades a que serviam, e também uma guarnição de hoplitas, na maioria guerreiros veteranos que haviam se comprometido a impedir que o lugar mais sagrado de sua cidade fosse profanado pelos persas.

Naquele fim de verão, o etésio soprava do norte arrastando ares secos e límpidos. Graças a isso, apesar de a Acrópole estar a mais de dez quilômetros, da ilha se podia distinguir o perfil de sua massa, cinza, recortando-se incólume sobre as ruínas da cidade. Durante vários dias, os gregos refugiados em Salamina observaram o horizonte e se felicitaram por a Acrópole resistir mais um dia; Mas, por fim, no décimo dia de assédio, sobre a rocha sagrada surgiu primeiro uma fumaça negra e depois, ao entardecer, o esplendor das chamas.

A queda da Acrópole havia afundado ainda mais o ânimo dos atenienses, que havia dias viam arder a cidade e seus habitantes. As colunas de fumaça se estendiam de horizonte a horizonte. Os persas, metódicos em sua destruição, incendiavam os demos mais afastados e até as fazendas isoladas. Nem mesmo o Pireu se salvara totalmente, apesar de os persas terem tido a mínima sensatez de respeitar os estaleiros para reparar seus próprios barcos.

Para Temístocles parecia incrível que, passados quinze dias, ainda restasse algo a arder em Atenas. Suspeitava que Mardônio havia ordenado a seus homens que levassem lenha todos os dias à cidade para avivar as fogueiras e desmoralizar ainda mais os gregos refugiados na ilha. Pois atribuía ao general da *Spada*, mais que a Xerxes, todas as decisões específicas.

— Eu prefiro não comentar sobre de Delfos, porque tenho minhas suspeitas — disse Aristides, para surpresa de Temístocles. — Agora, visto que por fim ficamos a sós, diz-me para que nos convocaste.

— Temístocles quer negociar conosco — interveio Címon. — Acaso estou enganado?

— Não, não estás enganado. Parabéns por tua perspicácia.

— Por quê? Não temos nenhum cargo oficial — disse Aristides.

— Não nos enganemos. Vós quatro, cada um à sua maneira, tendes mais influência sobre os cidadãos que todos os outros generais juntos.

Aquele comentário pareceu satisfazer a vaidade de seus convidados, salvo a de Cálias, que era o mais desconfiado dos quatro.

— Quando duas partes negociam, cada uma deve conhecer as intenções da outra — disse. — Dize-nos quais são as tuas, Temístocles.

— Muito simples. Quero ganhar esta guerra.

— E eu quero o segredo da imortalidade! — disse Xantipo. — Já que vamos pedir o impossível...

— Não há nada impossível. Tu também não acreditavas que seríamos capazes de derrotar os persas em Maratona. E conseguimos. — Seu olhar percorreu seus quatro convidados, um por um. — Podemos repetir a façanha.

— Como pretendes fazer isso, Temístocles? — perguntou Aristides.

Em dois anos e meio de desterro, a cabeça de seu antigo colega de escola havia ficado grisalha e agora se mesclavam nela fios de prata e de ouro. O tempo também havia arredondado seu queixo, roubando-lhe um pouco de brio. De forma quase inconsciente, Temístocles acariciou seu próprio queixo. Ainda se mantinha afilado e firme, sem indícios de papada. Por alguma razão, sempre havia relacionado um queixo bem perfilado com uma personalidade enérgica, e se sentia orgulhoso de conservá-lo melhor que Aristides.

— Temos de combater por mar — respondeu. — Mas não em qualquer lugar, mas sim no estreito de Salamina. A razão de termos sofrido tantas perdas em Artemísio foi que o inimigo nos envolveu pelas duas alas. Aqui não há lugar para

essas manobras. Além disso, por mais hábeis que sejam os marinheiros de Xerxes, nós conhecemos melhor estas águas.

— Não pretendo me imiscuir em assuntos militares — disse Cálias —, mas me parece que essa é uma excelente razão para que os bárbaros se neguem a entrar e combater no estreito.

Os persas estavam havia vários dias desdobrando sua frota além da ilhota de Psitaleia, entre o Pireu e Falero, oferecendo uma batalha em águas abertas que os gregos não aceitavam. A situação fazia recordar Maratona, onde cada bando havia escolhido o território mais apropriado para suas características e se negava a combater no do outro. No fim, os atenienses tomaram a iniciativa e saíram a campo aberto. Graças à surpresa e ao fato de não combaterem contra o grosso das forças de Dátis, haviam se saído bem.

Mas Temístocles sabia que dessa vez não podiam se arriscar a repetir a mesma jogada. Em Maratona os gregos demonstraram que seu armamento era superior na luta corpo a corpo. Mas seus barcos não gozavam da mesma vantagem. Além disso, por mais que lhe doesse reconhecer, os fenícios e os egípcios eram melhores marinheiros.

— Temos de conseguir que entrem no canal — disse Temístocles. — Pelo menos contamos com uma vantagem: o tempo.

— Achas que é bom para nós que passem os dias? Por favor! — protestou Xantipo. — Se continuarmos trancados nesta ilha tão pequena com os homens de Esparta, Corinto, Mégara e Egina, acabaremos matando uns aos outros e poupando a batalha a Xerxes.

— Podeis acreditar em mim quando digo que sei como pensa o Grande Rei. Tenho certeza de que cada dia que passa em Atenas sem que aceitemos o desafio de sua frota ele se impacienta mais e mais. Por ora, Mardônio, que é um homem prudente, deve estar refreando-o, mas não poderá continuar assim muito tempo. Por outro lado, manter esse exército e essa frota é muito caro, e ainda mais com o luxo que exige a dignidade da corte real.

— Como sabes tanto dos persas?

Em vez de se dirigir a Cálias, que lhe havia feito a pergunta, Temístocles olhou para Címon ao responder.

— A informação que tenho sobre eles me custou caro. Muito mais caro do que pensais. Mas é confiável.

— Já nos contaste tuas intenções — disse Aristides. — Ganhar esta guerra. Nisso estamos de acordo. Que queres nos pedir?

Temístocles se endireitou, baixou os pés ao chão e ficou em pé, apoiado no divã.

— Unidade. Esse é o segredo.

— Pretendes me falar de unidade, tu que fizeste que me desterrassem? — disse Xantipo.

— Deixa que fale — interveio Címon. — Mais agravos tenho eu contra ti, e aceitei compartilhar a mesa contigo. Prossegue, Temístocles.

— Obrigado, Címon. Sim, estava falando de unidade. Essa unidade que está prestes a desmoronar. Nossos aliados são movidos por interesses e temores diferentes dos nossos. Especialmente temores. Eles têm ainda muito a perder, ao passo que nós já perdemos quase tudo.

— Tudo — corrigiu Cálias.

— Eu disse quase tudo, e disse bem. Ainda nos resta a muralha de madeira de Atena.

— Todo mundo sabe que esse oráculo foi arranjado por ti.

— Tentei arranjá-lo, mas não consegui — reconheceu Temístocles. Sua sinceridade desconcertou os outros, como pretendia. — O oráculo que eu havia preparado falava de Artemísio, não de Salamina. Naquele momento, eu me negava a reconhecer que este é o único lugar onde podemos vencer a frota grega, porque isso significava a destruição de Atenas. Eu vos garanto que os versos da muralha de madeira não são meus.

— Gostaria de acreditar em ti — disse Aristides. — Mas ao longo de tua carreira não me deste motivos para confiar em tua sinceridade.

— Não negarei que recorri a todo tipo de artimanha para ganhar esta guerra. Mas fiz isso pela grandeza de Atenas. — Aquilo avivou o interesse de Aristides e Címon. Eram dois guerreiros de espírito homérico que não podiam evitar reagir ao escutar a palavra “grandeza”, do mesmo modo que Aquiles reagia ao ouvir trompetes de guerra. — Embora vos digam que recebi subornos, a verdade é que empenhei minha própria fortuna pelo bem geral. Se Euríbiades não deu ainda a ordem de abandonar Salamina é porque lhe paguei pessoalmente cinco talentos e lhe prometi outros três.

— O suborno não corrompe só a quem o recebe, mas também a quem o dá — disse Aristides.

Era uma frase que ele costumava citar, mas nessa ocasião a pronunciou com menos convicção que outras vezes.

— Deixai, então, que essa corrupção recaia sobre mim e suje meu espírito. Porque graças a ela temos esperanças de vencer. Como vos dizia, já é bastante difícil conseguir que os gregos atuem unidos. Por isso, não devemos agravar a situação com dissensões entre nós, atenienses.

Xantipo, que ficara calado mais tempo que o habitual nele, deu um longo trago de seu vinho e soltou uma gargalhada.

— É muito fácil acabar com essas dissensões. Sai do caminho. Desaparece da política e verás como todos concordaremos que, por uma vez, fizeste algo direito.

— Isso é exatamente o que vos proponho, nobres eupátridas.

Os quatro ficaram olhando para ele com expressão de estupor.

— Explica-te — disse Aristides endireitando-se no divã.

— É muito simples. Cálias disse que em uma negociação cada parte propõe à outra o que quer. E o que eu desejo é isto: que respeiteis meu comando de autocrata. Como já vos disse, tendes mais influência e poder que os arcontes, os generais ou os membros do conselho. Declarai abertamente diante do povo ateniense que confiais em mim. Depois, deixai-me as mãos livres para que derrote Xerxes à minha maneira. — Olhando nos olhos de Aristides, acrescentou: — Porque sei que posso fazer isso.

— E qual é a contrapartida? — perguntou Címon.

Sem afastar o olhar de Aristides, Temístocles disse:

— Fazei o que vos peço e vos livrarei de mim. Juro solenemente que se me apoiardes agora, Temístocles, filho de Néocles, nunca mais concorrerá às eleições para general. Eu vos darei a vitória e depois desaparecerei.

No dia seguinte, com a mão direita de cada um entrelaçadas dedo por dedo, Aristides e Temístocles proclamaram solenemente:

— Aqui enterramos nossa inimizade até que tenhamos acabado a guerra contra os persas!

Estavam na praia de Cicreia, onde a frota ateniense estava varada. Todos os cidadãos, dezenas de milhares, haviam se congregado ao redor dos dois homens, que escavaram um buraco na areia da praia. O sol da tarde alongava suas sombras e exagerava a diferença de estatura entre ambos.

Em meio a um silêncio expectante, Temístocles e Aristides se agacharam sobre o buraco, colocaram nele as mãos enlaçadas nele e disseram:

— Sejam testemunhas e avalistas Hades e Perséfone, que a partir de agora guardarão nossas diferenças nas profundezas da Terra.

Depois de tapar o buraco levantaram-se, separaram as mãos e as ergueram acima da cabeça para mostrar que o que quer que houvesse entre ambos havia ficado sepultado debaixo da areia. Um grande clamor se levantou na multidão, e como se o exemplo dos dois políticos houvesse se espalhado, cada homem abraçou o companheiro do lado. Por um momento, à vista de sua cidade arrasada e de uma frota que era o dobro deles, todos acreditaram que a vitória era possível.

— Sempre tiveste talento para o teatro, Temístocles — reconheceu Aristides. — Espero que agora consigas montar um cenário igualmente convincente para tua batalha.

Temístocles tornou a segurar a mão de Aristides para mantê-la no alto e sorriu para a multidão enquanto ela os aclamava.

— Já tenho algo pensado — respondeu. — Todas as naus que nos restam já foram concertadas. Mas não seria mal se o vento mudasse.

— Neste caso, meu amigo — disse o eupátrida —, antes de jantar faremos um sacrifício a Éolo.

ACRÓPOLE DE ATENAS, MESMO DIA

Enquanto os dois políticos atenienses resolviam suas diferenças, Artemisia contemplava o entardecer na rocha sagrada de Atenas. Havia subido pela primeira vez no dia anterior, muito cedo, juntamente com os pisistrátidas, filhos e netos de Hípias. Após ordenar a destruição da Acrópole, Xerxes parecia ter se arrependido. Afinal de contas, estavam longe de sua terra, em um país onde reinavam divindades estrangeiras. Por isso havia decretado que se celebrassem sacrifícios na Acrópole, para congarçar com elas. Isso deu o que pensar a Artemisia: talvez o Grande Rei não tivesse tanta convicção de que só existia um deus como queria fazer acreditar.

Os soldados haviam arrasado e saqueado todos os santuários e templos, mas o butim obtido não era muito suculento. Os atenienses haviam tido a precaução de levar todo o ouro e a prata, e inclusive as incrustações das estátuas. Ainda assim, entre madeiras calcinadas, cascalho, restos de cerâmica e colunas derrubadas, Artemisia chegou a suspeitar como devia ter sido aquele lugar em todo seu esplendor. Talvez porque se aproximavam aqueles dias do ciclo lunar em que estava mais sensível, seus olhos se umedeceram. Não queria que ninguém visse suas lágrimas, de modo que as secou e mordeu seu lábio.

Agora, porém, estava sozinha. Havia subido com seu primo Palamedes e uma guarda de hoplitas, mas lhes pedira que a esperassem na escadaria que dava acesso à Acrópole. Tinha todo o monte sacro à sua disposição. Percorreu-o devagar, lendo as inscrições que ainda se podiam decifrar nas colunas. Entre os saqueadores devia haver jônios também, pois sobre muitas delas haviam pichado com fuligem mensagens obscenas e pênis e vulvas grotescos.

Debaixo de uma tábua carbonizada havia algo que brilhava. Afastou a madeira com o pé e se abaixou. Era uma estatueta de Ártemis pintada com cores vivas. A deusa vestia uma túnica curta que mostrava seus joelhos e estava atirando em algum animal, ou talvez nos níobidas. Com a queda, o arco e a flecha haviam se partido, mas o resto estava intacto. Artemisia pensou que era um bom presságio e decidiu ficar com ela.

Em seu vagar chegou aos restos de outro santuário. Nele havia um poço de cuja borda em ruínas saía uma corda. Puxou-a e tirou um balde meio queimado. Enfiou a mão por curiosidade, pegou um pouco de água na palma e bebeu. Estava salgada.

Recordou que, quando menina, alguém havia lhe narrado um mito ateniense. Poseidon e Atena competiam para se tornar patronos da Ática. Sua disputa foi dirimida no cume da Acrópole. O deus cravou na rocha sua arma, o tridente que provoca terremotos e maremotos, e dela brotou um manancial, que ofereceu aos atenienses. Por infelicidade, a água era salgada, como cabia ao rei do mar. Porém, quando Atena fincou sua lança no solo, dele brotou uma oliveira de galhos retorcidos carregados de azeitonas.

Para não ter de obedecer a uma fêmea, os homens atenienses votaram a favor da patronagem de Poseidon, apesar de que seu dom era inútil. Porém, as mulheres, que eram mais numerosas, escolheram Atena e venceram. A partir de então, Atena ofereceu seu nome e sua proteção à cidade; mas os homens, ressentidos com suas esposas, retiraram delas o direito de votar e as trancaram em casa para que se limitassem a tecer e não tornassem a se imiscuir no governo da cidade.

Foi minha avó quem me contou, lembrou Artemísia. Fiel a suas convicções, Tique afirmava que aquele mito representava a chegada dos homens do norte, dos gregos que haviam derrubado a Grande Deusa e a haviam substituído por suas próprias divindades.

Artemísia se voltou e procurou a oliveira sagrada. Haviam-na serrado à altura de sua cintura e, não satisfeitos com isso, queimado o tronco, que estava praticamente oco. No entanto, dele saía um broto de meio metro cheio de folhas e pequenas flores brancas. Artemísia pensou que era impossível que os saqueadores houvessem esquecido aquele galho. Como havia podido brotar em tão poucos dias? Do mesmo modo que acabava de interpretar o achado da estatueta como um bom augúrio para ela, agora temeu que aquele galho novo significasse que Atenas podia ressurgir de suas cinzas e causar problemas ao Grande Rei.

A textura das sombras fez que pressentisse que o Sol ia se pôr. Dirigiu-se ao parapeito que margeava a face sul da Acrópole para contemplar o crepúsculo, mas antes de chegar reparou em algo estranho e se deteve. Retrocedeu uns passos e viu um pedestal de mármore; embora a estátua que sustentava houvesse desaparecido, ainda se mantinha em pé e conservava íntegra sua inscrição.

Sou a Aguadora. Temístocles, filho de Néocles, do demo de Frear, arconte, me consagrou a Atena graças às multas impostas aos que roubavam ou desviavam a água.

Seu coração se acelerou, como sempre acontecia quando ouvia o nome do pai de seu filho. Levada por um impulso indecifrável, depositou no pedestal a estatueta de Ártemis, que ficava ridiculamente pequena sobre ele. Depois, com uma silenciosa prece à deusa, foi rapidamente para o parapeito.

O Sol estava roçando o horizonte além de Salamina. Os inimigos do Grande Rei se encontravam naquela ilha. Praticamente cercados, mas protegidos pela pouca largura do estreito.

Ali embaixo estava também Temístocles, o homem que só com sua vontade impedia que os últimos redutos de resistência grega se rendessem ao Império Persa. Artemísia recordou-se dele sem unhas, com as costas sulcadas de feridas, obrigado a se ajoelhar diante de Xerxes. E, contudo, havia dito: “Tornarei a deter-te”.

Nesse momento, enquanto o disco do Sol acabava de desaparecer debaixo do

manto da terra, o chão começou a se mover para os lados. Artemísia se segurou no parapeito para não cair. Ao ouvir os escombros ruindo ao seu redor, teve o absurdo pensamento de que uma rajada de vento extremamente forte estava chacoalhando o topo da Acrópole, e se perguntou se conseguiria derrubá-la. A seguir, quase no mesmo momento em que as sacudidas terminavam, notou que se tratava de um terremoto. Recordou-se de outro que havia sentido em Halicarnasso. Era muito menina e estava na cama, e no dia seguinte pensava que havia sonhado, até que seu pai lhe dissera que não, que havia sido um tremor. A sensação havia sido tão desconcertante então quanto a de agora.

Artemísia teve uma súbita premonição e voltou ao pedestal gravado com o nome de Temístocles. A pequena coluna de mármore continuava em pé, mas a estatueta de Ártemis havia caído no chão e se partido ao meio.

Ao ver aquele sinal, Artemísia abrigou a firme convicção de que morreria em breve. E Temístocles seria seu verdugo.

SALAMINA, 19 DE SETEMBRO

Não era a primeira vez que Sicino acompanhava Temístocles a uma reunião de generais. Tinha certeza de que não se pareciam nem um pouco com os conselhos de guerra do Grande Rei. Aqui todos gritavam e tiravam a palavra uns dos outros, e até se insultavam. Diante de Xerxes, tal falta de modos teria acarretado ao infrator uma boa rodada de chicotadas ou algo pior. Na realidade, Sicino não sabia que castigo estava previsto em tais ocasiões, pois a simples ideia de quebrar o protocolo real lhe parecia inconcebível.

Mas os gregos não entendiam de protocolo nem de respeito. Sicino havia visto um general chegar ao extremo de pegar as mãos do outro que estava falando para assim interrompê-lo. Aquela reunião quase acabou em socos.

Por isso Temístocles insistia que o escoltasse.

— Em uma dessas discussões, com o pretexto de um roubo de ira, alguém poderia tentar me assassinar — disse a ele enquanto se dirigiam à baía de Silênia, onde estava varado o navio do almirante espartano. — Entre nós há muitos traidores, mais perto do que acreditamos.

Sicino engoliu em seco e olhou para o chão. *Eu não sou um traidor*, disse para si. Não tinha mais remédio que obedecer às ordens de seus superiores, e as de Mardônio haviam sido taxativas: espiar Temístocles. Mas uma insistente vozinha interior lhe repetia: Mardônio não manda mais que Mitra.

Desde o pequeno abalo sísmico que sacudira a ilha, Sicino sonhara duas noites seguidas com a mina do Láurion. Voltava a trabalhar nela e se arrastava por um túnel tão estreito que ficava entalado, sem poder avançar nem retroceder, enquanto o companheiro que levava a lanterna à sua frente o abandonava deixando-o no escuro. Depois, o chão tremia e começava a cair terra em seus olhos e sua boca. A areia áspera entrava entre seus dentes e também dentro da

garganta, abafando seus gritos. Quando estava quase se asfixiando, o juiz Mitra aparecia e lhe recordava: “Serve com retidão a teu novo senhor, e não mintas mais”. Só então Sicino abria os olhos e se sentava de súbito na coberta do *Artemisia*, encharcado de suor e com o coração descontrolado. Atormentava-o a possibilidade de não acordar. Que aconteceria caso se asfixiasse dentro da mina durante o sonho? Morreria de verdade e se precipitaria no inferno?

Não tinha razão para se condenar. O verdadeiro agente de Mardônio ainda não havia se aproximado dele. De modo que, embora fosse verdade que Sicino procurava prestar atenção em tudo o que fazia e dizia seu patrão, como não havia entregado essa informação a ninguém não se podia afirmar que fosse realmente um espião nem um traidor.

— Sicino, é para hoje.

Sicino notou que estava de novo pensando com a boca aberta, e a fechou.

— Perdão, senhor.

Temístocles deu-lhe um tapinha nas costas.

— Não te preocupes, sem problemas — disse enquanto ambos caminhavam para o navio do almirante espartano. — Sabes, Sicino? Às vezes penso que vivemos uma época tão dura quanto a idade do ferro que cantava Hesíodo: O anfitrião não respeita o hóspede, nem o amigo respeita o amigo. Os filhos desprezam seus pais assim que ficam velhos. Não há reconhecimento para o homem justo nem para o honrado nem para aquele que cumpre sua palavra. O malvado tenta prejudicar o virtuoso com palavras distorcidas e falseando os juramentos. Em tempos assim, é reconfortante ter ao lado um criado fiel como tu. — Temístocles se deteve um momento em frente a ele e olhou-o nos olhos. — Não fui justo ao chamar-te de “criado”. Apesar de termos nascido em povos destinados a ser inimigos pela vontade dos deuses, ambos compartilhamos perigos e penúrias, e tu protegeste os meus com lealdade.

— Obrigado, senhor — balbuciou Sicino tentando desviar o olhar.

Temístocles segurou-o pelo queixo e o obrigou a olhá-lo. Seus olhos eram tão escuros e grandes quanto os do próprio Mitra. Sicino sentiu um nó na garganta.

— Aconteça o que acontecer, e faça o que fizeres, Mitranes, filho de Bagabigna, quero que saibas que não te considero um criado, mas sim um amigo.

Temístocles se voltou por fim e continuou caminhando. *Ainda bem*, pensou Sicino, porque notava que o sangue havia subido a seu rosto e devia estar com as faces cor de púrpura.

A reunião foi celebrada na coberta do navio com insígnia de Euribíades, o *Clitemnestra*. Dois pelotões de soldados espartanos formavam um cordão dos dois lados da trirreme. Contudo, era difícil que os curiosos que se remoinhavam ali por perto não acabassem sabendo o que se debatia, posto que os gregos não tinham exatamente o costume de discutir em voz baixa. De qualquer maneira,

dessa vez o almirante espartano parecia decidido a impor a ordem.

— Juro por Cástor e Pólux ⁷³ que arrebentarei com meu bastão a cabeça de quem tomar a palavra sem minha licença! — disse agitando a arma da ameaça.

Aquela coberta tão longa e estreita não parecia o melhor lugar para celebrar uma junta de generais. Especialmente tendo em conta que eram vinte e um, mais um número quase igual de assistentes ou guarda-costas como o Sicino. Euribiades presidia sentado na poltrona de trierarca. Os outros estavam em pé, começando por Temístocles, à direita do espartano. Como havia pouco lugar, Sicino ficara atrás de seu patrão, em uma plataforma mais baixa entre o cadaste e o lugar do trierarca. Graças a seus dois metros de estatura, sua cabeça ficava quase à altura da de Temístocles e podia ver e escutar tudo.

Pensou que teria sido bom se Apolônia lhe houvesse permitido acompanhá-la a Egina. Quando estava com ela e com suas filhas tudo era muito mais fácil. Sentia-se útil protegendo as crianças, e também a Nesi e à própria Apolônia. Além disso, era divertido ouvir as gargalhadas de Itália quando a punha nos ombros ou a virava no ar — Síbaris ainda era muito pequena para esses jogos tão bruscos. — Principalmente se sentia mais relaxado porque não tinha de memorizar tudo o que diziam. Se um dia aparecesse o misterioso agente de Mardônio e lhe exigisse o relatório, como se importaria com o que fizessem uma mulher e suas três filhas?

Notou que estava distraído e procurou aguçar o ouvido. Por ora, parecia que os generais respeitavam a vez da palavra, o que lhe permitia acompanhar tudo. Ainda que já estivesse havia treze anos na Grécia, continuava se atrapalhando quando falavam muito rápido ou todos ao mesmo tempo, e também quando usavam jogos de palavras que não entendia. Mas, a bem da verdade, em seu próprio idioma também deixava escapar muitas sutilezas.

Quem tinha a palavra era Temístocles, que insistia que a frota da Aliança devia combater ali mesmo e não se retirar. Os gregos estavam muito preocupados porque na véspera haviam divisado uma poeirada ao norte, pela região de Eleusis, onde se encontrava um de seus santuários mais importantes. Ali realizavam uns rituais tão secretos que todo aquele que os divulgasse era condenado à morte. Ao que parecia, tinham relação com uns *daevas* femininos, e também com o inferno. Embora não fossem deusas verdadeiras, aqueles mistérios infundiam em Sicino bastante respeito. Nunca deixava de pensar em quão perto estivera de se precipitar da ponte de Chinvat para as trevas eternas.

Os vigias posicionados na parte norte de Salamina haviam informado que essa poeirada se devia a um enorme exército que estava se deslocando pelo caminho que corria pela costa norte do golfo de Eleusis, em direção ao istmo. Temístocles calculava que devia ser uma divisão composta por vinte *hazarabam*. Sicino estava de acordo, pois sabia que por caminhos tão estreitos vinte mil homens podiam formar uma coluna de marcha tão longa que pareceriam muitos mais.

Escílias, o mergulhador de bigodes rígidos que seu patrão havia trazido consigo da batalha do norte, dizia que não tinham de se preocupar tanto, que era só uma manobra de distração, porque nem Xerxes nem Mardônio pensariam em separar o exército da frota. Sicino não tinha tanta certeza. A *Spada* vinha conquistando países desde os tempos de Ciro sem a ajuda de barcos.

Adimanto, o general de Corinto, em pé à esquerda de Euríbiades, também não acreditava que se tratasse de uma diversão. Sicino não ia com a cara daquele homem de rosto magro e olhos rasgados como os de uma raposa, mas reconhecia que suas palavras tinham certa lógica.

— Devemos ir defender o istmo o quanto antes. Aqui, estamos bloqueados sem fazer nada, enquanto nossos irmãos que defendem a muralha correm perigo. Temos de ir ajudá-los e juntar forças com eles. Separados somos mais fracos.

— Nossos irmãos? — disse Temístocles. — Estás me pedindo que vá correndo ajudar os mesmos homens que não se deram o trabalho de vir a Atenas, que se negaram a sair ao encontro ao bárbaro para impedir que queimasse nossa cidade?

— Adimanto tem a palavra. Não o interrompas — advertiu-o Euríbiades.

— Obrigado — disse o coríntio. — Quanto ao que estava dizendo, todos podeis compreender que aqui não avançamos nada e que a situação está estancada. Estamos aglomerados há mais de vinte dias nesta ilha, onde quase não há água potável para todos, só porque Temístocles insiste em dizer que este estreito poderia ser o melhor lugar para combater contra a frota inimiga.

— E é. Salta à vista — disse Temístocles.

— Mantém silêncio — ordenou Euríbiades. — Não haverá mais avisos.

Sicino achava estranha a atitude de seu patrão. Temístocles sempre se mostrava paciente e comedido com todo mundo, e mais dado a escutar que a interromper os outros. Mas agora sua voz tremia de indignação.

Deve estar alterado assim por causa de Apolônia, pensou. Às vezes, embora não fosse muito observador, sabia perceber essas coisas. Além disso, compreendia seu patrão, porque ele também sentiria perder uma mulher como Apolônia.

— Não serei eu a contradizer meu ilustre colega, embora ele não saiba respeitar a vez da palavra dos outros — disse Adimanto sem se dignar a olhar para Temístocles. — Mas justamente porque salta à vista que o estreito de Salamina é um bom lugar para combater é que os persas não vão querer entrar nele. Xerxes não tem a menor intenção de combater aqui. Até tentou a loucura de nos atacar por terra estendendo um aterro desde o continente até a ilha!

Sicino não achava que era nenhuma loucura. Xerxes, que havia perfurado a península do Athos, teria sido bem capaz de conseguir não fosse pelas trirremes carregadas de arqueiros que acoassavam seus sapadores e os obrigaram a

renunciar a seu empenho.

— Por isso quero submeter sua proposta a votação — prosseguiu Adimanto. — Antes que os persas decidam fechar o canal que há entre Salamina e Mégara, devemos zarpar e nos reagrupar junto ao istmo, no porto de Cencres. Todos, inclusive os atenienses.

— Não pretendo consentir que se cometa essa traição!

Adimanto, que continuava sem olhar para Temístocles, gritou ainda mais que ele. Tinha uma voz penetrante e clara, muito difícil de abafar.

— E proponho, também, que esse homem que não para de me interromper não participe dessa votação! Estamos aqui reunidos os representantes de cidades livres e que ainda existem, e por isso temos direito a votar. Temístocles é um apátrida! — Voltou-se para o mar e apontou para o outro lado do estreito, onde continuavam se elevando espirais de fumaça das ruínas de Atenas. — Por pura inveja dos que ainda têm pátria, não descansará até que os persas arrasem nossas cidades como fizeram com a sua!

— Exijo que retires essas palavras agora mesmo! — exclamou Temístocles pegando Adimanto pelo braço para que se voltasse para ele. Euríbiades se levantou e interpôs o bastão entre ambos.

— Toma a palavra quando for tua vez, Temístocles.

— Certas infâmias devem ser respondidas imediatamente.

— Sabes o que acontece com quem sai antes da hora nas corridas?

— Dize tu — respondeu Temístocles rangendo os dentes.

— Os juízes os açoitam por se adiantarem!

— Com certeza vós, espartanos, nunca vos adiantais. Por isso nunca chegais a tempo a lugar nenhum — respondeu Temístocles.

O almirante levantou o bastão para lhe bater. Sicino se perguntou se devia defender seu patrão nessa circunstância. Mas, antes que pudesse intervir, Temístocles deteve o punho de Euríbiades e o apertou com tanta força que as veias da mão do espartano se incharam como cordas.

— Bate-me mais tarde, se quiseres, mas agora escuta o que tenho a dizer.

Soltou-o com brusquidão, e o general espartano sentou-se com a boca aberta, sem conseguir dizer mais nada. Temístocles se dirigiu a Adimanto apontando-o com o dedo indicador.

— Infeliz, se nós abandonamos nossas casas e nossas muralhas é porque acreditamos que não vale a pena nos transformar em escravos por defender coisas que não têm vida. No entanto, temos a cidade mais poderosa da Grécia. Sabes qual é essa cidade? As duzentas trirremes com que vamos repelir o invasor. Com vossa ajuda ou sem ela! Já haveis permitido que Xerxes arrasasse nossa cidade. Agora, se pela segunda vez partirdes e nos trairdes, todos os outros gregos não tardarão a saber que os atenienses têm uma cidade livre que não é inferior em nada à que abandonamos. E muito menos à tua!

Depois, dirigiu-se a todos.

— Isto é o que vos digo, irmãos gregos. Se vos deixardes levar pelos conselhos de Adimanto e as dúvidas de Euríbiades, ocasionareis a ruína de toda a Grécia. Mas não será com nossa ajuda. Se decidirdes que a frota deve se retirar para o istmo, não conteis conosco. Porque recolheremos nossas mulheres e nossos filhos e nos mudaremos em massa para o sul da Itália. Há um lugar chamado Sirís muito mais fértil que qualquer terra da Grécia, e os oráculos nos recomendaram que fundemos ali uma colônia. Depois, quando todos vós estiverdes debaixo da bota do Grande Rei, inclusive os espartanos, vos lembrareis com saudade de nossos duzentos barcos. Mas então será tarde demais!

Durante alguns segundos ninguém respondeu. Aproveitando aquele silêncio, Temístocles se voltou para Sicino e disse:

— Vamos!

— Isto é um desastre! Esta guerra me lembra cada vez mais a revolta jônica. No fim, acabaremos como na batalha de Lade.

Temístocles, Euforion e Mnesifilo estavam recostados em seus divãs. Sicino havia preferido se sentar em um baú, pois nenhum dos banquinhos que havia naquela casa lhe parecia seguro para seu peso. Era um jantar servido cedo. Ainda restavam duas horas de luz.

Quando abandonaram a reunião, Temístocles estava tão furioso que dissera a Sicino que não queria mais saber de guerra, nem de frota, nem dos gregos condenados. Em vez de voltar a Cicreia, a baía onde estavam varados os barcos atenienses, havia tomado o caminho que subia ao promontório de Cinosura e levava à casa de Clístenes. Mas, antes, pediu a Sicino que fosse buscar Euforion e Mnesifilo.

— Dize a eles que preciso falar com meus amigos.

Depois, quando Sicino ia deixar os três homens a sós, Temístocles disse:

— Eu disse “meus amigos”. Acaso não recordas a conversa que tivemos antes? Quero que jantes conosco.

Sicino ficou, sentindo-se meio lisonjeado e meio culpado. Foi uma refeição simples e frugal: queijo, pão de cevada, azeitonas e anchovas em conserva. Com mais de cem mil pessoas na ilha, havia que economizar provisões. Por ora continuavam chegando barcos com víveres de Egina e Troezen. Mas alguns deles já haviam sido atacados pelas trirremes persas, e Sicino receava que não tardariam a passar fome, o que o preocupava bastante.

— Por que falaste de Lade? — perguntou Mnesifilo a Temístocles.

— Estiveste nessa batalha? — perguntou Euforion. — Acho que foi a maior merda de todas as merdas.

— Não, não estive — respondeu Temístocles. — Mas conheço vários marinheiros que combateram ali. Os aliados gregos mobilizaram mais de

trezentos navios contra os persas, assim como nós. E também tinham seu próprio Temístocles: um homem que entendia de mar, que tentava convencer a todos que deviam treinar as manobras e levar a guerra a sério... e que ninguém ouvia, como a mim.

— Não era um focense? — perguntou Mnesífilo.

— Dionísio de Focéia, sim. Esse homem se empenhava em algo inaudito. Queria que suas tripulações treinassem todas as manhãs. À tarde, além de tudo, obrigava-os a ficar a bordo das trirremes até que escurecesse para o caso de ocorrer um ataque inimigo. Disciplina, o que mais gostamos nós, gregos! Quase tanto quanto união.

Sicino ficou desconcertado um instante com as palavras de seu patrão. A seguir, pensou: *Está sendo irônico*.

— Todos estavam tão ressentidos com ele que, quando chegou a hora do combate, os barcos de Samos e de Lesbos desertaram. O ouro de Dario também teve algo a ver, isso é certeza. Evidentemente, a batalha acabou em desastre.

Agora que Sicino recordava, ele conhecia soldados da frota persa que estiveram naquele enfrentamento. Mas não lhe haviam dito que os inimigos haviam desertado, apenas que havia sido outra gloriosa vitória do Grande Rei. Depois daquilo, Mileto caiu e a rebelião dos insurretos jônios foi subjugada.

— Temes que aconteça o mesmo agora? — perguntou Mnesífilo.

— Não temo. Eu sei. Mas, desta vez, os traidores não vão esperar que aconteça a batalha para desertar.

— Pela bosta de Pan! Que queres dizer? — perguntou Euforion.

Temístocles baixou a voz tanto que Sicino teve de se aproximar para ouvi-lo melhor.

— Esta mesma noite vai se dar a debandada. Vós sabeis onde estão os barcos coríntios, na praia que ficam além de nossa baía. Pois bem, durante a quarta guarda zarparão para o norte e fugirão pelo canal de Mégara.

— Tens certeza disso? — perguntou Mnesífilo. — Adimanto é um homem insolente e soberbo, mas não acredito que seja capaz de tamanha traição.

— O que te parece, Sicino? — perguntou Temístocles voltando-se para ele.

O persa ficou surpreso. Não era frequente que lhe pedissem opinião. Temístocles acrescentou:

— Achas que Adimanto é capaz de nos trair dessa forma?

Todos vós, gregos, sois traidores por natureza, pensou Sicino. Evidentemente, não era o comentário mais oportuno, de modo que respondeu:

— Não sei, senhor. Não parece que goste muito de permanecer aqui em Salamina. E é verdade que estava muito irritado contigo.

— Vedes? Sicino percebeu.

— Não me parece um argumento que... — disse Mnesífilo.

— Não me baseio nisso — disse Temístocles. — Não me julgues tão néscio,

meu bom amigo. Sei que há muitos olhos me espiando, mas eu também tenho meus agentes. Acreditai quando vos digo que esta noite vai haver muito movimento nos estreitos. Se nos descuidarmos, quando amanhecer estaremos sozinhos em Salamina. Ou, na melhor das hipóteses, acompanhados pelos megarenses, que com sua cidade destruída têm tão pouco a perder quanto nós.

— Euríbiades sabe? — perguntou Mnesífilo.

Temístocles deu de ombros.

— Não me consta que saiba. Mas, sinceramente, eu não estranharia. Os últimos espartanos fiéis a nossa causa morreram nas Termópilas.

— E não nos disseram nada, que temos mais da metade dos barcos da frota?

— Nós não queremos abandonar Salamina nem nos afastar de Atenas. Como vão os dizer? Podem pensar que tentaremos impedi-los, talvez à força.

— E não vamos tentar? *Tu* não vais tentar? Todos juntos mal somos rivais para a frota persa, mas separados estamos perdidos.

— Eu não vou tentar nada, meu querido Mnesífilo. Eu me rendo.

— O quê? Como disseste?

Mnesífilo se endireitou no divã, assim como Euforion. Mas Temístocles continuou recostado, com expressão indolente.

— Ouvistes bem. Eu disse que me rendo. Acabou. Estou farto de desperdiçar minha vida e arruinar minha fortuna pelo bem de todos os gregos. Não vale a pena.

Temístocles abaixou a cabeça. Sicino não esperava algo assim de seu patrão, que nunca havia cedido ao desânimo. Talvez, por fim, entrava um pouco de sensatez em sua moleira. Afinal de contas, era uma pessoa inteligente, tinha de compreender que era impossível enfrentar o Grande Rei com esperanças de vitória.

— Vais te entregar aos persas? — perguntou Mnesífilo.

— Reconheço que andei avaliando isso — respondeu Temístocles.

O semblante de Sicino se iluminou. Sim, efetivamente Temístocles estava ficando sensato. Sem dúvida o Grande Rei aceitaria a vassalagem de um homem tão capacitado e Sicino não teria de sofrer dividindo sua lealdade. No entanto, sua alegria durou pouco.

— Mas a resposta é não, Mnesífilo. Jurei muitas vezes que jamais me ajoelharía diante de Xerxes. — Durante um segundo ficou olhando para seus dedos. Só quem compreendia a razão era Sicino. — Nunca violo meus juramentos. Farei como Dionísio de Foceia, que se estabeleceu na Itália.

— E se tornou pirata, pelo que sei.

— Eu não sou eupátrida. O que cada um faz para ganhar a vida me é indiferente. — Temístocles tomou um gole de vinho e prosseguiu: — Se Corinto e outras cidades vão desertar esta noite, é o melhor momento para fugirmos. Do contrário, amanhã poderíamos encontrar o estreito fechado. Quando Xerxes

souber que Adimanto fugiu pelo canal de Mégara, com certeza enviará várias esquadras para bloqueá-lo e impedir que alguém mais saia por ali.

— Até agora ele não quis dividir sua frota — disse Mnesífilo.

— Para manter sua superioridade numérica, caso decidíssemos sair do estreito e batalhar. Mas assim que souber que nossos aliados nos abandonaram, não terá mais essa preocupação e poderá fechar as garras pelos dois lados da ilha.

— Caralho, se temos de fugir de Salamina antes de nos afogarmos em nossa própria merda, que estamos fazendo aqui tão tranquilos? — perguntou Euforion sacudindo a cabeça como um cão que acabou de sair da água. Temístocles soltou uma gargalhada.

— Dizes “tranquilo” por ti, não é?

— Euforion tem razão — disse Mnesífilo. — Se esse é teu plano, deverias falar com os outros generais para organizar imediatamente a evacuação.

— Não haverá nenhuma evacuação.

— Que queres dizer?

— É impossível que toda a frota ateniense fuja em segredo. Minha intenção é comunicar meus planos apenas aos homens de minha esquadra, e sair com os coríntios. É o momento mais apropriado: quando faltam duas horas para o amanhecer, a vigilância sempre relaxa.

— Merda. Caralho, mas como vais tirar trinta barcos sem que os outros saibam? — perguntou Euforion.

— Quem souber vai nos seguir. Mas nós zarparemos primeiro, antes que o inimigo tenha tempo de reagir. — Temístocles sentou-se por fim no divã. — Passaremos entre Cinosura e Psitaleia. Nada de flautas marcando o ritmo da voga: faremos isso com pedras, muito devagar para que os remos não espirrem água. Quando amanhecer, já estaremos a caminho de Egina.

— Queres que tua esquadra saia primeiro, me parece bom — disse Mnesífilo. — Mas deves dizer aos outros generais para que todo mundo tenha a oportunidade de fugir.

Temístocles deu um soco na mesa. Algumas azeitonas saltaram para fora do prato e rolaram no chão.

— Que se fodam os outros generais! Sempre me provocaram, mas desde que estamos em Salamina tornaram minha vida impossível. Aristides deve estar para chegar com os eácidas. Ele que os salve!

Sicino ficou desconcertado. Quem eram esses eácidas que, em vez de fugir, se atreviam a ir a Salamina para enfrentar o Grande Rei? Logo se recordou de que depois do breve terremoto os atenienses haviam feito um sacrifício a seu deus do mar, a quem atribuíam tais fenômenos. Também haviam decidido que, por alguma razão que ele desconhecia, o tremor significava que deviam impetrar a ajuda de uns heróis locais. Esses deviam de ser os eácidas. Por isso haviam mandado Aristides a Egina para que trouxesse suas estátuas.

— Não havias feito as pazes com Aristides? — perguntou Mnesífilo.

— Não sejas ingênuo. Essa farsa não significava nada. Ele e eu somos como a água e o óleo.

Mas fizeram um juramento, pensou Sicino.

— Se não vais contar aos generais, terei de fazê-lo eu — disse Mnesífilo.

Alguns homens semicerram as pálpebras quando querem intimidar os outros. Porém, Temístocles abria os olhos ainda mais que o habitual, parava de pestanejar e baixava a voz. Sicino o achava mais ameaçador.

— É evidente que cometi um erro compartilhando minha informação contigo, Mnesífilo.

— Isto não é informação. Pretendes que me transforme em um traidor!

Temístocles se voltou para Euforion, que parecia tenso como uma corda de arco e não parava de bater nos ombros e percorrer com o dedo a borda de sua taça, a toda velocidade.

— Vejo que não conto com todos os meus amigos. Tu estás comigo, Nervos?

Sicino não sabia por que Temístocles estava agindo assim. Ele mesmo lhe havia dito, muito tempo atrás: “Embora quando falamos de Euforion entre nós o chamamos de Nervos, não se atreva a dizer isso na cara dele. Ele odeia”. Utilizar seu apelido não parecia a melhor forma de ganhá-lo para sua causa.

Euforion semicerrou as pálpebras um instante em um gesto que quase parecia de ódio. Depois, afastou o olhar de Temístocles e respondeu:

— Isto é a grande mãe de todas as merdas. Mas tens razão. Se todo mundo souber e saírem trezentos barcos ao mesmo tempo, os filhos da mãe dos persas nos pegarão em águas abertas.

— Lembre-se de que tens um persa ao teu lado. Não os insultes.

— Não tem importância — disse Sicino.

Fazia tantos anos que conhecia Euforion que praticamente já não ouvia seus palavrões. O que continuava tirando-o do sério era que não conseguisse ficar quieto, mas também não tinha remédio.

— Tenho tua palavra de que não darás com a língua nos dentes?

— Que Pan me transforme em bosta de cabra se eu disser alguma coisa!

— Muito bem. Então, quero que tu e Sicino vão ao *Artemisia* e me espereis ali. Fala com Heráclides e diz a ele que prepare o navio. Que retese bem os cabos mestres, e que as outras trirremes de nossa esquadra façam o mesmo. Não quero que os persas nos ouçam por causa do ranger dos cascos.

— Tu não vens?

Temístocles olhou para Mnesífilo, que havia se sentado no divã e não afastava os olhos dele. Sicino teve a impressão de que estava mais assustado que indignado. *Será capaz de matá-lo?*, perguntou-se. Por isso se alegrou por Temístocles mandá-lo para fora dali. Se pretendia fazer mal a Mnesífilo, preferia que não o encarregasse disso. O velho era boa pessoa e o havia hospedado uns

dias em sua casa, apesar de ter sido no pátio.

— Eu fico. Tenho coisas para arranjar com Mnesífilo — disse Temístocles desembainhando sua espada. — Vades andando, logo será noite.

Euforion apressou-se a sair, sem olhar para trás, e Sicino o seguiu.

Da porta da casa se via todo o longo quebra-mar de Cinosura, e à esquerda a baía de Silênia. Na praia, junto aos barcos, os homens começavam a acender o fogo para preparar o jantar, e as trirremes que patrulhavam a entrada do estreito já retornavam ao porto. Mais além, a costa da Ática se via meio difusa, tingida de um roxo sujo. O dia havia amanhecido seco, com uma visibilidade excelente, como nos dias anteriores, mas conforme passavam as horas cada vez ficava mais abafado. O suor não chegava a evaporar da pele e ficava colado nela em pequenas e pegajosas pérolas até que acabava escorrendo. Sicino ficava maluco com aquela sensação, especialmente quando um fio de suor escorria por suas costas. Pensou que talvez aquele tempo enervante fosse o culpado por os generais terem se mostrado tão irritáveis na reunião e pelo estranho comportamento de Temístocles.

Sicino ia tomar o caminho da esquerda, que conduzia ao povoado de Salamina e dali à baía de Cicreia. Mas Euforion o segurou pelo braço e disse:

— Espera. Tenho de te dizer uma coisa.

Sicino se surpreendeu com o fato de não deixar escapar nenhum palavrão, mesmo em uma frase tão breve. Mas ficou ainda mais estupefato quando Euforion acrescentou em persa:

— Chegou a hora de caminhar pela ponte de Chinvat.

Mnesífilo ficou olhando para Temístocles enquanto a ponta da espada apertava seu pomo de adão.

— Sempre pensei que te conhecia melhor que ninguém, Temístocles, e que não podias me enganar. Considerava-te um tratante e canalha, mas com grandeza de visão. Agora descubro que és um miserável.

— Verdade? — disse Temístocles, sorrindo. De repente parecia estar com um humor excelente.

— Não pretendo ser cúmplice de tua última canalhice. Vou delatar teus planos aos generais.

— Não, não vais. — O sorriso de Temístocles era cada vez mais amplo.

— Então, terás que me matar — disse Mnesífilo, com menos firmeza na voz do que gostaria. Desde que completara cinquenta anos comprovava, com desgosto, que seus testículos ficavam cada vez mais caídos. Agora estavam tão colados ao corpo que poderia ter passado por eunuco, e seus intestinos ameaçavam se esvaziar no divã.

— A verdade é que, com o dilema que me apresentas, eu não teria outro remédio. Estarias disposto a morrer por teus princípios?

Mnesífilo tentou responder “sim”, mas o que saiu foi um frágil cacarejo. Engoliu em seco, e com um pouco mais de dignidade, tentou de novo.

— Sim. Mata-me já.

Temístocles afastou a espada do pescoço de Mnesífilo e tornou a guardá-la na bainha. Depois, segurou sua mão e o puxou para levantá-lo do divã.

— Tu me fizeste o homem mais feliz do mundo, meu velho amigo. Na verdade, acabo de comprovar que em momentos sublimes se pode alcançar a perfeição.

Quando se levantou, Mnesífilo apertou o ventre com as duas mãos, como se quisesse devolver as tripas ao lugar. Agora que havia embainhado a espada, Temístocles o assustava quase mais que antes. Sem compreender nada, seguiu-o até o jardim. Temístocles olhou por cima da cerca e tornou a sorrir.

— Muito bem! Ali vão os dois. Excelentes notícias.

Mnesífilo olhou também. O gigante pensa e o Nervos desciam quase tropeçando para uma enseada onde um bote a remo os aguardava.

— Mas não os havias mandado na direção contrária?

— Exato, meu querido Mnesífilo. Quem vai agora mesmo para Cicreia somos tu e eu.

— Posso saber o que está acontecendo?

— Não é necessário que entendas tudo ainda.

— Mas é que não entendo nada!

Tomaram o caminho que descia para o povoado. Em vez de entrar e atravessar a ágora, Temístocles o levou por ruas menos movimentadas. Ainda assim, não deixaram de encontrar conhecidos que lhe perguntavam pelo acontecido no conselho de generais. Alguns o parabenizavam por ter enfrentado Euríbiades e dizer umas boas verdades a Adimanto. Temístocles respondia com monossílabos, sem parar de andar. Caminhava a grandes passos, esporeado por algum demônio interior. Mnesífilo, cujos joelhos ainda tremiam por conta do susto, mal podia segui-lo. Por fim, deteve-se e se dobrou sobre si mesmo para recuperar o fôlego.

— Por que paraste? Temos muito a fazer!

— Se... se não me deixares descansar um instante — arfou Mnesífilo —, vais me matar de verdade.

Temístocles esperou-o, mas com visíveis gestos de impaciência. Quando as pontadas no flanco passaram, Mnesífilo pôs-se em marcha de novo. Por mais que tentasse que seu amigo lhe desse alguma explicação, não conseguiu.

— Vamos por partes — foi tudo o que lhe disse. — Primeiro tenho de saldar uma dívida e cumprir um juramento. Depois cuidaremos dos assuntos bélicos.

Após deixar a aldeia para trás, chegaram ao acampamento ateniense. Enquanto passavam por entre as rodinhas de soldados e marinheiros que se preparavam para jantar junto às fogueiras, Temístocles segurou com força o

braço de Mnesífilo e murmurou:

— Nem uma palavra, está claro?

— Ao menos compensa-me explicando alguma coisa.

— Saberás tudo no momento certo, eu prometo.

Os homens se afastavam, porque era evidente por seu rosto grave e a determinação de seu passo que o general estava com muita pressa. Chegaram por fim ao *Artemísia*. Após uma breve conversa em voz baixa com o piloto, Temístocles subiu pela escadinha e disse a Mnesífilo que o seguisse. Percorreram a passarela central até a proa e, uma vez ali, desceram ao porão. No espaço entre os primeiros remos e o esporão Temístocles, havia mandado erguer um tabique de madeira com uma porta fechada por um cadeado. Agora abriu-a e tirou de dentro uma trouxa de roupa. Eram dois capotes militares com capuz.

— Veste um.

— Com este calor? Definitivamente, tu decidiste acabar comigo.

Agora que estavam a sós dentro do barco, Temístocles voltava a sorrir. Depois de tanto tempo carregando as preocupações da Grécia inteira, aquela expressão quase travessa o rejuvenescia. Mas Mnesífilo, superado o susto inicial, estava enlouquecendo-o.

— Bem sabes que em uma ilha lotada de gente é complicado manter o anonimato. Não quero que andem nos parando a cada momento para me perguntar o que aconteceu com Euríbiades.

— Eu te advirto que me nego a me envolver com tuas falcatruas se for para... Um momento. O que é isto?

Temístocles estava tirando da cabina um escudo que devia pesar bastante, a julgar pelo modo como o manjava. Mnesífilo recordava-se de tê-lo visto na casa de Clístenes. Agora, quando seu amigo o apoiou em um banco de remador e retirou a capa de pele, pôde vê-lo melhor.

— Pelos cães de Hécate! Mas se é...

— A Górgone que adornava a estátua grande de Atena. De fato.

O monstro fundido em ouro contemplava Mnesífilo com seus enormes olhos de esmeralda, abrindo a boca em uma expressão sanguinária. A luz trêmula da lamparina projetava sombras fugidias que davam a impressão de que as serpentes que tinha por cabelos se moviam com vida própria. Mnesífilo não se considerava uma pessoa supersticiosa, mas ao sentir sobre si o petrificador olhar da Górgone fez um gesto apotropaico com os dedos para espantar o mal.

— Mas se todos os tesouros da Acrópole estão resguardados no templo de Ajax... — disse.

— É só um empréstimo. Peguei-a quando levei a serpente do santuário de Erecteu. Mas foi com a conivência dos sacerdotes. Ainda não me tornei um ladrão sacrílego. Na realidade — disse enquanto guardava a Górgone na capa de pele de um escudo —, vai me servir justamente para evitar um sacrilégio.

Encapuzados e carregando a Górgone, voltaram o caminho que levava ao povoado de Salamina. Já era noite. No entanto, longe de refrescar, fazia cada vez mais calor. Ou assim parecia a Mnesifilo, porque o abafamento era ainda pior sob aqueles capotes untados de gordura impermeável. Mas, embora suasse copiosamente e suas pernas doessem por conta da caminhada, não estava disposto a ficar para trás. Queria descobrir o que Temístocles estava tramando.

— Éolo sorri para nós. O vento vai mudar — disse Temístocles levantando o olhar para o céu. Era o segundo dia de lua cheia, mas seu disco se mostrava sujo e amarelado por conta da bruma que pairava no ar e que apagava as estrelas.

— O etésio seria melhor para fugir a Egina, não achas? — perguntou Mnesifilo.

Embora não entendesse muito de navegação, era evidente que o melhor para viajar ao sul seria um vento do norte.

— Nisso tens razão — respondeu Temístocles com um sorriso indefinível.

— Está claro que não queres me contar nada.

— Só te direi uma coisa por enquanto. Sinto ter te assustado antes, mas tinha minhas razões. Jamais te faria mal.

Mnesifilo não tinha tanta certeza disso. Naquele momento, acreditava que Temístocles era capaz de qualquer coisa.

Chegaram a uma casa na parte oeste do povoado. As janelas eram pequenas e estavam fechadas, mas se ouvia música de flautas e vozes alegres no interior. Temístocles bateu à porta. Depois de um tempo, o postigo se abriu e nele apareceu um rosto iluminado por uma vela cuja chama trêmula não contribuía a embelezar seus traços brutais.

— Que quereis?

— Estamos procurando o general Andrônico. Disseram-nos que se hospeda aqui com seu amigo Sófanos.

— Andrônico não quer que o incomodem.

Temístocles tirou o capuz.

— Dize a ele quem sou.

O escravo abriu a porta sem perguntar mais.

— Esperai aqui — disse após deixá-los em um aposento de paredes nuas.

Ali dentro o barulho da festa soava muito mais forte. Mnesifilo contou duas vozes de homem e talvez três ou quatro de mulher. Elas pareciam muito jovens, e algo o fez suspeitar que deviam estar com pouca roupa.

Sentia-se cada vez mais intrigado. Imaginava que se tratava de um suborno, mas não o conseguia relacionar com a conversa que haviam tido durante o jantar. Sempre se vangloriara de conhecer Temístocles como se o houvesse criado, mas nessa noite o desconcertava.

Não passou muito tempo até Andrônico aparecer. O general, com uma coroa de videira, vinha ajeitando a túnica e amarrando o cinto.

— Ora, ora! Que visita ótima! Meu amigo Temístocles e o ilustre Mnesífilo. Já me perguntava se cumpririas tua palavra ou se eu teria de te recordar o trato.

— Hoje é o segundo dia de lua cheia. Portanto, não ultrapassei o prazo.

O escravo ficou no aposento cobrindo as costas de seu amo. Embora fosse um pouco mais baixo que Andrônico, Mnesífilo observou que seus ombros pareciam mais altos. Aquela tosca cabeça modelada à força de socos parecia brotar diretamente do tronco, sem a mediação de um pescoço.

— Trouxeste o meu? — perguntou Andrônico.

Temístocles, com visível alívio, apoiou no chão a carga que levava, desamarrou o laço da capa de couro e a deixou escorregar. Ao ver os traços da Górgone, o sorriso do general se congelou.

— Que significa isto? Despojaste a estátua de Atena para me pagar? Pretendes debochar de mim?

— Quem te impede de fundi-la em lingotes? Eu mesmo pesei esta Górgone. São quase cinquenta minas de ouro maciço. Concordas que equivale aos oito talentos de prata que combinamos?

— Sim, mas...

— Eu serei culpado pela falta da Górgone, não tu. Fui eu quem assinou o recibo do sacerdote quando a retirei do templo. Não tens com que te preocupar. Trouxe a soma combinada e no prazo combinado. Concordas com isso?

Ao observar que por trás de Andrônico o escravo desamarrava o cordão que cingia sua túnica, Mnesífilo começou a se perguntar se sairiam vivos do aposento. Embora Temístocles tivesse uma espada, não apostaria seu dinheiro nele em uma briga contra aquele capanga com as mãos nuas.

— Te perguntei se concordas.

Andrônico coçou a cabeça, inclinando a coroa de folhas ao fazê-lo. Pela cor de suas faces e suas orelhas, devia estar bebendo desde o meio da tarde.

— Está bem. Mas depois não quero ter problemas. Se um dia me...

— Portanto, cumpri meu juramento — interrompeu-o Temístocles e voltou a cobrir a Górgone com a capa de pele. — Isso é o que eu queria ouvir.

— Que queres de...

O escravo, que havia terminado de tirar o cingulo, rodeou com ele o pescoço de Andrônico e apertou. A pergunta do general se transformou em um gorgolejo. Mnesífilo pensou que deveria fazer alguma coisa, não sabia muito bem o que, mas seu corpo se negava a reagir. Olhou para Temístocles e descobriu em seu rosto um sorriso de crueldade, uma expressão nova que nunca havia visto nele e que lhe provocou um calafrio. Enquanto isso, na sala de jantar continuavam soando as flautas e os risos. Sófanes devia estar se divertindo como um sátiro com aquelas garotas.

— Alguém que ama o dinheiro tanto quanto tu, Andrônico, devia ter aprendido algumas regras — disse Temístocles. — É possível ser corrupto e venal como tu.

É possível inclusive ser ambicioso...

O escravo havia se inclinado para trás a fim de carregar Andrônico sobre seu peito, de tal maneira que os pés do general esperneavam inúteis no ar, enquanto seus dedos se esforçavam para se introduzir entre a improvisada corda e seu pescoço. Seu rosto passou do violáceo a roxo, algo escuro caiu dentre suas pernas e espirrou no chão, e um odor fétido encheu o aposento.

— Mas nunca — prosseguiu Temístocles com uma expressão de nojo —, nunca se pode ser mesquinho. Se tens o melhor guarda-costas de Atenas não podes lhe pagar com mesquinaria, como se fosse um vulgar carregador. Porque sempre chega alguém que melhora tua oferta.

Passado um tempo, que para Mnesífilo pareceu eterno, Andrônico parou de se mexer e seus braços caíram nas laterais de seu corpo como talos murchos. Apesar disso, seu escravo continuou apertando até que se convenceu, por fim, de que o general estava morto, e só então o deixou cair no chão.

— Uma imagem apropriada — disse Temístocles ao ver Andrônico deitado sobre seu próprio excremento. — Bem, Telo, cumpreste teu pacto. A barca te espera na enseada de Cranion.

O assassino ficou olhando para a Górgone coberta com a capa. O que estava lhe passando pela cabeça quase se podia ler gravado em sua testa. Mnesífilo retrocedeu dois passos, mas Temístocles ficou no lugar.

— Sei o que estás pensando, Telo, mas não é uma boa ideia — disse desembainhando a espada e dirigindo a ponta ao escravo. — Espoliar os deuses só acarreta infortúnios. Aproveita o que já tens e aguarda minhas instruções. Ainda te permitirei ganhar muito mais dinheiro.

O aprumo de Temístocles impressionou Mnesífilo, e também devia ter dado o que pensar a Telo. O escravo soltou o cingulo homicida sobre o corpo de Andrônico e abandonou o aposento. Temístocles tornou a pôr a pesada Górgone nas costas e disse:

— Estamos sobrando nesta festa. Vamos.

Enquanto saíam da casa, os risos da orgia se transformaram em gritos de terror, e o trino das flautas se calou, substituído por golpes e correria. Mnesífilo olhou para Temístocles interrogativo.

— Parece que Telo não quer deixar testemunhas. Lamento por Sófanos e essas pobres flautistas. Agora, voltamos ao *Artemisia* para deixar isto. Não tenho idade para carregar um escudo de ouro maciço o resto da noite.

Pelo caminho, Temístocles lhe explicou que Andrônico o andava extorquindo desde sua viagem a Delfos.

— Como todos os chantagistas, ficou insaciável. Mas ele não contava que seu escravo pudesse ter suas próprias ambições.

— Que lhe ofereceste?

— Os dois talentos e as três mil dracmas que havia pagado a Andrônico, e

mais meio talento na barca que o espera para levá-lo a Epidauro.

Mnesífilo não sabia mais se se sentia atônito ou escandalizado por tudo o que estava escutando e presenciando aquela noite. Mas Temístocles ainda lhe reservava surpresas.

— Se Telo demonstrar que é capaz de vencer sozinho dez homens armados, terá merecido esses três talentos — disse.

— Que queres dizer?

— Não pensas que eu deixaria que ele fosse embora impunemente com meu dinheiro para que daqui a um tempo imitasse o exemplo de seu amo e passasse a me chantagear, não é? Nessa enseada o esperam dez sicários de minha plena confiança.

— E se eles te roubarem?

— Não farão. Diferentemente de Andrônico, eu pago bem a meus homens. E, evidentemente, não há nenhuma barca.

Mnesífilo balançou a cabeça.

— Não sei como podes te dedicar a teus negócios tuvos em um momento como este.

— Gosto de enfrentar os problemas um a um. Isso é algo que me minha mãe me ensinou. “Procura resolver sempre o que está em tua mão, começando pelo mais urgente, e não te preocupes com o que não tem remédio”.

Temístocles ergueu o olhar para a Lua e acrescentou:

— A noite ainda é jovem, mas acredito que agora sim chegou o momento de convocar o conselho de generais.

FALERO

— Dize, Mitranes. Acreditas que o informe desse traidor é veraz? — perguntou Mardônio.

Estavam em Falero, no pavilhão do general. Afora vários *arshtika*, Mardônio estava acompanhado de um homem vestindo uma túnica púrpura e açafraão ainda mais luxuosa que a sua. Pareceu familiar a Sicino. Logo ouviu que se dirigiam a ele como Aquêmenes e recordou-se de quem se tratava. Ele o vira competir contra Mardônio para ver quem cravava mais flechas nos três alvos, quando estavam na Babilônia. Era irmão de Xerxes e sátrapa de Dario. Enquanto Mardônio os interrogava, havia escutado toda a conversa em silêncio, mas, cada vez que Euforion meneava a cabeça, ele puxava os densos cachos de sua barba.

Sicino compreendia perfeitamente que os movimentos de Euforion deixassem nervosos seus interlocutores. Felizmente, desde o momento em que se apresentaram diante dos persas o ateniense havia parado de cuspir palavras.

Enquanto remava no bote que os levava a Falero, Sicino não pudera evitar a curiosidade e lhe perguntara por que era tão malcriado no falar. Primeiro falara

em seu idioma, mas logo passara ao grego, visto que comprovara que Euforion só sabia pronunciar em persa a senha da ponte de Chinvat e pouco mais. Euforion lhe explicara que quando soltava um palavrão, especialmente se estivesse relacionado com os excrementos, acalmava-se muito. O mesmo acontecia com aqueles movimentos tão absurdos que costumava fazer. Se quisesse, podia manter as mãos e os pés quietos. Seu problema era que se não relaxasse com um bom palavrão ou algum tique ritual, depois de uns instantes começava a sentir uma coceira insuportável subindo pela nuca e os músculos de seu pescoço e ombros se contraíam. No fim, sem querer, mexiam-se sozinhos e começava a sofrer umas sacudidas de cabeça tão fortes que às vezes chegava a machucar as vértebras e ficava tonto.

— Mas quando eu governar a maldita cidade de Magnésia, como me prometeu Mardônio, poderei dizer e fazer o que quiser. E aquele que rir, *zás* — dissera passando o indicador pelo pescoço em um gesto expressivo.

Sicino podia compreender por que ele estava remando aquela barca para revelar ao comando persa o que havia escutado durante o jantar. Afinal de contas, seu verdadeiro nome era Mitranes, filho de Bagabigna, e embora estivesse havia tantos anos sem vestir o uniforme, era um decurião da *Spada*. Mas não entendia que Euforion, sendo amigo de Temístocles, o traísse dessa forma.

— Traí-lo, eu? Traí-lo, eu?

Após bater nos joelhos e puxar as orelhas, explicara-lhe que Temístocles o usava desde que eram crianças. Como se sentia inferior a eles, os eupátridas, havia se aproximado de Euforion pensando que por seus defeitos seria mais acessível.

— Desde então sempre me xingou e me olhou por cima do ombro de meeeeerrrrda — disse regozijando-se em sua grosseria.

Sicino não concordava que, afora alguns comentários que havia deixado escapar nessa mesma noite, Temístocles debochasse tão frequentemente de seu amigo. Mas quando Euforion se queixara de seu costume de dar-lhe um tapinha no rosto, tivera de reconhecer que isso sim ele fazia e que a ele também o teria incomodado.

— Quem ele pensa que é? Ele, o filho de um comerciante que passou a vida toda comendo merda e mais que merda, dando bofetadinhas em mim, um almeônida!

A ladainha contra Temístocles continuara durante um bom tempo. Euforion tinha muitos espinhos cravados, mas o pior era a humilhação que seu amigo lhe havia feito passar quando propusera à sua irmã que se casasse com ele, e Nicômaca se permitira o luxo de repudiá-lo. Com o próprio Euforion à sua frente!

Sicino escutava boquiaberto. Não podia conceber um ódio assim, tão profundo,

tão venenoso, cultivado durante tantos anos. Tinha certeza de que nem mesmo Temístocles, que costumava ser tão sagaz, havia percebido. Mas a seguir Euforion prosseguira atacando outras pessoas, primeiro de sua própria família e depois de outras, até que Sicino notara que aquele ódio que sentia não era só por Temístocles, mas também pelo resto dos atenienses.

— Sempre me tomaram por um doido varrido, esses arrogantes de merda. Mas o que pensavam? Eu enganei a todos.

Euforion lhe explicara com orgulho que trabalhava para os persas havia mais de dez anos. Sim, ele havia feito os sinais luminosos no Egáleo. Quando quase o pegaram, ocorrera-lhe uma improvisação genial e levava o escudo a Temístocles como se quase houvesse capturado o espião.

Normalmente, Euforion informava os persas fazendo sinais luminosos com reflexos durante o dia e tochas à noite. Mas as mensagens que podiam ser transmitidas dessa maneira eram muito simples, como a de Maratona: “Espartanos não chegarão”. Às vezes tinha de recorrer a intermediários e desertores. Como um mês antes, quando conseguira enviar de Artemísio um informe sobre o número e a disposição das tropas que defendiam as Termópilas.

— Estás muito orgulhoso do que fazes — dissera Sicino.

— Estou. Sou muito bom na arte da enganação. Melhor que Temístocles, que se julga o homem mais esperto do mundo.

— E por que agora não fizeste sinais luminosos de Salamina?

— Já não te expliquei, caralho? — Euforion revirara os olhos, fazendo-os girar várias vezes para os dois lados. — Esta informação é muito delicada e precisa. Além disso, não tenho a menor intenção de estar nas águas do estreito quando a frota persa entrar. O mar vai se transformar em merda pura. Quando teus amigos persas se lançarem ao maldito massacre, quero ver quem os convence de que sou um de seus agentes.

Sicino não havia pensado nisso. Começara a temer que não os deixassem chegar a Mardônio, ou que até os executassem pensando que eram espiões, mas do bando grego. No entanto, assim que chegaram a Falero foram conduzidos ao general. Euforion rira dele ao ver sua expressão de surpresa e lhe perguntara quantos homens pensava que existiam que medissem mais de quatro côvados de altura e um de largura e tivessem no rosto uma cicatriz roxa como a sua. Sicino se sentira um pouco tonto, mas tivera de reconhecer que o ateniense tinha razão.

Já em presença de Mardônio e Aquêmenes, Sicino foi traduzindo para o persa as palavras de Euforion. O informe era muito preciso e detalhado. Os gregos tinham exatamente trezentas e dez trirremes em condições de combater, e Euforion os foi demolindo por contingentes e cidades. O principal era o ateniense. Embora diante de seus aliados Temístocles sempre se vangloriasse de seus duzentos navios, Sicino se surpreendeu ao saber que só lhes restavam cinco esquadras de trinta navios e outra de vinte em condições de operar.

— O contingente seguinte em número é o de Corinto, com quarenta trirremes sob o comando de Adimanto — traduziu depois. — Esses são os barcos que vão fugir esta noite pelo canal de Mégara. Nesta mesma hora Temístocles pretende fugir entre Salamina e Psitaleia com uma esquadra de trinta barcos.

Mardônio ia assentindo a tudo o que ouvia, e cada vez que fazia isso sua barba vermelha e dura crepitava contra sua túnica. Quando Euforion concluiu seu informe, o general disse a Sicino:

— Mitranes, dize a este grego que agora conversaremos a sós para considerar sua informação, mas que, se ficar provado que é veraz, lhe concederemos não só Magnésia como também Priene e Colofão.

Quando Sicino traduziu isso a Euforion, o ateniense ficou tão satisfeito e ao mesmo tempo tão nervoso que as sacudidas de sua cabeça se multiplicaram, e para acalmá-las teve de realizar de novo seu ritual de movimentos absurdos. Enquanto saía da tenda, Mardônio ficou olhando para ele com um estranho sorriso. Sicino pensou que parecia de desprezo. *Não seria estranho*, disse para si. Ninguém podia gostar de alguém que vendia assim seu próprio povo, mesmo que se beneficiasse com sua perfídia.

Foi quando Mardônio lhe fez a pergunta.

— Dize, Mitranes. Acreditas que o informe desse traidor é veraz?

— Sim, senhor. Eu mesmo estive presente quando Temístocles contava que os coríntios iam fugir. Ele quer fugir para o oeste, e não sei se pretende se tornar pirata, porque disse que se...

Mardônio levantou a mão e Sicino compreendeu que devia se calar e esperar outra pergunta.

— De modo que os últimos restos de sua Aliança estão desmoronando. Que mais ouviste? Diante de ti Temístocles comentou algo sobre seus conselhos de guerra?

— Oh, sim senhor! Até me levou a eles.

Sicino lhe contou o enfrentamento dessa mesma tarde entre Temístocles, Adimanto e o almirante espartano. Mardônio sorria cada vez mais. Após escutar Sicino, voltou-se para Aquêmenes.

— Tenho uma ideia — disse. — Vou consultar o rei. Mas tu podes zarpar com teus barcos para fechar o canal de Mégara. Se partires agora mesmo, poderás estar lá antes que os coríntios apareçam. Que achas?

— Acho boa ideia — respondeu o irmão de Xerxes. — Se o rei decidir atacar, teremos ganhado tempo. Do contrário, apenas teremos de voltar.

Sem esperar mais, Aquêmenes saiu da tenda. Mardônio pegou à mão de Sicino e a apertou.

— Apareceste em um momento oportuno, filho de Bagabigna. Graças a tua lealdade, o Grande Rei vai obter a mais maravilhosa de suas vitórias. Vais querer participar dela?

— Evidente, senhor!

— Descansa um pouco, Mitranes. Tu mereces. Amanhã, quando saltares sobre os barcos gregos, semearás o terror entre os infíeis e agradarás ao senhor Ahuramazda em seu coração.

Sicino sorriu ao imaginar a cena. Depois, perguntou-se o que aconteceria se por acaso abordasse o barco de Temístocles, e seu sorriso se apagou.

SALAMINA

À meia-noite, quando a terceira guarda substituiu a segunda, Temístocles ainda não tinha como saber se seu plano havia começado a funcionar. Havia vigias posicionados na ilha toda, especialmente na parte oriental, mas ninguém havia informado de atividade incomum por parte dos persas. O ar continuava sufocante e fazia tanto calor que os soldados e marinheiros, que outras noites praticamente se empurravam e se aglomeravam para se aproximar do calor das fogueiras, agora se afastavam dos rescaldos até em sonhos ou se levantavam para apagá-los com água.

Os generais continuavam reunidos, mas após a informação inicial de Temístocles já não havia um debate geral, mas sim várias conversas em rodinhas. Não haviam convocado todos dessa vez, só os chefes dos principais contingentes, de tal maneira que entre eles e seus assistentes eram menos de vinte pessoas. Temístocles não estava disposto a permitir que houvesse desertores de última hora que informassem os persas.

Ainda que, por deferência para com ele, estivessem reunidos na baía de Silênia, perto do *Clitemnestra*, Euríbiades se mantinha à parte, enquanto Temístocles desenhava na areia da praia para explicar as manobras a Adimanto e aos generais de Egina e Mégara.

— Lamento, Euríbiades — dissera-lhe Temístocles antes. — Para que a trapaça fosse completa, eu precisava que tua ira contra mim fosse verdadeira.

— E por que Adimanto sabia? Debochaste de minha autoridade!

— Adimanto sabe fingir melhor que Ulisses. Recorda que vem de uma cidade de comerciantes, e o patrono dos comerciantes é o astuto Hermes.

— Quando a Aliança tornar a se reunir, farei que te julguem por trair todos os gregos. Não escaparás impune disto!

— Não estragues o que estou fazendo, Euríbiades. Depois, denuncia-me perante o tribunal de Zeus Olímpico, se quiseres. — Temístocles acrescentara em voz baixa: — Mas eu te advirto que, se continuares te comportando desta forma, não verás os outros três talentos.

A isso o almirante espartano não soubera o que responder. Agora estava sentado sobre uma pedra girando o bastão na mão direita enquanto contemplava o nada de cenho franzido. Ao olhá-lo de soslaio, Temístocles quase podia ver o orgulho e a cobiça personificados em duas pequenas divindades aladas que o

puxavam em direções opostas.

Voltou-se de novo a seus colegas da frota. Quem visse a ele e a Adimanto, acocorados na areia ombro a ombro, não poderia acreditar que eram os mesmos homens que estiveram prestes a chegar às vias de fato umas horas antes.

— Isto é o que eu penso que acontecerá — disse Temístocles apontando as linhas que representavam o desdobramento da frota persa ao longo da costa. — Pelo menos é o que eu faria se estivesse no lugar de Xerxes e acreditasse que a informação que recebi é fidedigna.

— Eu, porém, se fosse ele, não arriscaria entrar no estreito — disse Adimanto. — Eu me limitaria a esperar do lado de fora como uma doninha e a caçar os ratos um por um conforme fossem saindo da toca.

Embora estivesse fazendo objeções a Temístocles, agora o fazia em tom razoável, muito longe da histrionice com que havia agido na cobertura do *Clitemnestra*.

— Ele não é assim. Seu conceito de grandeza não lhe permite agir como dizes. Em uma oportunidade ele afirmou que queria travar a maior guerra que o mundo já houvesse visto para que os valentes demonstrassem nela sua valia.

— Como sabes de tudo isso? — perguntou o general de Mégara.

— Foi uma informação que me custou um preço muito caro — respondeu Temístocles.

— De qualquer maneira, ainda há mil coisas que podem dar errado — disse Adimanto. — Teu escravo pode afundar na barca antes de chegar a Falero. As sentinelas persas podem cortar seu pescoço. Os comandos persas podem não acreditar nele. Ou podem acreditar, mas não fazer nada. Ou podem fazer algo, mas não o que tu esperas. E se eles se limitarem a nos cercar, mas não passarem além de Cinosura?

— Sicino chegará, eu te garanto, e ninguém lhe cortará o pescoço. Esse homem tem mais vidas que Sísifo. E terão de acreditar nele. Não há pessoa com menos falsidade no mundo.

Ao pensar em Sicino, voltou o olhar para Mnesifilo, que havia se deitado no chão e dormia com a cabeça coberta por uma ponta de seu próprio manto. Enquanto esperavam que chegassem os generais convocados a essa junta de urgência, Temístocles havia explicado a seu amigo o motivo de sua atitude durante o jantar.

— Quando se quer enganar uma pessoa, é preciso também enganar todas que a cercam. Se eu houvesse te contado antes o que pretendia fazer, tua atuação não teria sido convincente. Tu és muito honrado.

— Não tentes me agradar agora, depois dos sobressaltos que me fizeste passar esta noite. Como adivinhaste que Sicino e Euforion tomariam esse bote?

— Porque, para começar, eu sabia que Sicino andava me escondendo algo desde que saímos da Babilônia. Pode-se ler nele como em um papiro.

— Apolônia me disse algo parecido, que Sicino mentia ao afirmar que não podia voltar para a Pérsia. Mas tinha certeza de que tu havias engolido seu embuste.

— Como já te disse, a melhor maneira de que não se descubra uma enganação é não a contar a ninguém. E me era conveniente ter Sicino ao meu lado para passar aos persas a informação que eu julgasse mais oportuna.

— E sobre Euforion?

— Ah, que estúpido fui com ele! Quando Clístenes me insinuou que havia traidores em sua própria linhagem, mais perto do que eu suspeitava, não imaginei que se referia ao Nervos. Talvez o velho tenha me julgado mais astuto do que sou.

— Às vezes não é ruim se deixar enganar por amizade. Não te envergonhes de teus bons sentimentos.

— Do que me envergonho é minha estupidez. Por culpa de suas manias, todo mundo pensa que Euforion é um imbecil. Receio que eu também o subestimei.

— Como descobriste, então?

— O caso é que ele deve ter se sentido tão impune, ou pensado que eu estava tão cego e tão surdo, que no fim acabou agindo como um imbecil.

Só Euforion, que conhecia o montante exato de seus pagamentos a Euríbiades e Adimanto, podia ter espalhado o rumor dos trinta talentos com que os habitantes de Eubeia o haviam subornado. Pelo menos o imbecil podia ter sido um pouco mais impreciso com os detalhes...

Mas isso Temístocles não havia explicado a Mnesífilo. O modo como havia resolvido seus problemas com Andrônico já era sórdido o bastante para ficar falando de mais subornos.

Pelo menos um deles fora bem empregado: o de Adimanto. No final, descobrira que apreciava o coríntio. Era um safado amante da prata e ainda mais do ouro e, além de tudo, um grande ator a quem Frínico e Ésquilo teriam disputado a socos. De certo modo, parecia-se com Temístocles, só que sem sua grandeza de visão. Enquanto traçavam o plano, reconhecera isso.

— Desde que me pagues, podes ficar com a glória.

Um safado, sim, mas o tipo de safado de que Temístocles gostava. Um homem que, uma vez aceitado um suborno, se manteria fiel à sua palavra. E também um excelente marinheiro que agora, como o ele, não fazia mais que levantar a cabeça e observar o céu.

— Achas que teremos vento sudeste?

A lua cheia havia alcançado seu zênite. Sua face continuava difusa e só as estrelas mais brilhantes cintilavam através da bruma que turvava o ar.

— Não acho. Eu sei — disse Temístocles com uma segurança que estava muito longe de sentir.

Havia vários dias que fazia sacrifícios para agradecer Éolo e convencer seus

filhos Noto e Euro a juntarem suas forças. Confiando nisso, havia decidido que os barcos atenienses tornariam a levar apenas quinze combatentes de cobertura. Com relação às frotas das demais cidades, não podia decidir.

Nesse momento, enquanto tentava escutar presságios no céu, alguém atravessou o perímetro de sentinelas que vigiavam para que ninguém incomodasse nem espiasse os generais. Era Aristides, e parecia trazer graves notícias. Até Euríbiades abandonou seu mutismo e se levantou para escutá-las.

— As imagens dos Eácidas já estão em seu templo — informou. — Mas enquanto voltávamos de Egina quase nos capturaram.

— Explica-te — disse Temístocles.

— Foi um pouco antes de chegar a Cinosura. Era uma frota inteira que se dirigia para o sudoeste. Navegavam como fantasmas, sem lamparinas e sem fazer ruído. Cruzamos seu caminho, a pouco mais de dois estádios de sua vanguarda. Eles nos viram, porque nós tínhamos os luzes. Se quissem nos interceptar, teriam conseguido facilmente. Mas mantiveram o rumo como se não existíssemos.

— Quantos eram?

— Eu não saberia dizer. Navegavam em fileira, com uma frente de três navios, e quando os deixamos para trás continuavam passando. Podiam ser cem barcos, talvez mais.

— Vão atacar nossa ilha... — disse Policrito, general de Egina.

— Não. Quando chegarem ao extremo sul de Salamina mudarão de rumo. Estão se dirigindo ao estreito de Mégara. Isso quer dizer que morderam a isca.

— Isca? De que estás falando? — perguntou Aristides.

Mas Temístocles não respondeu. Ao que parecia, Aristides não havia trazido em seu barco somente os Eácidas. Atrás dos guardas havia uma mulher.

Apolônia.

FALERO

Quando acordaram Artemísia e lhe disseram que Xerxes queria vê-la, ela se surpreendeu pelo intempestivo da hora. Sempre que compartilhava o leito com o Grande Rei avisavam-na muito antes. A seguir, ao saber que se tratava de um conselho de guerra, sua estranheza foi ainda maior, mas agradeceu. Era o primeiro dia de sua menstruação e não saberia muito bem como rejeitar Xerxes com delicadeza.

A reunião não se celebrou em nenhum dos três pavilhões reais, mas sim na tenda de Mardônio, que ficava mais perto da praia. Eshmunazar de Sidon havia aberto sobre uma grande mesa um mapa de Salamina. Era a primeira vez que Artemísia via uma carta de navegação como essa, pois os fenícios eram muito zelosos de seus segredos. As esquadras persas estavam representadas por pecinhas de madeira vermelhas, e as gregas, por peças sem pintar.

Primeiramente, Mardônio informou a todos os presentes que, graças a dois espiões, soubera que boa parte da frota inimiga desertaria pouco antes do amanhecer. Depois, pegou quatro pecinhas vermelhas que representavam os cento e vinte navios egípcios e os moveu de Falero para a parte sudoeste da ilha.

— Enquanto estamos aqui conversando, a esquadra de Aquêmenes está cercando Salamina para se situar aqui. — Girou as pecinhas e as levou até os estreitos que se abriam na parte ocidental da ilha, por baixo de Mégara. — Quando os coríntios tentarem passar e encontrarem nossos barcos, o mais provável é que deem meia-volta para fugir, oferecendo suas popas. Mas se tentarem abrir caminho investindo de frente, descobrirão que os egípcios com suas armas pesadas são uma barreira infranqueável.

Artemísia se surpreendia com a desenvoltura com que Mardônio manejava aquelas esquadras de madeira e falava de barcos. Desde seu naufrágio no Athos detestava o mar e tudo relacionado a ele. “A guerra e o mar são imprevisíveis separadamente”, dizia. “Só um louco pode pensar em uni-los.”

Mas do modo como se apresentava a situação, tinham a possibilidade de obter uma vitória esmagadora sobre os gregos, e Mardônio queria participar dela. Estava se valendo do informe de seus espiões para se tornar o protagonista da reunião e traçar a estratégia. Pela expressão de Ariabignes, Megabazo e os outros almirantes, era evidente que percebiam e estavam incomodados com ele.

Mardônio prosseguiu explicando seus planos. Tirou as demais esquadras de Falero e posicionou parte delas entre Psitaleia e Salamina.

— Os atenienses, ou parte deles, tentarão fugir por aqui. Se nosso rei der a vênha, assim que terminar esta reunião enviaremos várias esquadras para interceptá-los. Além disso, posicionaremos quinhentos homens da *Spada* na ilha de Psitaleia. Eles acabarão com os gregos que conseguirem chegar nadando quando afundarmos seus barcos.

A seguir, colocou as outras pecinhas vermelhas do outro lado de Psitaleia, desdobrados até a costa do continente.

— As esquadras fenícias fecharão esta saída. Quando começar a clarear, nossa frota entrará no estreito. Primeiro os barcos fenícios e depois todos os outros.

Colocou as pecinhas de madeira em fila, coladas à costa, e foi deslizando-as para o oeste. Artemísia se perguntou qual era o propósito daquela formação tão comprida, uma serpente aquática de dois quilômetros de comprimento que seguia o contorno da margem. Perseguir os barcos coríntios? Para isso não eram necessárias quase quinhentas trirremes. E o que fariam com o resto das naus gregas que estavam varadas na ilha?

Suas dúvidas logo se dissiparam. Mardônio continuou empurrando a fileira de pecinhas até que a ponta daquela linha oblíqua passou entre as duas ilhas Farmacusas.

— Quando todos os navios estiverem em posição, o Grande Rei dará uma ordem de seu posto de observação. Então, nossos barcos virarão à esquerda.

— A bombordo — sussurrou o fenício Eshmunazar.

Mardônio girou todas as peças de madeira em ângulo reto de maneira que ficaram apontando para a ilha de Salamina.

— Com as primeiras luzes do amanhecer, nossa frota atacará os gregos em seus ancoradouros — disse apontando as baías de Cicreia e Silênia. — É possível que consigam lançar ao mar alguns navios, mas os levaremos a pique. A maioria continuará varada em terra e suas dotações ainda estarão acordando ou tomando café da manhã. Destruiremos seus barcos na margem e mataremos seus tripulantes.

Alguém pigarreou. Era o fenício Mattan, soberano de Tiro.

— Fala — disse Mardônio.

— O plano me parece excelente. Só me pergunto se os gregos se deixarão matar com tanta facilidade.

— Não atribuirei tuas dúvidas à covardia, porque sei que tu e teus marinheiros vos haveis batido com valor até agora — respondeu Mardônio.

Artemísia pensou que não teria se atrevido a se dirigir assim a um nobre persa. De qualquer maneira, o fenício não pareceu se afetar com a insinuação.

Mardônio prosseguiu:

— Os gregos estão desunidos, desmoralizados e desorganizados. Àquela altura muitos deles, os que houverem tentado desertar durante a noite, já estarão servindo de comida aos peixes. A maioria dos homens que encontraremos na ilha serão remadores, armados com punhais, no máximo. Os soldados de infantaria provavelmente tentarão resistir, mas não terão mais remédio que se retirar para o interior da ilha. Uma vez donos das praias, nossos transportes desembarcarão os Dez Mil em Salamina.

Mardônio deu um soco no mapa e as pecinhas pularam como sacudidas por um terremoto. Artemísia se lembrou da estatueta quebrada e não pôde evitar um calafrio.

— Sabemos que quase todos os homens de Atenas se encontram em Salamina. Os atenienses incendiaram Sardes, mataram os embaixadores do Grande Rei, negaram-se a entregar a terra e a água e convenceram os outros gregos a se rebelar contra a legítima soberania de nosso senhor. — Artemísia notou que Mardônio não mencionava a derrota de Maratona. Oficialmente, não havia acontecido. — São selvagens que se opõem à ordem natural desejada por Ahuramazda. Mas amanhã, a esta hora, não restará nenhum deles vivo.

Havia chegado o momento de os generais, reis vassallos, almirantes e oficiais diversos darem sua opinião. Conforme chegava sua vez de falar, cada um se levantava e mostrava sua aprovação elogiando aquele excelente plano com breves palavras, dirigindo-se a Mardônio para que este transmitisse sua

mensagem ao Grande Rei. Após cada intervenção, embora não o interpelassem diretamente, Xerxes manifestava sua aquiescência com uma leve inclinação de cabeça.

Cabia a Artemísia falar. Sabia muito bem o que se esperava dela. Não haviam sido convocados para dar opinião, mas sim para aplaudir. Mas seu ventre doía, com uma dor surda e constante que nenhum dos homens ali presentes podia compreender. O calor tornava ainda mais incômoda sua menstruação, e os bálsamos que ardiam nos incensários estavam revirando seu estômago. Tudo isso azedava seu humor e afiava sua língua, e, além do mais, não podia deixar de pensar no presságio que havia recebido na Acrópole.

— Mardônio, eu te rogo que digas ao Grande Rei, em meu nome, o seguinte: ele é dono da parte mais importante da Grécia. Atenas foi arrasada, de modo que o incêndio de Sardes e seus outros ultrajes ficaram vingados de sobra. Se esperarmos um pouco mais, os gregos cairão como fruta madura. Deixemos que fujam para depois derrotá-los um a um. Tenho certeza de que muitos deles estão arrependidos de ter se oposto ao poder de nosso soberano e em segredo desejam lhe oferecer a terra e a água. Se não o fazem é porque, estando todos juntos, sentem vergonha de ser os primeiros a ceder.

“Pois bem, se tentarmos combater contra toda sua frota reunida, ainda que a nossa seja muito superior em número e perícia, existem mais possibilidades de sofrermos um contratempo que se nos dedicarmos a subjugar a cidade por cidade. Seria conveniente não esquecer, além de tudo, que os atenienses lutam em seu terreno e que os encurralamos. Um animal ferido e acuado é ainda mais perigoso e pode causar mais danos quando está prestes a morrer que enquanto tem a opção de fugir. Por tudo isso, sinceramente, eu desaconselharia essa operação, embora esteja planejada de forma tão brilhante.”

Seguiu-se às palavras de Artemísia um silêncio tão denso e pegajoso quanto o ar daquela noite sufocante. Mardônio ficou olhando para ela com perplexidade. Seu rosto parecia dizer: “Por que justamente tu fazes isso comigo?”

O seguinte a falar foi o rei lício Damasítimo. Seu hóspede, Ésquines, devia tê-lo contagiado de seu ressentimento contra Artemísia, porque se limitou a dizer:

— Isso tinha de acontecer. Deixamos que as mulheres participassem dos conselhos de guerra e, no fim, falamos como mulheres. Se a tirana Artemísia acha que não deveríamos combater, razão a mais para fazê-lo, porque é um argumento de covardes, como corresponde a seu sexo.

Artemísia ficou vermelha de ira, mas não se atreveu a se levantar para tomar a palavra sem licença. Não obstante, Mardônio lhe deu a oportunidade apontando-a com seu bastão.

— Duras foram as palavras de Damasítimo. Tens algo mais a dizer, Artemísia?

— Sim — respondeu ela levantando-se. — Também te rogo que transmitas ao

rei isto: na batalha das Termópilas não me comportei como uma pusilânime, assim como nos combates navais de Artemísio meus barcos também não cederam em valor aos de ninguém. Não falei assim por covardia, mas sim pelo respeito e afeto que sinto por nosso senhor. Embora haja desaconselhado entrar no estreito, eu mesma zarparei em minha nau capitânia para combater com valor em nome do Rei dos Reis e derramar meu sangue por ele.

Falou olhando para Mardônio, mas ao escutar o golpe do cetro de Xerxes sobre o estrado voltou-se. O Grande Rei havia se levantado, o que significava que o conselho estava dissolvido, embora faltasse que vários oficiais falassem.

— Agradam-me o valor e a sinceridade da rainha Artemísia, pois são virtudes próprias de um amigo. Embora não me satisfaça tanto sua opinião. Mas até mesmo os melhores amigos podem se equivocar. Agora, rogo a Ahuramazda que sorria para seus filhos e que ao amanhecer lhes outorgue a vitória.

De modo que haverá batalha, pensou Artemísia enquanto Xerxes abandonava a sala. Dispunha-se a voltar à sua tenda para acordar seus homens e ordenar que embarcassem quando Mardônio lhe pediu que esperasse. Ignorando os outros almirantes e capitães que queriam falar com ele, o general a levou a um reservado de sua tenda.

— Que há contigo, Artemísia? — perguntou-lhe. — Por que disseste isso?

— Tu também não gostas que te contrariem, Mardônio? Todos concordaram com teu plano. O fato de entre tantos oficiais só eu ter manifestado uma opinião contrária devia te alegrar.

— Estás me interpretando mal. Não me contrariaste, porque tua opinião não podia mudar o parecer do rei. Ele está decidido. O plano não é meu, mas sim dele. Eu só tracei alguns detalhes.

— Não sabia.

— Tua atitude me desconcerta. O que te preocupa? Não teremos outra oportunidade como esta.

— Eu sei.

— Talvez não tenhas tanta certeza. O rei necessita dessa batalha, e a necessita já.

— Por quê? Não estamos ganhando esta guerra?

— De certo modo, não — reconheceu Mardônio. Olhou para os lados, embora não houvesse ninguém entre aquelas paredes de lona, e baixou a voz. — Nossas previsões foram muito otimistas. Nenhuma delas se cumpriu. O outono está chegando, e nesta data havíamos planejado que o Grande Rei estaria de volta à Ásia, enquanto eu me dedicaria a organizar a nova satrapia. Mas este exército monstruoso é lento como uma carreta de bois. Gastamos o dobro do dinheiro previsto, o que significa que o erário terá de pagar muitos mais juros. As provisões estão se esgotando. Se nossos vassalos macedônios e tessálios nos alimentarem quinze dias mais, morrerão de fome durante o inverno. Não é isso

que deseja o Grande Rei. Percebes a gravidade da situação?

— Mas... Não entendo. A situação não é tão ruim. Atenas está destruída. Quase toda a Grécia se encontra em nosso poder. O Grande Rei pode voltar à Ásia quando quiser e celebrar sua vitória. Basta que fiques tu aqui com duas ou três divisões e que pouco a pouco vás conquistando os redutos rebeldes. Para isso não serão necessárias tantas provisões nem dinheiro.

— Se o Grande Rei fosse Dario, talvez te desse razão. Mas não é Dario, é Xerxes. E bem sabes o que isso significa.

— Sua grande vitória.

— Isso mesmo. Vencer pouco a pouco e por desgaste não é digno de sua grandeza. Ele quer uma batalha grandiosa. Para isso precisa de todos os seus inimigos juntos, não separados. E, além de tudo, quer vê-la pessoalmente. Acabou de ordenar que levem seu trono ao monte que domina o estreito de Salamina para presenciar a vitória de sua frota.

— Entendo.

— Por isso te pergunto: Por que falaste daquele modo? O que é que te atormenta?

Artemísia baixou a cabeça.

— Tenho vergonha de reconhecer, mas tive um pressentimento. Um mau pressentimento.

Mardônio ergueu uma sobrancelha.

— Recebeste um sonho? — Assim como Xerxes, ele levava muito a sério os sonhos.

— Não. Foi... uma espécie de presságio. — Levantou o olhar. — Combatarei pelo Grande Rei e morrerei se for preciso. — Tocando a orelha mutilada, acrescentou: — Ostento com orgulho os ferimentos que sofri por ele. Mas não ficarei tranquila se não te disser uma coisa, Mardônio.

— Dize e acalma teu espírito.

— Não confio em Temístocles.

Mardônio soltou uma gargalhada.

— Não me espanta. A vantagem que temos é que os gregos também não confiam nele.

SALAMINA

Acabava de começar a quarta guarda, a última da noite. O momento em que os espíritos decaem mais, a hora em que mais almas abandonam este mundo. Temístocles observava o horizonte na ponta de Cinosura. Havia ido a cavalo procurar sinais de manobras inimigas, mas a turbidez do ar e as nuvens diminuía tanto a visibilidade que o mar diante dele era um manto negro e disforme no qual mal se destacavam os perfis ainda mais negros de Psitaleia, e mais além, a costa da Ática.

Os oficiais já deviam estar acordando os homens, assim como havia ocorrido em Maratona. Temístocles sabia que tinham de medir e calcular bem o tempo de cada movimento. Se agissem muito cedo, alertariam os persas e os afugentariam da armadilha. Caso se retardassem, perderiam a vantagem da surpresa e a posição tal como as haviam traçado em sua estratégia. Mas o mais importante agora era saber se a frota inimiga estava agindo como ele acreditava. Parte dela, sem dúvida, havia zarpado para bloquear o canal de Mégara. Mas isso não bastava. Os outros barcos tinham de entrar no estreito.

Voltou-se para o interior da ilha. À sua direita viam-se algumas luzes no povoado de Salamina, e também na baía onde as tripulações já estavam começando a preparar as trirremes de Esparta, Egina, Mégara e dos outros aliados. Mas não encontrou a luz que buscava na casa de Clístenes. Ainda assim, suspeitava que Apolônia e Mnesífilo deviam estar acordados, falando dos acontecimentos daquela estranha noite. Ele havia pedido a seu amigo que não contasse nada a Apolônia. Mas, depois do susto que o havia feito passar, primeiro ameaçando-o e depois fazendo que o acompanhasse a ver Andrônico, o mais provável era que Mnesífilo estivesse ressentido e desabafasse com ela.

Ainda não sabia o que pensar. Certamente Apolônia havia decidido ir até ali com Aristides. Mas quando Temístocles fora lhe falar, ela cruzara os braços para marcar as distâncias.

— Voltaste.

— Estou farta de fugir.

— E as meninas?

— Ficaram em Egina com Nicômaca.

Temístocles aprovava sua decisão. Sua irmã, que havia enviado recentemente e não tinha filhos, amava muito suas sobrinhas e cuidaria bem delas, assim como estava cuidando de sua mãe.

— E então? — perguntara Temístocles.

— E então, o quê? — respondera ela.

— Vieste. Isso deve significar alguma coisa.

Apolônia não descurzara os braços.

— Continuo te odiando. Tu me deste uma punhalada que jamais perdoarei.

— Mas o caso é que voltaste.

— É evidente que estou aqui, sim.

Mnesífilo, que havia acordado com a chegada de Aristides, havia se aproximado nesse momento para cumprimentar Apolônia, e Temístocles aproveitara para mandar ambos à casa de Clístenes. Não se sentia em condições de discutir pelos tortuosos caminhos de uma mulher. Em outro momento talvez, mas naquele instante toda a sua mente estava concentrada no que ia acontecer.

Dirigiu de novo o olhar a Psitaleia. Aquela ilhota rochosa tinha certa altura, o

suficiente para esconder as silhuetas de várias esquadras atrás de sua massa negra. Se estivesse certo, provavelmente já haveria barcos persas emboscados atrás. Afinal de contas, ele pretendia fazer o mesmo com Farmacusa. Embora não fosse tão alta, confiava em que ocultasse suas manobras dos olhos dos inimigos até o último momento.

Ouviu uns cascos atrás de si. Voltou-se esperando ver algum mensageiro daqueles que passavam a noite toda percorrendo a ilha buscando indícios de presença inimiga. Mas era Aristides, montado em um cavalo branco, que parecia um fantasma entre as sombras. O eupátrida desmontou e se aproximou de Temístocles.

— Vistes algo?

Quando Aristides chegou com as imagens dos Eácidas e a informação sobre aquelas esquadras persas, Temístocles lhe confiara seu plano. Para sua surpresa, não o havia criticado.

— Não. Por ora, nada. Não é a melhor noite para observar.

— Mas é uma boa noite para manobrar ao amparo da escuridão — disse Aristides. — Isso pode ajudar os persas a se decidir.

Temístocles não havia considerado esse argumento, algo raro nele, e agradeceu que Aristides o apontasse para ele.

— Devo reconhecer teu mérito, Temístocles — disse o eupátrida. — Embora haja me oposto a ti com todas as minhas forças, admito que criaste uma maravilhosa frota. A visão desses barcos em formação é um prazer para os olhos de quem é aliado, e um terror para o inimigo.

— Obrigado, Aristides.

Ficaram um tempo sem dizer nada, ambos com as mãos cruzadas atrás das costas tentando escrutar as sombras e escutando o rumor das ondas que golpeavam as pedras do promontório. Temístocles esteve prestes a dizer algo por duas vezes e, finalmente, na terceira se decidiu.

— Sabes de uma coisa? Eu também quero reconhecer algo. Embora eu o tenha utilizado para atacar-te em público, de verdade mereces o apelido de Justo. Não sei, talvez se eu voltasse a nascer gostaria de me parecer contigo.

Aristides soltou uma gargalhada.

— Que engraçado! Às vezes penso o mesmo de ti. — Depois acrescentou algo que deixou Temístocles surpreso: — Por que nunca voltaste à escola de Fênix, Temístocles? Se houvéssemos nos conhecido melhor na época, talvez pudéssemos ter sido amigos.

— Estás brincando. Como poderia voltar depois de sofrer aquela humilhação diante de todos os outros?

— Humilhação? Tu te tornaste nosso herói!

— Não posso acreditar no que estás dizendo.

— Pois acredita. E especialmente meu. Não fazes ideia de como estava farto

daquele velho lascivo. Tu lhe deste o que merecia. Ainda rio quando recordo o rabo daquele bicho saindo por sua boca. Quando o conto a meus filhos, riem tanto que me dizem constantemente: “Pai, conta-nos outra vez a história da lagartixa de Temístocles”.

Era uma salamandra, corrigiu Temístocles mentalmente.

— Sim, mas também ristes enquanto Fênix me açoitava.

Aristides deu de ombros.

— E o que iríamos fazer? Naquela época sempre ríamos quando alguém era castigado. As crianças são muito cruéis e sempre se alegram com essas coisas. Dize uma coisa: tu não terias rido se Fênix houvesse açoitado a mim, ou a Xantipo, ou até mesmo a teu amigo Euforion?

Temístocles pensou por um instante.

— Suponho que sim.

Que curioso, pensou. Então, aquilo que o havia impulsionado toda sua vida era na realidade uma falsa lembrança. Aquela terrível humilhação diante de todos não havia sido isso. “Tu te tornaste nosso herói!” Que poderosa força era a mentira, mesmo que inconsciente!

Então, ao notar algo no ar, voltou ao presente e sorriu.

— Xerxes mordeu a isca — disse.

— Como sabes?

Temístocles apontou para o leste, em direção ao Pireu.

— À noite o ar sopra do continente, ao contrário que durante o dia. Por isso o vento está nos trazendo agora esse odor. Não notas?

Aristides farejou duas vezes e logo enrugou o nariz.

— Seja o que for, não cheira nada bem. O que é?

— O suor de milhares de remadores amontoados nos porões. O odor de nosso inimigo. A frota de Xerxes está entrando no estreito.

ESTREITO DE SALAMINA, 20 DE SETEMBRO

Enquanto retornavam de Cinosura viram umas luzes mais ao norte. Isso significava que os coríntios já estavam em movimento. No caminho, encontraram um cavaleiro que ia buscar Temístocles, e ele confirmou.

— Adimanto me enviou — disse. — Disse que já estenderam a roupa e acenderam o fogueão, mas que vão fazer tudo com muita calma, como tu lhes indicaste.

Como Aristides não compreendeu o que significava aquela mensagem, Temístocles lhe explicou. Os coríntios haviam acendido as luzes à proa de suas trirremes e içado as velas, mas só a meio mastro e com as vergas baixas. Não se tratava de aproveitar o vento, que, além de tudo, não favorecia seu propósito, mas sim de que a cor branca do velame os delatasse de longe e parecesse que estavam fugindo.

— Quer dizer que Adimanto é a isca de tua armadilha.

— Isso mesmo.

Deixaram para trás a primeira baía, onde as tripulações aliadas já estavam atarefadas com seus preparativos. Quando chegaram a Cicreia, os perfis já começavam a se distinguir. Embora ainda faltasse um pouco para que o Sol despontasse, o céu fora se limpando de nuvens, e ao oeste se via uma Lua redonda e amarelada pronta para se posicionar. Os barcos estavam quase prontos, com os remos preparados nos toletes e os estropos amarrados e bem engraxados. Só as popas permaneciam varadas na areia; bastaria empurrar com as varas e cravar na água os remos de proa para afastar-se da margem.

Os remadores e os membros da marinharia acabavam de tomar o café da manhã enquanto os hoplitas se reuniam a certa distância da praia para escutar a leitura dos catálogos e saber quem combateria a bordo das trirremes e quem ficaria na margem armado e esperando os acontecimentos. De acordo com os outros generais e com a representação dos trierarcas, Temístocles já havia decidido vários dias antes que se houvesse uma batalha, levariam a bordo apenas dez hoplitas, escolhidos dentre os mais jovens, e cinco arqueiros. Aquela era a tática para a qual haviam projetado aquelas trirremes tão leves e sem cobertura completa; abandoná-la em Artemísio não lhes havia servido muito.

— Que acontecerá se nos abordarem? — perguntara um trierarca antes.

Címon respondera por Temístocles.

— Procurai não deixar que vos abordem. Dez hoplitas atenienses não valem mais que vinte soldados bárbaros? Não vos recordais de Maratona?

Temístocles agradecera seu apoio outorgando-lhe o comando do *Dinamis*, cujo trierarca havia morrido em Artemísio. Címon já havia governado aquela mesma nau em combate e, apesar de sua juventude, havia demonstrado sua valia. Era possível questionar outras virtudes do filhote de leão, mas não as militares.

Ao ver Aristides e Temístocles juntos, os homens se levantavam e os saudaram. Alguém fez um comentário que arrancou um sorriso de ambos:

— Se esses dois estão de acordo em algo, não podemos mais perder.

Temístocles supervisionou o sacrifício ritual antes da batalha. O adivinho Eufrântides examinou as vísceras da vítima e comprovou que não havia nenhum presságio contra. Depois, chegaram dois mensageiros que confirmaram que haviam avistado a frota persa entrando no canal.

— Vêm direto para cá?

— Não, senhor. Por ora, avançam costeando a Ática.

Ainda tinham um pouco de tempo. Temístocles se preparou para ocupar seu posto na nau capitânia. Nesse momento, Aristides segurou-o pelo braço e lhe perguntou:

— Vais dirigir-te aos homens?

Temístocles estava tão concentrado nos preparativos de sua armadilha que não havia previsto aquilo. Estudou o rosto dos cidadãos. Em uns se advertia integridade, em outros desconcerto, em muitos um medo puro e sincero. Para vários daqueles homens, seria seu último café da manhã. Precisavam que alguém lhes infundisse segurança e lhes recordasse que tinham uma meta pela qual lutar.

Meta com a qual, aliás, talvez Aristides não concordasse.

— Vamos fazer uma coisa. Fala tu com os infantes de coberta — disse apontando para os hoplitas.

— Queres que pronunciemos discursos separados?

— Digamos que estes homens entendem uma linguagem um pouco mais direta mas simples. Mas há que se falar com eles, de qualquer maneira. — Temístocles apertou o braço de seu velho rival. — Isto aqui não é Maratona, Aristides. Agora, a vitória não depende tanto da lança nem do escudo. Esta batalha será vencida ou perdida por nossos remadores.

Enquanto o Justo se afastava para arengar os hoplitas, Temístocles subiu pela escadinha do *Artemisia* e, subindo na popa, levantou os braços para chamar a atenção de seus tripulantes. Quando estes se levantaram para escutar suas palavras, os membros das demais dotações foram se aproximando, até que, levados por seu exemplo, todos os remadores da frota se congregaram em uma assembleia improvisada na praia e guardaram silêncio.

Havia mais homens que nas reuniões mais concorridas da ágora ou na Pnix, pois até mesmo aqueles boias-frias que trabalhavam nos demos mais afastados da cidade e que nunca compareciam às assembleias se encontravam aquele dia na praia de Cicreia. A maioria estava preparada para embarcar, com as túnicas arregaçadas na cintura ou um simples calção. Viam-se mais corpos enxutos que robustos; as jornadas ao remo, as batalhas e os dias de racionamento na ilha haviam-nos reduzido a pele e músculo, sem sequer uma gota de gordura.

Temístocles sentiu sobre si o olhar de milhares e milhares de olhos, captou seu silêncio expectante e notou que todos esperavam algo dele. Olhou aos dois lados e viu, tão perto umas das outras que os remos quase se tocavam, os cento e setenta trirremes que em breves momentos entrariam em combate. Um calafrio percorreu suas costas, e os pelos de seus antebraços se eriçaram.

Esta é minha frota, pensou. Este é meu dia.

— Cidadãos de Atenas! Remadores da frota! Todos vós me conheceis, mas eu também conheço a todos vós.

“É verdade”, murmuraram alguns ao pé do *Artemisia*.

— Vós sois aqueles a quem os hoplitas olham por cima do ombro. Aqueles a quem pejorativamente chamam de “a massa” e também “os piores”. Hoje vais demonstrar a eles que, efetivamente, sois mais que eles e que vossa força reside em vosso número. Mas ninguém tem direito a vos chamar de “piores”, porque

não sois inferiores a ninguém nem em destreza nem em valor!

“Houve um grande homem nesta cidade. Era um eupátrida, sim. Mas seu coração pertencia a vosso povo. Chamava-se Clístenes. Esse homem mudou as leis. Enquanto ele apertava minha mão em seu leito de morte, explicou-me por quê. Estas foram suas palavras: ‘Se Atenas quer ser grande de verdade, precisa de todos esses cidadãos, por mais humildes que sejam. Todas as mãos nos são necessárias! A pobreza não deve ser um obstáculo para ninguém que tenha algum benefício a oferecer à cidade’.

“Falando de mãos, vede as minhas. Estão cheias de calos. Muitos me conheceis faz tempo e sabeis que mal despontava minha barba quando eu já remava nos barcos de meu pai como os outros remadores. Hoje, desejaria vogar com todos vós para cravar nossos esporões de bronze no coração do inimigo. Sei que tenho de estar em cima, na coberta, porque devo ser vossos olhos. Mas vós sereis minhas mãos e meus pulmões! Vós sereis meu coração!

“Não teremos outra oportunidade como esta, atenienses. A vitória de Maratona foi grande. Mas fostes privados de compartilhá-la, e os membros das primeiras classes atribuem a si mesmos todo o mérito daquela vitória.

“No entanto, agora se apresenta a vós a oportunidade de humilhar o mais soberbo de todos os nobres, aquele que em sua arrogância se faz chamar de Rei dos Reis. Vamos lhe mostrar que não reconhecemos reis nem tiranos! Vamos lhe mostrar que nosso único soberano é a lei, e que a lei só nós mesmos, os cidadãos de Atenas, a outorgamos!

“Os veteranos de Maratona ainda recordam com orgulho sua vitória e a guardam em sua memória como o mais valioso dos tesouros. Pois, a partir de hoje, quando vós perguntarem: ‘Que estáveis fazendo em dezesseis de Boedromion, no ano do arcontado de Calíades?’, então respondereis com tanto orgulho quanto eles: ‘Eu estava remando em Salamina! Eu estava vencendo na batalha de Salamina!’”.

Um rugido respondeu a suas palavras. Pensou que ainda soprava o terral e que provavelmente arrastaria seus gritos para longe dos persas. Por que não incendiar seus espíritos um pouco mais?

— Vencei hoje os bárbaros e logo chegará o dia em que podereis exigir o cargo de arconte e de polemarco. Inclusive o posto de general! Porque quando os orgulhosos eupátridas vos pretendam negar, podereis lhes dizer: “Somos os remadores de Salamina! Temos tanto direito a governar Atenas quanto vós, porque nós a salvamos!”. Se vencerdes hoje, eu vos garanto uma coisa: Nada estará fora de vosso alcance! Nada será impossível para vós!

“Vou vos confessar uma coisa, atenienses. Toda minha vida vivi para que chegasse este dia. Se hoje me outorgardes a vitória, minha vida terá tido sentido. Senão, terá sido tão inútil e vazia como se eu houvesse escrito minha história sobre as águas do mar. Eu vos proponho um pacto, atenienses.”

— Adiante! Dize qual é! — respondeu um jovem remador chamado Dinocles.

— É um pacto simples e vos garanto que o cumprirei. Dai-me vossas mãos agora, entregai-me vosso coração só por um dia! Concedei-me esta vitória hoje, filhos de Atena! Se o fizerdes, recebereis em troca o tesouro mais valioso que um homem pode possuir!

Houve um silêncio expectante, tão denso que Temístocles pôde ouvir as batidas de seu próprio coração. Então, gritou com tanta força, como nunca havia feito na vida:

— Eu vos entrego o futuro!

A arenga de Aristides aos hoplitas não foi tão visceral. Sobre uma rocha branca, falou-lhes dos velhos valores, do amor à terra, de sua padroeira Palas Atena e de como em Maratona já haviam demonstrado aos persas que eram muito superiores a eles em força e valor. Címon pensou que ele próprio teria feito melhor. Como orador, Aristides tinha dois defeitos. O primeiro, que utilizava argumentos muito racionais. Já Temístocles sabia apelar às paixões, às vezes até às mais baixas. Seu próprio amigo Mnesífilo havia afirmado que, assim como os criados que levam as crianças pela mão eram chamados de “pedagogos”, haveria de cunhar um novo termo para ele, que conduzia o povo aonde queria: “demagogo”.

O segundo problema de Aristides era que, apesar de sua estatura e da amplitude de seu peito, não possuía uma voz muito potente e devido a seu tom grave, as últimas filas não ouviam mais que um confuso zunzunar. Mas Aristides resolveu isso em parte quando, no final, de sua alocução, chamou Ésquilo para que os inspirasse com uns versos. O poeta os improvisou com tanta paixão e poderio que todos os hoplitas levantaram suas lanças e bateram com elas nos escudos.

*Avante, filhos dos gregos!
Lutai pela honra e a liberdade de vossa pátria,
de vossos filhos e de vossas mulheres!
Recuperai os túmulos de vossos antepassados
e os templos de vossos deuses ancestrais!
Este é o dia em que lutais por tudo!*

Depois daquilo, as dotações se dirigiram a seus respectivos navios. Enquanto os remadores e os marinheiros terminavam de embarcar, os jovens que lutariam a bordo das trirremes se despediam na praia dos outros hoplitas. Ficavam ali amigos, amantes, irmãos, primos, pais veteranos de Maratona que desejavam sorte a seus filhos, até mesmo algum avô que apesar de seus anos havia vestido a armadura e sustentado o escudo.

Címon se despediu de seu cunhado Cálias e de Aristides. Este lhe disse:

— Avante, filho de Milcíades. Mostra que tu não és inferior a teu pai em valor nem a Temístocles em astúcia. — O Justo o abraçou. — Em verdade te digo que tu és o porvir de Atenas, Címon.

Estimulado por essas palavras, Címon foi se posicionar em seu posto no *Dinamis*. As primeiras trirremes já começavam a bater os remos e se dirigiam a Farmacusa para ultrapassá-la por ambos os lados. Ao ver isso, Címon se apressou para que seu navio não fosse o último, e o entrecocar metálico de suas armas ao correr lhe agradou. Eram cem quilos de músculo e metal que faziam a areia estalar sob seus pés, mas aquele peso o fazia se sentir poderoso como Aquiles.

— Címon!

Havia chegado quase ao pé da escadinha quando ouviu aquela voz feminina. Agora que a praia havia se esvaziado um pouco, as mulheres, crianças e idosos que haviam se refugiado em Salamina, e não em outros lugares mais distantes, chegavam para presenciar a partida dos navios. Címon esperou enquanto Elpinice se aproximava correndo. Ou não tivera tempo de prender o cabelo, ou não havia se dado o trabalho, e suas melenas negras ondulavam como uma bandeira às suas costas. A bordo do *Dinamis* ouviram-se alguns assovios e comentários picantes, até que alguém os calou recordando que aquela era a irmã de seu trierarca.

— Já te despediste de teu esposo? — perguntou Címon quando ela chegou ao seu lado e o abraçou. Podia sentir seu peito ofegante e as batidas de seu coração inclusive através da armadura.

— Cálias não vai a lugar nenhum. Não tenho por que me despedir dele. Tu és quem corre perigo.

Címon ficou uns instantes abraçado à sua irmã e sentindo os olhares de sua tripulação cravados em sua nuca. Por fim, afastou-a e olhou-a nos olhos. Por

Cipris⁷⁴, como era linda!

— Antes que anoiteça, tornaremos a nos ver.

— Jura!

— Eu juro.

— E eu juro que se não voltares me matarei — disse ela com os olhos marejados de lágrimas.

Depois, pegou-o pelo pescoço, puxou-o e deu-lhe um beijo nos lábios. Não foi exatamente um beijo de irmã, e Címon sentiu na virilha o calor do desejo.

Quando subiu a escadinha e ordenou desatracar, Elpinice continuava ali embaixo, com as duas mãos no peito. Címon fez um esforço, afastou a vista dela e a dirigiu para o leste, onde a aurora já tingia o céu com seus rosados dedos como heraldo do sol.

— Avante! — ordenou ao comitre, que transmitiu a ordem aos remadores. — Para a vitória!

NAU ARTEMISIA

Terminada a arenga, os remadores correram para ocupar seus postos ao longo de toda a praia. Nesse momento, alguém chamou Temístocles em terra. Ele baixou o olhar e viu Epíclides junto à sua popa. Embora pudesse pagar pelas armas de hoplita, fiel a suas ideias antiaristocráticas usava apenas um calção, correias nos dedos para evitar que o remo escorregasse e uma almofada de pele de cordeiro.

— Parabéns por teu discurso! — disse.

Temístocles pensou que, se Epíclides havia gostado tanto de sua arenga, caso saísse vivo da batalha teria problemas com os eupátridas. Mas o operador de pisão o tranquilizou logo, demonstrando-lhe que ainda se podia ser mais revolucionário.

— Teria sido muito melhor se os houvesse incitado a jogar todos esses hoplitas no mar! Eles são nossos verdadeiros inimigos, não os persas!

— Vai para teu barco, Epíclides. Senão, terás que ir nadando — dispensou-o Temístocles.

Os remadores subiram correndo pelas duas escadinhas. Temístocles ocupou o posto do timoneiro e estendeu os braços para que todos pudessem tocar sua mão ao passar. Conforme passavam naquela manobra que haviam ensaiado mais de mil vezes, foi cumprimentando-os pelo nome, enquanto eles respondiam com o lema combinado para a batalha: “Atena Justiceira”.

Depois dos remadores embarcaram os marinheiros que ainda não se encontravam a bordo e por último os hoplitas e os arqueiros. Fidípides ocupou seu posto atrás de Temístocles e lhe dedicou um sorriso feroz. Faltava-lhe um dos incisivos, o que não ajudava muito a embelezar aquele rosto tão magro.

— Quem te fez isso? — perguntou-lhe suspeitando que havia se metido em alguma briga.

— Melhor perguntar quantos dentes perdeu o outro.

Embora Fidípides não tivesse corpo de campeão de pugilismo, Temístocles deixou para lá. Quando achava que a tripulação já estava completa e ia ordenar que retirassem as escadinhas, Escílias subiu correndo. O mergulhador trazia uma corda enrolada e lastrada com chumbo.

— Que fazes tu aqui? — perguntou Temístocles. — Não tiveste batalha suficiente com Artemísio?

O mergulhador deu um tapinha no rolo de corda.

— Acaso não pensaste que eu deixaria que acabasses no fundo do mar sem mais nem menos, com tanto que tu e eu temos em comum?

Temístocles sorriu. Escílias sabia muito bem que, mesmo que morresse, Temístocles havia ordenado a Grilo que entregasse ao mergulhador os dois talentos de prata que ainda lhe devia. De qualquer maneira, depois de ver como havia resgatado Sófron, sentia-se mais seguro tendo-o a bordo.

O *Artemísia* zarpou por fim. A princípio avançaram com lentidão naquela baía lotada de barcos. Mas logo os remadores compassaram suas remadas, os navios foram adquirindo impulso e os timoneiros os levaram a seus lugares dentro da formação.

Haviam se posicionado como em Artemísio, em unidades de quinze trirremes de frente e duas de fundo. Três daquelas esquadras passaram à esquerda de Farmacusa, e as outras três à direita da ilha. A *Ericônia*, esquadra de Temístocles, navegava no extremo direito da formação e conforme avançava ia se deslocando a estibordo para deixar lugar para as outras.

Temístocles não captava o cheiro da frota inimiga, porque o que emanava de seu próprio porão saturava seu nariz. Mas não era mais necessário. Assim que deixaram Farmacusa a bombordo, a armada persa apareceu diante de seus olhos. As bordas das trirremes, mesmo sendo mais altas que as dos barcos gregos, eram tão baixas que custava-lhe distingui-las entre a água e a linha da costa, mas os curvos cadastes e os pavilhões que ondulavam sobre eles se perfilavam com clareza.

Eram muitos barcos, centenas desfilando ao longo de toda a costa que se estendia diante de seus olhos. Estavam onde ele queria e posicionados como queria, oferecendo seus flancos de bombordo aos esporões dos navios gregos.

Temístocles ergueu os olhos para o céu. Sobre o Himeto, cujos cumes haviam se tingido de um lustro tão dourado quanto seu célebre mel, começava a despontar o Sol. Levantou-se e olhou em volta tentando fixar aquele momento em sua mente. À popa, na praia que se estendia entre as duas baías, haviam se congregado os hoplitas de reserva, estimulando seus companheiros com seus gritos, e atrás deles, as mulheres, os idosos e as crianças. Perguntou-se se Apolônia estaria ali, com Mnesífilo. Tinha quase certeza de que sim. Era pessoa de valor, que não esconderia os olhos da batalha por medo do destino.

Voltou-se para estibordo. A vinte metros do *Artemísia* avançava a esquadra de Mégara, e mais além viam-se os pavilhões vermelhos com o lambda de Euríbiades e seus espartanos. Um pouco mais longe, no lugar de honra da formação, encontravam-se as trirremes de Egina, que Temístocles não conseguia ver.

Depois olhou a bombordo. À sua esquerda estavam o *Areté* de Amínias e o *Dinamis* de Cimón, seguidos por muitos mais, até formar uma frente de oitenta e cinco esporões que apontavam para o inimigo. Muito mais longe, a uns três quilômetros, divisavam-se as velas brancas das naus de Adimanto.

Por fim, tornou a olhar para a proa. Pela forma de seus cadastes e por seus estandartes, soube que as trirremes que avançavam em vanguarda eram fenícias, as mesmas que haviam demonstrado sua superioridade em Artemísio. *Mas hoje vos atrevestes a entrar nas portas de nossa casa*, pensou.

As incontáveis tropas de Xerxes se dispunham a contemplar a batalha,

pintando aquela escarpada costa de cores heterogêneas. Sem dúvida a mancha púrpura que se via acima da Farmacusa Menor devia ser o toldo que cobria o trono de Xerxes. Dizia-se que seus exércitos combatiam com redobrada bravura quando sentiam o olhar do Grande Rei. Logo saberiam se era verdade.

O palco está preparado, pensou Temístocles. Era hora de começar a representação.

Deteve-se um instante antes de dar a ordem. No exato momento em que o Sol acabava de sair sobre o Himeto, um sopro de ar roçou sua face direita. Era morno e sufocante, mas Temístocles o abençoou. Era o detalhe que lhe faltava em seu cenário, a bênção que havia dias rogava a Éolo. Sabia que esse vento chegava da distante Líbia arrastando o calor de seus desertos e recolhendo pelo caminho a umidade do mar. A experiência lhe dizia que se ele o sentia assim em sua posição, a sota-vento da longa fila de Cinosura, os barcos que navegavam colados à costa da Ática receberiam seu sopro com muito mais força. E, de fato, as águas daquela região já estavam começando a se ondular, com espuma branca.

Heráclides se voltou para Temístocles. Também havia reparado naquilo.

— Oh, oh — disse. — Vamos ter problemas.

— Mais problemas terão eles, que têm a borda mais alta e estão com a cobertura lotada.

Estavam a pouco mais de quinhentos metros da frota persa. Havia chegado o momento.

— Socles! — gritou Temístocles. Um dos hoplitas que servia em cobertura se voltou. Além de suas armas, levava um trompete sobre os joelhos. — Agora!

O jovem, que estava sentado como os outros, levantou-se, inspirou e tocou as vibrantes notas da *Epitropé*, o toque de atacar.

As peças estavam posicionadas. Agora os deuses decidiriam. Ele, pouco mais podia fazer.

POSTO DE OBSERVAÇÃO REAL

Muito antes do alvorecer, o Grande Rei havia celebrado seus sacrifícios matinais e as libações em homenagem a Ahuramazda para rogar-lhe que naquele dia indicado concedesse a vitória a seus filhos. Depois, toda a comitiva real se dirigiu ao posto de observação. Os serviços o haviam instalado perto de um santuário de Hércules, herói que os gregos consideravam o mais importante de todos, apesar de suas façanhas, pelo menos tal como haviam sido narradas a Mardônio, eram mais dignas de um animal que de um ser humano.

Haviam erguido o estrado para o trono de Xerxes na encosta do Egáleo, a uns cinquenta metros de altura acima do mar. Não oferecia uma vista de águia, mas permitia dominar todo o estreito. Mardônio tinha à sua esquerda o promontório de Cinosura que o fechava, acinzentado e difuso a distância. Dalí a frota persa se

estendia como uma linha interminável. A vanguarda já havia ultrapassado o posto de observação, contudo continuavam entrando barcos no estreito, formados em esquadras de trinta navios, cada uma das quais desfilava em três fileiras paralelas.

Em linha reta em relação ao mirante, encontravam-se as duas Farmacusas. A Menor ficava praticamente a seus pés, a uns cem metros da margem. Por ali os primeiros barcos acabavam de passar. Embora até então houvessem navegado colados à costa, naquele ponto tiveram de se afastar dela. Os blocos de pedra utilizados pelos sapadores para a construção do aterro não haviam conseguido alcançar a ilha, mas agora formavam um quebra-mar que complicava a passagem dos navios.

Ao ver que essa primeira esquadra tinha de refrear a marcha e que as três linhas de barcos, que até então pareciam traçadas a esquadro, se desordenavam, Xerxes estalou a língua. Mardônio o olhou com preocupação. No Grande Rei, esse leve gesto equivalia a uma ladainha de blasfêmias. O certo era que não haviam levado em conta aquelas rochas. O pequeno desarranjo na vanguarda foi se transmitindo às esquadras que vinham atrás. Para não chocar com as unidades que estavam adiante, algumas desviavam a bombordo e se aproximavam mais das águas do centro do estreito. Em si, isso não parecia um grande problema. Mas em alguns pontos havia duas esquadras navegando em paralelo, o que queria dizer que, quando chegasse o momento de atacar, umas bloqueariam o caminho de outras.

— Esses fenícios não são tão bons navegantes como alardeavam — murmurou Hidarnes, à direita de Mardônio.

Além do chefe dos Dez Mil, viam-se muitos outros personagens da corte nas imediações do estrado, todos desejosos de compartilhar a vitória com o Grande Rei: os generais das divisões da *Spada*, os oficiais mais destacados, os chefes dos contingentes fornecidos pelos diversos povos. Também sacerdotes e adivinhos, magos que seguiam as prédicas de Zaratustra e outros que se mantinham fiéis ao politeísmo de seus antepassados — como fazia o próprio Mardônio, embora em segredo, para não ofender Xerxes. Não faltavam os pisistrátidas, Damátrato e toda a corja de traidores e renegados gregos, incluindo o espião ateniense Euforion.

Por ora, seu informe havia se mostrado fidedigno, pelo menos em parte. Os barcos que haviam montado guarda até pouco antes do amanhecer na entrada oriental do estreito não detectaram sinal algum de Temístocles nem de sua esquadra. Mas já fazia mais de uma hora que os navios coríntios haviam zarpado de sua enseada com as velas içadas e as luzes acesas. De repente, Mardônio achou que havia pelo menos três esquadras e supôs que os atenienses haviam decidido finalmente fugir pelo lugar mais afastado do acampamento persa, e, portanto, mais seguro. Quando foi clareando, notou que as luzes dos barcos o

havam enganado; não podiam ser mais de cinquenta.

Nesse caso, onde estavam todos os outros navios? Em frente a eles, do outro lado do estreito encontrava-se o ancoradouro da frota ateniense. Ali se viam algumas fogueiras, mas não mais que outros dias a essa mesma hora, e a Farmacusa Maior lhes cobria quase toda a visão. O observador que olhava pelo tubo mágico não havia conseguido distinguir grande coisa, visto que aquele objeto que Mardônio havia confiscado de Temístocles aumentava as imagens, mas em troca as deformava e desvanecia a luz.

Mas conforme os minutos passavam, o céu ia clareando e as sombras se materializavam em perfis e objetos. Embora a atmosfera continuasse turva, Mardônio observou movimento do outro lado do canal, como se a própria linha da costa se adiantasse.

Isso não é possível, pensou. Nem por um momento havia duvidado que esse dia presenciariam primeiro uma tentativa de debandada e depois um massacre. Estava muito acostumado à desunião, à covardia e à cobiça dos gregos. Quando bem jovem, havia lutado em Lade, onde quase metade da frota grega desertara em plena batalha. Não havia tido nenhum problema para subornar o oráculo de Delfos, o centro mais sagrado da religião grega. Vários éforos e magistrados espartanos comiam em sua mão como passarinhos. Até mesmo na rebelde Atenas tinha agentes, como o almeônida Euforion. Contudo, o que Mardônio estava vendo não era nenhuma debandada. A frota inimiga estava se desdobrando por ambos os lados da Farmacusa Maior, não para fugir, mas em formação de combate.

A sombra da montanha que se projetava sobre o estreito foi encolhendo conforme o Sol se erguia no céu. Quando deixou exposta a frota grega, a luz do amanhecer arrancou cintilações douradas dos escudos dos guerreiros e dos esporões que fendiam a água. Durante os segundos em que a armada persa ainda continuava submersa na sombra, Mardônio recordou relatos de sobreviventes da batalha de Maratona. Ali também haviam visto um reflexo igual quando os atenienses atacaram, possuídos pelos demônios.

Mardônio sabia perfeitamente que não se tratava de nenhum fenômeno sobrenatural, pois as trirremes gregas estavam navegando voltados para o sol. Mas suas tripas não deviam ter tanta certeza disso e se contraíram em um nó supersticioso. Olhou para Xerxes; o Grande Rei mantinha o olhar cravado nos barcos inimigos, impassível e silencioso. Mas a gota de suor que caiu sobre suas sobrelhas antes que o toalheiro real tivesse tempo de enxugá-la era muito humana, e fez Mardônio pensar que Xerxes também estava se lembrando de Maratona.

— Que prodígio é esse? — perguntou Hidarnes, ao seu lado.

O chefe dos Dez Mil não se referia ao reflexo do sol. Homem de terra firme, o que estava vendo na água não tinha explicação para ele. Mardônio olhou para

sua esquerda. Uma linha que partia da ponta de Cinosura parecia dividir as águas ao meio. A região pela qual navegavam os gregos era mais lisa e brilhante, quase como um espelho, ao passo que nas cercanias da costa pela qual navegava a frota persa as águas se haviam agitado e começavam a surgir cristas brancas sobre as ondas.

— Não é nenhum prodígio — respondeu Mardônio.

Embora não fosse um lobo do mar fenício, tinha experiência suficiente para saber o que estava acontecendo, e o flamejar do ar no dossel púrpura lhe confirmava isso. Erguera-se um forte vento que entrava pelo canal, soprava paralelo à costa e revoltava as águas, ao passo que na região protegida pelo longo promontório de Cinosura os gregos avançavam sobre uma superfície muito mais calma.

Aquele vento de popa impulsionava os navios persas. Mas, tendo em conta que deviam manobrar a bombordo para enfrentar a investida grega, não era nenhuma bênção.

Mardônio viu de soslaio um movimento à sua direita. O traidor Euforion, que até pouco estava discutindo com os pisistrátidas, tentava escapar disfarçadamente entre a multidão de cortesãos.

— Pegai esse homem — ordenou a dois lanceiros, e acrescentou murmurando para si: — Se isto é o que suspeito, alguém vai pagar por isso.

NAU ARTEMÍSIA

Enquanto outros trompetes respondiam a bombordo e estibordo e seus ecos se estendiam por todo o estreito, Temístocles deu uma ordem para que fosse transmitida aos remadores:

— Voga de ataque!

Sob a cobertura ouviu-se um *aaa-ummpffff* coletivo, e o agudo trino da flauta acelerou seu ritmo. Os remos afundaram com mais força. Temístocles conhecia a sensação. Quando se vogava a esse ritmo, o remador tinha a impressão de que a água ficava sólida, a pá do remo ficava cravada nela e ao fazer alavanca empurrava o resto do navio. Na realidade, o remo deslizava igual ou melhor que antes. Era a própria potência do golpe que causava essa ilusão de dureza.

Sentia no traseiro cada investida dos remos dando mais impulso ao navio enquanto se dirigiam aos flancos dos inimigos. Já podiam ouvir os trompetes dos persas, e também seus gritos, embora Temístocles mal os escutasse acima do ruído de sua própria frota. Embaixo, os remadores entoavam seu monótono cantar, pondo nele toda a força de seus rins:

— *Rip-pa-pai!* *Rip-pa-pai!* *Rip-pa-pai!* *Rip-pa-pai!*

Eles já não perderiam o ritmo. Agora era necessário esporear os ânimos dos homens que em questão de um minuto combateriam. Tinham de semear o pavor no coração daqueles inimigos que, julgando-se prestes a pegar uma presa fácil,

encontravam-se agora com uma armada operacional e pronta para o combate. Com a frota da Grécia livre.

— Entoai o peã! — gritou.

Foi Socles quem começou o canto guerreiro. Logo se uniram a ele os hoplitas e os marinheiros, e até os arqueiros citas, que não conheciam a letra, cantarolaram a música com sílabas ininteligíveis. Temístocles olhou para os dois lados. A estibordo, o navio megarense havia se retardado um pouco. A bombordo, porém, o *Areté* de Amínias estava dois ou três metros à frente, ao passo que a nau de Cimon se mantinha quase paralela.

— Comitre! Que ninguém nos ultrapasse!

Amínias o saudou de seu assento, fez um gesto desafiador e gritou algo que Temístocles não conseguiu ouvir. Os barcos fenícios já estavam a menos de cem metros, tentando virar a bombordo para fechar ângulos e lhes opor suas proas. Mas o mar estava agitado e dava cabeceios. O vento sudeste, o mesmo que quase havia feito Mnesifilo vomitar no dia em que visitaram Clístenes em seu leito de morte, fazia rabear de popa os navios e dificultava a manobra.

Não estavam mais a sota-vento de Cinosura. De repente, passaram de águas calmas a outras mais revoltas. A proa do *Artemísia* se levantou um instante, e logo sua barriga plana caiu sobre o seio da onda com um sonoro estalo. Temístocles sentiu debaixo do assento a força que tentava desviar a proa de seu navio a bombordo, mas Heráclides moveu com destreza o timão e mantiveram o curso. Cada vez que quebravam uma onda e tornavam a cair espalhando espuma os infantes de coberta marcavam com um sonoro *ooo-Ó* os versos do peã. *São jovens, tudo bem que se divirtam*, pensou.

Mas já não havia tempo para mais nada. Naqueles brutais estouros de energia, que mal podiam manter durante meio quilômetro, uma trirreme chegava a alcançar tanta velocidade quanto um atleta na corrida de um estádio. Agora, por conta do marulho, o *Artemísia* não se deslocava tão rapidamente quanto Temístocles teria desejado. Mas sua presa também não. Era um barco de aspecto sinistro, com todo o casco pintado de preto, salvo dois olhos vermelhos nos quais haviam desenhado veias sanguinolentas. A borda estava protegida por escudos, atrás dos quais os arqueiros atiravam flechas neles.

Temístocles olhou para um lado. Seu escudo estava preso com uma correia ao lado de sua cadeira. Por um instante pensou em usá-lo. Mas ali, na popa, ainda estava longe do inimigo, e entre os chacoalhões que dava o barco fenício e os cabeceios do *Artemísia*, a maioria dos projéteis acabavam na água. No entanto, decidiu colocar o elmo.

O barco tornou a se levantar e deu outra barrigada nas ondas. A estibordo levantou-se uma cortina de água e espuma que varreu os hoplitas desse lado. Já estavam quase em cima da presa, que continuava virando para enfrentá-los pela proa.

— Não terão tempo! Vamos atingi-los em cheio! — disse Fidípides segurando-se no encosto da cadeira de Temístocles para não cair.

— O cabeceio! — gritou Escílias.

Era o mesmo que Temístocles temia. A proa tornou a se levantar uma vez mais. Estavam tão perto do barco inimigo que já conseguiam ouvir os gritos de seus tripulantes e até viam os dentes nas bocas abertas. Se acertassem a trirreme fenícia sobre a linha de flutuação, iriam danificá-la, mas não conseguiriam levá-lo a pique, pelo menos não antes que seus homens tentassem abordá-los.

À sua esquerda soou um estalo estridente. Embora houvessem conseguido ultrapassar o navio de Amínias, este havia se chocado contra um navio inimigo que se afastara da formação.

— Tiraram-nos a primícia! — queixou-se Escílias, como se realmente fosse um tripulante do *Artemisia*.

— Parai os remos! — gritou Temístocles. — Infantes à proa!

Após sua experiência em Artemísio, havia mandado levantar um parapeito de madeira e couro na proa, calculando que a carga adicional bem merecia a proteção que oferecia, e muitos trierarcas o haviam imitado. Os hoplitas se levantaram a duras penas com os movimentos do navio e foram aonde os mandaram. Já não havia tempo para mais nada. Temístocles apertou os dentes. O *Artemisia* cavalgou a onda um segundo e, depois, ajudado pelo peso extra dos soldados, balançou a cabeça para a proa. O esporão bateu na amurada inimiga a uns cinco metros da proa, com ângulo suficiente para abrir uma brecha. Ambos os navios se queixaram pelo impacto com um monstruoso lamento de tábuas rangentes. Temístocles conseguiu não sair voando da cadeira, mas sentiu que seus ombros quase se deslocaram com o esforço. Dois marinheiros caíram no chão da passarela, e o parapeito de proa rugeu e estremeceu sob o peso dos hoplitas.

O impacto sempre era pior para quem o recebia. O barco fenício se deslocou de uma vez dois ou três metros e vários guerreiros se precipitaram pela borda. Alguns se chocaram contra os remos e afundaram na água, ao passo que outro caiu sobre a coberta de proa do *Artemisia*.

— A bombordo! — ordenou Temístocles.

Mas Heráclides não precisava daquela ordem. Praticamente se balançando nas varas dos remos mestres para não perder o equilíbrio, virou à esquerda para acompanhar o movimento do navio a cujo casco haviam se enganchado. Do contrário, a torção lateral podia fazer que perdessem o esporão e inclusive danificar toda a proa e abrir uma rachadura.

Durante alguns segundos, os dois navios se moveram sincronizadas como dois amantes dançando. Os homens da trirreme fenícia jogaram ganchos de abordagem no *Artemisia* para evitar que se separasse deles, pois seu único meio de escapar do naufrágio de seu barco era apoderando-se do navio inimigo. Os

hoplitas e marinheiros rapidamente passaram a cortar as cordas com espadas, machetes e até com as pontas das lanças. Um gigantesco guerreiro persa se assomou sobre a borda, que superava em altura a coberta grega em quase metro e meio, e jogou uma rocha que devia pesar quase um talento. A pedra quebrou o pé de um hoplita, abriu um buraco na coberta de proa e desapareceu de vista.

Temístocles temeu que houvesse causado danos no porão, mas já não tinha remédio. Enquanto seus infantes alanceavam e jogavam na água o inimigo que havia caído na coberta, ele ordenou:

— Ciar!

Os remadores tornaram a cravar as pás e remaram para trás a fim de se afastar do barco inimigo. Nesse momento, um guerreiro vestindo um rico cafetã que o identificava como um nobre persa retesou seu arco e disparou uma flecha, gritando:

— Temístocles!

Afastou o rosto por reflexo ao ver o brilho da ponta metálica. A flecha rangeu ao rebotar em seu elmo. Temístocles não se lembrava daquele nobre, mas sem dúvida os inimigos conheciam o estandarte de seu navio e inclusive o brasão de seu escudo, o dragão negro que havia detido Xerxes em Maratona.

O gigante das pedras ainda lançou mais uma contra o *Artemisia*, mas não o atingiu, pois os dois navios já estavam se afastando. Fidípides soltou uma flecha que sobrevoou zunindo os trinta e cinco metros do convés do *Artemisia* e se cravou na testa do persa. Este caiu dando uma cambalhota e afundou pesadamente na água.

— Boa pontaria! — disse Temístocles ao mensageiro.

Então, puderam comprovar que a brecha que haviam aberto no casco inimigo se encontrava abaixo da linha de flutuação. A água começou a entrar aos borbotões e a trirreme se inclinou a bombordo. Os gritos de pânico dos remadores chegaram a eles mesmo através do tabuado.

— Corrige a estibordo! — ordenou Temístocles.

Diante deles estava outro barco fenício, que, não dispondo de espaço para manobrar, apenas havia iniciado a virada e lhes oferecia seu flanco, mais indefeso ainda que o da trirreme negra. O *Artemisia* deixou sua primeira presa para trás, abandonando-a à própria sorte, e se encaminhou para a segunda. As instruções de Temístocles a todos os trierarcas da frota haviam sido categóricas. Não se procederia à abordagem a não ser que fosse inevitável, visto que estavam em inferioridade numérica, e ninguém devia perder tempo rebocando destroços inimigos como troféus. Eram vespas, dissera a eles. Tinham de cravar o ferrão várias vezes para semear o caos na frota inimiga.

Não tiveram tempo de adquirir impulso, mas a velocidade em que estavam bastou para arrebentar com o aríete vários remos da popa e arrancar o timão de bombordo inimigo. Temístocles ordenou ciar de novo e olhou para os dois lados a

fim de comprovar que mais barcos gregos estavam à sua altura. Não se tratava de invadir a formação inimiga sozinhos nem de ganhar a batalha sem mais ajuda, mas sim de agir em conjunção com a frente de sua esquadra. A ideia era agir como um carpinteiro que desbasta madeira, arrancando aparas camada por camada. E os navios inimigos eram essas aparas.

POSTO DE OBSERVAÇÃO REAL

Para Mardônio, mais que vespas, os navios gregos pareciam peixes de rio pequenos e vorazes que mordiscavam em bando a grande massa compacta da frota persa, arrancavam um bocado, retrocediam e voltavam para morder de novo. Por atrás das popas inimigas ficava mais de um quilômetro de águas livres. A batalha estava sendo travada junto à costa do continente, em uma estreita faixa entre trezentos e quatrocentos metros.

Sob o toldo púrpura reinava um tenso silêncio, quebrado só por ocasionais sussurros. Todo mundo percebia a cólera do Grande Rei, sentia-a no ar como a vibração picante que precede a tempestade, e ninguém queria levantar a voz. Do campo de batalha chegava um estrépito confuso de rangidos, trompetes e chifres, um salpico constante e caótico e, acima de tudo, gritos. Milhares de gritos de agonia, de comando, de dor, de desafio, de vitória.

Na parte norte do estreito, à direita de Mardônio, quinze ou vinte navios da primeira esquadra fenícia haviam conseguido escapar da arremetida ateniense e agora traçavam um amplo giro a bombordo. Provavelmente pretendiam se aproximar de Salamina para acabar girando em círculo, atacar os gregos pela retaguarda e aliviar, assim, a pressão sobre seus camaradas. Mas os barcos coríntios, os mesmos que segundo o traidor fugiriam para Mégara, já fazia um tempo que haviam feito esse giro. Com as velas arriadas e os mastros pelados dirigiam-se para o sul a plena voga, já esquecida a parcimônia de sua fuga fingida. Seu ataque atingiu a pequena frota persa pelo flanco de bombordo. O secretário do tubo mágico franziu o cenho e se inclinou sobre Xerxes para lhe dizer:

— Majestade, o navio do almirante Ariabignes foi atingido e está afundando.

Xerxes mal moveu o queixo. Ariabignes era seu meio-irmão, filho de Dario e de sua primeira esposa. Não era a primeira baixa que informava o observador, mas a mais importante.

— Olha para a entrada do estreito e dize o que está acontecendo — ordenou Mardônio.

O observador apontou o tubo para o leste e começou a lhes descrever o que via. Os navios cários, cilícios e cipriotas já haviam entrado no estreito, incluindo o *Calisto* da rainha Artemísia. Por trás, entre Cinosura e Psitaleia, restavam umas cento e cinquenta trirremes das cidades e das ilhas jônicas e outros contingentes.

Mardônio se inclinou sobre Xerxes e disse em seu ouvido.

— Majestade, ordena aos jônios que retrocedam e deixem livre a saída do estreito. Assim, poderemos tirar a frota dessa armadilha sem sofrer muitas perdas.

— Não — respondeu o Grande Rei sem afastar os olhos do espetáculo que se representava para ele.

Mardônio sabia que estava se excedendo, mas naquele momento via toda a frota persa em perigo.

— Majestade, se os jônios entrarem no estreito, só piorarão a situação.

Xerxes voltou o olhar para ele. Seus olhos negros brilharam como carvões em brasa durante um instante. Depois, recuperou o controle, ou talvez tenha recordado que Mardônio e ele eram amigos desde crianças.

— Os exércitos aquemênidas nunca retrocedem. Minha frota os esmagará como um mosquito pela pura força de número.

Aquilo era mais vontade e desejo que inteligência, mas Mardônio ficou firme e guardou silêncio. A batalha seguiu seu curso com uma lentidão enganosa. A distância, os barcos pareciam pequenos e seus movimentos rígidos, mas Mardônio sabia que ali embaixo as coisas se viam e se sentiam muito diferentes e que tudo se desenrolava a uma velocidade que mal deixava tempo para reagir.

Posto que não lhes foi enviado sinal para que fizessem o contrário, as esquadras da retaguarda entraram na baía, agravando a situação. Com suas proas, praticamente empurravam os navios que tinham pela frente, e esse movimento era transmitido até a região da Farmacusa Menor. Mas ali, exatamente aos pés do trono de Xerxes, havia se formado um monstruoso tampão de barcos, de tal maneira que os remos dos navios persas se chocavam entre si, e alguns se golpeavam com os aríetes porque não tinham o menor espaço para manobrar. Para Mardônio, aquela imagem de aglomeração e desordem fez que recordasse os rios da Macedônia, onde os lenhadores das terras altas jogavam as árvores recém-cortadas para que a força da corrente as arrastasse até o mar.

Na realidade, só uma parte dos navios estava envolvida no combate: os que ocupavam o flanco ocidental da formação. Os demais permaneciam estancados entre as trirremes atacadas e a escarpada costa, sem poder fazer nada, esperando apenas que chegasse sua vez de receber os esporões inimigos. Uns poucos trierarcas, mais audazes ou mais experientes que os outros, conseguiam abrir caminho por entre as linhas inimigas para chegar a águas mais abertas, e alguns deles até conseguiam afundar ou capturar barcos gregos. O observador informava tudo isso a Xerxes, e o secretário real tomava nota para recompensar aqueles homens, caso sobrevivessem.

Alguns barcos fenícios, empurrados pelos seus, acabavam encalhando na costa. Suas tripulações desciam a terra e levantavam os braços ao céu, praguejando e xingando. Obedecendo a um sinal de Xerxes, Mardônio ordenou

aos homens da *Spada* que obrigassem aqueles homens a embarcar de novo e voltar ao combate, ou, caso contrário, que os executassem.

Depois de um tempo, apresentaram-se diante do rei vários trierarcas e oficiais fenícios que os soldados não haviam se atrevido a matar, e com grande gesticulação disseram:

— Os jônios nos traíram, majestade! Eles estão nos atacando!

— Silêncio! — exclamou Mardônio, e ordenou a uns lanceiros que prendessem aqueles homens. Não podia lhes explicar, evidentemente, que os jônios não estavam causando danos aos barcos fenícios por vontade própria, mas sim pela obsessão de Xerxes.

Nesse momento, o observador informou que um barco jônio, da ilha de Samotrácia, acabava de ser afundado por uma trirreme inimiga. Mas os samotracios de cobertura, mais numerosos que os infantes gregos, haviam conseguido abordar o navio que os havia levado a pique e apoderar-se dele.

— Esses heróis são os traidores, segundo vós — disse Hidarnes, que sentia um profundo desprezo pelos fenícios.

O Grande Rei disse algo em voz baixa. Mardônio se abaixou para escutar sua ordem, e logo disse aos lanceiros:

— Levai-os e decapitai-os.

Nesse momento, lembrou-se de Euforion. O ateniense, com os braços imobilizados por dois robustos *arshtika*, balançava a cabeça para os dois lados como um possesso. Sem aguardar instruções de Xerxes, Mardônio se aproximou dele, pegou-o pelo queixo e o obrigou a olhá-lo nos olhos. Para imobilizá-lo, embora fosse um homem forte, teve de recorrer a ambas as mãos, pois as sacudidas espasmódicas do ateniense eram muito violentas.

— Tu, verme, te atreveste a traír o Rei dos Reis. Não tens vidas suficientes para pagar esse delito.

— Por favor, senhor! Deve ter sido um engano! Temístocles me enganou! Tu sabes que ele é um homem pérfido e astuto!

— É possível que seja, e que tu, porém, sejas apenas um pobre imbecil. — Mardônio já sentia dor nos bíceps de apertar as mandíbulas de Euforion para que não se mexesse. — Mas eu te garanto que não tornarás a menear tua estúpida cabeça nunca mais.

— Eu te rogo, senhor! Não mandes que me decapitem!

— Quem disse que vão te decapitar? — disse por fim.

O alcmeônida balançou a cabeça para o lado com tanta força que o estalo de suas vértebras soou a madeira lascada.

— Levai-o ao verdugo de Assur. Quero que o empale bem, até que a ponta da estaca lhe saia pela boca. Não! Melhor! Dizei a ele que não a crave fundo. Quero que trabalhe com toda sua arte. Se este homem morrer antes de três dias, juro que cortarei as mãos do verdugo. Afastai-o de minha vista!

Os lanceiros levaram Euforion entre gritos que não pareciam sair de uma garganta humana. Descarregada um pouco de sua frustração, Mardônio voltou a ocupar seu posto junto ao Grande Rei. O Sol já estava alto no céu, quase em seu zênite. Como a situação não melhorava, o observador tentava mitigar a irritação de Xerxes dando-lhe boas notícias.

— A rainha Artemísia acaba de afundar um barco, majestade, e seus hoplitas e arqueiros estão matando os inimigos na água como se fossem atuns.

— Tens certeza de que é ela? — perguntou Mardônio.

— Sim, senhor. Ostenta um estandarte com um urso branco sobre fundo vermelho.

Pela primeira vez em toda a batalha, Xerxes levantou a voz e disse:

— Ah! Os homens estão se transformando em mulheres, e as mulheres, em homens.

NAU CALISTO

O que havia acontecido não era exatamente o que o observador real havia visto ou julgado ver. Mas algo de verdade se escondia nisso, visto que Artemísia havia levado a pique um navio com o esporão de sua nau.

O *Calisto* e os outros quatro navios de Halicarnasso haviam zarpado muito antes do amanhecer. Saíram quase às escuras, pois a essa hora ainda se viam no céu retalhos de nuvens que só deixavam ver a lua cheia de vez em quando. Saíram de Falero fazendo o menor ruído possível, marcando o ritmo da voga com pedras e sob a ameaça de tortura para qualquer um que se atrevesse a quebrar a disciplina de silêncio.

Ao chegar à altura de Psitaleia se detiveram, obedecendo às instruções de Mardônio, e durante mais de duas horas permaneceram ao resguardo da ilha, usando os remos apenas para manter a posição. Em Psitaleia já havia quinhentos soldados, agachados na parte oriental para que seus perfis não os delatassem vistos de Salamina. Pelo menos podiam dormir, mesmo que deitados sobre rochas pontiagudas. Porém, os remadores tinham de navegar na escuridão e no silêncio, sofrendo o calor úmido da noite que no porão era ainda mais sufocante.

Quando o céu, que pouco a pouco se abria de nuvens, começou a se acinzentar, a frota se pôs em marcha. Não era necessário transmitir ordens. As instruções haviam sido claras. A manobra começou no extremo direito, onde formava a esquadra do almirante Ariabignes. Tudo o que os outras trirremes deviam fazer era esperar que partissem os três navios que estavam à sua direita, aproar-se atrás deles e segui-los até o interior do estreito, o mais perto possível da costa.

Navegavam tão devagar que Artemísia poderia ter ultrapassado o *Calisto* nadando. Paravam constantemente e ciavam para não bater nas trirremes da frente. Já era dia quando os cinco barcos de Artemísia passaram o promontório

de Cinosura. Desde uma hora antes estavam recebendo um vento de popa que levantava uma marulhada muito desconfortável; ouviam os ruídos do combate quase pelo mesmo tempo. Artemísia ignorava o que estava acontecendo à frente deles, mas seu piloto Diógenes não acalentava a menor dúvida.

— O plano de Xerxes funcionou, por fim, senhora — disse-lhe em tom quase pesaroso. — É evidente que nós, gregos, só sabemos fugir e traímo-nos uns aos outros. Estamos condenados a ser comandados por outros.

No entanto, momentos depois escutaram o peã acompanhado de trompetes de guerra. Não soava como o grito desesperado de alguém que havia sido surpreendido na fuga e que se agitava como uma fera encurralada, mas sim como o canto decidido de quem se lança a um ataque organizado.

Embora a infiltração houvesse começado de forma organizada, agora tinham à sua esquerda uns navios cipriotas que não deviam estar ali e que não deixavam que Artemísia visse o que estava acontecendo. Despojou-se da armadura para aliviar o peso e subiu no cadaste. Dali, a uns quatro metros sobre a coberta, pôde contemplar o panorama. O que viu encheu-a de angústia. A bombordo do *Calisto* navegavam, de fato, três trirremes da frota persa. Mas o que se encontrava mais afastado acabava de receber a investida de um navio grego.

Aproveitando que estava ali em cima, olhou em volta. Sua situação era muito delicada. Não podiam enfrentar os atacantes porque aqueles barcos cipriotas os impediam. Não podiam se desviar a estibordo porque obrigariam seus outros dois navios a bater na costa. Também não podiam dar meia-volta e fugir do estreito, visto que por trás deles ainda vinham centenas de barcos. Não tinham mais remédio que seguir para frente, mas o panorama que se apresentava ali não parecia muito melhor.

Eu estava certa em não confiar em Temistocles, disse para si.

O dia avançava, mas a situação não melhorou. Os remadores, depois de tantas horas de voga, mesmo que a um ritmo tão lento, estavam muito cansados e cada vez lhes era mais difícil coordenar seus movimentos. Tinham de frear constantemente e ciar para não bater no barco da frente, mas também parar com as varas os navios que vinham por trás. Tudo em meio a gritos e ameaças de barco a barco. Os membros da frota do Grande Rei pareciam ter se transformado em seus próprios inimigos. A combinação do vento e a proximidade da costa criava uma espécie de sucção que os arrastava contra a margem, agravada pela pressão do ataque grego pelo outro lado. Os barcos que navegavam na ala direita da frota, ao se ver empurrados à terra por seus companheiros, tentavam abrir espaço manobrando a bombordo, e com isso às vezes os remos travavam entre si, começavam a se bater e ocorriam choques e até brigas de barco a barco.

Artemísia havia posicionado um vigia fixo, mas a cada tanto tornava a subir

ela mesma ao cadaste e estudava a situação. Deviam ter adentrado um quilômetro o estreito, no máximo. Entre Salamina e o centro do canal, os barcos gregos se moviam à vontade, fazendo revezamentos entre suas linhas para atacar as trirremes da ala esquerda persa.

Quando chegaram à área onde atuava a frota ateniense, o último navio cipriota que cobria seu flanco esquerdo afundou, atacado por uma trirreme inimiga. O *Calisto* se viu, de repente, com o flanco de bombordo desprotegido, porém, por outro lado, dispunha de mais espaço para manobrar. Um navio grego vinha de encontro a eles, buscando sua popa. Fugir a estibordo era impossível, pois a massa de seus próprios barcos os impedia.

— Tudo a bombordo, Diógenes!

Apesar de sentirem os músculos ancilosados após tantas horas de lento vogar, os remadores, que eram os melhores da flotilha de Halicarnasso e sabiam que deles dependia a vida de sua rainha, entraram em ritmo de combate em apenas poucos segundos. Artemisia se alegrou naquele momento com a decisão que havia tomado antes de embarcar. Posto que fornecia à frota não só barcos, mas também seus próprios soldados, não a obrigavam a levar infantaria iraniana. Desse modo, pudera decidir por si mesma quantos homens levaria na coberta. Em alguns barcos fenícios havia visto quarenta, cinquenta guerreiros, uma força formidável para o caso de se chegar à abordagem. Mas ela não tinha a menor intenção de se deixar abordar por ninguém, e com doze hoplitas e quatro arqueiros a bordo o *Calisto* era muito mais rápido e marinhesco.

Esquivaram-se por apenas dois metros do esporão inimigo. E após uma brusca guinada à esquerda, viram-se com a proa orientada para Salamina.

Dois trirremes atenienses vinham de frente. Não havia nem dez metros de separação entre elas. Contando com o espaço dos remos, era impossível passar por ali. Artemisia podia ver os hoplitas nos parapeitos de proa olhando para ela com a mesma hostilidade dos olhos pintados em seus barcos. Por qual dos dois navios decidir?

— A bombordo!

Assim que falou, notou que havia cometido um erro. Diógenes virou bruscamente para investir contra a amurada da trirreme que estava à esquerda, mas o vento e a marulhada reduziram seu ângulo de ataque. Sabendo que o golpe falharia, Artemisia ordenou:

— A estibordo! Recolhei os remos de bombordo!

O comitre transmitiu a ordem a seus homens, enquanto Diógenes se esforçava para corrigir o rumo. Aquela manobra era muito complicada, pois ao puxar os remos para dentro do navio os homens deviam guiar as empunhaduras em ângulo, com cuidado para não bater com elas nos companheiros que navegavam do outro lado. Artemisia ouviu gritos embaixo e imaginou que alguém devia ter tido algum dente quebrado. Mas os remos desapareceram pelos vãos bem a

tempo.

O próprio casco do *Calisto* se chocou com os remos de bombordo do barco inimigo. Ao receber o impacto dobraram-se em ângulos impossíveis e se quebraram com estrepitosos estalos. Enquanto os dois navios se cruzavam, os soldados atiraram uns nos outros flechas, lanças e até pedras que levavam a bordo. Mas passaram tão rapidamente um junto ao outro que não tiveram tempo de trocar uma saraivada de flechas e ninguém ficou ferido. Pelo menos não na coberta. Sem dúvida, no porão da trirreme inimiga a quebra dos remos teria causado graves ferimentos nos homens que os manejavam.

Assim que deixou para trás o navio ateniense, o *Calisto* aproveitou o impulso da manobra e continuou virando a bombordo. Aonde se dirigir agora? Já não havia táticas, planos nem estratégias, e cada barco da frota persa tentava sobreviver como podia. A única coisa sensata que podiam fazer era tomar o rumo de Cinosura e sair daquela armadilha.

Por alguma razão, recordou aquela noite de Maratona, quando havia matado o enviado de Patikara cravando-lhe um passador de cabelo no ouvido. Como naquela ocasião, via-se obrigada a improvisar e quebrar algumas normas.

— Faze o que eu disser, Diógenes!

— Que pretendes, senhora?

— Que saiamos vivos daqui! Vai fazendo o que eu ordenar a todo momento!

Estavam navegando quase em paralelo e no mesmo sentido que os barcos atacantes. Foi quando Artemisia viu o flanco de um barco lício que estava travado proa com proa com uma trirreme ateniense, e reconheceu seu estandarte. Era a nau capitânia de Damasítimo, rei de Calinda.

Aquele homem a havia insultado no conselho de guerra apenas umas horas antes. Ésquines de Erétria servia como hoplita em seu barco. Precisava de mais algum pretexto?

— Investe pela popa, Diógenes.

O piloto se voltou para ela.

— Mas, senhora...

— Queres tornar a ver tua esposa e teus filhos? Pois teremos de nos fazer passar por atenienses.

Diógenes pensou apenas um segundo e manobrou como Artemisia lhe havia indicado. Os remadores não podiam saber para onde o esporão do *Calisto* se dirigia, mas os soldados e os tripulantes de coberta sim, e se voltaram para ela com olhares de desconcerto. Artemisia levantou-se e gritou, esgoelando-se para se fazer ouvir em meio ao fragor da batalha:

— Quereis viver ou não?

Durante um segundo, hesitaram. Mas quando o mais veterano deles gritou “Sim!”, os outros o seguiram: halicarnassenses e lícios tinham mais disputas guardadas que façanhas em comum. De qualquer maneira, a opinião dos

soldados já não tinha importância, porque o *Calisto* ia direto contra o flanco da trirreme de Damasítimo e a colisão era inevitável.

Enquanto nas proas dos navios enganchados lícios e atenienses combatiam a lançadas e tentavam se abordar mutuamente, Damasítimo se voltou para Artemísia e gritou algo de sua cadeira de trierarca que ela não chegou a ouvir. Ao lado dele estava Ésquines, armado como o hoplita, mas sem intervir no combate que estava sendo travado na proa.

Muito próprio de ti, pensou Artemísia.

O esporão do *Calisto* bateu no casco quase em ângulo reto. Artemísia flexionou as pernas para absorver o impacto. Depois, recolheu suas armas e correu para a frente. Se quisesse sobreviver, era evidente que Damasítimo e Ésquines teriam de morrer. Não lhe bastava a possibilidade de se afogarem. Tinha de ver seus cadáveres.

— Matai-os! — ordenou a seus homens enquanto corria para a proa.

Os guerreiros do navio lício estavam envolvidos em seu combate com os atenienses, e além disso o golpe havia jogado muitos deles pela borda. Apenas o timoneiro e alguns marinheiros correram em auxílio de Damasítimo. O rei de Calinda estava tão gordo que não só se movia com a lentidão de uma tartaruga como também oferecia o dobro de superfície para as flechas que um homem normal. Os quatro arqueiros do *Calisto* acertaram-no com seus projéteis, e Damasítimo desabou sobre a cana do leme, partiu-a com seu peso e ficou inerte na coberta.

— Artemísia! — gritou Ésquines, apontando sua lança para ela e aproximando-se da borda como se tivesse a intenção de pular no *Calisto*. — Eu te amaldiçoou, vadia!

Ela se absteve de bravatas e jogou-lhe a lança diretamente. A ponta atravessou a falda de couro de Ésquines e se cravou em sua virilha. Com um alarido, o erétrico caiu de joelhos. Os arqueiros já haviam retesado suas armas de novo e o mataram.

— Eu prefiro matar-te, que é mais prático — disse Artemísia vendo Ésquines desabar de bruços sobre as tábuas.

Terminada a breve escaramuça, os remadores do *Calisto* ciaram para se desenganchar. O barco lício começou a afundar de popa, enquanto na proa os atenienses davam conta de seus últimos inimigos. Artemísia já se felicitava por ter conseguido enganá-los quando um deles gritou:

— É Artemísia, a das dez mil dracmas!

Ao ouvi-lo, ordenou a Diógenes ciar para retroceder e ao mesmo tempo virar a estibordo o mais rápido possível, em direção à saída do estreito. Enquanto corria de volta a seu posto de trierarca, Artemísia ordenou:

— Arrancai o estandarte! Derrubai a borda-falsa! Temos de parecer um barco ateniense!

Enquanto um marinheiro retirava o galhardete com a imagem da urso, os hoplitas arrancavam as barras da balaustrada a pontapés, golpes de espada e até de escudo. Mas já não podiam enganar o navio que os perseguia. Além disso, o maldito era rápido e ia encurtando distância. Os arqueiros inimigos estavam posicionados na proa para atirar. Uma de suas flechas matou o rapaz que havia acabado de arriar a bandeira, e Artemisia teve de se ajoelhar e se proteger atrás de seu escudo para não sair ferida.

— Atenção a estibordo!

Era uma loucura. Jamais saíam vivos daquele labirinto de navios, remos e esporões. Artemisia olhou para a nova ameaça, uma trirreme azul. Se mantivessem o rumo e a velocidade atuais, perfuraria seu flanco em questão de segundos. Ao ver a estátua da deusa caçadora na proa e o grande galhardete dourado que ondulava sobre o cadaste, Artemisia se convenceu de que já estava morta. Pois aquela era a trirreme de Temístocles, o homem que estava destinado a matá-la. Assim haviam vaticinado os deuses na Acrópole.

O barco do ateniense deu uma guinada a estibordo e deteve a remada levantando jorros de espuma. Graças a isso, a popa do *Calisto* passou a apenas três metros do esporão inimigo e o deixou para trás. Mas a manobra do navio de Temístocles não havia terminado; ele se interpôs no caminho da trirreme que perseguia os halicarnassenses e a obrigou a desviar e perder velocidade.

Enquanto os tripulantes dos dois navios se insultavam e se recriminavam mutuamente por sua inépcia, o *Calisto* se afastou. Artemisia se segurou no cadaste e olhou para trás. Naquele barco que se chamava como ela, Temístocles levantou a mão e a saudou.

Às vezes os presságios se enganam ou os interpretamos mal, pensou Artemisia, e desabou na cadeira de trierarca com um suspiro de alívio.

— Nos salvamos por pouco, senhora — disse o piloto voltando-se para ela, sem soltar o timão.

— Ainda é cedo para afirmar, Diógenes. Ainda temos de passar por atenienses até sair daqui.

E depois, rezar para que o criado do Grande Rei não tenha observado nossa manobra com seu olho mágico, pensou. De repente, notou que estava fugindo, algo que não havia feito nas Termópilas, embora naquela ocasião lutasse contra os espartanos. Pensou que aquilo era diferente. Ela era uma amazona, uma rainha guerreira, não um inepto atum que se deixa pescar em uma almadrava. Aquilo não era jeito de morrer.

Talvez a questão fosse, pensou enquanto acariciava a cicatriz da orelha, que já não estava disposta a morrer por Xerxes. Talvez, só talvez, estivesse ficando velha.

Já havia passado o meio-dia quando Címon pôde por fim gritar:

— À abordagem!

Pela manhã, haviam perdido o esporão na primeira investida. Embora não houvessem sofrido mais danos, já não podiam combater da forma que todos os trierarcas haviam decidido antes da batalha. As instruções eram evitar a abordagem e se concentrar em perfurar os cascos inimigos com os arbetes, aproveitando que, se o plano de Temístocles funcionasse como estava previsto, os navios persas estariam tão apinhados que não poderiam manobrar.

O vento e o marulho haviam conjurado a favor dos gregos. Além disso, o fato de ter as cobertas lotadas de soldados não deixava os barcos persas mais manobráveis. Címon não estivera em Artemísio, mas pelo que ouvira falar tinha a impressão de que em Salamina as trirremes fenícias haviam embarcado ainda mais infantaria.

Queriam nos surpreender na margem, pensou. O que Xerxes ou seus almirantes haviam previsto não era, na realidade, uma batalha naval, mas sim uma operação de desembarque.

Na véspera, discutindo com um trierarca, Címon lhe havia dito que dez hoplitas gregos valiam mais que vinte guerreiros bárbaros. Mas não estava tão louco a ponto de tentar uma abordagem contra quarenta, de modo que após perder o ariete, ordenou a seus homens que ciassem até o segundo degrau da formação, e dali passou a apoiar as manobras de outros navios.

Lutaram durante horas, fechando linhas para evitar que os barcos inimigos fugissem, indo ao auxílio de navios aliados quando os viam em apuros. Em uma passada haviam quebrado cerca de vinte remos de uma trirreme fenícia, e em outra, seus arqueiros abateram dois soldados inimigos. Se a situação não mudasse, esses eram todos os méritos que poderia alegar no final da batalha.

Então, surgiu a oportunidade. Um navio de sua esquadra, o *Procne*, investiu contra um inimigo. Mas com os cabeceios provocados pelas ondas o ariete bateu muito baixo e praticamente deslizou pelo fundo da trirreme fenícia. Os tripulantes do barco atacado agiram com rapidez, conseguiram enganchar o *Procne* com seus ganchos de abordagem e se alinharam a seu flanco de bombordo.

A luta era desigual. Embora os hoplitas atenienses lutassem com bravura para repelir os inimigos, não eram capazes de cobrir todo o comprimento da coberta. Dez ou quinze persas saltaram para sua popa, fazendo os dois navios balançarem, acabaram com o timoneiro e o trierarca e se dispuseram a prosseguir o massacre no porão.

Os tripulantes do barco fenício estavam tão envolvidos em sua luta contra os defensores do *Procne* que não se deram conta de que o *Dínamis* se aproximava por estibordo e lançava seus próprios ganchos. Um instante antes de pular na coberta inimiga, Téricles, um hoplita que acabava de completar vinte anos, disse:

— Maldição!

— Que foi? — perguntou Címon.

O jovem, que havia corado como uma donzela, olhou para sua virilha.

— Eu me urinei, senhor.

Címon soltou uma gargalhada.

— Não te preocupes com isso, rapaz. Comigo aconteceu o mesmo em Maratona. E naquele dia matei mais de um persa.

Foi quando deu a ordem de abordagem, e ele mesmo pulou primeiro sobre os escudos que protegiam a balaustrada. Seus homens o seguiram proferindo gritos de guerra para atrair sobre si a atenção dos soldados fenícios. Ainda eram minoria; mas contavam com a vantagem de seu armamento, o mesmo que lhes havia propiciado a vitória em Maratona. Ao ver que recebiam reforços, os defensores do *Procne* fecharam seus escudos como uma pequena falange, fortaleceram-se na região de proa e conseguiram repelir os infantes persas. A briga, que durou um longo tempo, acabou na coberta do navio fenício. Címon perdeu três homens, entre eles Térciles, e dos soldados do outro navio tombou metade, mas conseguiram se apossar da trirreme. Após jogar na água os últimos arqueiros persas, que no fim haviam resistido até à base de mordidas, quatro hoplitas gregos desceram ao porão.

Na coberta, Címon ouvia os gritos e os golpes. Tratava-se de um trabalho sórdido, mais próprio de açougueiros que de soldados, mas quando não se conseguia afundar o barco inimigo com o aríete havia de proceder desse modo. Címon podia imaginar a cena: os quatro soldados, bem protegidos por seus escudos, elmos e couraças, avançando de uma ponta do porão, abrindo caminho entre os bancos e cravando suas lanças nos corpos nus. Em uma trirreme havia mais de cento e cinquenta remadores, mas esse número não valia de nada em um lugar tão estreito, visto que apenas seis deles, no máximo, podiam lutar ao mesmo tempo contra seus atacantes. De modo que os remadores optavam por fugir em direção contrária. Na guerra naval existia uma espécie de convenção não escrita segundo a qual lhes era permitido fugir pela outra escada do porão, desde que se jogassem ao mar. Se algum deles tentasse ficar no navio, os hoplitas emboscados na saída os matavam no ato. A seguir, evidentemente, os homens que haviam pulado na água ficavam à mercê das flechas e lanças inimigas, ameaçados pelas pás dos remos e pelos próprios barcos, que esmagavam e afogavam muitos sob seus cascos e quilhas.

Mas agora Címon não deu atenção àquele procedimento. Junto à amurada de proa um último guerreiro persa resistia. Ninguém se atrevia a se aproximar dele, porque aquele gigante de dois metros já havia matado três homens. Portava um escudo grego em vez de uma adarga de vime e couro, e na mão direita empunhava um machado de guerra que um homem normal teria tido que agitar com os dois braços. A seus pés se dessangrava sua última vítima, um hoplita cuja cabeça pendia de uma fina tira de carne e pele por conta de uma machadada.

Por ora havia se defendido dos disparos dos arqueiros interpondo seu escudo e graças à cota de malha que usava sobre o cafetã e que o protegia até os joelhos. Címon pensou que não poderia resistir muito mais tempo. Morrer crivado de flechas não era um fim digno para um guerreiro como aquele.

— Sicino! Não me reconheces? — perguntou.

Címon era das poucas pessoas que sabia que Sicino não era cário, mas sim persa. Muitas vezes se perguntara se seria capaz de vencê-lo em combate. O criado de Temístocles era um palmo mais alto e muito mais corpulento e musculoso, mas Címon tinha certeza de que podia compensar essa diferença com sua agilidade e perícia. Se conseguisse matá-lo em duelo singular, compensaria de sobra não ter afundado nenhum navio inimigo.

— Eu te fiz uma pergunta!

Sicino assentiu.

— Dize meu nome, então.

— Tu és Címon, filho de Milcíades. O mesmo que traiu meu senhor.

Chamou-lhe a atenção o fato de mesmo depois de ter desertado continuasse chamando Temístocles de senhor, e pensou que os costumes servis, uma vez adquiridos, deviam ser muito difíceis de erradicar.

— Eu não posso trair ninguém, posto que não sirvo a ninguém, Sicino — respondeu Címon.

— Eu também não. E não me chamo Sicino. Sou Mitrane, filho de Bagabigna!

— Como quiseres. Encomenda-te a teus deuses, porque hoje vais morrer, por fim.

Címon avançou com certa precaução. Sua lança tinha muito mais alcance que o machado de Sicino, mas não podia esquecer a envergadura do persa. Experimentou primeiro seu escudo, para ver como se movia. Sicino o surpreendeu lançando um golpe muito rápido contra a haste da lança, que falhou por apenas um dedo.

— Que ninguém me ajude! — disse ao ver que dois hoplitas ameaçando se aproximar. — Este homem é meu!

Trocaram mais alguns golpes. Sicino demonstrava muito bons reflexos com o escudo e conseguiu deter todos os ataques. Címon, por sua vez, não deixava que se aproximasse. Tinha certeza de que uma única machadada bastaria para partir ao meio o escudo de carvalho e quebrar seu cotovelo. Começou a pensar que talvez não houvesse sido muito boa ideia desafiar Sicino. Mas já não podia pedir ajuda, a menos que quisesse passar por covarde diante dos outros.

Então, viu uma oportunidade. Não parecia muito nobre, mas o próprio Temístocles havia lhe ensinado que devia aproveitar o terreno. Os dois haviam girado, Sicino sobre seus calcanhares e Címon desenhando uma semicircunferência a seu redor. Agora o cadáver do hoplita estava atrás do

persa, e os pés deste pisavam o charco de sangue que as tábuas enceradas da cobertura ainda não haviam absorvido.

Címon proferiu um grito selvagem e deu uma lançada funda contra Sicino. Este teve reflexos suficientes para, uma vez mais, bloquear o golpe com o escudo. Mas, ao fazer isso, retrocedeu e seu pé direito tropeçou na cabeça meio decapitada de sua vítima. Ao notar que cambaleava, tentou recuperar o equilíbrio, mas seu outro pé deslizou no sangue e ele caiu de costas. Estava muito perto da beira, e a borda-falsa, que já havia recebido muitos golpes durante o combate, não resistiu a seu peso e se partiu. Com um uivo de terror que deixou Címon surpreso, Sicino se precipitou ao mar.

Enquanto afundava bracejando em vão e vendo a superfície se afastar dele, Sicino pensou em como o destino era cruel. Na noite anterior, Mardônio lhe havia dado de presente aquela cota de malha.

— Pesa mais de um talento — dissera sacudindo-a no ar para que pudesse escutar o tilintar dos anéis. — Depois de te atribuir tua missão na Babilônia, mandei que a confeccionassem para ti.

— Para mim, senhor?

— Tu mereces, por teus serviços ao Grande Rei — repetira Mardônio.

Após lhe entregar a cota, deixaram-no escolher suas armas. Sicino havia comprovado os estragos que as lanças gregas causavam nos escudos de vime e couro, de modo que se decidiu por um escudo de carvalho e bronze do butim conseguido na Acrópole, e também por aquele enorme machado de guerra.

Quando sentiu que estava afundando na água soltou o machado, e a seguir o escudo. Mas não bastava. Por mais que tentasse nadar, a loriga o puxava para as trevas do fundo como se cada anel de ferro carregasse o peso de todas as mentiras do mundo.

Havia um círculo branco ali em cima que se movia e tremia na superfície da água, e Sicino imaginou que devia ser o Sol. Cada vez estava mais longe e brilhava menos. Sicino continuou descendo e descendo, até que suas costas bateram em algo duro. Não sabia a que profundidade estava, mas ainda chegava um pouco de luz. O suficiente para ver que havia mais gente como ele, soldados tombados no fundo do mar. Só que eles já estavam mortos.

Tenho de tirar isto. Mas havia sido muito difícil colocar a loriga. De fato, dois serviços o haviam ajudado, porque era muito complicado. Seus dedos, que nunca haviam sido muito hábeis, lutaram com os fechos. Ficou nervoso, começou a boquejar e engoliu água. Só havia conseguido desenganchar um fecho quando a luz desapareceu e tudo ficou preto.

— Sicino...

Estava de novo cercado de sombras. Já não sentia o fundo rochoso debaixo de suas costas, nem a água em sua garganta ou nos pulmões. Mas também não sentia ar. A bem da verdade, não tinha sensação alguma, o que significava que havia morrido.

— O que eu te disse, Sicino?

O rosto barbudo do juiz Mitra se materializara diante dele de novo. Sicino se perguntou o que seria melhor: morrer afogado em água ou em terra. Mas talvez a pergunta importante não fosse essa, posto que já estava morto, mas sim que destino seria o seu para o resto da eternidade.

Não se podia enganar Mitra.

— Disseste-me que servisse com retidão a meu novo senhor e que não mentisse mais.

— E quem era teu novo senhor?

— O Grande Rei... — aventurou.

— Não mintas, Sicino. Eu te disse “novo senhor”, e não simplesmente “senhor”. É importante diferenciar as palavras, porque para isso existem. Quem era teu novo senhor?

— Temístocles?

— Tu sabes que sim. E lhe serviste com retidão?

— Tentei...

— Sim ou não, Sicino?

Hesitou de novo. Se dissesse não, ele mesmo se condenaria. Se dissesse que sim, estaria mentindo e também se condenaria.

Decidiu escolher a verdade, como seu pai lhe havia ensinado.

— Não lhe servi bem. E me arrependo, mas não sabia como acertar.

Mitra sorriu com benevolência.

— A virtude consiste em saber escolher entre o bem e o mal. Mas, às vezes, para as almas simples a escolha não é tão fácil. Eu te dou mais uma oportunidade, Sicino. Não tornes a confundir os senhores.

Então, o juiz Mitra fez algo muito estranho, porque pegou a cabeça de Sicino com as duas mãos e o beijou na boca. Não foi um beijo protocolar, como o dos súditos mais nobres ao saudar o Grande Rei. Mitra fez força para abrir-lhe os lábios com os seus e quase lhe enfiou a língua. Ao fazer isso, espetou seu rosto com uns bigodes que pareciam pregos e, embora Sicino tenha resistido, insufrou-lhe o fôlego. Sentiu uns braços que o pegavam pelas axilas e o puxavam. Mas já não estava no limbo, mas sim em um lugar muito mais desagradável, em um inferno que consistia em ter o nariz e a garganta cheios de água.

Os marinheiros puxavam a corda lastrada em meio a grunhidos.

— Depressa! — gritou Temístocles.

— Diabos, como pesa — queixou-se Fidípides, que os estava ajudando. — O

que foi que Escílias pescou, uma vaca?

Por fim, entre a espuma e os remos despontaram a cabeça do mergulhador e de Sicino. Escílias havia abraçado o persa por baixo das axilas. Quando conseguiram içá-los até a coberta e o gigante persa desabou no tabuado vomitando e cuspidando água, Temístocles compreendeu por que Fidípides se queixava tanto. Como se Sicino não fosse corpulento o bastante, aquela loriga de anéis apertados de metal lhe alcançava os joelhos.

Mas Escílias havia chegado a tempo. Embora não parasse de tossir e cuspir água, Sicino continuava vivo. Temístocles se perguntou se isso se deveria a seus enormes pulmões ou à sua incrível resistência a morrer. Quando o vira cair na água, da coberta onde lutava com Címon, o *Artemisia* se encontrava a mais de cinquenta metros. Depois de chegar lá, Escílias tivera de mergulhar um bom trecho; a julgar pelo tanto que a corda lastrada havia afundado, uns treze metros de profundidade.

Enquanto se dirigiam a Salamina, Temístocles sentou-se na coberta ao lado de seu antigo escravo. Durante um momento avaliou a ideia de lhe revelar que graças a ele seus compatriotas persas haviam caído na armadilha, mas pareceu-lhe muito cruel, pelo menos naquele momento.

— Aqui estás, Sicino. De volta comigo. Parece que o destino se nega a nos separar.

O gigante persa conseguiu parar de tossir por fim e se levantou com a ajuda de Temístocles e de Escílias. Seu olhar estava fora de foco, como se ainda estivesse contemplando uma visão do além. E assim devia ser, porque exclamou em persa:

— Meu senhor Mitra, nunca mais tornarei a mentir! Nunca! Por ninguém!

Temístocles apertou-lhe o ombro e disse, também em persa:

— Calma, Sicino. Já te expliquei uma vez. Mentir é dizer o contrário da verdade. A chave é o “dizer”, recordas? Tu simplesmente calaste algumas coisas. Não és culpado de nada.

Sicino olhou a seu redor, como se percebesse pela primeira vez que estava a bordo do *Artemisia*.

— Aonde me levas, senhor?

— Aonde queres que te leve, Sicino? Já estás em casa.

NAU ARTEMÍSIA

Antes de chegar a Farmacusa, uma barca de pescadores saiu ao seu encontro. Deixaram nela os feridos e em troca incorporaram três hoplitas que vinham nela. Temístocles pensou em desembarcar Sicino também. Mas embora já houvesse tirado a cota de malha continuava usando as calças persas e temia que o pudessem matar se ele não estivesse presente para protegê-lo, de modo que lhe ordenou que ficasse na passarela junto aos marinheiros.

— Dá meia-volta, Heráclides! — ordenou. — Voltaremos ao combate!

A batalha se prolongou durante horas. Da coberta era difícil ter uma ideia cabal do que estava acontecendo, mas o certo era que as águas ao redor de Salamina estavam livres de barcos inimigos, ao passo que a costa do continente parecia cada vez mais um desmanche de navios velhos. Entre destroços, popas destruídas, tábuas e remos soltos, os poucos barcos intactos que restavam ao inimigo tentavam resistir aos ataques que chegavam por todos os lados.

Pouco a pouco os gregos iam ficando donos do estreito, e sua audácia crescia conforme avançava a tarde. Enquanto as trirremes aliadas investiam com os esporões contra os navios que ainda navegavam, por entre eles se infiltravam botes, faluas ou até mesmo balsas que chegavam de Salamina. Aquelas minúsculas embarcações iam carregadas de hoplitas que haviam se despojado das couraças, para o caso de caírem na água. Também havia remadores da frota grega cujos barcos haviam ido a pique, mas que tiveram tempo de ganhar a margem a nado e agora retornavam ao combate para vingar seus companheiros. Em alguns botes viam-se inclusive crianças de pouco mais de dez anos, velhos já aposentados da milícia e mulheres com as túnicas recolhidas acima dos joelhos. Todos aqueles combatentes espontâneos se dedicavam a encontrar os sobreviventes da frota persa que se agarravam às tábuas ou tentavam emergir nadando. Quando os encontravam, arpoavam-nos como atuns, esfaqueavam-nos, arrancavam seus olhos com as fibulas das túnicas ou abriam-lhes a cabeça com os remos. A ira e o rancor acumulados durante tantos dias à vista das ruínas fumegantes de Atenas haviam vindo à tona ali, naquelas águas semeadas de cadáveres.

As sombras começavam a se estender quando em uma daquelas barcas Temístocles viu Epícles, que estava cortando a garganta de um remador fenício exausto. Embora se tratasse de um pobre homem que devia servir na frota persa por um pagamento humilde, ou talvez até mesmo de um escravo, o operador de pisão o despachou com tanto prazer quanto se estivesse degolando toda a aristocracia de Atenas ao mesmo tempo.

— Que aconteceu com teu barco? — perguntou-lhe Temístocles na popa.

— Abordaram-nos! — respondeu ele. — Só trinta remadores se salvaram!

Ao saber que Epícles vinha de Salamina, Temístocles ordenou que lhe jogassem um cabo e o ajudassem a subir a bordo.

— Quais as novidades? — perguntou-lhe.

Epícles lhe disse que, pelo que contavam os vigias posicionados nas alturas da ilha, parte da frota persa havia conseguido fugir para Falero, abrindo caminho por entre seus próprios barcos.

— Quantos fugiram? — perguntou Temístocles impaciente.

— Não sei, eu não vi com meus próprios olhos. Disseram-me que talvez metade, ou até menos.

Metade! Temístocles não queria acreditar ainda, mas um olhar a seu redor o convenceu de que podia ser verdade. E os barcos que não houvessem saído do estreito já não o fariam, pois as trirremes de Egina e de Mégara haviam formado um cordão entre Cinosura e o continente.

— A propósito, teu amigo Aristides — acrescentou Epíclides, acentuando com certa ironia a palavra “amigo” — se atreveu a molhar os pés.

— Que queres dizer?

— Tomou consigo quinhentos hoplitas, levou-os à ponta de Cinosura e dali convenceu uns navios de Egina a transportá-los a Psitaleia.

Na ilha, explicou Epíclides, havia um contingente de infantaria inimiga que devia estar lá desde a noite anterior. Quando um navio de Egina avariada varou ali, os persas os atacaram e mataram todos. Por isso os eginetas haviam atendido com prazer ao pedido de Aristides e desembarcaram seus homens em Psitaleia. O combate havia sido encarniçado, porque persas e atenienses estavam iguados em número, mas, no fim, os hoplitas haviam conseguido limpar a ilha de inimigos.

— Essa é uma excelente notícia — disse Temístocles com um amplo sorriso.

— Por quê? — perguntou-lhe Fidípides. — É só um pedregal onde não há nem cabras.

— Será que não percebes? Não percebeis? — acrescentou Temístocles dirigindo-se aos outros infantes, que haviam formado uma roda na popa para escutá-lo. — Desde que começou esta guerra, só fizemos retroceder. Primeiro abandonamos Tessália, logo Artemísio e as Termópilas, depois evacuamos Atenas. É a primeira vez que ganhamos terreno do inimigo. A sorte vai mudar, eu vos garanto!

Temístocles ordenou a Heráclides que o levasse a Psitaleia para comprovar com seus próprios olhos a situação. A ilha estava em poder dos gregos, e as águas que a cercavam também. Alguns barcos persas haviam se refugiado no Pireu, onde por ora Temístocles não se atrevia a segui-los, mas a maioria dos sobreviventes havia preferido fugir para Falero, o mais longe possível do estreito. Em uma batalha terrestre, vencia quem ficava dono do campo e outorgava ou negava licença ao inimigo para recolher seus mortos. Agora eles eram donos das águas que cercavam Salamina. Só restava conhecer a magnitude da vitória. Mas Temístocles suspeitava que a frota do Grande Rei não tornaria a ser uma ameaça para os gregos.

O Sol estava se pondo quando o *Artemísia* voltou e os últimos navios da frota ateniense retornaram ao ancoradouro de Cicreia. Muitas daqueleas trirremes rebocavam despojos da batalha: mascarões, cadastes, navios inteiros. A maioria vinha com marcas e cicatrizes do combate, e em muitos navegavam apenas duas filas de remadores ou até mesmo uma, enquanto os outros, exaustos,

recuperavam o fôlego sentados na cobertura. No entanto, o importante era que muitos voltavam. Essa noite, pensou Temístocles, não haveria tantos cidadãos atenienses esperando à margem do Aqueronte. Como prognosticara a pitonisa, a muralha de madeira de Atena havia resistido.

Mas não era suficiente. Com uma frota como a que possuíam, jamais deveriam ter abandonado o Pireu para o inimigo, nem sua cidade. Só Zeus sabia quanto tempo lhes custaria reconquistar Atenas. Mas, quando o fizessem, deveriam garantir que ninguém os obrigasse a evacuá-la nunca mais.

Dez anos antes, no dia em que Clístenes morrera, Temístocles havia concebido uma visão. Sessenta mil mãos empunhando os remos de uma nova frota. O sonho havia se realizado, e graças a ele os atenienses haviam vencido os marinheiros do Grande Rei diante de seus próprios olhos.

Muito bem, pensou Temístocles. Mas agora tinha de olhar além.

Voltou-se para a cidade. Novas fumaradas se erguiam do Pireu e de Atenas. Os persas, furiosos pela derrota, deviam ter acendido mais fogueiras com o pouco que restasse sem queimar. Mas Temístocles não via as chamas nem as negras colunas de fumaça. Depois de uma batalha que havia se prolongado quase de sol a sol, depois da noite mais longa de sua vida, depois de meses de guerra e longos anos de planos, trabalhos e noites em claro, sua mente, em vez de repousar e olhar para trás a fim de desfrutar o conseguido, tornava a maquinizar escrutando o futuro.

Agora, ao contemplar as ruínas de Atenas, os olhos de Temístocles viam uma muralha. Tão alta quanto a da Babilônia, de sólidos silhares, munida de torres de vigilância. Uma muralha que não só protegeria a Acrópole, mas também toda a cidade. Dela partiriam outras duas que desceriam em paralelo até o Pireu e uniriam para sempre Atenas com seu porto. Se conseguissem que Atenas tivesse uma saída para o mar e o dominasse com sua frota, nenhum inimigo poderia jamais obrigá-los a abandonar os templos de seus deuses nem os túmulos de seus pais.

E, para conseguir isso, pensou, não era necessário ser general. Não precisava faltar ao juramento que havia feito aos quatro chefes dos eupátridas. Como o havia chamado Mnesífilo uma vez? Demagogo? Sim, ele saberia conduzir o povo pela mão para que decidisse o que era melhor para Atenas.

Alguém pôs a mão em seu ombro.

— Acho que estás olhando na direção errada — disse Fidípides.

Temístocles se voltou para a proa. Já estavam quase chegando à praia de Círcia. Junto às fogueiras recém-acesas, os vencedores, remadores, hoplitas e marinheiros, nesta ocasião todos juntos, celebravam a vitória, ofereciam sacrifícios aos deuses, mostravam os troféus arrebatados do inimigo, curavam os feridos e choravam os mortos.

Mas não era isso o que Fidípides lhe apontava. Na margem, deixando que a

maré acariciasse seus pés, Apolônia aguardava. Durante alguns segundos, Temístocles não soube o que pensar. Depois, ela levantou a mão e o saudou.

Temístocles suspirou. Após dez anos de guerra em Troia e mais dez vagando pelos mares, Ulisses havia descansado por fim junto a Penélope. Talvez, mesmo que só por uma noite, houvesse chegado o momento de Temístocles também conceder repouso à sua mente, beber vinho, fazer amor com Apolônia e adormecer em seus braços.

O amanhecer logo lhe traria outros afãs.

73 Filhos gêmeos da mesma mãe, Leda, mas de pais diferentes. Pólux, sendo filho de Zeus, era imortal. (N. da T.)

74 Outro nome pelo qual Afrodite era conhecida. (N. da T.)

EPÍLOGO

POSTO DE OBSERVAÇÃO REAL, 21 DE SETEMBRO

Quando o Sol nasceu, Xerxes continuava sentado em seu trono. Havia passado a noite toda ali, sem se mexer. Sobre sua cabeça o toldo ondulava movido pela brisa, e atrás dele, com ar sonolento, mantinham-se em pé, firmes, seu toalheiro, o portador do leque e também o das armas. Não havia mais ninguém. Os lanceiros de sua guarda haviam formado um perímetro ao redor dele e não deixavam que ninguém se aproximasse.

Conduziram Artemísia à sua presença pouco depois do amanhecer. Ela se apresentou certa de que a decapitariam por conta do que acontecera na véspera. Mas, ao descobrir que Xerxes só havia convocado a Mardônio e a ela, tranquilizou-se um pouco. O Grande Rei nunca julgava em tal intimidade.

Artemísia imaginava por que o rei continuava ali sentado, olhando para as águas onde o haviam vencido. As trirremes gregas navegavam à vontade por todo o estreito, não até o centro como em dias anteriores, mas sim até a Farmacusa Menor e o aterro. De suas cobertas insultavam os soldados persas que estavam na margem atirando flechas sem muita convicção. O desânimo havia dominado até os ânimos dos guerreiros da *Spada* que não haviam chegado a participar da batalha.

Mas Artemísia tinha certeza de que o que Xerxes via não era o mesmo que os outros contemplavam. Por sua expressão, seus olhos pareciam ter ficado congelados no dia de ontem, quando aquelas estreitas águas haviam se transformado em um fervedouro onde chegaram a enfrentar ao mesmo tempo mais de setecentos barcos. Sem dúvida estava rememorando sem parar o momento em que compreendera que Temístocles o havia enganado, que havia brincado com eles e com seus agentes para atraí-los àquela ratoeira.

Os sentimentos de Artemísia eram ambíguos. Havia sido vencidos, ela havia escapado viva a duras penas e de suas outras quatro trirremes só se salvaram duas. De repente, todo o esplendor da grande expedição se desinflara como uma enorme bolha, deixando somente esse vazio que havia se apossado da expressão de Xerxes.

Mas, do mesmo modo que após a vitória das Termópilas Artemísia havia sofrido e chorado pelo fim dos espartanos, agora não podia evitar certo orgulho pelo valor que os gregos da Europa haviam demonstrado.

— Os barcos, Mardônio — disse Xerxes. — Quantos perdemos no total?

— Duzentas e quarenta e cinco trirremes, majestade.

Muitos deles, pensou Artemísia, deviam ter desertado no final da batalha por medo da cólera de Xerxes. Ela mesma havia cogitado isso, e ainda não sabia por que não o fizera. Sem dúvida a batalha de Salamina havia condenado à pirataria dezenas de barcos juntamente com suas tripulações. De qualquer maneira, esses

navios estavam tão perdidos para o Grande Rei quanto os que se haviam ido a pique ou caído em poder dos gregos.

— Os homens — disse Xerxes. — Quantos?

Normalmente ele controlava seu tom e limava suas inflexões para parecer mais hierático. Mas agora sua voz não soava solene, mas sim átona, cinza, como se lhe custasse um mundo encontrar ar suficiente para articular cada palavra.

— Entre soldados e tripulações, quarenta e oito mil, majestade. Quarenta e oito mil!

Por mais desertores que se subtraíssem a esse número, Artemisia pensou que, no máximo, o rebaixariam em quatro ou cinco mil homens. Somando as baixas do lado inimigo, tinha certeza de que nunca na história haviam morrido tantas pessoas em um único dia. Sem dúvida, Minos, Éaco e Radamanto, os juizes infernais, estariam sobrecarregados de trabalho.

Uma batalha grandiosa, sem dúvida, tal como havia sonhado Xerxes. Mas quando a posteridade se recordasse dela, não falaria de sua grande vitória, mas sim de seu fracasso. O império persa podia sobreviver a uma derrota como essa, e até a dez mais. No entanto, Artemisia duvidava que o Xerxes que ela conhecia chegasse a se recuperar um dia do ocorrido nos estreitos de Salamina.

Naquele momento experimentou uma emoção nova e estranha. Algumas vezes sentira medo diante do Grande Rei, e também admiração, lealdade e desejo. Após as Termópilas havia até acaalentado por ele um rancor tingido de desprezo. Mas agora, teria desejado abraçar aquele homem, acomodar sua cabeça contra o peito e consolá-lo. Porque via a negrura sem fundo que havia se aninhado em seus olhos e sentia compaixão por ele. Ela, Artemisia, uma mulher, sentia dó do homem mais poderoso do mundo!

Evidentemente, nem sequer se atreveu a tocar sua mão. Também não lhe ocorreu lembrá-lo de que ela era a única que havia desaconselhado entrar com a frota no estreito de Salamina.

— Majestade — disse Mardônio. — Não debes te afligir. Foi apenas um revés. O resultado final de nossa expedição não pode depender de uns troncos flutuantes, mas sim de homens e cavalos, ao modo ancestral de nosso povo. Se pensares bem, não encontrarás nem uma só oportunidade em que os persas se mostraram como uns covardes. Quem se comportou como tal foram outros povos, como os cilicianos ou os cipriotas. E, especialmente, os fenícios.

Olhou de soslaio para Artemisia, que pensou que pelo menos o general tivera o tato de não citar os jônios nem os cários.

— O que aconteceu não pode ser atribuído aos persas, majestade — prosseguiu Mardônio. — Tua reputação permanece intacta, como intacta está a *Spada*.

— Isso mesmo — respondeu Xerxes com a mesma voz inerte, e bebeu um gole de vinho da taça de ouro que segurava na mão direita.

Normalmente, pensou Artemísia, um copeiro a teria oferecido a ele cada vez que demonstrasse intenção de beber. Mas agora o rei não a soltava.

— Eu te peço licença para falar ao mesmo tempo como conselheiro e amigo, pois assim me consideraste sempre.

— A tens, meu bom Mardônio.

— Regressa a teus domínios com o que resta da frota e a metade do exército, majestade. Teus súditos sentirão falta de tua presença. Já estás há muito tempo nesta terra bárbara. Deixa a mim com apenas três divisões. Se fizeres isso, eu te prometo que daqui a um ano chegará a teu palácio um mensageiro para te comunicar que toda a Grécia foi subjugada a teu poder.

Artemísia admirou o apurmo de Mardônio. Não só não atribuía a si mesmo a culpa do desastre de Salamina — responsabilizar Xerxes era impensável — como o também dava um passo adiante e se oferecia para endireitar a situação.

— Que pensas tu, Artemísia? — perguntou Xerxes. — Foste a única entre meus *bandaka* que me deu um sábio conselho.

— Majestade, acredito que Mardônio tem razão. O mais conveniente é que voltes a tua pátria e o deixes com as tropas que te solicitou. Continuo convicta de que os gregos cairão como fruta madura. E tu voltarás triunfante, pois destruístes a cidade de Atenas, cumprindo, assim, a vontade de teu pai.

Artemísia disse o que devia. Mas falou sem paixão, porque essa expedição já não lhe interessava. Que Mardônio conquistasse a Grécia para o Grande Rei. Seu coração estava farto de guerras e cheio de melancolia. Agora, só queria voltar para sua pátria.

Em algo Artemísia se equivocava. Embora o Grande Rei tivesse os olhos úmidos em Salamina, não era por reviver a batalha da véspera. A imagem que contemplava pelas fendas de sua máscara de ouro era mais remota, uma visão de dez anos atrás. A do homem que portava o escudo do dragão negro, o hoplita que havia detido o ataque de seu corcel cravando sua lança no solo de Maratona.

Aquele homem não havia vencido o império persa, porque este, pela vontade de Ahuramazda, era indestrutível e haveria de durar até o dia da Separação. Mas Xerxes, o Grande Rei, Rei dos Reis, Rei das Terras, filho de Dario, o aquemênida, havia sido derrotado por ele. Ele havia dominado sua vontade e alquebrara seu espírito.

Xerxes estendeu sua taça para o horizonte e brindou a seu adversário.

— Eu te saúdo, Temístocles, o ateniense.

O PRÊMIO DE TEMÍSTOCLES

Conta Heródoto que o prêmio ao valor por cidades foi levado pelos eginetas, ao passo que os individuais, embora com inveja e contrariedade, foram concedidos todos a Temístocles. Após se retirar para o istmo e votar, no altar, no general mais corajoso, cada um escolheu a si mesmo em primeiro lugar e

em segundo a Temístocles.

Os lacedemônios, por sua vez, conduziram-no a Esparta. E embora ali o prêmio de valor fosse concedido a Euríbiades, a ele outorgaram uma coroa de oliveira em reconhecimento por sua sabedoria, deram-lhe a melhor carruagem da cidade e fizeram que trezentos jovens o escoltassem até a fronteira.

Conta-se também que nas Olimpíadas seguintes, quando Temístocles apareceu no estádio, os espectadores se desinteressaram dos atletas e não pararam de olhar para ele o dia todo, enquanto, entre aplausos de admiração, apontavam-no aos estrangeiros e lhes explicavam quem era.

Ao ouvi-los, Temístocles confessou, satisfeito, a seus amigos:

— Neste dia colhi o fruto de meus esforços pela Grécia.

Plutarco, Vida de Temístocles, XVII

APÊNDICE HISTÓRICO

A quantidade de bibliografia publicada sobre as Guerras Médicas pode criar a ilusão de que se sabe muito sobre esse período. Mas são mais as lacunas e dúvidas que as certezas. Procurei aproveitar o que nós, romancistas, chamamos de “os vãos da história” enquanto seguia um relato histórico coerente. Isso nem sempre é possível. Em alguns casos, não há jeito de encaixar as diversas fontes, que oferecem relatos contraditórios. Em outros, a tradição que chegou até nós não parece verossímil.

As Guerras Médicas são mencionadas em uma infinidade de textos clássicos. Comentarei a seguir as principais fontes.

As *Histórias* de Heródoto⁷⁵. O chamado “pai da História” centra toda sua obra nesse conflito de proporções épicas entre gregos e persas, e é a fonte básica e a mais rica em dados. Mas não carece de defeitos. Seu conhecimento do mundo persa muitas vezes parece de ouvir falar ou de segunda mão. Não possui a formação militar de outros historiadores como Tucídides ou Políbio, de modo que suas batalhas estão narradas de uma forma caótica, e centra-se mais no pessoal ou prodigioso que na visão de conjunto. Os estudiosos que, como Burn, Hignett, Green, Hammond ou Strauss (suas obras estão citadas na bibliografia) procuram extrair das *Histórias* um desenvolvimento tático e estratégico coerente encontram grandes dificuldades.

Quando Heródoto redige sua obra, já se passaram cinquenta anos dos fatos. A maioria de suas fontes é oral, testemunhos de veteranos daquele conflito que, como costuma acontecer em todas as guerras, sabem mais dos rumores difundidos pelo famoso “telefone sem fio” que das operações reais. As cenas de conselhos de guerra são uma recriação do que Heródoto acha que devia ter acontecido ou do que lhe parece lógico que se dissesse. No entanto, há fragmentos dialogados em sua obra com tal força dramática que não resisti à tentação de utilizá-los. Assim acontece, por exemplo, quando Temístocles ameaça os demais aliados gregos de levar seus navios à Itália, ou nos conselhos que Mardônio e Artemisia dão a Xerxes antes e depois da batalha de Salamina.

Quanto a *Os persas*, de Ésquilo, trata-se de uma tragédia, não de uma obra histórica. Mas a descrição que faz da batalha de Salamina é interessante porque escreve apenas oito anos depois dos fatos, e porque, além de tudo, participou dela — do mesmo modo que havia participado da de Maratona —, ou pelo menos a presenciou.

Do século I antes de Cristo, temos a *Biblioteca histórica*, de Diodoro Sicilo. Sua fonte principal para essa época é Éforo, outro historiador do século IV a.C. cujas obras se perderam. Os estudiosos costumam considerar Diodoro um autor de segunda linha em comparação com Heródoto, e a verdade é que ele incorre

em erros cronológicos significativos, talvez devidos a dificuldades para organizar o material.

Também são imprescindíveis as *Vidas paralelas*, de Plutarco; especialmente a de Temístocles, e também as de Aristides e Címon. Plutarco escreve no século II depois de Cristo. Embora tenha acesso a fontes que se perderam, também é certo que recolhe tradições posteriores sobre as Guerras Médicas que foram se acumulando como sedimentos e que em muitos casos são apócrifas e devem ser filtradas. Plutarco não é um historiador, mas sim um moralista, e resiste ainda menos que Heródoto à tentação do conto de casos. Desse mesmo autor chegou a nós um opúsculo intitulado *Da malícia de Heródoto*, que critica o historiador em muitos aspectos. Nele se baseia minha interpretação da campanha de Erétria e do papel de Adimanto e da frota coríntia na batalha de Salamina.

Devo citar também *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. No livro I há referências muito interessantes a esse conflito e, em particular, a Temístocles. O elogio que Mnesífilo faz a Temístocles e sua capacidade de previsão enquanto fala com Apolônia é uma paráfrase das loas do próprio Tucídides.

Quanto ao império persa, por mais defeitos que tenha Heródoto, bem que gostaríamos que existisse um Heródoto persa. Sempre me chamou a atenção o fato de Gore Vidal criticar tanto o historiador em seu romance *Criação*. (Suponho, ou quero pensar, que isso se deva ao ponto de vista narrativo que adota.) Mas depois, na hora de descrever costumes persas ou lugares, como a impossível cidade de Ecbátana, não hesita em recorrer ao historiador grego.

Na realidade, só resta outro remédio. As inscrições em pedra dos soberanos aquemênidas são poucas, e em seu afã de glorificar os reis, quase não oferecem dados históricos. Há crônicas babilônias da época, como a de Nabonides, ou o texto conhecido como *Sello de Ciro*, mas a quantidade de informação que se pode obter é pouca. Até uma obra monumental como a de Pierre Bryant, com mais de mil páginas, depende muito de Heródoto e de outros historiadores posteriores, algo que o autor reconhece.

Bryant começa seu livro com duas citações sobre a dificuldade de conhecer a verdade histórica que não resisto a traduzir. A primeira é de Léo Ferré: “Embora não seja verdadeira, é preciso acreditar na história antiga”. A segunda é de Umberto Eco: “É difícil saber se uma interpretação concreta é correta. As ruínas são muito mais fáceis de identificar”.

O que Bryant aplica à história da Pérsia pode ser ampliado também a toda a história da Antiguidade, e em particular às Guerras Médicas. Sabemos que ocorreram, sim, mas realmente conhecemos o que aconteceu nelas? Enquanto não houver novas descobertas arqueológicas ou não surjam textos desconhecidos, continuaremos nos movendo no terreno das conjecturas.

A maioria dos personagens do livro é histórica. Com isto quero dizer que são mencionados nos textos: muitas vezes são pouco mais que um nome que recobri no romance com carne, ossos e pele. Dos que desempenham um papel mais importante, apenas Apolônia e Euforion, o Nervos são fictícios.

Na biografia que fez de Temístocles, Plutarco transmite informações que às vezes se contradizem. Escolhi aquelas que me ofereciam a possibilidade de construir meu próprio personagem. Para dar um exemplo, Plutarco diz que, segundo alguns autores, a mãe de Temístocles se chamava Abrótono e era trácia, e que segundo outros se chamava Euterpe e era uma mulher cária de Halicarnasso. Esta segunda opção me oferecia a possibilidade de aparentar Temístocles com Artemísia, motivo pelo qual a escolhi. Assim procedi no geral. Por outro lado, os leitores familiarizados com Plutarco sentirão falta do relato de alguns casos específicos. Como disse antes, a maioria não deve ser nem sequer histórica, de modo que os expurguei sem o menor remorso quando não contribuía para o perfil de meu protagonista.

Artemísia também é um personagem real. Dela se sabe pouco: que participou da batalha de Salamina, que afundou um dos barcos de sua própria frota para poder fugir e que, pelo menos segundo Heródoto, Xerxes tinha em grande estima seus conselhos. Não consta, porém, que tenha participado de Maratona, mas também não se afirma em lugar nenhum o contrário, de modo que aproveito outra vez as lacunas da História.

A presença de Xerxes em Maratona é outra fabulação minha, com certeza menos verossímil que a de Artemísia, mas que me é útil desde o ponto de vista argumental. No entanto, a história do “dedurismo” anterior à batalha pode ter sido verdade. Há uma curiosa explicação na *Suda*, uma monumental enciclopédia bizantina do século X com cerca de trinta mil artigos. Ela menciona a expressão *khoris hippeis*, “a cavalaria está longe”. A explicação que a *Suda* dá é esta: “Quando Dátis invadiu a Ática, dizem que os jônios, quando da retirada do comandante, subindo nas árvores fizeram sinais aos atenienses para informá-los que a cavalaria havia ido embora. Ao saber, Milcíades atacou e obteve a vitória”.

Sobre se Dátis dividiu suas forças ou não, e sobre se houve cavalaria ou não, correram rios de tinta. Heródoto não menciona a cavalaria. Já o romano Nepote, sim, mas não é uma fonte muito confiável, e segundo certas interpretações nos afrescos da *Stoa Poikile* de Atenas, pintados não muito depois dos fatos, apareciam cavaleiros persas. Os artigos de Schrimpton e Hammond que cito na bibliografia defendem a presença da cavalaria, mas ou não aparece a tempo para desempenhar um papel decisivo (Hammond) ou se retira diante do ataque ateniense (Schrimpton). Em minha versão da batalha, com a intervenção dos cavaleiros de Patikara, cheguei a uma espécie de solução.

Heródoto fala de um ataque precipitado de cerca de quilômetro e meio, que

além de ser fisicamente impossível com tanto peso, não teria muito sentido, visto que os projéteis inimigos não chegavam a essa distância. Por isso o reduzi. Quanto à tática de diminuir o centro para igualar o comprimento da frente grega, Heródoto já a menciona. Em seu relato esse centro é derrotado e retrocede bastante; no meu, não chega a se quebrar totalmente porque não fica claro, para mim, que nesse caso não teria acontecido uma debandada geral. Segundo nosso historiador, morreram apenas cento e noventa e dois gregos, ao passo que os persas perderam mais de seis mil homens. Embora pareça desproporcional, a verdade é que se calcula que a maioria das baixas nas batalhas antigas ocorria no final, quando um dos dois exércitos se desorganizava, vítima do pânico, e fugia.

Também se discute o papel do polemárcos nessa época. A partir do ano 487, os arcontes começam a ser eleitos por sorteio e perderam muito poder. Talvez em Maratona o polemárcos fosse o verdadeiro chefe do exército ateniense, ou talvez desempenhasse um papel mais ritual. Sempre se aponta Milcíades como o herói de Maratona. Mas, como dizia antes, é preciso considerar que as fontes de Heródoto são principalmente orais. E, neste caso, dado o enorme prestígio que obteve seu filho Címon, não seria estranho que Heródoto houvesse aceitado sua versão dos fatos um tanto propagandística ou tendenciosa.

Na *Vida de Aristides* de Plutarco fala-se de Aristides e Temístocles combatendo no centro da formação grega. Pode se tratar de um recurso literário para minimizar a rivalidade entre ambos, mas não deixava de ser interessante. Em meu romance transformei Temístocles em taxiarca. Esse cargo poderia ser posterior às Guerras Médicas, quando os dez generais começaram a agir mais como chefes de todo o exército que dos contingentes tribais, que, portanto, ficaram sob a direção dos taxiarcas. Como em tantas outras coisas dessa época, não se sabe com certeza.

O corredor de Maratona aparece nos textos com os dois nomes, Filípides e Fidípides. A relação entre ambos e a história da corrida com o cavaleiro é invenção minha. Segundo uma versão, quando acabou a batalha ele correu os quarenta e dois quilômetros até Atenas, anunciou a vitória e morreu. No entanto, essa tradição não é mencionada em Heródoto, e não a utilizei. Como curiosidade, direi que desde 1983 se celebra na Grécia a corrida *Spartathlon* entre Atenas e Esparta para comemorar a proeza de Fidípides. O homem que mais vezes a ganhou, o lendário Yiannis Kouros, tem o recorde dessa prova, com vinte horas e vinte e cinco minutos para quase duzentos e cinquenta quilômetros de percurso. Como aponta a própria página oficial da *Spartathlon*, quando os corredores chegam a Esparta muitos sofrem alucinações, o que explicaria a história da visão de Fidípides.

Obviamente, nos sonhos e visões dos gregos apareciam seus deuses, como em outros tempos apareceram santos, virgens ou extraterrestres. Uma visão como a que recebe Apolônia no início do romance devia ser algo muito frequente e que

se costumava levar muito a sério. Em Heródoto há muitos exemplos.

Falando em Apolônia, devo dizer que se costuma deixar de lado o papel de Erétria nessa primeira campanha de Maratona. Eu decidi insistir nele graças aos comentários de Burn e de Plutarco em *Da malícia de Heródoto*. Isso me levou a descobrir *Archaic Eretria*, de K. G. Walker, uma monografia que me foi de grande utilidade.

Heródoto fala do assédio a Erétria, mas não menciona máquinas de guerra. As que descrevo, arietes e torres, já aparecem em relevos assírios. Considerando que os assírios pertenciam ao império persa, parece-me verossímil incluir esses artefatos em meu romance. Além disso, ajudariam a explicar por que antes de Salamina os atenienses nem cogitaram a possibilidade de defender suas muralhas em vez de evacuar a cidade. Não incluo catapultas nem outras armas de torção, visto que são posteriores, ou pelo menos não ficaram testemunhos de seu uso.

Suponho que chamará a atenção dos leitores a luneta que Temístocles utiliza e da qual Xerxes se apropria depois. Parece claro que os gregos conheciam lentes de aumento, e evidentemente usavam cristais para acender fogo, como mencionado em *As nuvens*, de Aristófanes, especificamente entre os versos 765 e 772. Já é mais duvidoso que, como sugere Robert Temple em *Crystal Sun*, houvessem embutido duas dessas lentes em um bambu oco para ver de longe. No entanto, ajudaria a interpretar uma passagem de Políbio que me intrigou quando a li enquanto escrevia *Alejandro Magno y las águilas de Roma*. Falando de sinais luminosos com tochas, o historiador diz: “Quando os dois grupos se separam, é preciso que cada um em seu posto disponha de um óculo com duas pínulas, de maneira que o receptor do sinal de fogo possa distinguir com uma o lado direito e com a outra o esquerdo”.

O tradutor da editora Gredos, Manuel Balasch, explica em uma nota de rodapé: “Ou, em linguagem mais moderna: ‘um telescópio com dois tubos’. Naturalmente, não se trata de aumentar a visão, mas de apenas fixá-la em um ponto determinado”. Walbank tem a mesma opinião em *A Historical Commentary on Polybius* quando diz, sobre essa passagem, que esse artefato concentrava a visão “sem, evidentemente, magnificar”. O que chama a atenção de Temple é essa ênfase em “evidentemente” e “naturalmente”, como se nos advertissem: isso não é possível, de maneira nenhuma! Mas não deixamos de descobrir provas do grau de sofisticação que podia alcançar a tecnologia antiga. Pensemos no mecanismo de Anticítera ou nas naus do lago de Nemi. Teria sido impossível, com a tecnologia da época, fabricar um telescópio um tanto tosco, com imagens invertidas e aberração cromática? Honestamente, acredito que não.

Quando já havia escrito toda a parte de Maratona e o uso do dioptra, relendo *A batalha de Salamina*, de Barry Strauss, reparei em um comentário fascinante que da primeira vez havia me passado despercebido. Encontra-se na [página 308](#).

Quando Artemisia investe contra Damastimo, Xerxes quer saber se é verdade que se trata dela. Segundo Strauss: “A pergunta de Xerxes mostra que era difícil discernir os detalhes a partir do lugar onde estava sentado. Não é estranho que um escritor, já na época romana, narrasse uma fantástica história acerca de uma serpente com acuidade visual suficiente para distinguir detalhes a mais de três quilômetros de distância”.

Na nota de Strauss pode-se ver que esse autor é um tal de Ptolomeu Heféstion (ou talvez Queno), cuja obra *Nueva historia* aparece resumida na *Biblioteca*, do patriarca bizantino Fócio. Não consegui o texto original, tive apenas acesso a uma tradução *on-line* para o inglês. Mas não resisto a traduzi-la também: “Eupompo de Samos criou, maravilha incrível, uma serpente selvagem. Segundo se conta, era sua filha. Chamava-se Dracon, tinha uma vista muito acurada e podia ver facilmente vinte estádios. Ele [Eupompo] a pôs a serviço de Xerxes por mil talentos, e, sentada com ele debaixo de uma bananeira dourada, descrevia-lhe o que via do combate naval entre os gregos e os bárbaros e as proezas de Artemisia”.

A forma de uma luneta poderia recordar uma serpente esticada, sem dúvida. Uma história fantástica apenas, ou uma tradição mal interpretada por ignorância e pelo passar do tempo?

Mencionei antes as muralhas de Atenas. Somente depois das Guerras Médicas é que se construíram os muros que uniam a cidade com o Pireu. Que havia antes? Parece estranho que no ano 490 a Acrópole não estivesse fortificada, de modo que mencionei uma muralha mais tosca e em mau estado que cerca alguns dos distritos da cidade, deixando de fora Melita, o bairro onde vive Temístocles. Não devia ser muito sólida, de qualquer maneira, visto que em Maratona os atenienses preferiram enfrentar os invasores longe da cidade e dez anos mais tarde simplesmente a evacuaram.

Para a topografia da Atenas dessa época, muito diferente da dos tempos de Péricles, baseei-me principalmente na obra de Goette que cito na bibliografia e em *The Ancient City*, de Peter Connolly. (Como todas as obras de Connolly, é uma delícia, está bem documentada e aporta algo que nós, escritores, buscamos ansiosamente: imagens).

Na época das Guerras Médicas, como acontecia também anos mais tarde segundo Tucídides, a maior parte da população da Ática vivia no campo, dispersa nos numerosos demos. Isso significa que o *asty*, a cidade, não podia ter tantos habitantes como supõem muitas versões romanceadas das Guerras Médicas. Por exemplo, há um romance juvenil sobre Maratona publicado pela Penguin em 2004 — não direi mais — que fala de duzentos e cinquenta mil habitantes só na cidade. É de se estranhar que depois não consigam recrutar nem sequer dez mil soldados para enfrentar Dátis.

Falando de números, parece que esses cerca de dez mil homens eram insuficientes para enfrentar as tropas persas e por isso os atenienses demoraram tanto para decidir batalhar. Bem diferente teria sido se houvessem contado com a ajuda dos espartanos. Por que não chegaram a tempo? Em Heródoto não se fala especificamente das festas carneias, apenas da lua cheia. Mas as carneias são mencionadas mais adiante ao falar das Termópilas. Em meu romance, Esparta nunca demonstra muito interesse em socorrer os atenienses, nem na campanha de Dátis nem durante a invasão de Xerxes. Sei que muitos admiradores dos espartanos ficarão incomodados com minha versão dos fatos, mas a verdade é que mandaram uma força muito reduzida às Termópilas, e, embora alguns historiadores, como Hignett ou Burn, afirmem que era adequada para essa missão, eu não vejo assim.

O entreato na Babilônia é a parte mais novelesca de *Salamina*, mas queria mostrar um pouco do império persa de seu interior. Nele critico algumas das histórias fantásticas que Heródoto propalou, como a de que todas as mulheres babilônias tinham de se prostituir uma vez na vida. Parece que houve uma revolta na Babilônia, no início do reinado de Xerxes, comandada por certo Belshimanni. Os fatos não estão muito claros, como também não as represálias do Grande Rei. A destruição total de Etemenanki de que se fala em alguns textos me parece exagerada. Por isso em meu romance a modero.

Quando Xerxes chegou ao trono, logo cuidou dos preparativos para a grande invasão. Sem dúvida foi uma expedição grandiosa para a época. Um exemplo disso está na escavação do canal que cruzava a península do Athos, façanha dos engenheiros e sapadores que foi confirmada por escavações arqueológicas.

Os números que Heródoto fornece para a força invasora são inverossímeis. Somando efetivos navais e terrestres seriam 2.641.610 homens (*Histórias*, VII, 185). Número que dobra ao somar os assistentes, subindo a 5.283.220. Os historiadores tentaram corrigir esses números. Muitos os dividem por dez; outros os reduzem de forma ainda mais drástica. No início do século XX, Hans Delbrück foi o primeiro a apontar as terríveis dificuldades logísticas que representaria alimentar e organizar um exército de tal magnitude, cuja retaguarda ainda estaria em Susa quando a vanguarda chegasse a Atenas. Segundo ele, o exército de Xerxes teria tido no máximo setenta e cinco mil homens. Cawkwell se aproxima de sua postura em *The Greek Wars. The Failure of Persia*.

Sem aceitar números fantásticos, em *Salamina* quase duplico os de Delbrück e de Cawkwell. Por um lado, se os atenienses abandonaram sua cidade e deixaram que fosse destruída sem praticamente opor resistência, a ameaça devia ser realmente aterradora para eles. Por outro lado, como afirmo no romance, em parte o fracasso de Xerxes se deveu à magnitude excessiva da expedição.

Em meus cálculos, segui mais ou menos as teses que o general Frederick Maurice expõe no artigo que menciono na bibliografia. Maurice, que percorreu pessoalmente toda a região do Helesponto, aponta a dificuldade de encontrar água potável para tantas pessoas e animais de carga como o principal problema para mobilizar um exército tão numeroso. Seu limite superior para a hoste invasora é de cento e cinquenta mil homens. Também é extremamente interessante sua interpretação das duas pontes de barcos sobre o Helesponto e as razões pelas quais eram preferíveis à utilização dos navios como balsas.

Ao que parece, as armas dos hoplitas gregos eram superiores no combate corpo a corpo, e isso explica que com o tempo os reis persas contratassem mercenários helênicos para seus exércitos. Mas a imagem do exército persa como uma horda indiferenciada de escravos que combatem estimulados pelo chicote, apenas para ser massacrados por heróis guerreiros gregos a quem, contudo, superaram em uma proporção de dez por um, é uma fantasia que foi se sedimentando na mente de leitores e espectadores.

Em *Salamina* eu poderia ter utilizado exércitos de quinhentos mil homens, ou até mesmo de um milhão, como se vê em outros livros. Mas, em primeiro lugar, nesses romances nunca chega a dar a impressão de haver tantos soldados. Não basta dizer “meio milhão de homens”. É preciso mostrá-los, indicar onde estão, dar verdadeira impressão de número. Se um exército antigo houvesse querido mobilizar de forma minimamente eficaz quinhentos mil soldados ao campo de batalha, teria necessitado uma frente de mais de cinquenta quilômetros.

Em segundo lugar, não vejo graça literária em tamanha desproporção. Se os persas eram esses bárbaros selvagens e ao mesmo tempo refinados e perversos que nos mostram, que mérito teve vencê-los? Minha opinião pessoal é que o exército de Xerxes era uma máquina bem organizada, que seus guerreiros possuíam um código de virtudes marciais em nada inferior ao dos hoplitas gregos e que, se não houvessem cometido certos erros, podiam ter conquistado a Grécia. A própria batalha de Salamina é um desses erros. Como aponta Cawkwell: “Por que Xerxes quis uma batalha naval que não era estritamente necessária? [...] A destruição total da frota grega deve ter sido uma tentação irresistível para a grandeza do Rei dos Reis”. Se a frota persa não houvesse entrado no estreito, talvez a história do mundo fosse bem diferente. Justamente por isso, porque a vitória grega não era inevitável, foi uma façanha épica.

A chave de *Salamina* são as trirremes. Afora a obra de Casson, que é o clássico por excelência sobre os barcos da Antiguidade, foi-me de uma ajuda inestimável *The Athenian Trireme*. Esse livro explica como um consórcio privado construiu, com a ajuda do governo grego, uma trirreme batizada de *Olympias*, que a partir de 1987 realizou uma série de testes com tripulações de voluntários e que agora é exibido em um dique seco em Atenas.

Sabe-se muito pouco de como eram as verdadeiras trirremes da época, posto que as representações pictóricas ou escultóricas deixam margem a algumas dúvidas. Não há destroços de trirremes, visto que não levavam lastro em seus porões e, portanto, não afundavam. (Contra o que aparece em muitos romances e até em livros de história, e daquilo em que eu mesmo acreditava até alguns anos). Pode ser que alguns detalhes da construção do *Olympias* não se ajustem à realidade, mas é o melhor que temos, de modo que o utilizei como modelo para os barcos de *Salamina*. Além disso, o livro de Morrison oferece informação muito valiosa sobre os serviços desses navios e a vida cotidiana de seus tripulantes e, acima de tudo, de seus remadores. Graças a ele sabemos que uma das principais misérias que deviam sofrer nos porões era o terrível fedor de cento e setenta corpos suados trancados em um espaço tão pequeno.

Também me foi muito útil *A War Like No Other*, de Victor Hanson. Embora centrado na Guerra do Peloponeso, no capítulo “Ships” encontra-se abundante e precisa informação sobre a forma como se desenrolavam as batalhas navais. Nessa época Atenas era dona dos mares, a ponto de no ano 429 o almirante Formion se atrever a enfrentar uma frota inimiga de quarenta e sete barcos com apenas vinte trirremes, cercando-os em uma manobra envolvente, e derrotando-os.

A Atenas do ano 480 ainda não havia chegado a esse ponto. Nas palavras de Plutarco, foi Temístocles quem transformou seus cidadãos “de imóveis hoplitas que eram em marinheiros e navegantes”. Os atenienses não tinham, naquela época, uma grande tradição marítima, ao contrário de outros povos, como os erétrios ou os focenses. Portanto, não me parecia crível que soubessem manejar seus navios melhor que os fenícios, com quem se chocaram diretamente na batalha de Salamina. Isso pode ser comprovado em Artemísio. O relato de Heródoto, como acontece quase sempre nas batalhas, é um tanto confuso. Mas embora afirme que os dois bandos “combateram com sorte semelhante”, depois diz que os gregos “havia sofrido um grave revés, especialmente os atenienses, que ficaram com metade dos navios avariada”. Nas águas mais abertas de Artemísio a armada de Xerxes teria imposto sua superioridade numérica e tática, mas não de uma forma tão decisiva a ponto de aniquilar a frota grega.

Também reduzi o número de navios de Xerxes. Heródoto fala de mais de mil e duzentos barcos. Respeitei esse número, mas reduzindo as trirremes à metade e deixando o resto como barcos de transporte. O próprio Heródoto não sabe muito bem o que fazer com tantos navios. Em VII, 190, destrói quatrocentos barcos em uma tempestade antes de Artemísio, e depois, em VIII, 13, aniquila o contingente de duzentos que haviam tentado circum-navegar Eubeia pelo oeste (em meu romance esse périplo não aparece porque os historiadores, em geral, não aceitam essa informação de Heródoto). Como ele mesmo diz, “isto acontecia por vontade dos deuses para que a frota dos persas se nivelasse com a dos gregos e

não tivesse tanta superioridade numérica”.

Mais sobre números: segundo Heródoto, em Salamina os gregos tinham trezentos e setenta e oito barcos. Eu os reduzi aos trezentos e dez de Êsquilo em *Os persas*, que me parece mais razoável tendo em conta as baixas que haviam se produzido em Artemísio.

Sobre a batalha de Salamina em si também há muitas discussões. Como diz Peter Greene em *The Greco-Persian Wars* (p. 186): “Paradoxalmente, e apesar de sua transcendental importância, Salamina deve ser considerada uma das batalhas mais mal documentadas em toda a história da guerra naval”.

Segui Diodoro, o próprio Green, Burn e Hammond no relativo à esquadra egípcia que parte para bloquear o canal de Mégara. Heródoto não menciona essa manobra, Strauss a vê com ceticismo e Hignett a nega.

Por que Xerxes envia essa esquadra, se é que a envia, mas, de qualquer maneira, decide batalhar dentro do estreito, e não em águas abertas? É aqui que se fala da mensagem sobre a suposta fuga dos gregos. Segundo Heródoto, quem leva a mensagem é Sicino, o pedagogo dos filhos de Temístocles. Plutarco acrescenta o detalhe de que é prisioneiro de guerra. De qualquer maneira, a mensagem seria do próprio Temístocles. Segundo Plutarco: “[...] Temístocles, general dos atenienses, unindo-se à causa do rei, era o primeiro a informar-lhe que os gregos pretendiam se retirar; aconselhava-o, portanto, que, longe de lhes permitir fugir, os atacasse e destruísse suas forças navais enquanto ainda estivessem desorganizadas e longe de sua infantaria”.

Para Êsquilo, a mensagem foi levada por um grego, ao passo que Diodoro fala de “um homem”. Mas depois da batalha ainda há outra mensagem, que Temístocles manda para convencer Xerxes de fugir o quanto antes, recado que de novo Sicino leva, segundo Heródoto, ou um eunuco chamado Arnaces, segundo Plutarco.

As posturas dos historiadores sobre esse relato variam, como acontece com outros detalhes: as supostas dissensões entre os aliados, a tentativa de construção do aterro antes ou depois da batalha, o papel de Adimanto e a frota coríntia... Para complicar as coisas, nem sequer há acordo sobre a própria topografia de Salamina. Em geral, considera-se que Psitaleia, onde Xerxes posicionou soldados de infantaria, é a atual ilha Lipsokoutali; mas Hammond, em seu artigo sobre Salamina, afirma que se trata da ilhota de São Jorge, que eu denominei “Farmacusa Maior”.

Os nomes de Silênia e Cicreia são invenção minha até certo ponto, visto que eu não queria utilizar termos modernos como Ambelaki e Paloukia, que não têm sentido em grego clássico. Se os leitores procurarem em um mapa moderno a Farmacusa Menor não a encontrarão, visto que é geralmente aceito que o nível do mar subiu desde então, e o que era uma ilhota agora é pouco mais que um banco.

Voltando a Sicino, existindo tantas dúvidas e contradições sobre ele, decidi inventar minha própria história para o romance; uma história em que o criado de Temístocles é cúmplice involuntário. Isso me permitia mostrar um pouco do zoroastrismo. Essa religião não estava ainda tão difundida como na época Sassânida (maravilhosamente retratada nos romances de Olalla García, com quem mantive interessantes conversas sobre esse assunto), mas parece que Dario e especialmente Xerxes a favoreciam em detrimento do politeísmo ancestral dos povos iranianos. Se os leitores estranharem a grafia “Ahuramazda” em vez de “Ahura Mazda”, direi que é a tradicional na época aquemênida. Nisso, como em outras coisas, foi-me imprescindível o manual de persa antigo de Skjeervo. Trata-se de uma linguagem da qual pouco se sabe, visto que o corpo de inscrições é reduzido, de modo que às vezes tive que ser audaz e praticamente inventar palavras.

Parece claro que o nome Sicino não é persa. Se existiu esse personagem, talvez fosse necessário entender que não era propriamente persa, mas sim natural de um país pertencente ao império persa. Eu preferia que em *Salamina* fosse iraniano, para mostrar o ponto de vista “da massa”, de modo que criei a história de Mitranes e seu nome falso. Quase não havia escravos persas em Atenas nessa época: como aponta Margaret Miller em seu livro, parece que os gregos não os tomavam como prisioneiros, mas os matavam. Por isso Sicino se chama assim, e, para seu desgosto, não pode vestir calças, como ele gostaria.

A história das arengas separadas é minha, visto que Heródoto só menciona que Temístocles pronunciou “um grande discurso”. Mas eu queria contrapor os ideais maratonianos, próprios da aristocracia e dos hoplitas, e os da frota de Salamina, que já pressagiam a futura democracia radical de Efialtes e Péricles.

Como dizia, os relatos da batalha não são totalmente satisfatórios. Durante meses desenhei centenas de risquinhos para representar barcos no quadro-negro de meu gabinete, consultando a carta 1.596 do Almirantado e conversando com meu amigo León Arsenal, escritor e antigo marinheiro. O problema, para mim, era como os atenienses — o grosso da frota grega — puderam derrotar marinheiros com mais perícia que eles. Parece que Salamina não foi tanto uma batalha de abordagem “no estilo tradicional”, como as denomina Tucídides, mas que utilizou especialmente o esporão de proa. Nessa tática os atenienses se transformariam em mestres consumados, mas ainda faltavam muitos anos para isso. Como puderam manobrar com rapidez suficiente para surpreender os barcos inimigos?

Em meu romance explico isso recorrendo a vários fatores. Em primeiro lugar, Temístocles insiste em construir os navios com as madeiras mais leves possíveis. Além disso, os barcos atenienses não têm cobertas completas nem bordas-falsas, o que reduz peso e obra morta. (Anos depois, na batalha do Eurimedonte, Cimon

equiparia seus barcos com cobertas fechadas). Por outro lado, a dotação de hoplitas de cobertura é mais reduzida, o que melhora a manobrabilidade da trirreme, mas implica riscos em caso de abordagem.

E, por último, recorro ao vento. A única referência aparece em Plutarco: “Temístocles se preocupou que suas trirremes não rumassem de proa para os dos bárbaros até que chegou a hora em que todos os dias se erguia do mar uma brisa fresca que provocava marulhada nos estreitos”. Histórico ou não, parecia-me um elemento narrativo interessante. Após consultar artigos diversos e falar de novo com León Arsenal sobre terrais e virações e a topografia do estreito, decidi recorrer ao siroco. (O vento predominante no verão é o etésio, que em grego atual se denomina *meltemi*, mas não me servia para a batalha).

Para concluir, algumas precisões sobre medidas e datas. Quanto às primeiras, decidi utilizar quilômetros, litros e quilogramas em vez de estádios, cótilas ou talentos para não obrigar os leitores a fazer cálculos mentais constantemente. Quando são os personagens que falam, aí sim recorro às medidas originais.

As datas das Guerras Médicas não estão tão claras como se poderia supor. Pelo menos quanto aos anos há acordo: 490 para Maratona e 480 para Salamina. No primeiro caso, utilizei a cronologia de Hammond, visto que existem outros autores que situam a batalha em agosto e não em setembro. Quanto a Salamina, segui Green ao datá-la de 20 de setembro, e não 28 ou 29. A razão é que me permitia condensar temporalmente os fatos, o que sempre ajuda a conseguir mais dramatismo. Pela mesma razão, concentrei a mensagem de Sicino, a decisão de Xerxes e o último conselho de guerra dos gregos em uma só noite e não em duas, como é a opinião majoritária.

75 Embora tenha utilizado os textos originais para minhas traduções, devo recomendar a versão espanhola de Carlos Schrader para a editora Gredos. A tradução é magnífica. O número de notas pode assustar o leitor, mas são muito úteis e amenas, e nelas se encontra bibliografia abundante. (N. do A.)

BIBLIOGRAFIA

Para que seja mais útil ao leitor, estruturei a bibliografia por tópicos. Existem livros que poderiam constar sob várias epígrafes, mas preferi não os duplicar para não aumentar o volume da lista.

Fontes clássicas

- Cornelio Nepote, “Milcíades”, em *Exceclentium Imperatorum Vitae*. Trabalhei diretamente sobre o texto latino disponível em: <www.thelatinlibrary.com>.
- Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*. Utilizei o volume 4 da edição de La Loeb.
- Eneias, o Tático, *Poliorcética, Polieno, Estratagemas*, trad. de José Vela e Francisco Martín García. Madri, 1991.
- Ésquilo, “Os persas”, em *Tragédias*, trad. de Bernardo Perea, Gredos, Madri, 2001.
- Estrabão, *Geografia*, vários volumes, trad. de J. García Ramón e J. García Blanco, Gredos.
- Heródoto, *Histórias*, vários volumes, trad. de Carlos Schrader, Gredos.
- Pausânias, *Descrição da Grécia*, vários volumes, trad. de M. Cruz Herrero, Gredos.
- Plutarco, *Da malícia de Heródoto*. Utilizei a tradução inglesa do Projeto Gutenberg.
- *Vidas paralelas*. Para a de Temístocles recorri à minha própria tradução publicada pela Akal: *La Atenas del siglo V. Vidas de Temístocles, Pericles, Nicias y Alcibiades*. Madri, 2000.
- Tucídides, *Historia da guerra do Peloponeso*, trad. de Luis M. Macía. Madri, 1989.

Estudos sobre Temístocles

- Frost, F. J. *Plutarch's Themistocles. A Historical Commentary*. Chicago, 1998.
- Podlecki, A. J. *The Life of Themistocles*. Montreal e Londres, 1975.

Monografias e artigos sobre as Guerras Médicas

- Burn, A. R. *Persia and the Greeks. The Defence of the West*, c. 546-478 BC. Stanford, 1984.
- Cartledge, P. *Termópilas. La batalla que cambió el mundo*. Barcelona, 2007.
- Cawkwell, G. *The Greek Wars. The Failure of Persia*. Oxford, 2006.
- Fields, N. *Thermopylae 480 BC. Last stand of the 300*. Oxford, 2007.
- Green, P. *The Greco-Persian Wars*. Berkeley, 1996.
- Hammond, N. G. L. “The Campaign and the Battle of Marathon”, *Journal of Hellenic Studies*, 1968, v. 88, pp. 13-57.
- “The Battle of Salamis”, *Journal of Hellenic Studies*, 1956, v. 76, pp. 3-54.

- Hignett, C. *Xerxes' Invasion of Greece*. Oxford, 1963.
- Holland, T. *Persian Fire*. Nova York, 2005.
- Maurice, F. "The Size of the Army of Xerxes in the Invasion of Greece 480 BC", *Journal of Hellenic Studies*, 1930, v. 50, parte 2, pp. 210-235.
- Sekunda, N. *Marathon 490 BC. The first Persian Invasion of Greece*. Oxford, 2002.
- Shrimpton, G. "The Persian Cavalry at Marathon", *Phoenix*, 1980, v. 34, n. 1, pp. 20-37.
- Strauss, B. *La batalla de Salamina*. Barcelona, 2006.

Menciono, também, *The Defence of Greece, 490-479 BC*, de J. F. Lazenby, livro publicado em 1993 e muito citado a partir de então. Depois de muito procurar, consegui uma reedição de 2007 que acaba de chegar a minhas mãos no momento em que corrijo as provas do romance. Lazenby é um autor muito respeitado como historiador militar, e as teses básicas de sua obra são duas. A primeira, que Heródoto, com seus defeitos, é quase a única fonte para esta guerra, e que as outras — Diodoro, Plutarco etc. — não têm valor. A segunda, que, apesar de os historiadores posteriores costumarem atribuir grandes refinamentos táticos e estratégicos aos militares gregos, na realidade eram basicamente amadores que não haviam desenvolvido ainda a arte da guerra.

Barcos da Antiguidade

- Casson, L. *Ships and Seamanship in the Ancient World*. Baltimore, 1995.
- Fields, N. *Ancient Greek Warship. 500-322 BC*. Oxford, 2007.
- Gardiner, R. (ed.). *The Age of the Galley*. Londres, 1995.
- Morrison, C e R. *The Athenian Trireme*. Cambridge, 2000.
- Thubron, C. *The Ancient Mariners*. Virginia, 1981.

Aspectos militares

- Connolly, P. *Los ejércitos griegos*. Madri, 1981.
- Delbrück, H. *Warfare in Antiquity* (trad. de Walter J. Renfroe Jr.). Nebraska, 1990.
- Farrokh, K. *Shadows in the Desert. Ancient Persia at War*. Oxford, 2007.
- Gabriel, R. A., Metz, K. S. *From Sumer to Rome. The Military Capabilities of Ancient Armies*. Connecticut, 1991.
- Goldsworthy, A. K. "The *Othismos*, Myths and Heresies: The Nature of Hoplite Battle", *War in History*, 1997, 4 (1).
- Hanson, Victor D. *A War Like No Other*. Nova York, 2005.
- ___ *The Western Way of War*. Berkeley, 1989.
- ___ (ed.), *Hoplites: The Classical Greek Battle Experience*. Londres e Nova York, 1993.
- Healey, M. *The Ancient Assyrians*. Oxford, 1999.

Lendon, J. E. *Soldiers & Ghosts. A History of Battle in Classical Antiquity*. Yale, 2005.

Sekunda, N. *Greek Hoplite 480-323 BC*. Oxford, 2000.

— *The Persian Army, 560-330 BC*. Londres, 1992.

— *The Spartan Army*. Oxford, 2004.

Snodgrass, A. M. *Arms & Armor of the Greeks*. Baltimore, 1999.

Warry, J. *Warfare in the Classical World*. Londres, 1980.

Pérsia e Oriente em geral

Allen, L. *The Persian Empire*. Chicago, 2005.

Boyce, M. *Zoroastrians. Their Religious Beliefs and Practices*. Londres, 2001.

Briant, P. *From Cyrus to Alexander. A History of the Persian Empire* (trad. do original francês de Peter Daniels). Winona Lake, 2002.

Brosius, M. *Women in Ancient Persia, 559-331 BC*. Oxford, 1998.

Leick, G. *The Babylonians: An Introduction*. Londres e Nova York, 2003.

Miller, M. C. *Athens and Persia in the Fifth Century BC*. Cambridge, 2004.

Olmstead, A. T. *History of the Persian Empire*. Chicago, 1959.

Skjærvø, P. O. *An Introduction to Old Persian*. Cambridge, 2002.

Wiesehöfer, J. *Ancient Persia*. Londres, 1996.

História da Grécia em geral

VV. AA. *El mundo de Atenas. Introducción a la cultura clásica ateniense*. Barcelona, 1998.

Davies, J. K. *Athenian Propertied Families, 600-300 B.C*. Oxford, 1971.

Fornis, C. *Esparta. Historia, sociedad y cultura de un mito historiográfico*. Barcelona, 2002.

Goette, H. R. *Athens, Attica, and the Megarid. An Archaeological Guide*. Londres e Nova York, 2001.

How, W. W.; Wells, J. *A Commentary on Herodotus in Two Volumes*. Oxford, 2002.

Osborne, R. *Demos. The Discovery of Classical Attika*. Cambridge, 1985.

Sinclair, R. K. *Democracy and Participation in Athens*. Cambridge, 1988.

Smith, W. (ed.). *Dictionary of Greek and Roman Antiquities*. Boston, 1870.

(Edição facsímile em www.ancientlibrary.com).

— *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology* (3 vols.). Boston, 1867. (Edição facsímile em www.ancientlibrary.com).

Walker, K. G., *Archaic Eretria. A Political and Social History from the Earliest Times to 490 BC*. Londres e Nova York, 2003.

Sociedade, religião, ciência, economia, vida cotidiana etc.

Barbancho, F. J.; Mataix, J. *Hortalizas y verduras en la alimentación mediterránea*. Almería, 2007.

- Bernabé, A.; Jiménez San Cristóbal, A. I. *Instrucciones para el más allá. Las laminillas órficas de oro*. Madrid, 2001.
- Blundell, S. *Women in Ancient Greece*. Harvard, 1995.
- Burkert, W. *Greek Religion* (trad. do alemão de John Raffan). Harvard, 1985.
- Christ, M. R. *The Bad Citizen in Classical Athens*. Cambridge, 2006.
- Cohen, E. E. *Athenian Economy & Society. A Banking Perspective*. Princeton, 1997.
- Connolly, P.; Dodge, H. *The Ancient City. Life in Classical Athens & Rome*. Oxford, 1998.
- Dilke, O. A. W. *Greek and Roman Maps*. Londres, 1985.
- Dodds, E. R. *Los griegos y lo irracional*. Madrid, 1989.
- Esclava Galán, J. *Amor y sexo en la antigua Grecia*. Madrid, 1997.
- Flacelière, R. *La vida cotidiana en Grecia*. Madrid, 1989.
- García Soler, M. J. *El arte de comer en la antigua Grecia*. Madrid, 2001.
- Golden, M. *Children and Childhood in Classical Athens*. Baltimore, 1993.
- Grimal, P. *Diccionario de mitología griega y romana*. Barcelona, 1997.
- Higgins, M. D.; Higgins, R. *A Geological Companion to Greece and the Aegean*. Nova York, 1996.
- Homblower; Spawforth. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford, 1999.
- Majno, G. *The Healing Hand. Man and Wound in the Ancient World*. Harvard, 1991.
- Meiggs, R. *Trees and Timber in the Ancient Mediterranean World*. Oxford, 1982.
- Pomeroy, S. B., *Xenophon Oeconomicus. A Social and Historical Commentary*. Oxford, 1995.
- Sallares, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. Nova York, 1991.
- Temple, R. *El sol de cristal. Tecnologías perdidas de la Antigüedad*. Madrid, 2001.
- Vandenberg, P. *El secreto de los oráculos*. Barcelona, 1991.
- Wycherley, R. E. *How the Greeks Built Cities*. Nova York, 1962.

AGRADECIMENTOS

A José Miguel Pallarés, sem cujos (bons) ofícios *Salamina* não teria sido possível. Além disso, devo-lhe pelos pertinentes conselhos sobre os primeiros capítulos que espero ter sabido aplicar no resto do romance. A León Arsenal, por suas sugestões como escritor e como marinheiro. Quanto a essas sugestões, evidentemente, é responsabilidade minha qualquer barbaridade que tenha deixado escapar e que possa fazer ranger os dentes dos lobos do mar.

A toda a equipe da Espasa. A Miryam Galaz e Ana Rosa Semprún, por seus estímulos e sua paciência. A Fátima Aranzabal e Paz López-Felpeto, por seu grande trabalho. A Juan Miguel de Pablos, Paco Solano e Loida Díez. A David Cebrían. A Manuel Calderón. Além dos mapas, sua capa, pregada na parede de meu estúdio, me serviu de inspiração para terminar *Salamina* nos momentos de desânimo.

A meu irmão Jose, por seu vídeo e por seu estímulo. A meus colegas e amigos David Moreno e Jesús Centeno, que de novo atuaram como críticos e corretores, e de vez em quando deixaram meus neurônios de molho. A Manu, por me levar a Granada, onde oxigenei um pouco meu cérebro.

A Hipólito Sánchez, por nossas conversas sobre a arte da guerra entre os gregos. O que mais lamento é que, por falta de tempo, não pude assistir a seus experimentos práticos sobre o funcionamento de uma falange de hoplitas. Mas prometo fazê-lo mais adiante! A José Luis, jornalista e apaixonado por fantasia e história, por seus livros sobre a arte da guerra.

A minha filha Ly dia, por sua paciência com um pai um tanto excêntrico que às vezes vive na remota Tramórea e outras na antiga Grécia, e pelas relaxantes bolhas de lava que me ajudaram a deixar vagar meus pensamentos pelas nebulosas terras de onde se extraem as ideias. A Tere e a Juan.

A meus colegas Juanmi Aguilera e Rafa Marín, por compartilhar inquietudes literárias, queixas, aventuras e, acima de tudo, muitas risadas. A David Matea, vulgo Tobías Grumm, por sua amizade e por contar comigo para tantos projetos.

Mais que agradecer, tenho agora que pedir perdão a todos aqueles a quem deixei um pouco de lado por conta deste trabalho tão solitário. Como meu irmão Jorge, e também Yolanda, Bárbara e Tania. Evidentemente, minha mãe, que muitas vezes tem de escutar meus monossilabos guturais quando me pergunta algo e eu estou com os fones de ouvido espetados no computador enquanto soco as teclas. Julio, Mari Cruz e Belén, a quem costumo dizer: “Oi-tchau, volto à minha toca para escrever”.

Ao Reverendo e a Manolo, a quem tornei a vencer em não sei quantas partidas de mus no Polido (um oi para Choni e Santi), mas que de vez em quando se vingaram me dando uma bela surra no jogo.

Também quero citar Julián (sim, você, o primeiro), Cristina, Daniel, María José, Carlos, Bárbara, Carlos, Pepe e Bea. E para Esther, Víctor e Inés. Para meu xará placentino Javi.

Para Sara, que sempre me estimula nestas tarefas. Para Nene, Carmen e agora também para Miguel. Para o grande Juan(ito) Sanguino. Para Conchi, Víctor, Rafa, Laura, Román e as duas pequenas, Raquel e Laura. Para Saluqui. Por causa de *Salamina* e de outros livros, faltou muito frequentemente a esses piqueniques em que nos divertimos tanto. E para Yolanda, a cujo aniversário não pude ir.

Para os leitores de laespadadefuego.com, que mal pude acessar enquanto escrevia *Salamina*, e para seus moderadores Takelu, Orion e Alier-mim.

Para os Pino: Santi, Isabel, Esther, José Carlos, Joaquín, Julio, Conchi, Juan Antonio, Gema e, evidentemente, Santiago. E para todos os outros membros dessa família tão grande em todos os sentidos.

Para meus alunos do Gabriel y Galán dos cursos 1-3, 2-1, N1-1 e N2-1, por sua paciência com um professor um tanto distraído.

E peço uma desculpa final a todos esses homens e mulheres que viveram há dois mil e quinhentos anos, que hoje são pouco mais que nomes para nós e cuja vida eu me atrevi a rememorar e a inventar. É mais que provável que alguns maus fossem bons, alguns covardes fossem valentes, e vice-versa. Aos gregos e aos persas, escutem-me de onde estiverem, perdão por minha ousadia e, como

se diz em grego, **ΣΥΧΑΡΙΣΤΕΩ** (L'UxaptO"teó – obrigado)!

Sobre o autor



JAVIER NEGRETE (Madri, 1964) é autor de *La espada de fuego* e *El espíritu del mago*, romances épicos de ficção. Grande conhecedor do mundo clássico e tradutor de Plutarco, ambientou vários dos seus romances na Grécia, como *Señores del Olimpo* (Prêmio Minotauro 2006) e *Alejandro Magno y las águilas de Roma*. Reside em Plasencia, Espanha, onde trabalha como professor de grego no IES Gabriel y Galán, e tem uma filha chamada Lydia.

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
para a Editora Planeta do Brasil
em abril de 2013.